

# esboços

histórias em contextos globais

**DOSSIÊ**

**Internacionalismo e história global**

**2021**  
maio/ago.

**V. 28**  
**N. 48**

**ISSN**  
2175-7976





# esboços

histórias em contextos globais

## UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

### Reitor

Ubaldo César Balthazar

### Vice-Reitora

Alacoque Lorenzini Erdmann

## CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

### Diretora

Miriam Furtado Hartung

### Vice-Diretor

Jacques Mick

## DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

### Chefe

Henrique Espada Rodrigues Lima Filho

### Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Fábio Augusto Morales

## Catálogo na fonte pela DECTI da Biblioteca da UFSC

Esboços: histórias em contextos globais / Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina.-- v. 1, n. 1 (1994). – Florianópolis : PPGH/UFSC, 1994 -

Semestral 1994-2018; Quadrimestral 2019 –  
Resumo em inglês e espanhol

A partir de 2008, disponível no portal de periódicos da UFSC em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/>  
ISSN 1414-722x  
E-ISSN 2175-7976

1. História – Periódicos. I. Universidade Federal de Santa Catarina.  
Programa de Pós-Graduação em História.

CDU: 9

Elaborado pelo bibliotecário Jonathas Troglio – CRB 14/1093

### **PUBLICAÇÃO INDEXADA EM:**

CLASE - Citas Latinoamericanas en Ciencias Sociales y Humanidades  
Dialnet

DOAJ - Directory of Open Access Journals

Diadorim - Diretório de políticas editoriais das revistas científicas brasileiras

ERIH PLUS - European Reference Index for the Humanities and Social Sciences

Genamics JournalSeek

LATINDEX - Sistema Regional de Información en Línea para Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal

LIVRE - Revistas de Livre Acesso

PKP – Public Knowledge Project Index

Portal de Periódicos - CAPES

Redalyc - Rede de Revistas Científicas da América Latina e Caribe, Espanha e Portugal

REDIB - Red Iberoamericana de Innovación y Conocimiento Científico

Scopus

Sumarios.org - Sumários de Revistas Brasileiras



## **EDITORA-CHEFE**

Flávia Florentino Varella, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

## **CONSELHO EXECUTIVO**

Alex Degan, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Beatriz Mamigonian, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Fábio Augusto Morales, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Flávia Florentino Varella, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Rodrigo Bragio Bonaldo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Tiago Kramer de Oliveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

## **CONSELHO EDITORIAL**

Alexandre Fortes, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Aldo Marchesi, Universidad de la Republica, Montevideú, Uruguai  
Andrea de Souza Lobo, Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil  
Edmé Dominguez, University of Gothenburg, Gotemburgo, Suécia  
Eunice Sueli Nodari, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Henrique Espada Lima, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
João Júlio Gomes dos Santos Júnior, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil  
Rafael Chambouleyron, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil  
Thiago Nicodemo, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, Brasil  
Uiran Gebara da Silva, Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, PE, Brasil

## **CONSELHO CONSULTIVO**

Adriene Baron Tacla, Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil  
Aldrin Moura de Figueiredo, Universidade Federal do Pará, Belém, PA, Brasil  
Aline Dias da Silveira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Ana Livia Bomfim Vieira, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís, MA, Brasil  
Andréa Doré, Universidade Federal do Paraná, Paraná, PR, Brasil  
Benito Bisso Schmidt, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil  
Cristina Scheibe Wolff, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Élio Cantalício Serpa, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, Brasil  
Erick Assis de Araújo, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE, Brasil  
Hugo Antonio Fazio Vengoa, Universidad de los Andes, Bogotá, Colômbia  
João José Reis, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, Brasil  
José Antonio Piqueras, Universitat Jaume I, Castelló de la Plana, Espanha  
Karin Hofmeester, University of Amsterdam, Amsterdã, Holanda  
Kostas Vlassopoulos, University of Crete, Creta, Grécia  
Leandro Duarte Rust, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil  
Mateus de Faria Pereira, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, MG, Brasil  
Norberto Luiz Guarinello, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil  
Paulo Fontes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, Brasil  
Rafael de Bivar Marquese, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil  
Sebastian Conrad, Freien Universität Berlin, Berlim, Alemanha  
Sergio Serulnikov, Universidad de San Andrés, San Fernando, Argentina  
Tamar Hodos, Bristol University, Bristol, Inglaterra



## **ESTAGIÁRIOS**

Allana Letticia dos Santos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Henrique Cintra Santos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Henrique Etges, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil  
Victor Wobeto, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

## **CAPA**

Pablo Figueiredo

## **PROJETO GRÁFICO**

Lara Benedet  
Pablo Figueiredo

## **DIAGRAMAÇÃO**

João Carlos Furlani – Editora Milfontes

## **REVISÃO DE PORTUGUÊS E NORMALIZAÇÃO**

Algo Mais Soluções Editoriais

## **REVISÃO DE INGLÊS**

Sunny Traduções

## **APOIO**

Programa de Pós-Graduação em História - UFSC

### **AVALIAÇÃO DOS ORIGINAIS**

Visando garantir a qualidade e idoneidade do processo de avaliação, a *Esboços*: histórias em contextos globais adota a avaliação “duplo-cega” na qual nem o nome do autor, nem o nome do parecerista são revelados. A revista mantém uma comissão permanente de avaliadores em seu Conselho Consultivo e conta também com revisores *ad hoc*, convidados conforme sua especialidade e reconhecimento na área, para emitir parecer sobre as contribuições recebidas.

As opiniões expressas nos textos publicados são de responsabilidade dos autores.

### **ESBOÇOS**


Programa de Pós-Graduação em História  
Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Universidade Federal de Santa Catarina  
Campus Universitário – Bairro Trindade  
Florianópolis – Santa Catarina – Brasil  
CEP 88.040-900  
Telefone: + 55 48 3721 4136  
Website: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos>  
E-mail: [esbocos@contato.ufsc.br](mailto:esbocos@contato.ufsc.br)  
ISSNe 2175-7976  
Periodicidade: Quadrimestral






## A GLOBAL HISTORY OF INTERNATIONALISM


**Ana Carolina Schweitzer<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>  
Email: ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de

**Lea Börgerding<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1467-7229>  
Email: lea.boergerding@fu-berlin.de

**Oscar Broughton<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1497-7299>  
Email: oscar.broughton@fu-berlin.de

<sup>a</sup> Humboldt University of Berlin, Faculty of Humanities and Social Sciences, Institute for Asian and African Studies, Berlin, Germany.

<sup>b</sup> Free University Berlin, Faculty of Global History, Friedrich Meinecke Institute, Berlin, Germany.

**DOSSIÊ**  
**Internacionalismo e história global**

Over the past thirty years, the field of Global History has provided the means towards innovative approaches to old and new historical subjects alike. This special issue continues this tradition by fixing the lens of Global History onto the subject of internationalism, which has recently been marked by a resurgence of academic interest. Scholars such as Tiffany Florvil, Adom Getachew, Or Rosenboim, Glenda Sluga, and Patricia Clavin have helped extend the study of internationalism beyond the nation-state, its foreign policies, and international institutions (FLORVIL, 2018; GETACHEW, 2019; ROSENBOIM, 2017; SLUGA; CLAVIN, 2017). While their works still engage with the realms of high politics, they also introduce new actors and spaces, such as internationalisms of world socialist theories in the Second International (1889–1916), competing internationalist debates in the League of Nations (1920–1946), and anti-colonial, anti-imperialist internationalisms in the context of Afro-Asian solidarity and the Bandung conference (1955). New research has also led to discussions around the critical role played by transnational and transimperial women’s movements, anti-racist and Black networks, global peace movements as well as different religions. These diverse subjects illustrate the protean forms of internationalism and have unearthed the plethora of political imaginaries of the international sphere which flourished during the long twentieth century alongside and in competition with nationalism and imperialism. Recent studies of internationalisms have also raised new questions, for example in relation to different ideas of ‘world making’, about the mediums of international exchange, and about internationalism’s inherent tensions, limits, and exclusions. These debates contribute to the growth and solidification of Global History as a field.

An awareness of the multiplicity of internationalisms is a central concern of this special issue. In particular, we believe it is essential to deconstruct the ideological monoliths of the Cold War such as the idea of a uniform socialist internationalism. Sufficient distance since the collapse of the Soviet Union allows us to reevaluate the history of internationalism in new terms. In addition, our current position in the second decade of the twenty-first century provides impetus for this work as it now appears that the end of history moment has finally come to a close in a decade that is shaped by the resurgence of both nationalist and internationalist activities (CUNLIFFE; HOARE; HOCHULI 2021). This special issue seeks to extend this current of history writing further. It brings together novel subjects and diverse approaches to the intersection between the methodologies of Global History on the one hand and histories of internationalism on the other.

The idea for this special issue dates back to 2019, when we first began, together with a small group of PhD students from Global and Colonial History based at Humboldt University and the Free University Berlin, engaging with the frameworks provided by recent histories of internationalism. These efforts led to the organisation of a four-day digital workshop in October 2020 which was supported by the Association for Political History at the University of Leiden, re:work Berlin, the Global Intellectual History Graduate School and the Emmy Noether Research Group “Reaching the People” at Free University Berlin. Through this workshop, we aimed to bring into dialogue early career scholars from different regions and institutional backgrounds. Under the title “Internationalisms in the (Long) 20<sup>th</sup> Century”, it posed a number of broad research questions to reveal common themes and connecting methodologies. For example, we discussed how conflicting views of internationalism travelled across time and space and what mediums – from mass print media, literature, and film to radio, images, and

transportation technologies – allowed for the dissemination of internationalist concepts beyond national and imperial confines.

The workshop participants also highlighted the contradictions and tensions inherent to internationalist ideas, paying closer attention to forms of exclusions, censorship, and discrepancies between internationalist projects and their implementation. The two keynote speakers, Michael Goebel (2015) and Valeska Huber (2013), each spoke to these tensions which also inform their own research agendas. Echoing this view, workshop inputs by Ilaria Scaglia, Ismay Milford, and Thuc Linh Nguyen Vu further broadened the scope by respectively bringing topics such as the history of emotions, East African transnational activism, and histories of global socialism into conversation with existing research on internationalism.

With this special issue, we want to continue the workshop discussion and to further explore different concepts, methodologies, and cases in which the histories of internationalism and global history intersect. *Esboços* provides a particularly suitable space for us to push the conversation further. It allows us to bring in multilingual academic voices from across the globe and different academic contexts.

## SYNCHRONICITY AND CIRCULATION

The concepts of circulation and synchronicity play a large role in the relationship between Global History and internationalism discussed in this special issue. Together these concepts provide a means to express the movement of ideas, people and objects, their diversity and mutability, and the direct interactions, or lack thereof, between them. Circulation in particular has become widely adopted in the language of Global History, featuring prominently in the titles of numerous publications (BHATTI; FEICHTINGER; HÜLMBAUER, 2020; BOSE; MANJAPRA, 2010). It offers a vocabulary for global historians to describe global connections and comparisons which have become cornerstones of the discipline (GÄNGER, 2017). Circulation is often applied to contexts of different border-crossings, making it particularly useful to discussions involving internationalism.

In this special issue, circulation plays an important role to many of the articles included, such as Lucia Chermont's (2021) contribution on the international dissemination of the Khrushchev Report (1956) by the magazine *Aonde Vamos?* published by the Jewish community in Brazil in the late 1950s. In particular, Chermont highlights how the circulation of the report promoted disputes between Brazilian militants on the right and the left who fought over the interpretation of the document. Similarly, Amanda Pereira dos Santos (2021) examines the circulation of people in relation to the role of immigration policies in Brazil. Specifically, Pereira demonstrates how agreements signed between the Brazilian government, the United Nations' International Refugee Organization, and the Intergovernmental Committee for European Migration in the 1940s and 1950s not only promoted discussion about the 'ideal migrant'; but at the same time, migration also met the demand for labor in the agricultural and industrial sectors in Brazil.

Although less prominent than circulation, synchronicity also presents a useful conceptual tool for historians to study events or phenomena that are contemporaneous and meaningful even if geographically distant. For research on the history of internationalism, this is particularly useful when studying how both similar and divergent





understandings of internationalism developed in different places. Sebastian Conrad's work suggests an even broader understanding of synchronicity that can describe more than simply spatial distance but can also incorporate other dimensions such as ideological or political ones (CONRAD, 2017). For instance, Jônatan Coutinho da Silva de Oliveira (2021) speaks to this broad concept of synchronicity in his analysis of media debates in different Brazilian newspapers about Brazil's veto of Germany's entry to the Executive Council of the League of Nations in 1926. In contrast, Reinaldo Lindolfo Lohn (2021) takes up the synchronicity of political developments by looking at debates around re-democratization in Latin America and Europe in the mid-1970s. Specifically, his article examines how in 1976, Brazilian and Portuguese newspapers identified connections between parallel cultural and political transformations in Latin America and Europe, for instance by engaging with Willy Brandt's vision of social democracy.

Circulation and synchronicity both play a key role in João Camilo Grazziotin Portal and Lúcio Geller Júnior's contribution (2021) which examines political synchronicities in relation to the entrenchment of conservative national cultures in the twenty-first century. In particular, the authors highlight how conservative Brazilian politicians mobilised public memory of post-Soviet nationalism in Ukraine to justify their own political trajectories. As such, Portal and Júnior demonstrate continuities between the two centuries through the circulation of information between Europe and Latin America.

## SITES OF INTERNATIONALISM

In addition to different theoretical and intellectual traditions of internationalisms, the contributions to this special issue further highlight the varying sites and spaces in which internationalism has taken shape historically. Different scholars have engaged with the spatial and geographical conditions that foster internationalisms: for example, Madeleine Herren (2017) has brought to light the global contacts facilitated by the urban setting of interwar Geneva, while Marc Matera (2015) has zoomed in on London as a hub of Black internationalism in the first half of the twentieth century. Michael Goebel (2015) has further drawn attention to the ways in which interwar Paris formed a space for anti-imperialist activism by making possible interpersonal connections, educational networks, and informational exchanges between different migrant groups and anti-imperialist activists. More recently, Eric Burton (2019) has highlighted African capitals like Cairo, Accra and Dar-es-Salaam as "nodal points of transnational anti-colonial networks" from the 1950s onwards.

Several contributions in this special issue actively engage with this scholarship. They emphasize the connections between internationalist thinking, actors, and networks on the one hand and the global connectivity of metropolitan cities or colonial metropolises on the other. For example, Simeon Marty (2021) draws on Harold Moody's League of Coloured Peoples to demonstrate how the numerous Pan-African organisations based in London during the Second World War exchanged ideas about a post-war order without empire and, as such, informed each other's political activism. In this way, Marty adds to recent scholarship on the city of London as a hub for anticolonial struggles and Black internationalism during the first half of the twentieth century (MATERA, 2015). Similarly, Emilien Tortel's article (2021) explores the urban dimensions of internationalist solidarity networks in the French city of Marseille between 1940 and 1942. Tortel argues that as the main harbour of then still unoccupied France,



Marseille experienced an enormous influx of refugees from all over Europe during this period, effectively making the city a core site of humanitarianism where different internationalist visions encountered each other, converged, and also competed.

Thomas Lindner's article (2021) shows that the conglomeration of internationalist activism and thought in urban spaces was by no means limited to colonial metropolises. Exploring the origins of anti-imperialism in Mexico City in the 1920s, Lindner convincingly demonstrates that activists, artists, and thinkers in the Mexican capital were inspired primarily by the revolutions, anti-colonialist movements, and alternative models of modernity from across Asia and Africa. Their locally rooted engagement with internationalist ideas, according to Lindner, ultimately facilitated the creation of new visions of the world that were centred on tricontinental politics.

## **SOUTH-SOUTH DIALOGUES**

A truly global history of internationalism must critically engage with the conceptions, actors, and challenges to "Third World" internationalism and "South-South cooperation". For instance, Lucas Duarte's article (2021) analyses how the periodic left-wing press in Southern Cone countries formulated multiple visions of the "Third World" during the 1960s and 1970s. His essay highlights the common anti-imperialist agenda that connected liberation movements in Latin America with anti-colonial struggles in Vietnam, Angola, and Algeria. Duarte research suggests that such "Third World" connections, which took shape both outside and within international institutions, provide fruitful contexts for research that seeks to explore alternative forms of internationalism.

Aline Duarte da Graça Rizzo's article (2021) makes an important methodological contribution to this debate by fundamentally questioning the concept of "South-South cooperation" in itself. She investigates the role of South-South cooperation in twentieth century foreign-policy making and argues that Diego Olsten's approach to global history can help overcome Euro- and Anglo-centric debates. As Rizzo demonstrates, internationalism could be a bridge between Global History and International Relations as disciplines.

Approaching the topic of archives, Matheus Serva Pereira's article (2021) argues that when studying internationalism, scholars must be willing to explore multiple locations in search of sources. This is particularly true for the context of histories of internationalism in colonial contexts, where decolonization processes have often resulted in the scattering of archives. The example that Pereira uses to drive home this point is the film *25* (1974) which was produced by an international film team from Brazil and, in the context of decolonization, displaced to archives across Africa, South America and Europe. As such, Pereira shows how internationalism allows us to rethink the ways in which to delineate the dimensions and spaces of our research agendas.

## **WRITING GLOBAL HISTORIES OF INTERNATIONALISM DURING THE PANDEMIC**

The ongoing COVID-19 pandemic has affected the ways in which we think about and practise internationalism in many ways: border-closures, global travel



restrictions, and vaccine nationalism have shifted focus to the role of nation-states in handling international crises, while simultaneously highlighting the deep-rooted challenges of international cooperation. However, and somewhat paradoxically, the new circumstances have generated the need for a deeper engagement with internationalist ideas, solidarity, and cooperation. We hope that our special issue provides a contribution to these timely debates and invites scholars to critically think about the historic multiplicity of internationalisms.

## REFERENCES

- BHATTI, Anil; FEICHTINGER, Johannes; HÜLMBAUER, Cornelia (org.). *How to Write the Global History of Knowledge-Making: Interaction, Circulation and the Transgression of Cultural Difference*. Cham: Springer, 2020. *Studies in History and Philosophy of Science*. v. 53.
- BOSE, Sugata; MANJAPRA, Kris (org.) *Cosmopolitan Thought Zones: South Asia and the Global Circulation of Ideas*. Palgrave Macmillan Transnational History Series. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2010.
- BURTON Eric. Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and “Eastern” Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam. *In: DALLYWATER, Lena; SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar. Southern African Liberation Movements and the Global Cold War ‘East’: Transnational Activism 1960–1990*. Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2019. p. 25-56.
- CONRAD, Sebastian. *What Is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.
- CUNLIFFE, Philip; HOARE, George; HOCHULI, Alex. *The End of the End of History*. Ridgefield: Zero Books, 2021.
- DUARTE, Lucas. Expresiones del internacionalismo tercermundista en el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 427-446, mayo/agosto 2021.
- FLORVIL, Tiffany N. Connected Differences: Black German Feminists and their Transnational Connections of the 1980s and 1990s. *In: BRUEHOEFENER, Friederike; HAGEMANN, Karen; HARSCH, Donna (org.). Gendering Post-1945 Germany History: Entanglements*. New York: Berghahn, 2018. p. 229-252.
- GÄNGER, Stefanie. Circulation: Reflections on circularity, entity, and liquidity in the language of global history. *Journal of Global History*, Cambridge, v. 12, n. 3, p. 303-318, 2017.
- GETACHEW, Adom. *Worldmaking after Empire: The Rise and Fall of Self-Determination*. Princeton: Princeton University Press, 2019.



GOEBEL, Michael, *Anti-Imperial Metropolis: Interwar Paris and the Seeds of Third World Nationalism*. New York: Cambridge University Press, 2015.

HERREN, Madeleine. Geneva, 1919–1945: The Spatialities of Public Internationalism and Global Networks. In: JÖNS, Heike; MEUSBURGER, Peter; HEFFERNAN, Michael (org.). *Mobilities of Knowledge*. Cham: Springer International Publishing, 2017. v. 10. Knowledge and Space. p. 211-226.

HUBER, Valeska. *Channelling Mobilities: Migration and Globalisation in the Suez Canal Region and beyond, 1869-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HUBER, Valeska. Pandemics and the Politics of Difference: Rewriting the History of Internationalism through Nineteenth-Century Cholera. *Journal of Global History*, Honolulu, v. 15, n. 3, p. 394–407, Nov. 2020.

LINDNER, Thomas K. Tricontinentalism before the Cold War? Mexico City's anti-imperialist internationalism. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 327-345, May/Aug. 2021.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Internacionalismo e redemocratização brasileira: as transações de cúpula da internacional socialista e as conexões entre Brasil e Portugal em 1976. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 386-406, maio/ago. 2021.

MARTY, Simeon. Thinking Black in the Blitz: Harold Moody, the League of Coloured Peoples and its shift of Pan-African ideas in Second World War London. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 407-426, May/Aug. 2021.

MATERA, Marc. *Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century*. Oakland: University of California Press, 2015. The California World History Library. v. 22.

PEREIRA, Matheus Serva. História social de um documento global: trajetórias do filme *25* e a escrita da história da África pós-colonial (Moçambique, Brasil e Europa, 1974-2019). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 447-470, maio/ago. 2021.

PORTAL, João Camilo; GELLER JÚNIOR, Lúcio. "Chegou a hora de ucranizar!": usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago. 2021.

RIZZO, Aline Duarte da Graça. História Global e a Cooperação Sul-Sul: uma agenda de pesquisa. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 290-307, maio/ago. 2021.

ROSENBOIM, Or. *The Emergence of Globalism: Visions of World Order in Britain and the United States, 1939-1950*. Princeton Oxford: Princeton University Press, 2017.



SANTOS, Amanda Pereira dos. Movimentos migratórios no cenário internacional: a pluralidade da política imigratória brasileira (1946-1954). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 346-363, maio/ago. 2021.

SLUGA, Glenda; CLAVIN, Patricia (org.). *Internationalisms: A Twentieth Century History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

## AUTHOR'S NOTES

---

### CORRESPONDING ADDRESS

**Ana Carolina Schweitzer.** Institut für Asien und Afrikawissenschaften. Hausvogteiplatz 5-7, Room 304b, Berlin, Germany

### FUNDING

Not applicable.

### ETHICS COMMITTEE APPROVAL

Not applicable.

### CONFLICT OF INTEREST

There is no conflict of interest.

### LICENSE OF USE

© Ana Carolina Schweitzer, Lea Börgerding and Oscar Broughton. This introduction is licensed under the [Creative Commons License CC-BY](#). With this license, you can share, adapt, create for any purpose, as long as the authorship is properly attributed.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Graduate Program in History. UFSC Journal Portal. The ideas expressed in this article are the sole responsibility of its authors, and do not represent, necessarily, the opinion of the editors or the University.

### EDITOR

Flávia Florentino Varella (Editor-in-chief)

### HISTORY

Received on: Jul. 7, 2021

Approved on: Jul. 9, 2021

How to cite: SCHWEITZER, Ana Carolina; BÖRGERDING, Lea; BROUGHTON, Oscar. A global history of internationalism. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 231-238, maio/ago. 2021.






# esboços

histórias em contextos globais


## UMA HISTÓRIA GLOBAL DO INTERNACIONALISMO

A Global History of Internationalism


**Ana Carolina Schweitzer<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>  
Email: ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de

**Lea Börgerding<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1467-7229>  
Email: lea.boergerding@fu-berlin.de

**Oscar Broughton<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1497-7299>  
Email: oscar.broughton@fu-berlin.de

<sup>a</sup>Humboldt University of Berlin, Faculty of Humanities and Social Sciences, Institute for Asian and African Studies, Berlin, Germany.

<sup>b</sup>Free University Berlin, Faculty of Global History, Friedrich Meinecke Institute, Berlin, Germany.

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

**N**os últimos trinta anos, o campo da História Global tem fornecido meios para abordagens inovadoras tanto para antigos como para novos temas históricos. Este dossiê continua esta tradição ao focar as lentes da História Global no tema do internacionalismo, que foi marcado recentemente pelo ressurgimento do interesse acadêmico. Pesquisadores como Tiffany Florvil, Adom Getachew, Or Rosenboim, Glenda Sluga e Patricia Clavin ajudaram a ampliar o estudo do internacionalismo para além do Estado-nação, suas políticas externas e instituições internacionais (FLORVIL, 2018; GETACHEW, 2019; ROSENBOIM, 2017; SLUGA; CLAVIN, 2017). Ainda que seus trabalhos continuem engajados nos âmbitos da *high politics*, eles também introduzem novos atores e espaços, como os internacionalismos das teorias socialistas mundiais na Segunda Internacional (1889-1916), os debates internacionalistas concorrentes na Liga das Nações (1920-1946), e os internacionalismos anticoloniais e anti-imperialistas no contexto da solidariedade afro-asiática e da conferência de Bandung (1955). Novas pesquisas também levaram a discussões em torno do papel crítico desempenhado pelos movimentos transnacionais e transimperiais de mulheres, redes antirracistas e movimentos negros, movimentos globais pela paz, assim como diferentes religiões. Estes diversos temas ilustram as variadas formas de internacionalismo e têm desvendado a infinidade de imaginários políticos da esfera internacional que se desenvolveram durante o longo século XX ao lado e em competição com o nacionalismo e o imperialismo. Estudos recentes sobre internacionalismos também têm levantado novas questões, por exemplo, em relação a diferentes ideias de *world making*, sobre os meios de intercâmbio internacional e sobre as tensões, limites e exclusões inerentes ao internacionalismo. Estes debates contribuem para o crescimento e a solidificação da História Global como um campo.

Neste dossiê, nos preocupamos em atentar para a multiplicidade de internacionalismos. Em particular, acreditamos que é essencial desconstruir os monólitos ideológicos da Guerra Fria, tais como a ideia de um internacionalismo socialista e uniforme. O afastamento temporal desde o colapso da União Soviética nos possibilita reavaliar a história do internacionalismo em novos termos. Além disso, nossa atual posição na segunda década do século XXI nos impulsiona a este exercício, visto que o momento do “fim da história” parece ter terminado numa década moldada pelo ressurgimento de atividades nacionalistas e internacionalistas (CUNLIFFE; HOARE; HOCHULI, 2021). Este dossiê espera também ampliar ainda mais esta corrente de escrita da história, reunindo novos temas e diversas abordagens para a intersecção entre as metodologias da História Global e as histórias do internacionalismo.

A concepção deste dossiê teve início em 2019, quando, juntamente com um pequeno grupo de estudantes de doutorado de História Global e colonial da Universidade Humboldt e da Universidade Livre de Berlim, passamos a nos envolver com as questões gerais das histórias recentes do internacionalismo. Estes esforços levaram à organização de um workshop digital em outubro de 2020, que teve o apoio da Associação de História Política da Universidade de Leiden, do re:work Berlin, da Pós-graduação em História Intelectual Global e do Grupo de Pesquisa Emmy Noether “Reaching the People” da Universidade Livre de Berlim. Por meio deste workshop, procuramos trazer para o diálogo pesquisadores de início de carreira vindos de diferentes regiões e origens institucionais. Sob o título “Internacionalismos no (longo) século XX”, o workshop suscitou uma série de questões de pesquisa mais amplas para mostrar temas comuns e metodologias de conexão. Por exemplo, discutimos como as visões conflitantes do internacionalismo viajaram através do tempo e do

espaço e que meios – desde a mídia impressa de massa, da literatura, do cinema ao rádio, das imagens e tecnologias de transporte – permitiram a disseminação de conceitos internacionalistas além dos limites nacionais e imperiais.

Os participantes do workshop também destacaram as contradições e tensões inerentes às idéias internacionalistas, observando mais atentamente as formas de exclusão, censura e discrepâncias entre os projetos internacionalistas e suas implementações. Os dois conferencistas, Michael Goebel e Valeska Huber, abordaram estas tensões que também orientam suas próprias pautas de pesquisa (GOEBEL, 2015; HUBER, 2013). Com base nesta visão, as palestras de Ilaria Scaglia, Ismay Milford e Thuc Linh Nguyen Vu ampliaram ainda mais o escopo, trazendo temas como a história das emoções, o ativismo transnacional da África Oriental e as histórias do socialismo global para o diálogo com as pesquisas existentes sobre o internacionalismo.

Com este dossiê, queremos continuar a discussão iniciada no workshop e explorar ainda mais diferentes conceitos, metodologias e casos em que as histórias do internacionalismo e da história global se cruzam. Acreditamos que a revista *Esboços* proporciona um espaço particularmente propício para que possamos levar a conversa adiante, possibilitando trazer vozes acadêmicas de várias partes do globo e de diferentes contextos acadêmicos.

## SINCRONICIDADE E CIRCULAÇÃO

Os conceitos de circulação e sincronicidade desempenham um amplo papel na relação entre a História Global e o internacionalismo abordado neste dossiê. Juntos fornecem um meio de expressar o movimento de ideias, pessoas e objetos, sua diversidade e mutabilidade, e as interações diretas, ou a falta delas. Circulação, em particular, foi amplamente adotada na linguagem da História Global, destacando-se nos títulos de numerosas publicações (BHATTI; FEICHTINGER; HÜLMBAUER, 2020; BOSE; MANJAPRA, 2010). Este conceito oferece um vocabulário para os historiadores globais descreverem conexões e comparações globais que se tornaram pilares da disciplina (GÄNGER, 2017). Circulação é frequentemente aplicada a contextos de diferentes cruzamentos de fronteiras, tornando-a particularmente útil para discussões envolvendo o internacionalismo.

Em muitos artigos deste dossiê, o conceito de circulação exerce uma função importante. Por exemplo, na contribuição de Lucia Chermont (2021) sobre a divulgação internacional do Relatório Khrushchev na revista *Aonde Vamos?*, publicada pela comunidade judaica no Brasil no final dos anos 1950. Em particular, Chermont destaca como a circulação do relatório promoveu conflitos entre militantes brasileiros da direita e da esquerda que disputaram a interpretação do documento. De forma similar, Amanda Pereira dos Santos (2021) examina a circulação de pessoas em relação ao papel das políticas de imigração no Brasil. Mais especificamente, a autora demonstra como os acordos assinados entre o governo brasileiro, a Organização Internacional de Refugiados das Nações Unidas e o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias nos anos 1940 e 1950 não só promoveram a discussão sobre o “migrante ideal”; mas, ao mesmo tempo, como a migração também atendeu à demanda de mão-de-obra nos setores agrícola e industrial no Brasil.

Embora menos proeminente que circulação, sincronicidade também apresenta uma ferramenta conceitual útil para os historiadores analisarem eventos ou fenômenos





que são contemporâneos e significativos, mesmo que geograficamente distantes. Para pesquisas sobre a história do internacionalismo, isto é particularmente útil quando se estuda como se desenvolveram, em diferentes lugares, compreensões semelhantes e divergentes de internacionalismo. O trabalho de Sebastian Conrad (2017) sugere uma noção ainda mais ampla de sincronicidade que pode descrever mais do que simplesmente a distância espacial, mas também pode incorporar outras dimensões, tais como ideológicas ou políticas. Por exemplo, Jônatan Coutinho da Silva de Oliveira (2021) aborda este conceito amplo de sincronicidade em sua análise sobre textos publicados em diferentes jornais brasileiros acerca do veto brasileiro à entrada da Alemanha no Conselho Executivo da Liga das Nações em 1926. Em contraste, Reinaldo Lindolfo Lohn (2021) retoma a sincronicidade dos desenvolvimentos políticos ao analisar os debates em torno da redemocratização na América Latina e na Europa em meados dos anos 1970. Mais especificamente, seu artigo examina como, em 1976, manuscritos brasileiros e portugueses identificaram conexões entre transformações culturais e políticas paralelas na América Latina e na Europa, por exemplo, engajando-se com a visão social-democracia de Willy Brandt.

Circulação e sincronicidade igualmente desempenham função chave no texto de João Camilo Grazziotin Portal e Lúcio Geller Júnior (2021), que examina as sincronidades políticas em relação à consolidação das culturas nacionais conservadoras no século XXI. Em particular, os autores destacam como políticos conservadores brasileiros mobilizaram a memória pública do nacionalismo pós-soviético na Ucrânia para justificar suas próprias trajetórias políticas. Como tal, Portal e Júnior demonstram continuidades entre os dois séculos através da circulação de informações entre a Europa e a América Latina.

## LUGARES DO INTERNACIONALISMO

Além das diferentes tradições teóricas e intelectuais dos internacionalismos, as contribuições para este dossiê destacam ainda mais os diferentes locais e espaços nos quais o internacionalismo tem tomado forma historicamente. Diferentes pesquisadores têm se envolvido com as condições espaciais e geográficas que fomentam os internacionalismos: por exemplo, Madeleine Herren (2017) trouxe à tona os contatos globais facilitados pelo cenário urbano de Genebra no período entreguerras, enquanto Marc Matera (2015) ampliou a imagem de Londres como um centro do internacionalismo negro na primeira metade do século XX. Michael Goebel (2015) chamou atenção para as formas pelas quais a Paris do período entreguerras constituiu um espaço para o ativismo anti-imperialista ao possibilitar conexões interpessoais, redes educacionais e trocas de informações entre diferentes grupos migrantes e ativistas anti-imperialistas. Mais recentemente, Eric Burton (2019) destacou capitais africanas como Cairo, Acra e Dar es Salaam como “pontos nodais das redes anticoloniais transnacionais” a partir dos anos 1950.

Várias contribuições presentes neste dossiê se engajam ativamente com este tema historiográfico acerca dos locais de internacionalismo. Por um lado, estes textos enfatizam por um lado as conexões entre o pensamento internacionalista, atores e redes, e por outro, a conectividade global das cidades metropolitanas ou metrópoles coloniais. Por exemplo, Simeon Marty (2021) recorre à *Harold Moody's League of Coloured Peoples* para demonstrar como as numerosas organizações panafricanas



sediadas em Londres durante a Segunda Guerra Mundial trocaram ideias sobre uma ordem pós-guerra sem impérios e, como tal, informaram-se sobre seu ativismo político. Desta forma, Marty contribui para a recente temática de pesquisa sobre a cidade de Londres como um centro para lutas anticoloniais e o internacionalismo negro durante a primeira metade do século XX (MATERA, 2015). De modo semelhante, Tortel argumenta que como principal porto da França então ainda desocupada, Marselha experimentou um enorme afluxo de refugiados de toda a Europa durante este período, tornando a cidade efetivamente um local central do humanitarismo onde diferentes visões internacionalistas se encontraram, convergiram e também competiram.

O artigo de Thomas Lindner (2021) demonstra que o conglomerado de ativismo e pensamento internacionalistas nos espaços urbanos não se limitou exclusivamente às metrópoles coloniais. Ao explorar as origens do anti-imperialismo na Cidade do México na década de 1920, Lindner demonstra de forma convincente que ativistas, artistas e pensadores na capital mexicana foram inspirados principalmente pelas revoluções, movimentos anticoloniais e modelos alternativos de modernidade de toda a Ásia e África. Seus envolvimento locais com as ideias internacionalistas, de acordo com Lindner, acabou facilitando a criação de novas visões de mundo centradas na política tricontinental.

## DIÁLOGOS SUL-SUL

Uma história verdadeiramente global do internacionalismo deve se engajar criticamente com as concepções, atores e desafios do internacionalismo do “Terceiro Mundo” e da “cooperação Sul-Sul”. Por exemplo, o artigo de Lucas Duarte (2021) analisa como a imprensa periódica de esquerda nos países do Cone Sul formulou múltiplas visões do “Terceiro Mundo” durante as décadas de 1960 e 1970. Seu ensaio destaca a agenda anti-imperialista comum que conectou os movimentos de libertação na América Latina com as lutas anticoloniais no Vietnã, em Angola e na Argélia. A pesquisa de Duarte sugere que tais conexões de “Terceiro Mundo”, que tomaram forma tanto fora quanto dentro de instituições internacionais, fornecem contextos frutíferos para pesquisas que procuram explorar formas alternativas de internacionalismo.

O artigo de Aline Duarte da Graça Rizzo (2021) faz uma contribuição metodológica importante para este debate ao questionar fundamentalmente o conceito de “cooperação Sul-Sul”. Ela investiga o papel da cooperação Sul-Sul na formulação da política externa do século XX e argumenta que a abordagem de Diego Olstein para a história global pode ajudar a superar os debates euro e anglo-centrados. Como Rizzo demonstra, o internacionalismo pode ser uma ponte entre as disciplinas de História Global e Relações Internacionais.

Abordando o tema dos arquivos, o texto de Matheus Serva Pereira (2021) argumenta que, ao estudar o internacionalismo, os acadêmicos devem estar dispostos a explorar vários locais em busca de fontes. Isso é particularmente importante para as histórias do internacionalismo em contextos coloniais, onde os processos de descolonização frequentemente resultaram na dispersão de arquivos. O exemplo que Pereira usa para enfatizar esse ponto é o filme *25* (1974) que foi produzido em Moçambique por uma equipe internacional do cinema brasileiro e, no contexto das lutas de libertação, foi deslocado entre acervos através da África, América do Sul e

Europa. Assim, Pereira mostra como o internacionalismo nos permite repensar as formas de delinear as dimensões e os espaços de nossas agendas de pesquisa.

## ESCREVENDO HISTÓRIAS GLOBAIS DO INTERNACIONALISMO DURANTE A PANDEMIA

A pandemia, ainda em curso, de COVID-19 tem afetado o modo como pensamos e praticamos o internacionalismo de muitas maneiras: os fechamentos de fronteiras, as restrições globais de viagens e o nacionalismo de vacinas mudaram o foco para o papel dos Estados-nação no tratamento de crises internacionais, ao mesmo tempo em que destacaram os desafios profundamente enraizados da cooperação internacional. Entretanto, e de forma um tanto paradoxal, as novas circunstâncias geraram a necessidade de um envolvimento mais profundo com as ideias, solidariedade e cooperação internacionalistas. Esperamos que este dossiê possa trazer uma contribuição para esses debates oportunos e instigue os pesquisadores a pensar criticamente sobre a multiplicidade histórica dos internacionalismos.

### REFERÊNCIAS

BHATTI, Anil; FEICHTINGER, Johannes; HÜLMBAUER, Cornelia (org.). *How to Write the Global History of Knowledge-Making: Interaction, Circulation and the Transgression of Cultural Difference*. Cham: Springer, 2020. *Studies in History and Philosophy of Science*. v. 53.

BOSE, Sugata; MANJAPRA, Kris (org.) *Cosmopolitan Thought Zones: South Asia and the Global Circulation of Ideas*. Palgrave Macmillan Transnational History Series. Houndmills: Palgrave Macmillan, 2010.

BURTON Eric. Hubs of Decolonization. African Liberation Movements and “Eastern” Connections in Cairo, Accra, and Dar es Salaam. *In: DALLYWATER, Lena; SAUNDERS, Chris; FONSECA, Helder Adegar. Southern African Liberation Movements and the Global Cold War ‘East’: Transnational Activism 1960–1990*. Berlin: De Gruyter Oldenbourg, 2019. p. 25-56.

CONRAD, Sebastian. *What Is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

CUNLIFFE, Philip; HOARE, George; HOCHULI, Alex. *The End of the End of History*. Ridgefield: Zero Books, 2021.

DUARTE, Lucas. Expresiones del internacionalismo tercermundista en el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 427-446, maio/agosto 2021.

FLORVIL, Tiffany N. Connected Differences: Black German Feminists and their Transnational Connections of the 1980s and 1990s. *In: BRUEHOEFENER,*



Friederike; HAGEMANN, Karen; HARSCH, Donna (org.). *Gendering Post-1945 Germany History: Entanglements*. New York: Berghahn, 2018. p. 229-252.

GÄNGER, Stefanie. Circulation: Reflections on circularity, entity, and liquidity in the language of global history. *Journal of Global History*, Cambridge, v. 12, n. 3, p. 303-318, 2017.

GETACHEW, Adom. *Worldmaking after Empire: The Rise and Fall of Self-Determination*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOEBEL, Michael, *Anti-Imperial Metropolis: Interwar Paris and the Seeds of Third World Nationalism*. New York: Cambridge University Press, 2015.

HERREN, Madeleine. Geneva, 1919–1945: The Spatialities of Public Internationalism and Global Networks. In: JÖNS, Heike; MEUSBURGER, Peter; HEFFERNAN, Michael (org.). *Mobilities of Knowledge*. Cham: Springer International Publishing, 2017. v. 10. Knowledge and Space. p. 211-226.

HUBER, Valeska. *Channelling Mobilities: Migration and Globalisation in the Suez Canal Region and beyond, 1869-1914*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

HUBER, Valeska. Pandemics and the Politics of Difference: Rewriting the History of Internationalism through Nineteenth-Century Cholera. *Journal of Global History*, Honolulu, v. 15, n. 3, p. 394–407, Nov. 2020.

LINDNER, Thomas K. Tricontinentalism before the Cold War? Mexico City's anti-imperialist internationalism. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 327-345, May/Aug. 2021.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Internacionalismo e redemocratização brasileira: as transações de cúpula da internacional socialista e as conexões entre Brasil e Portugal em 1976. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 386-406, maio/ago. 2021.

MARTY, Simeon. Thinking Black in the Blitz: Harold Moody, the League of Coloured Peoples and its shift of Pan-African ideas in Second World War London. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 407-426, May/Aug. 2021.

MATERA, Marc. *Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century*. Oakland: University of California Press, 2015. The California World History Library. v. 22.

PEREIRA, Matheus Serva. História social de um documento global: trajetórias do filme *25* e a escrita da história da África pós-colonial (Moçambique, Brasil e Europa, 1974-2019). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 447-470, maio/ago. 2021.

PORTAL, João Camilo; GELLER JÚNIOR, Lúcio. "Chegou a hora de ucranizar!": usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago. 2021.

RIZZO, Aline Duarte da Graça. História Global e a Cooperação Sul-Sul: uma agenda de pesquisa. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 290-307, maio/ago. 2021.

ROSENBOIM, Or. *The Emergence of Globalism: Visions of World Order in Britain and the United States, 1939-1950*. Princeton; Oxford: Princeton University Press, 2017.

SANTOS, Amanda Pereira dos. Movimentos migratórios no cenário internacional: a pluralidade da política imigratória brasileira (1946-1954). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 346-363, maio/ago. 2021.

SLUGA, Glenda; CLAVIN, Patricia (org.). *Internationalisms: A Twentieth Century History*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Ana Carolina Schweitzer. Institut für Asien- und Afrikawissenschaften. Hausvogteiplatz 5-7, Room 304b, Berlin, Germany

### TRADUTORES

Ana Carolina Schweitzer. <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>. E-mail: [ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de](mailto:ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de). Universidade Humboldt de Berlim, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Departamento de Estudos Africanos, Berlim, Alemanha.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Ana Carolina Schweitzer, Lea Börgerding e Oscar Broughton. Esta apresentação está licenciada sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITOR

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)



## HISTÓRICO

Recebido em: 7 de julho de 2021

Aprovado em: 9 de julho de 2021

Como citar: SCHVEITZER, Ana Carolina; BÖRGERDING, Lea; BROUGHTON, Oscar. Uma história global do internacionalismo. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 239-247, maio/ago. 2021.






## **POLÍTICA EXTERNA E IMPRENSA: A SAÍDA DO BRASIL DA LIGA DAS NAÇÕES (1926) PELOS JORNAIS *CORREIO DA MANHÃ* E *JORNAL DO COMMERCIO***

Foreign policy and the press: Brazil's withdrawal from the League of Nations (1926) by the newspapers *Correio da Manhã* and *Jornal do Commercio*

Jônatan Coutinho da Silva de Oliveira <sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-1435-4219>

E-mail: [jonatanni@yahoo.com.br](mailto:jonatanni@yahoo.com.br)

<sup>a</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## RESUMO

O presente trabalho analisa as relações entre imprensa e política externa no contexto da participação diplomática brasileira na Liga das Nações, com destaque para a cobertura jornalística sobre a atuação brasileira nos dias que circundaram a reunião geral da Liga (17 a 20 de março de 1926) onde o Brasil anunciou que vetaria a entrada da Alemanha na Liga e no Conselho Executivo da instituição. Este veto foi entendido de diferentes maneiras pela grande imprensa do Rio de Janeiro, capital federal. O *Jornal do Commercio*, de propriedade do então ministro das relações exteriores Felix Pacheco, realizou grande cobertura, exaltando a participação e as atitudes dos principais atores políticos envolvidos. Já o *Correio da Manhã*, jornal de oposição, realizou uma cobertura mais crítica às decisões políticas e ainda questionou a necessidade de participação do Brasil na Liga. Nesta comparação, percebe-se que a imprensa atuava como importante difusor de ideias políticas e, mesmo cobrindo o mesmo evento político, podiam transmitir ideias e opiniões políticas distintas.

## PALAVRAS-CHAVE

Imprensa. Política Externa Brasileira. Liga das Nações.

## ABSTRACT

This paper analyzes the relations between the press and foreign policy in the context of the Brazilian diplomatic participation in the League of Nations, highlighting the journalistic coverage of Brazil's performance in the days surrounding the general meeting of the League (March 17-20, 1926) where Brazil announced that it would veto Germany's entry into the league and its executive board. This veto was understood in different ways by the great press of Rio de Janeiro, the federal capital. The *Jornal do Commercio*, owned by the foreign minister Felix Pacheco, made a large coverage, extolling the participation and attitudes of the main political actors involved. The *Correio da Manhã*, an opposition newspaper, made a more critical coverage of political decisions and even questioned the need for Brazil to participate in the League. In this comparison, the press acted as an important diffuser of political ideas and, although covering the same political event, could convey different political ideas and opinions.

## KEYWORDS

Press. Brazilian Foreign Policy. League of Nations.



**A** vida política da Primeira República brasileira (1889-1930) é tema recorrente na historiografia. Momento de implementação e consolidação de um novo regime político, estes anos serviram de palco para grandes conflitos e disputas políticas e sociais em todo o Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro, então capital federal.

Não somente as disputas políticas domésticas ganhavam especial relevo neste momento, mas também as disputas em torno das definições sobre a política externa brasileira adquiriam destaque e relevância. Os estudos sobre a atuação política do Brasil no exterior durante a Primeira República têm focado suas atenções principalmente em dois momentos e temas específicos: a política externa nos anos exatamente posteriores ao golpe de 15 de novembro de 1889 e a atuação de importantes atores de forma individualizada, como Rui Barbosa e o Barão do Rio Branco.

No entanto, um tema de grande importância e que aborda um caso específico para a diplomacia brasileira na Primeira República e que é pouco explorado pela historiografia, é a contribuição do país para a fundação, e na participação, da Liga das Nações. Criada a partir dos escombros da Primeira Guerra com a finalidade principal de evitar um novo conflito bélico mundial, a Liga das Nações foi a primeira tentativa em larga escala de padronizar os problemas políticos internacionais, subjugando-os aos princípios do Direito Internacional (CARR, 2001, p. 40). Já presente nos “14 pontos de Wilson” proposto pelo então presidente norte-americano ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a Liga deveria cumprir este papel na nova ordem mundial que emerge ao final do conflito, garantindo a multilateralidade e a prevalência do direito internacional e da mediação na resolução dos conflitos internacionais, o que deveria superar a ideia de uma diplomacia secreta até então praticada pelas grandes potências.

Segundo Edward H. Carr, a década de 1920 foi um momento de crise, oposta ao início do século. Portanto, “[...] não era mais possível racionalizar as relações internacionais pretendendo-se que o que era bom para a Grã-Bretanha também era bom para a Iugoslávia, e o que era bom para a Alemanha também era bom para a Polônia [...]” (CARR, 2001, p. 287-288). É neste sentido que Carr aponta para certa utopia na criação da Liga, fazendo críticas tanto ao realismo clássico das relações internacionais quanto ao crescente idealismo político na esfera internacional, materializado na ineficiência da Liga em conter os conflitos ao longo dos anos 1920 e 1930.

No contexto doméstico, o Brasil vivia momentos importantes na sua já consolidada república. A participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, a partir de 1917, mostra a posição de protagonista que o país gostaria de assumir no cenário internacional, ou pelo menos em relação à América Latina. Mesmo tendo uma participação pequena, esta serviu de trampolim para a elite diplomática tentar alcançar patamares mais altos. A participação na Conferência de Paz de 1919, em Paris, e a atuação na criação da Liga das Nações são provas disso.

As presidências de Epitácio Pessoa (1919-1922) e Artur Bernardes (1922-1926), dois importantes oligarcas que buscavam a manutenção do *status quo* republicano, são pontos fundamentais neste momento da república. Tradicionalmente, a historiografia marca o ano de 1922 como sendo o momento em que o sistema oligárquico federativo, então vigente desde a consolidação da República no final do século XIX, é contestado de forma mais incisiva. As eleições presidenciais de 1922 marcam o confronto político entre as oligarquias dos principais estados da federação e dos estados secundários, “revelando as tensões regionais interoligárquicas e

desnudando as contradições do federalismo brasileiro” (FERREIRA, 1993, p. 10). Neste contexto, o presidente Epitácio Pessoa apoia a candidatura do situacionista Artur Bernardes contra a insatisfação de oligarquias estaduais que apoiaram a chapa oposicionista liderada por Nilo Peçanha, caracterizando a Reação Republicana.<sup>1</sup> Com a vitória de Bernardes, os derrotados não aceitam o resultado e buscam manter um clima de agitação social e político junto com os militares, setor também descontente. A partir do ano de 1922, então, eclodem movimentos de militares de patente média que representavam a revolta desses setores contra as oligarquias dominantes. Para Anita Prestes (1997), esses movimentos que ficaram conhecidos como “tenentistas”, representavam um importante sintoma de crise da Primeira República.

Para debelar os movimentos tenentistas contestatórios, Epitácio Pessoa, ainda em 1922, decreta estado de sítio, o que lhe permite prender militares e opositores e ainda praticar a censura aos jornais de oposição. Em 1924, já sob a presidência de Bernardes e frente a um novo movimento tenentista ocorrido em São Paulo, é decretado o estado de sítio novamente (FERREIRA; PINTO, 2006, p. 13). Portanto, no contexto político de meados dos anos 1920, o Brasil viveu sob estado de sítio, o que deve ser levado em consideração em qualquer análise política para o período. Sendo assim, a conjuntura política e social dos anos 1920 é marcada por momentos de grande crise intra-oligárquica, de demanda de maior participação dos setores urbanos e de insatisfação dos segmentos militares (FERREIRA, 1993, p. 11). Neste contexto, o papel da imprensa periódica da capital federal ganha importante peso, não somente como fonte histórica que nos concede acesso ao passado, mas também como ela própria sendo o objeto de estudo, já que esta imprensa se torna local privilegiado das disputas políticas e onde suas ideias são mais bem expressadas e difundidas.

Sobre o contexto específico para a imprensa brasileira cabe o fundamental destaque que, em outubro de 1923, foi promulgada a Lei de Imprensa, ou Lei Adolfo Gordo, que limitava a liberdade de expressão ao imputar responsabilidade penal sucessiva a jornalistas e editores; vedava a publicação de segredos de estado; não permitia dizeres que ofendiam o Presidente da República, os chefes de estado e as nações estrangeiras; vedava o anonimato de artigos; garantia o direito de resposta e disciplinava a matrícula de jornais e tipografias em cartório (LUCA, 2008, p. 161). Assim, a imprensa era considerada um importante meio de difusão de ideias e de formação da opinião pública, a ponto de merecer um controle mais rigoroso por parte das forças políticas dominantes.

No plano internacional sob a presidência de Epitácio Pessoa, os representantes brasileiros na Liga possuíam bastante autonomia, devendo ser creditado a eles os sucessos iniciais do Brasil na instituição (SANTOS, 2003, p. 88-95). A elite diplomática e governamental brasileira passa, então, a perseguir um assento permanente no Conselho Executivo (principal órgão da instituição) quando vê a possibilidade de ficar de fora do Conselho como membro temporário em 1923, nos momentos iniciais do governo Bernardes (SANTOS, 2003, p. 90). Principalmente no período sob a presidência de Artur Bernardes, marcado por grandes problemas políticos e sociais e chefiado sob estado de sítio, o Brasil aprofundou a sua participação na Liga, intensificando a

<sup>1</sup> A Reação Republicana foi o nome dado pela historiografia para designar a união dos estados de segunda grandeza da República (Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul) em torno da candidatura de Nilo Peçanha e contra a indicação de Artur Bernardes.

campanha pelo assento permanente, inclusive com forte campanha nos jornais que apoiavam o governo (SANTOS, 2003, p. 91). No entanto, o pleito alemão também por um assento permanente ultrapassou os interesses brasileiros, fazendo com que as discussões da Liga se voltassem para o atendimento apenas da Alemanha que estava se reerguendo dos escombros da Primeira Guerra. Este mesmo Conselho Executivo da Liga sinaliza que irá concordar com o pleito alemão, mas não com o brasileiro.

A participação brasileira na Liga das Nações já foi tema de análise de historiadores que se debruçaram sobre aspectos específicos desta participação, com análises diferentes, mas não excludentes. O diplomata Eugênio Vargas Garcia foi um dos primeiros a abordar de forma específica e com rigores acadêmicos a participação brasileira na Liga. Para o autor, a postura brasileira quanto a sua participação na instituição já começou a ficar clara desde as preparações para a inauguração da Liga durante o governo de Epitácio Pessoa. Sobre a participação do Brasil nas conferências preliminares, o envio de delegações específicas foi recusado pelas potências. Com isso, “essa primeira tentativa frustrada de obter um reconhecimento no estrangeiro maior do que a realidade da política internacional assim o permitia parece sugerir um descompasso entre os fins perseguidos pela diplomacia e os meios disponíveis do país” (GARCIA, 2000, p. 31).

Garcia ainda estabelece uma nítida divisão entre as políticas exteriores dos presidentes Epitácio Pessoa e Artur Bernardes para a Liga das Nações. Resumidamente, para o autor,

[...] o primeiro se limitou a uma política de baixo perfil que não escondia o seu contentamento com a posição alcançada pelo Brasil após a Primeira Guerra Mundial, como sócio menor na aliança dos vencedores, ao passo que o segundo elegeu como prioridade a obtenção de um posto na Liga das Nações que visava justamente à elevação do status internacional do Brasil a um patamar superior, equivalente ao das grandes potências, não obstante as debilidades de poder do país [...] (GARCIA, 2000, p. 75).

Ainda para Eugênio Garcia, o problema da posição brasileira junto à Liga, já no governo de Bernardes, e pela sua própria atuação e pela de seu ministro do exterior, Felix Pacheco, teria sido a de uma percepção equivocada do contexto internacional pós-Primeira Guerra em consonância com os problemas e questões domésticas da política oligárquica brasileira. Haveria, no governo Bernardes, um descompasso entre as expectativas brasileiras e a realidade da política mundial. A má leitura da política internacional proporcionada pelas características internas das elites dirigentes no Brasil é o que levou a uma política externa errática, deslocada e inatingível (GARCIA, 2006, p. 581).

O autor ainda afirma que a ameaça de veto do Brasil à entrada da Alemanha não foi a causa da crise, mas sim um fator complicador neste quadro de conflito. O acordo entre as potências europeias era insatisfatório sob vários aspectos e criaria dificuldades posteriores à França e à Alemanha. O veto brasileiro foi providencial na medida em que permitiu o adiamento da questão (GARCIA, 2000, p. 115).

Importante contribuição também foi realizada pela historiadora Norma Breda dos Santos. Sobre a crise de 1926, a autora a compreende como sendo um choque

entre as agendas da política externa brasileira e da política internacional europeia. As agendas externas brasileira, sob a relutância de Bernardes e Pacheco, e a postura igualmente intransigente das potências europeias – França, Grã-Bretanha e Alemanha – levaram a um choque entre as duas posições. A autora defende a necessidade de se compreender a questão a partir de uma interação complexa entre a geopolítica internacional e multilateral e a capacidade do Brasil em exercer influência nesse contexto (SANTOS, 2016, p. 213).

Para a pesquisadora, o principal motivo para a crise de 1926 foi a negligência da França e da Grã-Bretanha por não terem tratado seriamente as pretensões do Brasil e da Espanha pelo assento permanente na Liga. O veto à entrada da Alemanha fazia parte das normas da Liga, caberia a estes países evitá-lo. A explicação para isso é que os países europeus e seus diplomatas ainda praticavam uma diplomacia do século XIX, estando ainda acostumados com as regras deste mundo pré-guerra (SANTOS, 2003, p. 101).

Além disso, para a autora, outras questões importantes merecem considerações. Os demais países latino-americanos não estavam suscetíveis ao pleito brasileiro (SANTOS, 2003, p. 104). Houve ainda uma insistência de Mello Franco em levar a cabo as intenções do governo, não fazendo os devidos contrapontos necessários para que o presidente e o ministro não supervalorizassem o apoio recebido dos britânicos e franceses. Nesse sentido, o fiasco não foi brasileiro. O fiasco foi da Liga, em tentar criar uma instituição multilateral em uma nova ordem internacional. O multilateralismo proposto por Wilson era inviável na prática. Também a diplomacia de Mello Franco, Bernardes e Pacheco deve ser colocada em perspectiva, ou seja, deve ser pensada em um contexto maior de fiasco da própria diplomacia internacional (SANTOS, 2003, p. 105-106).

Analisando uma historiografia mais contemporânea e que contribui com novas perspectivas para a compreensão da atuação do Brasil, é importante destacar os trabalhos do diplomata Braz Baracuhy e do historiador Filipe Queiroz de Campos. Baracuhy compreende a atuação do Brasil pela lógica da inserção internacional do país em uma nova dinâmica internacional multilateral, proporcionada pelos desdobramentos do fim da Grande Guerra e pela criação da própria Liga. Para o autor, “somente com a compreensão das dinâmicas de poder por posições no sistema internacional da época pode-se vislumbrar como as elites de política externa percebiam tais movimentos, definiam seus interesses e traçavam suas estratégias” (BARACUHY, 2005, p. 26). Portanto, o diplomata realiza uma análise por um viés internacionalista e utilizando conceitos realistas neoclássicos das relações internacionais, evidenciando a predominância das dinâmicas internacionais sobre as estratégias domésticas das elites diplomáticas.

Braz Baracuhy ainda destaca o papel dos agentes políticos brasileiros afirmando que o processo de radicalização de Artur Bernardes, ao vetar o ingresso da Alemanha no Conselho Executivo foi, na verdade, “uma mudança de *estilo* na condução da política externa, associada a idiosincrasias e vicissitudes políticas domésticas, e não de *natureza*, que se relacionava à experiência histórica do País e a seus objetivos na ordem internacional”, pois haveria uma preocupação entre os diplomatas e governantes em manter a herança de Rio Branco (BARACUHY, 2005, p. 78, destaque do autor). Dessa forma, o imbróglio de 1926, embora geralmente analisado como uma ação desastrosa da diplomacia brasileira, pode ser percebido como um sinal dos novos tempos nas relações internacionais. Para o autor seria mais

uma questão de compreender “o jogo complexo de interações entre os tabuleiros geopolítico e multilateral – e a capacidade de a política externa brasileira exercer influência nesse novo contexto” (BARACUHY, 2005, p. 27).

Já o historiador Filipe Campos aborda a questão da ação diplomática e governamental brasileira a partir dos próprios agentes políticos, principalmente do presidente Bernardes. Para o autor, Bernardes possuía um projeto claro e objetivo de política externa, ligado a suas ambições de modernidade, nacionalismo e a sua própria perspectiva sobre as relações internacionais. Campos afirma que o Brasil possuía uma estratégia de política externa visando alcançar objetivos externos muito mais que a uma necessária busca por prestígio político interno (CAMPOS, 2020, p. 17). Ainda para o autor, “os norteadores de sua política externa foram o engrandecimento do nacionalismo e a modernização do Brasil” (CAMPOS, 2020, p. 19). Nesse sentido, a política externa de Bernardes deve ser compreendida a partir do binômio nacionalismo-modernização e reduzir a sua ação na Liga a uma tentativa de ganho de prestígio doméstico seria um erro. Bernardes queria inserir o Brasil no meio das grandes nações, como sinal de sua modernidade, pois era esse o seu projeto nacionalista e moderno (CAMPOS, 2020, p. 20).

Assim, a atuação do Brasil na Liga e o veto à entrada da Alemanha para o Conselho Executivo devem ser compreendidos pela ótica das intenções dos principais agentes políticos, notadamente de Bernardes, que possuía uma agenda externa para o Brasil. O autor acredita e defende que Pacheco e Bernardes não queriam vetar a Alemanha, muito menos sair da Liga. Queriam instrumentalizá-la no sentido de executar seus projetos nacionalistas (CAMPOS, 2020, p. 236). Para o autor, a estratégia de Bernardes

[...] foi no sentido de ousar, criticar e fazer o Brasil ser ouvido a qualquer custo, mesmo que passando por cima da opinião de seus diplomatas. [...] O modo como o Brasil executava a política externa era mais importante que ficar ou não na Liga [...]. A mensagem era de que as grandes potências não podiam manipular o Brasil como bem quisessem, nem deveriam transformar as relações internacionais, mais uma vez, em um jogo da geopolítica europeia (CAMPOS, 2020, p. 238).

Para a análise desse imbróglia diplomático, o estudo de e a partir da imprensa torna-se um local privilegiado. Nesse sentido, analisaremos como diferentes periódicos, com distintas orientações políticas e público leitor, agiram para construir um ambiente favorável sobre os possíveis caminhos que a política externa estava seguindo. Chega-se, portanto, a um ponto crucial para o presente trabalho: o papel da grande imprensa carioca na agenda de política externa, assim como suas percepções da atuação brasileira no exterior para este tema em específico. Os principais jornais da capital da república despendiam várias colunas e páginas na cobertura da participação do Brasil na Liga, demonstrando o interesse dos leitores sobre o tema.

## A GRANDE IMPRENSA NO RIO DE JANEIRO

No início do século XX o distrito federal vivia a sua *belle époque* econômica e cultural e um dos grandes emblemas era a pujante imprensa periódica. O Rio



de Janeiro era um importante exemplo da modernidade que chegava aos trópicos, principalmente após as reformas urbanas do prefeito Pereira Passos (1902-1906) e com a construção de imponentes avenidas e boulevares. Nesse contexto, a imprensa é um importante emblema dessa modernidade, se transformando em uma empresa do tipo capitalista e abandonando as práticas artesanais que marcavam o setor no século XIX (SODRÉ, 1983). A imprensa no Brasil se transformava com a virada do século e, no pós-guerra, “um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas” (SODRÉ, 1983, p. 355). Como exemplos para análise dessa grande empresa capitalista periódica, destacam-se dois importantes jornais, a partir dos quais se podem compreender as relações entre imprensa, política externa e a difusão de diferentes ideais políticos.

O *Jornal do Commercio* foi fundado em 1827 por Pierre R. F. Plancher de La Noé sendo um dos jornais brasileiros mais antigos ainda em circulação nos dias de hoje. Durante a república – e em especial nos anos 1910 e 1920 – o jornal se constituía como uma grande empresa capitalista e era “lido por homens de negócio, políticos, altos funcionários e a elite carioca” (LEAL; SANDRONI, 2010). Dessa forma, o periódico era um jornal da elite, dito “chapa branca” e que dificilmente contestaria as ações do governo vigente. Em 1923, Felix Pacheco, já ministro das relações exteriores e redator-chefe licenciado do jornal, adquire a sua propriedade e logo se licencia, somente voltando às suas atividades jornalísticas após a saída do governo em 1926 (LEAL; SANDRONI, 2010). Dada a ligação entre o jornal e o ministro Pacheco, a análise do periódico adquire especial relevância, pois se pode analisar em que medida o jornal estava em sintonia de discurso político com o governo. Nesse contexto, tanto no governo de Epitácio Pessoa quanto – principalmente – no governo de Artur Bernardes, o *Jornal do Commercio* mostrou-se um veículo de imprensa marcadamente situacionista, portavoz da política federal, tanto doméstica quanto externa.

O *Correio da Manhã*, pelo contrário, era um periódico marcadamente de oposição aos dois governos e de caráter popular. Foi fundado em 1901, por Edmundo Bittencourt e fechou em 1974. O *Correio da Manhã* “foi durante grande parte de sua existência um dos principais órgãos da imprensa brasileira, tendo-se sempre destacado como um *jornal de opinião*” (LEAL, 2010, grifo do autor). O jornal foi grande apoiador da campanha de Nilo Peçanha em 1922 e forte crítico de Bernardes (FERREIRA, 1993, p. 14). Com isso, a análise do *Correio da Manhã* ganha grande relevância na medida em que era voz ativa na oposição dos governos Pessoa e Bernardes.

Além do mais, o *Correio da Manhã*, na figura de seu fundador, teve desde a sua fundação uma postura interessante que se diferenciava de outros jornais, como o *Jornal do Commercio*. No seu primeiro editorial de 1901, Edmundo Bittencourt já deixava claro qual seria a postura do jornal:

Em bom senso sabe o povo que essa norma de neutralidade com que certa imprensa tem por costume carimbar-se é puro estratagem para, mais a gosto e a jeito, poder ser parcial e mercenária. Jornal que se propõe a defender a causa do povo não pode ser, de forma alguma, jornal neutro. Há de ser, forçosamente, jornal de opinião (BITTENCOURT *apud* SODRÉ, 1983, p. 287).

Sendo assim, é objetivo principal deste trabalho a análise comparativa das notícias e opiniões expressas nos dois jornais, sendo um notadamente de situação e elitista (*Jornal do Commercio*) e o outro marcadamente de oposição e mais popular (*Correio da Manhã*) no contexto político brasileiro para o ano de 1926. Através da comparação entre os dois jornais poderemos compreender como dois veículos de imprensa podem, ao divulgar a mesma notícia (ou omiti-la), exprimir opiniões e visões políticas bastante diferentes, com destaque para as suas visões de política externa. No caso, será possível perceber como cada jornal se insere no debate sobre a posição brasileira a respeito da entrada da Alemanha na Liga e no seu Conselho Executivo e no pleito brasileiro por um assento permanente neste mesmo Conselho.

## IMPRENSA COMO FONTE PARA A HISTÓRIA E PARA A POLÍTICA EXTERNA

A imprensa é uma das principais fontes históricas utilizadas pela historiografia, pois a partir dela podemos perceber não somente os acontecimentos factuais de um período, mas principalmente podemos compreender como determinada época e determinado grupo social percebiam os acontecimentos cotidianos. Já no início do século XX, no Brasil, houve uma ampliação no número de jornais diários, já formando a denominada “grande imprensa”, onde figuravam conglomerados poderosos, definindo os rumos do país (LUCA; MARTINS, 2008, p. 11). Durante a Primeira República

[...] a história do Brasil e a história da imprensa caminham juntas, se auto-explicam, alimentam-se reciprocamente, integrando-se num imenso painel. Nesse cenário, muitas vezes os personagens são exatamente os mesmos, na imprensa, na política e nas instituições. Em outras, são, no mínimo, bastante próximos, pois intervenções políticas de peso são decididas no interior das redações, estabelecendo e testemunhando avanços e recuos das práticas dos governos, da dinâmica do país, da formação de seu povo, do destino nacional (LUCA; MARTINS, 2008, p. 8).

No sentido acima descrito, a análise do *Jornal do Commercio* ganha especial atenção, já que o ministro das relações exteriores do Brasil durante o governo de Artur Bernardes era o jornalista Felix Pacheco, proprietário do jornal. A relação entre imprensa e poder, entre mídia e governo, estava mais do que exposta. Se levarmos em consideração que Bernardes governou na maior parte do tempo em estado de sítio e que a imprensa sofria com a censura prévia, a relevância desse fato se torna ainda maior.

Neste trabalho será analisado apenas um período de poucos dias, em apenas dois jornais e sobre um tema específico: os dias que circundam a reunião do Conselho da Liga (17 a 20 de março de 1926) em que a diplomacia brasileira reafirmou que vetaria o ingresso da Alemanha como membro permanente do Conselho Executivo da instituição, caso o Brasil também não fosse aceito sob as mesmas condições. Este tipo de metodologia pode ajudar a compreender melhor quais são as potencialidades e dificuldades que se pode encontrar ao analisar um volume maior de jornais em tempos e temas mais diversos.



A escolha do jornal como fonte histórica privilegiada adquire uma dupla intencionalidade: a percepção do jornal como fonte e objeto de pesquisa. A análise a partir dos periódicos não deve servir apenas como simples fonte que nos concede acesso ao passado, mas é igualmente importante compreender o jornal como um local privilegiado de difusão e de disputas políticas. Particularmente na conjuntura política da Primeira República,

[...] os jornais não deixaram de se constituir em espaço privilegiado de luta simbólica, por meio do qual diferentes segmentos digladiavam-se em prol de seus interesses e interpretações sobre o mundo. Não por acaso, os vários órgãos da grande imprensa distinguiam-se pelo seu matiz ideológico, expresso nas causas que abraçavam, na auto-imagem que se esforçavam por construir e no público que pretendiam atingir (LUCA, 2008, p. 155).

Além disso, após a Primeira Guerra aumenta o número de jornais que debatem abertamente o cenário político e discutem as suas ideias para a política. Esses jornais possuíam ainda uma dimensão de informação da opinião pública, já que a imprensa era entendida como um instrumento adequado para uma ação transformadora (COHEN, 2008, p. 108). Havia uma dimensão política da atividade jornalística que cumpria um papel fundamental na divulgação do conhecimento para público amplo, constituindo ao mesmo tempo veículo de disseminação de padrões culturais, valores e códigos sociais. Nesse sentido, a imprensa contribuiu para a “[...] formação de círculos de intelectuais dispostos a interferir nos destinos nacionais por meio da difusão de ideias” (COHEN, 2008, p. 111).

A imprensa na Primeira República, portanto, mantém viés político na difusão das informações e notícias cotidianas, mesmo quando passa por certo declínio da doutrinação em prol da informação. No entanto, isso não necessariamente implicava em neutralidade, já que a informação também pode ser uma forma de se posicionar frente a um tema. Nesse sentido os jornais continuaram a ter estreita vinculação com a política (LUCA, 2008, p. 152-153).

Na sua relação com a política externa, a mídia adquire características específicas e mais complexas. É possível refletir que a atuação da mídia, no sentido da sua capacidade de construir e disseminar realidades sociais por meio de seu discurso cotidiano, compartilha com os outros agentes políticos a função de constituir a definição de regras, identidades e interesses. Em um movimento dialético, igualmente, a mídia é constituída e influenciada pela estrutura da realidade política internacional (CAMARGO, 2012, p. 27). Esta concepção se aproxima da perspectiva de Christopher Hill com relação à ação recíproca entre os recursos doméstico e externo de um país na ação de política externa. Todo analista deve pensar nestes dois caminhos: a política externa tem as suas fontes domésticas e a política doméstica tem as suas influências externas (HILL, 2003, p. 39).

Sendo mais específico, Chanan Naveh nos explica que “[a mídia] pode ser descrita como a ferramenta que expressa as interpretações não-governamentais e expectativas de vários membros ou grupos da sociedade, assim como uma ferramenta que o governo usa para expressar a sua política estatal – ou dominante – na mídia” (NAVEH, 2002, p. 2). Dentro da perspectiva da política externa, o autor cria a concepção



da mídia como o ambiente em que a decisão de política externa acontece em dois momentos: é tanto um meio de saída das decisões (divulgação) como de apropriação por parte dos leitores (opinião pública). Ao mesmo tempo, a mídia cria o ambiente onde a política externa atua como também a reporta e noticia (NAVEH, 2002, p. 4).

É na descrição do ambiente político e na sugestão de alternativas políticas objetivando oferecer a melhor promessa de gerenciamento do ambiente que, para Naveh, encontraremos a imprensa “desempenhando um papel tão importante no pensamento sobre política externa. Essa função de ‘elaboração de mapas’ da imprensa é central para o impacto real da imprensa no campo da política externa” (NAVEH, 2002, p. 5). Nesse sentido, a imprensa adquire papel fundamental para um estudo mais complexo da política externa. De acordo com Bernard Cohen

Para a maioria do público de política externa, o mapa político realmente eficaz do mundo – ou seja, seu mapa operacional do mundo – é desenhado pelo repórter e pelo editor, não pelo cartógrafo. [...] A imprensa [...] pode não ser bem-sucedida na maioria das vezes em dizer às pessoas o que pensar, mas é incrivelmente bem-sucedida em dizer aos leitores o que pensar sobre (COHEN, 1963, p. 12-13).

A percepção de Chanan Naveh e Bernard Cohen nos será de grande importância na percepção da imprensa como importante campo político de formação e informação ao público leitor de uma visão específica de política externa, contribuindo para que setores da população formem uma opinião favorável ao seu pensamento sobre política externa.

As notícias propriamente ditas são reproduções de jornais ou agências estrangeiras no que tange à temática internacional. No entanto, como será analisado no tópico seguinte, mesmo a simples informação de acontecimentos possui um viés opinativo, dependendo do destaque ou enfoque que é dado àquela notícia, ou mesmo se ela foi “esquecida” pelo jornal. Se a informação é manchete em um jornal e apenas uma pequena nota na quarta página de outro, por exemplo, mostra o caráter parcial na divulgação da informação. Como nos adverte José D’Assunção Barros,

[...] a pretensa objetividade das informações, mesmo na aparente exposição mais pura de dados, vem sempre mesclada às opiniões, escolhas e decisões daqueles que elaboram o discurso jornalístico ou que disponibilizam as informações na imprensa. No jornal, as informações e opiniões são duas ordens de discursos que se alternam, interagem entre si, e por vezes se fundem em uma coisa só (BARROS, 2019, p. 199).

O jornal, nesse caso, não se torna apenas fonte de pesquisa, mas também ele próprio o objeto de análise. Entender a imprensa periódica a partir dessa perspectiva nos faz compreendê-lo como uma fonte complexa e rica, com suas dinâmicas e metodologias próprias de análise.

## OS JORNAIS *CORREIO DA MANHÃ* E *JORNAL DO COMMERCIO* NA COBERTURA PERIÓDICA DA POLÍTICA EXTERNA

Durante o período de análise proposto para este trabalho as notícias referentes a cobertura da participação brasileira na Liga das Nações foram publicadas, em ambos os jornais, na primeira página e em destaque. Tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Correio da Manhã* a temática da atuação do Brasil na Liga ocupou a maior parte da primeira página e foi a manchete dos jornais. Os temas de política doméstica ficaram em segundo plano neste período.

O *Jornal do Commercio* possuía características mais tradicionalistas para um jornal do período, guardando traços ainda do século XIX. Sua diagramação seguia padrões estilísticos tradicionais, como as primeiras páginas divididas em sete colunas e sem nenhuma foto. A própria manchete era discreta se comparada ao nome do jornal que se destacava. Para o período analisado, a cobertura jornalística sobre a Liga das Nações mereceu destaque na primeira página e em mais algumas colunas distribuídas nas páginas 2 e 3. Geralmente a página 2 abrigava o editorial do jornal, ocupando cerca de duas colunas em cada edição. Nas quatro edições analisadas, o tema Liga das Nações foi o objeto principal dos editoriais. Também o *Jornal do Commercio* era o mais caro dos dois, custando o dobro do preço diário em relação ao *Correio da Manhã* sendo, portanto, um jornal cujo público-alvo estava localizado nas elites econômicas e políticas. Como já observado, era um jornal da situação e endossava as ações do governo.

Já o *Correio da Manhã* era um jornal com diagramação mais moderna, com a primeira página apresentando a manchete em letras grandes e com outras matérias em destaque, apresentando inclusive fotos. Após a manchete o jornal também se dividia em colunas, ao número de nove. Apesar da maior parte das informações do *Correio da Manhã* sobre a Liga das Nações estarem na primeira página, há editoriais na terceira página dos dias 19 e 20 que abordam a atuação na Liga e ainda um artigo assinado na página quatro do dia 20 de março. Era um jornal de caráter e linguagem mais popular, e seu preço era a metade do *Jornal do Commercio*.

A maior parte do que é reportado em ambos os jornais é reprodução de agências de notícias ou de outros jornais,<sup>2</sup> o que pode acarretar uma questão a mais na análise pois as reproduções de notícia não são literais e abrem espaço para elaborações estilísticas e opinativas na escrita que são bem claras, apontando a linha editorial dos jornais e de seus editores. Além disso, há os valiosos editoriais que expõem, através de narrativas bastante incisivas, a posição política de cada jornal.

O *Jornal do Commercio* aborda a participação da delegação brasileira junto à Liga, e do próprio ministro Felix Pacheco e do presidente Artur Bernardes, de forma bastante positiva e altiva, concordando e corroborando com a maior parte das atitudes assumidas pela diplomacia brasileira. Não faltam elogios à postura do presidente Bernardes e do ministro em sua firme postura nas decisões tomadas em Genebra, sede

---

<sup>2</sup> O *Correio da Manhã* utilizava as agências United Press e a brasileira Agência Americana, além de correspondentes especiais. Já o *Jornal do Commercio* utilizava também a Agência Americana e a Havas, além de correspondentes especiais.

da Liga. Sobre uma possível ação conjunta dos países latino-americanos em apoio ao Brasil, o jornal destaca que “é cada vez mais evidente a verdade dos fatos, que vêm provando sempre a correção da atitude do Brasil [...]” (JORNAL DO COMMERCIO, 17 mar. 1926, p. 1). O jornal ainda costuma repetir frases e palavras incisivas que demonstrariam a postura correta e ativa da diplomacia brasileira. Dizeres como “ação firme e decisiva” e “coerência nas atitudes” eram corriqueiras no jornal (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 2-3).

Apesar da manchete do *Jornal do Commercio* ser bem discreta em relação às manchetes do *Correio da Manhã*, os dizeres eram todos favoráveis à atitude do Brasil. Na manchete do dia 18 lia-se frases como “Admirável discurso do embaixador Mello Franco” e “A firme atitude do Brasil” (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 1). O jornal chega a reproduzir todo o discurso do embaixador Afrânio de Mello Franco, representante do Brasil na Liga, proferida na reunião da Assembleia extraordinária onde o Brasil anuncia que manterá o seu veto em relação à entrada da Alemanha (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 1-2).

Retirando a culpa do Brasil por um possível fracasso da Liga das Nações, o *Jornal do Commercio*, em editorial, defendia que, na verdade, o Brasil era um grande defensor dos ideais multilaterais e de defesa do direito internacional, enquanto os problemas da instituição eram causados pelos seus membros mais poderosos, como a Inglaterra e a França. Defendendo a postura da diplomacia brasileira e enaltecendo-a, o editorial expõe que

O que se passou ontem [17 de março] em Genebra foi um espetáculo histórico, que podemos registrar com a satisfação do dever cumprido, e com a ufania de quem soube dar conta de um mandato legítimo e decorrente da própria natureza das coisas. [...] O Brasil não poderia, portanto, aceitar o critério de subordinar o caráter essencial de universalidade da Liga, os seus grandes fundamentos humanos e jurídicos aos interesses transitórios da política regional da Europa (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 3).

Também a culpa é recaída sobre outras nações que pleiteavam assentos permanentes, como a Espanha e a Polônia (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 2), além da própria intransigência da Alemanha, que não aceitava a sua entrada no Conselho da Liga junto com o Brasil ou com nenhum outro país (JORNAL DO COMMERCIO, 17 mar. 1926, p. 1).

Também é comum no *Jornal do Commercio* a reprodução das notícias de outros jornais europeus, ou seja, como a imprensa europeia estava compreendendo o que se passava em Genebra naqueles dias. Apesar de também reproduzir notícias de jornais que criticavam a postura do Brasil, a ênfase era dada aos jornais que corroboravam a atitude brasileira e que colocavam a culpa na própria organização da Liga e em seus processos e que o pleito do Brasil e da Espanha são legítimos (JORNAL DO COMMERCIO, 17 mar. 1926, p. 2). Após reproduzir notícias de jornais alemães criticando o Brasil, o correspondente do *Jornal do Commercio* afirma que “Os espíritos sensatos, porém, já começam a compreender que o Brasil foi o único que não mudou de atitude e que o desconcerto que reina em Genebra é só o fruto da falta

de habilidade do Sr. Chamberlain e do Sr. Briand [...]”(JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar.1926, p. 1).<sup>3</sup>

O jornal ainda destaca a postura de Mello Franco que esteve à frente da delegação brasileira de forma firme, calma e heroica (JORNAL DO COMMERCIO, 17 mar. 1926, p. 1; 18 mar. 1926, p. 1). O então representante brasileiro era diplomata experiente, com grande entrada nos círculos políticos europeus e respeitado entre os seus congêneres latino-americanos e, por isso mesmo, era da total confiança do presidente Bernardes e do ministro Pacheco. Outro importante e influente diplomata brasileiro na Europa, o embaixador em Paris Souza Dantas, teve que rebater as críticas de que o Brasil teria agido a mando de outros países, como a Itália. Segundo ele, os diplomatas brasileiros teriam seguido unicamente as instruções de Bernardes e que a opinião do povo brasileiro estava do seu lado (JORNAL DO COMMERCIO, 19 mar. 1926, p. 1), mostrando que seria importante respaldar a posição brasileira na opinião pública, tornando-a legítima.

O jornal se utilizava da principal tese corrente para justificar a legitimidade do pleito brasileiro a um assento permanente no Conselho da Liga: a representatividade do continente americano que, na ausência dos Estados Unidos da América, caberia ao Brasil ocupar esta posição. Esta postura é defendida em longo editorial do dia 19 de março, onde o jornal também justifica a liderança internacional do Brasil pelas grandiosidades numéricas de sua nação: é a 9ª maior população do mundo e o 7º em território. Na ausência dos Estados Unidos os títulos do Brasil são “incontestáveis, claros, evidentes”. Nesse caso “o Brasil, sendo o que é, merecia o lugar permanente, não só por ser um dos grandes países do mundo, como para dar à Liga o caráter de universalização, sem o qual não poderá viver” (JORNAL DO COMMERCIO, 19 mar. 1926, p. 2).

A tese de que o assento permanente deveria ser naturalmente do Brasil dada a ausência dos Estados Unidos, é a tese principal da diplomacia brasileira, defendida vigorosamente pelo jornal. Assim, a retórica política e diplomática do Brasil se respaldava na ausência da principal potência americana. No entanto, os Estados Unidos não fizeram grandes esforços para emplacar o pleito brasileiro, mesmo nos fóruns internacionais aos quais tinha acesso. A ausência de outras importantes economias latino-americanas na Liga, como a Argentina e o México, também serviam de argumento para angariar apoio à causa brasileira já que, entre toda a América presente na Liga, o Brasil seria o seu mais legítimo representante.

Para legitimar esta posição, a diplomacia brasileira teria buscado apoio nas demais representações diplomáticas dos países americanos presentes na Liga. O jornal divulga que a delegação brasileira afirma possuir o apoio de várias delegações latino-americanas e que, após tensa reunião entre representantes dessas delegações, haveria saído um consenso em torno do apoio ao Brasil (JORNAL DO COMMERCIO, 17 mar. 1926, p. 1;3).

---

<sup>3</sup> Neville Chamberlain (1869-1940) foi Primeiro-Ministro da Grã-Bretanha entre 1937 e 1940, mas, em 1926, era Ministro da Saúde, Ministro dos Negócios Estrangeiros e servia no gabinete do primeiro-ministro Stanley Baldwin e foi o enviado especial à Liga das Nações. Aristide Briand (1862-1932) foi Primeiro-Ministro da França em diversas oportunidades e, em 1926, era ministro das relações exteriores da França.

Outra ação do *Jornal do Commercio* que merece ser relatada são as longas listas de homenagens publicadas nos dias 19 e 20 de março em favor de Artur Bernardes e de Felix Pacheco. Desde o dia 17 do mesmo mês um grupo de acadêmicos se reuniu para organizar uma grande homenagem ao presidente da república pela sua atitude na Liga. As homenagens ocorreram no dia 19 de março no Palácio Rio Negro, em Petrópolis, onde estava Bernardes. Antes disso, no mesmo dia no Palácio do Itamaraty, houve suntuosa homenagem à Felix Pacheco detalhadamente descrita pelo jornal (JORNAL DO COMMERCIO, 18 mar. 1926, p. 1). Frases como “[...] uma demonstração inequívoca de que a nossa Delegação em Genebra interpretou perfeitamente o sentimento unânime do povo brasileiro” e “O gesto histórico do nosso Governo foi recebido com ufania por todo o país, pela verdadeira opinião nacional” mostram como era importante para determinados setores da elite política brasileira mostrar coesão e aceitação pública em torno da política externa. No entanto, forjar esta coesão não era importante para as ações de política externa do Brasil *stricto sensu*. Antes, guardavam relação com a política doméstica no contexto de final do governo Bernardes e já com o presidente Washington Luís eleito. Como ilustração disso, ainda no dia 20, o jornal publica uma série de telegramas e notas de congratulações à Felix Pacheco. São homenagens vindas de políticos de vários estados brasileiros, como São Paulo, Minas Gerais e Bahia, e ainda de outros países, como Chile, Argentina, Uruguai e Dinamarca. Todas estas homenagens ocupam três colunas na segunda página, o que mostra o esforço do jornal em prestigiar o seu patrono (JORNAL DO COMMERCIO, 20 mar. 1926, p. 2).

Já a cobertura do *Correio da Manhã* é bem mais crítica em relação à postura da diplomacia brasileira, do chefe do Itamaraty e do executivo nacional. Embora reproduzam suas notícias de agências estrangeiras, há espaço para críticas às atitudes, principalmente do presidente Artur Bernardes, e também em editoriais e em um artigo assinado por Alberto do Rego Lins.

Ao contrário do que afirma o *Jornal do Commercio*, os países latino-americanos que eram membros da Liga (Uruguai, Paraguai, Chile, Colômbia, Venezuela, Cuba, São Salvador, Honduras, Nicarágua, Guatemala e São Domingos) se reuniram no dia 16 de março não para endossar a atitude brasileira em relação ao veto, mas sim para tentar demover os delegados brasileiros a tomarem uma atitude mais conciliatória. Esta informação demonstra que não havia uma unidade latino-americana em apoio ao pleito brasileiro (CORREIO DA MANHÃ, 17 mar. 1926, p. 1), como afirmou o *Jornal do Commercio*. Inclusive, após esta reunião, o chefe da delegação brasileira teria dito ao correspondente do jornal que iria telegrafar ao governo brasileiro para verificar se poderia mudar o posicionamento do Brasil em vetar o ingresso da Alemanha (CORREIO DA MANHÃ, 17 mar. 1926, p. 1). Esta revelação do jornal indica que o embaixador estava disposto a mudar o seu posicionamento, mas dependia de autorização de seus superiores. É importante perceber que em nenhum momento o *Jornal do Commercio* faz esta ponderação. Longe de querer demonstrar qual jornal está divulgando a notícia “correta”, esta discrepância na notícia entre os jornais ilustra como os dois periódicos estavam dedicados em construir um ambiente para nele poder atuar e contribuir para influenciar na opinião de seus leitores.

O *Correio da Manhã* tende a ser crítico não somente ao governo brasileiro, mas também à própria organização da Liga e ao seu grande eurocentrismo. Em editorial do dia 17 de março, cujo título era “A Liga Indesejável”, o jornal coloca a instituição como um órgão europeu atendendo aos seus próprios interesses. Com isso, o Brasil não

deveria participar disso, pois a Liga é alheia aos interesses do Brasil: “Que é que daqui, deste nosso recanto sossegado da América, temos a ver com as prevenções latentes da Inglaterra e da França contra a Rússia, com os rancores surdos da Alemanha contra a Polônia [...]. Nada, absolutamente nada” (CORREIO DA MANHÃ, 17 mar. 1926, p. 2).

Já no dia 19 de março, em novo editorial, o *Correio da Manhã* chama o resultado do veto brasileiro à Alemanha de “Vitória de Pirro”. Inicialmente o editorial culpa o diplomata chileno Agustín Edwards pelo início de todo o problema, ao ter proposto o Brasil como membro permanente do Conselho ainda em 1921, o que não estaria nos planos brasileiros de então. Em seguida, também questiona o fato de a presença brasileira na Liga estar onerando por demais os cofres públicos, sendo o Brasil um dos países que mais contribuíam financeiramente com a instituição. Além disso, a Liga seria um “aparelho destinado a manter, na Europa, o fogo sagrado das intrigas internacionais, instrumento de ódios, de ambições, e de imperialismo manejado pelos mais poderosos [...]”. O editorial ainda argumenta que a Liga nunca foi aquilo que se propôs e que a instituição era um local “onde jamais deveríamos ter ido” (CORREIO DA MANHÃ, 19 mar. 1926, p. 2).

Também destacando manchetes de jornais estrangeiros e reproduzindo notícias de agências internacionais o *Correio da Manhã* privilegia aquelas notícias que são mais críticas à postura brasileira. Reproduzindo na primeira página e com destaque informações veiculadas pelo jornal parisiense *Le Matin*, o *Correio da Manhã* opta por assumir uma postura bastante crítica à diplomacia brasileira. O *Le Matin* afirma que

Ainda desta vez as reivindicações da América servem de obstáculo à paz da Europa. Mesmo que sejam dados os necessários passos no sentido de evitar que os Estados europeus pensem em uma guerra, esta pode ocorrer, vendendo-se então o mundo inteiro, e o Brasil principalmente, obrigado e deplorar que a ambição nacional houvesse causado o fracasso dessa assembleia (CORREIO DA MANHÃ, 19 mar. 1926, p. 1).

É importante notar que havia importantes órgãos de imprensa na Europa que culpavam a intransigência do governo brasileiro pelos problemas da Liga, fazendo inclusive uma tenebrosa previsão de que um novo conflito europeu poderia ser creditado à postura brasileira. Em outro editorial do dia 20, mais uma vez o Brasil é responsabilizado por possíveis conflitos europeus: “Quando isto se der [a entrada da Alemanha na Liga em setembro de 1926] a Alemanha estará triunfante e o Brasil ficará com a responsabilidade das guerras passadas, presentes e futuras” (CORREIO DA MANHÃ, 20 mar. 1926, p. 4). É pertinente apontar, no entanto, que não devemos colocar a culpa na postura brasileira assumida em 1926 como a causa profunda da Segunda Guerra Mundial, que eclodiria treze anos depois. Isto seria irresponsável, anacrônico e teleológico. No entanto, o importante é observar que havia membros das elites políticas no Brasil e na Europa que viam na postura brasileira um empecilho à paz europeia e mundial naquela conjuntura. A diplomacia brasileira, com sua postura intransigente e desproporcional, estaria dificultando os acertos político-diplomáticos das potências europeias, no contexto em que o Tratado de Locarno havia acabado de ser assinado. Este tratado foi assinado ao final de 1925 pela França, Grã-Bretanha, Itália, Alemanha, Bélgica, Polônia e Tchecoslováquia em um sistema fora dos trâmites

da Liga. O tratado previa a renúncia à guerra por estas potências com a Alemanha reconhecendo suas fronteiras com a França e a Bélgica. Em troca, a Alemanha pedia a sua entrada no Conselho Executivo da Liga como membro permanente. Na prática, os próprios membros fundadores da Liga das Nações descumpriram o papel central da instituição, que era o de respeito ao multilateralismo e dos tratados serem discutidos da forma aberta frente à comunidade internacional.

O *Correio da Manhã*, além de crítico à postura dos líderes políticos brasileiros, também critica o próprio funcionamento da Liga, colocando nela própria o gérmen de seu fracasso. Reproduzindo uma crítica do jornal *ABC*, de Madri, o jornal carioca afirma que era “impossível construir a Liga em associação sem abdicação de parte da sua soberania, e ela foi contraditória no seu ponto de partida” (CORREIO DA MANHÃ, 20 mar. 1926, p. 1). Em editorial do mesmo dia, o *Correio da Manhã* aponta para uma relativa vitória de Felix Pacheco, principalmente frente à opinião pública brasileira, e chama Chamberlain e Stresemann de “pulhas” (CORREIO DA MANHÃ, 20 mar. 1926, p. 4).

No único artigo assinado aqui analisado, Alberto do Rego Lins aponta o desastre da instituição, dando à sua coluna o título de “A Comédia de Genebra” (CORREIO DA MANHÃ, 20 mar. 1926, p. 4). Nela, o autor elogia o idealismo de Woodrow Wilson (presidente dos Estados Unidos durante os anos da Primeira Guerra Mundial) ao propor a criação da Liga em seus “14 pontos”. No entanto, Lins acredita que Wilson foi um ingênuo, por sua inexperiência internacional e por não saber lidar e improvisar com os velhos estadistas europeus. Quanto à postura brasileira, o autor apela para que o Brasil “dê as costas à Genebra [pois] nada temos mais que fazer ali”. Culpa ainda o egoísmo e a política “europeia” da Liga e que o Brasil nada teria a ganhar com a sua participação (CORREIO DA MANHÃ, 20 mar. 1926, p. 4).

É interessante ainda notar aquilo que não é dito, ou pelo menos que quase não é dito. Diferentemente do *Jornal do Commercio* que dedica várias colunas em dois dias para repercutir as homenagens feitas à Artur Bernardes e Felix Pacheco, o *Correio da Manhã* dedica apenas seis linhas na segunda página de sua edição do dia 19 de março para comunicar as homenagens (CORREIO DA MANHÃ, 19 mar. 1926, p. 2). A postura assumida pelos dois jornais neste episódio ilustra como um jornal (ou outros meios de comunicação) pode ser parcial na divulgação da mesma notícia. Ao dar imenso destaque a uma notícia ou colocando-a de forma quase escondida no meio de outras, percebe-se o quanto os jornais podem assumir posicionamentos políticos. Portanto, mesmo a simples transmissão de notícias possui um lado opinativo que deixa as marcas do pensamento político de seus editores-chefes, que são os responsáveis por organizar, dentro do cotidiano de um jornal, quais notícias ganharão destaque e quais serão escondidas ou esquecidas.

## CONCLUSÕES

Na análise dos dois jornais, um de oposição e um de situação, percebe-se diferentes formas de se abordar as notícias, assim como diferentes perspectivas da atuação brasileira e de sua inserção nas relações internacionais no contexto da Liga das Nações que contribuem para o entendimento mais geral da atuação brasileira e de quais ideias estavam em disputa. Nesse sentido, pretendemos analisar os jornais não apenas como fonte histórica, mas também como objetos de análise, já que estes

periódicos se constituíam como local privilegiado das disputas políticas e como meio de construção de ambientes políticos que interessavam a determinados setores políticos.

Apesar do *Correio da Manhã* fazer muitas críticas à diplomacia brasileira e a seus líderes políticos, o jornal também culpa, assim como faz o *Jornal do Commercio*, o regimento e os procedimentos da Liga e de seus principais membros pelo fracasso das negociações de março de 1926. De certo modo, os dois jornais estão de acordo com a ineficiência e ineficácia da Liga, que persiste em exercer a velha diplomacia unilateral e secreta em uma nova ordem mundial mais multilateral. A maior diferença entre a análise e cobertura dos jornais é que, enquanto o *Jornal do Commercio* engrandece a postura e ação dos governantes brasileiros, o *Correio da Manhã* é crítico à postura dos mesmos e do modo como vem tratando a questão, uma vez que nem deveria estar pleiteando uma posição tão elevada em uma instituição que estaria fadada ao fracasso e atendendo apenas os interesses da velha Europa.

Dessa forma, os jornais procuram criar um ambiente favorável às suas posições de política externa, dando destaque aos temas e assuntos que melhor exemplificam este mesmo ambiente em que querem atuar e influenciar. Os periódicos, nesse caso, tornam-se importantes casos de estudo para perceber como as elites políticas atuam na formação de consensos para atuação e formulação de agendas para a política externa.

## REFERÊNCIAS

BARACUHY, Braz. *Vencer ao perder: a natureza da diplomacia brasileira na crise da Liga das Nações (1926)*. Brasília: FUNAG, 2005.

BARROS, José D'Assunção. *Fontes Históricas: Introdução aos seus usos historiográficos*. Rio de Janeiro: Vozes, 2019.

CAMARGO, Julia Faria. *Mídia e Relações Internacionais: Lições da Invasão do Iraque em 2003*. Curitiba: Juruá, 2012.

CAMPOS, Filipe Queiroz de. *Diplomacias Secretas: O Brasil na Liga das Nações*. Curitiba: Appris, 2020.

CARR, Edward Hallett. *Vinte Anos de Crise (1919-1939): Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais*. Brasília: UNB; IPRI, 2001.

COHEN, Bernard. *The Press and Foreign Policy*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 1963.

COHEN, Ilka Stern. Diversificação e segmentação dos impressos. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 103-130.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 17 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_03&pagfis=24749](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=24749). Acesso em: 23 jun. 2020.





CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 18 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_03&pagfis=24761](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=24761). Acesso em: 23 jun. 2020.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 19 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_03&pagfis=24775](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=24775). Acesso em: 23 jun. 2020.

CORREIO DA MANHÃ, Rio de Janeiro, 20 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842\\_03&pagfis=24787](http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_03&pagfis=24787). Acesso em: 23 jun. 2020.

FERREIRA, Marieta de Moraes. A reação republicana e a crise política dos anos 1920. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 11, p. 9-23, 1993.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. A Crise dos anos 20 e a Revolução de Trinta. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

GARCIA, Eugênio Vargas. *Entre América e Europa: a política externa brasileira na década de 1920*. Brasília: UNB; FUNAG, 2006.

GARCIA, Eugênio Vargas. *O Brasil e a Liga das Nações (1919-1926)*. Porto Alegre; Brasília: UFRGS; FUNAG, 2000.

HILL, Christopher. *The Changing Politics of Foreign Policy*. London: Palgrave Macmillan, 2003.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 17 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15040](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15040). Acesso em: 24 jun. 2020.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 18 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15060](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15060). Acesso em: 24 jun. 2020.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 19 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15084](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15084). Acesso em: 24 jun. 2020.

JORNAL DO COMMERCIO, Rio de Janeiro, 20 mar. 1926. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568\\_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15106](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=364568_11&pasta=ano%20192&pesq=&pagfis=15106). Acesso em: 24 jun. 2020.

LEAL, Carlos Eduardo. *Correio da Manhã*. In: ABREU, Alzira Alves de *et al.* (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/correio-da-manha>. Acesso em: 25 jul. 2019.

LEAL, Carlos Eduardo; SANDRONI, Cícero. *Jornal do Commercio*. In: ABREU, Alzira Alves de *et al.* (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2010. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/jornal-do-comercio>. Acesso em: 25 jul. 2019.

LUCA, Tânia Regina de. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: LUCA, Tania Regina; MARTINS, Ana Luiza. (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149-175.

LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza. Introdução. In: LUCA, Tania Regina de; MARTINS, Ana Luiza (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 7-19.

NAVEH, Chanan. The Role of the Media in Foreign Policy Decision-Making: A Theoretical Framework. *Conflict & Communication Online*, Berlin, v. 1, n. 2, p. 1-14, 2002.

PRESTES, Anita. *A Coluna Prestes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

SANTOS, Norma Breda dos. Diplomacia e Fiasco. Repensando a participação brasileira na Liga das Nações: elementos para uma nova interpretação. *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 1, n. 46, p. 87-112, 2003.

SANTOS, Norma Breda dos. Grand Days: noventa anos depois de o Brasil ter deixado Genebra, o que diz a historiografia sobre a participação brasileira na Liga das Nações (1920-1926)? *Cadernos de Política Exterior*, Brasília, v. 3, p. 195-220, 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Estrada Dr. Manoel Reis, n. 110, ap. 908, Bl. A, Centro, 26510-182, Nilópolis, RJ, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Elaborado a partir de reflexões e pesquisas iniciais da tese de doutoramento, iniciado em 2019, e que ainda se encontra em andamento no momento da publicação desse artigo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer ao meu orientador, Prof. Dr. Fernando Vale Castro, pelas preciosas orientações e observações feitas desde a graduação até o doutorado. Também agradeço a toda a equipe da revista *Esboços* pelo carinho e atenção no trato do presente artigo.

### FINANCIAMENTO

Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através do Programa de Excelência Acadêmica (PROEX), Processo nº. 88887.341402/2019-00.



## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Não houve conflito de interesses.

## **LICENÇA DE USO**

© Jônatan Coutinho da Silva de Oliveira. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 15 de outubro de 2020

Aprovado em: 26 de abril de 2021


Como citar: OLIVEIRA, Jônatan Coutinho da Silva de. Política externa e imprensa: a saída do Brasil da Liga das Nações (1926) pelos jornais *Correio da Manhã* e *Jornal do Commercio*. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 248-268, maio/ago. 2021.




## **“CHEGOU A HORA DE UCRANIZAR!”: USOS DO PASSADO E NACIONALISMO NAS MANIFESTAÇÕES PÚBLICAS EM DEFESA DE JAIR BOLSONARO**

“It’s time to Ukranize!”: uses of the past and nationalism in the public  
manifestations in defense of Jair Bolsonaro

**João Camilo Grazziotin Portal<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-2070-0998>  
E-mail: joacamilooo@gmail.com

**Lúcio Geller Júnior<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-8879-4877>  
E-mail: lucio.geller@gmail.com

<sup>a</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, RS, Brasil

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## RESUMO

O presente ensaio é uma tentativa de reflexão sobre os usos do passado da Ucrânia pós-soviética em benefício da crise sanitária, econômica, política e social do governo de Jair Bolsonaro, deflagrada pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19). A primeira parte apresenta uma discussão sobre as especificidades da memória pública da esquerda na Ucrânia, e defende que sua política contemporânea baseia-se em uma ideia de “reconquista” do passado “roubado” pela União Soviética (URSS), a cargo, sobretudo, da ascensão de políticos e movimentos de direita. A segunda parte analisa uma confluência de manifestações discursivas públicas no Brasil que valem-se das experiências da última década na Ucrânia para legitimar a necessidade de uma história a ser “(re)construída”. Argumentamos que essa incitação à ação por parte da extrema-direita brasileira é baseada num diálogo entre memórias nacionais, e busca um “retorno” a uma colonização nacional pautada pelo cristianismo, branquitude, cisheteronormatividade, masculinidade, capacitismo e homogeneidade cultural, fatores esses que, supostamente, teriam sido “furtados” pelas políticas sociais progressistas das últimas décadas.

## PALAVRAS-CHAVE

Ucrânia. Usos do passado. Jair Bolsonaro.

## ABSTRACT

This article aims to reflect about the uses of the post-soviet Ukraine past in benefit of the sanitary, economic, political, and social crises of Jair Bolsonaro's administration, triggered by the COVID-19 pandemic. The first section presents a discussion about the public memory of the left-wing in Ukraine, and defends that its contemporary politics is based on an idea of “reconquering” the past “stolen” by the Soviet Union (USSR), responsible for, above all, the rise of right-wing politicians and movements. The second session analyzes a confluence of public discursive manifestations in Brazil that draw on the experiences of the last decade in Ukraine to legitimize the need for a history to be “(re)built”. We argue that this call to action by the Brazilian extreme right is based on a dialog between national memories and seeks a return to a national colonization guided by Christianity, whiteness, cis-heteronormativity, masculinity, capacitism, and cultural homogeneity. These factors, supposedly, had been “stolen” by the progressive social policies of the last decades.

## KEYWORDS

Ukraine. Uses of the past. Jair Bolsonaro.

**N**o dia 31 de maio de 2020, uma manifestação de apoiadores do presidente Jair Bolsonaro na Avenida Paulista, em São Paulo, chamou atenção não só pelas pautas que, entre outras, pediam a reabertura do comércio durante a pandemia do novo coronavírus e o fechamento do Congresso Nacional e do Supremo Tribunal Federal (STF), mas, em especial, pelo uso de um símbolo peculiar: a bandeira da Ucrânia. O estranhamento se deveu mais ainda pelo fato das bandeiras hasteadas em um carro de som pelos manifestantes não serem apenas as com as cores oficiais do país, amarelo e azul, mas também bandeiras rubro-negras. Essas últimas passaram a ser utilizadas pelo grupo Правий сектор, cuja transliteração é *Pravyi Sektor* (Setor Direito). Nascido como um movimento de extrema-direita paramilitar em novembro de 2013 durante as manifestações conhecidas como Euromaidan, o *Pravyi Sektor* tornou-se um partido político na Ucrânia em 2014.

Um dia antes, em Brasília, um grupo de pessoas marchou com máscaras brancas, roupas negras e tochas diante do STF, cuja sede foi alvo de disparos de fogos de artifício dias depois. Além da indumentária que rendeu comparações com organizações supremacistas, como a Ku Klux Klan, ou com os protestos de Charlottesville nos Estados Unidos, os manifestantes carregavam uma faixa escrito “300”. Embora contassem com um número bem menor de integrantes, os autointitulados *300 do Brasil* foi um grupo que permaneceu acampado na Esplanada dos Ministérios até meados de junho, promovendo atos públicos com pautas análogas às anteriormente citadas. Em entrevista ao repórter Ricardo Senra (2020), da BBC, a porta-voz dos 300, Sara Winter, codinome de Sara Giromini (Democratas, DEM), disse que seu objetivo era garantir a “governabilidade” do presidente, pois os outros poderes, supostamente, trabalhavam para “impedir Bolsonaro de governar para que não seja reeleito” (SENRA, 2020).

Em relação ao nome do grupo, Desire Queiroz, outra representante dos 300, disse à Agência Pública (DIP; FRANZEN, 28 maio 2020) que a inspiração veio do filme homônimo de Zack Snyder (300, 2006); adaptação da história em quadrinhos de Frank Miller e Lynn Varley de 1998. O filme mostra a luta de um exército de 300 espartanos, liderados pelo Rei Leónidas, contra a investida de 30 mil persas, liderados pelo imperador Xerxes I. Nas palavras de Queiroz: “A gente teve a ideia justamente pela luta”. Antes de se instalarem em Brasília, Winter tuitou a seguinte frase na sua conta do Twitter, no dia 20 de abril: “Fui treinada na Ucrânia e digo: chegou a hora de ucranizar! #FechadosComBolsonaro”.<sup>1</sup> Oito dias depois, o deputado federal governista do Rio de Janeiro, Daniel Silveira (Partido Social Liberal, PSL), tuitou algo semelhante: “Está na hora de Ucranizar o Brasil! Quem sabe o que foi feito por lá, entenderá. #EuApoioBolsonaro”.<sup>2</sup>

Cabe ressaltar que, até aquele final de maio, a pandemia de Covid-19, declarada pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 11 março, já havia provocado a morte de 27.944 brasileiros, tornando o Brasil o segundo país no mundo em casos confirmados, atrás apenas dos EUA.<sup>3</sup> Contudo, o presidente adotou uma postura

---

<sup>1</sup> O perfil foi suspenso tanto pela plataforma quanto pelo STF. Todavia, o *tweet* se encontra citado por exemplo em Paduan (2020).

<sup>2</sup> A conta do Twitter foi retirada devido a uma ordem legal brasileira. O presente *tweet* foi citado por diversos jornais, dentre os quais ressaltamos Alessi e Hofmesiter (2020).

<sup>3</sup> Os números de óbitos e casos confirmados de Covid-19 no Brasil foram retirados dos levantamentos diários do consórcio de veículos de imprensa (G1, O Globo, Extra, O Estado de São Paulo, Folha de São

negacionista e contrária às recomendações do próprio Ministério da Saúde à época. Em um pronunciamento nacional, ainda em 24 de março, Bolsonaro proferiu uma fala heroica e com forte apelo à masculinidade, dizendo, ironicamente, que: “No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar. Nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho” (BRASIL, 2020). Tal discurso persistiu, e ainda persiste, mesmo após ele próprio ter sido “acometido” em 21 de julho e o país contabilizar 143.886 mil óbitos até o final do mês de setembro. Essa afirmação de virilidade heroica, todavia, insuflou uma série de manifestações entre seus apoiadores, como as já mencionadas, a partir do momento em que as esferas municipais e estaduais, acompanhadas pelos poderes legislativo e judiciário federal, começaram a entrar em “atrito” com a postura de Bolsonaro em relação à situação de calamidade pública no país.

O mais peculiar, à primeira vista, parece ser essa referência ao país do leste europeu que tais grupos ecoaram. Qual seria o sentido de “ucranizar o Brasil”? Como isso veio parar aqui, alguém pode perguntar. Entretanto, que este estranhamento, no seu verso, não induza à “naturalização” dessa outra narrativa de caráter bélico, igualmente assombrosa, que a ela se associa na forma de símbolos nacionais (brasileiros e ucranianos) e palavras de ordem referentes a uma suposta experiência que se deseja aplicar à realidade brasileira. Nesse sentido, acreditamos ser instrutivo analisar esses usos do passado da Ucrânia pós-soviética em benefício da crise sanitária, econômica, política e social do governo de Jair Bolsonaro. O ensaio encontra-se estruturado em duas partes. A primeira apresenta uma discussão sobre as especificidades da memória pública da esquerda na Ucrânia e defende que sua política contemporânea baseia-se em uma ideia de “reconquista” do passado “roubado” pela União Soviética (URSS), a cargo, sobretudo, da ascensão de políticos e movimentos de direita.<sup>4</sup> Essa perspectiva relacional de uma memória nacional em circulação nos leva à segunda parte do artigo, em que recuperamos essa confluência de manifestações discursivas no Brasil que valem-se das experiências da última década na Ucrânia para legitimar a necessidade de uma história a ser “(re)construída”. A partir de determinada forma de historicidade e mobilização política, que consideramos como um indício da globalização das memórias (ROTHBERG, 2009; ASSMANN; CONRAD, 2010), argumentamos que essa incitação à ação busca um “retorno” a uma colonização nacional pautada pela branquitude e homogeneidade cultural.

## O PASSADO UCRANIANO EM DISPUTA

A Ucrânia anunciou sua saída da URSS em 1991. De início, as antigas elites políticas mantiveram-se no poder, como foi o caso do primeiro presidente eleito, Leonid Kravchuk, proeminente quadro do Comitê Central do Partido Comunista da Ucrânia desde 1980. Não obstante, embora a URSS tenha se esfacelado somente após o desmembramento de suas 15 repúblicas, a queda do Muro de Berlim, em 1989, se tornaria a expressão simbólica, sobretudo no Ocidente, da falência dos

---

*Paulo e UOL*) em resposta à decisão do governo federal de restringir o acesso a estes dados em junho.

<sup>4</sup> Teremos certo cuidado com o uso dos termos *direita* ou *extrema-direita* no singular, pois os compreendemos como grupos diversos com motivações em comum, que ultrapassam limites político-partidários.



regimes socialistas. Os efeitos disruptivos desse *evento* foram encarados por distintos observadores como marcas de uma “transição”: uma mudança radical de paradigmas e paisagens intelectuais e políticas (TRAVERSO, 2018); de narrativas da própria história do século XX (BAQUERO, 2020); e, em última instância, de experiências de tempo (HARTOG, 2013). Nesse sentido, para Enzo Traverso (2018, p. 31, grifos nossos), a queda do Muro não simbolizou o simples reaparecimento da antiga retórica anticomunista, mas uma “transição na qual *velhas e novas* formas emergiram juntas”.

As primeiras estiveram em consonância com um modelo de liberalismo, à la 1789, com um apreço único por “liberdade” e “representação”; enquanto as segundas assentaram-se nos pilares do neoliberalismo: “mercado” e “concorrência”. Ao mesmo tempo, nasciam sociedades obcecadas pelo passado, na medida em que eram erigidos inúmeros museus e instituições para “resgatar o passado nacional sequestrado pelo comunismo soviético” (TRAVERSO, 2018, p. 33). Na Ucrânia, segundo Andriy Portnov (2013, p. 238), a construção de uma identidade pós-soviética para reforçar sua legitimidade e, ao mesmo tempo, evitar conflitos étnicos, linguísticos e religiosos, foi a prioridade das políticas dos primeiros anos. Enquanto aforismo dessa temporalidade, a época pós-soviética foi retratada em uma paisagem que contou tanto com estátuas de Lênin sendo removidas de espaços públicos, avenidas e praças mudando de nome, como a renomeação da Praça da Revolução de Outubro, em Kiev, que passou a se chamar Praça da Independência (epicentro do Euromaidan), enquanto Tchaikovskys, Tolstois e outros talentosos russos não comunistas permaneceram na monumentalidade da vida cotidiana (PORTNOV, 2013, p. 236).

Para explicar a emergência dessa transição, convém recuar alguns anos e revisitar o chamado *Historikerstreit*, o grande debate historiográfico sobre o passado alemão deflagrado após a controversa visita do Presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, ao cemitério de Bitburg, onde jaziam oficiais nazistas, em 1985. O pontapé inicial do debate foi dado pelo historiador Ernst Nolte no artigo *O passado que não quer passar* (1988), em que argumentou, *grosso modo*, que o comunismo havia sido a primeira forma de totalitarismo da Europa, sendo o fascismo tão-somente a sua reação natural, nefasto apenas pelo aperfeiçoamento dos métodos de extermínio. Em resposta, o filósofo Jürgen Habermas em *Um tipo de liquidação de danos* (1988), criticou a postura de Nolte, que teria reduzido as singularidades do nazismo a um confronto entre ideologias políticas, sendo o comunismo uma fonte de destruição “original”. Na esteira dos acontecimentos de 1988-1989, o debate sobre o comunismo soviético tomou uma dimensão global.

Após a “queda”, o comunismo perdeu seu *status* de teoria econômica, social e filosófica ante uma narrativa que subsumia a história da revolução na categoria de totalitarismo, o que tornou opacas suas fronteiras com o fascismo, reduzindo as heterogeneidades da experiência soviética a uma extensão daquele. Embora a representação da URSS como tendo sido totalitária do início ao fim fora uma constante durante a Guerra Fria, houve uma “virada” no fim do século XX. O conceito de totalitarismo, à maneira de Hannah Arendt (2012, p. 415-433), para analisar a “segunda revolução” sob Josef Stalin e o Terceiro Reich de Adolf Hitler, foi transformado em método de comparação por oposição ao modelo democrático ocidental (NOVIKOVA, 2007, p.72). Aliada à fórmula cunhada por Nolte, segundo Rafael Baquero (2020, p. 56), a narrativa do comunismo como símbolo da opressão consolida-se numa época em que a ordem política e social da economia de mercado parece não ter



opponentes. Assim, ao mesmo passo em que o passado “não quer passar”, parece não haver “horizontes possíveis” fora do capitalismo; logo, as experiências de tempo são dominadas pelo “ponto de vista do presente” que organiza os seus “usos do passado” (RUFER, 2009, p. 114).

Convém lembrar que o marxismo, enquanto filosofia da história, foi um dos maiores movimentos de massa do século XX, servindo como inspiração para lutas anticoloniais, insurreições populares e amparando, desde o século XIX, o desenvolvimento das organizações trabalhistas. A URSS se desenvolveu a partir de uma consciência proletária da revolução bolchevique, estimulando uma igualdade entre as classes e lutando contra o czarismo. Todavia, enquanto um movimento político territorial, e não apenas de classe, diversos países viram-se subjugados ao Estado socialista, visão essa que se acentuou a partir de 1989 com a independência das repúblicas. Um dos pontos mais fervorosos dessas disputas em torno do passado foi, e continua sendo, a memória do término da Segunda Guerra Mundial em maio de 1945. Enquanto no Ocidente se comemora a rendição do Terceiro Reich, na Europa Oriental o triunfo da “Grande Guerra Patriótica” foi o cálculo geopolítico necessário para a URSS ingressar no “clube das grandes potências” e legitimar-se na nova ordem mundial pós-guerra (ZHURZHENKO, 2015).

Porém, aos olhos dos países ocupados pelo Exército Vermelho, o fim do “pesadelo nazista”, segundo Traverso (2018, p. 59), “coincidiu com o começo da longa noite de hibernação soviética que separou a Europa Central do Ocidente: sua verdadeira ‘liberação’ só veio em 1989”. Tatiana Zhurzhenko (2007) definiu esse processo como “do triunfo ao trauma”, de modo à narrativa da vitória soviética ter sido substituída pelos traumas territoriais das diversas nações que passaram a reivindicar a categoria de “vítimas”. A lembrança do Holocausto no Ocidente, a partir da década de 1980, foi, certamente, o catalisador dessa categoria para a recordação de outras violências e crimes em massa. A adoção retroativa do termo *genocídio* é um exemplo dessas reivindicações através de políticas de memória. Em novembro de 2006, o Parlamento ucraniano reconheceu o *Holodomor*, a grande fome que, parcialmente como resultado do programa de coletivização de fazendas por Stalin, matou milhões em 1932-1933, como um “genocídio do povo ucraniano” (UCRÂNIA, 28 nov. 2006, tradução nossa). Em outubro de 2008, o Parlamento Europeu (UNIÃO EUROPEIA, 23 out. 2008) aprovou uma resolução sobre a sua comemoração, tendo em conta a lei ucraniana, o que tornou seu septuagésimo quinto aniversário o principal evento no calendário do presidente Viktor Yushchenko.

No entanto, ainda que sirva de modelo, existe uma relação paradoxal com o Holocausto no leste europeu. Se de um lado foi nessa região que a grande maioria de suas vítimas viveu, onde os nazistas criaram inúmeros guetos e campos de concentração, com a colaboração de vários governos locais, do outro, o Holocausto pode aparecer como um “concorrente” desses outros sofrimentos perpetrados pelo comunismo (TRAVERSO, 2018, p. 60). Apresentando-se como nações vítimas, mesmo que diversos povos não-russos das repúblicas soviéticas houvessem participado da construção do socialismo soviético, os antigos *ideais* de esquerda tornaram-se agentes do totalitarismo, ao passo que os que lutaram ao lado dos nacionalistas de direita se converteram em “vítimas do comunismo” (GHODSEE, 2017, p. 150). Nacionalmente, é a partir dessa problemática que podemos interpretar o caso das intensas disputas pela “reabilitação” dos combatentes do Exército Insurgente Ucraniano como veteranos da Segunda Guerra Mundial. Convém

lembrar que os insurgentes foram responsáveis pelos massacres de poloneses na Volínia e na Galiza, ocupadas pelos alemães em 1943, fato pelo qual o grupo foi acusado de genocídio no sexagésimo aniversário desses eventos na Polônia. Porém, Yushchenko, à época, buscou uma política de “reconciliação” entre esses dois polos, o que o levou ao ponto de conceder ao líder dos insurgentes, Stepan Bandera, o título de “Herói da Ucrânia” em 2010, decisão que acabou posteriormente revogada pela justiça (PORTNOV, 2013, p. 240-247).

Há, certamente, um pluralismo de memórias fragmentadas sobre um vale de lágrimas, como bem mostra essa controvérsia entre poloneses e ucranianos. Entretanto, até agora, como observa Traverso (2018, p. 62), existe apenas a tendência de “tirar lições da história”, mas não em “abrir espaços fecundos de coexistência para além de identidades nacionais e culturais fechadas”. Tais disputas em torno do passado soviético se expressaram de maneira mais violenta a partir de 2013, durante o Euromaidan (associação entre as palavras “Europa” e “Maidan”, como é comumente chamada a Praça da Independência de Kiev), impulsionado pela crise financeira de 2008 e pela complicada posição da Ucrânia entre a Rússia e a União Européia (UE). O momento também assistiu à ascensão de diversos grupos no país, dos mais moderados até os mais próximos à extremidade direita do espectro político, como o já mencionado *Pravyi Sektor*.

A decisão do sucessor de Yushchenko, Viktor Yanukovytch, de declinar a proposta de uma maior integração com a UE, em benefício de acordos com a Rússia, levou milhares de pessoas às ruas de Kiev e à formação de grupos paramilitares radicais. Em pouco tempo, o país tornou-se palco de sangrentos combates entre as forças de segurança e os manifestantes, deixando um rastro de mortos e feridos. Por meio desse combate armado em torno do futuro nacional, o *Pravyi Sektor* hasteou a sua bandeira rubro-negra, símbolo dos insurgentes de Bandera. O evento culminou na queda de Yanukovytch e na vitória do bilionário empresário de direita Petro Poroshenko em 2014.<sup>5</sup> Em contrapartida, no leste do país, fronteira com a Rússia, se instaurou um conflito, ainda em aberto, no entorno da separação da região de maioria russa da Ucrânia. O conflito tornou-se uma reencarnação da “Grande Guerra Patriótica” a partir da entrada do país vizinho, que, pelo seu ponto de vista, segundo Zhurzhenko (2015), reabilitou sua “missão histórica” de impedir o retorno do fascismo, “reencarnado” na nova liderança de Kiev.

Em 2015, o governo Poroshenko, por sua vez, passou a promover uma intensa política de “descomunização” do país, a que podemos citar a interdição do Partido Comunista Ucraniano, sob a alegação de que ele promovia um movimento separatista, tal como a retirada de todos os vestígios simbólicos do período soviético e a renomeação de espaços públicos (GHODSEE, 2017, p. 150). Mas a consolidação dessas políticas de memória viria com o estatuto de 2015, que equiparou criminalmente o nazismo e o comunismo. Intitulada “Sobre a condenação dos regimes totalitários comunistas e nacional-socialistas (nazistas) na Ucrânia e a proibição da propaganda de seus símbolos”, ressaltamos um trecho do §2 do artigo 1º, que dá base jurídica para prisão de até cinco anos para “a negação pública, em particular através da mídia, da natureza criminosa do regime totalitário comunista de 1917-1991 na Ucrânia” (UCRÂNIA, 9

---

<sup>5</sup> O *Pravyi Sektor* elegeu um parlamentar no distrito 39 de Dnipropetrovsk, o membro fundador Dmytro Yarosh, com 29,76% dos votos. Ver: Central Election Commission (2014).

abr. 2015, tradução nossa). Da mesma forma, sublinhamos o §4, que proíbe e dá um caráter criminal a bandeiras da URSS, hinos de qualquer república autônoma, qualquer outro símbolo soviético, além da foice e do martelo, e, inclusive, citações de pessoas que ocuparam cargos de liderança em órgãos soviéticos. Ironicamente, a Comissão Europeia para a Democracia e a Oficina de Instituições Democráticas e Direitos Humanos (OSCE/ODIHR) emitiram uma nota de preocupação em relação a essa postura, “vagamente definida” e não “condizente” com uma “democracia europeia” (OSCE, 2015).

O Euromaidan, portanto, não foi apenas uma crise das relações exteriores, mas, igualmente, um intenso conflito, no sentido físico do termo, em torno do passado nacional, bem como uma evidente oposição em torno do passado soviético, visto como perpetuador de uma memória artificial, que impediria a Ucrânia de tornar-se uma nação independente. Zhurzhenko (2019), em seus estudos a respeito da territorialidade ucraniana contemporânea, chama atenção para as políticas de fronteiras no espaço pós-soviético a partir da implosão de 1989, na medida em que a queda da maior potência euro-asiática cedeu lugar a diferentes estruturas geopolíticas entre a UE e a Ásia. Para os novos estados independentes, segundo Zhurzhenko (2019, p. 43), as fronteiras, atributos da soberania nacional, além de exercerem uma ligação simbólica entre a nação e o seu território, tornaram-se elementos cruciais da segurança nacional à época do estopim dos conflitos com a Rússia. Lembramos aqui dos estudos de Michel Foucault (1979) sobre a territorialidade, nos quais o autor a compreendia a partir de uma lógica de controle das fronteiras externas e internas, através de uma “domesticação” dos poderes e dos corpos, o que vai ao encontro dessa mobilização de memórias para a construção de identidades “fechadas”.

No caso da Ucrânia, há uma complexa relação de controle e expulsão de um passado ingrato. Nesses embates, observamos uma relação de oposição e contraste, na qual a nação só aparece como “livre” na medida em que “expurga” o passado soviético, visto como um fardo. Tal disputa simbólica em torno da temporalidade pós-soviética tornou-se particularmente latente depois do Euromaidan. Portanto, essa grande “descoberta” nacional é criada a partir de uma violência simbólica e física, por uma nação que condensa uma pluralidade de memórias entremeadas. A problemática central está no fato de que a criminalização do passado soviético foi acompanhada, como balança contrapositiva, a partir de discursos abertamente conservadores e reacionários. Fosse vingativa ou ultranacionalista, foi a partir dessa temporalidade em aberto que os ucranianos lutaram contra a decisão de Yanukovytsch de manter-se próximo do antigo centro da narrativa monumental do comunismo. O governo russo, por sua vez, não deixou de mobilizar a memória triunfal da guerra para, mais uma vez, “salvar” a Europa. Assim, como bem disse Traverso (2018, p. 64-65): “os fantasmas que rondam a Europa hoje não são as revoluções do futuro, mas as revoluções fracassadas do passado”.

Nesse sentido, o que podemos apreender do Euromaidan é um grande movimento de ruptura política, a partir de uma luta armada nacionalista que construiu-se por meio de uma plataforma de ódio ao passado comunista soviético. Muito embora não possamos afirmar que o evento foi unicamente extremista, podemos afirmar que, enquanto janela de significado em meio à crise política ucraniana, o momento permitiu o surgimento visível de fenômenos de extrema-direita de maneira mais nítida no tecido social. Foi a partir desse passado “roubado”, portanto, que movimentos como o *Pravyi Sektor* se inspiraram, preenchendo sua historicidade presente a partir



de uma mobilização identitária do passado nacional. Mão a mão e armas a punho, tais movimentos, pragmáticos, viram-se reconquistando o passado perdido, num aforismo heroico e patriótico em defesa da nação ucraniana, que, por sua vez, encontrava-se novamente em perigo pela geopolítica euro-asiática da potência russa.

## O FUTURO DO PASSADO BRASILEIRO

A década de 2010, sobretudo após a reeleição da presidente Dilma Rousseff (Partido dos Trabalhadores, PT) em 2014, contou com a emergência de um significativo avanço político da direita no Brasil, fenômeno que levou inúmeros intelectuais a postularem a ideia da formação de uma “nova direita”. Contudo, tal noção não deve induzir à suposição de que em algum momento a direita esteve “ausente”, readquirindo fôlego apenas durante as manifestações *pró-impeachment* em 2015. Embora os governos petistas, ao longo dos anos, tenham acomodado grandes parcelas da classe política brasileira dentro do governo, ocupada em manter suas benesses, isso não evitou a ocorrência de constantes embates com os ocupantes do poder. Não obstante, outras figuras, como o Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB), derrotado em quatro eleições consecutivas de dois turnos pelos presidenciáveis petistas Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff (2002, 2006, 2010 e 2014), além de grupos próximos à extrema direita, permaneceram na oposição ao governo. Portanto, ao contrário de um “retorno” do que antes estava “ausente”, o que se assiste nos últimos anos é, segundo Luis Felipe Miguel (2018, p. 17), uma “reemergência” de grupos com discursos abertamente conservadores ou reacionários, que manifestam um ódio explícito a minorias, movimentos sociais, sexualidades “outras” e compreensões mais inclusivas de sociedade.

Esse novo *modus operandi* de ação político-ideológica, como afirma Flávio Casimiro (2018, p. 41), decorre assim, justamente, da “presença” destes discursos a partir da reorganização das classes dominantes em meados da década de 1980, e que se radicalizaram nos últimos anos. Em 1989, os brasileiros foram às urnas para a primeira eleição presidencial, com voto direto, depois de 24 anos de regime militar. Havia 23 candidatos, entre os quais estavam os líderes dos principais partidos políticos à época. A eleição necessitou de dois turnos, levando o então governador do Estado de Alagoas Fernando Collor de Mello (Partido da Reconstrução Nacional, PRN) e o líder sindical, deputado federal de São Paulo e futuro presidente, Lula, ao embate final. No último debate, televisionado por um grupo de emissoras em 14 de dezembro, Collor de Mello, que venceu o pleito, concluiu com as seguintes palavras: “no dia 17 vamos dar um basta definitivo à bagunça, à baderna, ao caos, à intolerância, à intransigência, ao *totalitarismo*, à *bandeira vermelha* [...] Vamos cantar o nosso hino nacional e não a Internacional Socialista” (DEBATE..., 1989). Embora o Brasil estivesse desembarcando não de um regime socialista, como os países da Europa meses antes, e sim de uma ditadura de “segurança nacional”, de “combate à subversão”, dentro da lógica da Guerra Fria (BAUER, 2019, p. 39), o que paira sobre esse discurso não é a velha retórica anticomunista, mas o vocabulário neoliberal que saiu triunfante do século XX (TRAVERSO, 2018).

Ainda em princípios da década de 1980, frações do liberalismo brasileiro começam a desenvolver novas estratégias de ação política e ideológica, que resultaram na formação de uma série de organizações, reunindo segmentos



variados do empresariado e do pensamento econômico nacional, “desde a influência monetarista da Escola de Chicago, o neoliberalismo austríaco ou mesmo vertentes mais fundamentalistas, como o libertarianismo” (CASIMIRO, 2018, p. 45). O termo “liberdade”, tão usado pelo liberalismo clássico, é, todavia, reduzido à “liberdade de mercado”, que se vê ameaçada pelas políticas públicas de um Estado encarado como “controlador”. Ao mesmo tempo, essa “liberdade” é colocada em oposição à “igualdade”, que, enquanto um ideal “caríssimo” à esquerda, torna-se uma ameaça. Feito lógica que equivale à oposição, o Estado impõe suas restrições e o mercado garante as “livres” transições (MIGUEL, 2018, p. 21). Contudo, esse universo de sentidos não se restringe à economia, momento em que outro segmento importante da direita, os fundamentalistas religiosos, surgem. Comumente conhecida como “bancada evangélica”, devido ao patrocínio das igrejas neopentecostais na eleição de seus pastores, o grupo é bem mais variado, contando, inclusive, com católicos conservadores leigos. Sua ligação com essa “liberdade” reside no reforço da autoridade patriarcal e da família tradicional cisheteronormativa em oposição a compreensões mais inclusivas. A noção de “ideologia de gênero”, no limite, foi construída como denúncia de uma suposta ameaça à família e à diferença entre os sexos, e mobilizou um “pânico moral” em torno dos medos e das fantasias da sociedade (FRANÇA, 2019, p. 46-47).

Há, portanto, uma confluência de grupos não homogêneos, mas que unem-se contra um “inimigo comum”. Soma-se a isso, nos últimos anos, uma versão repaginada da luta fervorosa contra os “comunistas”, palavra que engloba qualquer grupo que fira a moral sexual convencional, a estrutura patriarcal e as relações “livremente” estabelecidas pelo mercado. A partir dessa renovação, o “bolivarianismo” venezuelano na América Latina e os governos petistas no Brasil passaram a ser apresentados como a nova face do comunismo no século XXI, “gerando uma notável sobreposição entre anticomunismo e antipetismo” (MIGUEL, 2018, p. 22). Tais discursos encontraram espaço numa contraposição contínua aos consensos firmados em 1988 de respeito à democracia e aos direitos humanos e o compromisso com o combate à desigualdade social. A crítica sobre a defesa de tais princípios, muitas vezes, foi propalada a partir da vulgata “hoje em dia no Brasil há muitos direitos, e nenhum dever”. Sob tal ótica, a palavra “Estado”, não dissociada de “governo”, na forma das políticas sociais, afronta o discurso do empreendedorismo, que enxerga no mérito individual de qualquer categoria profissional o sucesso *a priori*. Podemos citar, por exemplo, a aprovação de cotas sociais e raciais nas universidades públicas, bem como a expansão da rede de ensino superior no país, que tornou o diploma não mais exclusivo às classes altas e médias (BRASIL, 2012), o que impactou negativamente na sua percepção pelas classes dominantes, que viram-se “roubadas”.

Essa frustração pela perda de uma “distinção simbólica” foi canalizada, em um primeiro momento, contra a corrupção, construindo uma narrativa da decadência moral dos governos petistas. Contudo, segundo Miguel (2018, p. 25), embora houve, sem dúvida, um autêntico revés com o governo pelo envolvimento em casos de corrupção, essa percepção foi associada ao preconceito de classe para constatar então “que a vantagem eleitoral do PT provinha das regiões mais pobres do país, em particular do Nordeste”. Tal questão singularizava o partido como de “pessoas sem caráter” e com eleitores também carentes de ética, que votavam em “ladrões” em troca de programas de melhoria de renda. Assim, as manifestações de 2015 permitiram a ampliação do “politicamente dizível” por uma fatia importante das classes médias que assumiu “de

forma clara seu desconforto com a redução da distância que a separava dos pobres” (MIGUEL, 2018, p. 26). Assim, com multidões muito heterogêneas, as principais ruas do país foram inundadas de cartazes, faixas e palavras de ordem em defesa da sagrada “liberdade” da família e do mercado, contra os “parasitas” do Estado e com um saudosismo que buscava qualquer recanto do passado para viver, desde que longe dos anos do petismo.

Em meio a essa efusão de discursos também se tornou nítida a voz daqueles que diziam que, para recuperar uma identidade nacional perdida e degradada pelas últimas duas décadas, era necessária uma “Intervenção militar já!”. Os que caminhavam, e continuam caminhando por essas vias, manifestam uma explícita apologia à intervenção militar de 1964. Esse chamado das Forças Armadas como restauradoras da ordem e pacificadoras da nação, não obstante, têm suas origens no próprio regime, que, segundo Caroline Bauer (2019, p. 40), buscou construir mecanismos de legitimidade, frente ao seu caráter autoritário através do uso de termos como “Revolução Democrática de 31 de março” ou “Revolução Brasileira”, em consonância com uma ideia de luta contra a opressão. Entre as figuras vinculadas ao regime, a produção de um discurso coeso e estável, com objetivos conciliatórios, muito em função da natureza hierárquica e obediente da instituição militar, fez dos membros das Forças Armadas uma espécie de “comunidade de memórias” (BAUER, 2018, 2019). Com uma retórica marcada por distorções e idealismos, essa comunidade “não necessariamente nega a ditadura, mas a justifica”, amparando-se em uma equiparação entre a violência do Estado e as ações das organizações guerrilheiras (BAUER, 2019, p. 41). Porém, ao passo em que não nega os acontecimentos, acaba produzindo “narrativas reabilitadoras do período” (BAUER, 2018, p. 199).

Entre as manifestações de junho de 2013, que demonstraram uma insatisfação da população, até os movimentos pelo *impeachment* de Dilma Rousseff, da reeleição em 2014 até sua efetiva destituição em 2016, demandas pelo retorno das Forças Armadas começaram a se disseminar mais explicitamente nos espaços públicos. A insatisfação, em muitos casos, acabou se convertendo em ódio, sob o signo do novo fantasma do comunismo petista, da decadência moral e da aversão à diversidade. A moral, portanto, deveria ser reconquistada pelas mãos daqueles que seriam capazes de “restaurá-la”. O presidente Jair Bolsonaro, à época deputado federal e reservista, foi, e continua sendo, uma dessas vozes. Antes visto como uma figura isolada, Bolsonaro conseguiu aproveitar esse estado de ânimos como capital político e converter sobre si esse sentimento de reconquista e de restabelecimento da ordem no país.

Em 17 de abril de 2016, na sessão da Câmara dos Deputados que aprovou o prosseguimento do processo contra Dilma, Bolsonaro proclamou seu voto nos seguintes termos: “Perderam em 1964 e perdem agora em 2016. Pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o terror de Dilma Rousseff, pelo Brasil acima de tudo e Deus acima de todos, meu voto é sim” (*apud* BAUER, 2018, p. 200). Brilhante Ustra, a quem o deputado dedicou seu voto, foi comandante do Destacamento de Operações de Informação – Centro de Operações de Defesa Interna (DOI-CODI) do II Exército em São Paulo entre 1970 e 1974, sendo declarado “torturador” pela Justiça, em procedimentos contra, inclusive, a presidente. Embora tenha recebido uma representação no Conselho de Ética por quebra de decoro parlamentar, o deputado não foi sancionado, prevalecendo o entendimento de que ele “apenas” proferiu sua opinião — que, como analisou Bauer (2018, p. 200-201), buscou dar “legitimidade para a ditadura”.

Nascido em uma região de conflito entre as Forças Armadas e as guerrilhas no interior de São Paulo, Bolsonaro serviu ao exército entre 1973 e 1988 até ingressar na política, primeiro como vereador da cidade do Rio de Janeiro e, mais tarde, como deputado federal. A frase, “Brasil acima de tudo e Deus acima de todos”, que havia dito naquela ocasião em 2016, se tornou seu *slogan* para a campanha presidencial de 2018, constituindo uma narrativa de comprometimento com um retorno dos valores morais tradicionais do povo brasileiro. O êxito de Bolsonaro em uma eleição com 13 candidatos à Presidência, o maior número de candidaturas desde 1989, combinou dois elementos:

[...] identificações pelo *ódio* e pela *personificação* das Forças Armadas, que no Brasil têm um prestígio que não é visto em nenhum outro país do Cone Sul [...] [Ligado] às estratégias de legitimação da ditadura, à forma como se deu a transição para a democracia e a uma imagem histórica das Forças Armadas identificadas com a ordem e com a ideia do próprio Brasil [...] [E a] *frustração* com os políticos e com a política e as soluções extremas para resolver a violência e a corrupção [que] mobilizaram os apoiantes de Bolsonaro, que personifica as Forças Armadas e encarna a força, a saúde, o poder e a essência do guerreiro, ligada à virilidade (BAUER, 2019, p. 44-45, tradução e grifos nossos).

A historiadora, que analisou as manifestações públicas de Bolsonaro em relação à ditadura ainda quando ele era deputado, argumenta que seu governo

[...] defende que é necessário recuperar o sentimento de *unidade*, *continuidade* e *coerência* que foi “fragilizado” com o reconhecimento da diversidade que existe no Brasil. Daí o apelo ao nacionalismo e ao patriotismo por meio das Forças Armadas e de Bolsonaro como figura leal à nação, utilizando o *essencialismo* para definir o que é ser brasileiro. O retorno à ditadura no presente se dá, em parte, por uma busca de orientação no passado, mas não no passado real, mas em um passado que nunca existiu. A ditadura é narrada como uma *utopia* que melhoraria a economia e a segurança porque, segundo eles, a ditadura foi bem-sucedida nesses aspectos (BAUER, 2019, p. 48, tradução e grifos nossos).

Nessa altura, parece ter se evidenciado, em grande medida, a relação que os vários grupos da direita, especialmente os radicais no entorno de Bolsonaro, estabelecem com o passado brasileiro. Como insistimos, de lá pra cá, os saudosismos que bradam, em síntese, “Quero meu país de volta!”, recorrem a passados de “Brasis” muito diferentes, desde a volta dos monarcas ou dos generais, até um novo mapa, conflagrado por movimentos separatistas sulistas. Contudo, essas manifestações não devem ser vistas como um simples anedotário, muito menos subestimadas em sua capacidade de mobilização político-ideológico. Afinal, a gestão de Bolsonaro, pelo menos até o segundo semestre de 2020, em decorrência da crise ocasionada pela pandemia de Covid-19, já superou, em muito, a sua fala em uma conhecida entrevista ao programa *Câmara Aberta*, do canal Bandeirantes, em maio de 1999, quando disse

que os problemas do Brasil só seriam resolvidos com “uma guerra civil que matasse uns 30 mil”.<sup>6</sup> Desse modo, defendemos que não é à toa, muito menos sem importância, que certos setores da direita passaram a reivindicar os conflitos políticos e sociais deflagrados na Ucrânia em 2013.

A primeira questão, certamente, é de que este movimento não estaria vinculado a um passado propriamente brasileiro, como a ditadura, por exemplo. Entretanto, nem por isso os que clamam pela “ucranização” do Brasil estariam menos relacionados a uma busca de “orientação no passado”, como defende Bauer (2019). Acreditamos, isso sim, que a menção ao país do leste europeu como palavra de ordem e o uso de símbolos de grupos radicais, como do *Pravyi Sektor*, em manifestações públicas em defesa de Bolsonaro, são um sinal da globalização das disputas da memória no século XXI (ROTHBERG, 2009), bem como um diálogo entre nacionalismos de reconquista a nível internacional. Não obstante, o Euromaidan, que levou à queda de um presidente que passou a ser identificado como o espectro da velha geopolítica soviética, é reivindicado como inspiração, através do braço armado de “reconquista” de um nacionalismo original e homogêneo. Em outras palavras, a busca por aquele “passado que nunca existiu” continua presente, porém, operando por outros meios para, como os conservadores ucranianos, reabilitar um ideal de nação.

Em contraste, no Brasil, os oponentes não estariam entre o chefe de Estado e seus subordinados, afinal, entre os “ucranizadores” Bolsonaro também é associado à figura de “leal à nação”. No caso brasileiro, os que impediriam a recuperação de uma ideia de unidade nacional, creditada aos compromissos do presidente, residem em outras esferas do poder, notadamente o legislativo e o judiciário, estendendo-se entre as entidades estaduais e municipais. A identificação destes como inimigos do poder executivo são utilizados em benefício da crise sanitária, econômica, política e social do governo. Naquele mesmo pronunciamento de 24 de março, em que o presidente categorizou o vírus como uma “gripezinha”, mesmo quando este já havia ultrapassado os 17 mil mortos pelo mundo, poucas semanas após a declaração de pandemia, ele também afirmou que: “Algumas poucas autoridades estaduais e municipais devem abandonar o conceito de terra arrasada, a proibição de transporte, o fechamento de comércio e o confinamento em massa” (BRASIL, 2020). Assim, além do apelo à virilidade, assentada na ideia de que, como na guerra, deve-se enfrentar o inimigo de frente, Bolsonaro adotou uma postura de desconfiança em relação à própria doença e seus efeitos. Como se pode observar nas suas palavras, o “conceito de terra arrasada” estaria associado à certa feminilidade e, em última instância, a uma vulnerabilidade nacional.

O presidente buscou não defender o uso do isolamento social, muito menos aplicá-lo de maneira mais rigorosa na prática. Ao contrário de outros líderes de direita, dos quais Bolsonaro até mesmo buscava construir uma identificação político-ideológica, como o primeiro-ministro húngaro Viktor Orbán e o israelense Benjamin Netanyahu, que se valeram da necessidade do isolamento para o fortalecimento de sua autoridade, a fórmula brasileira seguiu no sentido oposto. Para Francisco Ortega e Michael Orsini (2020), nesses e em outros casos, a pandemia foi o catalisador de intensas disputas políticas; mas, ao contrário daqueles que se utilizaram da ciência

---

<sup>6</sup> O vídeo não existe mais no canal oficial da Band, mas foi replicado por outros canais independentes. O Acervo do jornal *O Globo* resgatou as polêmicas falas de Bolsonaro (HÁ 20 ANOS..., 25 maio 2019).



para abordagens mais punitivas, Bolsonaro preferiu não “ser representado como uma ameaça às liberdades civis”. Aqui, mais uma vez, nos parece emergir uma confluência de narrativas de virilidade e “liberdade” que se representam através da figura do ex-militar.

Aqueles que desfilaram com bandeiras do *Pravyi Sektor* na Avenida Paulista, bem como os que acamparam em Brasília, pediam pelo fechamento das portas dos demais poderes da República e pela reabertura dos setores de serviços, públicos e privados, em especial o comércio. A dicotomia dessa narrativa, que coloca as tentativas de contenção do vírus contra “os sustentos das famílias”, como disse Bolsonaro (BRASIL, 2020), encontra eco naquele difuso e heterogêneo vocabulário neoliberal de “liberdade”. O Estado, por definição, não poderia se elevar contra o espaço das “livres e justas” relações de troca do mercado, envoltas na forma dos valores morais de proteção da entidade familiar. Como é criada uma ideia de que algo corre o risco de ser corrompido e, portanto, deve ser arduamente conservado, os “inimigos” associam-se e multiplicam-se, passando pelo recorrente “medo vermelho” até, circunstancialmente, toda a capilaridade das demais esferas estatais. Contudo, como advertem Ortega e Orsini (2020), a contraposição, sobretudo do legislativo, ao discurso do presidente, assenta-se no seu caráter autoritário, mas que é tolerado enquanto as políticas econômicas neoliberais permanecem em vigor. Por último, há uma postura negacionista sobre questões perturbadoras, como a letalidade do vírus, mas que não são simplesmente negadas, na medida em que esse discurso propaga a desinformação, com vestimentas de verdade, se tornando uma confusa porém complexa *fake news*.

Esse “ceticismo”, mesmo em relação a demandas sanitárias emergenciais, que exigiram ações coordenadas com o conhecimento científico acadêmico, não se dá pela simples negação de realidade empírica. Segundo Arthur Ávila (2019, grifos nossos), tal “ceticismo” está ancorado em um desejo *objetivista* de serem considerados, do contrário, como os verdadeiros “realistas”. Através das noções de “liberdade” e proteção dos valores morais, que não estão abertos a qualquer discussão ou revisão crítica, pois são considerados “naturais” e “inequívocos”, a realidade se encerra em categorias estanques. Por outro lado, o otimismo em relação ao Iluminismo, isto é, a ideia de que a libertação das “sombras” destes obscurantistas viria através da razão, esbarra no fato de que, como afirma Dipesh Chakrabarty (2013, p. 13), o papel da política nas sociedades modernas nunca foi “baseada apenas na razão”. Assim, enquanto as demandas projetadas pela ciência sobre crises de energia e abastecimento, os efeitos do aquecimento global e, certamente, a propagação de doenças infecciosas exigem dos governos planejamentos para as próximas décadas, a política configura-se através de prazos bem menores e individualizados, como o tempo de uma reeleição (CHAKRABARTY, 2013, p. 13-14).

A circunscrição dessa temporalidade política do imediato também pode ser observada em manifestações da narrativa “ucranizadora”, como em um artigo do portal de direita *Vida Destra*. Essa revista eletrônica, segundo seu editorial, formada por “pensadores” de direita que defendem a meritocracia, os valores cristãos e a família, publicou em 23 de abril o texto *O dever de ucranizar. Ou porque a desobediência civil é a única resposta que líderes inadequados devem receber* (2020), em que o autor assina apenas como “Vieira”. O autor busca expressar a sua desconfiança em relação às medidas de contenção do vírus que, supostamente, teriam culminado “na estranha e uníssonas confluência com as recomendações de organizações globais”,

como retorno a uma espécie de Internacional Comunista da OMS. A partir de um artigo de Olavo de Carvalho, intitulado *O Estado e a razão* (2015), Vieira discorre sobre o aumento do poder coercitivo do Estado sobre a sociedade, que, com a “justificativa” da pandemia, estaria se apoiando em entidades supranacionais, como a OMS, para “dar uma roupagem científica às decisões e recomendações” para criação de uma “estrutura de repressão e punição”, com “faces totalitárias” (VIEIRA, 2020). A referência, que se encontra publicada no site oficial de Olavo de Carvalho em 11 de julho de 2015, tece um comentário sobre um suposto caráter invasivo que o Estado brasileiro adquiriu nos anos de governança do PT. Nele, Carvalho concebe essa visão de um Estado que não é apenas legitimado pela ciência, mas que, supostamente, é “a encarnação suprema da Razão” (2015). Logo, a partir desse “monopólio estatal da razão”, as ações políticas para “desmascarar” sua “onipotência” deveriam ser feitas fora dos limites desta entidade (CARVALHO, 2015).

Por último, Vieira aponta que o exemplo de ação política a ser seguido é o Euromaidan. Definido como “o protesto do povo ucraniano” contra “a trama eurásiana patrocinada pela Rússia”, que “levou à renúncia do presidente”, a narrativa bélica é assumida quando o autor afirma que “não imaginamos estar em uma situação tão extrema a ponto de sacrificar vidas, mas devemos pensar que tomar atitudes agora pode evitar um derramamento de sangue no futuro” (VIEIRA, 2020). Ele ainda conclui com um chamado: “sair às ruas e não parar os protestos até que estas pessoas indignas de seus cargos sejam removidas ou renunciem” (VIEIRA, 2020). Assim, Bolsonaro torna-se um ser mítico que se constitui como negação à sua fragilidade enquanto homem (PATEMAN, 1993), de modo à identificação com o movimento de radicalização ucraniano se tornar objeto de fascínio nesse universo de reconquista nacional e luta contra o “internacionalismo”.

Enquanto forma organizativa de luta, a Ucrânia surge como transcendência política de um espírito comum, que no Brasil se organiza como uma aproximação com o radicalismo das últimas décadas por meio de uma identificação nacionalista. A porta-voz do grupo, Sara Winter, coordenadora nacional de políticas de maternidade do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos até novembro de 2019, também buscou associar-se a uma narrativa de desobediência civil. Tal aspecto se expressou quando Winter disse em seu *Twitter* que foi “treinada” no país de referência, o que lhe confiaria um sentido de “experiência” e “capacitação” para liderar a resistência em defesa de Bolsonaro. Soma-se a isso a própria escolha do nome do grupo, em referência ao filme de Snyder, como expressou sua correligionária, Desire Queiroz, à imprensa: a ideia da união de poucas pessoas lutando contra o “mal”, e que, por demonstrarem lealdade a uma nação tida como homogênea e em “risco”, são capazes de derrotá-lo.

Por fim, a propósito desse “mal”, um vídeo publicado em 11 de maio pela deputada federal Carla Zambelli (PSL) em seu canal oficial do *YouTube*, intitulado *Acampamento dos 300 do Brasil!*, reforça categoricamente tal narrativa. Em pouco mais de nove minutos, em conversa com um grupo de pessoas sobre os motivos de ali estarem, Zambelli (11 maio 2020, grifos nossos) justifica a ação dos 300 dizendo que: “São pessoas que estão se doando de verdade, que acreditam em um projeto: projeto Brasil. E o líder desse projeto Brasil hoje é o presidente Jair Bolsonaro [...] Nós acreditamos que Deus colocou ele ali pra poder *limpar* o nosso país”. Com essa associação do presidente a um ser redentor, eleito pela vontade divina e pelas mãos daquele “brasileiro” essencializado, a deputada aponta os motivos pelos quais se deve

defendê-lo: “É uma *guerra espiritual*, do *bem* contra o *mal*, e o bem durante muito tempo ficou *calado*, nós ficamos calados durante muito tempo, e aí o mal avançou” (ZAMBELLI, 11 maio 2020). Embora a elaboração de uma narrativa de caráter bélico seja explícita, convém destacar que a figura do “mal”, de certa forma, também é construída com determinada dose de transcendência, estando mais próximo do profano do que sagrado.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da perspectiva de Aleida Assmann e Sebastian Conrad (2010) sobre a *memória numa era global*, compreendemos que esse diálogo entre os nacionalismos ucraniano e brasileiro faz parte de uma memória transnacional, haja vista que os Estados-nação inserem-se num processo de globalização não apenas econômica, mas sobretudo cultural. A lembrança da memória ucraniana do Euromaidan, assim, torna-se consubstancial ao seu próprio uso político por certos setores da extrema-direita brasileira, na medida em que mobiliza esses atores em torno de uma luta organizada a partir de uma nação também vista como roubada. Dessa maneira, não é apenas a memória ucraniana que é mobilizada, mas sobretudo a sua relação dialógica de reconhecimento e inspiração. O evento é estrategicamente incorporado como incitação à luta e símbolo organizativo de combate a um “mal comum”.

À guisa de conclusão, acreditamos que o novo fantasma que paira sobre a Europa, como disse Traverso (2018), é objeto de cobiça por determinados grupos da direita brasileira, e, assim como aqueles, busca um futuro para a nação em passados cada vez mais assombrosos. Enquanto o fenômeno ucraniano propiciou a efusão de diversos grupos paramilitares ultranacionalistas, a memória ucraniana se torna exemplo para movimentos brasileiros de extrema-direita. O “comunismo”, para tais setores, surge como símbolo de ruptura à unidade nacional, ruptura essa baseada na valorização da diversidade e na consolidação da própria democracia. Se, hoje, se luta por uma “ucranização” do Brasil, entendemos que esse processo almeja construir o passado original da colonização, tomado de assalto por um partido específico que corporifica todas as feições do mal: a afronta à família, o questionamento da autoridade paternal, o desvio de uma sexualidade vista como única; um mundo colonial onde, enfim, cada um sabia o seu “devido lugar” perante Deus, acima de tudo e, acima de todos, a verdadeira nação brasileira, com seu enorme passado pela frente.

## REFERÊNCIAS

300. Direção de Zack Snyder. Produção de Mark Canton, Gianni Nunnari e Zack Snyder. Intérpretes: Gerard Butler, Lena Headey, Dominic West, David Wenham, Rodrigo Santoro e Outros. Roteiro: Zack Snyder, Kurt Johnstad e Michael B. Gordon [Roteiro]; Frank Miller e Lynn Varley [Graphic Novel]. Los Angeles: Warner Bros, 2006. (117 min).

ALESSI, Gil; HOFMEISTER, Naira. Explícito nas ruas, bolsonarismo neofascista se inspira em extremismo e anticomunismo da Ucrânia. *El País*, Madri, 2 jun. 2020. Brasil. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-02/explicito-nas-ruas->



bolsonarismo-neofascista-se-inspira-em-extremismo-e-anticomunismo-da-ucrania.html. Acesso em: 9 jun. 2021.

ARENDDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

ASSMANN, Aleida; CONRAD, Sebastian. *Memory in a global age: Discourses, Practices and Trajectories*. Londres: Palgrave Macmillan, 2010.

AVILA, Arthur Lima de. Qual passado usar? A historiografia diante dos negacionismos (artigo). *Café História – história feita com cliques*, [Brasília], 29 abr. 2019. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/negacionismo-historico-historiografia/>. Acesso em: 7 dez. 2019.

BAQUERO, Rafael. Memory, narrative, and conflict in writing the past: when historians undergo ethical and political strains. *História da Historiografia*, Ouro Preto, v. 13, n. 32, p. 47-81, 12 abr. 2020.

BAUER, Caroline Silveira. La dictadura cívico-militar brasileña en los discursos de Jair Bolsonaro: usos del pasado y negacionismo. *Relaciones Internacionales*, La Plata, v. 28, n. 57, p. 37-51, dez. 2019.

BAUER, Caroline Silveira. Qual o papel da história pública frente ao revisionismo histórico? In: MAUAD, Ana Maria; SANTHIAGO, Ricardo; BORGES, Viviane Trindade (org.). *Que história pública queremos? what public history do we want?*. São Paulo: Letra e Voz, 2018. p. 195-203.

BRASIL. Palácio Do Planalto. (canal oficial no Youtube) *Pronunciamento do Presidente da República, Jair Bolsonaro (24/03/2020)*. Brasília, 24 mar. 2020. 1 vídeo (4 min). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=VI\\_DYb-XaAE](https://www.youtube.com/watch?v=VI_DYb-XaAE). Acesso em: 8 out. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências. Brasília, 29 ago. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm). Acesso em: 8 out. 2020.

CARVALHO, Olavo de. *O Estado e a razão*. Olavo de Carvalho [website oficial]. [S. l.], 11 jul. 2015. Disponível em: <http://olavodecarvalho.org/o-estado-e-a-razao/>. Acesso em: 3 set. 2020.

CASIMIRO, Flávio. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. In: GALLEGO, Esther Solano. *O ódio como política: A reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018.

CENTRAL ELECTION COMMISSION (CEC). *Extraordinary parliamentary election on 26.10.2014*. Kiev: The Central Election Commission of Ukraine, c2014. Disponível em: <https://cvk.gov.ua/pls/vnd2014/wp039ept001f01=910.html>. Acesso em: 8 set. 2020.



CHAKRABARTY, Dipesh. O clima da História: quatro teses. *Sopro*, Florianópolis, v. 91, p. 4-22, jul. 2013. Publicado originalmente em *Critical Inquiry*, v. 35, 2009.

DEBATE na Band: Presidencial 1989 – 2º turno – Lula X Collor, Parte 5 (14/12/89). *Band Jornalismo* (canal no Youtube). São Paulo: Tv Bandeirantes, 14 dez. 1989. Enviado 9 ago. 2018. Debate promovido pelas emissoras Bandeirantes, Globo, Manchete e SBT. Disponível em: <https://youtu.be/5ypqzPNBMSl>. Acesso em: 8 out. 2020.

DIP, Andrea; FRANZEN, Niklas. Especialistas apontam semelhanças entre os 300 de Sara Winter e grupos fascistas europeus. *Agência Pública*, São Paulo, 28 maio 2020. Reportagem. Disponível em: <https://apublica.org/2020/05/especialistas-apontam-semelhanças-entre-os-300-de-sara-winter-e-grupos-fascistas-europeus/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1979.

FRANÇA, Isadora. Gênero e sexualidade: ascensão conservadora e fantasias masculinas de poder no Brasil. *Margem Esquerda*, São Paulo, v. 33, n. 33, p. 45-52, out. 2019.

GHODSEE, Kristen. Exonerando a los fascistas en la Europa del Este. *Nuestra Historia*, Madri, v. 4, p. 149-167, 2017.

HÁ 20 ANOS, Bolsonaro defendeu fechamento do Congresso e a morte do então presidente, Fernando Henrique. *O Globo*, Rio de Janeiro, 25 maio 2019. Blog do Acervo. Brasil. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20210127100232/https://blogs.oglobo.globo.com/blog-do-acervo/post/ha-20-anos-bolsonaro-defendeu-fechamento-do-congresso-e-morte-do-entao-presidente-fernando-henrique-cardoso.html>. Acesso em: 21 jun. 2021.

HABERMAS, Jürgen. A Kind of Settlement of Damages (Apologetic Tendencies). *New German Critique*, Ithaca, v. 44, p. 25-39, 1988.

HARTOG, François. *Regimes de historicidade: Presentismo e experiências do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. In: GALLEGO, Esther Solano. *O ódio como política: a reinvenção da direita no Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2018. p. 17-26.

NOLTE, Ernst. O passado que não quer passar. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v. 3, n. 25, p. 10-15, out. 1989.

NOVIKOVA Olga. La política de la memoria: moldear el pasado para construir la sociedad democrática (la URSS y el espacio postsoviético). *Historia del presente*, Madrid, v. 9, p. 71-100, 2007.



ORGANIZATION FOR SECURITY AND CO-OPERATION IN EUROPE (OSCE). *New laws in Ukraine potential threat to free expression and free media, OSCE Representative says* [Comunicado à Imprensa]. Jennifer Adams, OSCE Representative on Freedom of the Media, Viena, 18 maio 2015. Disponível em: <https://www.osce.org/fom/158581>. Acesso em: 8 out. 2020.

ORTEGA, Francisco; ORSINI, Michael. Dissecando o autoritarismo relutante e capacitista frente ao coronavírus no Brasil. *n-1 edições*, São Paulo, 2020. Publicado originalmente em *Somatosphere*, 17 Apr. 2020 [Online, em inglês]. Disponível em: <https://www.n-1edicoes.org/textos/64>. Acesso em: 26 ago. 2020.

PADUAN, Roberta. Doria pede abertura de investigação contra a ativista Sara Winter. *Veja*, São Paulo, 1 jun. 2020. Política. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/doria-pede-abertura-de-investigacao-contr-a-ativista-sara-winter/>. Acesso em: 9 jun. 2021.

PATEMAN, Carol. *O Contrato Sexual*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

PORTNOV, Andriy. Memory Wars in Post-Soviet Ukraine (1991-2010). In: BLACKER, Uilleam; ETKIND, Alexander; FEDOR, Julie (ed.). *Memory and Theory in Eastern Europe*. Nova Iorque: Palgrave Macmillan, 2013. p. 233-254.

ROTHBERG, Michael. *Multidirectional memory: remembering the Holocaust in the age of decolonization*. California: Stanford University Press, 2009.

RUFER, Mario. Memoria sin garantías: usos del pasado y política del presente. In: UNIVERSIDADE AUTÓNOMA METROPOLITANA-Unidad Xochimilco. *Anuario de Investigación 2009*. México DF: UAM-X, Departamento de Educación y comunicación, CSH, 2009. p. 107-140. Disponível em: [https://publicaciones.xoc.uam.mx/TablaContenidoLibro.php?id\\_libro=333](https://publicaciones.xoc.uam.mx/TablaContenidoLibro.php?id_libro=333). Acesso em: 15 jun. 2021.

SENRA, Ricardo. Ativista admite presença de armas em acampamento bolsonarista: ‘Servem para proteção dos membros’. *BBC*, Londres, 13 maio 2020. Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52634816>. Acesso em: 15 jun. 2021.

TRAVERSO, Enzo. *A melancolia de esquerda: Marxismo, história e memória*. Belo Horizonte: Ayiné, 2018.

UCRÂNIA. Verkhovna Rada of Ukraine. Law of Ukraine, November 28, 2006, Nº 376-V (376-16). On the *Holodomor* of 1932-1933 in Ukraine. *Legislation of Ukraine*, database. Kiev, Art. 50, p. 504, 28 nov. 2006. Disponível em: <https://zakon.rada.gov.ua/go/376-16>. Acesso em: 8 set. 2020.

UCRÂNIA. Verkhovna Rada of Ukraine. Law of Ukraine, April, 9, 2015, Nº 317-VIII (376-19). On the condemnation of the communist and national socialist (Nazi) regimes, and prohibition of propaganda of their symbols. *Legislation of Ukraine*, database. Kiev, Art. 26, p. 219, 9 abr. 2015. Disponível em: <https://zakon.rada.gov.ua/go/317-19>. Acesso em: 21 set. 2020.

UNIÃO EUROPEIA. Parlamento Europeu. “A evocação da Holodomor, a fome artificialmente provocada”. Resolução do Parlamento Europeu. Estrasburgo, 23 out. 2008. Texto aprovado: P6\_TA(2008)0523. Disponível em: [https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-6-2008-0523\\_PT.html](https://www.europarl.europa.eu/doceo/document/TA-6-2008-0523_PT.html). Acesso em: 9 out. 2020.

VIEIRA. O dever de ucranizar. Ou porque a desobediência civil é a única resposta que líderes inadequados devem receber. *Blog Vida Destra*. 23 abr. 2020. Disponível em: <https://vidadestra.org/o-dever-de-ucranizar/>. Acesso em: 8 set. 2020.

ZAMBELLI, Carla. *Acampamento dos 300 do Brasil!*. [Brasília]: Carla Zambelli [Conta do Youtube], 11 maio 2020. 1 vídeo (9 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=xkMmeuD5MJM>. Acesso em: 8 set. 2020.

ZHURZHENKO, Tatiana. Geopolitics of memory. *Eurozine*, Viena, p. 1-12, 10 maio 2007 [online]. Disponível em: <https://www.eurozine.com/russias-never-ending-waragainst-fascism/>. Acesso em: 16 jun. 2021.

ZHURZHENKO, Tatiana. Russia’s never-ending war against “fascism”. *Eurozine*, Viena, p. 1-6, 8 maio 2015 [online]. Disponível em: <https://www.eurozine.com/russias-never-ending-waragainst-fascism/>. Acesso em: 15 jun. 2021.

ZHURZHENKO, Tatiana. The proliferation of borders in the post-Soviet space: Ukraine and beyond. In: LÖWIS, Sabine v. (org.). *Umstrittene Räume in der Ukraine: Politische Diskurse, literarische Repräsentationen und kartographische Visualisierungen*. Göttingen: Wallstein, 2019. p. 39-64.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

João Camilo Grazziotin Portal. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Departamento de História. Av. Bento Gonçalves, 9500, Campus do Vale, Agronomia, 91501-970, Porto Alegre, RS, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Artigo escrito a partir do diálogo das pesquisas de mestrado de ambos os autores sobre a memória soviética e pós-soviética.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** J. C. G. Portal, L. Geller Júnior

**Coleta de dados:** J. C. G. Portal, L. Geller Júnior

**Análise de dados:** J. C. G. Portal, L. Geller Júnior

**Discussão dos resultados:** J. C. G. Portal, L. Geller Júnior

**Revisão e aprovação:** J. C. G. Portal, L. Geller Júnior

### FINANCIAMENTO

Este artigo foi financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de mestrado de João Camilo Grazziotin Portal e pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), pela bolsa de mestrado de Lúcio Geller Júnior.



## **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

## **CONFLITO DE INTERESSES**

Não houve conflito de interesses.

## **LICENÇA DE USO**

© João Camilo Grazziotin Portal e Lúcio Geller Júnior. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## **HISTÓRICO**

Recebido em 4 de novembro de 2020

Aprovado em 15 de junho de 2021

Como citar: PORTAL, João Camilo; GELLER JÚNIOR, Lúcio. “Chegou a hora de ucranizar!”: usos do passado e nacionalismo nas manifestações públicas em defesa de Jair Bolsonaro. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 269-289, maio/ago. 2021.








## HISTÓRIA GLOBAL E A COOPERAÇÃO SUL-SUL: UMA AGENDA DE PESQUISA

Global History and South-South Cooperation: a research agenda

**Aline Duarte da Graça Rizzo<sup>a</sup>**  
 <https://orcid.org/0000-0002-5480-0914>  
E-mail: [aline.rizzo@ipea.gov.br](mailto:aline.rizzo@ipea.gov.br)

<sup>a</sup> Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, Diretoria de Estudos e Relações Econômicas e Políticas Internacionais, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## RESUMO

A História Global é uma abordagem que nasce da necessidade de compreender o mundo em franco processo de globalização marcadamente na virada do século XX para o XXI e apresenta uma proposta que visa combater dois principais problemas centrais recorrentes na historiografia moderna: o estadocentrismo e o eurocentrismo. Fenômenos transfronteiriços como os grandes fluxos migratórios e internacionalização da produção industrial, dentre outros, exigem um exercício de pensar os processos históricos para além da figura do estado nacional weberiano bem como compreender o cenário internacional contemporâneo onde a predominância europeia na economia, política ou cultura, é altamente questionada. Este trabalho propõe uma aproximação da História Global à disciplina das Relações Internacionais para a análise de um dos fenômenos globais mais relevantes do século XXI: a cooperação Sul-Sul. Para tal, a tipologia dos 4Cs (Contextualizar, Conceitualizar, Comparar e Conectar) elaborada por Diego Olstein (2015) é aqui proposta como um caminho possível para pensar a cooperação Sul-Sul a partir da História Global.

## PALAVRAS-CHAVE

História Global. Relações Internacionais. Cooperação Sul-Sul.

## ABSTRACT

Global History is an approach that emerges from the need to understand the world in a process of globalization markedly at the turn of the 20th to the 21st century. Global History aims to combat two core issues in modern historiography: state centrism and eurocentrism. Cross-border phenomena such as large migratory flows and the internationalization of industrial production, among others, require an analysis focused on the multiple actors, beyond the Weberian national state subject, as well as an understanding of the contemporary international scenario where European predominance in economics, politics or culture is highly questioned. This work presents the connection between Global History and International Relations to exam one of the most relevant global phenomena in 21<sup>st</sup> century: South-South Cooperation. For that propose, the 4C typology (Contextualize, Conceptualize, Compare and Connect), developed by Diego Olstein (2015), is presented here as a possible way to think of South-South Cooperation from a Global History perspective.

## KEYWORDS

Global History. International Relations. South-South Cooperation.

**A** História Global é uma abordagem que nasce da necessidade de compreender o mundo em franco processo de globalização marcadamente na virada do século XX para o XXI e apresenta uma proposta que visa combater dois principais problemas centrais recorrentes na historiografia moderna: o estadocentrismo e o eurocentrismo. Fenômenos transfronteiriços como os grandes fluxos migratórios e internacionalização da produção industrial, dentre outros, exigem um exercício de pensar os processos históricos para além da figura do Estado nacional bem como compreender o cenário internacional contemporâneo onde a predominância estadunidense-europeia na economia, política ou cultura, é altamente questionada. A abordagem global não se limita, porém, a fenômenos contemporâneos, sendo seu uso altamente profícuo para o exame de processos globais em qualquer período histórico tendo em mente o combate ao estado e eurocentrismos metodológicos. Desse modo, a História Global pode trazer grandes contribuições para o estudo de movimentos internacionais.

Este trabalho propõe uma aproximação da História Global à disciplina das Relações Internacionais para a análise de um dos fenômenos globais mais relevantes do século XXI: a cooperação Sul-Sul. A aproximação dos dois campos se faz fundamental tendo em vista os avanços conceituais em ambas disciplinas para explicar fenômenos transfronteiriços que, por sua vez, exigem abordagens cada vez mais interdisciplinar. É importante destacar a relevância desse movimento de aproximação a partir de uma perspectiva brasileira, o que possibilita um olhar fundamentado na experiência do e para o Sul Global. Para tal, a tipologia dos 4Cs (Contextualizar, Conceitualizar, Comparar e Conectar) elaborada por Diego Olstein (2015) é aqui proposta como um caminho possível, uma abordagem e ferramenta metodológica para se pensar a cooperação Sul-Sul (CSS) a partir da História Global.

Além da introdução e conclusão, este artigo divide-se em três seções, a saber: *História Global e as Relações Internacionais*, onde são debatidos os principais pressupostos da História Global, como o seu surgimento reverberou na disciplina das Relações Internacionais, e quais os caminhos de aproximação entre a abordagem global e o campo disciplinar; *O que é a cooperação Sul-Sul?* discorre sobre o contexto de surgimento desse movimento internacional, seu ápice no início do século XXI e suas principais premissas; por fim, a seção *Caminhos possíveis para uma abordagem global da cooperação Sul-Sul* sugere a utilização da tipologia proposta por Olstein (2015) como um ferramenta útil e necessária para a compreensão da cooperação Sul-Sul a partir da História Global.

## HISTÓRIA GLOBAL E AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

O contexto pós-Guerra Fria, na virada do século XX para o XXI, é caracterizado pelo cenário internacional cada vez mais multifacetado, plural e heterogêneo. Fenômenos transnacionais foram impulsionados, tais como a internacionalização de cadeias produtivas; formação de blocos e fortalecimento de instituições internacionais; surgimento de pautas supranacionais como os fluxos migratórios e agenda ambiental; e a popularização da rede mundial de computadores. Esse cenário é marcado pela tendência à multipolaridade tendo como pano de fundo eventos históricos como o desmantelamento da União Soviética e os processos de descolonização na África e na Ásia, que ensejaram a emergência de novos atores e a reivindicação por maior agência na governança global.



No início da década de 1980, no contexto de tais profundas transformações, observou-se, notadamente nos EUA, o surgimento de uma historiografia preocupada com questões de ordem global propondo assim a então chamada *World History* (História Mundo), ou *Global History* (História Global): uma perspectiva que parte de um olhar global e interconectado para analisar fenômenos ao longo da história. Embora seja um campo ainda bastante recente, que suscita inúmeros debates e abarca diversas correntes, podemos destacar duas características comuns entre elas e consideradas vitais na História Global: a crítica ao Estado-Nação como unidade de análise central na História; e a crítica ao Eurocentrismo, que marca a historiografia tradicional.

Nesse sentido, a História Global representaria um “*spatial turn*” (virada espacial), segundo Schulz-Forberg (2013), se afastando do comparativismo baseado no nacionalismo metodológico e consequentemente apresentando uma História para além da narrativa europeia, uma História em “*partes iguais*” (BERTRAND, 2011 *apud* BOUCHERON; DELALANDE, 2015). Nesse campo destaca-se a grande influência de autores que propõem uma historiografia mais globalizada incluindo novas narrativas, olhares e atores que sempre estiveram à margem da historiografia tradicional, como é o caso de Sanjay Subrahmanyam (1997), um dos percursores da “História Conectada” que busca conectar fontes e narrativas históricas para além do eixo europeu. O autor se debruça sobre o contexto colonial dos séculos XVI e XVII, evidenciando o potencial de uma História do/para o Sul a partir de conexões históricas de longa duração e, ao mesmo tempo, aponta a necessidade de se enfatizar abordagens transnacionais em recortes do século XIX e XX marcados pela predominância da história nacional. (BOUCHERON; DELALANDE, 2015).

Por sua vez, Sebastian Conrad (2016) propõe um importante esforço de delimitação e definição dessa nova tendência historiográfica. Sob o título *What is Global History?* (O que é a História Global?), o autor aponta que as ciências sociais modernas não são mais capazes de fomentar perguntas e oferecer respostas adequadas para a realidade contemporânea globalizada, forjada em uma infinidade de conexões e intercâmbios. Ele, com isso, aponta as críticas centrais também forjadas dentre os pesquisadores da História Global, críticas essas referidas ao Estado-Nacional Weberiano e ao eurocentrismo; e apresenta seus questionamentos fundamentais indicando o que a difere dentre outras abordagens:

Uma abordagem entre várias, mais apropriada para lidar com algumas questões e menos apropriada para outras. Suas preocupações centrais são a mobilidade, intercâmbio, processos que transcendem as fronteiras. Toma o mundo interconectado como ponto de partida, e a circulação e intercâmbio de coisas, pessoas, ideias e instituições estão entre seus temas chave. (CONRAD, 2016, p. 5, tradução nossa).<sup>1</sup>

O Estado nessa abordagem é então deslocado do centro, questionado enquanto elemento dado e essencializado. Nesse sentido, transpor as barreiras do Estado

<sup>1</sup> No original: “It is one approach among many, and it is better suited to addressing some questions and issues and less appropriate for addressing others. Its core concerns are with mobility and exchange, with processes that transcend borders and boundaries. It takes the interconnected world as its point of departure, and the circulation and exchange of things, people, ideas, and institutions are among its key subjects”.

na História Global não é apenas uma questão de escala, mas sim uma abordagem relacional (CONRAD, 2016; GRUZINSKI, 2016).

Cabe ressaltar que, nesse ponto em particular, Conrad (2016) chama a atenção para o fato de que transpor as barreiras do nacional a partir de uma perspectiva global não significa anular a figura do Estado enquanto ator: “Isso também quer dizer que a maior parte das abordagens da história global não objetiva substituir o paradigma da história nacional por uma totalidade abstrata chamada ‘mundo’” (CONRAD, 2016, p. 12, tradução nossa).<sup>2</sup>

Essa percepção vai ao encontro do que aponta Hobsbawm (2007) para quem a questão do Estado no mundo globalizado não deixa de ter relevância, mas a população e outros atores ganham mais espaço de ação. Fenômenos transfronteiriços afetam as definições estabelecidas sobre nação e nacionalismo tais como fluxos financeiros; discussão sobre consensos globais; intercâmbio de expertise, políticas públicas e recursos humanos; atuação de agências multilaterais; atores privados e organizações não-governamentais (ONGs); afetando diretamente milhões de pessoas (HOBSBAWM, 2007, p. 97).

Portanto, é necessário ressignificar e propor novas reflexões sobre o papel do Estado enquanto objeto central, bem como os seus limites de agência, conexões possíveis em sua constituição e ação. É certo que a História Global pretende ir além do comparativismo e também da simples análise de eventos de ordem global, como aponta Gruzinski (2016) ao discorrer sobre o trabalho de Conrad (2016):

Para Conrad, “global” significa muito mais que simplesmente ampliar a escala. O mundo global é um mundo conectado, o que quer dizer que as unidades ou objetos da história não podem ser visto de forma isolada. História Global não significa apenas mobilidade, interações e conexões, mas também mecanismos através dos quais o mundo se tornou globalizado. (GRUZINSKI, 2016, p. 3, tradução nossa).<sup>3</sup>

Ao mesmo tempo, a emergência de vozes historicamente marginalizadas contesta o Eurocentrismo ao longo da História. Os Estudos Subalternos na Índia, a Filosofia Africana contemporânea bem como a Teoria da Dependência são alguns dos principais exemplos de produção do conhecimento fora do eixo europeu durante o século XX. (SACHSENMAIER, 2007). A Conferência de Bandung em 1955 e o movimento dos não-alinhados marca a reflexão, notadamente política, de contestação a partir dos países periféricos no contexto polarizado da Guerra Fria.

Já a primeira década dos anos 2000 é marcada pela emergência de Estados que mudaram seu status, de “países pobres” (ou países subdesenvolvidos) para países em desenvolvimento ou emergentes, graças ao crescimento de seu poder político e econômico no âmbito da governança global (IKENBERRY; WRIGHT, 2008).

---

<sup>2</sup> No original: “This also means that most global history approaches do not attempt to replace the established paradigm of national history with an abstract totality called ‘world’”.

<sup>3</sup> No original: “To Conrad, “global” means much more than simply widening the scale. A global world is a connected world, which means that the units or subjects of history can no longer be viewed in splendid isolation. Global history not only means mobility, interactions, and connections, but also mechanisms of how the world became globalized”.

O importante crescimento das economias periféricas esteve imbuído de grande contestação simbólica e impulsionou novas questões relacionadas aos padrões de desenvolvimento e a necessidade de reordenamento do sistema internacional. Esse período foi então caracterizado pelo fortalecimento do que se passou a denominar de Sul Global, uma denominação geopolítica que inclui países da África, Ásia e Américas (SANTOS, 2009; MAWDSLEY, 2012). Tais regiões passam a exercer papel relevante não só como objetos de estudo, mas sobretudo como centros produtores de conhecimento.

Em artigo publicado em 2007 intitulado *World History as Ecumenical History?*, Dominic Sachsenmaier aponta que para tornar as narrativas históricas mais pluralistas é necessário que a comunidade de historiadores se mova em diferentes estruturas internacionais de cooperação acadêmica, apontando assim para o fato de que as mais recentes pesquisas sob o marco da História Global não estão confinadas nos países ocidentais (Europa e EUA), mas trabalhos produzidos, por exemplo, na Ásia Oriental, debatem paradigmas e marcos metodológicos.

Seu artigo tem por objetivo central evidenciar que a historiografia tradicionalmente é eurocentrada em suas abordagens e teorias, em seus objetos de análise e métodos. Porém, mais que a produção em si, o autor aponta que o eurocentrismo está na própria estrutura de produção acadêmica, seus referenciais bibliográficos, centros de estudos e pesquisa. Nesse sentido, o termo “eurocentrismo” deve ser compreendido de forma mais ampla do que a empregamos comumente:

As trajetórias de vários intelectuais acadêmicos sugerem padrões e ritmos na disseminação global da teorização acadêmica que são muito mais complexas do que o termo “Eurocentrismo” possa adequadamente expressar. (SACHSENMAIER, 2007, p. 466, tradução nossa).<sup>4</sup>

Desse modo, o autor propõe como caminho possível a História Global como uma “história ecumênica”, que precisa ir além de analisar o passado a partir de uma perspectiva global, mas sim mobilizar estruturas de cooperação acadêmica globais, transformando estruturalmente a produção historiográfica. Apresenta já alguns movimentos nesse sentido, especialmente na Ásia, que evidenciam mais que um olhar global da História, um processo de transnacionalização da historiografia, que apesar de crescente, ainda é limitado.

Diante desse cenário, também surgem questionamentos no campo disciplinar das Relações Internacionais (RIs) quanto à necessidade urgente de um olhar global sobre temáticas tradicionalmente analisadas sob o prisma do estado-centrismo e eurocentrismo. Assim, Amitav Acharya (2017) propõe uma abordagem global das Relações Internacionais definida da seguinte forma:

A ideia de uma abordagem global das Relações Internacionais desafia a negligência e marginalização das Relações Internacionais tradicionais no que tange às vozes e experiências do mundo

---

<sup>4</sup> No original: The trajectories of many intellectual schools suggest patterns and rhythms in the global dissemination of academic theorizing that are far more complex than the term “Eurocentrism” can adequately express.

não ocidental ou Sul Global. O principal objetivo da abordagem global das Relações Internacionais é “incluir o resto”. Isso requer maior participação de estudiosos do Sul Global na disciplina e a ampliação da forma como as Relações Internacionais são ensinadas e escritas nos dominantes centro de conhecimento do ocidente. (ACHARYA, 2017, p. 76, tradução nossa).<sup>5</sup>

O autor aponta, portanto, seis dimensões para uma abordagem global das Relações Internacionais: 1: Necessidade de substituir o “universalismo particularista”, originado do iluminismo europeu, por um “universalismo pluralista”. 2: Importância de analisar fenômenos e experiências a partir de uma história global e não unicamente ocidental, o que significa dizer que instituições, pessoas e valores, além das tradições ocidentais, podem dialogar entre si trazendo à baila conexões transfronteiriças 3: Ir além da hegemonia estadunidense (embora o autor não aprofunde na crítica sobre as possibilidades de adaptação das teorias tradicionais das Relações Internacionais, fortemente marcada pela produção estadunidense). 4: O poder do regionalismo não como uma antítese do universalismo, mas como um recorte legítimo para se questionar o centro e apresentar variadas formas de interações entre pessoas e instituições. 5: A abordagem global das Relações Internacionais não pode ser baseada no excepcionalismo e paroquialismo, que são baseados na ideia de superioridade e homogeneidade. Embora se reconheça que nacionalismos e identidades nacionais são uma força política duradoura, a abordagem global pode contribuir para iniciativas estimulantes que preservam a conexão internacional como fonte de novas visões sobre formações nacionais e transnacionais. 6: Finalmente, a última dimensão leva em conta não apenas uma concepção mais ampla de agência, mas também várias formas de agência negligenciadas pela pesquisa estatal e eurocêntrica. (ACHARYA, 2017, p. 80).

Em recente trabalho publicado em 2019, sob o título *The Making of Global International Relations: origins and evolution of IR (International Relations) and its centenary*, Armitav Acharya e Barry Buzan (2019) mais que apontar as possibilidades de uma abordagem global das Relações Internacionais, indicam a necessidade de repensar a disciplina e refazer suas estruturas a partir de uma perspectiva global. Os autores chegam a essa conclusão após uma análise histórica do campo ao longo dos seus cem anos e apontam ainda que é necessário dar devido espaço às vozes, ideias e práticas de atores que foram ao longo do tempo negligenciados na literatura do campo disciplinar, mas que para isso é preciso que os próprios centros tradicionais ocidentais participem dessa mudança, como já apontava Acharya em 2017.

A partir dessa leitura é possível traçar três elementos que convergem para uma agenda comum das Relações Internacionais com a História Global: 1 – maior valor destinado aos atores e processos, aprofundando a compreensão das relações intra e inter-regionais; 2 – a crítica consciente do estadocentrismo e eurocentrismo como princípios de ordenação necessários em teoria e metodologia; e 3 – a percepção de que um olhar ‘global’ para fenômenos internacionais não significa uma nova

---

<sup>5</sup> No original: “The idea of a global IR challenges traditional IR’s neglect and marginalisation of the voices and experiences of the non-Western world, or the Global South. The principal aim of global IR is to ‘bring the Rest in’. It calls for greater participation from scholars from the Global South in the IR discipline and the broadening of the way IR is taught and written in the dominant centres of knowledge in the West”.

abordagem universal para questões globais, mas sim a busca por interconectividade que transponha as fronteiras e barreiras estabelecidas pelas abordagens tradicionais. (GONDAR; RIZZO, 2019). Desse modo, há grandes possibilidades de estabelecer uma agenda de pesquisa comum entre História e Relações Internacionais na qual um conjunto de fenômenos, não exclusivamente, mas especialmente no cenário global contemporâneo, possa ser estudado.

Para Dominic Sachsenmaier (2007), as agendas de pesquisa variadas podem ser abordadas através de lentes além das fronteiras tradicionais, através de novas configurações espaciais e do entrelaçamento de História e outras ciências sociais, incluindo as Relações Internacionais. Temas como diásporas, estudos sobre minorias e migração; histórias de mercadorias (como sal, açúcar e algodão) podem ser analisadas a partir de novas noções de espaço e de globalização em si. A Cooperação Sul-Sul se insere exatamente nesse contexto.

## O QUE É A COOPERAÇÃO SUL-SUL?

As visões políticas que sustentam as práticas de cooperação internacional remontam ao contexto histórico anterior a 1945, vide a ajuda humanitária promovida pelos EUA e os projetos de assistência técnica oferecida pelas potências europeias às suas colônias. Contudo, é a partir de 1945, com o fim da II Guerra Mundial que a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (CID) se institucionaliza por meio de práticas, normas, discursos e agendas. (MILANI, 2014b). São considerados marcos históricos da CID o Plano Marshall e os processos de descolonização da África e da Ásia no contexto pós II Guerra Mundial.

O Plano Marshall representou o projeto de reconstrução da Europa financiado pelos EUA, no imediato pós II Guerra Mundial, com vistas a recuperar as bases do capitalismo europeu. É, portanto, estabelecido o vínculo entre a CID e o desenho de uma nova arquitetura multilateral: “O ingresso de dezenas de novos Estados nas Nações Unidas, a partir da descolonização, marcou um giro nos debates da organização mundial. Foi introduzida uma agenda multilateral ao tema do desenvolvimento” (HIRST; ANTONINI, 2009, p. 14).

Segundo Milani (2014a), firmou-se uma divisão de trabalho clara entre as agências bilaterais, responsáveis pela ajuda orçamentária e assistência técnica, e as agências multilaterais que deveriam apoiar e gerir a implementação dos projetos. A agenda era então caracterizada, do ponto de vista ideológico pelos três Ds: direitos humanos, descolonização e desenvolvimento. Esses três pilares faziam um contraponto ocidental aos ideários comunistas, sendo a Organização das Nações Unidas (ONU) um ator fundamental para a “legitimação política e multilateral da CID” (MILANI, 2014a, p. 34). Vinte anos após o Plano Marshall os EUA não seriam mais os únicos a ocuparem espaço político na CID (MILANI, 2014a), mas se destacam Alemanha, Japão e os países Nórdicos (HIRST; ANTONINI, 2009). A cooperação promovida pelos Estados é então denominada Ajuda Oficial ao Desenvolvimento – ODA (Official Development Assistance).

O processo de descolonização na África e na Ásia impactou profundamente o mapa político global considerando o surgimento de novos Estados reconhecidos internacionalmente após suas independências. O número de Estados quintuplicou na Ásia, e teve aumento significativo na África. Além disso, tais regiões (incluindo



a América Latina que teve seus processos de independência no século XIX, mas que compartilha com a Ásia e a África os desafios das suas ex-colônias), teve notável crescimento demográfico o que trouxe inúmeros desafios no que tange ao desenvolvimento. Tais países rapidamente foram agrupados no que se convencionou a chamar de “Terceiro Mundo”, uma espécie de terceira via para além dos blocos capitalista e socialista em plena Guerra Fria.

A Conferência de Bandung em 1955 na Indonésia marcou tal posição terceiro-mundista fundando o que ficou conhecido como Movimento dos Não-Alinhados. Cabe, porém, ressaltar que embora a proposta do movimento fosse apresentar uma “terceira via”, seus líderes Jawaharlal Nehru da Índia, Sukarno da Indonésia, Gamal Abdel Nasser do Egito e Tito da Iugoslávia (dissidente comunista), eram reconhecidamente adeptos dos ideais socialistas (HOBSBAWN, 1994). Apesar do fato de que alguns projetos de integração tenham sido frustrados e as diferenças entre os próprios atores do Terceiro Mundo tenham sido evidentes, como o conflito entre China e Índia em 1962, o discurso de solidariedade terceiro-mundista ganhou grande força.

A Conferência de Bandung é também conhecida como o marco histórico da cooperação Sul-Sul, um fenômeno global que envolve diversos atores como organismos internacionais, organizações não governamentais, empresas, além de entidades nacionais e subnacionais e que se insere em um contexto político de emergência do Sul Global. As assimetrias do comércio internacional impulsionaram e organizaram as primeiras demandas do Sul para modificar a agenda de desenvolvimento e dar conteúdo às propostas do Movimento dos Países Não-Alinhados e o Grupo dos 77 (G-77), “foros que se transformaram na caixa de ressonância das aspirações do Terceiro Mundo” (HIRST; ANTONINI, 2009, p. 22).

Com a desintegração da URSS e a queda do socialismo real, o cenário internacional passa por profundas transformações e a arquitetura da CID se adapta às novas configurações do mundo multipolar. Sachin Chaturvedi *et al.* (2012) marcam o início dos anos de 1990 como o período de ascensão inicial dos países emergentes no que tange às suas economias em processo de recuperação da “década perdida”.<sup>6</sup> Tal processo de ascensão se aprofundou na virada do século XX para o XXI quando se consolidou o conceito de “Potências Emergentes”, aqui entendido como os Estados que tiveram notório crescimento econômico e crescente poder político no âmbito da governança global (IKENBERRY; WRIGHT, 2008).

No início dos anos 2000, portanto, a CSS ganhou novo fôlego com o crescente fluxo de cooperação entre os países em desenvolvimento. Os países que eram tradicionalmente beneficiários da CID passam a se destacar como “doadores” (MAWDSLEY, 2012). No entanto, a narrativa da CSS ante o esquema tradicional de doação Norte-Sul a eleva como uma alternativa mais solidária, horizontalizada e que visaria os benefícios mútuos em uma relação entre “parceiros”, ao invés de “doadores” versus “recipiendários”, na promoção do desenvolvimento (CHATURVEDI *et al.*, 2012).

É importante notar que a CSS não pretende substituir a Cooperação Norte-Sul (CNS), da qual muitos países em desenvolvimento ainda dependem, mas sim se apresentar como uma via complementar. Ao longo dos anos, em diversos fóruns internacionais — Bandung (1975), Buenos Aires (1978), Nairobi (2009), Bogotá

---

<sup>6</sup> Como ficou conhecida a década de 1980.

(2010) — foram estabelecidos princípios da CSS que, na teoria, a distingue da cooperação tradicional Norte-Sul tais como: horizontalidade, não-interferência, não-condicionalidade, defesa da propriedade nacional; benefícios mútuos, desenvolvimento de capacidades, orientação por demanda. Porém, em que medida tais princípios se observam na prática? Quais as contribuições da História Global para essa análise?

## CAMINHOS POSSÍVEIS PARA UMA ABORDAGEM GLOBAL DA COOPERAÇÃO SUL-SUL

No ano de 2018, o renomado historiador Giovanni Levi esteve na Universidade Federal do Rio de Janeiro e proferiu uma palestra sobre História Global e Micro-história.<sup>7</sup> Um ardente crítico das abordagens transnacionais e globais da História, as considera como uma grande ode à globalização o que, segundo ele, seria condenável por desprezar e negligenciar o aprofundamento das desigualdades locais e globais que tal fenômeno traz em seu rastro.

É certo que o processo de globalização das relações econômicas e tecnológicas, acelerado com o fim da Guerra Fria, aprofundou as desigualdades entre países ricos e países pobres bem como no interior desses países. (HOBSBAWM, 1994, p. 549). Entretanto, a História Global não objetiva ignorar tal fato, muito menos enaltecer a globalização, mas ser um instrumento para se compreender fenômenos de ordem global, o que não exclui a análise sobre as desigualdades presentes nestes. A cooperação Sul-Sul é um excelente exemplo de fenômeno global que carrega um forte discurso de redução de desigualdades no interior dos países e entre países. Como esse discurso se articula nos projetos de cooperação e como é confrontado nessa prática que envolve uma diversidade de atores, para além das relações interestatais, é um importante questionamento.

Nesse sentido, é observada uma tendência em que as potências emergentes buscam legitimar, através da cooperação Sul-Sul, modelos de desenvolvimento que enfatizam a redução da pobreza e que divergem de modelos promovidos pelo Norte nos quais evidenciam soluções baseadas na predominância do livre mercado. Ademais, a cooperação Sul-Sul também se insere em um contexto mais amplo de crítica ao status quo internacional já que o contexto histórico em que se intensifica a cooperação Sul-Sul é fortemente marcado por uma narrativa anticolonial e pressupõe o combate das assimetrias globais entre Norte e Sul, ao mesmo tempo, relações igualitárias nas práticas de cooperação no eixo Sul-Sul.

Ao mesmo tempo que a cooperação Sul-Sul é um fenômeno de contestação do status quo que pretende questionar as assimetrias nas relações internacionais marcadas pelo eurocentrismo, seus projetos particularmente sustentam a narrativa da redução das desigualdades nos países e entre países. Pensar a cooperação Sul-Sul a partir da lógica da desigualdade requer um exercício de reflexão que veja de forma simultânea dinâmicas globais e locais e questione os limites de tais discursos, sobretudo de seus princípios. Em teoria, não seria coerente combater as desigualdades

---

<sup>7</sup> Palestra *Global History e Microstoria* realizada na Sala Werneck (205) do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS), no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no dia 25 de junho de 2018, às 15 horas.

entre o Norte e o Sul e, ao mesmo tempo, reproduzir hierarquias nas relações Sul-Sul. Por essa razão, a horizontalidade é um dos princípios fundamentais da CSS que propõe trocas simétricas e horizontais nas práticas de cooperação entre atores que compartilham desafios comuns no campo do desenvolvimento.

Defende-se aqui que História Global é uma ferramenta útil para esse exercício pois, em primeiro lugar, propõe uma reflexão sobre a questão do Estado no mundo globalizado. Isso não quer dizer anulá-lo, mas compreendê-lo como parte de um conjunto de relações e conexões mais complexas. A literatura sobre cooperação Sul-Sul enfoca largamente na análise das relações estatais e nas questões de política externa entre os países envolvidos na cooperação, porém, é necessário ampliar a análise propondo leituras que alcancem instituições (não somente públicas, como privadas) e indivíduos. Ou seja, uma visão global.

Em segundo lugar, a cooperação Sul-Sul é ela mesma um instrumento de crítica ao eurocentrismo, como se evidencia pelo seu próprio marco fundador, a Conferência de Bandung. Desse modo, como propôs Acharya (2017), pensar o regional, neste caso o Sul, é um recorte legítimo para se questionar o centro e apresentar variadas formas de interações entre pessoas e instituições. Porém, o crescimento econômico das potências emergentes na virada do século XX para o XXI possibilitou que tais países oferecessem mais cooperação do que recebiam (MAWDSLEY 2012), mas também acelerou as divergências de interesses entre os países do Sul, entre as potências emergentes e seus pares menores e mais pobres (CHATURVEDI *et al.*, 2012). Embora o discurso da CSS proponha relações igualitária, o Sul não é um grupo homogêneo e muito menos os países que o compõem estão em mesmo patamar em termos de poder político e econômico.

Diante dessas reflexões, defende-se aqui que a proposta de Diego Olstein (2015) para uma abordagem global da História pode contribuir largamente para os estudos da cooperação Sul-Sul. Em seu livro *Thinking History Globally*, apresenta uma tipologia como ferramenta para a análise de eventos históricos a partir de uma abordagem global. Olstein define quatro principais movimentos, os 4C's: Contextualizar, Conceitualizar, Comparar e Conectar.

## Contextualizar

O exercício inicial é a Contextualização. A cooperação Sul-Sul, como visto nas seções anteriores, é um fenômeno global e que ganha forte impulso com o aprofundamento dos processos de globalização ao fim da Guerra Fria e a primeira década do século XXI. É preciso que toda e qualquer análise de tal fenômeno compreenda esse contexto histórico e principalmente como as dinâmicas em níveis locais e globais estão interconectadas nas práticas de cooperação. Segundo Olstein, “a História Global adota o mundo interconectado criado por processos de globalização como sua maior unidade de análise provendo um contexto final para a análise de qualquer entidade histórica, fenômeno ou processo.” (OLSTEIN, 2015, p. 24).

Ainda é necessário perceber dinâmicas domésticas que permitiram que países como o Brasil, Índia, Turquia, China e África do Sul se engajassem no cenário das políticas de desenvolvimento internacional como promotores de cooperação. Em nível global, o fortalecimento da economia desses países na virada do século XXI o fizeram galgar o posto de economia emergentes, e em nível doméstico cada caso tem

suas peculiaridades e contextos históricos em que suas respectivas políticas externas se consolidaram. Do mesmo modo, países que recebem os projetos e programas também se inserem em contextos globais e locais que possibilitaram que tornassem atores de cooperação. O caso do Brasil pode servir de exemplo. Tradicionalmente o Brasil foi em larga medida receptor de cooperação internacional. Alguns movimentos de atuação do país como promotor foram observados nas décadas de 1960 e 1970. Mas é na primeira década dos anos 2000 que o Brasil se destaca como um dos principais países provedores de cooperação no eixo Sul-Sul, embora permanecesse também como receptor. A ascensão do Partido dos Trabalhadores ao poder na figura do presidente Luiz Inácio Lula da Silva marcou esse grande impulso da cooperação Sul-Sul brasileira que se tornou uma forte estratégia de política externa. Um grande entusiasta da CSS, Lula reforçou a narrativa Sul-Sul, sobretudo com os países do continente africano, com quem o Brasil teria uma dívida histórica devido ao seu passado escravocrata.

## Conceitualizar

Mais que registrar os eventos históricos, a historiografia contemporânea, de um modo geral, pressupõe reflexões conceituais sobre processos, contextos e mentalidades. No caso da História Global, como apontado anteriormente, conceitos como etnocentrismo e estado-centrismo estão no cerne da abordagem e, indo mais a fundo, ideias como fluxo, conexões, circularidade são muito presentes. No caso da cooperação Sul-Sul é preciso compreender primeiramente o conceito de Sul Global e sua natureza, o que também já foi apresentado inicialmente. Em segundo movimento é necessário entender esse perfil de cooperação como uma confluência de encontros e conexão de múltiplos atores e práticas, sejam eles institucionais ou indivíduos, em dinâmicas locais e globais ou ainda “glocais”:

Os movimentos de globalização são formas de glocalização. Traduções e adaptações locais de estruturas, instituições ou ideias globais (adaptado ao contexto das línguas locais e das relações institucionais) juntamente com um redesenho de conexões de longa data entre os mundos está entre os mais férteis aspectos do que a análise da história global tem a oferecer (CONRAD; ECKERT, 2007 *apud* GONDAR; RIZZO, 2019, p. 248).

Ademais, um profícuo exercício de conceitualização da CSS é pensar seus princípios norteadores acordados em diversos fóruns mundiais<sup>8</sup> tais como: *horizontalidade, não-interferência, não-condicionalidade, defesa da propriedade nacional; benefícios mútuos, desenvolvimento de capacidades, orientação por demanda*. Esses princípios visam garantir relações de cooperação horizontais, ou seja, “entre iguais”; autônomas e de promoção do bem-estar social. Esses conceitos fundamentaram a narrativa da CSS e precisam ser questionados a partir das experiências concretas das práticas de cooperação e não apenas a partir da lógica da narrativa estatal e das relações bilaterais, mas também da percepção dos indivíduos

<sup>8</sup> Bandung (1975); Buenos Aires (1978); Nairobi (2009); Bogotá (2010).

beneficiários diretos dos projetos, ou seja, os alunos de um curso profissionalizante; pacientes de um hospital que tenha sido beneficiado; populações rurais que recebem projetos de agricultura, etc.

Enquanto a cooperação Sul-Sul por si só é um movimento de contestação da predominância eurocêntrica nas políticas internacionais de desenvolvimento, ao mesmo tempo, o Sul Global não é um bloco uníssono, há assimetrias de ordem política, social e econômica, e as práticas verticalizadas da cooperação Norte-Sul podem fatalmente ser replicadas. Nesse sentido, analisar tais princípios, sobretudo o da *horizontalidade* permite verificar os limites dessas relações que se pretendem igualitárias. Portanto, mais do que eucentrismo, pensar a horizontalidade, por exemplo, permite identificar possíveis marcas do etnocentrismo no interior do próprio Sul.

## Comparar

Além da contextualização e conceitualização, Olstein propõe a comparação como uma das ferramentas da História Global. A comparação para o autor é um movimento fundamental e ajuda a estabelecer e compreender as conexões observadas em fenômenos globais:

A característica definidora da história comparativa é a transcendência das fronteiras fechadas do estado-nacional para estudar as diferenças e semelhanças que afetam um fenômeno particular, processos, ou instituições presentes em duas ou mais unidades de análise. É a aplicação deliberada e sistemática do método comparativo que torna a história comparativa em subcampo independente do conhecimento e escrita histórica. A comparação como um modo básico de pensamento, porém, é comum a todas as formas de estudo histórico. Todo conhecimento histórico é um conhecimento comparativo (OLSTEIN, 2015, p. 88, tradução nossa).<sup>9</sup>

Por sua vez, Jürgen Kocka (2003), defende ainda que são evidentes os méritos da abordagem comparativa para a História, pois a comparação identifica e estabelece perfis singulares sendo indispensável para o estabelecimento de explicações causais de forma crítica. Para ele a “comparação ainda ajuda a fazer a ‘atmosfera’ da pesquisa histórica menos provincial” (KOCKA, 2003, p. 39) e, ainda, aponta que recentemente as novas abordagens transnacionais desafiam os historiadores comparativos.

A comparação, portanto, ajuda a combater mitos de “excepcionalidade” europeia ou ainda localizar no tempo e no espaço fluxos e conexões simultâneas ou diacrônicas a fim de desmistificar parâmetros tidos como dado. No caso da cooperação Sul-Sul a comparação pode se direcionar a diversos sentidos. É possível comparar as

---

<sup>9</sup> No original: The defining character of comparative history is the transcendence of enclosed nation-state boundaries in order to study the commonalities and differences affecting a particular phenomenon, process, or institution present in two or more units of analysis. It is the deliberate and systematic application of the comparative method that turns comparative history into an independent subfield of historical knowledge and writing. Comparison as a basic mode of thought, however, is common to all forms of historical study. All historical knowledge is comparative knowledge.

práticas do Sul às do Norte; comparar dois ou mais casos de cooperação promovida por atores do Sul como Brasil e Índia, por exemplo; ou ainda comparar modalidades e projetos de cooperação como dois ou mais projetos de educação promovidos por um mesmo país. Lembrando sempre de ir além da figura do Estado como unidade central de análise, é possível conduzir estudos comparativos mais complexos em que a cooperação é mais do que a análise estanque de dois países, mas sim ela mesma um objeto multifacetado.

## Conectar

Por fim, o exercício da Conexão é um recurso importante pois permite conectar processos, narrativas práticas e percepções por meio da triangulação de fontes documentais, oficiais e não-oficiais, de mídia e de relatos individuais, se afastando de uma abordagem que foca apenas o Estado como agente. A conexão de documentos institucionais e experiências individuais revela aspectos da CSS que se articulam em diferentes níveis contribuindo assim para preencher algumas lacunas que acompanham os estudos acerca desse fenômeno.

Segundo Carlos Milani (2014a), a literatura sobre cooperação internacional, seja CSS ou CNS, tende a negligenciar os beneficiários dos projetos de cooperação privilegiando, principalmente, os atores e processos do país que os promove: “Majoritariamente, a literatura silencia sobremaneira o papel dos atores beneficiários nos processos de cooperação” (MILANI, 2014a, p. 53).

Ademais, além das visões unilaterais, também se observa nas produções acadêmicas sobre a temática a predominância das instituições estatais e não estatais, como principais atores da CSS. Milani (2014a) classifica como beneficiários os atores diretos da administração pública nacional e federal; organismos públicos de entidades subnacionais; organizações não-governamentais; universidades; consultorias; empresas e fundações privadas (MILANI, 2014a, p. 53). É importante destacar, porém, que a grande parte da literatura sobre cooperação Sul-Sul foca no Estado enquanto unidade de análise central sendo recente, e crescente, os estudos sobre a atuação dos atores privados. Esses podem ser instituições com ou sem fins lucrativos, a depender da interpretação (DI BELLA, 2013) e inclui empresas, institutos, ONG's, instituições filantrópicas. Como esses interesses se articulam e quais seus efeitos nas práticas de cooperação também têm sido alvo de pesquisa e crítica (MAWDLSEY, 2018).

Embora o Milani (2014a) tenha destacado nas pesquisas relacionadas ao tema o silenciamento dos atores beneficiários alvos da cooperação, reforça, por outro lado, o enfoque exaustivo que a literatura especializada dispensa aos atores institucionais, desconsiderando na análise a perspectiva dos indivíduos beneficiários diretos dos projetos. Nesse sentido, Ana Garcia *et al.* (2012) apontam que, em linhas gerais, os estudos sobre a CSS brasileira em países do continente africano, por exemplo, partem de uma perspectiva unilateral e reproduzem uma visão única:

Entre uma visão e outra, muito pouco se sabe sobre a história, a realidade e a vida nesses países da África lusófona. São visões que utilizam “lentes” de quem está fora da realidade local. As diferentes visões sobre “a África” partem da realidade do Brasil, um país “emergente”, que busca ser uma potência reconhecida globalmente e constrói seu projeto de poder tendo na África uma

de suas plataformas de sustentação. Poucos se dão ao trabalho de ir a esses países para sentir, ver, vivenciar e ouvir. Estão assim pouco abertos para escutar os atores locais. Esse, assim, é um traço que conecta essas visões extremas: o pouco espaço que é relegado nessas análises aos atores locais e às particularidades dos contextos político e econômicos analisados. A origem desta lacuna muitas vezes está associada ao desinteresse e à arrogância com os quais se enxerga a realidade africana, e que parte da elite, de intelectuais acadêmicos e dos próprios movimentos sociais (GARCIA *et al.*, 2012, p. 17).

A conexão, portanto, pode ser um caminho para se evitar uma abordagem da cooperação Sul-Sul excludente, etno e estadocêntrica, ao conectar experiências articulando as diversas visões em um exercício de pesquisa “multiarquivo” visando produzir um conhecimento histórico “em partes iguais”.

## CONCLUSÃO

Diante da reflexão aqui proposta, é possível concluir que são muitas as contribuições da História Global para a análise da cooperação Sul-Sul enquanto um movimento internacional. O exercício de aproximação entre as disciplinas da História e das Relações Internacionais para uma abordagem global mais que profícuo, é necessário, considerando toda a complexidade das dinâmicas que envolvem tal fenômeno.

O caminho proposto a partir da tipologia de Diego Olstein (2015) é apenas um dos caminhos possíveis. A História Global permite inúmeras possibilidades ao ir além dos “centrismos” metodológicos. Pensar nos fluxos, nas trocas culturais, em processos a partir de uma conexão ampla de fontes, buscando ouvir as “histórias em partes iguais” abre uma porta para novos métodos, registros e formas de fazer História. Ademais, o exercício aqui proposto apontou que a História Global não é uma ode à globalização, ao contrário, é uma ferramenta importante para identificação e análise de processos globais e seus diversos impactos, o que inclui o aprofundamento das desigualdades sejam elas sociais, entre indivíduos, Estados e os mais diversos atores. Combater o eurocentrismo e o etnocentrismo é uma forma de transcender a reprodução de assimetrias nas produções historiográficas e também no campo das Relações Internacionais como foi demonstrado.

Por fim, cabe destacar que o mais recente cenário internacional traz desafios tanto à História Global enquanto abordagem, quanto à cooperação Sul-Sul enquanto fenômeno global. Em primeiro lugar, cabe destacar o preponderante papel da China, não mais como país emergente, mas como potência fazendo frente à liderança hegemônica estadunidense, haja vista a guerra comercial entre ambos e a emblemática empreitada da *Belt and Road* (“Nova Rota da Seda”). Em que medida a China articula na prática e no discurso a lógica Sul-Sul em sua nova configuração? Ademais, o contexto internacional mais recente também aponta uma guinada para o reforço dos nacionalismos e forte crítica aos multilateralismos, bem como o enfraquecimento de dinâmicas e processos globais tais como a cooperação Sul-Sul. Ao mesmo tempo, essa onda também se fez sentir nos próprios estudos da História Global. O professor Jeremy Adelman publicou no início do ano de 2017 o artigo ‘*O que é a História Global agora?*’, onde questiona se a História Global ainda é relevante no atual contexto

histórico. Também esse foi o questionamento de Alexandre Moreli (2017) no texto *Vida (e morte?) da História Global* onde afirma que se a História Global sobreviver à onda nacionalista terá efetivamente se consolidado no campo disciplinar da História. A aposta aqui é que sim, ela sobreviverá, as respostas a essas perguntas estão reservadas, porém, às pesquisas futuras.

## REFERÊNCIAS

ACHARYA, Amitav. Towards a global IR? In: MCGLINCHEY, Stephen; WALTERS, Rosie; SCHEINPFLUG, Christian (ed.). *International Relations Theory: an E-IR Foundations beginner's textbook*. Bristol: E-International Relations Publishing, 2017. p. 76-83.

ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. *The Making of Global International Relations: Origins and Evolution of IR at its Centenary*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.

HIRST, Mónica; ANTONINI, Blanca. Pasado y presente de la cooperación Norte-Sur para el desarrollo. In: REPÚBLICA ARGENTINA. Ministerio de Relaciones Exteriores, Comercio Internacional y Culto. Dirección General de Cooperación Internacional. Secretaría de Coordinación y Cooperación Internacional. *Documentos de trabajo sobre Cooperación Sur-Sur*. Buenos Aires, mar. 2009. p. 5-71.

ADELMAN, Jeremy. What is global history now? *Aeon*, 2 mar. 2017. Disponível em: <https://aeon.co/essays/is-global-history-still-possible-or-has-it-had-its-moment>. Acesso em: 20 maio 2021.

BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas. *Por uma História-Mundo*. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

CHATURVEDI, Sachin; FÜES, Tomas; SIDIROPOULOS, Elizabeth. *Development cooperation and emerging donors: new partners or old patterns?* Londres: ZED Books, 2012.

CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Nova Jersey: Princeton University Press, 2016.

DI BELLA, José. *et al. The Private Sector and development: key concepts*. Ottawa: The North-South Institute, 2013.

GARCIA, Ana *et al. A História Contada pela Caça ou pelo Caçador?* Perspectiva sobre o Brasil em Angola e Moçambique. São Paulo: PACS, 2012.

GONDAR, Anelise; RIZZO, Aline. Global History and International Relations: possible disciplinary encounters and an initial review of contributions from Latin American research. *Carta Internacional*, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 243-264, 2019.





GRUZINSKI, Serge. How To Be a Global Historian? *Public Books*. 2016. Disponível em: <https://www.publicbooks.org/how-to-be-a-global-historian/>. Acesso em: 20 maio 2019.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Globalização, Democracia e Terrorismo*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2007.

IKENBERRY, John; WRIGHT, Thomas. *Rising Powers and Global Institutions*. Nova Iorque: The Century Foundation, 2008.

KOCKA, Jürgen. Comparison and Beyond. *History and Theory*, Middletown, v. 42, p. 39-44, 2003.

MAWDSLEY, Emma. *From recipients to donors: emerging powers and the changing development landscape*. Londres: Zed Books. 2012.

MAWDSLEY, Emma. From billions to trillions: Financing the SDGs in a world 'beyond aid'. *Dialogues in Human Geography*, Londres, v. 8, n. 2, p. 191-195, 2018.

MILANI, Carlos. Organizações Multilaterais de Desenvolvimento. In: SOUZA, André de Mello e. (org.). *Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento*. IPEA, Brasília, 2014a. p. 89-111.

MILANI, Carlos. Evolução Histórica da Cooperação Norte-Sul. In: SOUZA, André de Mello e (org.). *Repensando a Cooperação Internacional para o Desenvolvimento*. IPEA, Brasília, 2014b. p. 33-56.

MORELLI, Alexandre. Vida (e morte?) da História Global. *Revista Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 60, p. 5-10, 2017.

OLSTEIN, Diego. *Thinking history globally*. Londres: Palgrave Macmillan, 2015.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (org.). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

SACHSENMEIER, Dominic. World History as Ecumenical History? *Journal of World History*, Honolulu, v. 18, n. 4, p. 465-469, 2007.

SCHULZ-FORBERG, Hagen: The spatial and temporal layers of global history: a reflection on global conceptual history through expanding Reinhart Koselleck's Zeitschichten into global spaces. *Historical Social Research*, Köln, v. 38, n. 3, p. 40-58, 2013.

SUBRAHMANYAM, Sanjay. Connected Histories: Notes towards a Reconfiguration of Ear& Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Cambridge, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Comendador Soares, 26, apt. 501-B, 26255-350, Nova Iguaçu, RJ, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Extraído da tese “Queremos ser ouvidos e não vociferados: Cooperação Sul-Sul Brasileira em Educação: Os casos da UAB Moçambique e do SENAI em Cabo Verde (2004-2014)”, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2020.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Discussão dos resultados:** D.C.S. Maynard

**Revisão e aprovação:** D.C.S. Maynard

### FINANCIAMENTO

Bolsa de doutorado, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Aline Duarte da Graça Rizzo. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

### HISTÓRICO

Recebido em: 5 de novembro de 2020

Aprovado em: 31 de março de 2021

Como citar: RIZZO, Aline Duarte da Graça. História Global e a Cooperação Sul-Sul: uma agenda de pesquisa. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 290-307, maio/ago., 2021.






## **A REVISTA *AONDE VAMOS?* PUBLICA O RELATÓRIO KRUSCHEV**

The magazine *Aonde Vamos?* publishes the Khrushchev report

**Lucia Chermont<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-3374-2230>  
E-mail: [lucichermont@gmail.com](mailto:lucichermont@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Franca, SP, Brasil

**DOSSIÊ**  
**Internacionalismo e história global**

## RESUMO

A revista *Aonde Vamos?* (1943-1977), um semanário carioca publicado pela comunidade judaica com forte viés crítico e ideológico vinculado à direita sionista, veio à luz durante um período de grandes transformações marcado pela integração e afirmação judaica frente ao legado do Holocausto e às tensas expectativas advindas da recente fundação do Estado de Israel. Este artigo analisa a publicação pioneira e na íntegra do relatório Krushev pela revista *Aonde Vamos?* entre 21 de junho e 19 julho de 1956. O relatório tinha sido apresentado no XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética em 14 de fevereiro do mesmo ano e expunha abusos do período stalinista soviético. Este artigo objetiva trazer à luz como a circulação de ideias e de informações era intensa e possuía caráter transnacional, além de ressaltar como essas ideias e informações eram carregadas de significados e representações para determinadas linhas ideológicas da comunidade judaica. A partir de um aporte teórico-metodológico da História Cultural e das Representações, buscou-se compreender os usos e as representações do documento pela imprensa judaica brasileira, assim como o posicionamento dela frente ao relatório e o sentido e significado de sua publicação na revista *Aonde Vamos?*.

## PALAVRAS-CHAVE

Imprensa judaica no Brasil. História Contemporânea. História Transnacional.

## ABSTRACT

The magazine *Aonde Vamos?* (1943-1977), a weekly Rio de Janeiro publication by the Jewish community, with a strong critical and ideological bias, linked to the Zionist right, emerged during a period of great transformations, such as the integration and affirmation of this group in the face of the tragic legacy of the Holocaust and the tense expectations arising from the recent foundation of the State of Israel. This article analyzes the pioneering and full publication of the Krushev report by the magazine *Aonde Vamos?* between June 21 and July 19, 1956. The report had been presented at the 20<sup>th</sup> Congress of the Communist Party of the Soviet Union on February 14 of the same year and exposed abuses of the Soviet Stalinist period. This article aims to shed light on how the circulation of ideas and information was intense and had a transnational character, in addition to highlighting how these ideas and information were loaded with meanings and representations for certain ideological lines of the Jewish community. Based on a theoretical-methodological contribution of Cultural History and Representations, we sought to understand the uses and representations of the document by the Brazilian Jewish press, as well as its position regarding the report and the meaning and value of its publication in the magazine *Aonde Vamos?*.

## KEYWORDS

Jewish Press in Brazil. Contemporary History. Transnational History.

**A** história da imprensa judaica no Brasil está intimamente ligada à formação da comunidade israelita no país. Segundo Nachman Falbel (2008) foi apenas com a vinda da Família Real, em 1808, e em decorrência da Abertura dos Portos e do Tratado de Amizade e de Paz entre Portugal e Inglaterra, em 1810, que se tornou possível o estabelecimento de não católicos no Brasil. A imigração de judeus no país teve início nas primeiras décadas do século XIX. Contudo, segundo o demógrafo René Decol (1999), estes chegaram ao Brasil de forma sistemática e expressiva a partir da década de 1920, constituindo instituições perenes.

Os principais fluxos migratórios de israelitas são divididos entre os períodos Russo, Centro-Europeu e Pós-Guerra. No Período Russo (1881-1920), estimulada pelas manifestações antissemitas — os *pogroms* — teve início a imigração em massa. No Brasil, em 1904, a Jewish Colonization Association (ICA)<sup>1</sup> cria a colônia agrícola Phillipson no interior do Rio Grande do Sul. O Período Centro-Europeu (1920-1940) teve seu auge entre as duas grandes guerras e foi marcado pela ascensão da direita radical, fortemente nacionalista, do fascismo e do nazismo, regimes nos quais minorias eram vistas como ameaça. Já o Período do Pós-Guerra (após 1945) foi motivado pelo antijudaísmo crescente nos países árabes ao redor da Palestina, quando da criação do Estado de Israel em 1948. Sendo assim, de acordo com René Decol (1999), os judeus vieram para o Brasil de lugares diversos e em vários períodos.

Do ponto de vista espacial, a região Sudeste agrega a maior parcela das comunidades judaicas brasileiras, concentradas sobretudo nos estados de São Paulo e do Rio de Janeiro. A região Sul é a segunda mais significativa, principalmente o estado do Rio Grande do Sul, terceiro em número de judeus. Nesses estados, a comunidade está concentrada em maior parte nas regiões metropolitanas das capitais. A concentração judaica criou e gerou instituições sociais, religiosas, esportivas e outras para promover a sociabilidade e interação dessas comunidades. Um aspecto relevante foi a criação da imprensa judaico-brasileira, que exerceu um papel importante nesse processo.

Tendo em vista que os judeus que imigraram para o Brasil vieram de várias partes do mundo em momentos diferentes e, portanto, nem todos falavam a mesma língua. Os judeus do Leste Europeu falavam o ídiche e os judeus da Europa Ocidental, Norte da África e do Oriente Médio falavam as línguas de seus países de origem ou dialetos judaicos.<sup>2</sup> Estes imigrantes criaram boletins e periódicos nas línguas que lhes fossem aprazíveis para se comunicarem.<sup>3</sup>

O ídiche é um idioma derivado do germânico, com expressões derivadas de línguas de países da Europa Oriental, que usa o alfabeto hebraico na forma escrita. Ele era falado por quase a totalidade dos judeus da Europa Oriental até a Segunda

<sup>1</sup> Instituição filantrópica judaica inglesa que tinha como objetivo ajudar os judeus que estivessem em situação de opressão em seus países de origem. A ICA procurava retirar as famílias judias dos países opressores, adquirindo terras em outros locais mais favoráveis. Comprava terrenos para a construção de colônias agrícolas e ajudava na instalação dessas famílias. Antes do Brasil, a Argentina foi o local de instalação dessas colônias agrícolas.

<sup>2</sup> Como por exemplo, o *hakitfa*, dialeto judeu-árabe falado pelas comunidades do Norte da África ou Magreb ou o ladino, o dialeto judeu-espanhol falado pelas comunidades originárias da Península Ibérica.

<sup>3</sup> Dois exemplos: o jornal *Le Messenger de St. Paul* (1901-1924), publicado em francês, em São Paulo, pela comunidade israelita de origem francesa ou francófona; e o jornal a *Crônica Israelita* (1938-1969), pertencente à Congregação Israelita Paulista, fundada por refugiados do nazismo que vieram para o Brasil, no primeiro ano publicado em alemão.

Guerra Mundial — quando essa população foi dizimada pelo Holocausto. A imprensa ídiche foi produzida no Brasil pelos judeus que vieram dos países da Europa Central e Oriental. Os primeiros periódicos surgiram em 1915, na cidade de Porto Alegre, com o *Di Menscheit* (A Humanidade); no Rio de Janeiro, em 1923, com o *Dos Iídiche Vochenblat* (O Semanário Israelita); e em São Paulo, em 1928, com o *Idicher Gezelschaftlicher un Handels Biuletin* (Boletim Social e Comercial Judaico). Tanto na comunidade carioca, como em São Paulo, surgiram vários tipos de publicações: jornais literários que divulgavam poesia, literatura de autores locais e clássicos da literatura ídiche; periódicos com finalidades sociais e culturais pertencentes aos movimentos juvenis; e também a imprensa “partidária”, que representava correntes ideológicas trazidas pelos imigrantes. No entanto, poucas dessas iniciativas tiveram vida longa.

Os primeiros periódicos judaicos em português foram criados pelos judeus de origem *sefaradi*,<sup>4</sup> que não falavam o ídiche. O primeiro periódico judaico publicado em português no Brasil foi o jornal carioca *A Columna* (1916–1918), porém houve outras iniciativas que não tiveram vida longa. Com a ditadura do Estado Novo (1937–1945), a imprensa em língua estrangeira foi alvo da política de nacionalização. Os decretos de 1939 impunham a tradução para o português de artigos escritos na imprensa em língua estrangeira e restringiam e controlavam a quantidade e o conteúdo de todos os periódicos no Brasil. De forma complementar, os decretos de 1941 interditavam totalmente a publicação de jornais em língua estrangeira e inviabilizaram sua continuidade. Foi nesse período que surgiu a revista *Aonde Vamos?*, na cidade do Rio de Janeiro em 1941, voltada para a área de turismo.

Em 1943, Shabetai Karakuchanski<sup>5</sup> e o advogado Isidoro Waisman, em parceria com Ladislau Vinhaes,<sup>6</sup> compraram a *Aonde Vamos?* e transformaram-na numa revista direcionada à comunidade judaica brasileira.<sup>7</sup> A contracapa da revista em sua edição de 11 de março de 1943 apresenta uma discreta chamada “Aos leitores”, onde informa que a publicação era então autônoma e aquele era o primeiro exemplar da nova fase. Ao que tudo indica, a aquisição do periódico se deu desta forma para contornar as restrições do governo brasileiro em conceder alvarás para novas publicações.

A revista *Aonde Vamos?* (1943–1977) era um semanário redigido em português, com conexões nacionais e transnacionais. Argumentamos que a revista *Aonde Vamos?* teve um papel importante na construção da dinâmica das representações e da circulação de informações dentro e fora da comunidade judaica brasileira, atuando

---

<sup>4</sup> De maneira geral, os judeus podem ser divididos em três tipos, para os quais a religião é comum, mas as tradições são influenciadas pelo local onde eles viviam: os *asquenazim* (plural) são os judeus da Europa além-Pirineus (*Asquenaz* como os judeus medievais chamavam a região da Alemanha); os *sefaradim* (plural) são os judeus dos países em torno do Mediterrâneo (*Sefarad* como os judeus medievais chamavam a Península Ibérica), expulsos da Espanha em 1492; *mizrahim* (plural) são os judeus dos países árabes, principalmente do Oriente Médio. Dois terços da imigração judaica para o Brasil foram de judeus *asquenazim*.

<sup>5</sup> Veio da Argentina onde era professor para juntar-se ao seu irmão no Rio de Janeiro. Atuou na imprensa em língua ídiche: foi redator do *Dos Iídiche Vochenblat* (RJ, 1923–1927), onde também publicava poesias; redator adjunto do *Brasilianer Iídiche Presse* (RJ, 1927–1929); redator de seções, articulista e financiador do *Iídiche Volkszeitung* (RJ, 1927–1940).

<sup>6</sup> Ladislau Vinhaes era advogado, jornalista e brasileiro nato.

<sup>7</sup> Relatório da Polícia Civil do Distrito Federal de 1943, realizado pelo chefe do serviço secreto, afirma que os proprietários da revista são: Ladislau Vinhaes, Bela Karakuschanski, esposa de Shabatai Karacuchanski (PMDF, 1943).

como um importante mediador cultural. Contava com assinantes e correspondentes nas principais cidades do país com comunidades judaicas organizadas, como São Paulo, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Porto Alegre, Belém, Manaus e Curitiba. Além disso, havia uma ampla rede transnacional de contatos com jornalistas e periódicos publicados em cidades estrangeiras, como Nova Iorque, Londres, Paris, Berlim e Buenos Aires. Dessa forma, a análise desse semanário pode contribuir para o entendimento das redes de mediadores e de circulação de ideias de interesse desse grupo e demais leitores dentro da perspectiva da História Global.

A revista posicionava-se, dentre as diversas correntes ideológicas trazidas pelos imigrantes, como simpatizante do revisionismo sionista, movimento fundado em Israel por Wladimir Jabotinski em 1923. O sionismo revisionista tinha intenção de refundar o movimento sionista sob novas bases, com caráter profundamente nacionalista, exigindo as terras de ambas as margens do rio Jordão e a fundação de um estado liberal. Tal corrente era a principal oposição ao sionismo trabalhista<sup>8</sup> e socialista<sup>9</sup> (GOLDBERG, 1989). Estes propunham a criação do estado judaico baseado numa economia planificada.

O nome de Aron Neumann<sup>10</sup> apareceu na revista em 19 de agosto de 1943, como novo colaborador, tornando-se redator-chefe em 26 de junho de 1952. Ele permaneceu no cargo até seu falecimento, em 08 de fevereiro de 1973. Em 15 de junho de 1944, surge o novo proprietário e diretor da revista, Leão Padilha<sup>11</sup> que permanece no cargo por 29 anos, até 14 de fevereiro de 1973. Os dois levaram adiante a revista e imprimiram suas perspectivas políticas e ideológicas nas páginas da publicação.

O jornalista Henrique Veltman (1998) relata que a revista *Aonde Vamos?* foi o mais extraordinário órgão de comunicação judaica do Brasil durante os anos em que foi editada. Tão importante que, segundo ele, foi o primeiro veículo no país a publicar na íntegra o relatório Kruschew<sup>12</sup> apresentado no XX Congresso do Partido Comunista

---

<sup>8</sup> Sionismo trabalhista: corrente do Mapai (Partido dos Trabalhadores da Terra de Israel) - partido político socialdemocrata em Israel fundado em 1930. O sionismo trabalhista foi hegemônico na política israelense de 1948 a 1977, quando houve a ascensão do Likud ao poder. Durante os anos do governo, o Mapai promoveu ampla gama de reformas progressivas, caracterizadas pelo estabelecimento de um estado de bem-estar, proporcionando renda mínima, segurança e acesso gratuito (ou quase gratuito) a subsídios habitacionais e serviços de saúde e sociais.

<sup>9</sup> Sionismo socialista: corrente do Mapam (Partido Unido dos Trabalhadores) - partido político de Israel fundado em 1948. Inicialmente de inspiração comunista, marxista-leninista, anticapitalista e defensor de manter relações com a URSS. A partir do final da década de 1950, o partido foi mudando, passando a adotar uma linha socialdemocrata e, após a Guerra dos Seis Dias (5 a 10 de junho de 1967), optou pelo Mundo Ocidental.

<sup>10</sup> Aron Neumann nasceu em 1908 em Kempen, na Alemanha, mudou-se para o Chile aos treze anos e com 23 anos veio para o Brasil, estabelecendo-se no Rio de Janeiro. Tornou-se sionista já adulto, militou no sionismo geral, movimento que surgiu na década de 1920, em Israel, e identificava-se com a crença liberal capitalista oposição do sionismo trabalhista e socialista. Era simpático ao revisionismo sionista. Fundou o Lar da Criança Israelita em 1937, instituição em atividade até os dias de hoje, e foi colaborador de outras instituições judaicas.

<sup>11</sup> José Leão Padilha (PI, 1906 – RJ, 1986), era advogado e jornalista, ocupou cargos de importância em vários jornais cariocas. Teve forte vínculo com o político carioca Antônio de Pádua Chagas Freitas, ocupou o cargo de diretor da empresa do político, que era proprietária, entre outros, dos veículos de informação *A Notícia* (RJ, 1894–1930; 1938–1979; 1991–1997) e *O Dia* (RJ, 1951–atual). José Padilha foi concomitantemente diretor da *Aonde Vamos?* e secretário de redação de *A Notícia* e, depois, do *O Dia*.

<sup>12</sup> XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética, em 14 de fevereiro de 1956.

da União Soviética (PCUS), de modo que a primazia não coube ao *O Globo* ou o *Correio da Manhã*.

Em uma matéria sobre a história da imprensa israelita no Brasil, deparamo-nos com a afirmação de que a *Aonde Vamos?* era uma “revista judaica muito polêmica e bastante conhecida na coletividade carioca” (A IMPRENSA..., 1978).

A orientação editorial do semanário, diferentemente da grande imprensa brasileira do período, apresenta versões enriquecedoras sobre as disputas e as escolhas de representações para a consolidação da identidade, sempre tão complexa, dos judeus como cidadãos brasileiros, como cidadãos do mundo e em suas relações transnacionais. Este artigo pretende explicitar as intensas articulações e as trocas entre local e global nessa revista específica que pertencia à comunidade judaica carioca e publicada no Brasil.

## CONTEXTO POLÍTICO DA COMUNIDADE JUDAICA APÓS A II GUERRA MUNDIAL

A criação do Estado de Israel significou um ponto de inflexão na trajetória do povo judeu na década de 1950. O impacto desse evento foi sentido em todas as comunidades espalhadas pelo mundo e pelo Brasil, onde viviam quase 70 mil judeus (DECOL, 1999, p. 156).

Grandes transformações ocorreram nesses anos de luta pela ascensão, integração e consolidação da comunidade judaica brasileira. No campo internacional, a luta pelo apoio à criação do Estado de Israel fez-se quase concomitantemente à adoção de uma posição homogênea de algumas correntes com vistas a minimizar as várias tendências ideológicas em prol da consolidação e defesa do novo Estado. A imprensa judaica em língua portuguesa adquiriu nesse contexto um papel fundamental na formação de opinião não apenas dos seus leitores judeus, mas de todos que tivessem interesse na leitura de seus veículos.

Os motivos que levaram à produção, circulação e recepção de impressos não se restringem a um único fator e nem mesmo à manutenção da identidade étnica, envolvem em igual medida os objetivos relacionados às disputas entre posições políticas. Sendo assim, em relação ao Estado de Israel, a revista *Aonde Vamos?* passou a disputar espaço na construção das representações ideológicas e de circulação de ideias com outras publicações mais progressistas, como o jornal *Unzer Stimer* (A Nossa Voz, SP, 1947–1964) e a revista *O Reflexo* (RJ, 1947–1955), e com outras perspectivas dentro do movimento sionista, como o *Diário Israelita* (RJ, 1952–1978).<sup>13</sup>

Dina Lida Kinoshita (2000) faz algumas afirmações que colaboram para o entendimento dessa problemática. Segundo a autora, com o fim da Segunda Guerra Mundial surgiu uma grande predisposição à unidade nas comunidades judaicas ao redor do mundo, pois as divergências políticas, as divisões internas e a polarização foram minimizadas. Sionistas e comunistas aproximaram-se e somaram esforços para a concretização do Estado de Israel. Estava claro, contudo, que as motivações

---

<sup>13</sup> O jornal *Unzer Stimer* e a revista *Reflexo* eram periódicos da comunidade judaica progressista, que não eram sionistas. O *Diário Israelita* de orientação sionista opunha-se à postura de direita e beligerante da revista *Aonde Vamos?*.



eram distintas para cada um desses dois grupos. Enquanto os sionistas, desde o século XIX, vinham em um esforço contínuo para efetivar o retorno do povo judeu à sua terra ancestral e para a recriação do Estado de Israel nos moldes nacionalistas da modernidade, os comunistas e socialistas inseriam essa luta no movimento de autonomia dos povos e na busca pela libertação nacional desse povo específico. Importante ressaltar que, para a URSS e os países do Bloco Comunista, esse era um apoio estratégico no campo geopolítico na região do Oriente Médio. Essa postura pode ser verificada no enfático apoio do Bloco Comunista nas seções da ONU voltadas para à criação do Estado de Israel e pelo aparelhamento de armas, em grande parte vindas da Tchecoslováquia, para o que seria o futuro exército israelense, naquele momento denominado *Haganá* (organização paramilitar judaica do movimento sionista na Palestina, 1920-1948). Apesar dessas ações, os judeus dos países comunistas tinham expectativa e proposta diversificada dos sionistas para a solução da “questão judaica”, pois sonhavam com o renascimento das comunidades judaicas no interior de seus países. Além disso, do ponto de vista ideológico, acreditavam que o socialismo era a solução para as injustiças do mundo contemporâneo para judeus e não judeus.

A simpatia dos judeus de várias correntes ideológicas pela esquerda no imediato pós-guerra, em função da importante atuação da URSS para a derrota da Alemanha, contribuiu para que muitos judeus obtivessem destaque nos Partidos Comunistas após a Segunda Guerra Mundial. No Partido Comunista Brasileiro, Kinoshita cita diversos ativistas, entre eles Salomão Malina,<sup>14</sup> Jacob Gorender,<sup>15</sup> Mario Schenberg,<sup>16</sup> Isaac Scheinvar,<sup>17</sup> Mauricio Grabois,<sup>18</sup> Noé Gertel<sup>19</sup> e Moisés Vinhas<sup>20</sup> (KINOSHITA, 2000).

No entanto, esse curto período de harmonização no interior das comunidades judaicas foi seguido pela forte polarização da Guerra Fria. Como consequência, houve o descompasso da aliança entre Bloco Comunista e Estado de Israel, a queda do prestígio da esquerda judaica e a diminuição do número de seus membros. Nos anos 1950, essa mudança de posicionamento explicitou-se na postura unívoca do Estado de Israel de alinhamento ao Bloco Capitalista, que não era tão clara anteriormente, frente às denúncias e ao conhecimento público dos crimes soviéticos no período stalinista, por meio do relatório de Nikita Krushev no XX Congresso do PCUS. As denúncias abarcavam assassinatos de médicos e escritores soviéticos de ascendência judaica e, também, o processo judicial, com forte caráter antissemita, envolvendo Arthur London, Subsecretário de Relações Exteriores, e Rudolf Slánský, ex-Secretário-Geral do Partido Comunista, ambos da Tchecoslováquia, que foram acusados de espionagem e de serem agentes sionistas. Dessa forma, os judeus vinculados ao

<sup>14</sup> Salomão Malina (RJ, 1922 – SP, 2002) foi presidente nacional do PCB de 1987 a 1991.

<sup>15</sup> Jacob Gorender (BA, 1923 – SP, 2013) foi um historiador e cientista social brasileiro.

<sup>16</sup> Mário Schenberg (PE, 1914 – SP, 1990) foi físico, matemático, político e crítico de arte brasileiro.

<sup>17</sup> Isaac Scheinvar (1925 – 2007), engenheiro, foi membro da direção regional do PCB.

<sup>18</sup> Maurício Grabois (BA, 1912) um dos fundadores do PCdoB (1962). Desaparecido político, mas tudo indica que foi assassinado no Chafurto de Natal, em 25 de dezembro de 1973.

<sup>19</sup> Noé Gertel (SP, 1914 – 2002), jornalista, foi chefe de redação do jornal *Hoje* do PCB e editor de cultura do jornal *Voz da Unidade* do PCB.

<sup>20</sup> Moisés Vinhas (RO, 1915 – RJ, 1991) fez parte do Comitê Central do PCB. Foi afastado, em 1983, em função da sua oposição às novas diretrizes do partido.

sionismo de esquerda e posteriormente os judeus socialistas, em boa parte, retiraram-se das organizações do *Idish Kultur Farband* (ICUF).<sup>21</sup>

Toda essa conjuntura deslegitimava posições não sionistas e de esquerda e, ainda, houve a tendência de homogeneizar os judeus e o sionismo. Passava-se a imagem de que seriam, os judeus, completamente desvinculados dos movimentos de esquerda e que sionismo se referia a uma única proposta, desqualificando e minimizando suas inúmeras correntes e tendências.

Quanto aos judeus brasileiros, Monica Grin (1997), em artigo que analisa a atuação da Federação Israelita do Estado do Rio de Janeiro, observa a situação da comunidade judaica no estado nos anos de 1950 e, segundo a historiadora, o quadro político-social possibilitava, naquele momento, a integração dos seus membros, já que, para o grupo não havia do ponto de vista legal ou social maiores entraves à sua ascensão. Diferentemente dos países de origem dos imigrantes judeus, que restringiam os ramos de atividades profissionais e adotavam *numerus clausus* ou *numerus nulus* de judeus nas universidades, o Brasil não impunha restrições ao exercício de ofícios, nem limitava o número de judeus em instituições de ensino. Tal circunstância possibilitou que os filhos dos judeus estabelecidos no Brasil usufríssem do esforço das gerações anteriores e ingressassem nas carreiras de nível superior sem maiores impedimentos. Também não houve entraves específicos ao ingresso no mercado de trabalho dos novos bacharéis judeus, o que permitiu a ascensão do grupo como um todo.

## XX CONGRESSO DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA E SEUS DESDOBRAMENTOS

No XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), Nikita Krushev, que era o Secretário-Geral do PCUS, apresentou para os delegados soviéticos e para alguns representantes dos partidos das “democracias populares” um relatório sobre a Era Stalin, que ficou conhecido como relatório Krushev e/ou discurso secreto. Ele marcou uma reformulação do socialismo empreendido pelo Partido Comunista na União Soviética com o abandono das principais posturas do período em que Stalin esteve no poder. O Congresso teve início no dia 14 de fevereiro de 1956, onde Krushev denunciou o culto à personalidade de Stalin que havia morrido três anos antes. No relatório, Stalin é acusado de uso indevido e indiscriminado de violência, por execuções e por fraudes judiciais, desconstruindo a imagem de herói que a propaganda oficial do governo soviético divulgava no pós-Segunda Guerra Mundial. Contudo, o secretário do partido, no relatório, apesar das críticas, reconheceu que Stalin prestou grandes serviços ao Partido Comunista Soviético e à classe operária e pediu para que as questões discutidas no relatório não fossem divulgadas à imprensa. Contudo, pouco tempo depois de pronunciado o discurso, a imprensa ocidental sabia da notícia e tornou pública parte do documento.

Após a divulgação do relatório, os países do Bloco Soviético começaram a promover mudanças e ajustes. A nível internacional, diversos eventos confirmavam a

---

<sup>21</sup> *Idisher Kultur Farband* (ICUF) Associação Cultural Judaica criada em 1937, como desdobramento do Congresso dos Escritores Antifascistas, realizado em Paris no ano de 1935.



existência e o teor do relatório. Alguns exemplos são o início da desestalinização na Polônia, com a reabilitação do ex-líder comunista Gomulka;<sup>22</sup> a revolta em Poznam,<sup>23</sup> em abril de 1956; a dissolução do Kominform (1947–1956),<sup>24</sup> nos países comunistas da Europa; e a publicação no jornal *Voz Operária* (RJ, 1949–1959; 1964–1980) do PCB sobre a resolução do Comitê Central do Partido Comunista Italiano sobre o XX Congresso, ocorrido em 21 de abril de 1956.

No interior do Partido Comunista Brasileiro o relatório secreto trouxe disputas e profundos debates, inclusive sobre a sua veracidade. Apesar de Luís Carlos Prestes, Secretário Geral do PCB, publicar um artigo onde se referia abertamente ao relatório e apoiava seu teor (PRESTES, 1956), a direção do PCB não se pronunciou oficialmente sobre o assunto e aguardava o retorno do delegado brasileiro enviado ao XX Congresso, Diógenes Arruda,<sup>25</sup> para divulgar um informe oficial. Este retornaria ao Brasil em agosto, quando pôde, no Pleno Ampliado do Comitê Central (C.C.) do PCB, confirmar o conteúdo do relatório Krushev. Em função da profunda crise e tensão causadas, o Pleno foi suspenso e um novo evento foi marcado para meses depois.

O novo Pleno, ocorrido em outubro, foi acompanhado paralelamente por um debate público nas páginas da *Voz Operária*, exigindo a publicação do relatório de forma aberta e democrática para desespero do Comitê Central do PCB. Houve divisão de opiniões: enquanto uns se revoltavam com a indisciplina, outros apoiavam. Apesar da crise, foi elaborado um Projeto de Resolução sobre o atraso nas discussões sobre o XX Congresso do Partido Comunista e a necessidade de democratização do PCB. Foi estabelecida a criação de um debate aberto no V Congresso e o Projeto foi publicado no jornal *Imprensa Popular* (RJ, 1948–1958) do Partido Comunista Brasileiro em 19 de outubro de 1956.

O diretor do jornal *Voz Operária*, Aydano do Couto Ferraz, fez uma denúncia ao Comitê Central do PCB sobre a existência de uma Comissão de Censura das correspondências enviadas ao jornal a mando da direção do partido. Dessa forma, os artigos eram aprovados com bastante defasagem, criando um descompasso na informação. Como resposta, a direção do PCB demitiu o diretor da *Voz Operária* (PERALVA, 1960).

O debate em torno do relatório e os desdobramentos que ele suscitou no PCB agitaram o partido e a imprensa partidária, intensificando-se no ano seguinte de 1957 e gerando o rompimento de líderes como Agildo Barata,<sup>26</sup> que teve seu artigo “Pela democratização do partido” proibido de ser divulgado na imprensa pela direção nacional do PCB, e de Osvaldo Peralva,<sup>27</sup> decepcionado com o comportamento do

<sup>22</sup> Vladislav Gomulka (Krosno, 1905 – Varsóvia, 1982) político, atuou no Partido Comunista da Polônia.

<sup>23</sup> Revolta de Poznań, em 1956, manifestação popular contra o governo da República Popular da Polônia, duramente reprimida pelo governo e deixando grande número de mortos.

= Kominform, organização internacional cuja função era a padronização e o controle do movimento comunista, favorecendo a influência da política soviética nos países comunistas e realizando a uniformização a ação comunista de acordo com seus critérios.

<sup>25</sup> Diógenes Alves de Arruda Câmara (PE, 1914 – SP 1979) pertenceu ao PCB e posteriormente ao PCdoB. Foi editor da *Revista Problemas*, da revista mensal de cultura política do Partido, RJ (1937–1939). Na política foi deputado federal por Pernambuco (1935–1937), constituinte (1946), deputado federal por Pernambuco (1946–1970) e deputado federal por São Paulo (1947–1951, PSP).

<sup>26</sup> Agildo da Gama Barata Ribeiro (RJ, 1905–1968) esteve vinculado ao do PCB de 1934 a 1957.

<sup>27</sup> Osvaldo Peralva (BA, 1918 – RJ, 1992) foi jornalista e escritor, trabalhou como diretor no *Correio da Manhã*, jornalista na *Última Hora* e correspondente na *Folha de São Paulo*. Participou do PCB de

partido. A crise ainda se estenderia, pois, em agosto de 1957, o comitê central afastou da comissão executiva membros considerados “stalinistas”. Somente em março de 1958, o comitê central do PCB definiu nova linha de atuação partidária, marcando o apoio oficial à linha política preconizada no relatório Krushev.

Um desdobramento desse processo foi a criação de um grupo que discordava da nova orientação defendida por Nikita Krushev e alinhava-se ao stalinismo, em 1958. Um marco da formação desse grupo stalinista foi a rejeição da Carta dos Cem, assinada por cem militantes do PCB, liderada e escrita por Mauricio Grabois, João Amazonas<sup>28</sup> e Pedro Pomar,<sup>29</sup> no V Congresso do PCB, em 1960. No ano de 1962, foi fundado o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), que se opunha as reformas preconizadas por Krushev.

Na União Soviética, o texto original completo do “relatório secreto” foi divulgado em 03 de março de 1989 pelo *Pravda* (*Verdade*, 1912 – atual), jornal do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética. Isso ocorreu durante o período de abertura do regime soviético na gestão do Secretário-Geral da URSS Mikhail Gorbatchov.

## A PUBLICAÇÃO DO RELATÓRIO KRUSCHEV NA REVISTA AONDE VAMOS?

É significativo, para a análise das representações do mundo social apresentado pelo *Aonde Vamos?*, nos perguntarmos por que um veículo da comunidade judaica carioca teria o interesse em publicar um relatório secreto apresentado no XX Congresso do Partido Comunista em 25 de fevereiro de 1956. A resposta pode abrir um horizonte sobre os debates e as questões em pauta na comunidade judaica brasileira e mundial do período.

Com o objetivo de verificar o posicionamento e a publicação do relatório em outros periódicos brasileiros da época, foi realizada uma pesquisa na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional onde descobrimos que o *Jornal do Brasil* (RJ, 1891–atual) publicou um breve comentário sobre o relatório no mesmo dia do XX Congresso do Partido Comunista, em 25 de fevereiro de 1956, e voltou a fazer outro breve comentário no exemplar do dia 30 de março de 1956, não voltando mais a esse tema. A *Voz Operária* (RJ, 1949–1959), Órgão Oficial do Partido Comunista, fez uma chamada na capa e análise com trechos do relatório (A VOZ OPERÁRIA, 1956). O jornal *Última Hora* (RJ, 1951–1991) realizou uma matéria sobre o relatório e comentou que a imprensa conservadora começou a divulgar trechos ou a íntegra do relatório antes mesmo dos jornais e revistas comunistas (PARA ONDE..., 1956), o que contextualiza a publicação do relatório na revista *Aonde Vamos?* e explicita o intenso intercâmbio de

---

1941 a 1957. Escreveu: *Pequena história do mundo comunista* (Editora do Autor, 1964) e *O espião de Colônia* (Paz e Terra, 1985), entre outros livros.

<sup>28</sup> João Amazonas de Souza Pedroso (PA, 1912 – SP, 2002) foi teórico marxista e político revolucionário. Pertenceu ao PCB de 1935 a 1962 e ao PC do B de 1962 a 2001.

<sup>29</sup> Pedro Ventura Felipe de Araújo Pomar (PA, 1913 – SP, 1976) integrante do PCB, foi diretor da *Tribuna Popular*, órgão oficial do PCB, de 1945 a 1947 e Deputado Federal por São Paulo (PSB/PCB, 1947). Fundou PC do B, em 1962. Foi assassinado pelos agentes do DOI-CODI/SP, durante de uma reunião do Comitê Central do PC do B, em 16 de dezembro de 1976, no episódio denominado Chacina da Lapa. Foi enterrado sem seu nome no Cemitério de Perus e, em 1980, após identificação foi enterrado pela família em Belém do Pará.



informações e ideias tanto de aliados e quanto de opositores políticos e ideológicos. Dessa forma, confirmamos que nenhum outro periódico no Brasil publicou o relatório secreto na íntegra antes da *Aonde Vamos?*.

A revista *Aonde Vamos?*, desde o começo 1956, vinha realizando uma ampla campanha pela busca do paradeiro de escritores judeus desaparecidos e defendendo a tese que a União Soviética era antissemita e perseguia os judeus soviéticos. A edição de 15 de março de 1956, na seção “Os judeus no Mundo”, fez referências ao relatório no subitem sem autoria intitulado “Os soviéticos confessam a execução dos escritores judeus”. Nele há referência a um artigo no jornal nova-iorquino, em ídiche, *Jewish Daily Forward* (1897 – atual), escrito pelo correspondente Leon Crystal<sup>30</sup> — correspondente de renome na imprensa judaica, o que chama a atenção (OS JUDEUS..., 15 mar. 1956).

O jornalista havia viajado para União Soviética e lá obteve informações de que escritores judeus prementes da literatura ídiche foram aprisionados pela polícia secreta na grande onda antissemita de 1948. Essa onda foi deflagrada quando o presidente do Comitê Judaico Antifascista, criado em 1942 com o apoio soviético para divulgar as atrocidades da Alemanha Nazista e, conseqüentemente, favorecer seus interesses, Solomon Mikhoels,<sup>31</sup> foi “morto num acidente de carro suspeito” (VEIDLINGER, 2011). O Comitê encontrou documentação do final e posterior à Segunda Guerra Mundial que não reconhecia o assassinato em massa dos judeus, o Holocausto, mas apenas o assassinato dos cidadãos soviéticos. O assassinato de Mikhoels marcou um ponto de viragem na história do judaísmo soviético, assinalando a transição para uma política de perseguições oficiais, com a prisão de numerosas figuras públicas judaicas importantes e pelo fechamento da maioria das instituições judaicas na União Soviética, incluindo o Comitê Judaico Antifascista e o Teatro Estatal Ídiche de Moscou, além da promoção de intensa propaganda estatal contra os “cosmopolitas sem raízes” (OS JUDEUS..., 15 mar. 1956). Segundo Leon, alguns presos foram executados em 1952, outros libertos depois da morte de Stalin, em 1953, e outros permaneciam desaparecidos.

A edição seguinte, com o título: “Os que sucumbiram – Destino dos Intelectuais Judeus” (RABINOVITZ, 1956), de autoria de Ezekiel Rabinovitz,<sup>32</sup> fez uma análise do artigo publicado por Leon Crystal. Antes do texto, há uma N. da R. (Nota da

<sup>30</sup> Leon Crystal (1894–1959) nasceu na Ucrânia, foi para os Estados Unidos quando tinha vinte anos, estudou engenharia, mas se interessou pelo teatro judaico, traduziu peças de Liev Tolstói, Molière e outros autores para o *Yiddish Art Theatre*. Em 1919, tornou-se gerente do *Yiddish Art Theatre* até 1922, quando foi para o *Jewish Daily Forward* como repórter e redator. Nos últimos anos era o correspondente das Nações Unidas do *Forward*. É autor de uma biografia do presidente Roosevelt e de um livro sobre o escritor russo Leon Tolstoy, ambos em ídiche.

<sup>31</sup> Solomon Mikhoelsv (1890–1948), ator ídiche, diretor do Teatro Estadual *Yiddish* de Moscou e presidente do Comitê Judaico Soviético Antifascista. Foi assassinado em Minsk em 1948 por ordem de Stalin.

<sup>32</sup> Ezekiel Rabinowitz (Imp. Russo, 1892 – EUA, 1982) foi líder do movimento *Tseire-tsiyon* (juventude sionista), cofundador da Agência Telegráfica Judaica (JTA) com Meyer Grosman. Publicou artigos no *Yudishes vokhnblat* (Jornal Semanal Judeu), *Tog* (Dia), *Tog-morgn-zhurnal* (Diário da manhã), no *Idisher kemfer* (Lutador judeu) e *Dos idishe folk* (O povo judeu) de Nova York e *Moment* (Momento), *Unzer leben* (Nossa vida) e *Hatsfira* (A sereia) de Varsóvia. Editou o jornal *Tseire-tsiyon Farn folk* (Para o povo) entre 1925 e 1927. Traduziu escritos do Theodor Herzl para o ídiche: *Gezamlte shriftn* (Escritos coletados), Nova York: *Literarische farlag*, 1920, 2 v. Autor de dois livros: *Justice Louis D. Brandeis, the Zionist chapter of his Life*. Nova York: New York Philosophical Library, 1968; *Os judeus: Seu sonho de Sião e o Departamento de Estado*. Nova York: Vantage Press, 1973.

Redação) informando que, no final de 1948 e início de 1949, houve uma intensa onda de antissemitismo, quando a editora, os jornais, as revistas e os teatros em ídiche de Moscou, Minsk, Birobdjan e outras localidades foram fechados e muitos críticos, dramaturgos e intelectuais de origem judaica foram presos e perderam seus empregos. Afirma, ademais, que os judeus tinham provocado a ira de Stalin quando membros do Comitê Judaico Antifascista russo denunciaram a cumplicidade de muitos soviéticos no assassinato de judeus pelos nazistas. Stalin teria iniciado uma campanha antissemita, agravada pelo entusiasmo dos judeus russos com a criação do Estado de Israel. Concluiu que, naquele momento, muitos judeus russos queriam emigrar para Israel e que estes tinham muito interesse pelas “coisas judaicas” (RABINOVITZ, 1956).

O artigo de Rabinovitz apresenta alguns antecedentes da revelação do destino dos escritores judeus: em 1955, um membro do Comitê Trabalhista Judaico queria informações do paradeiro dos líderes e escritores judeus na União Soviética, dirigindo-se ao embaixador soviético nos Estados Unidos. Na ocasião estava presente Viatcheslav Molotov (1890–1986), ministro de Relações Exteriores da URSS (1939 a 1949 e 1953 e 1956), que demonstrou interesse permitindo que uma delegação americana investigasse a situação. Porém, posteriormente, retirou a permissão. Outro evento citado por Rabinovitz foi quando o escritor judeu ucraniano Ilya Ehrenburg<sup>33</sup> participou como delegado da conferência de intelectuais europeus e foi interrogado sobre o desaparecimento de judeus na União Soviética. Na ocasião, o escritor ficou ofendido com as perguntas, disse que não se interessava pelos judeus e era antissionista. O artigo então faz uma dura crítica à já conhecida postura do escritor representante da linha e do esquecimento oficial do partido sobre os desaparecidos. O artigo enfatiza a contribuição dos judeus intelectuais na luta revolucionária no período da Guerra Civil Russa, entre 1918 e 1921, e em outras batalhas, além da contribuição na construção da literatura soviética, que eram de conhecimento público, na década de 1920. Pergunta também onde estarão esses escritores amplamente elogiados nesses últimos 25 anos e cita um artigo publicado pelo Dr. Raphael Shpan<sup>34</sup> no jornal vienense *Die Worshen Presse* (A Imprensa Semanal) sobre os dilemas dos judeus na União Soviética. Segundo o artigo, todo o Comitê Judaico Antifascista, com exceção de Ilya Ehrenburg, foi preso e o único crime era serem judeus. Informa também que a esposa de Molotov era judia, o que, segundo o jornal, foi o motivo para, a princípio, concordar com a investigação, sendo que o artigo termina com a pergunta: “O que o teria feito mudar de ideia?” (RABINOVITZ, 1956).

A revista vai sistematicamente ampliando as matérias, dando cada vez mais espaço ao tema dos judeus perseguidos e do antissemitismo generalizado na União Soviética. A tradução de matérias de jornalistas judeus e da imprensa judaica internacional era uma prática recorrente, mas a temática estava mais voltada para as análises das revelações e desdobramento que se seguiram à descoberta proporcionada pelo relatório. Em muitos artigos, juntamente com a tradução dos artigos internacionais, constava uma N. da R. (Nota da Redação) com uma introdução ao tema, que nunca era assinada, mas muito provavelmente eram escritas por Aron Neumann.

---

<sup>33</sup> Lya Grigoryevich Ehrenburg (Kiev, 1891 – Moscou, 1967) escritor e jornalista de origem judaica. Recebeu o Prêmio Stalin de Literatura, em 1942 e 1948, e o Prêmio Internacional Lenin da Paz em 1952.

<sup>34</sup> Nada foi encontrado sobre Raphael Shpan.

No exemplar de 19 de abril de 1956, encontramos, na segunda capa e na página 24, a matéria *A situação dos judeus russos* de Joel Cang (1956)<sup>35</sup> comentando as denúncias do relatório Krushev. Na seção “Os Judeus no Mundo” no item “A grande revolta – mistificação?” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), sem autoria, comenta-se que os judeus encontraram consolo do 20º Congresso do Partido Comunista. Essa afirmação teve como base o artigo “Nossa dor e nossa consolação”, publicado no jornal oficioso bilíngue ídiche e polonês, de Varsóvia, *Folk Stimme (Voz do Povo, 1946–1991)*, que também não era assinado, e a revista *Aonde Vamos?* sugere que foi publicado por ordem do Partido Comunista. O artigo culpa Lavrenti Beria<sup>36</sup> por todos os males causados aos judeus nos últimos decênios, relacionando uma longa lista de judeus ilustres que foram executados. No entanto, cita que os judeus da Polônia acusam a imprensa norte-americana e europeia de se aproveitar da tragédia dos judeus para distorcê-las. No subitem “Da Prisão a Universidade” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), comentou que vários judeus presos durante esses períodos estavam agora em liberdade e na mesma seção, no subitem “Outras Libertações” (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956), relatou que na Hungria foram soltos os judeus, líderes sionistas, acusados de espionagem; que estavam presos mais 60 intelectuais judeus desde 1918; e que havia o interesse em abrir um Teatro ídiche do Estado e outras ações culturais neste sentido. Ainda na mesma seção, em outro subitem, “A Imprensa Comunista Através do Mundo”, afirma que a imprensa comunista, judaica e não judaica, recebeu ordem para criticar as perseguições aos judeus (OS JUDEUS..., 19 abr. 1956).

Nessa mesma seção, encontramos as seguintes informações: o diário *Daily Worker* (1924–1958), publicado na cidade de Nova Iorque pelo Partido Comunista dos EUA, admitiu que houve perseguição aos judeus na União Soviética, no governo de Stalin, e condenou o fato. O diário pró-comunista *Morning Freiheit* (1929–1988), em ídiche de Nova Iorque, pediu em seu editorial que o governo soviético explicasse publicamente para a comunidade judaica soviética o que realmente aconteceu e publicasse a lista dos judeus desaparecidos presente no artigo do *Folk Stimme*, de Varsóvia. A seção também cita a matéria realizada pelo *New York Times* sobre as perseguições aos judeus, que já haviam sido anteriormente abordadas e duramente criticadas pelos jornais de Moscou. E o *Times* (1785–atual) de Londres publicou no subitem “Stalin e os Judeus” que Stalin tinha se tornado intensamente antissemita, mas não recebeu apoio dos outros líderes soviéticos.

A tradução e publicação da imprensa internacional não se restringia aos aliados políticos e ideológicos. Não havia restrições, mas amplo espaço para a imprensa comunista quando esta mantinha uma postura que corroborava com as prerrogativas da *Aonde Vamos?*. Importante ressaltar o papel da imprensa ídiche internacional como difusora de informações, viabilizando, inclusive o acesso às matérias publicadas na imprensa oficiosa dos países do Bloco Comunista, como a Polônia.

<sup>35</sup> Joel Cang (Polônia, [1897 ou 1899] – Grã-Bretanha, 1974) jornalista e escritor. Foi correspondente de Varsóvia do *News Chronicle* (GB, 1930–1960) e do *Manchester Guardian* (1821–1959) e, em 1927, começou a escrever para o *Jewish Chronicle* (1842–2020), principal jornal da comunidade judaica britânica e o mais antigo jornal judaico publicado continuamente no mundo. Foi editor do jornal *The City and East London Observer* (1928–1944).

<sup>36</sup> Lavrenti Beria (Geórgia, 1899 – URSS, 1953) político soviético e chefe da polícia secreta na URSS (1929–1953).

Na edição de 21 de junho de 1956, começou a publicação do relatório Krushev, que seria dividido e publicado em partes, nas edições seguintes, respectivamente: 28 de junho e 05, 12, 19 de julho, ocupando em média a segunda capa e mais cinco páginas do periódico. Na edição que começou a publicação do relatório, na segunda capa, há um texto intitulado N. da R. (Nota da Redação), onde o periódico apresenta sua visão do documento, sua importância sem precedentes na história, pois desmascara em parte “o clima de barbaridade que prevaleceu por trás da Cortina de Ferro” (NOTA..., 1956). Enfatiza que o relatório “exclui todas as facetas antisemitas do regime comunista na Rússia e suas consequências em vários países europeus” (NOTA..., 1956). Ainda na mesma N. da R. identifica-se como “cidadão do mundo livre” e que o documento só confirma tudo que pensava sobre Stalin. Considera que os judeus, na URSS, que eram simpatizantes do regime, apoiavam-no em prejuízo aos interesses judaicos e humanitários. Construía, dessa forma, um antagonismo entre judaísmo/ humanismo, de um lado, e, do outro, o regime da União Soviética. A nota cita Howard Fast (1914–2003), romancista e escritor de televisão, que na década de 1950 trabalhava no jornal comunista *Daily Worker*, e recebeu o Prêmio Stalin da Paz em 1953, mas acabou rompendo com o Partido Comunista quando da divulgação do relatório de Nikita Krushev. Fast é classificado pela revista como “adorado pelo movimento *halutziano*<sup>37</sup> de extrema esquerda” (NOTA..., 1956), tendo publicado um artigo no *Daily Worker* criticando a ausência da denúncia da perseguição aos judeus no relatório Krushev, ressaltando que era um péssimo sinal e concluía que o relatório não era vitória nenhuma se continuava a negar direitos de seus cidadãos judeus.

A revista *Aonde Vamos?* ao publicar as denúncias legitimou e reconheceu o relatório Krushev, ao mesmo tempo enfatizando para seu público leitor uma polarização entre o governo soviético e o “mundo humanizado” (NOTA..., 1956), impossibilitando seu público brasileiro de ficar impactado e ver com bons olhos essa nova fase da liderança comunista. Impediu, dessa forma, a associação do judaísmo e dos judeus com o comunismo. Procurou enfatizar também a falta de reconhecimento da perseguição aos judeus pelo governo soviético no documento. O relatório veio, desse modo, somente confirmar o que a revista já vinha afirmando em sua campanha desde o começo do ano e reforçou sua postura política ideológica anticomunista.

No exemplar de 12 de julho de 1956, além das seis páginas do relatório Krushev encontramos, na seção *Judeus e o Mundo* (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956), várias matérias, sem autoria, referentes ao tema, como a intitulada: “Krushev e o antisemitismo” (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956), que agora acusava o secretário do partido Comunista e formulador do relatório de ser o responsável pela onda de perseguições aos judeus nos países da Europa Oriental, baseado numa acusação que saiu no *New York Times* (1851– atual). O artigo afirmava que Krushev, quando foi primeiro-ministro da Ucrânia, prejudicou os judeus proibindo-os de atuar em cargos do alto escalão; de manterem escolas, teatros e editoras judaicas; e de usarem o ídiche, além de ser conivente com a irrupção antisemita de Kiev. Além disso, o secretário do partido numa ida à Polônia fez comentários negativos sobre o excesso de judeus no comando do partido naquele país. Reiterou que Krushev era mais antisemita que Stalin e que a sinagoga de Losz havia sido profanada. Na mesma seção, há

---

<sup>37</sup> Movimento *halutziano* era um movimento que pregava a imigração dos judeus a sua terra considerada ancestral, para se estabelecerem em colônias coletivas cooperativistas, os *kibutzim*.



outra matéria com o mesmo teor, sem autoria, com o título *Comunistas judeus atacam Krushev* (OS JUDEUS..., 12 jul. 1956), que abordou a acusação pública do suposto antissemitismo do secretário do partido vindo de membros dos partidos comunistas do EUA e do Canadá, cobrando explicações e o reconhecimento da destruição da cultura judaica e de seus intelectuais na Rússia nos últimos anos da década de 1940.

Uma narrativa que fornece uma perspectiva contrastiva da *Aonde Vamos?* dentro da própria comunidade judaica pode ser encontrada no semanário *Unzer Stimer* (*Nossa Voz*, 1947–1964), bilíngue ídiche e português, produzido pelos judeus progressistas da comunidade de São Paulo, do Instituto Cultural Israelita Brasileiro – ICIB, conhecido como Casa do Povo. Na edição de 17 de fevereiro de 1956, o *Unzer Stimer* publicou a matéria “Reforço da Política Pacifista”, dedicada ao XX Congresso do PC da URSS. Nela informam que o congresso contou com “a presença de 1.600 delegados e altas personalidades do governo soviético e PC” (REFORÇO..., 1956). E, também, que a ordem do dia e o relatório do secretário geral levaram cerca de seis horas para serem apreciados, pois houve um relato detalhado sobre a política pacifista externa soviética; o êxito das forças da paz, que tornaram a guerra evitável; e a situação da URSS rumo ao comunismo. O jornal mostrou-se otimista com o congresso, pois a “linha política, daquele país, tem sido a barreira oposta à orientação *Dulleseana* de tentar levar o mundo ‘ao abismo da guerra’” (REFORÇO..., 1956). Por orientação *Dulleseana*, o jornal referiu-se à política de John Foster Dulles (1888–1959), diplomata americano republicano, que foi Secretário de Estado dos Estados Unidos sob o presidente Dwight D. Eisenhower, de 1953 a 1959. Ele foi uma figura proeminente no início da Guerra Fria defendendo uma postura agressiva contra o comunismo em todo o mundo e ameaçando a União Soviética contra qualquer agressão que podia desencadear uma guerra nuclear.

A revista *Aonde Vamos?* e o seu redator-chefe Aron Neumann são citados com frequência no *Unzer Stimer*, sempre de forma negativa e com toques de ironia. Como, por exemplo, na seção *Pela Imprensa – Novos Pontífices da Política Nacional* (PELA IMPRENSA..., 18 dez. 1956), em que se lamenta as tendenciosas análises da revista *Aonde Vamos?*, que além de se considerar especialista nas questões do Oriente Médio, também começava a emitir opinião sobre o que pensam os comunistas brasileiros, afirmando que são todos contra Israel e a imigração judaica para o Brasil. Depois de argumentar que a revista tinha pleno conhecimento das posições de inúmeros comunistas brasileiros, inclusive muitos deles judeus, e elas não coincidiam com o publicado na revista, a seção terminava com a pergunta “*Aonde vai a ‘Aonde Vamos?’*, afinal?” (PELA IMPRENSA..., 18 dez. 1956).

Na edição 03 de junho de 1956, na seção *Pela Imprensa – Objetivos e Critérios de Certa Imprensa* informa “A revista ‘*Aonde Vamos?*’ iniciou a publicação do relatório de Krushev sobre Stalin” (PELA IMPRENSA..., 03 jun. 1956). O jornal critica a publicação do relatório, pois a intenção da revista não era apresentar para o seu público sobre os erros que podem ser cometidos quando os princípios são esquecidos ou evidenciar a sinceridade da liderança soviética no intuito de melhorar sua sociedade realizando autocrítica inclusive às suas lideranças, como Stalin. Iguala, neste sentido, as intenções da revista às de Foster Dulles, que tentou encobrir a importância e as questões do congresso, como a necessidade de evitar a guerra, o que certamente é de interesse do público da revista. Critica, ademais, a afirmação da revista de que está preocupada com seus irmãos que “sentem o chão fugir-lhes debaixo dos pés” (PELA IMPRENSA..., 3 jun. 1956), mas não se dá conta de que a

denúncia do culto da personalidade, da violação da legalidade socialista e o debate sadio e bem-intencionado desses assuntos iria inevitavelmente fortalecer o regime socialista e a paz mundial. Termina com a pergunta: “o chão fugirá debaixo dos pés de Krushev ou da bomba atômica?” (PELA IMPRENSA..., 3 jun. 1956).

## CONCLUSÃO

O relatório Krushev parece não ter mobilizado a imprensa nacional, mas causou fortes reações nos grupos militantes à direita e à esquerda. Os países do Bloco Soviético viram-se na obrigação de um posicionamento frente às revelações e às novas diretrizes do PC da URSS sob comando de Krushev. No Brasil, como foi abordado, houve a demora do debate público que causou reações e rupturas dividindo o PCB em dois partidos, com a saída de alguns membros e a criação do PC do B.

O Bloco Capitalista, por sua vez, adquiriu um documento legítimo e oficial utilizado amplamente pela propaganda anticomunista, que contribuiu para a justificação de sua política global denominada *contenção*. Esta era uma política norte americana de amplo espectro, abarcando ações estratégicas militares, econômicas e diplomáticas, cujos objetivos eram impedir a divulgação e a influência do comunismo nas Américas. Evitando, dessa forma, um “efeito dominó” da expansão da influência da União Soviética.

A revista *Aonde Vamos?*, ao analisar e trazer para seus leitores as conjunturas e debates sobre o relatório Krushev, realizou uma verdadeira avalanche de informações que corroboram com a campanha já em curso sobre o desaparecimento dos escritos judeus, buscando enfatizar a sua defesa em prol da afirmação do caráter antissemita do governo soviético. Para tal, vale-se amplamente da imprensa internacional, inclusive da comunista, judaica ou não. Esse diálogo transnacional exerceu uma função legitimadora na construção ideológica e narrativa do periódico, revelando o intenso intercâmbio dessa imprensa que chegava ao Brasil e a existência de uma grande rede de mediadores culturais, que militavam e utilizavam as informações para as construções de suas plataformas políticas e ideológicas, no caso anticomunista, e vendiam-nas para o público.

Levando em consideração que a imprensa não só informa, mas cria relevância, hierarquiza, coloca pautas em questão, ou seja, constrói referências e representações que serão absorvidas ou não de acordo com a concordância de interesses e intenções de determinados grupos, a revista *Aonde Vamos?* considerou relevante e pertinente a tradução e publicação do relatório Secreto nas suas páginas e ainda disponibilizou outros espaços para artigos autorais de jornalistas de renome internacional para complementar sua visão. Totalmente inserida no debate veiculado na imprensa mundial polarizado no período da Guerra Fria, a revista mostrou-se conectada à brigada anticomunista.

Como nos informa Monica Grin (1997), em seu estudo, na década de 1950 os judeus estabelecidos no Brasil, de maneira predominante, puderam integrar-se á sociedade, o que proporcionou uma ascensão social significativa ao grupo como um todo. Esse processo, contou com fortes lutas pela construção das representações, impressões e marcas que o grupo gostaria de imprimir a si mesmo e de ser identificado pelos outros. Como podemos verificar pelas páginas da revista, essa era

uma preocupação que não estava limitada aos judeus brasileiros, mas estava inserida dentro de um amplo debate das lutas das narrativas no contexto global.

## REFERÊNCIAS

A IMPRENSA judaica. *Revista Shalom*, São Paulo, 1 jul. 1978.

CANG, Joel. A situação dos judeus russos. *Aonde Vamos?* Rio de Janeiro, 19 abr. 1956.

DECOL, René. *Imigrações urbanas para o Brasil: O caso dos judeus*. 1999. 250 f. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

FALBEL, Nachman. *Judeus no Brasil: Estudos e notas*. São Paulo: Humanitas; Edusp, 2008.

GOLDBERG, David. *Os judeus e o judaísmo: História e religião*. Rio de Janeiro: Xenon, 1989.

GRIN, Monica. Diáspora minimalista: A crise do judaísmo moderno no contexto brasileiro. In: SORJ, Bila. *Identidades judaicas no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Imago, 1997. p. 103-124.

KINOSHITA, Dina Lida. O ICUF como uma rede de intelectuais. *Revista Universum*, Talca, n. 15, p. 377-398, 2000.

NOTA da redação. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 21 jun. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 15 mar. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 19 abr. 1956.

OS JUDEUS no mundo. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 12 jul. 1956.

PARA ONDE vai o comunismo? *Última Hora*, Rio de Janeiro, 17 jul. 1956.

PELA IMPRENSA – novos pontífices da política nacional. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1956.

PELA IMPRENSA – objetivos e critérios de certa imprensa. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 3 jun. 1956.

PERALVA, Osvaldo. *O retrato*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1960.

POLÍCIA CIVIL DO DISTRITO FEDERAL (PMDF). Caso Aron Neumann, Relatório de Melo (Chefe Supremo do Serviço Secreto) [confidencial]. 7 p. Rio de Janeiro (D.F.), 28



de novembro de 1943. *Arquivo Virtual sobre o Holocausto e Antissemitismo (Arqshoah)*, São Paulo [online]. Disponível em: <https://www.arqshoah.com/arquivo/505-arq-495-relatorio-sobre-o-caso-aron-neumann-ainda-incompleta>. Acesso em: 6 ago. 2021.

PRESTES, Luís Carlos. O XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética: Importância de seus trabalhos e decisões para a luta de nosso povo pela paz, pelas liberdades e pela independência nacional. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 29 abr. 1956.

PROJETO de resolução do Comitê Central do Partido Comunista do Brasil. *Imprensa Popular*, Rio de Janeiro, 19 out. 1956.

RABINOVITZ, Ezekiel. Os que sucumbiram: Destino dos intelectuais judeus. *Aonde Vamos?*, Rio de Janeiro, 22 mar. 1956.

REFORÇO da política pacifista. *Unzer Stimer*, Rio de Janeiro, 17 fev. 1956.

RESOLUÇÃO do Comitê Central do Partido Comunista Italiano. *Voz Operária*, Rio de Janeiro, 21 abr. 1956.

VEIDLINGER, Jeffrey. Mikhoels, Solomon Mikhailovich. *YIVO Encyclopedia of Jews in Eastern Europe* [online], 2 jan. 2011. Disponível em: [https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Mikhoels\\_Solomon\\_Mikhailovich](https://yivoencyclopedia.org/article.aspx/Mikhoels_Solomon_Mikhailovich). Acesso em: 8 jun. 2021).

VELTMAN, Henrique. *A história dos judeus no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1998.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Dr. Francisco Maniglia, 2466, apto 03, 14409-102, Franca, SP, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Desenvolvido parcialmente e incluído no projeto apresentado para o ingresso no doutorado na UNESP em 2019.

### AGRADECIMENTOS

Profa. Dra. Valéria dos Santos Guimarães minha orientadora, Luiz Carlos Furtado e Juliana Rapoport Furtado pela leitura e comentários

### FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.



### LICENÇA DE USO

© Lucia Chermont. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Alex Degan  
Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

### HISTÓRICO


Recebido em: 6 de novembro de 2020  
Aprovado em: 9 de maio de 2021

Como citar: CHERMONT, Lucia. A revista *Aonde Vamos?* publica o relatório Krushev. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 308-326, maio/ago. 2021.



## **TRICONTINENTALISM BEFORE THE COLD WAR? MEXICO CITY'S ANTI- IMPERIALIST INTERNATIONALISM**

**Thomas K. Lindner**<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-1392-6377>  
Email: [thomas.lindner@uni-rostock.de](mailto:thomas.lindner@uni-rostock.de)

<sup>a</sup> University of Rostock, Historical Institute, Rostock, Germany

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## **ABSTRACT**

This article examines how anti-imperialist thought in Mexico City inspired internationalism in the 1920s. It uses the concept of “tricontinentalism” to refer to the idea that Latin America, Africa, and Asia should stand in solidarity with each other and argues that tricontinentalist thinking originated not in the Cold War, but in the aftermath of the First World War. The Mexican and the Russian Revolution had demonstrated that radical social change was imaginable. Together with the First World War, which for many in the Americas signaled the demise of European global hegemony, these revolutions represented a new era of political possibilities as well as a tectonic shift in global politics. Consequently, many anti-imperialists in Mexico looked to “the East”, drawing inspiration from the anticolonial revolutions in Africa and Asia. The central question of this article is how anti-imperialist political activists, intellectuals, and artists engaged in tricontinental thinking by writing about China and Morocco. The examined transnational interactions constitute a radical version of an imagined internationalism in the 1920s.

## **KEYWORDS**

Tricontinentalism. Anti-Imperialism. Transnational Radicalism.

**A**fter the First World War had shuttered European supremacy over global politics, the system of colonialism seemed badly shaken. The Russian Revolution had created a new regime that presented itself as an anti-colonial force in the world, while US president Wilson promised national self-determination and emphasized his own country's history of anticolonialism. The abolition of colonialism, it seemed at the beginning of the 1920s, would be the defining development of the still young century. An anti-colonial atmosphere was especially palpable in the Americas, where many believed that Europe was the continent of the past, while Africa, Asia, and the Americas would be the places of the future. In Latin America, thinking about Africa and Asia had been *en vogue* since the middle of the nineteenth century, but after the First World War, Africa and Asia remained culturally interesting, while becoming politically relevant. The idea of a cooperation between Latin America, Africa, and Asia towards national self-determination and independence from "the West" was often framed in the language of anti-imperialism and anticolonialism — ideas that Latin Americans were familiar with given their own struggles one hundred years prior.

This article examines how ideas about cooperation with Asia and Africa were created and used by anti-imperialists in Mexico City after the First World War.<sup>1</sup> In the 1920s, Mexico City was a global hub of anti-imperialism, of transnational media networks, and one of the birthplaces of early tricontinentalism. The concept of tricontinentalism implies a radical vision of social change on a global level and is thus more suited to describe the form of radical internationalism than other terms such as "Global South" or "Third World" (YOUNG, 2001, p. 5). The name tricontinental was popularized by the "Tricontinental Conference" that took place in Havana in 1966 and is thus traditionally associated with Cuban foreign policy and the Cold War context (GRONBECK-TEDESCO, 2008; SEIDMAN, 2012). In this article, tricontinentalism is defined as a broad movement that united anticolonial, anti-imperialist, and anti-capitalist thought across Africa, Asia, and Latin America (RODRIGUEZ, 2006; MAHLER, 2018). Tricontinentalism's history, its discourses and practices thus predated the Cold War and the Cuban Revolution. The involvement of Latin Americans in the movement, too, dates back at least to the interwar years (PITMAN; STAFFORD, 2009, p. 197-198). And while the term "tricontinentalist" did not exist prior to the Cold War, its core idea of criticizing global capitalism through a focus on racial inequality and a shared colonial past already existed prior to the Cold War. Any history of the "Third World project" would be incomplete without acknowledging the importance of the interwar period (PRASHAD, 2007).

Why was anti-imperialism essential for tricontinental thinking? Especially in the 1920s, anti-imperialism became a gateway to imagine internationalism and anticolonialism. Fighting imperialism now explicitly meant fighting for the global project of decolonization. Anti-imperialists from Mexico City admired anticolonial fighters like Mahatma Gandhi or Abd el Krim because their struggles in India or Morocco were interpreted as a part of the fight for the abolition of colonialism *and* imperialism. In the 1920s, anti-imperialist imaginations of internationalism thus functioned as powerful resource of tricontinental thinking. Often, solidarity was framed in relation to the "Orient", a notion that included the countries of Northern Africa, Persia, Syria, China,

---

<sup>1</sup> This analysis focuses on Spanish-speaking anti-imperialists whose networks rarely included Brazilians. For a discussion of the concept of "Latin America" and its relation to Brazil, see Tenorio-Trillo (2019).



India, Japan, and, occasionally, Russia. But thinking about Asia and Africa was less abstract as the terms tricontinentalism or anti-imperialism suggest. Rather, it was tied to concrete events and movements like the Shanghai Massacre of 1927 or the Rif War in Morocco. By discussing these events, anti-imperialists imagined internationalism before it became visible on the levels of politics or policies. In short, anti-imperialist activists in Mexico City created and tested tricontinental internationalism long before the term entered the global stage.

Most Latin American anti-imperialists had since the mid-nineteenth century insisted that their continent suffered from imperialist oppression, but they faced an intricate situation after the First World War: They saw the power of global anticolonialism, but they also had to acknowledge that Latin American countries, mostly independent nation-states by the 1920s, had unique aims and unique histories that did not automatically include them into the anticolonial project. This tension could not only be addressed, but to a certain extent be bridged by anti-imperialism. In Lenin's *Imperialism: The Highest Stage of Capitalism*, Argentina was included as an example of a "semicolony". With the category of semi-colonialism, Latin American anti-imperialists gained a powerful tool to integrate their fight into the global anti-imperialist, communist, and anticolonialist struggles of the 1920s (LENIN, 1916; NEARING; FREEMAN, 1925).

The historiography on the origins of cooperation between Africa, Asia, and Latin America is increasingly emancipating itself from the history of the Cold War. While the term "Third World" only emerged in the 1950s, an older tradition of cooperation between Africans, Asians, and Latin Americans that went back to the nineteenth and early twentieth century existed. Still, overviews of the history of decolonization rarely address these important predecessors. Studies on Pan-Asian, Pan-Islamic, and Pan-African movements, on the other hand, are good examples of how historians are increasingly studying interconnections beyond continental boundaries (ESEDEBE, 1994; AYDIN, 2007). Scholars have emphasized how the Russo-Japanese War of 1904/05 and the First World War contributed to the delegitimization of European colonial rule and how these events helped create an emerging postcolonial identity (ADAS, 2004; KRAUTWALD; LINDNER; NAKAO, 2018). Most of these perspectives emphasize the role of transcontinental entanglements, many explicitly identifying the interwar period as a phase of increasing interaction between Africans, Asians, and Latin Americans. Increasingly, the Brussels Congress of 1927 is identified as precursor to tricontinental exchange in the 1920s, while other phenomena, such as migration into the colonial metropolises, are examined as part of the "seeds of third world nationalism" (LOURO; STOLTE; STREETS-SALTER; TANNOURY-KARAM, 2020; GOEBEL, 2015). This article seeks to add to the existing scholarship by highlighting the contribution of anti-imperialists from Mexico City to the development of tricontinentalism.

Case studies on (Latin) America and tricontinental thinking have mainly focused on events after the First Tricontinental Conference of 1966 (RANGEL, 1982; ESTRADA; SUÁREZ, 2007; DEVÉS-VALDÉS, 2017). However, in recent years, a growing body of scholarship has traced the emergence of tricontinental thinking in the Americas back to the First World War and the interwar period. Historian Martín Bergel examines how ideas about the "orient" became positively connoted after the First World War by drawing on Edward Said's concept of orientalism (BERGEL, 2015). Such an "inverted orientalism", Bergel claims, was born out of anti-imperialist and spiritualist ideas and constituted a movement with expansive global networks. Besenia Rodriguez traces



tricontinentalist thinking back to the first half of the twentieth century and identifies Afro-American thought as “staunchly anti-essentialist” notions of race within anti-imperialist ideology (RODRIGUEZ, 2006). These examples show that anti-imperialist ideas can be starting points to examine internationalist and tricontinental thinking in the Americas before the Cold War.

This article, too, traces the imaginations of internationalism by examining its origins in anti-imperialist and anticolonial thinking in the first half of the twentieth century. Especially the Mexican Revolution served as a lens through which the anticolonial struggles in Africa and Asia were viewed and evaluated. The lasting impact of the Russian Revolution of 1917 on tricontinental thinking can hardly be disputed, either. In the 1920s, the Soviet Union actively promoted the idea of a global alliance against imperialism and colonialism. In Mexico, the Comintern searched for ways to connect its aims to continental traditions and used anti-imperialism to encourage tricontinental imaginations. Taken together, the Mexican and the Russian Revolution provided an ideological basis and a global perspective on imperialism that allowed many political activists to connect their struggles to maintain national sovereignty to the fights to achieve national sovereignty in the colonial world. The idea that anti-imperialism in the Western hemisphere could draw inspiration from anticolonialism in the East, from Africa and Asia, gained momentum in the 1920s. Anti-imperialist actors in Mexico City were notably more interested in China and Morocco — the examples taken up in this article — than is usually acknowledged in historiography. After the end of the First World War, the search for alternatives to the recently disgraced Western modernity flourished and tricontinental imaginations were one way to engage with alternatives to the Western model of development (MILLER, 2008, p. 16-18).

The city of Mexico is a particularly interesting prism through which tricontinentalism can be observed. The city itself was, as historian Barry Carr has noted, embedded in transnational networks of “exiles, *émigrés*, refugees, revolutionaries and dreamers” and became one of the centers of radicalism in the Americas after the Mexican Revolution (CARR, 2011, 2012). After almost a decade of violent conflict during the revolutionary period, the city was quickly attracting migrants from all parts of Mexico and from almost all parts of the world in the 1920s. While the city’s boundaries expanded rapidly, the growing social divisions between poor and rich, old and new became increasingly palpable for its inhabitants. Foreign influences (investment, technology, design) and especially the expanding influence of the United States became more visible on the city’s streets. In short, Mexico City was “the modern capital of a modernizing nation” in which anti-imperialist thought in all its diversity could flourish (LEAR, 2001). The cosmopolitan city attracted political activists that took advantage of new technologies and were themselves agents of change in facilitating the flow of people and ideas across national borders. In Mexico City, like in other metropolises of the time, anti-imperialism became a universal language, a lingua franca connecting local, national, and continental struggles to a global problem: the existence of empire.

## REVOLUTIONS IN MEXICO AND RUSSIA

Tricontinental thinking in the 1920s cannot be explained without the revolutions in Mexico and Russia. The notion that the Mexican Revolution was basically a local affair and that the Russian Revolution had little impact in the Americas obscures the crucial



role that an internationalist communism played in promoting the idea of cooperation and solidarity among Africans, Asians, and Latin Americans. The anti-colonialist trajectory of the Russian and the practical example of the Mexican Revolution deeply influenced internationalism in the 1920s and 1930s. The same is true for the histories of decolonization and the “Third World”. Explaining decolonization without reference to either of those two revolutions remains bound to a national narrative, ignores the structures of connectivity and knowledge transfers of the early twentieth century, or disregards Latin American agency right away. The 1920s and the interwar period were thus not just the “pre-” history of decolonization, but rather an essential part of its genesis as a global movement.

The Mexican Revolution strongly influenced how solidarity with Africa or Asia was imagined in Mexico City. The revolution ended the long-standing dictatorship of Porfirio Díaz, a time characterized by a relentless modernization without democratization (KNIGHT, 1986). The social unrest and prolonged civil war in Mexico inspired tricontinental thinking, but it was itself inspired by revolutionary processes in Africa and Asia. Historian John Mason Hart has called the Mexican Revolution “the first great Third World uprising against American economic, cultural, and political expansion”. For Hart, the Revolution was inspired by the impact of the Iranian Revolution of 1905, the 1911 Chinese Revolution, and the Russian Revolution of 1905 (HART, 1987, p. 187-234, 362,). Its anti-imperialist origins made the Mexican Revolution a prism through which other revolutionary processes were interpreted. Additionally, revolutionary activists managed to create a transnational public sphere of pro-revolutionary voices in Latin America (YANKELEVICH, 2003, p. 123).

The Mexican Revolution could easily be linked to other utopian projects and critiques of Eurocentrism. In Argentina, the University Reform Movement combined the idea of continental unity with the belief in the revolutionary force of the Latin American youth. The First World War further enhanced the voices of the younger generation that was critical of Europe’s role in the world. The perception of Europe as a hypocritical continent preaching civilization while practicing barbarism confirmed the suspicions of many anti-imperialists, who, in the tradition of José Martí and José Enrique Rodó, had long preached that Latin America needed to emancipate itself from its European tutors and embrace Latin American values. As early as 1916, the Mexican anthropologist Manuel Gamio had attacked the cultural supremacy of Europe in his seminal work *Forjando patria* in which he laid out an all-encompassing critique of the idea of European cultural supremacy, writing that Europe imposed its culture “by force of canons, bottles of whiskey and suspicious smugglers in Africa and Asia” (GAMIO, 1916, p. 190, my translation). With this critique of European colonialism, Gamio connected his idea of a revaluation of indigenous civilizations to anticolonial movements, just as anti-imperialist intellectuals did in the 1920s.

Alongside events in Europe, the role of the US defined Mexican perspectives on internationalism. The cultural and economic power that Europe had lost during the First World War was often replaced by the growing influence of the United States. The Mexican Revolution gave rise to newly formulated critiques of American political, cultural, and economic influence in Latin America. Attacks on US imperialist ambitions in the second half of the nineteenth century had traditionally focused on the US presence in smaller countries of the Caribbean and Central America. Several violations of Mexican sovereignty during the War (most prominently the invasion of Veracruz in 1914 and the

Punitive Expedition in 1916-17) caused anti-imperialists to concentrate more on Mexico and its relation to the US in the 1920s.

Beside the Mexican Revolution, the Revolution in Russia created the basis for tricontinental internationalism. The Bolshevik Revolution of 1917 was a global event that both fascinated and frightened millions, as people projected their own hopes, fears, and misunderstandings onto it. Throughout the 1920s, the Bolshevik Revolution remained significant in Mexico, not least because its interpretation always carried consequences for the relation to the US. After a brief Red Scare in 1919 and 1920 that saw the publication of numerous agitated articles about Soviet spies and imaginary Bolshevik plots, the quality of the press coverage improved; nevertheless, fears of a “Bolshevik threat” continued to be stirred up during the 1920s (SPENSER, 1999, p. 51-54). Whether in condemnation or praise, Bolshevism had been established by 1920 as a watchword in Mexican culture and politics.

When the agents of global communism arrived in Mexico, anti-imperialism was immediately used as the basis for tricontinental internationalism. A small but vibrant multinational communist community spread the seeds of tricontinental thinking in Mexico City, buoyed by their general excitement about the Russian Revolution. In the late 1910s and early 1920s, Mexico City hosted radicals, disillusioned liberals, and socialists from the United States, Europe, and Asia who sought contact to the local radical activists. Once again, anti-imperialism proved to be a resource that could put American slackers, Mexican radicals, and Comintern agents into contact. A key figure for the early anti-imperialist networks in Mexico City was the Indian anticolonialist Manabendra Nath Roy. Born in Bengal in 1887, Roy had partaken in the so-called “Hindu-German conspiracy” and became a key actor who co-founded the Mexican Communist Party and, with the support of Comintern agent Mikhail Borodin, was elected as the party’s first secretary general (KERSFFELD, 2012a, p. 73-74). At the Comintern’s Second World Congress in Moscow and Petrograd in 1920, Roy presented his “supplementary theses on the national and colonial question”, which gained him a worldwide recognition as a theorist of colonialism.

The Second World Congress of the Comintern in 1920 was an early opportunity to test tricontinental thinking as anti-imperialists from the Americas had to develop arguments that resonated with Africans and Asians. At the congress, was portrayed as semi-colonial victim of US imperialism. In September 1920, the Congress of the Peoples of the East took place in Baku, an event considered to be a de facto continuation of the Comintern Congress. The speech of American communist John Reed revealed some of the key problems facing tricontinental solidarity, paramount of which was the formal independence of the republics in the Americas. Reed interpreted the Mexican Revolution as an anti-imperialists uprising after which the people in Mexico “wanted to keep the wealth of Mexico for the Mexicans and tax the foreign capitalists” (REED, 1920). The two congresses of 1920 decisively influenced the approach that the Comintern would take towards Mexico and Latin America: the new official line dictated that the continent be portrayed as “semi-colony” to facilitate anti-imperialist alliances with Asian and African communists. With that directive, anti-imperialism moved to the center of communist activities in Mexico.

To establish the new strategy of cooperation with trade unions and non-communists, the Comintern sent the Italian-American Louis C. Fraina and the Japanese communist veteran Sen Katayama to Mexico City. Together with the American communist Manuel Gómez (pseudonym of Charles Phillips), Fraina and Katayama helped build communist

structures in Mexico City as well as a continental network of sympathizing organizations, thus laying a solid basis for tricontinental cooperation.<sup>2</sup> The role of communist networks exemplifies the complex relationship between communism and tricontinental thinking. In Mexico City, global communism was often the ideological driving force of solidarity with anticolonial movements in Africa and Asia. Like in Europe, the challenge for the Comintern was getting the local and national communist sections to embrace anticolonialism and placing a focus on African and Asian liberation movements. The communist party of Mexico, however, had their hands full with creating party structures and support among workers and peasants. In 1924 and 1925, the Comintern began directly supporting tricontinental thinking, through the creation of anti-imperialist organizations like the Liga Antiimperialista de las Américas (LADLA) (KERSFFELD 2012b). The LADLA and its magazine *El Libertador* openly connected Latin American anti-imperialism with anticolonialism and often reported about the Chinese Civil War or the status of Abd el Krim's liberation movement in Morocco.

## DISCUSSING SEMI-COLONIAL CHINA AND THE GUOMINDANG

In the 1920s, China became a symbol and a test for tricontinental internationalism. For many anti-imperialists, China took on a significance that approached the ways communists stylized the Soviet Russia as a worldly paradise. Anti-imperialists in Mexico City attempted to give an already existing fascination for China a political meaning by focusing on its semi-colonial status that it shared with Mexico (and most Latin American countries). In this sense, the political interest in China was not just an Orientalist enthrallment with a foreign culture. Very concretely, solidarity with China meant taking an anti-imperialist stand against the political involvement of European powers in Asia.

Tricontinental thinking and the praise of Chinese anti-imperialism existed side-by-side with xenophobia against Chinese immigrants in Mexico where Chinese migrants had been arriving since the 1880s. Anti-Chinese riots, like the massacre of Torreón in 1911 when 303 Chinese migrants were murdered by revolutionary soldiers, were often sparked by local *ligas antichinas* and by the nationalist press (CHAO ROMERO, 2010, p. 145-190). While Anti-Chinese racism and an admiration for the Chinese nationalist liberation coexisted, anti-imperialists had a positive opinion of China, identifying it with the struggle for national liberation and the Guomindang. As anti-imperialist mass party, the Guomindang had brought together nationalists and communists in a united front and was regarded as intriguing project for "semi-colonial" Mexico.

News and opinions about the situation in China arrived in Mexico City through the international news agencies or through the transnational press network of the anti-imperialists and communists. *El Machete*, Mexico's communist newspaper, for example, regularly published the latest news about the Chinese Civil War based on news bulletins from Moscow. The reports about the Civil War in China, mainly in the period of the Comintern-supported united-front strategy between the May Thirtieth Movement of 1925 and the beginning of 1928, show how China became an important metaphor for anti-

---

<sup>2</sup> Both Katayama and Gómez/Phillips would attend the Brussels Congress of 1927 to cement tricontinental connections.

imperialists. The paper of the LADLA, *El Libertador*, had a clear anti-imperialist profile and kept its readership well informed about the ongoing civil war. After police forces in Shanghai's international quarter fired on protesting students on May 30, 1925, *El Libertador* dedicated its title page to the events to showcase solidarity with the Chinese anti-imperialists. The article contextualized the situation in Shanghai as part of a global wave of national liberation movements and blamed the foreign powers for exploiting China for its natural wealth: the Japanese, Americans, British, French and Germans had staged "a diabolic plundering of the defenseless country, internally rotten by the cancer of imperialism" (EL IMPERIALISMO..., 1 July 1925, my translation). The unknown commentator of *El Libertador* interpreted the uprising as epitomizing a new dimension of anti-imperialism and specifically compared the situation in 1925 to the events in China in 1900, when an international alliance of imperialist countries had crushed the Boxer Rebellion. Hopeful reasons why an international alliance of imperialist forces could not, like in 1900, crush the local anti-imperialist uprising were published: "From 1900 to 1925, twenty years have gone by. The World War [...] has awakened millions of people, has given them back the consciousness of their power and their needs, and they have found a guide and a flag in the Russian example" (EL LIBERTADOR, 1 July 1925, my translation). In other words, the First World War and the Russian Revolution stood in the way of history repeating itself: semi-colonial China was no longer alone in opposing the imperialist ambitions of foreign powers and Europe had lost all moral or material supremacy over the affairs of Asian countries. While 1900 was imagined as a year of global cooperation between empires, 1925 was depicted as a year of cooperation between those fighting against empire — a year of anti-imperialist solidarity.

Over the next years, China remained a topic of heated debate among anti-imperialists in Mexico City and was regularly used as an example of Western or European hypocrisy, decadence, and racism. In April 1926, the Cuban communist Julio Antonio Mella, exiled in Mexico City at the time, wrote about what he called the "civilizing diplomacy of Western canons" and extensively used the (very un-materialistic) notion of civilization himself when writing about the Chinese: "This great people of ancient, superior intellectual and moral civilization was a slave, a colony of the brutal capitalist civilization of the West" (MELLA, 11 Apr. 1926, my translation). For Mella, it was clear that, after the "Oriental Revolutionary Movement" had succeeded, "the new civilization will come from the Orient" (MELLA, 11 Apr. 1926, my translation). Like other anti-imperialists, Mella regarded the united-front approach of the Guomindang as future for anti-imperialism: unity between nationalists and socialists, nationalization of the economy, land distribution, and a geopolitical alliance with the Soviet Union. Victor Raúl Haya de la Torre, Peruvian exile in Mexico City at the time, famously called his movement APRA "the Guomindang of Latin America", as he saw the Guomindang as a model of a party "without European tutelage" (HAYA DE LA TORRE, 1977, 63, 136-141, my translation). Between the May Thirtieth Movement of 1925 and the outbreak of the Chinese Civil War in 1927, several anti-imperialists in Mexico City depicted imperialism in China as a cultural phenomenon, as a clash of civilizations rather than as a purely economic phenomenon.

In Mexico City, the anti-imperialist revolts in China were framed in positive, but mostly Orientalist terms. Often, the incidents were described metaphorically as the awakening of a sleeping giant.<sup>3</sup> Describing China as a sleeping giant referred both to the

---

<sup>3</sup> For this exact image, see *El Machete* (Apr. 1927).

country's civilization, viewed as having been suppressed since the arrival of the Western empires, and to the sheer population numbers of China. Almost no article in Mexico failed to mention the quantitative massiveness of the Chinese uprising: "200,000 labor union members", "half a million Guomindang members" and "400 millions of Chinese workers" — impressive numbers for the anti-imperialist radicals (LOS OBREROS..., 2 June 1925). For them, these numbers symbolized the lasting impact that any political change in China would have on the system of global imperialism. This line of argumentation followed the strategy of the Comintern in the mid-1920s to portray the Chinese anti-imperialist struggle as a global priority.

But the voices from Mexico City were not just reproductions of thoughts originating in Moscow. Quickly, anti-imperialists drew analogies between China and "semi-colonial" Latin America. In April 1926, Mella criticized Western hypocrisy and racism to draw analogies between China and Mexico. According to Mella, it was only the successful independence that put an end to the disparaging talk of "bandits", "thieves", and "savages". But Mella did not settle for analogies between China and Latin America. In the spring of 1926, the Cuban communist named the Chinese, the Moroccan, the Syrian, and the Mexican anti-imperialist movements as parts of the global anti-imperialist movement: "For all colonial and semi-colonial peoples, the Chinese Revolution is an example and a hope". Echoing the Comintern's global strategy, Mella used his own impatient staccato style: "China, India, Morocco, Syria, Russia! And America?"<sup>4</sup> The last question mark was a message to Mella's anti-imperialist comrades in Mexico City and in Latin America: lamenting about US interventionism was not enough — anti-imperialist action needed to be part of a global movement or it would be doomed to failure. Mella showed a remarkable degree of global consciousness, making clear that China represented a model case for a globally conscious anti-imperialism in Latin America.

In 1927, the alliance between nationalists and communists in China broke apart — an event with massive consequences for anti-imperialists around the world. After nationalist and communist troops had jointly conquered Shanghai in April 1927, the nationalists under Chiang Kai-shek betrayed the communists, killing tens of thousands in what came to be known as the Shanghai Massacre. The betrayal meant the end of the united front in China and constituted a devastating blow to the idea of united-front movements in general. For communists worldwide, China after the spring of 1927 acquired a whole new significance. Now, referring to the Guomindang meant warning of the dangers of nationalism. Once again, the LADLA paper *El Libertador* was most interested in applying lessons from China. The Peruvian Jacobo Hurwitz, yet another exile in Mexico City, analyzed the changed geo-political situation in June 1927 by portraying Chiang Kai-shek as a sellout and beneficiary of the imperialist "politics of the dollar". Hurwitz insisted that the events in China should be viewed as a helpful lesson for anti-imperialists and opined that China remained "the Yellow Hope" for the global anti-imperialist movement. And yet, the real lesson was simple, a warning against those revolutionaries too comfortably viewing nationalists as anti-imperialist allies: "Beware of the right!" (HURWITZ, 1927, my translation). After the Shanghai Massacre, many communists rethought their alliances with nationalist anti-imperialists, even before the Comintern officially revised its united front policy and entered its so-called "Third Period" in 1928.

---

<sup>4</sup> See *El Kuo Min Tang y la Revolución China* (MELLA, 11 Apr. 1926).

In the Third Period, the example of China became increasingly less interesting for anti-imperialists in Mexico City, although the Comintern and the communist press continued to report about China. What had made the example of China so captivating for anti-imperialists was not just the shared status of semi-coloniality, but also the united national movement against imperialism that had developed in the country. While the events of 1927 were a setback and a reason for disappointment, China did not disappear from the anti-imperialist discourse altogether. Viewed together with the reception of the anticolonial movements in Morocco and India, it becomes clear that the interest in China was part of a larger development, the emergence of a political tricontinental thinking in the 1920s.

## REPORTING ON THE RIF WAR AND MOROCCO

Starting in 1925, the anticolonial Rif War became a topic of interest for anti-imperialists in Mexico City and an instance in which international solidarity was imagined and performed. Spanish and French troops fought against the local Riffian forces under rebel leader Abd el-Krim al-Khattabi in the mountains of northeastern Morocco. Abd el-Krim had proclaimed an independent Rif Republic, in part as reaction to the Paris Peace Conference that had cemented Spanish and French protectorates in Morocco. The Rif War, lasting from 1921 to 1926, had a unique significance for Latin American anti-imperialists, distinguishing it from other anticolonial fights. First of all, the Riffian rebels were fighting the Spanish, the former colonial power of most of the Latin American countries. The Rif War thus occasioned anti-imperialist actors in Latin America to rethink the role of Spain for post-colonial Latin America in the 1920s. Secondly, the rebel leader Abd el-Krim himself became a symbol of the global fight against imperialism, not unlike the Nicaraguan Sandino at the same time. Abd el-Krim was aware of his symbolic role and actively promoted the Moroccan anticolonial fight in Latin America. Thirdly, the Rif War sparked a discussion among Latin American anti-imperialists to engage in a discourse about race and the role of indigeneity in anticolonial fights. The Rif War, like the civil war in China, was an event that inspired tricontinental thinking and solidarity in Latin America.

In the summer of 1925, the newly founded LADLA in Mexico City began a publication campaign in favor of the anticolonial forces at the Rif together with other magazines across Latin America (*Renovación* and *Revista de Oriente* in Buenos Aires, *Repertorio Americano* in San Juan). The summer of 1925 became the peak of anti-imperialist euphoria in Mexico City. Numerous renowned intellectuals embraced the anticolonial fight of the liberation of the Rif and used the newly established transnational press networks to voice their positions. The anti-imperialist newspapers were themselves transnational networking tools that at times produced the news they reported about. What historian Kirwin R. Shaffer has stated about anarchist press networks in the Caribbean at roughly the same time is also true for anti-imperialist media: “newspapers were the cerebral cortex — key to perception, consciousness, communication, and memory retention” within the transnational media (SHAFFER, 2020). In Mexico City, *El Libertador* was the most important transnational magazine that best represented the multitude of voices within Latin American anti-imperialism.





In the summer of 1925, Abd el-Krim became the face of global anticolonialism.<sup>5</sup> Abd el-Krim himself saw the globalization of his fight — making it part of a larger narrative of anti-imperialist dynamism — as a huge opportunity to direct global attention towards the Rif. Latin America was a particularly fertile ground for his anti-imperialist campaign, as Abd el-Krim spoke fluent Spanish and knew enough of Latin American history to appeal to the anti-imperialist traditions of the continent. In December 1924, Abd el-Krim responded to an invitation of the *Unión Latinoamericana* to attend the centenary celebrations of the Peruvian independence that he had received together with Indian Nobel laureate Rabindranath Tagore.<sup>6</sup> In his letter, Abd el-Krim presented himself as the perfect anti-imperialist ally for the Latin Americans, extensively referencing heroes of Latin American independence: “the heroic Moroccan people fight for the same ideals that impelled Miranda and Moreno, Bolívar and San Martín. [...] Like you a century ago [...] we are now willing to sacrifice life and property to become free peoples” (ABD EL-KRIM, 29 June 1925, my translation). Abd el-Krim framed his fight as a national liberation struggle directed against European imperialism rather than as a guerrilla war against the Spanish. The “provisional regent of the Rif Republic” asserted that Europe had been corrupted by the war and had lost the right to impose its will on other continents. But, Abd el-Krim continued, his fight was not motivated by hatred against Spain, “the cradle of our grandfathers”. The rebel leader envisioned a future in which “we too, after our own Ayacucho [...] will be recognized by Spain in our right to independence and we will reconcile with her as a well-loved old sister” (ABD EL-KRIM, 29 June 1925, my translation).<sup>7</sup> Cautious to not appear anti-Spanish, Abd el-Krim thus created a shared history of Spanish-speaking America and Morocco based on the experience of Spanish colonialism and European — not Spanish — arrogance.

Enthusiastic responses to Abd el-Krim’s call for solidarity came from all over the Americas. In Lima, Marxist intellectual José Carlos Mariátegui, praised Abd el-Krim as an heir to Bolívar and San Martín and as a role model for the young Hispanic American generation: “Western civilization feels threatened by Abd el-Krim” (MARIÁTEGUI, 1970, my translation).<sup>8</sup> But the center of the publication campaign remained Mexico City. In May of 1925, *La Antorcha*, a magazine published by José Vasconcelos in Mexico City, portrayed Abd el-Krim as a brave anticolonial hero who deserved every bit of solidarity: “Republican America would betray its very reason of existence, if it were to hypocritically turn a blind eye towards the fight that the admirable Riffians maintain against the decadent imperialisms of the Mediterranean, unfortunately represented by Latin people” (UN APLAUSO..., 16 May 1925, my translation). In this reasoning, history obliged Latin Americans to support anticolonialism, at least morally, even when that meant opposing the Spanish and their culture.

Apart from spiritual support and historical analogies, Mexican anti-imperialists soon wrote about more material interconnections between their continent and the fight at the Rif. Rafael Carrillo, Secretary General of the Mexican Communist Party, wrote a furious article about the recruiting methods of the Spanish Foreign Legion in Latin

<sup>5</sup> In August 1925, Abd el-Krim’s face covered the title page of *Time* magazine.

<sup>6</sup> Abd el-Krim’s letter was first published in the ULA’s paper *Renovación* in December 1924. In the summer of 1925, as the campaign against the Spanish accelerated, it was reprinted in other magazines, for example in the Costa Rican journal *Repertorio Americano* (ABD EL-KRIM, 29 June 1925).

<sup>7</sup> All quotes are from Abd el-Krim (29 June 1925).

<sup>8</sup> Mariátegui’s article was first published in Lima’s *Varietades* in August 1925, see Mariátegui (1970).



America, claiming that Spanish consuls had already convinced thousands of young men to join the Spanish Army by “encouraging the romantic eagerness of the American youth” (CARRILLO, 3 Apr. 1926, my translation). But while the young men were indoctrinated to believe they were fighting for “the civilization”, for “the liberty and honor of the white race” and “other nonsense from the imperialist handbook”, they were actually partaking in a war of domination and plundering (CARRILLO, 3 Apr. 1926, my translation). For the anti-imperialists, the recruitments not only put young men in danger; perhaps even worse, they made them complicit in the process of maintaining European dominance in Africa.

Peruvian anti-imperialist Haya de la Torre was as vocal in denouncing Spanish actions in Africa as he had been in praising the Guomindang. Still regarded as an anti-imperialist ally by the communists in 1925, Haya insisted that Spanish intellectuals had lost all moral integrity for not calling out the “crimes of Morocco” (HAYA DE LA TORRE, 16 July 1925, my translation). Haya, like Mariátegui, saw the rebels in Morocco (“los moros”) as an indigenous race who shared with Latin Americans a history of Spanish conquest.<sup>9</sup> For Haya, Spanish militarism was “trying to criminally conquer another race, as indigenous and as heroic as our races”. By engaging with Morocco, Haya sharpened and propagated his own vision of Indoamerica — a future for the continent with a basis in pre-colonial thought. But Haya also connected US imperialism and European colonialism. Concerning the alleged presence of American air force pilots among volunteers of the Spanish forces in Morocco, Haya presented his own theory: “The Yankee pilots want to learn how to eradicate indigenous peoples in a mountainous, passionately defended region. Killing indigenous populations in the plains is of no interest to the Yankees: Mexico as well as all desirable countries in the Americas are mountainous” (HAYA DE LA TORRE, Feb. 1925, my translation). For Haya, Morocco was a symbol, it was “nothing less than the repetition of our past and the announcement of our future” (HAYA DE LA TORRE, Feb. 1925, my translation). Haya de la Torre echoed Abd el-Krim’s vague idea of a shared racial origin of Arabs and Latin Americans and thus used Morocco as a symbol for his own anti-imperialist vision.

The anti-imperialist campaign in favor of Moroccan independence was part of a much broader moment of anti-imperialist agitation, mainly carried out by transnational anti-imperialist press networks. The campaign churned out the by-then conventional wisdom that Europe was a continent in decline, a conclusion epitomized by the crumbling Spanish Empire. The pro-Morocco campaign invoked a remarkable level of solidarity among Spanish-speaking anti-imperialists, whose embrace of Abd el-Krim’s cause helped them unambiguously clarify where they stood, namely, on the side of the victims and enemies of colonialism and imperialism. The anticolonial fight in Morocco enabled anti-imperialists in Mexico City to reflect upon their own role in the global movement against imperialism. This does not mean that different strands of anti-imperialism were homogenized, as the fierce arguments between communist Mella and nationalist Haya de la Torre after 1927 exemplify (MELGAR BAO, 2013). But both used Morocco and China as examples to clarify their specific versions of anti-imperialism. After the Spanish-Cuban-American War in 1895, the role of Spain as an imperialist power had often been

---

<sup>9</sup> Haya’s perspective on Morocco ironically mirrored the perspectives of the Spanish conquistadors vis-à-vis the indigenous population in the Americas. In their ignorance, the Spanish conquerors described the unknown peoples in categories they knew from the wars against the “infidel moors” (GRUZINSKI, 2010, p.132-144).



neglected by Mexican anti-imperialists who often, if implicitly, had appreciated Spanish culture as a counterweight to “Anglo-Saxon” materialism. This partly changed in 1925 and many anti-imperialists openly pronounced their rejection of Spanish cultural imperialism openly. In that sense, reporting about the Rif War, like reporting about China, led to significant changes within the anti-imperialist scene in Mexico City: arguments, alliances, and histories were globalized and made to fit with movements fighting imperialism in Africa and Asia.

## CONCLUSION: IMAGINING INTERNATIONALISM

In the 1920s, anti-imperialists in Mexico City imagined a form of internationalism that was based on tricontinental thinking and the hope for a global anticolonial revolution. Inspired by the revolutions in Mexico and Russia, many ideologically diverse political activists, intellectuals, scholars, and artists increasingly looked towards Africa and Asia for inspiration as Europe had lost its status as a model of progress for the rest of the world. For anti-imperialists, looking East towards the Soviet Union, towards China and towards Northern Africa promised new inspiration for Latin America and for Mexico. The “East” represented an alternative modernity that relied on national self-determination and revolution rather than on Western liberalism and imperialism. The anti-imperialists’ ability to distinguish between these concepts ultimately remained insufficient and sometimes contradictory — and yet, the search for new inspiration beyond a Western model of development reveals a multitude of perspectives that were shaped by a desire to know more about the events, social conditions, and cultural horizons of other continents. This curiosity was amplified by an unprecedented degree of transcontinental interaction through travel and migration. Anti-imperialists pointed out similarities between Mexico and the East, be it the shared status as semi-colonial countries, as in the case of China, ethnic similarities, as in the case of the Riffians, or the shared history of Spanish colonialism, as in the case of Morocco.

Anti-imperialist imaginaries originating in Mexico City helped create a new vision of the world. Different anti-imperialists used what they perceived as a shared position in a global system as a resource of solidarity — Latin Americans, Asians, and Africans were seen as victims of global imperialism. Imagining anticolonial struggles in other continents was thus always a way to reflect upon one’s own position in an increasingly globalized way. Thinking, writing, and talking about China and Morocco thus caused a constant comparing, adjusting, and aligning of anti-imperialism in Mexico City. The communist Jacobo Hurwitz, for example, called the alliance between communists and nationalists in Latin America into question after the Chinese nationalists had betrayed the communists. The fact that Hurwitz’s article was already published in June 1927 showed that anti-imperialists in Mexico City did not wait for nor needed advice from Moscow and drew their own lessons from what they had witnessed in China. Ultimately, this modification of anti-imperialism via imagining anticolonial revolution made it more coherent with other ways to oppose imperialism and colonialism in Africa and Asia, but it did not homogenize the differences among different strands of anti-imperialism.

The fascination with Africa and Asia led to new ideas about tricontinental politics and new ways of reflecting on what it meant to be an object of geopolitical realities. In the process, anti-imperialists in Mexico City re-imagined global geography. Traditionally, many anti-imperialists in Mexico tended to emphasize the dichotomy North-South, in



which the Catholic, Spanish-speaking and spiritual Latin Americans of the South stood against the Protestant, English-speaking, materialistic Anglo-Saxons of the North. While these depictions remained powerful, new forms of expressing anti-imperialism in geographical terms emerged in the 1920s. A distinction between the West and the East supplemented the North-South divide. In this new imaginary division, the peoples of the East encompassed Africans and Asians while the West consisted of Europeans and North Americans. The stereotyped West stood for an imperialist modernity, while the equally stereotyped East represented self-determination and a path to modernity through national or social revolution. Many perceived connections to the East relied on a supposedly shared culture, a history of colonialism, and a similar position in the global system of imperialism. Some of these traits could potentially be used for the exact opposite argument — after all, the US had a history of anticolonialism, too, — but one has to keep in mind that, in the 1920s, these geographical imaginations were still young and vaguely expressed. Forty years later, these thoughts would be formulated as coherent, but also more orthodox Marxist ideologies.

South-South connections were imagined long before they were put into practice. Tricontinental thinking thus predated tricontinental action and was quite clearly more than just an imitation of European orientalism. Tricontinental imaginations were also more than just a localized version of Moscow's intention to cast the Soviet Union as the global champion of anticolonialism. Many non-communists were inspired by the Russian Revolution, borrowed communist ideas and creatively combined lessons from Russia with the aims of the Mexican Revolution. Especially when it came to criticizing the growing power of the United States, many Mexican nationalists viewed the Soviet Union as a potential counterweight to the US. A broadly understood anti-imperialism, not communism, was the ideological bridge between the Russian and the Mexican Revolution and anti-imperialists in Mexico City found numerous ways to connect the two revolutions to the ongoing anticolonial revolts in Africa and Asia. Rather than a consequence of the developments and repercussions of the Second World War, tricontinental thinking in Mexico City was already developed and imagined in the aftermath of the First World War. The 1920s were a time of imagining tricontinentalism and should thus be included as an important part of the global histories of decolonization and internationalism.

## REFERENCES

ABD EL-KRIM. Mensaje de Abd El-Krim a los pueblos de la América Latina. *Repertorio Americano*, San José, Costa Rica. Tomo X, n. 16, p. 243, 29 June 1925. (*Renovación*, Buenos Aires).

ADAS, Michael. Contested hegemony: the Great War and the Afro-Asian assault on the civilizing mission ideology. *Journal of World History*, Honolulu, v. 15, n. 1, p. 31-63, 2004.

AYDIN, Cemil. *The politics of anti-westernism in Asia: visions of World Order in Pan-Islamic and Pan-Asian thought*. New York: Columbia University Press, 2007.

BERGEL, Martin. *El Oriente desplazado: los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en la Argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2015.



CARR, Barry. 'Across seas and borders': charting the webs of radical internationalism in the Circum-Caribbean. In: RONIGER, Luis; GREEN, James N.; YANKELEVICH, Pablo (ed.). *Exile and the Politics of Exclusion in the Americas*. Brighton: Sussex Academic Press, 2012. p. 217-240.

CARR, Barry. Mexico City: emporium of Latin American exiles and revolutionaries in the 1920s. In: FAULHABER, Charles B. (ed.). *1810–1910–2010: Mexico's unfinished revolutions*. Berkeley: Bancroft Library, 2011. p. 25-40.

CARRILLO, Rafael. La próxima ofensiva en Marruecos. *El Libertador*, México, D. F., n. 8, 3 Apr. 1926.

CHAO ROMERO, Robert. *The Chinese in Mexico, 1882–1940*. Tucson: University of Arizona Press, 2010.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. *Pensamiento periférico: Asia, África, América Latina, Eurasia y más*. Santiago: Ariadna Ediciones, 2017.

EL IMPERIALISMO en China. *El Libertador*, México, D. F., n. 4, 1 July 1926.

EL MACHETE, México, D. F., n. 62, first fortnight of April 1927.

ESEDEBE, P. Olisanwuche. *Pan-Africanism: The Idea and Movement, 1776–1991*. Washington: Howard University Press, 1994.

ESTRADA, Ulises; SUÁREZ, Luís (ed.). *Rebelión tricontinental: Las voces de los condenados de la tierra de África, Asia y América Latina*. La Habana: Editorial de Ciencias Sociales; Ocean Sur, 2007.

GAMIO, Manuel. *Forjando Patria*. México, D. F.: Editorial Porrúa, 1960 [1916].

GOEBEL, Michael. *Anti-Imperial Metropolis: Interwar Paris and the Seeds of Third World Nationalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2015.

GOEBEL, Michael. Geopolitics, transnational solidarity or diaspora nationalism? the global career of M.N. Roy, 1915–1930. *European Review of History*, London, v. 21, n. 4, p. 485-499, 2014.

GRONBECK-TEDESCO, John A. The left in transition: the Cuban Revolution in US third world politics. *Journal of Latin American Studies*, Cambridge, v. 40, p. 651-673, 2008.

GRUZINSKI, Serge. *What Time is it There? America and Islam at the dawn of Modern Times*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

HART, John Mason. *Revolutionary Mexico: the coming and process of the Mexican Revolution*. Berkeley: University of California Press, 1987.



- HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. El asesinato de un pueblo. *El Libertador*, México, D. F., n. 7, p. 6-7, Feb. 1926.
- HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Hispano-Americanismos Literarios. *El Libertador*, México, D. F., n. 4, 16 July 1925.
- HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Obras Completas. Lima: Juan Mejía Baca, 1977. v. I.
- HURWITZ, Jacobo. La esperanza amarilla. *El Libertador*, México, D. F., n. 12, 27-29 June 1927.
- KERSFFELD, Daniel. *Contra el imperio: historia de la Liga Antiimperialista de las Américas*. Mexico, D. F.: Siglo XXI Editores, 2012b.
- KERSFFELD, Daniel. *Rusos y Rojos: judíos comunistas en los tiempos de la Comintern*. Buenos Aires: Capital Intelectual, 2012a.
- KNIGHT, Alan. *The Mexican Revolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986. 2v.
- KRAUTWALD, Fabian; LINDNER, Thomas; NAKAO, Sakiko. Fighting Marginality: The Global Moment of 1917–1919 and the Re-Imagination of Belonging. *L'Atelier du Centre de recherches historiques*, n. 18, 2018.
- LEAR, John. *Workers, Neighbors, and Citizens: The Revolution in Mexico City*. Lincoln: The University of Nebraska Press, 2001.
- LENIN, Vladimir Ilyich. *Imperialism, the highest stage of Capitalism*. Moscow: Foreign Languages Publishing House, 1961 [1916].
- LOS OBREROS de China contre el Imperialismo. *El Libertador*, México, D. F., n. 3, 2 June 1925.
- LOURO, Michele; STOLTE, Caroline; STREETS-SALTER, Heather; TANNOURY-KARAM, Sana (ed.). *The League Against Imperialism: Lives and Afterlives*. Leiden: Leiden University Press, 2020.
- MAHLER, Anne Garland. *From the Tricontinental to the Global South: Race, Radicalism, and Transnational Solidarity*. Durham: Duke University Press, 2018.
- MARIÁTEGUI, José Carlos. *Figuras y aspectos de la vida mundial: 1923-1925*. Lima: Amauta, 1970.
- MELGAR BAO, Ricardo. *Vivir el exilio en la ciudad, 1928, V.R. Haya de la Torre y J. A. Mella*. Mexico, D. F.: Taller Abierto, 2013.



MELLA, Julio Antonio. El Kuo Min Tang y la Revolución China, *El Libertador*, México, D. F., n. 8, 11 Apr. 1926.

MILLER, Nicola. *Reinventing Modernity in Latin America: intellectuals imagine the future, 1900–1930*. New York: Palgrave Macmillan, 2008.

NEARING, Scott; FREEMAN, Joseph. *Dollar diplomacy: a study in American Imperialism*. New York: B.W. Huebsch, 1925.

PITMAN, Thea; STAFFORD, Andy. Introduction: transatlanticism and tricontinentalism. *Journal of Transatlantic Studies*, London, v. 7, n. 3, p. 197-207, 2009.

PRASHAD, Vijay. *The Darker Nations: A People's History of the Third World*. New York: New Press, 2007.

RANGEL, Carlos. *El tercermundismo*. Caracas: Monte Ávila Editores, 1982.

REED, John. Speech at the Congress. In: PEARCE, Brian (ed.). *Congress of the Peoples of the East: Baku, September 1920*. Stenographic Report. Translated and annotated by Brian Pierce. London: New Park Publications, 1920.

RODRIGUEZ, Besenia. *Beyond Nation: the formation of a tricontinental discourse*. 2006. 462 p. Dissertation (PhD in African American and American Studies) – Department of African American Studies, Yale University, New Haven, 2006.

SEIDMAN, Sarah. Tricontinental Routes of Solidarity: Stokely Carmichael in Cuba. *Journal of Transnational American Studies*, Santa Barbara, v. 4, n. 2, p. 1-25, 2012.

SHAFFER, Kirwin R. *Anarchists of the Caribbean: countercultural politics and transnational networks in the Age of Expansion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

SPENSER, Daniela. *The Impossible Triangle: Mexico, Soviet Russia, and the United States in the 1920s*. Durham: Duke University Press, 1999.

STALIN, Iósif. La Verdad sobre China. *El Machete*, México, D. F., n. 65, 3 June 1927.

TENORIO-TRILLO, Mauricio. *Latin America: the power and allure of an idea*. Chicago: Chicago University Press, 2017.

UN APLAUSO a Abd el-Krim. *La Antorcha*, México, D. F., n. 33, 16 May 1925.

YANKELEVICH, Pablo. *La Revolución Mexicana en América Latina: intereses políticos e itinerarios intelectuales*. Mexico, D. F.: Instituto Mora, 2003.

YOUNG, Robert C. J. *Postcolonialism: an historical introduction*. Oxford: Blackwell, 2001.



## AUTHOR'S NOTES

---

### CORRESPONDING ADDRESS

Historisches Institut der Universität Rostock, Neuer Markt 3, 18055 Rostock, Germany.

### SOURCE OF THE ARTICLE

Modified and shortened chapter from the dissertation: "Transnational Networks of Anti-Imperialism: Mexico City in the 1920s", Technical University of Berlin, February 2020.

### FUNDING

Not applicable.

### ETHICS COMMITTEE APPROVAL

Not applicable.

### CONFLICT OF INTEREST

There is no conflict of interest.

### LICENSE OF USE

© Thomas K. Lindner. This article is licensed under the [Creative Commons License CC-BY](#). With this license, you can share, adapt, create for any purpose, as long as the authorship is properly attributed.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Graduate Program in History. UFSC Journal Portal. The ideas expressed in this article are the sole responsibility of its authors, and do not represent, necessarily, the opinion of the editors or the University.

### EDITORS

Alex Degan  
Flávia Florentino Varella (Editor-in-chief)

### HISTORY

Received on: November 9, 2020

Approved on: May 18, 2021

How to cite: LINDNER, Thomas K. Tricontinentalism before the Cold War? Mexico City's anti-imperialist internationalism. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 327-345, May/Aug. 2021.






## **MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NO CENÁRIO INTERNACIONAL: A PLURALIDADE DA POLÍTICA IMIGRATÓRIA BRASILEIRA (1946-1954)**

Migratory movements in the international scenario: the plurality of  
Brazilian immigration policy (1946-1954)

**Amanda Pereira dos Santos<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-2311-4433>

E-mail: [amandapds19@gmail.com](mailto:amandapds19@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras,  
Departamento de História, Assis, SP, Brasil

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## RESUMO

Este artigo examina alguns aspectos dos acordos firmados entre o governo brasileiro e dois organismos internacionais, que exerceram controle sobre os movimentos migratórios internacionais no pós-Segunda Guerra Mundial: a Organização Internacional de Refugiados e o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias. A constituição do regime internacional acerca dos refugiados procedeu dos interesses mútuos manifestados pelos Estados ocidentais, que visaram a cooperação internacional para dirigir os fluxos migratórios. Argumenta-se que as diretrizes da política externa brasileira seguiram alinhadas ao Bloco Ocidental na conjuntura da Guerra Fria, o que propiciou a recepção de refugiados que tinham fugido de países europeus durante e após o término da Segunda Guerra. A entrada dessas pessoas no país atendia à demanda por mão de obra nos setores da agricultura e da indústria, que se desenvolviam em larga escala. Em contrapartida, destaca-se que as normas de entrada dos refugiados e imigrantes no Brasil caracterizaram-se como seletivas e procuraram impedir a imigração de “elementos indesejáveis”, balizados em justificativas étnicas, econômicas, político-ideológicas e morais.

## PALAVRAS-CHAVE

Organização Internacional de Refugiados. Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias. Política imigratória.

## ABSTRACT

This article examines some aspects of the agreements signed between the Brazilian government and two international organizations, which exercised control over international migratory movements after the Second World War: the International Refugee Organization and the Intergovernmental Committee for European Migration. The establishment of the international regime on refugees proceeded from the mutual interests expressed by western states, which aimed at international cooperation to direct migratory flows. It is argued that Brazilian foreign policy guidelines continued to be aligned with the Western Bloc in the context of the Cold War, which led to the reception of refugees who had fled European countries during and after the end of World War II. The entry of these people into the country met the demand for labor in the agricultural and industrial sectors, which were developing on a large scale. On the other hand, it is noteworthy that the rules for the entry of refugees and immigrants into Brazil were characterized as selective and sought to prevent the immigration of “undesirable elements”, based on ethnic, economic, political-ideological, and moral justifications.

## KEYWORDS

International Refugee Organization. Intergovernmental Committee on European Migration. Immigration policy.

**A** política migratória emprega as capacidades institucionais do Estado com a finalidade de interferir, de diversas formas, nos fluxos de entrada e saída de pessoas em seu território, bem como na integração à comunidade nacional dos que nele adentram. A admissão de determinados interesses, em detrimento de outros, evidencia-se, por exemplo, na aceitação ou recusa em receber refugiados e deslocados de guerra; no estabelecimento de leis restritivas à saída ou à entrada de indivíduos; no recrudescimento de fiscalização das fronteiras; e na restrição ou ampliação do acesso à nacionalidade e aos direitos políticos. Essa acomodação de interesses ocorre na própria estrutura interna do Estado ou na relação entre diferentes Estados. Desse modo, em uma abordagem política acerca das migrações internacionais, consideramos a influência mútua que se processa entre a ação estatal e os movimentos migratórios (FERRAZ, 2017).

O Estado, contudo, não é uma entidade una e coesa, pois abrange relações de poder entre diferentes atores. Tais relações podem ser verificadas tanto no âmbito intraorganizacional quanto no âmbito interorganizacional, fator este que implica na mobilização de diversos recursos para a consecução de certos interesses, sucedendo, portanto, a manutenção ou a transformação das instituições (FERRAZ, 2017).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, novos fluxos imigratórios internacionais ingressaram no Brasil com diferentes características e nacionalidades. Nesse contexto, passaram a vigorar, basicamente, dois tipos de imigração: uma, espontânea, que se desenvolveu por meio das “cartas de chamada” de parentes e ofertas de empregos; outra que se caracterizou por grupos e cooperativas que visaram, sobretudo, a colonização agrícola e a imigração dirigida, orientada pelos convênios entre o governo brasileiro e os organismos internacionais. Dessa forma, esse artigo apresenta alguns elementos dos acordos bilaterais firmados com a Organização Internacional de Refugiados (OIR) e, posteriormente, com o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME), bem como a atuação da Comissão de Seleção de Imigrantes vinculada a esses órgãos.

Tendo em vista esses aspectos, parece-nos válida a exposição inicial sobre o tratamento dispensado ao tema migratório durante o primeiro governo Vargas, pois a instauração de medidas de caráter restritivo em relação à entrada de estrangeiros no Brasil, entre os anos de 1930 a 1945, influenciou diretamente os debates e as práticas dos órgãos responsáveis pela política imigratória no pós-guerra. Em seguida, apresentamos um panorama geral sobre os fluxos imigratórios internacionais que se dirigiram para o país, bem como a participação e cooperação do Brasil com a OIR e o CIME, os quais desenvolveram programas específicos para o direcionamento, admissão e contratação de refugiados e imigrantes. Por fim, analisamos a organização e atuação da Comissão de Seleção de Imigrantes, sediada em Milão, que se responsabilizou pelo encaminhamento de imigrantes para o trabalho nas indústrias e lavouras brasileiras.

Em decorrência das características do próprio objeto de estudo, serão analisadas principalmente as transformações e as permanências institucionais qualitativamente observáveis. Para alcançar a esses objetivos, o presente artigo alicerça-se nos Livros dos Anais do Senado da República e nos ofícios consultados no Arquivo Histórico do Itamaraty (Rio de Janeiro, Brasil), assim como nas reflexões historiográficas que abrangem os movimentos migratórios internacionais e as práticas intergovernamentais empreendidas a partir da segunda metade dos anos 1940 e no início da década de 1950. Com essa baliza temporal, objetiva-se analisar as práticas e os debates sobre

a questão imigratória desenvolvidos durante os governos de Eurico Gaspar Dutra (1946-1951) e de Getúlio Vargas (1951-1954).

No século XX, sobretudo no pós-guerra, as abordagens internacionais sobre o tema migratório alcançaram arenas multilaterais, promovendo, conseqüentemente, transformações nas instâncias regionais. Nesse quadro, investigamos as práticas e os debates institucionais no campo migratório como um processo que envolve distintos atores, pois, além das interações intraestatais, o Estado tende a se relacionar com outros Estados quando se trata dos fluxos migratórios. A dimensão internacional das migrações baseia-se na própria ação dos indivíduos que ultrapassam fronteiras, ao mesmo tempo em que carregam consigo vínculos de nacionalidades diversos daqueles da comunidade de destino. Essa atitude repercute potencialmente na relação entre os Estados, atingindo os seus aparatos consulares e diplomáticos.

## A QUESTÃO IMIGRATÓRIA NO PRIMEIRO GOVERNO VARGAS

A ascensão de Getúlio Vargas ao poder reorientou o sentido das políticas de povoamento, admissão e permanência de estrangeiros, assim como impôs um conjunto diverso de normas que regularam a entrada e a fixação de imigrantes no país. Em 12 de dezembro de 1930, o governo suspendeu, por meio do decreto n.º 19.482, a concessão de vistos de entrada para passageiros estrangeiros de terceira classe, categoria em que viajava a grande maioria dos trabalhadores imigrantes. Também instituiu a “Lei dos 2/3”, segundo a qual todas as empresas deveriam comprovar que pelo menos dois terços de brasileiros natos integravam os seus quadros de funcionários. Essa lei foi apontada como uma medida de defesa do trabalhador nacional contra a concorrência do imigrante, principalmente nas cidades, identificando a entrada em larga escala de estrangeiros como um dos fatores principais para o aumento do desemprego e, conseqüentemente, da desordem econômica e insegurança social (GERALDO, 2007).

A legislação imigratória dos Estados Unidos exerceu uma importante influência sobre os debates brasileiros referentes à imigração. Em um sistema semelhante ao do *Immigration Restriction Act* norte-americano,<sup>1</sup> a Constituição de 1934 incluiu a “lei de cotas”, a qual estabeleceu que cada nacionalidade de imigrantes poderia adentrar no Brasil desde que respeitado o limite de 2% sobre o total dos que já haviam imigrado nos cinquenta anos anteriores, beneficiando, portanto, as nacionalidades mais expressivas

---

<sup>1</sup> “A lei Johnson-Reed de Imigração, de 1924, estabeleceu, pela primeira vez, restrições numéricas, tornando a imigração ilegal um problema central na aplicação da legislação sobre imigração nos Estados Unidos. [...] A restrição numérica criou uma nova classe de pessoas dentro do “corpo da nação” – os estrangeiros ilegais – cuja inclusão na nação era simultaneamente uma realidade social e uma impossibilidade legal. Essa contradição desafiou as noções estabelecidas de soberania e democracia de diversas maneiras. Primeiramente, o aumento no número de entradas ilegais criou uma nova ênfase no controle das fronteiras terrestres contíguas da nação, com uma intensidade que não tinha existido antes. Essa nova articulação da territorialidade do Estado reconstruiu as fronteiras nacionais e o espaço nacional em formas altamente visíveis e problemáticas. [...] A aplicação das leis de deportação resultou em um discurso político e legal de oposição, que imaginava imigrantes ilegais merecedores e não merecedores e, concomitantemente, deportações justas e injustas. Essas categorias foram construídas a partir de ideias modernas sobre desejabilidade social, em particular referentes a crime e moralidade sexual, bem como valores que avaliavam a preservação da família” (NGAI, 2008, p. 8-9).

no país e a entrada de “estrangeiros conhecidos” (MENEZES, 2011). A partir da definição de cotas maiores ou menores por esse critério, o texto legal considerou a existência de um padrão da população brasileira que deveria ser preservado.

O golpe do Estado Novo, ocorrido em março de 1937, e a outorga de uma nova Carta Constitucional estabeleceram o governo ditatorial centrado na figura de Getúlio Vargas. Nesse momento, tanto por questões internas quanto externas, o tema migratório atingiu maiores proporções no panorama político e social. O governo promoveu profundas transformações na vida dos estrangeiros que já haviam se fixado no Brasil e nas possibilidades dos que pretendiam imigrar para o país. Com a aprovação do decreto-lei n.º 3.175/1941, de 7 de abril de 1941, o Ministério da Justiça e Negócios Interiores (MJNI), que já controlava a permanência dos imigrantes, passou a ter total controle sobre os fluxos de entrada no território nacional. As autorizações de concessão de vistos para certos grupos de solicitantes passaram a ser avaliadas individualmente e aprovadas, ou não, pelo MJNI. Além disso, a política imigratória encontrava-se sob a responsabilidade de outros dois ministérios: Relações Exteriores; Trabalho, Indústria e Comércio. O Conselho de Imigração e Colonização (CIC), criado em 1938, com base no decreto-lei n.º 406, de 4 de maio de 1938, também era responsável pela orientação dos serviços de colonização, entrada, fixação e distribuição de estrangeiros no território nacional (KOIFMAN, 2012).

No entendimento de diversos intelectuais e militares, influentes no campo da política imigratória do Estado Novo, era preciso descobrir, por meio de pesquisas científicas, os índices de “fusibilidade” racial dos imigrantes – uma espécie de indicadores da miscigenação – com o intuito de utilizá-los na determinação de leis biológicas que orientassem a formação do povo. Os parâmetros de “fusibilidade”, sem quaisquer enunciados metodológicos, serviram como um pretexto para indicar os indesejáveis segundo a eugenia racial (africanos e, em alguns casos, asiáticos). De qualquer forma, a assimilação transformou-se em uma questão nacional, gerando implicações no direcionamento da política imigratória e na conformação da campanha de nacionalização, que interferiu nas organizações comunitárias formadas por diferentes grupos de imigrantes. Essas práticas intransigentes vincularam-se ao recrudescimento do nacionalismo e da xenofobia, em parte provocados pelos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial e que atingiram, sobretudo, os imigrantes alemães, japoneses e os seus descendentes (SEYFERTH, 2002).

Por outro lado, é importante destacar que o Brasil não foi o único país a promover o debate acerca da nacionalidade e da assimilação de imigrantes. Esses temas também foram discutidos em outros países de imigração, especialmente nos Estados Unidos, onde a concepção de uma cidadania cívica, capaz de incorporar todos os imigrantes à nação, ia de encontro às ideias racistas que pretendiam suprimir da nação certos grupos de imigrantes. Após a fixação do sistema de cotas nos EUA em 1921, o qual determinou restrições quantitativas aos imigrantes pelo critério da nacionalidade, alguns acadêmicos da Universidade de Chicago (conhecida como Escola de Chicago) desenvolveram estudos na área da sociologia migratória. Pressupostos científicos como a teoria da assimilação e da aculturação foram elaborados por Robert E. Park, Ernest W. Burgess e Melville J. Herskovits. Park e Burgess interessaram-se pela adaptação dos imigrantes à sociedade anfitriã e pelas adversidades que enfrentavam nesse processo. Cunharam o termo “*marginal man*” (homem marginal) e defenderam a hipótese da integração completa dos imigrantes, mais cedo ou mais tarde, à nova sociedade. Herskovits adotou o conceito de aculturação para se referir aos conflitos

mais abrangentes e à adaptação mútua dos imigrantes e da sociedade anfitriã (SCHULZE, 2014).

As teorias desses autores também foram estudadas no Brasil, mas a sua difusão não ocorreu de maneira unilateral. Alguns cientistas brasileiros adequaram as pesquisas estadunidenses ao contexto do Brasil e obtiveram reconhecimento internacional. Nessa conjuntura, Gilberto Freyre é o exemplo mais notável, pois participou ativamente do intercâmbio cultural e da circulação de conhecimentos entre países, assim como o fizeram Oliveira Vianna e Arthur Ramos.<sup>2</sup>

Segundo Schulze (2014), a utilização de conceitos provenientes dos EUA e da Europa por estudiosos brasileiros demonstra que a sociologia migratória, a posterior fundação do Conselho de Imigração e Colonização e a legislação imigratória apenas são compreensíveis em um contexto intelectual global, no qual se destacaram as questões relativas à identidade nacional e à assimilação dos imigrantes. Além disso, a consciência de globalidade desempenhou um papel importante na construção da nacionalidade. Diversos artigos publicados na *Revista de Imigração e Colonização* elucidam esse aspecto: os autores comparavam o cenário migratório do Brasil com o de outros países que recebiam imigrantes, como a Argentina e os EUA, mas chamavam a atenção para as especificidades nacionais. Aristóteles de Lima Câmara e Arthur Neiva, por exemplo, analisaram o sistema de cotas estadunidense e o seu significado para o Brasil, apoiando-se nos estudos de sociólogos de ambos os países. Eles levavam em consideração o contexto global das migrações e inseriam o Brasil como parte de uma temática maior.

Tendo em vista essas considerações, é possível afirmar que o primeiro governo de Getúlio Vargas promoveu uma série de medidas restritivas que objetivaram controlar a entrada e a permanência de estrangeiros no Brasil. Os discursos e as práticas do Estado referentes à segurança, ao projeto de formação nacional e à assimilação cultural afetaram diretamente os estrangeiros e os seus filhos residentes no país, bem como os potenciais imigrantes. O governo também buscou definir e implementar critérios que viabilizassem um controle seletivo rígido, autorizando a entrada de estrangeiros considerados “desejáveis” que, em última análise, pudessem corresponder a certos critérios econômicos, técnico-profissionais, étnicos e físicos. A imigração dos “indesejáveis” – aleijados ou mutilados, inválidos, cegos, surdos-mudos, vagabundos, ciganos, doentes de moléstias infectocontagiosas, prostitutas, alcoolistas, entre outros – foi coibida pela implantação de uma legislação discriminatória, baseada em pressupostos amplos da eugenia e que representou o projeto étnico-político do Estado Novo (SEYFERTH, 2002).

## MOVIMENTOS MIGRATÓRIOS NA PAUTA INTERNACIONAL

Durante o Comitê Especial de Refugiados e Deslocados de Guerra, ocorrido em 1946, o representante do Brasil, Argeu Guimarães, proferiu um discurso favorável ao acolhimento das pessoas refugiadas e evidenciou as diversas características do país – como o seu vasto território e o seu passado marcado pela recepção de volumosos

---

<sup>2</sup> Oliveira Vianna foi membro da Sociedade dos Americanistas de Paris, da Academia de Ciências Sociais de Havana e de diversas sociedades portuguesas; Arthur Ramos foi docente e pesquisador em universidades norte-americanas como na Louisiana State University em 1940 e 1941 (SCHULZE, 2014).

fluxos imigratórios –, que poderiam classificá-lo como um dos atores mais influentes na resolução do problema dos refugiados e deslocados de guerra. No entanto, Guimarães destacou em diferentes momentos que a atuação brasileira não poderia ser orientada apenas pelo aspecto humanitário, mas principalmente pelos interesses nacionais. Dessa forma, os indivíduos selecionados seriam os trabalhadores especializados, os agricultores, os que estivessem aptos a ocupar as regiões inóspitas do território nacional e os que pudessem contribuir para o reforço das características europeias da sociedade brasileira. Na sua perspectiva, a conjuntura que se apresentava era ideal para o recebimento de novos imigrantes, pois o presidente recém-eleito, Eurico Gaspar Dutra, mostrava-se disposto a modificar as restrições da política imigratória (BRAVO, 2014).

A historiografia, contudo, aponta que o fim do primeiro governo Vargas, seguido pela eleição de Dutra em dezembro de 1945, não significou necessariamente uma ruptura nas concepções e na prática da política imigratória brasileira. Embora o regime tenha mudado, a maioria dos funcionários do segundo e do terceiro escalões envolvidos no campo imigratório manteve-se nas suas funções (ANDRADE, 2005; BRAVO, 2014). Um exemplo disso foi a formação e o envio, em 1946, de três equipes de seleção de imigrantes para o continente europeu, as quais foram lideradas por Artur Hehl Neiva – uma figura de forte atuação na política imigratória durante o primeiro governo de Getúlio Vargas e adepto aos ideais de branqueamento da nação.

Por outro lado, após o fim da Segunda Guerra Mundial, configurou-se uma nova organização político-institucional no âmbito internacional. As práticas intergovernamentais conquistaram relevância a partir da criação, em 1945, de agências especializadas na recolocação de trabalhadores em diversos países e vinculadas à Organização das Nações Unidas (ONU). Órgãos internacionais passaram a controlar os movimentos migratórios como, por exemplo, a Organização Internacional de Refugiados, que se responsabilizou pelos processos de encaminhamento, entrada e proteção dos refugiados e deslocados de guerra em diversos países na segunda metade dos anos 1940.

Os refugiados,<sup>3</sup> impossibilitados de usufruírem de proteção nacional devido ao conflito armado ou ao regime político vigente em seus países de origem, eram compelidos a migrarem para outros Estados em busca de proteção internacional. Estima-se que, entre os anos de 1939 a 1947, mais de 53 milhões de pessoas migraram de suas localidades originárias. Após o término da guerra, a grande maioria desse contingente populacional retornou para os seus países, porém cerca de um milhão de indivíduos decidiu não regressar. Este “milhão restante” havia perdido a ligação com os seus países de origem, uma vez que alguns foram anexados por outros Estados ou adotaram, no pós-guerra, novos regimes políticos e sociais (ANDRADE, 2005). Dessa forma, a abertura da emigração nos países europeus, em 1945, serviu como uma válvula de escape para evitar problemas sociais, ao mesmo tempo em que os

---

<sup>3</sup> A legislação internacional diferencia “refugiado” de “imigrante”. De acordo com a ONU, o primeiro termo refere-se àquele que fugiu de seu país em virtude de conflito armado ou de perseguição e não pode retornar de maneira segura; o segundo indica alguém que sai de seu país por motivos econômicos, para procurar emprego, encontrar familiares ou qualquer outra causa, mas seu retorno não implica em ameaça à sua vida ou integridade. Os refugiados são amparados pelo direito internacional e têm garantidos os direitos básicos de estadia e dignidade, enquanto os imigrantes estão sujeitos exclusivamente às leis do país que os recebe. Convenção de Genebra relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951).

países de outros continentes ofereciam oportunidades de trabalho para profissionais qualificados, devido ao crescimento industrial ocorrido durante o período de guerra (DOMINGUEZ, 2004).

O Estado brasileiro definiu a participação em diversas atividades propostas pela comunidade internacional como um dos objetivos de sua política externa, aliando-se aos países do Bloco Ocidental, liderado pelos Estados Unidos no contexto inicial da Guerra Fria. Uma dessas atividades era a admissão do reassentamento de refugiados e deslocados de guerra no território nacional. O país participou ativamente do Comitê Especial para Refugiados e Deslocados de Guerra, criado em 1946, e buscou tomar parte no esforço mundial de resolução dessa questão (BRAVO, 2014).

A partir dos registros da Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, é possível constatar o ingresso de imigrantes gregos e poloneses no pós-Segunda Guerra, em torno de 5 mil cada naquela cidade, bem como a entrada de apátridas e refugiados de guerra entre 1947 a 1960 (BAENINGER, 2012).

**Tabela 1** - Imigrantes internacionais registrados na Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, 1947-1960

Período	Italiana	Espanhola	Japonesa	Grega	Polonesa	Sem identificação	Apátrida
1947-1950	269	17	11	47	4.716	3.399	1.538
1951-1955	27.592	175	1.239	1870	2	80	1.361
1956-1960	12.297	5.487	1.184	2.547	14	172	405
<b>Total</b>	<b>40.158</b>	<b>5.679</b>	<b>2.434</b>	<b>4.464</b>	<b>4.732</b>	<b>3.651</b>	<b>3.304</b>

Fonte: Baeninger (2012, p. 25).

Segundo as estimativas do Departamento de Imigração do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, do total de 22.009 imigrantes “deslocados” entrados no Brasil, 11.079 encaminharam-se para São Paulo, ou seja, aproximadamente 51%. Depois de São Paulo, o estado do Paraná foi o que mais os recebeu, com 4.606, quase 21% do total para o país, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 2.160 (8,8%); Distrito Federal, com 1.705 (7,7%); Goiás, 852 (3,8%); Santa Catarina, com 760 (3,4%); Rio de Janeiro, 553 (2,5%); Minas Gerais, 463 (2,1%); Bahia, 386 (1,7%); e os estados do Ceará, Espírito Santo, Pernambuco, Acre, Rio Grande do Norte e Sergipe receberam conjuntamente apenas 0,05% do total. O motivo do maior número de entradas em São Paulo deve-se às ofertas de emprego em função das carências de mão de obra qualificada, ocasionadas pelo crescimento do seu parque industrial nos anos 1940 e pelos acordos estabelecidos entre as empresas e o Governo do Estado para a colocação dos imigrantes (SALLES; BASTOS; PAIVA; PERES; BAENINGER, 2013).

O grupo dos denominados “deslocados de guerra”, formado majoritariamente por nacionalidades existentes na Alemanha e na Áustria no final do conflito, caracterizava-se por um número elevado de jovens qualificados profissionalmente. Sob a direção da OIR, eles foram encaminhados para diversos países que estavam iniciando o processo de modernização da agricultura e de intensificação da atividade industrial, a exemplo do Brasil, da Argentina, do México e de outros países da América Latina (SALLES, 2007; PAIVA, 2008).



Diversos Estados da América, África, Oceania e da própria Europa firmaram acordos com a OIR e enviaram comissões de seleção aos campos de *displaced person*, estabelecidos nos países sob a sua administração: Alemanha, Áustria, Itália e Grécia. Em 1948, o governo brasileiro ratificou um acordo administrativo com a Comissão Preparatória da Organização Internacional de Refugiados, no qual se definiu que cinco mil pessoas deslocadas da guerra e refugiados poderiam encaminhar-se para o Brasil e aqui se restabelecerem. Essa convenção também dispôs sobre a criação de uma Comissão Mista Brasil–OIR e o livre direito de recrutamento dos imigrantes por parte das autoridades brasileiras, auxiliadas pelos serviços especializados da instituição (ANDRADE, 2005).

A Comissão Mista, instituída em dezembro de 1948, auxiliou o Departamento Nacional de Imigração e outros órgãos correlatos nas seguintes funções: recepção, reclassificação das profissões, encaminhamento, assistência, serviço de bagagem e propaganda sobre os benefícios resultantes da vinda e da contratação de imigrantes. Essa comissão também fundou subdelegacias para a solução de questões locais e imediatas nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Goiás e Bahia (ANDRADE, 2005).

Salles (2007) afirma que, no pós-guerra, o Brasil tornou-se um destino viável para os movimentos imigratórios não por sua “vocação”, mas em virtude do seu projeto de industrializa o e de coloniza o das regiões interioranas. Os articulistas, que prezavam pela vinda de novos imigrantes, passaram a defender que o estrangeiro não estava em posi o de concorrência com o trabalhador nacional. O “imigrante desejável” continuava a ser o “bom agricultor”, mas se impunha evidentemente a necessidade do novo: o técnico e o indivíduo qualificado para a atividade industrial. As profissões mais requisitadas nessa conjuntura eram: mecânicos de todos os níveis de especializa o para montagem, repara o e manuten o de motores e máquinas; especialistas em fia o e tecelagem; técnicos em indústrias químicas; operários para as indústrias de extra o de carvão e metalúrgicas.

A contribui o do Brasil no esforço mundial pela resolu o do problema dos refugiados apresentava-se como uma possibilidade de obter prestígio no cenário internacional e deixar para tr s o legado do Estado Novo, marcado por uma crescente restri o   imigra o. A atua o dos representantes brasileiros nos organismos internacionais propendeu para o reforço da imagem de um país hospitaleiro, com forte tendência ao acolhimento de imigrantes, sem quaisquer preconceitos de raça e de religião (BRAVO, 2014).

Esse discurso provocou o resultado desejado e o Brasil passou a ser considerado, tanto pelos Estados Unidos quanto pela OIR, como possível destino para milhares de refugiados e deslocados de guerra. O país, ao abrir as suas fronteiras para a imigra o dessas pessoas, mostrava ao mundo que compartilhava dos mesmos valores humanitários em voga naquele período, ao mesmo tempo em que atendia aos seus próprios interesses econômicos. Fazer parte da Organiza o Internacional de Refugiados significava receber volumosas correntes de imigrantes a preços baixos, os quais poderiam ser admitidos nos planos de coloniza o e no crescente parque industrial. Apesar dessas vantagens, a atua o do Brasil no campo imigratório relevou-se irregular (BRAVO, 2014).

Andrade e Bravo sugerem dois possíveis motivos que esclarecem a postura adotada pelo governo brasileiro na segunda metade dos anos 1940. O primeiro refere-se   estrutura administrativa dos órgãos responsáveis pela política imigratória. Havia

cinco ministérios, representados por sete grandes repartições,<sup>4</sup> e diferentes órgãos estaduais que lidavam com a imigração no Brasil. Essa fragmentação acabava por gerar ordens desencontradas e imprecisas para a atuação dos delegados brasileiros. O envio para a Europa de equipes de seleção de imigrantes sem diretrizes claras e objetivas provocou diversos atritos e incertezas, bem como desencontros de informação e solicitações não respondidas.

A segunda razão apontada é de ordem conjuntural. Alguns funcionários, que ocupavam cargos importantes no campo imigratório nacional, provocaram uma forte resistência interna em relação à recepção dos refugiados e deslocados de guerra. Muitos viam a atuação da OIR como uma ameaça à soberania nacional, mas, para além desta questão, houve motivações raciais de forte cunho eugênico que dificultaram largamente a imigração dos refugiados. Estes eram apontados como imigrantes não-ideais, que pouco poderiam contribuir para o projeto étnico-político do governo. Sendo assim, o discurso da “democracia racial” brasileira, que pautou a imagem do país no cenário internacional, não correspondia à realidade interna e ao exercício das práticas discriminatórias contra os refugiados e deslocados de guerra (BRAVO, 2014).

O presidente Dutra, em junho de 1949, suspendeu por meio de decreto a imigração em massa de refugiados para o Brasil, apesar de o reassentamento de refugiados no país ter se mantido até dezembro daquele ano. Desse modo, a Comissão Mista Brasil-OIR encerrou antecipadamente as suas atividades, incluindo as subdelegacias e os centros de recepção. Dois anos depois, cessaram as atividades da Organização Internacional de Refugiados, pois a população que residia nos campos sob a sua coordenação havia sido encaminhada para outras regiões (ANDRADE, 2005). Porém, já em 1952, entrou em cena o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias, o qual assumiu as diversas atribuições que precedentemente estavam a cargo da OIR.

## **A PARTICIPAÇÃO DO BRASIL NO COMITÊ INTERGOVERNAMENTAL PARA AS MIGRAÇÕES EUROPEIAS**

De acordo com Paiva (2008), a fundação do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias (CIME) foi impulsionada pelos Estados Unidos e pela Bélgica. Em oposição à Organização Internacional de Refugiados, as atividades desse comitê abrangeram a questão dos movimentos migratórios para além da classificação de pessoas refugiadas ou deslocadas da guerra.

O CIME desenvolveu programas específicos para as correntes migratórias e dispôs de uma ampla rede de funcionários e escritórios, sediados nos países que se interessavam pelos seus serviços. Na década de 1960, o comitê chegou a ter escritórios em cinco cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Curitiba e

---

<sup>4</sup> Essas repartições eram: “Conselho de Imigração e Colonização, nominalmente submetido ao Itamaraty; Departamento Nacional de Imigração, ligado ao Ministério do Trabalho; a Divisão de Terras e Colonização, do Ministério da Agricultura; o Serviço de Saúde dos Portos, do Ministério da Educação e Saúde; a polícia marítima, do Ministério da Justiça; a Divisão de Passaportes, do Ministério das Relações Exteriores e, por fim, o Serviço de Registro de Estrangeiros, do Ministério da Justiça” (BRAVO, 2014, p. 92).

Porto Alegre. Os funcionários contatavam os órgãos governamentais responsáveis pela admissão de estrangeiros, bem como buscavam oferecer alojamento e oportunidades de emprego aos imigrantes.

As atividades promovidas pelo CIME, financiadas majoritariamente pelo capital norte-americano, tinham uma relação intrínseca com a conjuntura de desenvolvimento econômico no pós-Segunda Guerra. A instalação de empresas multinacionais na América Latina, na Oceania e na África integrou diferentes regiões à lógica de expansão do sistema capitalista. Paralelamente à migração de capitais e empresas, estimulou-se a imigração de trabalhadores advindos de países desenvolvidos industrialmente, cujo processo de reorganização produtiva estava em andamento e, portanto, não era capaz de empregar grande parte dessa mão de obra qualificada. Nesse contexto, coube à Europa um papel fundamental: a provisão de trabalhadores qualificados para outros continentes. Dessa forma, os movimentos migratórios no pós-guerra caracterizaram-se pelo estabelecimento dos interesses estadunidenses na conjuntura da Guerra Fria, bem como pelo reconhecimento da cidadania, do amparo estatal, e do direito à nacionalidade e ao território (PAIVA, 2008).

Em 1951, ano em que Getúlio Vargas retornou à presidência do país, a sua atenção esteve voltada para a imigração. O presidente defendia que, durante o seu governo, seriam tomadas as providências necessárias tanto no âmbito administrativo quanto no âmbito político a fim de que o Brasil pudesse retomar a “trilha segura de hospitalidade cordial”, facilitando os empreendimentos destinados a promover a imigração dirigida e a colonização planejada. Nesse sentido, o governo brasileiro firmou acordos com o Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias, que auxiliou o planejamento de colonização do território nacional e manteve o fluxo para o país de uma imigração voltada principalmente para a inserção nas atividades industriais.

As mensagens de Vargas, nos anos 1950, sugerem que era do interesse de seu governo a elaboração de acordos migratórios; a promoção da seleção e a garantia de transporte para os imigrantes; o aparelhamento dos serviços de recepção, hospedagem, distribuição e colocação dos trabalhadores estrangeiros rurais e industriais; e, finalmente, a execução dos processos de “assimilação e abrasileiramento” dos imigrantes. Nessa perspectiva, os “bons contingentes migratórios” dirigidos para o Brasil poderiam contribuir grandemente para a melhoria das condições de produtividade nacional, uma vez que os estrangeiros, pelo seu trabalho qualificado tanto na agricultura quanto na indústria, poderiam “transmitir” ao trabalhador brasileiro as técnicas mais avançadas, já praticadas em seus países de origem.

Na mensagem presidencial de 1954, podemos averiguar que a Delegação do Brasil na 4ª Sessão do CIME, ocorrida em outubro de 1952, solicitou a colaboração técnica desse comitê para o planejamento de colonização do território nacional. Estabeleceu-se que o plano geral compreenderia 7.200 famílias, das quais 70% deveriam ser europeias e 30%, brasileiras, além de considerar dois tipos de colônias:

[...] um tipo denominado de Colonização Interior, com grupos de cerca de 400 famílias em cada núcleo (em Estados mais distantes ou menos desenvolvidos, apenas 100 a 300 famílias), distribuídos em diversos Estados do Brasil, tendo como objetivo incrementar decisivamente a produção agrícola do País, e, por este meio, reduzir a importação de muitos produtos, como, por exemplo, o trigo, e aumentar a exportação de arroz, de milho e

de outros produtos rurais industrializados; e uma colonização do tipo denominado de Cinturão Verde, com o objetivo de assegurar o abastecimento das grandes cidades, especialmente com produtos como hortaliças, frutas e laticínios.

Em conformidade com a direção do CIME, a etapa inicial dessa colonização procedeu à elaboração de três núcleos de Colonização Interior, no Paraná e em Alagoas, e dois projetos de Cinturão Verde nas imediações do Rio de Janeiro e no estado de São Paulo.

Em janeiro de 1955, o senador Francisco de Assis C. Bandeira de Melo<sup>5</sup> discursou acerca da necessidade de seleção de imigrantes e da permanência do Brasil como país-membro no CIME, argumentando o seguinte:

É quase inútil repetir que o Brasil precisa de imigrantes. A pequena densidade demográfica desta terra, o surgimento de desenvolvimento industrial a que assistimos, a necessidade primordial de aumentarmos nossa produção agrícola para fins de abastecimento, estão a reclamar gente nova e novas técnicas que venham em auxílio do trabalhador nacional no seu esforço pela construção de um Brasil cada vez mais próspero.

Bandeira de Melo pontuava que os movimentos migratórios ocorriam em condições muito diferentes em comparação com o período anterior ao conflito mundial. Após o término da Segunda Guerra Mundial e a subsequente realocação das populações deslocadas, os Estados europeus ainda enfrentavam problemas relacionados ao desemprego e à concentração populacional. Em contrapartida, alguns países americanos precisavam de “braços” para executar os seus programas de desenvolvimento econômico, os quais “estariam a exigir, não o aproveitamento de imigrantes que fossem chegando espontaneamente, mas a seleção por esses mesmos países de grupos profissionais rigorosamente de acordo com as suas necessidades”.

Na perspectiva do senador Bandeira de Melo, a contribuição do Brasil paga ao CIME resultava em vantagem econômica, uma vez que não estava sob o seu encargo a alta taxa do transporte marítimo que direcionava os imigrantes para o país. Nesse aspecto, Bandeira de Melo era enfático: “se o Brasil precisa de imigrantes, a maneira mais econômica de trazê-los é, pelo exposto, utilizar-se dos serviços do CIME”.

## SELEÇÃO DE IMIGRANTES NO PÓS-SEGUNDA GUERRA

O governo brasileiro, sob a direção do Conselho de Imigração e Colonização e posteriormente do Instituto Nacional de Imigração e Colonização, organizou uma

---

<sup>5</sup> O senador Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo elegeu-se senador na legenda do PSD da Paraíba em outubro de 1952. Para que pudesse ser eleito, conseguiu, naquele ano, a renúncia de Vergniaud Wanderley, senador da UDN por aquele estado, eleito em 1945, e de seu suplente Antônio Pereira Diniz. Aberta dessa forma uma vaga no Senado, eleições suplementares foram realizadas nas quais Chateaubriand foi candidato único. Verbete biográfico disponível no acervo digital do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC): <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/francisco-de-assis-chateaubriand-bandeira-de-melo>. Acesso em: 11 nov. 2020.

Comissão de Seleção vinculada ao CIME, atuante na Itália e na Áustria, a qual se responsabilizou pelo encaminhamento de imigrantes para o trabalho nas indústrias e lavouras.

Em setembro de 1954, essa comissão era chefiada na Itália pelo cônsul Arnaldo Vieira de Melo e formada por dois engenheiros (Atahualpa Guimarães e Agnello Corrêa Filho), responsáveis pela seleção de trabalhadores; dois médicos (Haroldo Werneck de Aguiar e Francisco Broxado), encarregados dos exames médico-sanitários; um “selecionador político” (Luiz Gonzaga Noronha); e mais dois membros (Zeno Canicius Muller e João Villar Ribeiro Dantas).

O presidente do INIC, João Gonçalves de Souza, tinha a intenção de que a missão diplomática em Viena fosse comunicada a respeito da Comissão de Seleção para que contribuísse com as suas atividades, pois considerava a imigração austríaca como “uma das que mais consultam aos interesses do Brasil”.

Essa comissão dirigiu-se para a Áustria no mês de outubro com a finalidade de selecionar “imigrantes trabalhadores urbanos”. O INIC, destarte, requisitou que o Ministério das Relações Exteriores (MRE) tomasse as devidas providências a fim de que a Embaixada do Brasil em Viena fosse autorizada a conceder os vistos para os imigrantes selecionados pela comissão, sem que houvesse a necessidade de envio de todos os documentos para a sede em Milão.

No mês seguinte, João Gonçalves de Souza enviou um ofício ao secretário geral do MRE, definido como “urgente”, para tratar sobre a possibilidade de imigração de um novo grupo: os refugiados alemães na cidade de Bonn. Com a justificativa de que o Brasil não poderia perder “mais uma das numerosas oportunidades que se lhe tem apresentado para atrair bons elementos”, o presidente do INIC autorizou o deslocamento de um membro da Comissão de Seleção de Imigrantes para aquela cidade com o propósito de realizar uma avaliação “in loco” sobre a “qualidade daqueles possíveis imigrantes”. O “selecionador” deveria elaborar um estudo acerca das condições dos refugiados alemães e enviar, com urgência, o relatório de suas observações para o Instituto. Dessa forma, a Embaixada do Brasil em Bonn deveria intervir junto ao governo alemão para que fossem concedidas “tôdas as facilidades possíveis àquele selecionador”. A despeito do teor de urgência declarado no documento, em setembro de 1955 aquela embaixada ainda mantinha contato com o MRE e o INIC sobre o andamento do “plano de emigração para o Brasil de operários especializados que se acham refugiados na Alemanha”.

Algumas características presentes na organização da Comissão de Seleção de Imigrantes merecem destaque. O primeiro aspecto – evidente até mesmo na sua denominação – concerne à efetivação de uma política imigratória que priorizou a seleção dos estrangeiros que desejavam emigrar para o Brasil nos anos 1950, exercendo, portanto, um controle direto sobre a entrada dos imigrantes no país. Os critérios de seleção e de concessão de visto obedeciam, sobretudo, às normas definidas pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC), que consideravam, grosso modo, dois aspectos como principais: as condições de saúde e a qualificação profissional dos estrangeiros. Não foi por acaso que a Comissão contava com “médicos selecionadores” em suas equipes, pois eles eram os responsáveis pela fiscalização sanitária na etapa das concessões de vistos, bem como pela interdição da emigração dos indivíduos que apresentavam algum tipo de deficiência física, mental ou lesão que implicasse na diminuição da sua capacidade produtiva. Os serviços de seleção dos estrangeiros também levavam em consideração os antecedentes políticos e criminais,

uma vez que se tentava impedir a imigração de pessoas que possuíam algum histórico de militância política, principalmente as que eram adeptas ao socialismo ou ao comunismo.

O segundo aspecto que chama a atenção é o fato de que a Comissão de Seleção de Imigrantes atuou somente na Europa, principalmente na Itália, Alemanha e Áustria. Os refugiados e possíveis candidatos à imigração que se encontravam nesses países eram representados como “bons elementos” que poderiam contribuir para o desenvolvimento econômico e o progresso do Brasil. Na perspectiva das autoridades que coordenaram a política imigratória, os cidadãos europeus correspondiam predominantemente ao tipo de estrangeiro ideal e, em última análise, atendiam aos supostos interesses da nação na década de 1950.

De acordo com Moreira (2012), o governo brasileiro aderiu à Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados (1951), porém restringiu o alcance do termo “refugiado” à data dos eventos que ocorreram na Europa, a partir do início do funcionamento do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). Ou seja, o governo apenas se comprometeu a acolher os refugiados europeus e adotou a posição eurocêntrica. Menezes (2018) afirma que essa manifestação pela escolha da reserva espacial, que concedia prioridade aos refugiados de origem europeia, deixa evidente que, em última instância, o ideal de branqueamento e os pressupostos eugênicos, vinculados à ideia de progresso e imigração, continuavam a pautar os “interesses nacionais” e os processos migratórios.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível concluir que o governo brasileiro, no contexto do pós-Segunda Guerra, apresentou um evidente interesse pelo processo de seleção, encaminhamento e colocação de imigrantes europeus, participando das atividades desempenhadas pelos órgãos internacionais responsáveis por controlar e dirigir os movimentos migratórios, a exemplo da Organização Internacional de Refugiados e, posteriormente, do Comitê Intergovernamental para as Migrações Europeias. Esse interesse relacionou-se com processos mais amplos como, por exemplo, a adesão do Brasil ao Bloco Ocidental, liderado pelos Estados Unidos; a distensão social na Europa; os investimentos em países economicamente subdesenvolvidos; e a demanda do mercado interno concernente à qualificação da mão de obra a fim de atender às emergentes indústrias e ao processo de modernização da atividade agrícola.

As atuações governamentais foram orientadas tanto por fatores internacionais quanto nacionais. As diretrizes da política externa brasileira seguiram alinhadas ao Bloco Ocidental na conjuntura da Guerra Fria, o que propiciou a recepção de refugiados que tinham fugido de países europeus durante e após o fim do conflito mundial. Simultaneamente, a entrada desses refugiados no Brasil atendia à demanda por mão de obra nos setores da agricultura e da indústria, que se desenvolviam em larga escala. No pós-guerra, as questões internacionais relativas à política, ideologia e geoestratégia, que apresentavam uma “roupagem humanitária”, acabaram por confluir com fatores socioeconômicos internos, étnico-culturais e demográficos que viabilizaram resoluções favoráveis ao acolhimento de refugiados europeus por parte do governo brasileiro.



A admissão dos refugiados em diferentes países era regulada por acordos internacionais, que tinham de ser aprovados no sistema jurídico-político nacional. Em contrapartida, as normas de entrada dos refugiados no Brasil caracterizaram-se como seletivas, uma vez que permitiram apenas o ingresso de pessoas de origem europeia. Além disso, as instruções gerais, expedidas pelo Conselho de Imigração e Colonização e posteriormente pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, fixaram critérios para a seleção dos refugiados e imigrantes, evidente na formação e na atuação da Comissão de Seleção em países europeus, principalmente na Itália, Áustria e Alemanha. Nessa conjuntura, podemos observar a característica plural da política imigratória brasileira, cujas ações foram direcionadas por órgãos nacionais e internacionais, que em diversas ocasiões demonstraram interesses divergentes.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, José H. Fischel de. O Brasil e a organização internacional para os refugiados (1946-1952). *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 48, n. 1, p. 60-96, jan./jun. 2005.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY (Rio de Janeiro). *João Gonçalves de Souza, presidente, para Antonio Camillo de Oliveira, secretário geral do Ministério das Relações Exteriores*. Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Ofício n. 1.192. Rio de Janeiro, DF. 4 set. 1954

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY (Rio de Janeiro). *João Gonçalves de Souza, presidente, para Antonio Camillo de Oliveira, secretário geral do Ministério das Relações Exteriores*. Instituto Nacional de Imigração e Colonização, Ofício n. 2.034. Rio de Janeiro, DF. 25 out. 1954.

ARQUIVO HISTÓRICO DO ITAMARATY (Rio de Janeiro). *Ofício “urgente” n. DPp/285/558.(81),558.(00)*. Ministério das Relações Exteriores. Rio de Janeiro, DF. 5 set. 1955.

BAENINGER, Rosana. *Fases e faces da migração em São Paulo*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/Unicamp. 2012.

BRASIL. Decreto n.º 19.482, de 12 de dezembro de 1930. Limita a entrada, no território nacional, de passageiros estrangeiros de terceira classe, dispõe sobre a localização e amparo de trabalhadores nacionais, e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, seção 1, Rio de Janeiro, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-19482-12-dezembro-1930-503018-republicacao-82423-pe.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.

BRASIL. Decreto-lei n.º 406. Dispõe sobre a entrada de estrangeiros no território nacional. *Diário Oficial da União*, seção 1, 4 mai. 1938, Rio de Janeiro, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1930-1939/decreto-lei-406-4-maio-1938-348724-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.



BRASIL. Decreto-lei n.º 3.175/1941. Restringe a imigração e dá outras providências. [7 de abril de 1941]. *Diário Oficial da União*, seção 1, 9 abr. 1941, Rio de Janeiro, DF. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3175-7-abril-1941-413194-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 5 mai. 2021.

BRASIL. Diário do Congresso Nacional. Livros dos Anais do Senado da República. *Arquivo do Senado*. Livro 3, p. 104. Terça-feira, 16 mar. de 1954. Disponível em: [http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais\\_Republica/1954/1954%20Livro%203.pdf](http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais_Republica/1954/1954%20Livro%203.pdf). Acesso em: 5 mai. 2021.

BRASIL. Diário do Congresso Nacional. Livros dos Anais do Senado da República. *Arquivo do Senado*. Livro 1, p. 94-95. Domingo, 16 jan. de 1955. Disponível em: [http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais\\_Republica/1955/1955%20Livro%201.pdf](http://www.senado.leg.br/publicacoes/anais/pdf-digitalizado/Anais_Republica/1955/1955%20Livro%201.pdf). Acesso em: 5 mai. 2021.

BRAVO, André Luiz M. Z. *O milhão restante: o Brasil e a evolução da proteção internacional a refugiados (1946-1952)*. 2014. 170 p. Dissertação (Mestrado em História) – CPDOC, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2014.

DOMINGUEZ, Juliana Arantes. *A imigração espanhola para São Paulo no pós Segunda Guerra: registros da Hospedaria dos Imigrantes*. 2004. 144 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FERRAZ, Maria Isabel M. *O Estado incremental: ação e interação do Executivo na política migratória brasileira*. 2017. 395 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Departamento de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

GERALDO, Endrica. *O Perigo Alienígena: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)*. 2007. 238 p. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

KOIFMAN, Fábio. *Imigrante Ideal: o Ministério da Justiça e a entrada de estrangeiros no Brasil (1941-1945)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

MENEZES, Lená M. de. Imigração no Brasil: discursos em disputa e práticas seletivas. In: SOUSA, Fernando de; MARTINS, Ismênia; MENEZES, Lená M. de.; MATOS, Maria Izilda; SARGES, Maria de Nazaré; SILVA, Susana S. (org.). *Um passaporte para a terra prometida*. Porto: Editora Fronteira do Caos; CEPESE, 2011. p. 25-42.

MENEZES, Lená M. Refúgio no Brasil no pós-Segunda Guerra: a Ilha das Flores como lugar de acolhimento e representação do paraíso. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica*, Salvador, v. 03, n. 07, p. 109-125, jan./abr. 2018.



MOREIRA, Julia Bertino. *Política em relação aos refugiados no Brasil (1947-2010)*. 2012. 351 p. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

NGAI, Mae. A estranha carreira do imigrante ilegal: restrições à imigração e política de deportação nos Estados Unidos – 1921-1965. *Tempo*, Niterói, v. 13, n. 25, p. 05-36, 2008.

PAIVA, Odair da Cruz. Migrações internacionais pós Segunda Guerra Mundial: a influência dos EUA no controle e gestão dos deslocamentos populacionais nas décadas de 1940 a 1960. *In: XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão*. ANPUH/SP, set. 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: ANPUH-SP, 2008, p. 1-8.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen. A Política Imigratória Brasileira no pós-segunda Guerra Mundial e os refugiados: uma leitura da Revista de Imigração e Colonização. *Revista Cena Internacional*, Brasília, v. 9, n. 2, p. 184-210, 2007.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BASTOS, Sênia; PAIVA, Odair da Cruz; PERES, Roberta Guimarães; BAENINGER, Rosana (org.). *Imigrantes internacionais no Pós-Segunda Guerra Mundial*. Campinas: Núcleo de Estudos de População – Nepo/ Universidade Estadual de Campinas, Faculdade Anhembi Morumbi, Universidade Federal de São Paulo, 2013.

SCHULZE, Frederik. A constituição global da nação brasileira: questões de imigração nos anos 1930 e 1940. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 1, mar. 2014.

SEYFERTH, Giralda. Colonização, imigração e a questão racial no Brasil. *Revista USP*, São Paulo, n. 53, p. 117-149, mar./mai. 2002.

VARGAS, Getúlio Dornelles. *Mensagem ao Congresso Nacional*: apresentada pelo presidente da República por ocasião da abertura da sessão legislativa de 1951. Rio de Janeiro, DF: Imprensa Oficial, 1951, p. 217-219.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Maria Fernandes Cavalari, 2116, 17526-341, Marília, SP, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

O artigo decorre da minha dissertação de mestrado, intitulada “Selecionar, controlar e distribuir: o Instituto Nacional de Imigração e Colonização e a política imigratória brasileira (1952-1955)” e apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, em outubro de 2020.



### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço ao professor Dr. Paulo Cesar Gonçalves, orientador da minha pesquisa no mestrado e na graduação.

### **FINANCIAMENTO**

Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), Processo nº 2017/15227-1.

### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não houve conflito de interesses.

### **LICENÇA DE USO**

© Amanda Pereira dos Santos. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### **EDITORES**

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

### **HISTÓRICO**

Recebido em: 12 de novembro de 2020

Aprovado em: 6 de abril de 2021

Como citar: SANTOS, Amanda Pereira dos. Movimentos migratórios no cenário internacional: a pluralidade da política imigratória brasileira (1946-1954). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 346-363, maio/ago. 2021.





## **MARSEILLE, CITY OF REFUGE: INTERNATIONAL SOLIDARITY, AMERICAN HUMANITARIANISM, AND VICHY FRANCE (1940–1942)**

**Emilien Tortel**<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-8335-7974>

Email: [emilien.tortel@graduateinstitute.ch](mailto:emilien.tortel@graduateinstitute.ch)

<sup>a</sup> Institut de Hautes Études Internationales et du Développement, Department of International History, Geneva, Switzerland

**DOSSIÊ**  
**Internacionalismo e história global**

## **ABSTRACT**

Anchored in the port of Marseille, this article studies encounters between international solidarity, American humanitarianism, and Vichy France's nationalism in times of war and exile. Being the last free harbour in France after the country's defeat against Germany in the spring of 1940, Marseille saw hundreds of thousands of refugees seeking refuge and exile on its shores. This massive flux gave rise to a local internationalism of humanitarian and solidarity networks bonded by an anti-fascist ideology. American humanitarians, diplomats, and radical leftist militants shaped this eclectic internationalism by providing crucial support for European refugees escaping the Nazi-backed state repression in France. Using the local archives of the department of Bouches-du-Rhône, this paper analyses how these actors and their ideologies met in Marseille and interacted with or against Vichy France's nationalism. In the end, the extended historiography on refugees, American humanitarianism, solidarity networks, and French nationalism will be used to analyse global ideologies in a local context during the Second World War.

## **KEYWORDS**

World War II. Refugees. Marseille.

**D**uring the Second World War, between 40 to 60 million Europeans fled or were expelled from their homes because of the conflict and the spread of nationalism, xenophobia, and anti-Semitism (ORCHARD, 2014, p. 146; REINISCH, 2013, p. 72). The invasion of the North of France by the German army resulted in an exodus of French people along with Belgian, Luxembourgish, and Dutch nationals towards the South of France. Eventually, they reached Marseille, which became a refugee hub and the main escape port in all of Europe until 1942. In June 1940, in the South of France, there were already the statutory refugees recognized as such by the Third Republic from the dismemberment of the Ottoman and Russian empires (Russians, Armenians, Greeks, etc.). There were also refugees without legal protection, such as Italian anti-fascists, Republican Factions who fled the victory of the Nationalist forces in Spain, and Germans, Czechoslovakians, Poles, and Austrians fleeing the expansion of the Third Reich (MALGAT, 2013). In total, there were about six million *de facto* and *de jure* refugees in the unoccupied zone of France in June 1940 (ZORGBIBE, 2018, p. 152).<sup>1</sup> Most of those who were white and European had hoped to reach the United States (US), a place imagined as the land of the free (PÉREON, 2012).<sup>2</sup> However, the majority of them were repatriated, and only the most privileged refugees with significant social and economic capitals went into exile to the United States or Latin America, such as Mexico and Brazil. The remaining refugees, which this article focuses on, stayed in Marseille at the mercy of the Vichy regime and the Secret State Police of the Nazi regime, the Gestapo.

From 1940, with the end of the Third Republic and the collaboration with the Nazis, France was no longer a safe place for refugees. At the beginning of the German offensive, which quickly outflanked the French army, Marshal Philippe Pétain was nominated as Deputy Prime Minister by the French government on the 18<sup>th</sup> of May. A month later, on June 16<sup>th</sup>, Philippe Pétain was appointed as head of the government, while Paris was already occupied by the German army. On June 22<sup>nd</sup>, he signed the armistice with the Third Reich, which split the French homeland between a northern and western zone, occupied and administered by the German army, and the “Free zone” in the south. Finally, on the 10<sup>th</sup> of July Philippe Pétain was invested with full executive and legislative power, therefore abolishing the Third Republic. From then on, and until August 1944, the newly established regime stationed in the city of Vichy was a conjuncture of reactionary, xenophobic, anti-Semitic, authoritarian policies, and active collaboration with the Nazi regime (PAXTON, 1972; BARUCH, 1996).

These policies were gathered in the “National Revolution” program based on the motto “Labour, Family, and Fatherland”. Influenced by the far-right political current of Charles Maurras (1868-1952), the regime of Vichy rejected the political heritage of the Enlightenment (BARUCH, 1996). This “new order” was antiparliamentary and emphasized traditional values symbolized by the rural and Catholic society. Furthermore, the reconstruction of a “new France”, required the – legal, economic, and

<sup>1</sup> This article concerns *de facto* and *de jure*/statutory/legal refugees defined as Europeans exiled in France, because of war, persecutions, or threats due to their Jewish identity or political opinions. Most of the time, this paper will use the term “refugee” to gather the *de facto* and *de jure* refugees to outline their vulnerabilities.

<sup>2</sup> The positive image of American liberalism did not take into consideration the racial segregation, nor the incarceration in concentration camps of Japanese Americans on the West Coast after the attack on Pearl Harbor in December 1941.

geographic – exclusion of its enemies gathered under the vague and depreciative term of “undesirable” (already used under the Third Republic), meaning Jews, Freemasons, leftist activists, and foreigners. Those categorized as “foreigners” were especially perceived as an economic, health, security, and cultural threat to the French society (NOIRIEL, 1991). Among them, the statutory refugees from the Third Republic were not protected by the state anymore; instead, they were threatened by its anti-Semitic, xenophobic, anti-communist policies, and collaboration with the Third Reich. The depletion of the refugee protection consequently increased the use of “foreigners” as an administrative category. Moreover, despite the increase of *de facto* refugees in 1939 and 1940, the Vichy regime did not recognize them as refugees. In the end, the nationalism of Vichy regime’s aimed to restore a fictive homogeneous “French identity” based on traditional values and the exclusion of foreigners seen as responsible for the collapse of France.

Inside this migratory and political context, this article sheds light on Marseille as a crucial port of transit, refuge, and site for networks of solidarity and humanitarianism under Vichy France’s nationalism. It focuses on American voluntary humanitarian organizations, radical leftist militants, and diplomats in Marseille who were the foremost agents in helping refugees to leave France from 1940 to 1942 (DROZ, 1985; PAXTON, 1972; SÉMELIN, 2008; TEMIME, 2007; VERGNON, 2019). First, in the unoccupied zone of France, the most active towards the expatriation of refugees were the American organizations, such as the American branch of the British Quakers – the American Friends Service Committee (AFSC) –, Jewish organizations HICEM<sup>3</sup> and Jewish Labour Committee (JLC), and the leftist Centre Américain de Secours (CAS). The second group was composed of revolutionary communists and anarchist militants. They were all faced with the dilemma of fleeing France or joining local solidarity networks. The third group was composed of a few diplomats who launched a set of legal and illegal actions towards their government and Vichy on behalf of the refugees.

Port specificities (maritime and continental crossroads, traffics, immigration) linked to political networks offer a fertile ground to study global ideologies on a local scale (BRASKÉN *et al.*, 2021). American humanitarian organizations had a moderate and state-centred position. Their humanitarianism was close to what Michael Seidman called counterrevolutionary anti-fascism (SEIDMAN, 2018). Their conservative internationalism predisposed them to collaborate with the Vichy regime as their anti-fascist popular front was chiefly against the Nazis. On the other hand, diplomats, leftist militants, and some humanitarians formed international solidarity networks symbolized by resistance against dominant oppressions (GARCÍA *et al.*, 2018). Their actions in harbours, such as Marseille, Casablanca, Tangier, Lisbon, and New York were more anti-fascist than humanitarian at the time. Among them, the action of the most radical left-wing militants towards refugees had a dominant political activity against capitalism, imperialism, colonialism, and fascism. This solidarity from below “forged through political struggle” (FEATHERSTONE, 2012, p.3) vivified on a global scale revolutionary anti-fascism and a subaltern internationalism of solidarity (BAYERLEIN; BRASKÉN; WEISS, 2017). Thus, even though all these actors gathered in Marseille

<sup>3</sup> Founded in 1927, the “HICEM, is an abbreviation of the names of three resettlement organisations: HIAS, an American organisation with its headquarters in New York; the Paris-based Jewish Colonisation Association, and Emigdirect, based in Berlin” (BAZAROV, 2009).



helped refugees who were victims of fascism, they were part of different networks, practices, and internationalism.

Despite the multiplicity of their background ideologies, humanitarians, diplomats, and leftist militants had a common goal of solidarity towards refugees and acted as agents of internationalism within localized networks (TAITHE, 2019). In Marseille, these two kinds of internationalism - conservative humanitarianism and leftist solidarity - collaborated to some extent and the boundary between them was not always a clear-cut. The study of these internationalist actors helps one understand the practices and ideologies of these groups towards refugees, as well as the interactions between them and the Vichy regime. On a broader scale, it contributes to think about the collision between internationalism and nationalism in times of war. Therefore, this paper explores, first, the life of refugees in the cosmopolitan city of Marseille under Vichy nationalist laws and practices; and, at a second moment, understanding the significance of American humanitarianism and its interactions with the regime of Vichy in Marseille. Finally, the article will bring a new perspective on the unique experience of international solidarity and its struggle against Vichy's nationalism in Marseille.

This paper provides some new insights, thanks to the local archives from the French department of Bouches-du-Rhône (Archives Départementales des Bouches-du-Rhône — ADBdR). It claims to be part of historiography on refugees, humanitarianism, leftist internationalism, and French nationalism in the context of Marseille to set a path for further investigations. This work is part of a recent shift in the historiography on refugees during the Second World War from mass movements inside Europe to the study of the more peripheral, but significant, exiles of Europeans outside the continent and towards colonies or the Ally countries (JENNINGS, 2018; LOYER, 2005; MARRUS, 1986; SHEPHARD, 2010). Among them, the German exile from the Third Reich was one of the most important in numbers and was essentially composed of intellectuals, political opponents, and Jews (KLEIN, 1997; MÜHLEN, 1992; SAUVEUR-HENN, 1998; WERFEL, 2007). Despite the large portion of the literature on European refugees, this paper will outline the importance of harbours as a place of refuge and transit during the Second World War. Marseille, as pertains to the history of refugees and immigration during the Second World War, has been studied by four pioneer historians, Renée Dray-Bensousan (2004, 2013), Jean-Marie Guillon (2001), Robert Mencherini (2017), and Émile Temime (2007). While these studies have to a great extent analysed the refugee camps and the deportation of Jews to the Reich, they failed to notably address those who were exiled towards the French empire. Furthermore, the famous Varian Fry Committee and its humanitarian actions towards refugees in Marseille has garnered the attention of historians and been followed by a recent study on one of its partners, the Jewish Labour Committee (BÉNÉDITE *et al.*, 2017; COLLOMP, 2016; DRAY-BENSOUSAN, 2004, 2013; MENCHERINI, 2004; RYAN, 1996). Nonetheless, a history of the HICEM and AFSC in a local or national context, both crucial American humanitarian organizations in France at this time, is still yet to be written. Also, little has been written about the link between refugees and revolutionary anti-fascist networks (MENCHERINI, 2014) as most publications emphasize its relations with national resistance (VERGNON, 2019). Indeed, the lack of archives explains why few have published on the radical left political groups in Marseille, such as the revolutionary communists and anarchists (SAHUC, 2008). Finally, Marseille as a place of refuge and friction in times of war between ideologies such as liberalism, anarchism, communism, and nationalism has yet to be studied.

## LAW, POLICE, AND DENUNCIATION IN THE COSMOPOLITAN CITY OF MARSEILLE: BEING A REFUGEE UNDER VICHY'S NATIONALISM

First of all, before getting into the local case of Marseille, it is crucial to understand the level of protection of refugees under Vichy France's nationalism. The collapse of the French state during the German attack in 1940 and the rise of the Vichy regime disrupted the legacy of the interwar period on refugee protection. In April 1941, François Darlan, the head of the French government (February 1941 to April 1942) withdrew France from the League of Nations (LoN) followed by the suspension of previously ratified international agreements relating to the protection of refugees (the League of Nations refugee arrangement of 1928 and the Convention of 1933). Their withdrawal from liberal internationalism under the leadership of LoN was part of a nationalist policy on refugees. In January 1942, a centralized body of the Special Office for Stateless persons replaced the numerous refugee offices for each nationality (KUNTH, 2017; CHIBRAC, 2004). The legal protection of specific nationalities under the Third Republic was then greatly diminished by Vichy France.

In the unoccupied zone, depending on their Jewish identity or political opinion, refugees did not have the same level of protection. Through the "national revolution", Philippe Pétain positioned himself as the defender of true French culture and identity. His desire for "national unity" did not include refugees, seen as political subversive actors. All refugees were not equal, whether they had legal protection or not, and the Jews or the radical leftist were directly threatened by the Vichy regime and its collaboration with the Gestapo. Article 19 of the Franco-German armistice stated that the French government had to surrender German citizens on the demand of the Nazi authorities (MAURY, 2006). This clause used to deport German Jews and political opponents increasingly concerned other foreigners (interned, prisoners, *de jure* refugees, etc.). Among the European refugees (*de jure* and *de facto*), the ones who were unemployed, or already interned in camps (i.e., Spanish Factions) were committed to forced labour in specific places, called Groupement de travailleurs étrangers (GTE), which were camps inherited from the end of the Third Republic (39,000 persons in GTEs in 1941, PESCHANSKI, 2002, p. 138). Independently of their legal status, the refugees who could avoid the French and Nazi repression were the ones already well settled with a work and residence permit, who could financially sustain themselves, and who were neither Jews nor far-leftists. Among those refugees, most of them did not have any other choice than to stay in Marseille at the mercy of Vichy France's repression.

Marseille as a border-city of the Mediterranean Sea was a place subjecting its refugee population to extensive controls. After the First World War, Marseille was one of the most well-known zones of refuge and transit for Europeans, because of its maritime infrastructure, geographic localization, and the availability of menial work (DIAMOND; KITSON, 2005). The refugees were principally located in the northern district of the city, as well as in the inner-city with the French working class (KITSON, 2014). Following the "massive and sudden" (MARION, 1940, my translation) influx of refugees in spring 1940 in Marseille, the local authorities considered them as a





security threat.<sup>4</sup> Refugees, in their large majority, were seen as politically subversive actors affiliated with leftist networks, which led Adolf Hitler, the dictator of the Third Reich, to name Marseille the “asylum for the international underworld” (JENNINGS, 2018, p. 32). Theoretically, as of the autumn of 1940, foreigners (as an administrative category including *de facto* and *de jure* refugees) had to report to the police monthly or bimonthly (MARION, 1940). Moreover, the authorities struggled against this marginal leftist subaltern internationalism by forbidding all foreigners from leaving their commune of residence or bordering ones (decree of the October 25th of 1940). They could only come to Marseille if they had an appointment at a consulate and had to return to their department of residence afterward (PUCHEU, 1942). Nonetheless, throughout the war, the refugee population was large and constantly changing in Marseille, which made it hard for the police to keep track of all of them. The Police Chief of Marseille himself recognized the “effective surveillance [of militants] is almost impossible” in Marseille (RISPOLI, 1941). This containment policy explains also why refugees chose to stay in Marseille, where they could easily reach the consulates to get visas.

From 1940 to spring 1942, complementary to the control of refugee movements in the French homeland, Vichy France adopted an emigration policy to expel them for ideological and economic reasons. Following social classes, the refugees who could afford an entry visa to a host country and who could financially support themselves were temporarily placed under house arrest, but the destitute were strategically gathered in transit camps near the port of Marseille. The camp of Les Milles located in a former tile factory was only for men, whereas the hotels Bompard, Terminus des Ports, Levant, and Atlantique were exclusive to women and children (CHIBRAC, 2004). This policy of emigration was a source of tensions between the central authority of Vichy and the prefect of Marseille. In November 1940, an exchange of letters between the prefect of Bouche-du-Rhône and the interior ministry (PEYROUTON, 1940) reveals disagreements on who was responsible for approaching foreign governments and convincing them to open their immigration policy. After conceding its responsibility in this task, the minister ordered the prefect to collaborate with private humanitarian organizations to look for available merchant ships which dropped off their cargo in Marseille, and who could embark foreigners on their way back. It would eventually “guarantee the embarkation of a significant number of foreigners” (PEYROUTON, 1940, my translation). Despite the loyalty of the prefect chosen by Philippe Pétain, we can imagine the dearth of time and resources needed to devote to such matters. This lack of administrative zeal explains – among other reasons such as the cost of traveling, the lack of ships, the British blockade, and restrictive immigration policies – why this policy of emigration was not efficient (LABERNÈDE, 1990). With the invasion of North Africa by the Allies (cf. “Operation Torch”, November 8, 1942), Vichy France stopped its emigration policy to avoid Resistance fighters joining the Allies. In the end, between 1940 and 1942, most of the refugees got blocked in France at the mercy of the Vichy regime’s “culture of war” (NIVET, 2004). As the historian and anarchist, Marianne Enckell stressed, “France was a trap in a bigger European trap closing up. And Marseille was a rat trap” (ENCKELL, 1978, p.14, author’s translation).

---

<sup>4</sup> This article uses the seasons of the Northern Hemisphere as the reference of time, i.e.: spring (March-June) and summer (June-September).

These xenophobic policies targeting refugees were amplified by a specific context of war. The German seizure, the British naval blockade, as well as the lack of workforces and an agricultural hinterland, provoked a shortage of food, electricity, and coal in the 1940s in the unoccupied zone of France and especially in cities such as Marseille (CHADWICK, 2016; FOGG, 2009; PAXTON, 1972). Starting in September 1940, to deal with these shortages, the population was subjected to ration cards, including one only for bread. It came with the proliferation of ersatz goods, denominating anything fake or made of poor quality as “national”. For example, the “café national” was made of sawdust. The quotation below from an unidentified German worker of the semi-public French organization, Service social d’aide aux Émigrants, appropriately portrays the social context of Marseille in 1941.

Following rather pleasant customs formalities, I venture out of Marseilles’s railway station, around 7 am. I stroll down large stairs to a café, where I find the first sleepy customers. I haven’t yet received the bread ticket so I satisfy myself with a “café national”. [...] Finally, the first light appears, and I continue my way to find the ‘Service social d’aide aux Émigrants’, my new workplace. I go down the Canebière, passing people in a hurry, struggling against the mistral hitting me with strength, and a deafening noise of klaxons and newsdealers [...] The fishermen are sitting by the dock, devouring their breakfast of bread and wine. [...] My path brings me to the ‘Consigne maritime’ where I find the social service. [...] Many people have appointments, a labyrinth of languages, nationalities, ages, and appearances, and many new problems: visa, consulate, passage, repatriation, emigration, residence permits, camps, expulsion, etc. [...] Workers, factory managers, professors and students from a forbidden time meet in this waiting room. Everyone is united in this unique place, having struggled before and now resigned and tired, without a place of origin, often without a goal ahead [...]. (EINDRÜCKE..., 1941, author’s translation)

With food and material shortages, an increase in population and unemployment, bombardments (Italian and German in June 1940 and American in May 1944), as well as police and Gestapo repression, the mortality rate in Marseille increased by 57% during the war (JENNINGS, 2018). Nevertheless, as shown by Robert Paxton (1972), despite a sentiment of lassitude and humiliation linked to material and food deprivations, the public opinion and the local police were still loyal to Philippe Pétain until the occupation of southern France by the Wehrmacht.

This context of war shortage linked to patriotism, xenophobia, and anti-Semitism led French nationals (co-workers, neighbours, landlords, etc.) to denunciate foreigners, including legal refugees, anonymously (FOGG, 2003; NIVET, 2004). The perception of foreigners, and especially of Jew as “a drain on resources was particularly important in Marseille” (KITSON, 2014, p. 115). As an outcome, French residents sent between three and five million denunciation letters to Vichy authorities and even directly to Philippe Pétain (FOGG, 2003, p. 274). One example is an anonymous letter written by a group of workers concerning their Spanish colleague in Marseille. In the letter, they accused him of having said, “The French army is good at nothing, and we’ve seen

it" (LETTER..., 1940, author's translation). As insignificant as it seems, for them, this insult was especially detestable "on the brink of the cruellest mourning that our country has had to endure" (LETTER..., 1940, author's translation). In that time, when the embers of defeat were still warm, their national pride was thin-skinned. This defensive reaction shows the lack of tolerance towards "anti-French" discourse, the need to find scapegoats, and the competition for scarce resources. This xenophobia spread in the population at large and was even more present in the police (KITSON, 2014).

The police were a key actor of Philippe Pétain's nationalism on the ground. Although the denunciation letters were anonymous and very elusive, each case involved an order from the Prefect of Bouches-du-Rhône to the Chief of Police of Marseille, and then to the mobile police for investigation. This demonstrated the strong respect of hierarchy between the prefect and the mobile forces, who were particularly zealous in controlling foreigners. In doing so, police agents were both a direct partner of the regime's nationalism and a symbol of its sovereignty against the Nazi regime. Despite this, denunciation of foreigners by French citizens was counterproductive and the ratio between time and efficient results was largely deficient (FOGG, 2003). Moreover, according to Simon Kitson (2014) following a brief period of enthusiasm, the local police of Marseille became more and more hostile to Vichy, notably because of its increasing collaboration with the Third Reich. To sum it up, this "culture of war" was embodied in xenophobic and anti-Semitic policies and practices that made refugees, seen as political activists, particularly vulnerable. That is how Vichy France's nationalism stood against the cosmopolitanism of refugees in Marseille. Nonetheless, Philippe Pétain's pragmatism did not prevent him from collaborating with American humanitarianism in Marseille.

## AMERICAN HUMANITARIANISM IN MARSEILLE: FROM COLLABORATION TO CIVIL RESISTANCE

Since the thirties, the influx of refugees in France attracted dozens of American humanitarian organizations, playing a significant role in sustaining refugees. Their humanitarianism was part of charity practices inherited from European empires of the second half of the eighteenth century and integrated into the American imperialism of the nineteenth century (BAUGHAN, 2013; CABANES 2014; CURTI, 1963; GO, 2013; MONIZ, 2016; SKINNER; LESTER, 2012). In 1917, while the Bolshevik Revolution occurred in Russia, the president of the United States, Woodrow Wilson (1913-1921) had committed his country to a broad policy of liberal internationalism supported by an organized worldwide peace (CABANES, 2014; JOSEPHSON, 1974; ROSENBERG, 2017). In doing so, the United States assumed for themselves the "burden" of fair world leadership based on liberal democratic policies, anti-communism, and global capitalism (BARNETT, 2011; PARIS, 1997, p. 56). This mission led the American government under Woodrow Wilson to initiate an "international humanitarian awakening" (IRWIN, 2017, p. 187) compatible with the US worldview (DONINI, 2010). During the Second World War, the US government promoted and increased control over the unprecedented overseas spread of private humanitarian organizations (MCCLEARY, 2009). In short, American humanitarian activities were entirely part of American liberal internationalism, which was also conservative.



In 1940, in the unoccupied zone of France, most of the American humanitarian organizations, such as the HICEM and the AFSC were part of this liberal and conservative internationalism and became valuable partners to Vichy's "national revolution". The American organizations gathered in the Committee of Nîmes to centralize their collaboration with the Vichy regime until 1943 (KÉVONIAN, 2015; GRYNBERG, 1990; SUBAK, 2010). They were part of the American Foreign policy of the anti-fascist front against the Nazis but were not officially opposed to the Vichy regime. They supported refugees (food, medical, and material supplies) who were free, or forcibly moved to camps. They helped them leave the camps, and to emigrate from France (LABERNÈDE, 1990). Until the invasion of French North Africa by Anglo-American forces in November 1942, Franklin D. Roosevelt, his secretary of state, Cordell Hull, and his close diplomatic team in France and French North Africa (William C. Bullit, William Leahy, and Robert Murphy) maintained a diplomatic bond with the Vichy regime. The main objectives were to collect intelligence and exert a hold over Philippe Pétain to compete with the Nazis and ensure that France's naval forces and its empire stayed neutral (BÉZIAT, 1997). Thus, even after the American entry into the war against the Axis (December 1941), or the comeback of Pierre Laval at the head of a government engaged in an extreme form of collaborationism (April 1942), the United States maintained diplomatic relations with the French government of Philippe Pétain (BARUCH, 1996; BÉZIAT, 1997, PÉREON, 2012). That is how American humanitarianism was part of a pragmatic foreign policy and used as propaganda to win French public opinion against German influences (BÉZIAT, 1997).

The HICEM and the AFSC internationalism – disregarding race and religion – had to juggle between the respect of the protectionist and neutral American foreign policies (until December 1941) and the xenophobic and anti-Semitic law of the Vichy regime. The HICEM was the main emigration organization, with a staff of about eighty people, which handled 30,000 individual cases and are alleged to have saved 24,000 people (BAZAROV, 2009). To fit into Vichy's policy and be authorized to work without being subject to suspicion, the HICEM wove links between the refugee crisis and the national economy. Writing to Vichy's authority, they emphasized their will to struggle against illegal emigration by cooperating with the prefecture and facilitating legal emigration to avoid a cumbersome mass of refugees in the labour market. Even after the United States declared war, at the beginning of 1942, the HICEM and the prefect collaborated to organize convoys of refugees from Marseille to Casablanca where they could embark on a transatlantic steamer (PUCHEU, 1942). Following the same agenda as the HICEM, the director of the AFSC wrote to the prefect of Marseille in January 1942 to express his willingness "to collaborate intimately and amicably with them" (KERSHNER, 1942, author's translation). However, this collaboration was not a blank check, and humanitarian actors suspected of illegal actions were subjected to regular police investigations (PEYROUTON, 1940).

Despite this collaboration on behalf of refugees, the HICEM and the AFSC also engaged in a certain dissidence towards the Vichy regime. After the conference of Wannsee in January 1942 and the systemic German deportation of Jews to extermination camps, the Vichy regime reinforced its anti-Semitic policies (multiplication of house arrests, followed by deportations to the Third Reich starting in the summer of 1942). In this context, notwithstanding the official rhetoric of collaboration, humanitarian organizations such as the HICEM and AFSC started to work closely with underground networks such as the *Groupe d'action contre la déportation*, known as Service André (HERSCO, 2006;



LABERNÈDE, 1990).<sup>5</sup> Failing to save entire families, one of the main purposes was to save children from deportation and organize their escape from concentration camps. Because of the lack of support from the United States government and their restrictive border policy, one of the options was to bring the children to Switzerland. In October 1942, knowing what was at stake and facing her helplessness to save more children, Edith Mary Pye (member of the Famine Relief Committee, London) commented in a letter to Suzanne Ferrière (secretary-general of the International Migration Service, Geneva), “it will at least save some of them” (MARY PYE, 1942).

With the deportation of Jews to the Third Reich and the invasion of North Africa by Anglo-American forces, the collaboration with the Vichy regime became almost impossible. The day following the beginning of the “Operation Torch”, the 9<sup>th</sup> of November, the Bouches-du-Rhône prefect forbade American and British citizens – including the diplomatic personnel – to leave the French territory. The next day, they had to leave the city of Marseille to specific departments in the countryside with a residence permit limited to one department (RIVALLAND, 1942). From then on, they were repatriated, incarcerated in Germany (Baden-Baden), or went into exile in Switzerland, Portugal, or Italy (SUBAK, 2010; LABERNÈDE, 1990). Both the HICEM, until its dissolution in March 1943, and its successor of the AFSC, the Secours Quaker, continued their work without American employees (KÉVONIAN, 2015). In spring 1943, the Secours Quaker was still trying to collaborate with the prefect, “as far as possible” (COHU, 1943, author’s translation). In the end, because of political considerations and conservative anti-fascism, there was close cooperation between American humanitarian organizations and the representatives of the Vichy regime. This pragmatic policy ultimately saved thousands of refugees but resulted in a limited space for civil resistance.

## **ANOTHER INTERNATIONALISM: LEFTIST INTERNATIONAL SOLIDARITY NETWORKS IN MARSEILLE**

Vichy France’s nationalism and conservative American humanitarianism were challenged in Marseille by radical leftist militants, diplomats, and two American humanitarian organizations - the Emergency Rescue Committee (ERC) and the Jewish Labour Committee (JLC) - who had an outrightly leftist political agenda. The ERC sent the American and communist journalist Varian Fry to Marseille. He brought with him a list assembled by the US State Department of famous intellectual and artist refugees to be saved, such as Hannah Arendt, Jean Malaquais, and Anna Seghers. For that purpose, as early as the summer of 1940 he established the Centre Américain de Secours (CAS). On the other hand, the JLC focused its actions on personalities from trade unions, and Russian social democrats (COLLOMP, 2016). Both the CAS and the JLC allowed their leftist ideology to determine the course of their actions, making them more anti-fascist than humanitarian.<sup>6</sup> Indeed, with the cooperation of consulates, they

---

<sup>5</sup> The service André (not to be confused with the anarchist André Arru) was a clandestine network created by Joseph Bass, a Russian Jew, to save Jews from deportation through the production of fake identity cards and sheltering.

<sup>6</sup> This situation echoes the political position of Pia Klemp, the current captain of the rescue boat called “Louise Michel”, who recently declared: “I don’t see sea rescue as a humanitarian action, but as part of an antifascist fight” (TONDO; STIERL, 2020).



went beyond their prerogatives by helping mostly political refugees using illegal actions which brought tensions between them and the Committee of Nîmes (GRYNBERG, 1990). Eventually, the CAS was excluded from the committee, as their actions were prejudicial to the American collaboration with the Vichy authorities (BÉNÉDITE *et al.*, 2017). Varian Fry was finally expelled from France on September 6, 1941 (MALGAT, 2013). According to Varian Fry (1945) and Susan E. Subak (2010), the American Embassy did not want Varian Fry's illegal activities to jeopardize the "friendly relations with the French government" (FRY, 1945, p. 128). His partner, the Frenchman Daniel Bénédite, took over the head of the organization and radicalized its activities. Promoting more revolutionary anti-fascism, he refused to help Stalinist refugees escape France (BÉNÉDITE *et al.*, 2017). The CAS was finally shut down by the local prefect in June 1942, while after the invasion of the unoccupied zone in France the JLC joined the armed resistance (COLLOMP, 2016). Despite the lack of support from the American government, the radical leftist internationalism of the CAS and the JLC respectively helped around 1200 and 300 refugees flee France (JACQUIER; PAULHAN, 2018)

Both organizations were part of a combined elite and subaltern internationalism embodied in more radical anti-fascism compared to other American humanitarian organizations. Within their limited economic means, they mostly helped privileged refugees who were able to afford their expatriation. Although, on a marginal scale they financially supported the most destitute or helped them find work. The travel costs were high, especially for refugees who had recently arrived in France and were excluded from the national labour market (cf. the 27<sup>th</sup> of September 1942 law concerning "Les étrangers en surnombre dans l'économie nationale"). For example, Rosenberg Ludwig, a German Jew who was arrested by the police of Marseille in 1940, declared that travel tickets cost around 1000F, the destination visa (Siam, or China) and transit visa costs (Spanish and Portuguese) around 100F each, plus the cost of taxes and bribes to consulates (COMMISSAIRE SPÉCIAL..., [1940?]). This sum was non-negligible, for example, the minimum authorized wages in urban areas in the department of Rhône was 1100F for men and 775F for women per month in 1941 (BEAU, 2001). With visas from Siam (ex-Thailand) or China, the refugees could go to Lisbon where they would await an American visa in a safer context (FRY, 1945). Rosenberg Ludwig also wanted to reach the United States but was ultimately deported to Algiers by the French authorities where he died in 1943 (ROSENBORG, s. d.). The CAS and JLC challenged the more conservative American humanitarianism of the HICEM and the AFSC by bringing a strong leftist political bias to their practices.

In their early civil resistance, the CAS and the JLC found support among diplomats stationed in Marseille. Diplomats in Marseille helped refugees escape France, stepping into a blurred zone of legal and illegal actions. After the armistice was agreed upon in France, and the demarcation line was established, most governments moved their consulates to Marseille. To immigrate to the United States, refugees needed an affidavit, attesting to close connections there, such as a family member. Yet, the vice-consul in charge of the visa procedure, Hiram Bingham, cooperated with Varian Fry to illegally deliver American visas for refugees (FRY, 1945; SUBAK, 2010). Soon, the State Department discovered the violation of its immigration policies and transferred H. Bingham to Brasília. He was replaced with a vice-consul who refused "as many visas as he possibly could" (FRY, 1945, p. 215; SUBAK, 2010, p. 57).

Moreover, the Consul General of Mexico in Marseille, Gilberto Bosques, provided refugees of all nationalities with around 100,000 entry visas, Mexican passports, and

forged identity cards, allowing at least 20,000 refugees to emigrate (MENCHERINI, 2014, p. 118). G. Bosques provided special aid mostly to Spanish Republicans and rented two castles placed under diplomatic protection until March 1941. With the collaboration of the CAS, these places were self-managed by leftist refugees and became locales of an unexpected experience of collectivism and international solidarity in the middle of Pétain's "national revolution" (MENCHERINI, 2004). This was made possible by the will of G. Bosques and his team, who used international law to provide spaces of freedom protected by their consulate until 1942. These cases exemplify, on a more global scale, how diplomats in several places, with or without authorization from their governments, helped refugees escape fascism in Europe. Their internationalism was based on solidarity and their anti-fascism defied differences in religion or political affiliation. According to Eric Saul, around the world, between 250,000 and 350,000 lives were saved by diplomatic rescue (SAUL, 2017). The role of these diplomats can be summed up by a quote from G. Bosques: "Sometimes you have to step outside of legality to enter the realm of rights... Which rights? The human rights to liberty." (MENCHERINI, 2014, p. 119, author's translation).

The internationalism of diplomats and humanitarian organizations was associated with international radical leftist political groups in Marseille. According to Pierre Lanneret (1995, p. 54), there were around 10,000 leftists (anarchists, communists, and socialists) in France in 1940. Among them, several clandestine extreme leftist groups of diverse geographical and ideological origins formed the "Third Camp". These internationalists represented an alternative to the French patriotic resistance and the imperialist capitalism of the Allies and the Axis (LANNERET, 1995). In Marseille, this "Third Camp" formed a radical subaltern internationalism, a melting pot of anarchists and revolutionary communists such as the *Gauche Communiste Internationale* founded by Marc Chirik, the *Groupe révolutionnaire prolétarien* (GRP), and the *Revolutionären Kommunisten Deutschlands- Communistes révolutionnaires français* (RKD-CR). During the war, GRP published the newspaper *Réveil prolétarien* ("Proletariat Awakening") calling for a general strike:

This war is not yours, it is the war between Anglo-American capitalists full of gold and raw materials and the capitalists from the Axis who are looking into the same resources. [...] Even Stalin drove his entire country into war only to save the interests of its bureaucracy. Whether you are a Parisian striker, an American minor, an Italian labourer, or a British steelworker, you are part of the same struggle. Only a gathered proletariat, organized by peasants and labourer councils will fulfil the Proletarian Revolution and with it, the victory of socialism. (GRP/UCI, 1943, author's translation)

Indeed, they defended a third path defined by the international solidarity of proletarians calling for a general strike to "transform the imperialist war into a class war" (BOURRINET, 2008, author's translation). They were not part of the nationalist anti-fascist popular front from the 1930's and wanted to take advantage of the war to trigger a civil war. In Marseille, the anarchists from France, Spain, and Italy organized themselves into a small committee centred on Jean-René Saulière, alias André Arru. They printed a newspaper *La Raison* and organized "balades champêtres" ("bucolic

walks”) in Marseille to stick tracts, stickers, and posters despite the curfew (CIRA, 1984). One of the posters was entitled “Death to Cows” in reference to Roosevelt, Churchill, Stalin, Pétain, Hitler, Mussolini, Franco, and their generals (CIRA, 1984, p. 4). Through their actions between 1940 and 1942, these extreme leftist groups refused to sacrifice the class struggle on the altar of the war against the Nazis and to be part of a national anti-fascist common front.

This revolutionary internationalism was no mere political propaganda, but also an expression of international solidarity towards refugees. Despite their limited organizations and numbers, some radical leftist internationalists found a way to help Jews and refugees outside the networks of the patriotic resistance. The anarchist André Arru and his libertarian resistance movement in Southern France falsified identity documents for Jews or political refugees, providing shelters for some of them (CIRA, 1984). As political opponents in France, they were also threatened by the French police and the Gestapo. Those militants, mostly political refugees, were part of radical subaltern international solidarity movements looking for support in France through clandestine networks or by moving abroad. Those who were able to leave, spread their revolutionary and libertarian internationalism in exile and created cells throughout Europe, North Africa, and the United States. For example, the anarchist Pio Turroni, close to André Arru, escaped from Marseille to reach Casablanca thanks to anarchist cells in Algeria and Morocco. He fled from Casablanca to New York aboard a Portuguese ship organized by the International Red Cross in Geneva (FONTANELLI MOREL, 2014). In the end, the encounter between local and international networks of humanitarians, militants, and diplomats saved thousands of lives on the fringes of the repressive Vichy and Nazi systems, but the most radical anti-fascists were powerless to change the system itself.

## CONCLUSION

Anchoring itself in the harbour of Marseille from 1940 to 1942, this article has demonstrated how a local study of individuals and networks can highlight a more global analysis of the collision between internationalism and nationalism in times of war. The specificities of Marseille as the main harbour of unoccupied France enabled the encounter of eclectic anti-fascist internationalism brought by American humanitarians, leftist militants, and diplomats. Despite differences in means and ideologies, these actors had a common goal towards refugees: solidarity. Vichy’s “national revolution” and its phantasmagoric ideology of a homogeneous French identity transformed Marseille as a pivotal point for the expulsion of foreigners until November 1942. Refugees were then subdued both by the strict control of their movements and denunciation by French citizens. The extreme shortage of food and raw materials in Marseille increased this double surveillance and the tensions between natives and foreigners. In harmony with the US State Department, American humanitarianism did not stand against Vichy’s policies but collaborated to save thousands of refugees. From the spring of 1942 and the increased persecution of Jews, American humanitarian organizations increasingly moved towards a mix of collaboration and civil resistance. In parallel, and as early as 1940, a leftist internationalism was vivified by individuals engaged in clandestine or semi-clandestine networks for the sake of refugees against Vichy France’s nationalism. In Marseille, these personalities and their networks developed radical anti-fascism





against Vichy France and saved refugees by sending them to Allied countries or their colonies. Vichy France partially authorized these internationalist movements to sustain its emigration policy and discharged its regime from economic and humanitarian weights. The invasion of the unoccupied zone by the Nazis in November 1942 progressively put an end to the American humanitarianism collaboration with Vichy France and pushed the internationalists into an underground and desperate struggle for human solidarity.

## REFERENCES

LETTER from a group of workers to the prefect of Bouches-du-Rhône. 76 W 188 (folder "1940"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Arles, 13 Aug. 1940.

BARNETT, Michael N. *Empire of humanity: a history of humanitarianism*. Ithaca; London: Cornell University Press, 2011

BARUCH, Marc Olivier. *Le régime de Vichy: 1940-1944*. Paris: Tallandier, 2017 [1996].

BAUGHAN, Emily. 'Every citizen of empire implored to save the children!' Empire, internationalism and the Save The Children fund in interwar Britain. *Historical Research*, London, v. 86, n. 231, p. 116–137, 2013.

BAYERLEIN, Bernhard; BRASKÉN, Kasper; WEISS, Holger. Transnational and global perspectives on international communist solidarity organisations. In: WEISS, Holger (ed.). *International communism and transnational solidarity: radical networks, mass movements and global politics, 1919–1939*. Leiden: Brill, 2017. p. 1-27.

BAZAROV, Valery. HIAS and HICEM in the system of Jewish relief organisations in Europe, 1933-41. *East European Jewish Affairs*, London, v. 39, n. 1, p. 69-78, 2009.

BEAU, Anne-Sophie. *Grand Bazar, modes d'emploi: les salariés d'un grand magasin lyonnais, 1886-1974*. 2001. 684 p. Thesis (PhD in History) – Faculté de Géographie, Histoire, Histoire de l'Art et Tourisme, Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2001.

BÉNÉDITE, Daniel; GUILLON, Jean-Marie; GUIRAUD, Jean-Michel. *Un chemin vers la liberté sous l'Occupation: du comité Varian Fry au débarquement en Méditerranée, Marseille-Provence, 1940-1944*. Paris: le Félin, 2017.

BÉZIAT, André. *Franklin Roosevelt et la France (1939-1945): la diplomatie de l'entêtement*. Paris: L'Harmattan, 1997.

BOURRINET, Philippe. [Notice] CHIRIK Mordkhal, ou CHIRIK Marc, dit MARC ; MARCO ; JUAN M. *Le Maitron*, 25 Oct. 2008. Available at: <https://maitron.fr/spip.php?article19903>. Accessed: 01 Apr. 2021.



BRASKÉN, Kasper; COPSEY, Nigel; FEATHERSTONE, David. *Anti-fascism in a global perspective: transnational networks, exile communities, and radical internationalism*. New York: Routledge, 2021.

CABANES, Bruno. *The Great War and the origins of humanitarianism, 1918–1924*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

CHADWICK, Kay. An appetite for argument: radio propaganda and food in occupied France. *French History*, Oxford, v. 31, n. 2, p. 85-106, 2016.

CHIBRAC, Lucienne. *Assistance et secours auprès des étrangers: le service social d'aide aux émigrants, 1920-1945*. 2004. 333 p. Thesis (PhD in History) – Faculté de Géographie, Histoire, Histoire de l'Art et Tourisme, Université Lumière Lyon 2, Lyon, 2004.

CIRA, CENTRE INTERNATIONAL DE RECHERCHE SUR L'ANARCHISME. Les anarchistes et la Résistance. *Bulletin du C.I.R.A.*, n. 21-22. 67 p. Marseille, Sep. 1984.

COHU, Eleanor. Letter from the deputy of Secours Quaker to the prefect of Bouches-du-Rhône. 76 W 197. (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Marseille, 5 Feb. 1943

COLLOMP, Catherine. *Résister au nazisme: The Jewish Labor Committee*. Paris: CNRS Editions, 2016.

COMMISSAIRE SPÉCIAL, questioning report of Rosenberg Ludwig, 76 W 188 ("Police, surveillance de l'opinion publique, vie politique 1940-1944"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). [1940?].

CURTI, Merle. *American philanthropy abroad*. London: Taylor and Francis, 1963.

DIAMOND, Hanna; KITSON, Simon. *Vichy, resistance, liberation: new perspectives on wartime France*. New York: Berg 2005.

DONINI, Antonio. The far side: the meta functions of humanitarianism in a globalized world. *Disasters*, London, v. 34, suppl. 2 (Special issue), p. s220-s237, 2010.

DRAY-BENSOUSAN, Renée. *Les juifs à Marseille, 1939-1944*. Paris: Les Belles-lettres, 2004.

DRAY-BENSOUSAN, Renée. *Les Marseillais pendant la Seconde Guerre mondiale*. Marseille: Gausson, 2013.

DROZ, Jacques. *Histoire de l'antifascisme en Europe, 1923-1939*. Paris: La Découverte, 1985.

EINDRÜCKE aus meiner arbeit in Marseille. box "Field Trip". (Archive of the International Migration Service, Genève). Marseille, 1941.

ENCKELL, Marianne. Préface. In: MERCIER VEGA, Luis. *La Chevauchée anonyme*. Genève: Éditions Noir, 1978.

FEATHERSTONE, David. *Solidarity: hidden histories and geographies of internationalism*. London: Zed, 2012.

FOGG, Shannon L. Denunciations, community outsiders and material shortages in Vichy France. *Western Society for French History*, Ann Arbor, Mich., v. 31, p. 271–289, 2003.

FOGG, Shannon Lee. *The politics of everyday life in Vichy France: foreigners, undesirables, and strangers*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2009.

FONTANELLI MOREL, Françoise. [Notice] TURRONI Pio [dit Mario] [Dictionnaire des anarchistes]. *Le Maitron*, 28 Mar. 2014. Available at: <https://maitron.fr/spip.php?article155992>. Accessed: 1 Apr. 2021.

FRY, Varian. *Surrender on demand*. New York: Argo-Navis, 2013 [1945].

GARCÍA, Hugo; YUSTA, Mercedes; TABET, Xavier; CLÍMACO, Cristina. (ed.). *Rethinking antifascism: history, memory and politics, 1922 to the present*. New York: Berghahn Books, 2018.

GO, Julian. *Patterns of empire: the British and American Empires, 1688 to the present*. Cambridge: Cambridge University Press, 2013.

GRP/UCI. GROUPE RÉVOLUTIONNAIRE PROLÉTARIEN – UNION DES COMMUNISTES INTERNATIONALISTES. Fragment d'histoire de la gauche radicale. Contre la guerre impérialiste, révolution socialiste ! *Réveil Proletarien*, Marseille, n. 1, Oct. 1943. Available at: <https://archivesautonomies.org/spip.php?article1488>. Accessed: 1 Apr. 2021.

GRYNBERG, Anne. Le Comité de Nîmes, ou les limites de la philanthropie. In: GRANDJONC, J. (org.). *Zone d'ombres 1933-1944: exil et internement d'Allemands et d'Autrichiens dans le sud-est de la France*. Aix-en-Provence: Alinéa, 1990. p. 435-436.

GUILLON, Jean-Marie. Les réfugiés de 1940 dans le midi. Vingtième Siècle. *Revue d'histoire*, Paris, n. 69, p. 180-182, 2001.

HERSCO, Tsilla. Le Service André. In: RICHET, Catherine (ed.). *Organisation juive de combat: Résistance/sauvetage, France 1940-1945*. Paris: Autrement, 2006. p. 449-450.



IRWIN, Julia. *Making the World safe: the American Red Cross and a nation's humanitarian awakening*. Oxford: Oxford University Press, 2017.

JACQUIER, Charles; PAULHAN, Jean-Kely. [Notice] Varian Fry. *Le Maitron*. 18 Aug. 2018. Available at: <https://maitron.fr/spip.php?article205816>. Accessed: 1 April 2021.

JENNINGS, Eric T. *Escape from Vichy: the refugee exodus to the French Caribbean*. Cambridge, Mass.; London: Harvard University Press, 2018.

JOSEPHSON, Harold. *James T. Shotwell and the rise of internationalism in America*. Rutherford: Fairleigh Dickinson University Press, 1974.

KERSHNER, Howard E. Letter from the Director of the AFSC to the prefect of the Bouches-du-Rhône. 76 W 197 (folder "Activités du Secours Quaker poursuivi à Marseille"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Marseille, 3 Jan. 1942

KÉVONIAN, Dzovinar. Exilés, déplacés et migrants forcés: les réfugiés de la guerre-monde. In: AGLAN, A.; FRANK, R. (org.). *1937-1947: la guerre-monde*. v. 2. Paris: Gallimard, 2015. p.841-882.

KITSON, Simon. *Police and Politics in Marseille, 1936–1945*. Leiden: Brill, 2014.

KLEIN, Anne. Rettung Und Restriktion: US-Amerikanische Notvisa für politische Flüchtlinge in Südfrankreich, 1940-41. In: KROHN, C. D.; ERWIN R; WINCKLER, L.; KOEPKE, W. (ed.). *Exil und Widerstand*. Exilforschung, ein internationales Jahrbuch. v. 15. München: Edition Text und Kritik, 1997. p. 213-232.

KUNTH, Anouche. Faire l'expérience d'un statut en construction. Aléas, infortunes et revendications des réfugiés Nansen en France (1922-1942). *Revue européenne des migrations internationales*, Poitiers, v. 33, n. 4, p. 23-47, 2017.

LABERNÈDE, Karine. De la défaite au réseau 'André': luttes et filières juives à Marseille (40-44). In: GRANDJONC, J. (org.). *Zone d'ombres 1933-1944: exil et internement d'Allemands et d'Autrichiens dans le sud-est de la France*. Aix-en-Provence: Alinéa, 1990. p. 401-420.

LANNERET, Pierre. *Les internationalistes du 'troisième camp' en France pendant la Seconde Guerre mondiale*. Bussière: Acratie, 1995.

LETTER from a group of workers to the prefect of Bouches-du-Rhône. 76 W 188 (folder "1940"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Arles, 13 Aug. 1940.

LOYER, Emmanuelle. *Paris à New York: intellectuels et artistes français en exil, 1940-1947*. Paris: Grasset & Fasquelle, 2005.

MALGAT, Gérard. *Gilberto Bosques, la diplomatie au service de la liberté*: Paris, Marseille (1939-1942). Marseille: L'atinoir, 2013.

MARION, Commissaire central. 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille), Marseille, 25 Nov. 1940.

MARRUS, Michael Robert; RAWLEY, Anthony. *Les exclus: les réfugiés européens au XXe siècle*. France: Calmann-Lévy, 1986.

MARY PYE, Edith. Letter from E. M. Pye [Famine Relief Committee, London] to Suzanne Ferrière [IMS, Geneva]. n. 7a, 1939–1945 (War Time, Service General). (Archives of the International Migration Services [currently International Social Services, Genève]). London, 10 Oct. 1942.

MAURY, Jean-Pierre. Convention d'armistice, France – Allemagne. Signé à Rethondes le 22 juin 1940. *Digitèque de matériaux juridiques et politiques* (Digitèque MJP). Université de Perpignan *Via Domitia*, 2006. Available at: <https://mjp.univ-perp.fr/france/1940armistice.htm>. Accessed: 21 May 2021.

MCCLEARY, Rachel. *Global Compassion: Private Voluntary Organizations and U.S. Foreign Policy since 1939*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

MENCHERINI, Robert. De la galaxie des Milles aux rafles de juifs en Provence. In: MENCHERINI, Robert (org.). *Provence-Auschwitz: de l'internement des étrangers à la déportation des juifs, 1939-1944*. Aix-en-Provence: Presses universitaires de Provence, 2017. p. 15–38.

MENCHERINI, Robert. *Étrangers antifascistes à Marseille: 1940-1944*. Marseille: Gaussen, 2014.

MENCHERINI, Robert. *Midi rouge, ombres et lumières: une histoire politique et sociale de Marseille et des Bouches-du-Rhône de 1930 à 1950*. Paris: Syllepse, 2004.

MONIZ, Amanda B. *From empire to humanity: the American Revolution and the origins of humanitarianism*. Oxford: Oxford University Press, 2016.

MÜHLEN, Patrik von Zur. *Fluchtweg Spanien–Portugal: die deutschen Emigration und der Exodus aus Europa, 1933–1945*. Bonn: J.H.W. Dietz, 1992.

NIVET, Philippe. Les réfugiés de guerre dans la société française (1914-1946). *Histoire, économie & société*, Paris, v. 23, n. 2, p. 247–259, 2004.

NOIRIEL, Gérard. *La tyrannie du national: le droit d'asile en Europe, 1793-1993*. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

ORCHARD, Phil. *A right to flee: refugees, states and the construction of international cooperation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.



OUNGRE, Edouard. Note from the director of the HICEM to the Chief of Police. 76 W 161 (folder "HICEM"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Marseille, 13 Sep. 1940.

PARIS, Roland. Peacebuilding and the Limits of Liberal Internationalism. *International Security*, Cambridge, Mass., v. 22, n. 2, p. 54–89, 1997.

PAXTON, Robert O. *La France de Vichy*. Paris: Seuil, 1997 [1972].

PÉRÉON, Yves-Marie. *Franklin D. Roosevelt*. Paris: Tallandier, 2012.

PESCHANSKI, Denis. *La France des camps: l'internement, 1938-1946*. Paris: Gallimard, 2002.

PEYROUTON, Marcel. Letter from the interior ministry to the prefect of Bouches-du-Rhône, Vichy. 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Marseille, 16 Sep. 1940.

PEYROUTON, Marcel. Letter from the interior ministry to the prefect of Bouches-du-Rhône, Vichy. 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille) Marseille, 20 Nov. 1940.

PUCHEU, Pierre. Letter from the interior ministry to the prefects (n°108 Pol.7-Pol.9). 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Vichy, 19/01/1942.

REINISCH, Jessica. 'Auntie UNRRA' at the crossroads. *Past & Present*, Oxford, v. 218, n. 8, p. 70–97, 2013.

RISPOLI, Letter from the Commissaire spécial to the chief of police. 76 W 111 (folder "André Emile"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Marseille, 22 Mar. 1941.

RIVALLAND, Jean. Letter from the prefect of Bouches-du-Rhône to the Marseille Chief of police. 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Vichy, 9 Nov. 1942.

RIVALLAND, Jean. Letter from the prefect of Bouches-du-Rhône to the Marseille Chief of police. 76 W 188 (folder "Répression"). (Archives départementales des Bouches-du-Rhône, Marseille). Vichy, 10 Nov. 1942.

ROSENBERG, Emily S. The Great War, Wilsonianism, and the challenges of U.S. Empire. In: ZEILER, Thomas W.; EKBLADH, David K.; MONTROYA, Benjamin C. (ed.). *Beyond 1917: the United States and the global legacies of the Great War*. New York: Oxford University Press, 2017. p. 213-231.



ROSENBORG, Ludwig. Visa recipient. (Photos, Artifacts, Testimonials). *Sousa Mendes Foundation*. [online]. Available at: <http://sousamendesfoundation.org/family/rosenberg>. Accessed: 21 May. 2021.

RYAN, Donna F. *The Holocaust and the Jews of Marseille: the enforcement of anti-Semitic policies in Vichy France*. Urbana: University of Illinois Press, 1996.

SAHUC, Michel. *Un Regard Noir: la mouvance anarchiste française au seuil de la Seconde Guerre mondiale et sous l'occupation nazie, 1936-1945*. Paris: Monde libertaire, 2008.

SAUL, Eric. Fact Sheet: Diplomatic Rescue in the Holocaust, 1933-1945. Institute for the Study of Rescue and Altruism in the Holocaust (ISRAH). Reference materials. 8, Oct. 2017. [online]. Available at: <https://www.holocaustrescue.org/diplomatic-rescue-fact-sheet>. Accessed: 21 May. 2021.

SAUVEUR-HENN, Anne Saint. *Zweimal Verjagt: Die deutschsprachige Emigration und der Fluchtweg Frankreich, Lateinamerika 1933-1945*. Berlin: Metropol, 1998.

SEIDMAN, Michael. *Transatlantic antifascisms: from the Spanish Civil War to the end of World War II*. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

SÉMELIN, Jacques. Introduction. De l'aide au sauvetage. In: SÉMELIN, Jacques; ANDRIEU, Charles; GENSBURGER, Sarah (org.). *La Résistance aux génocides*. Paris: Presses de Sciences Po, 2008. p. 19-32.

SHEPHARD, Ben. *The long road home: the aftermath of the Second World War*. London: Bodley Head, 2010.

SKINNER, Rob; LESTER, Alan. Humanitarianism and Empire: new research agendas. *The Journal of Imperial and Commonwealth History*, London, v. 40, n. 5, p. 729–747, 2012.

SUBAK, Susan Elisabeth. *Rescue & flight: American relief workers who defied the Nazis*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2010.

TAITHE, Bertrand. Demotic humanitarians: historical perspectives on the global reach of local initiatives, 1940–2017. *Third World Quarterly*, London, v. 40, n. 10, p. 1781–1798, 2019. From: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/01436597.2019.1630815>. Accessed: 01 May. 2020.

TEMIME, Emile. *Migrance: histoire des migrations à Marseille*. Marseille: Jeanne Laffitte, 2007 [1989].

TONDO, Lorenzo; STIERL, Maurice. Banksy funds refugee rescue boat operating in Mediterranean. *The Guardian*, London, 27 Aug. 2020. Available at: <https://www.theguardian.com/world/2020/aug/27/banksy-funds-refugee-rescue-boat-operating-in-mediterranean>. Accessed: 21 May 2021.



VERGNON, Gilles. *L'antifascisme en France: de Mussolini à Le Pen*. Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2019.

WERFEL, Ruth. *Gehetzt, Südfrankreich 1940: deutsche Literaten im Exil*. Zürich: Verlag Neue Zürcher Zeitung, 2007.

ZORGBIBE, Charles. *L'imbroglia: Roosevelt, Vichy et alger*. Paris, Editions de Fallois, 2018.

## AUTHOR'S NOTES

---

### CORRESPONDING ADDRESS

Institut de Hautes Études Internationales et du Développement, Department of International History, Geneva, Switzerland. Chemin des Ouches, 16. 1203 Genève, Suisse.

### SOURCE OF THE ARTICLE

Wrote for the workshop "Internationalism in the (long) Twentieth Century" (Humboldt Universität zu Berlin and Freie Universität Berlin), 20<sup>th</sup> to 23<sup>rd</sup> of October, 2020.

### ETHICS COMMITTEE APPROVAL

Not applicable.

### CONFLICT OF INTEREST

There is no conflict of interest.

### LICENSE OF USE

© Emilien Tortel. This article is licensed under the [Creative Commons License CC-BY](#). With this license, you can share, adapt, create for any purpose, as long as the authorship is properly attributed.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Graduate Program in History. UFSC Journal Portal. The ideas expressed in this article are the sole responsibility of its authors, and do not represent, necessarily, the opinion of the editors or the University.

### EDITORS

Alex Degan  
Flávia Florentino Varella (Editor-in-chief)

### HISTORY

Received on: November 13, 2020  
Approved on: May 4, 2021

How to cite: TORTEL, Emilien. Marseille, city of refuge: international solidarity, American humanitarianism, and Vichy France (1940-1942). *Esboços*, Florianópolis, n. 28, v. 48, p. 364-385, May/Aug., 2021.






## **INTERNACIONALISMO E REDEMOCRATIZAÇÃO BRASILEIRA: AS TRANSAÇÕES DE CÚPULA DA INTERNACIONAL SOCIALISTA E AS CONEXÕES ENTRE BRASIL E PORTUGAL EM 1976**

**Internationalism and the Brazilian redemocratization: the leading transactions of the Socialist International and the connections between Brazil and Portugal in 1976**

**Reinaldo Lindolfo Lohn<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-7902-2733>

E-mail: reilohn@gmail.com

<sup>a</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação,  
Departamento de História, Florianópolis, SC, Brasil

**DOSSIÊ**  
**Internacionalismo e história global**

## RESUMO

Ao longo de 1976, os contatos entre grupos políticos de diferentes países da América Latina e da Europa encetaram a constituição de uma linguagem comum proporcionada pela organização Internacional Socialista. O presente texto objetiva identificar e analisar as relações entre agentes da oposição ao regime ditatorial brasileiro com a Internacional Socialista e os debates então suscitados em torno da possível criação de uma organização partidária aos moldes dos integrantes daquela entidade. Setores das oposições brasileiras buscaram as conexões internacionais como forma de intervenção política e encontraram na atuação do governo de Portugal que emergiu dos desdobramentos da Revolução dos Cravos os meios para dar contornos transnacionais às suas iniciativas com vistas à reorganização de partidos políticos. Por meio da investigação em veículos de imprensa de ambos os países, bem como de documentos que evidenciam a preocupação de agentes da ditadura com o processo, é possível explorar a perspectiva da conectividade das negociações e os fluxos de ideias e representações políticas que atravessavam as fronteiras nacionais. Foi então praticado um internacionalismo de cúpulas dirigentes que, contornando governos, pretendeu influenciar a abertura política no Brasil.

## PALAVRAS-CHAVE

Internacionalismo. Redemocratização. Conexões internacionais.

## ABSTRACT

During 1976, contacts between political groups from different countries in Latin America and Europe began to establish a common language provided by the Socialist International organization. The social-democratic organization turned to the Latin American continent while the profusion of dictatorships led the opposition forces to seek international connections as a form of action. Sectors of the Brazilian oppositions sought international connections as a form of political intervention and found in the work of the government of Portugal that emerged from the developments of the Carnation Revolution the means to give transnational contours to its initiatives with the aim of reorganizing the political parties. Through research in media outlets from both countries, as well as documents that show the concern of dictatorship agents with the process, it is possible to explore the perspective of the connectivity of negotiations and flows of ideas and political representations that crossed over national borders. This resulted in a leading internationalism that, bypassing governments, intended to influence the political openness in Brazil.

## KEYWORDS

Internationalism. Redemocratization. International connections.

**E**ste texto enfoca as conexões internacionais do processo de transição da ditadura militar brasileira para um regime institucionalmente aberto e comandado por civis, iniciado na segunda metade da década de 1970. Geralmente circunscritos às fronteiras nacionais, os processos políticos contemporâneos passaram a ser visibilizados de forma mais ampla e complexa na medida em que a variação de escalas espaciais e fluxos internacionais levou à compreensão de que agentes e instituições situados em diferentes países participam da mediação dos debates públicos. Para tanto, vale-se aqui da perspectiva da conectividade presente nos processos históricos. Assim, cabe procurar ampliar as abordagens historiográficas para além da fragmentação e do isolamento nacionais, sendo que estruturas sociais, como as políticas, não devem ser consideradas entidades autônomas e dependem de interações que pressupõem conexões e possibilitam integrações (CONRAD, 2016, p. 102). A partir daí, é possível esboçar alguns dos delineamentos que organizaram o cenário político e as opções das organizações partidárias que estavam sendo formadas no Brasil ainda durante a ditadura militar (1964-1985). Toma-se aqui o caso das relações entre agentes da oposição ao regime ditatorial brasileiro com a Internacional Socialista em 1976 e os debates então suscitados em torno da possível criação de uma organização partidária aos moldes dos integrantes daquela entidade, a qual se pretendia uma rede transnacional de partidos progressistas moderados.

Para tanto, dado que se trata de tema esquivo e com características amplas, foi explorado um conjunto variado de documentos, do qual pequena uma parte aparece citada ao longo da narrativa. A base da investigação é o material publicado por periódicos de Brasil e Portugal ao longo daquele ano. Em especial, citamos o semanário brasileiro *Opinião*, além dos jornais portugueses *A Capital*, *Expresso* e *O Diário*, localizados na Hemeroteca Municipal de Lisboa. Também foram levantadas as resoluções dos eventos da Internacional Socialistas realizados em 1976 e publicadas pela revista *Nueva Sociedad*, da Fundação Friedrich Ebert, bem como jornais diários brasileiros de grande circulação, em especial *Jornal do Brasil* e *Folha de S. Paulo*. Outra documentação investigada diz respeito aos relatórios do Centro de Informações do Exterior (CieX), órgão do Serviço Nacional de Informações (SNI) que atuava no âmbito do Ministério das Relações Exteriores, os quais demonstram a preocupação do regime em vigiar as conexões internacionais aqui investigadas.

O processo de distensão anunciado pela ditadura militar brasileira estabeleceu um horizonte em que as formações partidárias poderiam voltar a ter funcionamento legal. Em um período de poucos anos, diferentes iniciativas foram delineadas para as recomposições políticas, sendo que a perspectiva internacional não esteve ausente das discussões. Em particular, pretendem-se observar as conexões com organizações e figuras políticas europeias, sobretudo de Portugal, país onde àquela altura, após um período revolucionário, o governo denominado de socialista atuava numa espécie de diplomacia paralela por meio da Internacional Socialista, procurando contatos com a América Latina e a África. Cabe procurar situar tais processos em um contexto mais amplo que permita, inclusive, propor o avanço da discussão para uma perspectiva transnacional.

## UMA REUNIÃO EM CARACAS

Em maio de 1976, entre os dias 22 e 25, ocorreu em Caracas, na Venezuela, uma reunião de dirigentes políticos da Europa e da América Latina com vistas ao que



foi chamado de Solidariedade Democrática Internacional. O evento foi realizado sob o patrocínio e os auspícios do partido venezuelano Acción Democrática, então no poder no país, com Carlos Andrés Pérez, bem como do Partido Social-Democrata da Alemanha Ocidental (SPD), sob a liderança do ex-chefe de governo daquele país, Willy Brandt. Apesar de não ser formalmente um evento da Internacional Socialista, o dirigente alemão era a figura de proa da organização, a qual remontava, numa trajetória tortuosa, à chamada Segunda Internacional Socialista e Operária, fundada em 1889 e dissolvida no início da Primeira Guerra Mundial. Depois de reorganizada em caráter mais restrito por alguns partidos social-democratas europeus, existiu até 1940. Foi em 1951, finalmente, que os principais partidos que fizeram parte da experiência anterior refundaram a entidade sob o nome que mantém até os dias atuais. Segundo Fernando Pedrosa (2013), o agrupamento internacional tinha forte caráter eurocêntrico. O único organismo latino-americano nos primeiros anos da entidade foi o Partido Socialista do Uruguai e, posteriormente, seu congênere argentino. A entidade se mantinha sob o domínio geopolítico dos Estados Unidos nos primeiros anos da chamada Guerra Fria, apontando para uma possível expansão de suas relações para a Ásia. O alinhamento quase automático com as políticas norte-americanas afastava a Internacional Socialista da América Latina, afora a criação de um tímido secretariado voltado para o continente.

A partir de janeiro de 1964, o secretariado passou a organizar-se sob a forma de um Bureau Coordenador da Internacional Socialista na América Latina (ROJAS, 2006, p. 55), desativado em 1970. Depois de cinco anos, a liderança da entidade passou a Willy Brandt, quando uma nova e intensa dinâmica voltada para a América Latina foi desenvolvida. Por meio da Fundação Friedrich Ebert, os social-democratas alemães estabeleciam contatos com setores intelectuais e políticos latino-americanos, o que incluiu a criação da revista *Nueva Sociedad*, em 1972, além do *Centro de Estudios Democráticos de América Latina* (Cedal), fundado em 1968, na Costa Rica, e do *Instituto Latinoamericano de Investigaciones Sociales* (Ildis), estabelecido na Venezuela, em 1973. Nessa época, os êxitos eleitorais de políticos socialistas e social-democratas moderados levaram a Internacional Socialista a ter entre seus membros mais de uma dezena de primeiros-ministros e quase 20 partidos integrantes de coalizões governamentais (*Opinião*, 18-25 dez. 1972, p. 16). Os encontros e congressos promovidos pela organização despertavam interesse da grande imprensa ocidental e, por vezes, levavam a conversações que tinham impacto nas relações diplomáticas. Isso provocava desconfortos, pois governantes estrangeiros emitiam opiniões sobre processos políticos internos de diferentes países, o que sugeria ingerências indevidas. A entidade, formada sob a perspectiva do internacionalismo do movimento operário, se tornara cada vez mais formal e voltada a cúpulas dirigentes. Nesse internacionalismo elitista, quem mais se destacou foi Willy Brandt, detentor do Prêmio Nobel da Paz em 1971.

Após ter deixado o posto de chefe do governo alemão ocidental, Brandt assumiu a liderança da Internacional Socialista a partir de 1976 e a transformou em um fórum por meio do qual pretendia se manter influente nos debates transatlânticos, incluindo a América Latina e a África. Sob o impulso do austríaco Bruno Kreisky e do sueco Olof Palme, Brandt intensificou as conexões internacionais entre os partidos da entidade, contando ainda, àquela altura, com o destaque que assumia a liderança do português Mário Soares.

O evento em Caracas fez parte de uma ofensiva política de engajamento com o chamado Terceiro Mundo que incluía um discurso pacifista e de defesa dos direitos

humanos e relações mais justas entre países ricos e subdesenvolvidos. A estratégia perseguia a expansão internacional da organização, agregando um maior número de partidos muito diversos, a maior parte situada no âmbito de centro-esquerda não marxista e em forte oposição aos comunistas. Uma expressão muito usual nas falas dos principais líderes passou a ser o chamamento ao “socialismo democrático”, procurando assegurar um amplo âmbito ideológico, sem grande consistência teórica, de modo a evitar tensões internas que prejudicassem a expansão de uma rede transnacional de partidos bastante diversa.

Para Michael Löwy (1981), o súbito interesse pela América Latina correspondia a estratégias do capitalismo europeu em concorrência com os interesses norte-americanos no continente. No âmbito da crise do petróleo de 1973, tornou-se indispensável a governos social-democratas europeus aprofundar o diálogo com países do chamado Terceiro Mundo, como fontes potenciais de ofertas do insumo energético. Isso tinha como contrapartida posições renovadas de governos locais que pretendiam depender menos de investimentos dos Estados Unidos, diversificando suas alternativas. Tal assertiva é confirmada por Petras e Morley (1990, p. 68-70), que observam um processo de disputas levado adiante por países como a Alemanha no sentido de utilizar agências com ênfase econômica e social, como parte de uma estratégia de expansão de capitais menos focada em ajuda militar.

Além dos nomes mencionados antes, estiveram em Caracas o primeiro-ministro dinamarquês Anker Jorgensen, o trabalhista britânico John Silkin e os socialistas Betino Craxi, da Itália, Michel Rocard, da França, e Felipe González, da Espanha. Os europeus da Internacional Socialista encontraram em Caracas, além dos venezuelanos, os socialistas chilenos, liderados por Aniceto Rodríguez, que recebiam a solidariedade internacional em função do golpe que depôs Salvador Allende, em 1973. Cabe mencionar que o suporte da Internacional Socialista chegava com atraso, dado que, ao longo do governo Allende, os social-democratas europeus mantiveram distância da experiência da Unidade Popular, contrários à presença de comunistas na frente governamental (MESCHKAT, 1981). Por outro lado, o fim dramático do governo Allende apenas serviria para que os integrantes da organização reforçassem seus pontos de vista quanto às rupturas que consideravam perigosas ao processo democrático. Em particular, o próprio Willy Brandt procurou manter distância do governo Allende e solidarizou-se com os democratas chilenos somente depois do golpe (INSULZA, 1981).

Os latino-americanos tinham ainda como interlocutores o peruano Victor Raúl Haya de La Torre, da Aliança Popular Revolucionária Americana (Apra); o mexicano Porfirio Muñoz, do Partido Revolucionário Institucional (PRI); o chileno Anselmo Sule, do Partido Radical (PR); e o argentino Ricardo Balbín, da União Cívica Radical (UCR), entre outros. Um indício dos delineamentos políticos bastante limitados firmados no encontro teria sido o constrangimento causado pelo representante da Jamaica, Dudley Thompson, ministro das relações exteriores daquele país, que teria sugerido a presença do governo e de lideranças cubanas. Ele insistiu, assim, que a social-democracia deveria romper com o espírito da Guerra Fria, o anticomunismo, e engajar-se contra o principal inimigo, que seria o imperialismo. De sua parte, o anfitrião Carlos Andrés Pérez denunciou a “ordem econômica mundial” e as relações de dependência que provocava nos países pobres em relação aos ricos (REUNIÃO..., *Opinião*, 28 mai. 1976, p. 18).

De algum modo, as condições políticas e ideológicas da centro-esquerda europeia em meados da década de 1970 favoreciam a aceitação de parte dessas demandas, corroborando a aceitação do policentrismo e diálogos com as posições do chamado eurocomunismo, liberando em parte tais partidos da hegemonia norte-americana em favor de posições mais flexíveis com países como Cuba. Assim, para além dos interesses estritamente econômicos, ocorria, em meados da década de 1970, um processo em larga escala e transnacional de “social-democratização” da cena política (LÖWY, 1981), o que afetou a formação de redes de organizações partidárias e intelectuais que favoreciam tal postura, baseada na crítica ao capitalismo, mas também à burocratização soviética. A contradição desse processo, do ponto de vista da Internacional Socialista, se situava em que seus contatos no continente se deram com partidos hegemônicos estabelecidos com características que Löwy (1981) chama de “populistas”. Nesse caso, o autor emprega terminologia cara às ciências sociais brasileiras de então, voltadas a denominar um fenômeno político que seria derivado do cardenismo, do peronismo ou do varguismo. Tal perspectiva, contudo, tem sido alvo de debates que revelam sua inconsistência analítica para a compreensão da presença de grupos populares na cena política (FERREIRA, 2001, p. 83-84).

De todo modo, apesar das disputas de sentido acerca das diferentes forças políticas envolvidas, o que interessa à presente discussão é ter em conta que não se tratava de um processo unilateral em que havia mera adoção de modelos europeus definidos. As organizações políticas latino-americanas que se aproximavam da Internacional Socialista buscavam se conectar com narrativas e discursos que circulavam em nível ocidental, mas sem perder suas escalas nacionais e regionais de atuação nem suas próprias trajetórias históricas. Pode-se afirmar que tais conexões resultaram em um internacionalismo de cúpulas com pouca interação com os novos movimentos sociais e de base que surgiam no continente, àquela altura vistos com grande expectativa por diferentes correntes intelectuais (GOHN, 1997, p. 220-221).

O documento final do encontro procurou acentuar o que havia de comum entre os presentes e suas diferentes organizações. Os movimentos políticos teriam diferentes origens e estruturas de organização, procedendo de países com diversos graus de desenvolvimento. Propugnavam a defesa da “democracia política”, que estaria fundada nos direitos humanos, individuais e sociais, assim como na liberdade de expressão. Tal organização democrática era aquela encontrada nos “países ricos” e deveria ser a solução necessária e desejável para todos os povos. Tal democracia deveria assegurar a igualdade na distribuição da propriedade e o acesso à cultura e ao poder, daí caberia a cada país encontrar o próprio caminho democrático com justiça social, que pressuporia a promoção da efetiva igualdade e a regulação da vida econômica pelo Estado, respeitando a iniciativa privada que não contraditasse os interesses populares. A democracia social assim concebida levaria às relações pacíficas e de cooperação entre os Estados nacionais, com a promoção da integração regional. Por fim, apresentava um firme rechaço aos “regimes fascistas ou totalitários” que se estendiam pela América Latina e saudavam os processos políticos em curso em Portugal e na Espanha (REUNIÓN..., *Nueva Sociedad*, maio-jun., 1976, p. 67-69)

Felipe González, dirigente socialista espanhol, defendia que os países ibéricos teriam mais facilidade de interagir com os latino-americanos não só pela trajetória histórica e pelo idioma, mas pelo enfrentamento de problemas em comum. Considerava que, na Espanha, seguia em curso um “regime autocrático semelhante a algumas das ditaduras latino-americanas”. Defendia o resgate de identidades políticas que dariam

consistência à conjunção de interesses e a valores solidários em comum, propondo a defesa do socialismo, que seria “a democracia de verdade”, e que “não há socialismo sem democracia, não há socialismo sem liberdade” (ENTREVISTA..., *Nueva Sociedad*, maio-jun. 1976, p. 3-10).

Para Willy Brandt, depois de Caracas, teria sido aberto um caminho para o diálogo mundial entre “forças progressistas”. Ele defendia que os europeus finalmente se descolavam das questões da Guerra Fria e da postura eurocêntrica, passando a compreender a problemática relação Norte-Sul. Por sua vez, os latino-americanos também passaram a ter oportunidades para ampliar seus contatos internacionais e seguir uma perspectiva de ação em escala mundial. Brandt defendia o ponto de vista de Mário Soares, para quem a “ideia de Caracas” seria o começo de uma “grande esperança”: a de uma rede de relações entre forças de diferentes continentes, superando diferenças em favor do “socialismo em liberdade” (BRANDT, 1977). Tal posicionamento, de certo modo, reduzia e amornava em grande parte a retórica mais incisiva de líderes latinos como Carlos Andrés Pérez, estabelecendo limites estritos e pragmáticos à atuação da Internacional Socialista, apontando mudanças que se processariam lentamente e em longo prazo no contato entre governos.

É necessário, assim, acentuar as ambiguidades e as contradições das propostas, pois as forças políticas envolvidas eram muito diversas. Se a *Acción Democrática* de Carlos Andrés Pérez àquela altura praticava uma política mais à esquerda, tanto em sua organização quanto no exercício do poder, o mesmo não poderia ser dito de seus interlocutores do moderado Partido Revolucionário Institucional, do México. Pode ser ainda apontado o caso argentino, pois Ricardo Balbín, da UCR, apresentava reconhecidamente “escassa combatividade” contra a ditadura imposta em seu país, em março do mesmo ano, e insensibilidade “ante à situação vivida pelo movimento sindical” (ROJAS, 2006, p. 56). Durante a conferência, foi noticiado o assassinato em Buenos Aires de exilados uruguaios por agentes da repressão argentina. Sobre o episódio, Balbín apenas pediu uma “investigação pormenorizada”, pontuando de modo ambíguo que em seu país ocorria a “penetração de interesses contrários” que provocariam “episódios destinados a desprestigiar a nação” (ASSASSÍNIO..., *Jornal do Brasil*, 25 maio 76, p. 12).

## O INTERNACIONALISMO DAS CÚPULAS DIRIGENTES E O BRASIL

O Brasil foi modestamente mencionado ao longo de 1976 nas apreciações e nos documentos relativos à Conferência de Caracas. Na ausência de qualquer organização partidária formal, os únicos brasileiros de que se tem registro no evento foram o senador Marcos de Barros Freire, eleito em 1974 por Pernambuco, e o empresário e editor paulista Fernando Gasparian. Freire era oriundo do Partido Socialista Brasileiro (PSB), fundado em 1947 e proscrito em 1965, e passara a atuar politicamente no Movimento Democrático Brasileiro (MDB), que se convertera numa grande frente de oposições à ditadura, reunindo, além de socialistas e social-democratas, muitos comunistas, liberais e mesmo segmentos conservadores. Sua ascensão ao Senado, em 1974, ocorreu em conjunto com a grande expansão do partido da oposição legalizada à ditadura que ocorrera nas eleições parlamentares daquele ano, surpreendendo o regime autoritário e servindo como marco do início de

conversações mais francas em torno de uma anunciada distensão lenta, gradual e segura. Dada a sua atuação no âmbito do grupo dos “autênticos” do MDB e de suas posições contrárias à desnacionalização da economia brasileira, além das violações aos direitos humanos (MARCOS..., *Opinião*, 26 ago. 1974, p. 5), sua participação na Conferência de Caracas era consistente e coerente.

Foi a atuação de Fernando Gasparian, no entanto, que forneceu elementos empíricos mais sólidos para a compreensão do que se passou ao longo de 1976, a partir do encontro de Caracas, no âmbito das conexões internacionais que envolveram as iniciativas do então inicial processo de redemocratização brasileiro. Empresário do ramo têxtil, filiado política e ideologicamente às posições nacionalistas do período anterior ao golpe de 1964, Gasparian tinha inúmeros contatos e relações com redes intelectuais da Universidade de São Paulo (USP), acompanhado desde cedo por Fernando Henrique Cardoso, e também com líderes do Partido Democrata Cristão (PDC), em especial Franco Montoro e Plínio de Arruda Sampaio, além de Rubens Paiva, do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Antes, tivera uma passagem pelo PSB, após contatos com Antonio Candido e Cláudio Abramo. Era um moderado com diálogos com setores que se alinhavam a certo liberalismo de esquerda pouco frequente na política brasileira. Em sequência ao golpe, integrou as primeiras listas de filiados ao MDB e passou a investir em editoras e a manter posições críticas à desnacionalização da economia, que o levaram ao autoexílio em 1970, retornando dois anos depois, quando lançou o semanário *Opinião* (CANDIDO, 2018, p. 47-63). Em 1973, adquiriu a Paz e Terra, que foi uma das mais influentes casas editoriais das décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Em 1974, a editora lançou a coleção *Estudos Brasileiros*, série de trabalhos sobre a realidade nacional que teve Marcos de Barros Freire como primeiro autor publicado, com o livro intitulado *Oposição no Brasil, hoje* (CARRIJO, 2013, p. 139).

O semanário *Opinião* reuniu boa parte de uma elite intelectual muito influente no período, tanto na academia quanto no debate brasileiro. Entre seus redatores mais importantes estiveram os jornalistas Raimundo Rodrigues Pereira e Argemiro Ferreira, além de contar com colaborações de Antonio Callado, Antonio Candido, Fernando Henrique Cardoso, Millôr Fernandes, Celso Furtado, Paulo Emílio Salles Gomes, Alceu Amoroso Lima, Luciano Martins, Francisco de Oliveira, Paul Singer e Francisco Weffort. Ao longo de sua existência, publicou material exclusivo de jornais e revistas internacionais, como *Le Monde*, *The Washington Post*, *The Guardian*, *The New York Review of Books*, *New Statesman* e *Le Nouvel Observateur*. Seus editores e redatores manifestavam a precípua intenção de localizar os processos sociais e políticos de então em uma mirada internacional abrangente. Com tiragem pouco inferior a 40 mil exemplares, o semanário foi constante alvo da censura prévia e vítima de apreensão de suas edições até deixar de circular, em 1977 (FERREIRA, 2010). Foi um frequente veículo de difusão das posições dos chamados “autênticos” do MDB, grupo de pouco mais de duas dezenas de integrantes da oposição legalizada que se recusaram a exercer o voto durante a sessão do Colégio Eleitoral que homologou a “escolha” do general Ernesto Geisel como novo comandante da ditadura (NADER, 1998, p. 15-16).

Em particular, Marcos Freire era uma estrela em projeção, o que dizia respeito a suas boas relações com Gasparian. Pouco antes da reunião em Caracas, da qual ambos participaram, em janeiro de 1976, o *Opinião* deu grande destaque em primeira página ao que foi chamado de “projeto Marcos Freire”, que propugnava uma reforma política que levasse o país ao “estado de Direito”, a qual expôs após o retorno de



uma visita às Nações Unidas. Depois de um período de intensa combatividade no Congresso Nacional, Freire expressava a iniciativa de negociar com moderação os termos de um novo modelo institucional que fosse aceito pela oposição e pelo regime, a começar pelo encerramento da vigência do Ato Institucional Número 5 (AI-5). Em troca do gesto do regime, a oposição abriria caminho para a discussão dos passos concernentes à redemocratização, com a elaboração de uma legislação ordinária que disciplinasse a adoção de “medidas emergenciais” pontuais e assegurasse garantias à ordem e à não sublevação. Tratava-se, portanto, de institucionalizar o sistema de exercício do poder existente, deixando-o submetido ao controle legislativo e judicial. A proposta ia ao encontro das movimentações do próprio Ernesto Geisel com vistas à institucionalização da “revolução”, mantendo sob controle do sistema vigente o ritmo do processo de distensão (MARCOS..., *Opinião*, 2 jan. 1976, p. 3). Por fim, no ano seguinte, quando o regime mais uma vez fez uso do AI-5 para impor o chamado “pacote de abril” e suspender o Congresso Nacional, o senador considerava que uma “Assembleia Constituinte ampla” levaria à “verdadeira conciliação nacional”. O senador dizia ser necessário “tentar uma saída para o impasse institucional — mesmo que não a dos nossos sonhos”. Isso demandaria “a coragem de abrir o debate em torno de uma fórmula viável e aceitável, em termos jurídicos e democráticos” (MARCOS..., *Opinião*, 8 abr. 1977, p. 2).

A conferência de Caracas foi noticiada no Brasil pela reprodução de notas de agências de informação internacionais. O *Jornal do Brasil* publicou breves textos centrados em grande medida na presença de Brandt, apresentado como o personagem de maior destaque. A cobertura destacou as moderadas críticas à ditadura chilena, centrando a atenção no enfoque a uma “nova ordem econômica internacional” (BRANDT..., *Jornal do Brasil*, 23 maio 1976, p. 12) e à proposta de um “socialismo democrático” como alternativa ao “capitalismo desumano” e ao “comunismo inimigo da liberdade” (BRANDT..., *Jornal do Brasil*, 24 maio 1976, p. 8).

É na *Folha de S. Paulo* que se encontrava um espaço muito mais significativo para o encontro. Para o jornalista Newton Carlos, a Venezuela pretendia se tornar “centro irradiador da social-democracia como a ‘melhor alternativa política’ para uma América Latina em profunda crise institucional”. Há um detalhe revelador no texto do colunista da *Folha*, que traz a informação de que o evento contaria com a presença de *scholars*, referindo-se ao “sociólogo brasileiro Fernando Henrique Cardoso”. É possível que tenha se confundido com Fernando Gasparian, ou que este tenha ido a Caracas justamente para representar Cardoso, dada a proximidade entre ambos (CARLOS, 1976, p. 2). O jornal também publicou uma nota breve, destacando a presença de Marcos Freire, ao mencionar nota “de 32 linhas” emitida pelo gabinete do senador. Mas, nesse caso, as referências ao encontro foram menos sóbrias: o autor da nota na coluna “Painel” comparou a viagem a outra que fora realizada por Franco Montoro a Roma, para “uma reunião mundial de partidos democratas cristãos”. Essas movimentações faziam dar concretude às iniciativas com vistas a uma possível “reorganização partidária” no país. Assim, seria possível prever que a presença de Freire em Caracas significava “um indício de que ele estaria interessado na reorganização do Partido Socialista Brasileiro” (PAINEL, *Folha de S. Paulo*, 25 maio 1976, p. 3).

O semanário *Opinião* deu destaque ao conteúdo propriamente dito do encontro, oferecendo espaço à reprodução dos pronunciamentos dos presentes, embora tenha também se limitado a transcrever as manifestações finais das principais lideranças

presentes ao encontro (A SOCIAL-DEMOCRACIA..., *Opinião*, 4 jun. 1976, p. 22). Contudo, parece ser significativa a presença de Marcos Freire e Fernando Gasparian em Caracas, num contexto em que setores da oposição buscavam estabelecer as bases de negociação com o regime e projetar novas formas de organizações partidárias, tendo desencadeado conexões internacionais que amadureceram ao longo de 1976 e se desdobraram em contatos políticos efetivos com a Internacional Socialista nos anos seguintes. A definição de um tipo de transição possível na ditadura por meios institucionais encontraria respaldo cada vez maior entre os setores oposicionistas, e a legitimação internacional de contatos de cúpula para o processo ganharia consistência.

Na condição de articulador de conexões internacionais com o Brasil e parte da oposição consentida pela ditadura, Fernando Gasparian fez uso de *Opinião* como instrumento para estreitar vínculos com líderes da Internacional Socialista. Em novembro de 1974, conduziu pessoalmente, junto com Luciano Martins, uma entrevista com Brandt, publicada no semanário. Na mesma edição em que *Opinião* analisava os resultados das eleições daquele mês, que deram ampla vitória ao MDB, é possível indicar que havia o delineamento de contatos que seriam aprofundados dois anos depois, após o encontro de Caracas. Na entrevista, Brandt afirmou que a “cooperação econômica” com diferentes países seria tanto mais ampla quanto fossem asseguradas “conquistas democráticas e sociais”. Isso era particularmente importante partindo de uma liderança de um país com importantes multinacionais instaladas no Brasil e, de modo mais incisivo, quando a ditadura militar desenvolvia os acordos nucleares com a Alemanha dirigida pelos social-democratas (MESCHKAT, 1981).

Dois anos depois, foi com um fiel escudeiro de Brandt que as conexões de Gasparian com integrantes da Internacional Socialista foram aprofundadas depois da reunião de Caracas. Após uma visita à Feira do Livro de Frankfurt, Gasparian se encontrou em Lisboa com Mário Soares, que ascendera à condição de primeiro-ministro de Portugal em julho daquele ano, além de ser o máximo dirigente do Partido Socialista de seu país e vice-presidente da Internacional Socialista. Em *Opinião*, uma nota breve trouxe a informação de que uma entrevista seria publicada no semanário. Participou do encontro ainda um alto integrante do governo português, Victor Cunha Rego, que fora um exilado no Brasil (ENTREVISTA..., *Opinião*, 8 out. 1976, p. 2). O que parecia uma iniciativa de caráter jornalístico se cobria também de interesse político, tanto que chamou a atenção da embaixada brasileira em Lisboa, onde havia um dos braços mais atuantes do Centro de Informações do Exterior (Ciex).

Essa peça do sistema repressivo da ditadura militar teve intensa atividade na embaixada de Lisboa entre 1974 e 1978, então sob o comando do general Carlos Alberto da Fontoura, considerado parte da chamada linha dura do regime e que fora chefe do SNI entre 1969 e 1974 (FILHO, 2009). O Ciex tinha por função manter “o governo atualizado sobre os passos de brasileiros no exterior”, além de campanhas e frentes de informações organizadas por exilados e seus apoiadores (SAMWAYS, 2020). Em um relatório do órgão teria sido apurado que a visita de Gasparian a Soares decorreria do “esquema de apoio do Partido Socialista português à formação de um PS [Partido Socialista] brasileiro”. Além disso, estaria relacionada à anunciada visita a Portugal de Celso Furtado e Darcy Ribeiro. A “revoada” da esquerda brasileira em direção ao país ibérico, aos olhos do agente do SNI que elaborou o relatório, levaria “a fazer pensar” no que denominou de “conspiração de esquerda” que estaria sendo mencionada em “certos setores da ‘comunidade’ de refugiados brasileiros em Portugal”. Em particular, preocupava aos agentes da repressão a presença de

“elementos” que seriam “ligados ao ex-presidente João Goulart”, como Paulo Schilling (CIEX, 14 out.1976).

O interesse nos passos de Gasparian denota a importância para o regime autoritário das conexões internacionais estabelecidas em Portugal e seus possíveis desdobramentos na articulação de arranjos de oposição que estariam passando a adotar novas estratégias em suas relações com a ditadura. A amplitude da oposição para além das fronteiras nacionais significava não só a denúncia das violações aos direitos humanos perpetradas pelo regime, assunto que desgastava e desmoralizava a ditadura, mas também a construção de cauções de grande influência com vistas a dar respaldo a possíveis negociações que se abririam em torno da distensão e da abertura política. Nesse caso, a condição de Mário Soares como primeiro-ministro português e influente integrante da Internacional Socialista poderia ser mobilizada por setores oposicionistas capazes de situar-se em posições estratégicas nessas conexões.

## **AS CONEXÕES COM PORTUGAL: UMA PLATAFORMA PARA A MODERAÇÃO**

O ambiente político português seguinte à Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, causou impacto nas diferentes frentes de oposição brasileiras, as quais passaram a ser influenciadas por uma agenda política em que os temas da democracia, das liberdades individuais e dos direitos humanos assumiram centralidade. A revolução portuguesa marcava o fim da ditadura salazarista e foi anunciada no Brasil, pelo jornalista correspondente Victor da Cunha Rêgo, como um “vento democrático” que soprava de Lisboa (REGO, 1974, 1). O *Jornal do Brasil* trouxe como sua principal chamada: “Junta controla Portugal e anuncia Constituinte”. Na página seguinte, a informação de que os militares portugueses haviam deposto “em 12 horas um regime de 42 anos” (MILITARES..., *Jornal do Brasil*, 26 abr. 1974, p. 2). Depois de uma guerra colonial sangrenta e custosa, uma parcela importante das forças armadas portuguesas se voltou contra uma das mais longevas ditaduras do século XX. Portugal se tornava um ponto de contato para discussões e processos que envolviam não só a Península Ibérica e o todo o continente europeu, mas que também estavam interligados com a formação de Estados independentes na África, a reativação das possibilidades revolucionárias populares, o não alinhamento às grandes potências e as lutas contra as ditaduras na América Latina.

Como aponta Maria Inácia Rezola (2007, p. 17), em um mundo impactado pela crise do petróleo e dividido pela Guerra Fria, “negando todas as previsões e modelos de intervenção dos militares nos processos de transição e mudança política, os Capitães de Abril apresentaram um programa democratizador” que previa a “constituição de um governo civil e a realização de eleições livres”. Assim, um programa de redemocratização que passava por constituinte e eleições se conectava a demandas que eram verbalizadas pela oposição legalizada no Brasil, mas que o gradualismo imposto pelo regime projetava para um futuro incerto. Nesse ambiente, encontraram-se em Lisboa diferentes organizações de esquerda brasileiras. O trabalho de denúncia da ditadura brasileira no exterior e de rearticulação das esquerdas logo se desdobrou em novas frentes de debates em que a questão das liberdades democráticas e o movimento pela anistia aos refugiados ganharam proeminência (PEZZONIA, 2017, p. 223-254).



A revolução bem-sucedida ocorrida em Portugal e seu repertório político traziam pontos essenciais ao debate corrente no Brasil. Democracia e eleições se tornavam os caminhos para a derrota da ditadura em um fluxo de ideias e narrativas que logo incorporou o tema dos Direitos Humanos, discussão amplamente realizada em nível internacional, como no caso da atuação de exilados brasileiros no Tribunal Internacional Bertrand Russell entre 1974 e 1975 (FERREIRA, 2016). Redes internacionais de solidariedade eram formadas em torno de partidos e grupos organizados, com vistas a denunciar as condições dos presos políticos brasileiros, o que ganhou atenção particular na visita de Ernesto Geisel à Europa em 1976.

Os desdobramentos do abril português seriam acompanhados com atenção, e não foram poucos os que buscaram no processo em curso naquele país uma confirmação dos caminhos adotados no Brasil. Se em seus primeiros dias a revolução portuguesa prometia um caminho de ruptura e transformação acelerada num processo revolucionário, com o passar dos anos, a construção democrática em Portugal inspirou outras soluções. A partir de novembro de 1975, o esvaziamento do período mais radical da revolução significou um consenso entre socialistas, conservadores e forças armadas, com a anuência tácita ou ambígua inclusive do Partido Comunista Português (PCP) e de outras organizações de esquerda, resultando na marginalização de forças políticas da extrema-esquerda revolucionária (REZOLA, 2007, p. 259-270). Em particular, as ações do Partido Socialista, sob a liderança de Mário Soares, neutralizaram as movimentações de diferentes agrupamentos comunistas e revolucionários. Isso abriu um período de franca animosidade entre as correntes que haviam celebrado juntas o 25 de abril. Soares contou com o respaldo da Internacional Socialista e, em especial, de Brandt. Os social-democratas alemães, poucos anos antes, haviam sido um importante patrocinador da reorganização partidária dos socialistas portugueses então no exílio, o que seria fundamental para o controle da situação política após 25 de abril de 1974 (REIS, 2005, p. 51-66). A partir daí, o quadro político daquele país passou a ser observado com interesse entre setores conciliatórios da oposição brasileira. Em 1976, um influente cientista político nos meios mais moderados da oposição, Bolívar Lamounier (1976, p. 48-51), identificava que as negociações parlamentares no Brasil conduzidas pela junção de políticos antigos com os mais jovens, formados durante o período autoritário, tornavam as discussões que percorriam a cena pública naquele momento marcadas predominantemente pelos seguintes temas: eleições, gestão econômica, constitucionalização do país, necessidade de ordem, direitos humanos, uma “vaga neoliberal no mundo” e uma promissora “moderação da revolução portuguesa”.

Diferentes líderes políticos brasileiros, atuando na oposição consentida ou na condição de exilados, encontraram no país ibérico um ponto de apoio para aproximações com a perspectiva social-democrata europeia. A “via portuguesa para o socialismo” terminara na defesa de uma “democracia pluralista”. A transição brasileira parecia encontrar um modelo que também, de certo modo, interessava ao regime, pois afastaria a possibilidade de que a extinção da ditadura militar resultasse de conflitos sociais e políticos que pudessem sair do controle, o que estava nos cenários vislumbrados por diferentes interlocutores. A transição, assim montada, limitou o processo de redemocratização às disputas eleitorais e aos mecanismos institucionais derivados dos acordos conduzidos entre o governo e a oposição legalizada. Os eixos do processo foram construídos em torno de três perspectivas: o retorno aos valores liberais-democráticos que estariam em disputa no momento do golpe civil-militar de 1964; a ruptura com o autoritarismo que marcara o regime, como um contraponto



aos seus relativos êxitos econômicos; e, por fim, o pacto que teria sido firmado entre governo e oposição, com a atuação de um amplo conjunto de forças sociais (ABREU; LATMAN-WELTMAN, 2006, p. 69).

Boa parte dos oponentes à ditadura brasileira passou por uma transformação fundamental quando, de uma lógica revolucionária, assumiram a democracia como “valor universal” (COUTINHO, 1979). A crítica pública ao regime se ampliou, mas não sob uma óptica insurrecional: “A democracia para a ser valorizada como um objeto em si e, com ela, a organização da sociedade e a participação no jogo eleitoral, mesmo sob limitações” (ALMEIDA; WEISS, 1998, p. 336). Foi nesse cenário que ocorreu o contato de Gasparian com Mário Soares – algo implicava mais do que uma entrevista jornalística. O primeiro-ministro português parecia ter a intenção de pôr em prática a “solidariedade interoceânica” que anunciou em Caracas, referindo-se aos democratas que combatiam as ditaduras latino-americanas na ocasião, particularmente no Chile e na Bolívia (SOCIAL..., *Folha de S. Paulo*, 26 maio 1976, p. 8).

Meses depois do encontro em Lisboa, no início de 1977, mais um relatório do Ciex a respeito do contato entre Gasparian e Soares foi elaborado. Dessa vez, com mais detalhes. O diretor do *Opinião* teria chefiado “um grupo de brasileiros” com o objetivo de discutir ações para a formação de um Partido Socialista Brasileiro, o que seria resultado do “entendimento havido durante a reunião de partidos socialistas em Caracas”. O Partido Socialista Português “supervisionaria” um processo de apoio que seria “financiado pelos PSs (sic) europeus”. Gasparian seria, conforme o relatório, um dos líderes da nova agremiação. Para tanto, “teve vários encontros com o primeiro-ministro Mário Soares”, sendo que este “fez questão de levá-lo ao aeroporto quando de sua partida de regresso ao Brasil”. Os contatos teriam “sido feitos discretamente”, sob “precauções para evitar repercussões na imprensa”. Segundo o autor do documento, “os meios ligados ao primeiro-ministro” temiam que o encontro tivesse “reflexos desfavoráveis nas relações luso-brasileiras caso chegasse ao conhecimento do governo brasileiro”. Gasparian teria também mantido conversas com “elementos ligados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB)”, sendo mencionados ainda os nomes de Márcio Moreira Alves e Carlos Figueiredo Sá (Ciex, 21 jan. 1977).

É sintomático que a entrevista de Soares a Gasparian, apesar de anunciada, jamais tenha sido publicada, ao menos em *Opinião*. Por outro lado, cabe ter cautela com o conteúdo de relatórios da repressão política, considerando suas imprecisões, exageros e tendência a criar meios para incriminar opositores. Há um relato divertido publicado na internet pelo editor Ivan Pinheiro Machado, em 2011. Ele descreve que viajou a Frankfurt e Lisboa em companhia de Gasparian, em 1976, e que este o advertiu quando estavam na capital portuguesa: “Vamos a um jantar meio formal, seria bom que você colocasse uma gravata”, pois “o Mário (Soares) nos convidou”. O encontro teria transcorrido normalmente não fosse pelo atraso do anfitrião, que estava “a ver a novela brasileira”. O primeiro-ministro “não perdia por nada nenhum capítulo de *Gabriela, Cravo e Canela*” (MACHADO, 2011).

Essa descrição relativiza o tom misterioso atribuído ao evento pelos agentes da repressão brasileira. Mas é possível compreender que as conexões dos processos de transição política dos dois lados do Atlântico envolviam mais do que novelas brasileiras. Como aponta Sanjay Subrahmanyam (1997), conexões supralocais ao longo da história não envolveram apenas fluxos econômicos e militares, mas também ideias e construções mentais na porosidade das fronteiras políticas, embora traduzidas para contextos locais. Esse fenômeno supera as divisões entre o que seriam estruturas

unitárias e igualmente comparáveis, situando tais fluxos em relações de conectividade. Assim, pode-se apontar que vislumbrar as escalas internacionais das negociações que envolviam as formulações em torno de processos de democratização naquele contexto alterou as perspectivas de setores políticos brasileiros não mais limitados a disputas de ideias na esfera nacional. Mais precisamente, conversações sobre alternativas semelhantes para processos políticos diversos em diferentes continentes possibilitam compreender a Internacional Socialista na segunda metade da década de 1970 como elemento de circulação e permeabilidade, ainda que de elites políticas bem delineadas em seus contextos nacionais.

Uma das grandes preocupações da ditadura militar brasileira em âmbito internacional era o que ficou conhecido como Frente Brasileira de Informações, nome de um conjunto de publicações coordenado, em seu exílio na Argélia, por Miguel Arraes, ex-governador de Pernambuco que atuou entre o fim da década de 1960 até 1974 (CRUZ, 2016, p. 140). Os brasileiros chegados a Portugal após o 25 de abril – não apenas por isso, mas também em função do idioma em comum – puderam ampliar iniciativas como essa. A facilidade de acessar a imprensa portuguesa e o contexto português favoreceram que o Brasil e sua ditadura passassem a ser abordados com certa frequência mesmo na grande imprensa portuguesa, sem contar os periódicos de organizações políticas.

Embora os brasileiros exilados em Portugal não tivessem encontrado um ambiente plenamente receptivo por parte de um governo envolvido com a geopolítica africana (FREIRE, 2010), o Brasil não deixou de aparecer como alvo frequente de debates que diziam respeito aos processos de democratização que ocorriam em âmbito internacional. Isso se intensificou a partir de 1976, quando a esquerda portuguesa, afastada do controle dos principais veículos de imprensa nacionalizados dois anos antes, passou a fazer circular novos títulos, sendo um dos mais importantes o jornal *O Diário*, vinculado ao PCP. Era dirigido por Miguel Urbano Rodrigues, que mantinha conexões sólidas com o Brasil, onde militou na resistência à ditadura e atuou como jornalista de *O Estado de S. Paulo* e do *Portugal Democrático*. Outro título importante foi *Página Um*, de uma organização de extrema-esquerda e no qual atuaram brasileiros como Alfredo Sirkis. Além disso, houve a presença de brasileiros em outros órgãos da imprensa privada, como no semanário *Expresso*, em que atuou Hermano Alves.

Entre a grande festa de abril de 1974 e o período de pragmatismo após 1975, as posições mais combativas no espectro das oposições brasileiras vistas de Portugal passaram a conviver com aquelas que buscavam a moderação. Em *O Diário*, Miguel Urbano Rodrigues abria a discussão crítica aos contatos entre brasileiros e a Internacional Socialista sob a perspectiva dos comunistas (DO RIBATEJO..., *O Diário*, 18 maio 1976, p. 3), em particular o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Dias antes da conferência de Caracas, foi realizada em Lisboa a Jornada de Solidariedade com a Luta dos Povos da América Latina, evento que fazia parte da prática internacionalista pregada pelo movimento comunista e que se contrapunha aos encontros de cúpula dos social-democratas europeus. Os comunistas portugueses eram também particularmente hostis à ideia de eurocomunismo. Estiveram presentes no evento realizado no dia 15 de maio daquele ano Luiz Carlos Prestes, ainda à frente do PCB, juntamente com Rodney Arismendi e Samuel Riquelme, além de dirigentes comunistas do Uruguai e do Chile. Na ocasião, os Partidos Comunistas brasileiro e português divulgaram nota conjunta em que demandavam a “reconstitucionalização

do país em bases democráticas” (MAIS..., *O Diário*, 18 mai. 1976, p. 5). Contudo, em entrevista ao periódico, Prestes, então exilado em Moscou, previsivelmente acentuou que “nenhum movimento capitalista pode resolver os graves problemas do nosso povo”, propugnando uma “revolução nacional e democrática”. Na mesma edição, em editorial, Miguel Urbano Rodrigues pontuou que em Caracas estariam reunidos “partidos de larga tradição reacionária” que cultivavam a social-democracia para cumprir “docilmente as vontades do imperialismo” (A DITADURA..., *O Diário*, 18 maio 1976, p. 8-10).

Miguel Arraes, de sua parte, com presença constante na imprensa de Lisboa, dados os seus contatos com portugueses que dividiram consigo o exílio em Argel, como o jornalista Fernando Piteira Santos, entre outros, manifestou sua discordância com a atuação da Internacional Socialista na América Latina. Em entrevista publicada no diário lisboeta *A Capital*, afirmou: “A social-democracia europeia não pode ser transplantada para o Brasil”. Indicava ainda que a criação de um partido que se chamasse socialista poderia servir para o regime “sair das dificuldades políticas em que se encontra” na composição de uma “máscara de democracia”. Desconfiava das “boas intenções” do então recentemente eleito Jimmy Carter, presidente dos Estados Unidos, e considerava que não poderiam ser transplantados para o Brasil “partidos ou formulações ideológicas”, como haviam feito as elites latino-americanas no século XIX (MIGUEL..., *A Capital*, 11 jan. 1977, p. 12). Mais importantes seriam a luta pela independência nacional e a sugestão de que os interesses do chamado Terceiro Mundo diferiam daqueles dos países centrais. Percebe-se que, olhado das margens por um exilado que permaneceu em um país africano, as conexões internacionais do processo de redemocratização brasileiro ganhavam outra configuração, propugnando outro tipo de internacionalismo, situado com base em contatos com as correntes de libertação nacional africanas. Arraes vislumbrava relações que não circulavam nas cúpulas europeias e defendia a “união de forças políticas para acabar com o regime repressivo que promovia um desenvolvimento econômico desigual” (CRUZ, 2016, p. 216).

Ao menos em 1976, portanto, as conexões internacionais que envolviam as oposições à ditadura brasileira se entrecruzavam e se moviam entre disputas mais ou menos abertas. Essas discussões ganharam corpo quando Mário Soares decidiu organizar uma visita oficial ao Brasil em dezembro, tomada por setores das esquerdas dos dois países como inoportuna e voltada a dar legitimidade à ditadura brasileira. No Brasil, a maior parte da imprensa considerou a presença de Soares um êxito diplomático. Cabe destacar um artigo publicado em *Opinião* no qual transparecem os elementos que compõem uma trama para além da diplomacia e que se situa no âmbito dos fluxos e dos contatos intermediados pela Internacional Socialista. A aproximação com o Brasil seria mais um dos movimentos para restabelecer os vínculos com os Estados Unidos, que seu país havia perdido após a revolução, demonstrando um “descompromissamento (sic) ideológico do governo socialista”, além da parceria econômica necessária após as independências das ex-colônias. Em troca, Soares poderia oferecer à ditadura brasileira “a boa vontade da Internacional Socialista”, a qual exerceria influência sobre diversos governos europeus. Assim, o internacionalismo social-democrata redundaria em 50 milhões de dólares em créditos de exportações negociados entre ambas as partes. No congresso da Internacional Socialista realizado em Genebra poucas semanas antes da viagem ao Brasil, Mário Soares conseguiu que o país “não sofresse condenações por questões de sua política interna” (DUARTE, 1976, p. 7). No referido congresso, o parágrafo sobre o Brasil

apenas instigou a ditadura a avançar no restabelecimento dos Direitos Humanos, da institucionalidade e da democracia, preferindo criticar o papel que os Estados Unidos exerceriam ao equipar as forças armadas brasileiras para favorecer o domínio sobre o continente (13º CONGRESO..., *Nueva Sociedad*, jan.-fev. 1977, p. 124).

A visita de Mário Soares ocorreu dias depois da morte de João Goulart, o Jango, em 6 de dezembro de 1976. O ex-presidente deposto pelo golpe de 1964 resistia, em seus últimos anos de vida, segundo Jorge Ferreira (2011, p. 643-645), ao assédio de colaboradores que desejavam aproximá-lo da Internacional Socialista. Temia que o nacionalismo do antigo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) fosse tomado por ideias “estrangeiristas”. Contudo, por ocasião da repercussão de seu falecimento, o semanário *Expresso*, de Lisboa, revelara que o ex-presidente havia estado em Lisboa no mês de setembro de 1976, incógnito. Goulart estivera “no Hotel Sheraton, onde se hospedou com o nome de João Marques”, após ingressar no país de automóvel. O fato passara “despercebido à imprensa portuguesa” e não fora noticiado, segundo o relato do jornalista Augusto de Carvalho, “porque foi João Goulart a contactar-nos, por intermédios de amigos comuns, e a exigir-nos que nada escrevêssemos”. Para Carvalho, embora negasse que sua visita tivesse “qualquer significado político”, a movimentação de Jango esteve “na órbita da Internacional Socialista, com Mário Soares a servir de padrinho junto dos alemães”. Mas a morte “veio a interromper as suas esperanças políticas” (CARVALHO, 1976, p. 12).

A morte de Goulart e a visita de Mário Soares encerraram um ano de intensos debates e conexões internacionais. Se o resultado efetivo desse internacionalismo de cúpulas ocorrido ao longo daquele ano é discutível, não deixa de ser relevante tomá-lo como um dos elementos que constituíram novas agendas políticas, as quais passaram a considerar a circulação de projetos políticos e sociais. Um repertório político internacional entrou em circulação, considerando a comparação da experiência histórica brasileira com o que se passava em outros países – nesse caso em especial, Portugal pós-1974. Por outro lado, houve uma interação entre interesses e fatores locais e supranacionais ou transnacionais pela mediação de agentes localizados em entidades e grupos que se permitiam a capacidade de praticar políticas internacionais para além dos Estados. Sem negligenciar as correlações de força que distinguem e tensionam as sociedades capitalistas, é possível enfatizar nessa conectividade, por contraste com o que seria um quadro abrangente de relações, as singularidades e os fenômenos conjunturais e isolados que, no conjunto, compuseram dinâmicas internas de mudanças sociais e políticas que se processavam na América Latina. Seguindo a sugestão de Sebastian Conrad (2012), menos importantes do que as “origens”, acentuam-se as condições de emergência que possibilitaram tais interações.

Tais transações de cúpulas interoceânicas podem ainda apontar para a possibilidade de construir uma história atlântica (GAMES, 2006) que leve em conta os processos políticos recentes, considerando as relações nesse âmbito entre países ibéricos e a América Latina, em particular o Brasil. Isso pressupõe construir meios para entender tais sociedades em processos de continuidade em suas interações supranacionais e em suas singularidades regionais, experimentando modos de examinar e evidenciar conexões possíveis entre paralelas transformações culturais e políticas com base em diferentes escalas de observação.



## REFERÊNCIAS

13º. CONGRESO de la Internacional Socialista. Ginebra 26-28 de Noviembre de 1976. *Nueva Sociedad*, Caracas, n. 28, p. 123-140, jan.-fev. 1977.

A DITADURA brasileira é uma ameaça à paz e à segurança dos povos da América Latina. *O Diário*, Lisboa, p. 8-10, 18 maio 1976.

A INTERNACIONAL. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 7, p. 16, 18-25 dez. 1972.

A SOCIAL-DEMOCRACIA em Caracas. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 187, p. 22, 04 jun. 1976.

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando. Uma instituição ausente nos estudos de transição: a mídia brasileira. In: ABREU, A. A. (org.). *A democratização no Brasil: atores e contextos*. Rio de Janeiro: FGV, 2006. p. 67-93.

ALMEIDA, Maria Hermínia T. de; WEISS, Luiz. Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar. In: SCHWARCZ, L. M. (org.). *História da vida privada no Brasil 4: contrastes da intimidade contemporânea*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 319-410.

ASSASSÍNIO de exilados na Argentina preocupa a ONU. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 12, 25 maio 1976.

BRANDT chega a Caracas. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 12, 23 maio 1976.

BRANDT em Caracas pede solidariedade. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 8, 24 maio 1976.

BRANDT, Willy. Después de Caracas. *Nueva Sociedad*, Caracas, n. 31 e 32, p. 13-18, jul.-out. 1977.

CANDIDO, Jeferson João. *Para além da frente ampla: Fernando Gasparian e a educação das elites*. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 2018.

CARLOS, Newton. Sociais-democratas na América Latina. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 2, 22 maio 1976.

CARRIJO, Maicon Vinícius da Silva. *Cientistas sociais e historiadores no mercado editorial do Brasil: a Coleção Estudos Brasileiros da Editora Paz e Terra (1974-1987)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2013.

CARVALHO, Augusto de. João Goulart esteve em Lisboa com o Expresso. *Expresso*, Lisboa, p. 12, 10 dez. 1976.



CIEX. *Brasil. Política. Fundação do 'Partido Socialista'. Fernando Gasparian. Portugal. Asilados brasileiros*. Informe No. 032/1977, f. 1 (Arquivo nacional, Rio de Janeiro e Brasília, BR DFANBSB IE – Fundo Centro de Informações do Exterior) 21 jan. 1977.

CIEX. *Brasil. Situação política. Contatos em Portugal*. Informe No. 361/1976, f. 1-2 (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro e Brasília, BR DFANBSB IE – Fundo Centro de Informações do Exterior) 14 out. 1976.

CONRAD, Sebastian. Enlightenment in global history: a historiographical critique. *The American Historical Review*, Chicago, v. 117, n. 4, p. 999-1027, 2012.

CONRAD, Sebastian. *What is global history*. Princeton: Princeton University Press, 2016.

COUTINHO, Carlos Nelson. A democracia como valor universal. *Encontros com a Civilização Brasileira*, Rio de Janeiro, n. 9, p. 33-47, 1979.

CRUZ, Fábio Lucas da. *Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

DO RIBATEJO a Caracas. *O Diário*, Lisboa, p. 3, 18 maio 1976.

DUARTE, Élcio. A viagem de Mário Soares. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 216, p. 7, 24 dez. 1976.

ENTREVISTA com Soares. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 205, p. 2, 8 out. 1976.

ENTREVISTA con Felipe González: socialismo – democracia en España. *Nueva Sociedad*, Caracas, n. 24, p. 3-10, mai. e jun., 1976.

FERREIRA, Jorge. *João Goulart: uma biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FERREIRA, Jorge. O nome e a coisa: o populismo na política brasileira. In: FERREIRA, J. (org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 59-124.

FERREIRA, Lúcia de Fátima Guerra. O Tribunal Russell II e a voz da resistência à ditadura militar no Brasil. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*, Bauru, v. 4, n. 2, p. 93-110, 2016.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Opinião. In: ABREU, Alzira Alves de *et al* (coord.). *Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro: pós-1930*. Rio de Janeiro: Cpdoc, 2010.

FILHO, P. P. O Itamaraty nos anos de chumbo: o Centro de Informações do Exterior (CIEX) e a repressão no Cone Sul (1966-1979). *Revista Brasileira de Política Internacional*, Brasília, v. 52, n. 2, p. 43-62, 2009.

FREIRE, Américo. Ecos da estação Lisboa: o exílio das esquerdas brasileiras em Portugal. *Sociologia, problemas e práticas*, Lisboa, n. 64, p. 37-57, 2010.

GAMES, Alison. Atlantic history: definitions, challenges, and opportunities. *The American Historical Review*, Chicago, v. 111, n. 3, p. 741-747, 2006.

GOHN, Maria da Glória Marc. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. São Paulo: Loyola, 1997.

INSULZA, José Miguel. Eurocomunismo y socialismo europeo en la situación chilena. *Foro Internacional*, Cidade do México, v. 21, n. 3, p. 289-303, 1981.

LAMOUNIER, Bolivar. A retórica dos profissionais. *Isto É*, São Paulo, p. 48-51, nov. 1976.

LÖWY, Michael. Trayectoria de la Internacional Socialista en América Latina. *Cuadernos Políticos*, Cidade do México, n. 29, p. 36-45, 1981.

MACHADO, Ivan Pinheiro. O primeiro-ministro que amava as novelas. *Blog da L&PM Editores*. Disponível em: <http://www.lpm-blog.com.br/?p=12902/>. Acesso em: 7 jun. 2018.

MAIS de 500 presos políticos assassinados no Brasil. *O Diário*, Lisboa, p. 5, 18 maio 1976.

MARCOS Freire confiando. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 94, p. 5, 26 ago. 1974.

MARCOS Freire e a Constituinte. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 231, p. 2, 8 abr. 1977.

MARCOS Freire, exclusivo. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 165, p. 3, 2 jan. 1976.

MESCHKAT, K. La socialdemocracia alemana y la ofensiva de la Internacional Socialista en América Latina. *Problemas del Desarrollo: Revista Latinoamericana de Economía*, Cidade do México, v. 12, n. 46, p. 169-182, 1981.

MIGUEL Arraes fala a 'A Capital'. *A Capital*, Lisboa, p. 12, 11 jan. 1977.

MILITARES acabam com salazarismo e prometem eleição. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, p. 2, 26 abr. 1974.

NADER, A. B. *Autênticos do MDB: semeadores da democracia*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

PAINEL. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 3, 25 maio 1976.

PEDROSA, Fernando. Redes transnacionais y partidos políticos. La Internacional Socialista en América Latina (1951-1991). *Iberoamericana, América Latina – España – Portugal*, Berlim, v. 13, n. 49. p. 25-46, 2013.



PETRAS, James; MORLEY, Morris. *U.S. Hegemony Under Siege: class politics and development in Latin America*. Londres/Nova York: Verso, 1990.

PEZZONIA, Rodrigo. *Exílio em português: política e vivências dos brasileiros em Portugal (1974-1982)*. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

REGO, Victor da Cunha. Vento democrático sopra em Lisboa. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 1, 27 abr. 1974.

REIS, António. O Partido Socialista na revolução: da via portuguesa para o socialismo em liberdade à defesa da democracia pluralista. In: CANAS, Vitalino (org.). *O Partido Socialista e a democracia*. Oeiras: Celta Editora, 2005. p. 51-93.

REUNIÃO em Caracas. *Opinião*, Rio de Janeiro, n. 186, p. 18, 28 maio 1976.

REUNIÓN de dirigentes políticos de Europa y América en pro de la solidaridad democrática internacional. *Nueva Sociedad*, Caracas, n. 24, p. 67-69, maio-jun., 1976.

REZOLA, Maria Inácia. *25 de Abril: Mitos de uma Revolução*. Lisboa: Esfera dos Livros, 2007.

ROJAS, Gonzalo Adrián. *Os socialistas na Argentina: um século de ação política*. Tese (Doutorado em Ciência Política) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. Repressão além das fronteiras: o Ciex e a espionagem brasileira em Portugal (1974-1979). *Diálogos*, Maringá, v. 24, n. 2, p. 342-357, 2020.

SOCIAL democracia divulga manifesto. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, p. 8, 26 mai. 1976.

SUBRAHMANYAM, Sanjay Connected histories: notes towards a reconfiguration of Early Modern Eurasia. *Modern Asian Studies*, Cambridge, v. 31, n. 3, p. 735-762, 1997.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Desembargador Urbano Salles, 111/604B, 88015-430, Florianópolis, SC, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Projeto de pesquisa em andamento – Transição democrática e conexões internacionais: o Brasil na imprensa portuguesa (1974-1985), apresentando ao Departamento de História da UDESC em 2019.



### **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Silvia Maria Fávero Arend pela leitura de versões anteriores.

### **FINANCIAMENTO**

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na forma bolsa de produtividade em pesquisa, processo 313695/2018-0.

### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não houve conflito de interesses.

### **LICENÇA DE USO**

© Reinaldo Lindolfo Lohn. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### **EDITORES**

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

### **HISTÓRICO**

Recebido em: 13 de novembro de 2020

Aprovado em: 6 de março de 2021

Como citar: LOHN, Reinaldo Lindolfo. Internacionalismo e redemocratização brasileira: as transações de cúpula da internacional socialista e as conexões entre Brasil e Portugal em 1976. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 386-406, maio/ago. 2021.



## THINKING BLACK IN THE BLITZ: HAROLD MOODY, THE LEAGUE OF COLOURED PEOPLES AND ITS SHIFT OF PAN-AFRICAN IDEAS IN SECOND WORLD WAR LONDON

Simeon Marty<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0003-3959-0231>

Email: [simeon.marty@hu-berlin.de](mailto:simeon.marty@hu-berlin.de)

<sup>a</sup> Humboldt-Universität zu Berlin, Institut für Geschichtswissenschaften, Philosophische Fakultät, Berlin, Germany

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## **ABSTRACT**

London, as the capital of the British Empire, was the centre for imperial structures and networks in the middle of the 20<sup>th</sup> century. The city enabled and regulated the transport of people, ideas and wealth. Similarly, it offered space for the development of ideas and became a venue for the critique of colonialism. This article examines how the London-based Black pressure group League of Coloured Peoples shifted its political vision from moderate reforms for equal rights for all inhabitants of the British Empire towards Pan-African forms of independence beyond the concept of independent nation states for British Colonies in Africa and the West Indies during the Second World War and its immediate aftermath.

## **KEYWORDS**

London. Pan-Africanism. League of Coloured Peoples.

London, the capital of the British Empire, was the centre for imperial structures and networks in the middle of the 20<sup>th</sup> century. The city enabled and regulated the transport of people, ideas and wealth, while offering space for the development of political ideas and, as the US-American historian Marc Matera noted, “the resources for the creation of a rich array of subaltern networks of the colonised” (MATERA, 2015, p. 2). Throughout the 1930s and the time of the Second World War, London became a “junction box” (DUFFIELD, 1981, p. 35) for Black colonial activists, remaining a venue for critique of colonialism. In this hub of Black Internationalism, ideas were discussed during the Second World War as to what a post-war world without an Empire might look like. The League of Coloured Peoples (LCP), which was one of the most influential groups of the lively scene of Black pressure groups residing in London at the time had advocated in the interwar period for a liberal, reformed Empire without racial discrimination and with expanded civil rights, became formulated increasingly sharp criticism of colonial oppression and racism.

This article examines the shift of political ideas of the LCP during the Second World War. It looks at how the group’s political stance shifted towards anti-colonialism and Pan-Africanism that argued for a fundamental restructuring of global power relations, functioning beyond the demarcation lines of conservatism and Marxism, but was its own manifestation of Black Internationalism.

This study commences with an overview of the historiography and continues to explain the methodological approach. This is followed by a short introduction of the LCP. It investigates how the LCP navigated its political work through wartime conditions. This paper concludes with the part the LCP played in the preparations for the 5<sup>th</sup> Pan-African Congress held in Manchester in 1945 and the formation of the vision of Black internationalism. It will point out the shift of its political vision from moderate reforms for equal rights for all inhabitants of the British Empire towards Pan-African forms of independence beyond the concept of independent nation states for British Colonies in Africa and the West Indies during the Second World War and its immediate aftermath.

This work is intended as a contribution to what is commonly described as “New Imperial History”. Around the turn of the millennium, historians, anthropologists, and cultural studies scholars such as Catherine Hall, Bill Schwarz and Wendy Webster have contributed to decisively question the dichotomy between “metropolis” and “colony” (HALL, 2006; SCHWARZ, 2003; WEBSTER, 1998; COOPER, 2005). They conclude that Britain’s history cannot be separated from that of its overseas possessions but was strongly influenced by colonialism and interactions between overseas territories and metropolises should receive greater attention (COOPER, 2005, p. 43). The New Imperial History has also expanded the historiography of the British Empire, which had hitherto been dominated by politics and economics, to include categories such as culture, race, gender, and sexuality (HOWE, 2010).

Furthermore, this paper connects with the relatively recent academic debate on a Global Urban History, which focuses on the reciprocity of global developments and local, space-related practices. In his study of Paris in the interwar period, Michael Goebel examines the administrative centre of the French Empire as a “locus of resistance to the Empire, serving as a meeting point of intellectuals, artists, revolutionaries, and movements for colonial freedom” (GOEBEL, 2015, p. 2). Marc Matera has applied the anti-imperialist metropolis approach to interwar London, noting that it brought together “people from diverse colonial settings”, who “exchanged ideas and devised plans for a transformed global order” (MATERA, 2015, p. 3). He chronicles how social relations



and London as a city have shaped forms of Black Internationalism. This “Black London” has inevitably also shaped the LCP that has operated within it. Matera’s study focuses on social relations and culture in the inter-war and the immediate post-war period. This paper seeks to add that it is particularly worthwhile to examine the war years in relation to the LCP, as the grouping transformed its political stance during the war years and experienced a brief springtime of Pan-Africanism. Furthermore, Matera argues that most of the visions of a world without colonialism developed in London in the 1930s were not pleas for independent nation states, but rather various forms of a — sometimes heavily — revised system of colonial Empires or federal forms of independence (MATERA, 2015, p. 2-3).

The political theorist Adom Getachew in her already influential 2019 study calls this “worldmaking”: Notable anti-colonialists, among whom she counts George Padmore and Kwame Nkrumah in particular in the 1940s, would not only have fought for a right to self-determination and the establishment of new nation-states, but would have envisaged new forms of independence (GETACHEW, 2019, p. 2). According to Getachew, they were aware that the world they lived in was shaped by hierarchies anchored in colonialism and racism, whose structures went so deep, even formal independence would be a precarious achievement if the deeper laying economic, racial, and political hierarchies established through the global imperial system would not be broken, as newly independent territories would risk to simply reproduce the global power structures that were established during colonialism. Therefore, anticolonial thinkers aimed to establish new power structures and establish a counterweight to the global imperial powers. The politics of self-determination, she argues, sought much more than national sovereignty, they pursued a universal project of creating a new international system through decolonisation (GETACHEW, 2019, p. 2-8, 72-73). This fits the shift of political ideas of the LCP, which adopted its own form of Pan-Africanism during the years of the Second World War.

Additionally, this paper is informed by aspects of the New History of Ideas, which calls for the investigation of ideas as not entities detached from social contexts, but rather emphasises the complex conditions between the world of ideas and the social world (BEVIR, 2002; BÖDEKER, 2002). Ideas influence the actions of historical actors, whose actions in turn reflect the underlying ideas and systems of thought, which have an impact on ideas (LUTZ, 2006). Ideas and concepts of order must therefore be consistently embedded in the specific contexts, the life-worlds, and experiences of the actors, in which they are expressed (ROSA, 1994; BURROW, 2006). Applied to the LCP in the Second World War, this means that the transformation of the group’s political ideas was linked to its many interactions with the social fabric of “Black London”.

Until the end of the last century, the history of Black people in Britain was largely neglected in British historiography, works such as Peter Fryer’s *Staying Power* represented an exception (FRYER, 1984). In recent years there has been a surge in historiography on how race, the British Empire and resistance to it have helped to shape the understanding of Britain, and indeed London as a city, of which Matera was maybe the most prominent one (e.g. HOWE, 1993; ADI, 1998; DERRICK, 2008; JAMES, 2015; MALOBA, 2018; SHERWOOD, 2019; KILLINGRAY, 2003; RUSH, 2002; POLSGROVE, 2009; WHITALL, 2012; UMOREN, 2018; GOPAL, 2019). The most important recent essays on the LCP come from historians, such as David Killingray and Anne Spry Rush, who have built on and further developed the early literature on the LCP. Killingray illuminates the influence of Christian faith on the activities of pious

Moody and his LCP. In doing so, he examines the religious dimension of Black British history, which has received yet little attention (KILLINGARY, 2003). Rush, on the other hand, analyses the LCP's efforts to claim a Black British identity (RUSH, 2002). Both build on a handful of earlier studies, such as the largely uncritical illumination of the grouping by Moody's personal pastor and close friend David Vaughan (VAUGHAN, 1950). Other works written in the first two decades after Moody's death pay particular attention to the aspect of racial understanding in Britain. The anthropological studies of Kenneth Little and the academic and activist St Clair Drake, who investigate race relations in Britain analyse Harold Moody's effort in that department and deliver an early academic account of the group (LITTLE, 1948; DRAKE, 1954). Similarly, the introduction by Roderick J. Macdonald, who published a collected volume of the LCP's journal *The Keys* in the USA in 1976, after publishing a retrospective on Moody 25 years after the latter's death, elaborates on Moody's commitment to the Black population of Britain and the relationship between the LCP and wider Pan-Africanist groups in London in the 1930s and 1940s (MACDONALD, 1973, 1976). Immanuel Geiss in his classic overview of Pan-Africanism devoted attention to Moody as well, painting him as a conservative counterpart of the London-based Trinidadian Marxist George Padmore (GEISS, 1968). This might partly be based on his source material. Geiss had access to the personal papers of Lapido Solanke, the founder of the West African Students' Union (WASU), which were still in London at the time of Geiss' research, while today they are at the University of Lagos and unfortunately only seldom considered (GEISS, 1968, p. 457; ONUZO, 2018, p. 278). However, Geiss could not examine the records of the British government records, especially the Colonial Office and its lively correspondence with Moody, as they were not yet released in 1963, which paint him as less close to the British government as earlier works stated. Takehiko Ochiai, in an essay first published in Japanese in 1994 and translated into English in 2019, drawing on these early works on Moody, compares the LCP and the WASU, concluding that the LCP would have been mostly devoted to improving race relations, and left anticolonial politics to other Black groups in London such as the WASU (OCHIAI, 2019, p. 23-24). The key data on Moody and the LCP are also reproduced in the biographical notes by Marika Sherwood and Hakim Adi in their collection of biographical essays of Pan-African personalities (ADI; SHERWOOD, 2003). This article argues that the League of Coloured Peoples started to develop its own form of Pan-Africanism in the late 1930s and the 1940s, that was more multi-faceted than could be captured in the classic palette of political positioning from radical-left, liberal-reformist to conservative, and is therefore worth reconsidering.

The term "thinking Black" is used in relation to the British historian Rob Waters' monograph with the same title, in which he argues that in Britain between the 1960s and 1980s, in face of persistent discrimination, racial minorities campaigned to extend the concept of Britishness within the categories of race and gender. He describes the history of activists, who tried to turn the growing self-confidence of Black minorities in Britain into a functional and powerful political movement. Waters cites the fight against racism, which they saw as a top-down structuring force in British society and politics, as the activists' main objective. For British society to transform itself, it must begin with "thinking Black", they argued, recognising how oppression based on skin colour has historically grown out of colonialism and continues to structure social and political life (WATERS, 2019, p. 3). This article takes up Waters' concept and extends its temporal applicability. It is argued here that Waters' concept can also be applied to the period before the Windrush moment in 1948 and the Second World War, to point out that



from the interwar period onwards, there existed a politically powerful scene of Black pressure groups in Britain that saw racial discrimination as a consequence of British colonialism and therefore organized and campaigned for structural change.

The LCP, as well as other 1940s London Black social progress groups are described here as Pan-African organisations. Most definitions of “Pan-Africanism” begin by noting how difficult it is to describe the term precisely, as it has had varying meanings at historically and geographically different times. This paper applies the British historian Hakim Adi’s definition from his recent review of the history of Pan-Africanism, in which he states:

Pan-Africanism is concerned with the social, economic, cultural and political emancipation of African peoples, including those of the African diaspora. What underlies the manifold visions and approaches of Pan-Africanism and Pan-Africanists is a belief in the unity, common history and common purpose of the peoples of Africa and the African diaspora and the notion that their destinies are interconnected (ADI, 2018, p. 2).

The examined period is focuses on the years 1939-1947. The outbreak of the Second World War changed the conditions of political work for London-based people, who were engaged in the abolition or reform of the Empire, through repression and scarcity of resources. In the colonies the war acted as a catalyst for independence movements. This was reflected in London, where discussions were held in the diplomatic quarters and corridors of Whitehall about the future of colonialism, although Black people were not given a seat at the official negotiation tables. Consequently, they formulated their own ideas for a post-war world without Empire in the informal rooms of “Black London” (MATERA, 2015, p. 6). In the immediate post-war period, discussions flared up again in Britain about Pan-African ideas and their implementation, which had been negotiated off the record during the war at the 5<sup>th</sup> Pan-African Congress. From 1946 onwards, the site of political anticolonial struggles shifted from the metropolis to Africa itself as a venue. As part of this reorientation, Jomo Kenyatta, future president of Kenya, left Britain for East Africa in 1946, and Kwame Nkrumah, future leader of Ghana, for West Africa in 1947, with other activists moving from London to various cities in Britain. For the LCP, the death of its founder and engine, Harold Moody, after he fell ill on a fundraising-tour to the Caribbean in 1947 led to a sharp decline in activities and eventual loss of its political influence (KILLINGRAY, 2003, p. 67). Although there is a post-1947 version of the LCP’s history, the changes of that year lend themselves as an end to the time frame of this study.

## **BLACK LONDON AND THE LEAGUE OF COLOURED PEOPLES: FROM “INTERRACIAL HARMONY” TO COLONIAL CRITIQUE**

Harold Moody founded the LCP in 1931. Born in 1882 in Jamaica, he moved to London and earned his doctorate in medicine from King’s College London in 1912, at the top of his class. When he was denied working as a doctor in public hospitals in Britain because he was Black, he opened his own private practice in Peckham, South



London (RUSH, 2002, p. 365; VAUGHAN, 1950, p. 30-31). The middle-class physician was opposed to the colour bar, as well as other oppressive forms of discrimination against Black people in Britain. After some involvement in the anti-racist organisation the Friends House Service Council, he decided to establish his own organisation (RUSH, 2002, p. 365; VAUGHAN, 1950, p. 54-55; MACDONALD, 1973, p. 292).

By the end of the 1930s, the membership of the LCP had grown to around 500 members, which thereafter remained constant until Moody's death (MOODY, July 1933). The membership of the LCP consisted mainly of Black students and intellectuals from British Overseas Territories, and white Britons from Christian groups and missionary societies (KILLINGRAY, 2003, p. 62; ADI; SHERWOOD, 2003, p. 134). By statute, all LCP board members were people of colour, mostly from the West Indies, and occasionally from Africa or Asia (KILLINGRAY, 2003, p. 62; RUSH, 2002, p. 365; GEISS, 1968, p. 267). Moody was an ardent Christian and board member of several religious organisations in London, such as the Colonial Missionary Society, to whose members he promoted the LCP as a charity organisation and which he presided from 1943 onwards. His Christian faith greatly influenced his moral and political beliefs. All people, he was convinced, were equal before God, and racial prejudice was therefore un-Christian. On most Sundays, Moody delivered a sermon in the Congregational church, and meetings of the LCP were often concluded by a spiritual message by Moody (KILLINGRAY, 2003, p. 56-57).

The LCP's aim was to "protect the social, educational, economic and political interests" of Black people, work for the "welfare of coloured peoples in all parts of the world" and promote "interracial harmony" within Britain (ADI; SHERWOOD, 2003, p. 135). This was publicised and promoted through the title of the LCP's quarterly published magazine *The Keys*. The magazines' name alludes to a piano, on which the player needs to use white and Black keys in order to create a musical harmony. The LCP claimed that Black and white people must work together for creating social harmony (RUSH, 2002, p. 366). *The Keys* was published uninterruptedly until the beginning of the Second World War, when it was replaced by the *League of Coloured Peoples News Letter* which took its place as the group's mouthpiece (KILLINGRAY, 2003, p. 53). Moody's main advocacy after the organisation was founded in 1931, stood for reforms of the British Empire aimed against racism and for achieving equality for people of all colours. Thus, he called for a new form of citizenship with equal rights for all inhabitants of British territories regardless of the colour of their skin and the creation of what Anne Spry Rush dubbed a "race-blind" Empire (RUSH, 2002, p. 373). This was in contrast to the de facto limited opportunities for Black people in Britain due to the colour bar (RUSH, 2002, p. 365). To counter this, Moody advocated better career opportunities and more senior administrative and government jobs for Black people, the creation of universities, more rights of self-government, and more opportunities for democratic participation for the colonies in Africa and the West Indies. In the editorial of the first edition of *The Keys* in 1933, Moody advocated for changing the Empire by fighting racism and creating more equal opportunities through improved "racial understanding" and increased "goodwill" in the British Empire (MOODY, July 1933).

With its moderate tone and main engagement against the colour bar, the LCP was one of the less radical organisations for Black social progress in 1930s London. It advocated moderate reforms within the British Empire, rather than a fundamental overthrow or anti-capitalist revolution. To achieve his goals, Moody systematically lobbied with the British government and political establishment. To this end, he made

use of the positions and contacts he had through his religious network (MACDONALD, 1973, p. 297; KILLINGRAY, 2003, p. 60-61). By drawing the authorities' attention to what he considered injustices against Black people, he would be able to make policy reforms for equal rights for Black people more popular with them. In Moody's eyes, such reforms for more rights and opportunities would not only increase the lives of Black people, but also increase the political stability within the British Empire (MATERA, 2015, p. 38-40). For their reformist approach in criticising the colonial system, the LCP had been criticised by other Black social progress organisations in London such as the anticolonial WASU or the Marxist International African Service Bureau (IASB) as too soft (DERRICK, 2008, p. 310; MACDONALD, 1973, p. 294).

The WASU was founded in 1925 by the Nigerian law student Lapido Solanke in protest against the racist portrayal of the "native" African population at the Empire Exhibition in London in 1924. West Africa was interpreted liberally; Kenya and South Africa were also included. According to its official statutes, the Union was a welfare organization for African students and emigrants in London. Its aim was to improve and facilitate their living situation in the city, for example by supporting newly arrived West Africans in finding accommodation (ADI, 1998, p. 33). However, the organization quickly changed into a platform to vividly discuss alternatives to the imperial world order. Solanke eventually saw the WASU as a "training ground for practical unity and effective cooperation between all West African students" (SOLANKE, 1927, p. 64 *apud* SHERWOOD, 1994, p. 166).

The Pan-African group that most stridently condemned colonialism in interwar London was the International African Service Bureau (IASB). The organization grew out of the International African Friends of Abyssinia (IAFA), a protest group against the Italian invasion of the sovereign African state of Abyssinia. The organization was founded by a group led by West Indian activists George Padmore, Amy Ashwood Garvey, C.L.R. James, Sierra Leonean trade unionist I.T.A Wallace-Johnson and Kenyan activist Jomo Kenyatta. The grouping sought to draw attention to grievances in the colonial Caribbean and Africa and sharply criticized the colonial world order (ADI, 2018, p. 117-120). At the end of the Second World War, the IASB, together with the Pan-African Federation (PAF) that grew from its ranks, was then largely responsible for organizing the 5<sup>th</sup> Pan-African Congress in Manchester, which is widely considered to be the zenith of Pan-African activity (ADI, 2018, 122-124).

When Moody agreed with the usually more aggressive anticolonialism of the WASU or the IASB, the groups occasionally collaborated from the late 1930s onwards, for instance in shared support for Black strikers in the West Indies' labour unrest or in a shared criticism of the Italian invasion of Abyssinia (GEISS, 1968, p. 269; MACDONALD, 1973, p. 299). The invasion of Abyssinia spurred Pan-African protest around the globe, which also affected the LCP. As other Pan-African groups in London sharpened their anticolonial rhetoric, the LCP was put under pressure to match this more critical tone and to not lose any students, who constituted the majority of its membership to radical groups like WASU or the IASB. This was mainly because other Black groups in London were sharpening their anticolonial language (KILLINGRAY, 2003, p. 64; ADI, 1998, p. 68).

Marxist-influenced Pan-African activists such as George Padmore, C.L.R. James and Desmond Buckle also repeatedly attempted to directly influence the political course of the LCP towards the end of the 1930s, seeking to publish anticolonial articles in *The Keys*, and brandishing fervent votes against British colonialism at LCP events that were a good deal sharper than Moody's plea for imperial reform (RUSH, 2002, p.

367; ADI, 2006, p. 36-37). But it was during the Second World War, that the LCP started working with radical Black British organisations more often and gradually adopted a more and more radical stance towards the British Empire (KILLINGRAY, 2003, p. 65).

## THE CHARTER FOR COLOURED PEOPLES AND THE LCP'S BLACK INTERNATIONALISM IN WARTIME-LONDON

With the outbreak of the Second World War, the external conditions for political activism in Britain changed due to restrictive war laws, scarcity of resources and restrictions in the circulation of persons and goods. With the “emergency power defence acts” enacted in 1939, public criticism of the government — and thus of colonialism — was criminalised as “sedition” and sanctioned with imprisonment. Mass demonstrations by Black pressure groups, such as the protests against the Italian invasion of Abyssinia organised by the International African Service Bureau and others frequent in the interwar period, were no longer possible (JAMES, 2015, p. 50). The visibility of political actors from the African diaspora in London’s public sphere thus decreased dramatically. However, interwar activists and the groups with which they pursued their political goals did not cease to exist. Pan-African activists were well aware that the African Diaspora and African men in the British colonies were being called upon to fight against fascism and for the democratic freedom of Western Europe, now that Britain was urgently in need of economic support from its colonies for its war effort, while the colonial world would continue to face British oppression (ADI, 2018, p. 122). In fact, Moody capitalised on this position, using the vital support of the colonies for the war effort, the government’s language for the need to fight fascist injustices and racism, and the fear of Communist influence in the colonies as bargaining chips against the British government in his fight against the colour bar (MACDONALD, 1973, p. 304; DRAKE, 1954, p. 80).

Moody was critical of the war out of Christian pacifism, but when his son and daughter registered for the armed forces; he voiced support for the recruitment of people from the British colonies into the British Army as a step towards equality. However, he quickly found an array of criticism of the colour bar in the war, starting with the criticism of commission for Black officers in the armed forces (MOODY, 15. Mar. 1940). The influx of Black wartime workers provided both potential new members for the LCP, and reason to criticise unequal working and housing conditions for Black people in Britain (KILLINGRAY, 2003, p. 64). In the LCP’s Annual Report for 1941, Moody therefore noted, that the League’s fight “to improve relations between the races” would be “more than ever necessary” (MOODY, 13 Mar. 1942).

However, it was the exclusion of the colonies from the Atlantic Charter that led to the staunchest protest from the LCP. When Britain’s Prime Minister Winston Churchill, together with US-President Franklin D. Roosevelt, proclaimed the Atlantic Charter in 1941, they declared to “restore sovereignty and self-government to those who had been forcibly deprived of them” (NATO, 1941). This proclamation was interpreted as applying to all territories participating in the war, including the British colonies (ADI; SHERWOOD, 2003, p. 135-136). In response, the LCP, along with other groups, was pleased to announce that the Caribbean and African colonies could finally look forward to the long-awaited self-government, as the Atlantic Charter would recognise the war efforts of people of African origin (MOODY, 26 Nov. 1941). In response to



this, Churchill hastily contradicted such claims and proclaimed that the Atlantic Charter was not applicable to the colonies. Moody was outraged by this reply and refused to simply let go of the claims for self-government, noting in the group's Annual Report of 1941, that the Atlantic Charter "sets [...] a poser" to colonial people (MOODY, 13 Mar. 1942). Subsequently, the group's agenda shifted towards a more critical view of the British Empire. Moody showed commitment in his protest against the Atlantic Charter and wrote numerous letters to the Colonial Office, the War Office and Churchill, and planned public discussion meetings (MOODY, 27 Apr. 1944). A Foreign Office official called Moody "one of our more persistent critics" in an internal letter to one of his colleagues in 1942 (KEITH, 22 Aug. 1942). Even though the government refused to deviate from its position, Moody had recognised the high potential of mobilisation with the message of anticolonial protest. That the more aggressive tone was well received is also evident in the finances of the organisation. In 1939, when Moody was still advocating moderate reforms towards a colour-blind Empire, the LCP had an income from magazine sales and donations of £211. In 1943, the grouping had an income of £1,273, which can be mainly explained by the increase in donations from £57 in 1939 to £1,022 in 1943 (MACDONALD, 1973 p. 310, MOODY, 15 Mar. 1940; MOODY, 10 Mar. 1944).

In 1943, the LCP developed its own "Charter for Coloured Peoples" (ADI; SHERWOOD, 2003, p. 136). It asked for the political, educational, social and economic development of all colonies, "for Imperial Powers to account for their administration to an International body" as well as "full self-government at the earliest possible opportunity" (MOODY, 27 Apr. 1944). This Charter was heavily influenced by Moody's frequent discussions with the Pan-African intellectual George Padmore during the war (GOPAL, 2019, p. 393). In 1942, he published *The White Man's Duty: An Analysis of the Colonial Question in the Light of the Atlantic Charter*. The book's premise was that anticolonial activists should take Churchill and Roosevelt by their word to ask for democracy, which of course meant independence from their colonial overlords. For Padmore, the war offered the ideal prospect to radically reconstitute the world. He later laid out a vision of the idea of independence for the African colonies in the shape of a united Africa of federal territories modelled along the ideal of the Soviet Union in his *How Russia Transformed her Colonial Empire* (WILLIAMS, 2019, p. 531-539). This sheds further light on the importance of London as a city for Black activists critiquing the British Empire. Global ideas for a world without Empire were negotiated and disseminated through the Black intellectual networks of the imperial centre (GOPAL, 2019, p. 394). This was aided by the fact that the membership between Black political groups in London was fluid, with people usually belonging to different groups at the same time, sharing ideas in different organisations simultaneously. In contrast to the 1930s, when activists still fluctuated cosmopolitically between overseas territories, the USA and Great Britain during the war years, they were locally tied to London due to mobility restrictions caused by the war. These travel constraints further intensified the regular exchange between groups and partly aligned political opinions through countless discussions.

Strongly influenced by such radical proposals, in summer 1944, the LCP organised a conference entitled "Peace Charter for Colonial Peoples". This meeting articulated the increasingly vocal demands for increased freedom for the colonies and "an expansive conception of racial unity" (MATERA, 2008, p. 391).

Besides numerous Black social progress organisations and the British government, the French, Dutch, and Belgian exiled governments seated in London were

also invited to develop a universal manifesto for colonies under any rule (ROBINSON, 15 June 1944). During the war, London became the seat of all European governments in exile. During this “London Moment”, with its extraordinarily high concentration of political groups and actors accumulating in especially West London, political ideas for the post-war period were developed by this European political elite (EICHENBERG, 2018, p. 453; CONWAY; GOTOVITCH, 2001, p. 2-4). The exiled governments were unsettled by the invitation and individually questioned the Colonial Office whether accepting the invitation to such a conference was appropriate. After the Colonial Office advised not to get involved with Moody and the LCP, all exiled governments declined their invitation. A letter sent from the Colonial Office to the Foreign Office on June 30 of 1944, states: “You may like to know that we have now heard from both the French and the Dutch that they do not propose to send a representative to this meeting” (FALLA, 30 June 1944). In addition, the character of the correspondence with the Colonial Office made it clear that the exile governments did not want to disagree with their host country by participating in a congress not desired by the British government. Since the colonies’ representatives were not given a seat at the official negotiating tables where plans for the post-war world were drafted, they developed their own ideas for a post-war order without colonial rule, whether British, French, Belgian or Dutch, and formulated these post-colonial ideas of order for a world without Empire and federal models of independence within their own channels.

Despite that rejection of invitations, the conference took place and adopted a revised version of the LCP’s 1943 “Charter for Coloured Peoples” (MOODY, 27 July 1944). With a plea for public endorsement Moody sent it to the British government, including Churchill and the Secretary of State, as well as allied governments, the press, and to religious and sympathetic organisations within Britain and abroad. The revised Charter demanded equal “economic, educational, legal and political rights” for people “whatever their colour” and “development of the dependent regions and their people” as well as the creation of “comprehensive plans” (MOODY, 27 July 1944) with a specially assigned budget and time schedules. The economic development, the Charter argued, had to serve the native population of the concerned regions. Reforms in the sector of education should aim at the possibility to complete full educations, including university degrees, in every overseas territory. Further, it asked for a “majority on all law-making bodies” for the “indigenous people of all dependent territories” and “self government at the earliest possible opportunity” (MOODY, 27 July 1944). Finally, it asked for “Imperial Powers [...] to account for their administration [...] to an international body” (MOODY, 27 July 1944).

In the editorial of the 1944 September issue of the *League of Coloured Peoples News Letter*, Moody further stated that the time was ripe for the emancipation of the African population of the British colonies. West African soldiers had been trained as special forces to carry out reconnaissance missions behind Japanese lines in South Asia, while in Britain a famous Black cricketer, Learie Constantine, had not been given a hotel room because of his skin colour, for which the hotel was later convicted in court (RUSH, 2002, p. 376-378). The course of time would speak for itself, and “had the Government followed at the time the advice we tendered on many issues they would have won for themselves many laurels” (MOODY, Sept. 1945). However much the British government may be reluctant to grant more rights to Black people, it would soon be unable to avoid it, Moody confidently claimed. As soon as the global freedom to travel was restored, Moody planned to hold a Pan-African Congress with



delegates from all regions of the world with Black populations to give more support to these demands (MOODY, Sept. 1945). In order to realise those plans, Moody got in touch with the US-American author, activist and intellectual W.E.B. Du Bois. Moody had already been thinking about the idea of a global conference to address the issues of Black people at the end of the 1930s and wanted to hold it in Africa in 1940, but these plans could not materialise due to the outbreak of war (KILLINGRAY, 2003, p. 65; GEISS, 1968, p. 300). Moody's efforts to convince a broad alliance, including established politics, for his "Charter for the Coloured Peoples" were not as successful as hoped. The Charter resonated mostly within the limited Black press in Britain (ADI, SHERWOOD, 2003, p. 136). However, a growing confidence and self-confidence can be observed among Black intellectuals in wartime London. The concept of Black internationalism was called for by activists, "to not only underpin their vision of global Black unity, but also appeal to the imperial state and public opinion [...] for substantive changes" (MATERA, 2008, p. 389). This is also reflected in an open letter published by Padmore in the *League of Coloured Peoples News Letter* the following spring in 1945. The title was *African Peoples Earned Right to Benefit by New Concept* and was signed by representatives of the LCP, IASB, WASU and activists from Ghana, Sierra Leone and Nigeria. In the letter, Padmore described how, by contributing to the war in the form of material resources and manpower in Africa, Europe and Asia, the "African peoples had earned the right to benefit from the new concept of international cooperation" (MATERA, 2008, p. 393). Black activists in 1940s London, including those who signed the above-mentioned letter, saw increased international cooperation as an important way to exploit the resources of overseas territories with Black populations.

A further round of discussions was held between LCP, IASB, WASU and trade union representatives from the Caribbean and West Africa, who were coincidentally in London to attend the February 1945 World Confederation of Trade Unions Congress, as well as Black social progress groups from Manchester, to suggest new proposals to be considered at the forthcoming United Nations Conference on International Organisations to be held in San Francisco on 25 April 1945. Based on the LCP's "Charter for the Colonial People", LCP member and journalist Desmond Buckle, heralded by Adi, as the first Black African to join the British Communist Party, helped Moody to outline a new proposition titled *Manifesto in Africa in the Post-War World* (ADI, 2006, p. 36-37; GEISS, 1968, p. 303). Mostly repeating the demands from the previous Charter, it included additional appeals such as the fight against illiteracy in Africa, but also "achievement of full self-government within a definite time limit" (MOODY, Apr. 1945).

This manifesto was sent to the United Nations to be discussed at the forthcoming United Nations Conference on International Organization. However, due to the intervention of the colonial powers within the United Nations, the application was not admitted for discussion. Once again, the manifesto's content was published only in the channels of Black social progress organisations such as those of the LCP, IASB and WASU. Nevertheless, it foreshadowed several of the demands expressed at the 5<sup>th</sup> Pan-African Congress (MACDONALD, 1973, p. 306; GEISS, 1968, p. 303-304). Most noticeably, the British government perceived these activities as a coherent and growing protest by Black activists in Britain (ROBINSON, 1944). Indeed, in July 1945, the LCP repeated an announcement in the *League of Coloured Peoples News Letter* for plans for a Pan-African Congress to be organised with other Black social progress groups such as the Pan-African Federation or the WASU, with representatives expected from

the USA, the West Indies, as well as British territories in Eastern, Western and Southern Africa (MOODY, July 1945).

## IMAGINING A WORLD AFTER EMPIRE: THE LCP AND PAN- AFRICAN VISIONS AT THE 5<sup>TH</sup> PAN-AFRICAN CONGRESS

The 5<sup>th</sup> Pan-African Congress, which was held in October 1945 in Manchester is widely seen as the pinnacle of Pan-Africanism, and certainly represents the culmination of Black internationalism that built up in London in the years before. It empowered independence-movements and anticolonial activism all over the Caribbean and Africa (ADI; SHERWOOD, 2003, p. 4; GEISS, 1968, p. 316).

Roughly 200 delegates from Africa, the West Indies and Britain participated, W.E.B. Du Bois was honoured with the presidency over the Congress and named “father of Pan-Africanism” by the London-based organisers. Other participants included many of the future leading figures of the independence movements throughout Africa. Not only Nkrumah, future postcolonial leader of Ghana, took part, but future presidents Kenyatta (Kenya) and Hastings Banda (Malawi) were also among the participants. WASU and IASB also participated. Moody, however, did not attend. Killingray attributes this to Moody’s political disagreements with the “Labour Groups” that represented the majority of the Congress participants and their Marxist worldview, as Moody wrote to Du Bois: “I do not want to tie ourselves to any one group either politically or in any other way” (APTHEKER, 1976, p. 66-67, *apud* KILLINGRAY, 2003, p. 65).

Despite his absence from the Congress, Moody showed support for its resolutions in early 1946 by publishing them in the *League of Coloured Peoples News Letter* (MOODY, Jan. 1946). The overarching themes of the Congress, as readers of the magazine were informed, were independence from imperialism and strengthened international Black unity (ADI, 2018, p. 125-127; MATERA, 2008, p. 398; GEISS, 1968, p. 316). The main demands of the Congress were listed in two documents: Firstly, the “Declaration to the Imperialist Powers of the World” stated: “[w]e demand for Black Africa autonomy and independence, so far and no further than it is possible in this ‘ONE WORLD’ for groups and peoples to rule themselves subject to inevitable world unity and federation” (MOODY, Jan. 1946). Secondly, the “Declaration to Colonial Workers, Farmers and Intellectuals”, demanded that “the struggle for political power by colonial and subject peoples is the first step towards, and the necessary prerequisite to, complete social, economic and political emancipation”. It ended: “Colonial and Subject Peoples of the World — Unite” (MOODY, Jan. 1946).

The present delegates unanimously approved the resolutions. It is notable that most attendees were Anglophone from British territories in the Caribbean, Sub-Saharan Africa or, although not in large numbers, from the USA, marking the shift of Pan-Africanism towards a political movement in Anglophone Africa and the Caribbean (ADI, 2019, p. 126-127; GEISS, 1968, p. 308-312).

Moody did not live to see decolonisation happen. In 1946, he left London for a fundraising tour for the LCP to Canada, the Caribbean and the USA, to raise money for a Cultural Centre in London, which he also envisaged to serve as the LCP’s official headquarters (KILLINGRAY, 2003, p. 65) In addition to only modest financial success, Moody’s health suffered severely under his restless travels and strenuous efforts. Seriously ill, he was forced to return to London, where he died on 24 April 1947



(VAUGHAN, 1950, p. 137; ADI; SHERWOOD, 2003, p. 137). With Moody's death, the organisation lost its strong presence in public discourse. In effect, it ceased to play a role during the strong period of immigration of Black Caribbeans to Britain, when the equality of Black people in Britain was more actively debated than ever, or during the dissolution of the British Empire, for which the LCP had stepped up its advocacy in Moody's final years.

Despite the beauty of the narrative of a growing anticolonial solidarity, these concepts were in reality short-lived. With a look to India, nationalism as a mode of action became more popular. After the Congress, Pan-Africanism turned into a mass movement in sub-Saharan Africa — which was only possible because many of its participants moved relatively quickly from Britain to the colonies to build up national liberation movements (ADI, 2019, p. 129-130; GEISS, 1968, p. 321-322).

Still, the period following immediately after the 5<sup>th</sup> Pan-African Congress was an inspiring period in which different and creative ways out of the rule of imperialism were discussed and Pan-African cooperation seemed possible. For a moment, there was a combination of internationalism and anti-imperialism that went beyond anticolonial nationalism. This vision of change for non-national forms of independence, which Getachew dubbed “worldmaking”, had a profound impact on the rather small, but still influential group of black activists and intellectuals in 1940s London, including the league of coloured peoples in the Second World War (GETACHEW, 2019, p. 2). On what Adi called the road “from Ethiopia to Manchester”, the LCP caught on to this “worldmaking” and lived through a brief springtime of Pan-Africanism (ADI, 2019, p. 107). Looking at the transformation of the LCP's political ideas through the Second World War shows that even before the Windrush moment in 1948, black political groups in England had begun to “think black” (WATERS, 2019, p. 3). The LCP developed its very own form of black internationalism that functioned beyond the categories of nation, conservatism and Marxism. Shaped by Christian morality and charity, petty bourgeoisie, a Black British identity, the education in the colonial British school system of many of its members, anti-racism, but also plans to create a world without empire, which emerged especially in the exchange with other Pan-African groups in London. They lived in a world that was largely comprised of empires and were attuned to an internationalist hope for a new world that rejected the violence of warring nations. At times, Black activists took what seemed to be significant steps toward this goal, which went on to inspire future anticolonial movements across the globe and endeavours of Pan-African solidarity in the Black Atlantic.

## REFERENCES

ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika. Harold Moody (1882-1947). In: ADI, Hakim; SHERWOOD, Marika: *Pan-African History*. Political figures from Africa and the Diaspora since 1787. London: Routledge, 2003. p. 134-138.

ADI, Hakim. Forgotten Comrade? Desmond Buckle: An African Communist in Britain. *Science and Society*, New York, v. 70, n. 1, p. 22-46, 2006

ADI, Hakim. *Pan-Africanism: A History*. London: Bloomsbury Academic, 2019.



ADI, Hakim. *West Africans in Britain, 1900-1960: Nationalism, Pan-Africanism and Communism*. London: Lawrence & Wishart Ltd., 1998.

BEVIR, Mark. The Role of Contexts in Understanding and Explanation. In: BÖDEKER, Hans Erich (ed.). *Begriffsgeschichte, Diskursgeschichte, Metapherngeschichte*. Göttingen: Wallstein, 2002. p. 159-208.

BÖDEKER, Hans Erich. Ausprägungen der historischen Semantik in den historischen Kulturwissenschaften. In: BÖDEKER, Hans Erich (ed.). *Begriffsgeschichte, Diskursgeschichte, Metapherngeschichte*. Göttingen: Wallstein, 2002. p. 7-27.

BURROW, John W. Intellectual History in English academic Life: Reflections on a revolution. In: WHATMORE, Richard; YOUNG, Brian. (eds.). *Palgrave Advances in Intellectual History*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2006. p. 8-24.

CONWAY, Martin; GOTOVITCH, José (ed.). *Europe in Exile: European Exile Communities in Britain 1940-1945*. New York: Berghahnbooks, 2001.

COOPER, Frederick. *Colonialism in Question: Theory, Knowledge, History*. Berkeley: University of California Press, 2005.

DERRICK, Jonathan. *Africa's 'Agitators': Militant Anti-Colonialism in Africa and the West, 1918-1939*. London: Hurst & Co., 2008.

DRAKE, St Clair. *Value Systems, Social Structures and Race Relations in the British Isles*. 1954. F. Thesis (PhD in Anthropology) – Department of Anthropology, University of Chicago, Chicago, 1954.

DUFFIELD, Ian. Black People in Britain: History and the Historians. *History Today*, London, v. 31, n. 9, p. 34-36, 1981.

EICHENBERG, Julia. European Governments in London (1940-1944). *Studies in Contemporary History*, Göttingen, v. 15, n. 3, p. 452-473, 2018.

GEISS, Imanuel. *Panafrikanismus: Zur Geschichte der Dekolonisation*. Frankfurt am Main: Europäische Verlagsanstalt, 1968.

GETACHEW, Adom. *Worldmaking after Empire: The Rise and Fall of Self-Determination*. Princeton: Princeton University Press, 2019.

GOEBEL, Michael. *Anti-Imperial Metropolis: Interwar Paris and the Seeds of Third World Nationalism*. New York: Cambridge University Press, 2015.

GOPAL, Priyamvada. *Insurgent Empire: Anticolonial Resistance and British Dissent*. London: Verso, 2019.



FALLA, Paul. *Letter to Robinson*. The National Archives, London. Colonial Office, Commonwealth and Commonwealth and Foreign Offices. League of Coloured Peoples (CO 968/159/9). London, 30 June 1944.

FRYER, Peter. *Staying Power: The History of Black People in Britain*. London: Pluto Press, 1984.

HALL, Susan *et al.* (ed.). *At Home with the Empire: Metropolitan Culture and the Imperial World*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

HOWE, Stephen. *Anticolonialism in British Politics: The Left and the End of Empire, 1918-1964*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

HOWE, Stephen (ed.). *The New Imperial History Reader*. London: Routledge, 2010.

JAMES, Leslie. *George Padmore and Decolonization from Below: Pan-Africanism, the Cold War and the End of Empire*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2015.

KHAN, Yasmin. *India at War. The Subcontinent and the Second World War*. Oxford: Oxford University Press, 2015.

KEITH, John Lucien. *Letter to Garter*. The National Archives (Great Britain), London. Colonial Office, Commonwealth and Foreign and Commonwealth Offices. League of Coloured Peoples (CO 968/159/9). London, 22 Aug. 1942.

KILLINGRAY, David. To Do Something for the Race: Harold Moody and the League of Coloured Peoples. In: SCHWARZ, Bill (ed.). *West Indian Intellectuals in Britain*. Manchester: Manchester University Press, 2003. p. 51-70.

LITTLE, Kenneth. *Negroes in Britain: A Study of Racial Relations in English Society*. London: Kegan Paul, 1948.

LUTZ, Raphael. Ideen als gesellschaftliche Gestaltungskraft im Europa der Neuzeit: Bemerkungen zur Bilanz eines DFG-Schwerpunktprogramms. In: LUTZ, Raphael; TENORTH, Heinz-Elmar (ed.). *Ideen als gesellschaftliche Gestaltungskraft im Europa der Neuzeit: Beiträge für eine erneuerte Geistesgeschichte*. München: De Gruyter Oldenbourg, 2006. p. 8-24.

MACDONALD, Roderick J. Dr. Harold Arundel Moody and the League of Coloured Peoples, 1931-1947: A Retrospective View. *Race*, London, v. 14 n. 3, p. 291-310, 1973.

MACDONALD, Roderick J. *The Keys: The Official Organ of The League of Coloured Peoples*. With an introductory essay by Roderick J. Macdonald. New York: Kraus Thomson Organization Ltd., 1976.

MALOBA, Wunyabari O. *Kenyatta and Britain: An Account of Political Transformation, 1929-1963*. London: Palgrave Macmillan, 2018.



MATERA, Marc. *Black Internationalism and African and Caribbean Intellectuals in London, 1919-1950*. 2008. 481 p. Thesis (PhD in History) – Department of History, New Brunswick University, New Brunswick, 2008.

MATERA, Marc. *Black London: The Imperial Metropolis and Decolonization in the Twentieth Century*. Berkeley: University of California Press, 2015.

MOODY, Harold. *Charter for Coloured Peoples*. The National Archives (United Kingdom). Foreign Office. League of Coloured Peoples: proposed conference in London (FO 371/40824). London, 27 Apr. 1944.

MOODY, Harold. *Letter to Prime Minister Winston Churchill*. The National Archives (United Kingdom). Colonial Office, Commonwealth and Foreign and Commonwealth Offices. League of Coloured Peoples (CO 968/159/9). 27 July 1944.

MOODY, Harold. *Africa in the Post-War World*. The National Archives (United Kingdom). Colonial Office, Commonwealth and Foreign and Commonwealth Offices. League of Coloured Peoples (CO 968/159/9). Apr. 1945.

MOODY, Harold. *The Keys. The Official Organ of the League of Coloured Peoples*. v. 1, n. 1. British Library, London. General Reference Collection. London, July 1933.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples News Letter*. n. 26. British Library, London. General Reference Collection. London, 26 Nov. 1941.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples News Letter*. n. 70. British Library, London. General Reference Collection. London, July 1945.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples News Letter*. n. 71. British Library, London. General Reference Collection. London, Sept. 1945.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples News Letter*. n. 76. British Library, London. General Reference Collection. London, Jan. 1946.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Eighth Annual Report (Year 1938-1939)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 27 Feb. 1939.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Eleventh Annual Report (Year 1941-1942)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 13 Mar. 1942.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Ninth Annual Report (Year 1939-1940)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 15 Mar. 1940.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Seventh Annual Report (Year 1937-1938)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 11 Mar. 1938.



MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Tenth Annual Report (Year 1940-1941)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 05 Apr. 1941.

MOODY, Harold. *The League of Coloured Peoples. Thirteenth Annual Report (Year 1943-1944)*. British Library, London. General Reference Collection. London, 10 Mar. 1944.

NORTH ATLANTIC TREATY ORGANIZATION (NATO). 'The Atlantic Charter': Declaration of Principles issued by the President of the United States and the Prime Minister of the United Kingdom. 14. Aug. 1941. (NATO e-Library). From: [https://www.nato.int/cps/en/natohq/official\\_texts\\_16912.htm](https://www.nato.int/cps/en/natohq/official_texts_16912.htm). Accessed 13 Nov. 2020.

OCHIAI, Takehiko. Harold Arundel Moody and the League of Coloured Peoples. *Ryukoku Law Review*, Kyoto, v. 52, n. 1, p. 1-32, 2019.

ONUZO, Imachibundu Oluwadara: *Our men in Britain: the West African Students' Union and the politics of representation, 1925-1970*. 2018, 309 pages. Thesis (PhD in History) – Departement of History, King's College, London, 2018.

POLSGROVE, Carol. *Ending British rule in Africa: writers in a common cause*. Manchester: Manchester University Press, 2009.

ROBINSON, K.E. *Letter to Falla*. The National Archives (United Kingdom). Colonial Office, Commonwealth and Commonwealth and Foreign Offices. League of Coloured Peoples [CO 968/159/9]. London, 15 June 1944.

ROSA, Hartmut. Ideengeschichte und Gesellschaftstheorie. Der Beitrag der „Cambridge School“ zur Metatheorie. *Politische Vierteljahresschrift*, Wiesbaden, v. 35, n. 2, p. 197-223, 1994.

RUSH, Anne Spry. Imperial Identity in Colonial Minds: Harold Moody and the League of Coloured Peoples, 1931-50. *Twentieth Century British History*, Oxford, v. 13, n. 4, p. 356-383, 2002.

SCHWARZ, Bill. *West Indian Intellectuals in Britain*. Manchester: Manchester University Press, 2003.

SHERWOOD, Marika. Kwame Nkrumah: The London Years, 1945-47. *Immigrants and Minorities*, London, v. 12, n. 3, p. 164-194, 1994.

SHERWOOD, Marika. *Kwame Nkrumah and the Dawn of the Cold War, The West African National Secretariat, 1945-1948*. London: Pluto Press, 2019.

SOLANKE, Lapido. *United West Africa (or Africa) at the Bar of the family of Nations*. London: African Publication Society, 1927.

UMOREN, Imaobong D. *Race Women Internationalists: Activist-Intellectuals and Global Freedom Struggles*. Berkeley: University of California, 2018.



VAUGHAN, David. *Negro Victory: The Life Story of Dr Harold Moody*. London: Independent Press, 1950.

WATERS, Rob. *Thinking Black: Britain, 1964-1985*. Oakland: University of California Press, 2019.

WEBSTER, Wendy. *Imagining Home: Gender, Race and National Identity, 1945-1964*. London: Routledge, 1998.

WHITALL, Daniel. *Creolising London: Black West Indian Activism and the politics of race and empire in Britain, 1931-1948*. 2012. 405 p. Thesis (PhD in Geography) – Department of Geography, Royal Holloway, University of London, London, 2012.

WILLIAMS, Theo. *Each Movement Will Neglect the Other at Its Peril: The International African Service Bureau and British Socialism, 1929-1947*. 2019. 305 p. Thesis (PhD in History) – Department of History, King's College London, London, 2019a.

WILLIAMS, Theo. George Padmore and the Soviet Model for the British Commonwealth. *Modern Intellectual History*, Cambridge, v. 16, n. 2, p. 531-539, 2019b.

## AUTHOR'S NOTES

---

### CORRESPONDING ADDRESS

Unter den Linden 6, 10117 Berlin, Germany.

### FUNDING

The PhD is funded by the Volkswagen foundation as part of the Freigeist-project "The London Moment".

### ETHICS COMMITTEE APPROVAL

Not applicable.

### CONFLICT OF INTEREST

There is no conflict of interest.

### LICENSE OF USE

© Simeon Marty. This article is licensed under the [Creative Commons License CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). With this license, you can share, adapt, create for any purpose, as long as the authorship is properly attributed.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Graduate Program in History. UFSC Journal Portal. The ideas expressed in this article are the sole responsibility of its authors, and do not represent, necessarily, the opinion of the editors or the University.

### EDITORS

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editor-in-chief)





## HISTORY

Received on: Nov. 13, 2020

Approved on: Apr. 16, 2021

How to cite: MARTY, Simeon. Thinking Black in the Blitz: Harold Moody, the League of Coloured Peoples and its shift of Pan-African ideas in Second World War London. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 407-426, May/Aug. 2021.






## **EXPRESIONES DEL INTERNACIONALISMO TERCERMUNDISTA EN EL CONTEXTO DE LOS 60 GLOBALES: UNA MIRADA DESDE EL CONO SUR**

Expressions of Third-World Internationalism in the context of the  
global 60s: a view from the Southern Cone

**Lucas Duarte<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-9570-7153>  
E-mail: [lucas.lado@gmail.com](mailto:lucas.lado@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidad Nacional de San Martín, Instituto de Altos Estudios Sociales, Buenos Aires,  
Argentina

**DOSSIÊ**  
**Internacionalismo e história global**

## RESUMEN

En el presente artículo analizamos la manera como diversas concepciones políticas asociadas al ideario y a la geografía tercermundista fueron movilizadas por la prensa periódica de izquierdas, especialmente en países del Cono Sur, en la construcción de proyectos insurgentes a lo largo de las décadas de 1960 y 1970. Estructurando nuestro abordaje a partir de herramientas provenientes de la historia global, rastreamos algunos de los materiales puestos en circulación a través de esos medios, atentando para sus múltiples conexiones y reverberaciones en un contexto internacional profundamente marcado por la Guerra Fría. Asimismo, llamaremos la atención para la centralidad ocupada por el llamado Tercer Mundo en la conformación de prácticas y discursos rebeldes, orientados por una agenda antiimperialista ampliamente difundida en los periódicos de izquierda del período, capaz de conectar los contextos locales al conjunto de luchas de liberación desarrolladas en todo el planeta.

## PALABRAS CLAVE

Tercer Mundo. Internacionalismo. 60 globales.

## ABSTRACT

In this article we analyze the way in which various political conceptions associated with Third World ideology and geography were mobilized by the periodical left-wing press, especially in Southern Cone countries, in the construction of insurgent projects throughout the 1960s and 1970s. Structuring our approach based on tools from global history, we will trace some of the materials conveyed through these newspapers, looking for their multiple connections and reverberations in an international context deeply marked by the Cold War. Likewise, we will call attention to the centrality occupied by the so-called Third World in shaping rebel practices and discourses, guided by an anti-imperialist agenda widely disseminated in the left-wing newspapers of the period, capable of connecting local contexts to the set of liberation struggles developed all over the planet.

## KEYWORDS

Third-World. Internationalism. Global sixties.

**E**n el otoño de 1965, *Pasado y Presente* dedicó, en el editorial de sus números 7-8, algunas palabras a la reciente invasión de Santo Domingo por la marina estadounidense: "Puede pensarse que para la gran historia esta pequeña crepitación de fusiles carece de importancia. Tal vez. A menos que ésta sea la gran historia, la que se vincula con Aristóteles y Picasso, con Galileo y Marx. Entonces el mundo depende de Santo Domingo y Vietnam" (SANTO DOMINGO, 1965, p. 121). Aquella mención repleta de "dolor y odio" a la arremetida extranjera contra el gobierno progresista de Juan Bosch que resultaría en la ocupación por varios meses de la República Dominicana, parece guardar, además, otros significados. El puente tendido entre el Caribe y el sudeste asiático, tan común en aquellos años, no debe parecerse casual.

Para muchos de los contemporáneos a aquellos acontecimientos, parecía evidente que la condición de subalternidad a la que estaba sometida una gran parcela de la humanidad era responsabilidad directa de un modelo de dominación impuesto por los Estados Unidos y Europa, especialmente sobre el llamado Tercer Mundo. Interrumpir aquella cadena de injusticias se presentaba, por lo tanto, como una tarea en la que deberían participar todos los que la padecían: "de Santo Domingo a Vietnam". Esta percepción ayudó a promover una serie de conexiones políticas e intercambios teóricos entre organizaciones y sujetos alrededor del globo, en una escala que transcendía ampliamente las fronteras nacionales. En América Latina, nutriéndose de una matriz histórica de pensamiento antiimperialista, y confiriéndole nuevos significados, el tercermundismo pudo constituirse en uno de los ejes centrales de la actuación de organizaciones de la izquierda, desde variadas perspectivas, en el contexto de la Guerra Fría.

Ante la rigidez de una geopolítica demarcada por la bipolaridad, la idea de Tercer Mundo representó algo más que la de un espacio geográfico precisamente delimitable. Proyectada a partir de una consciencia anticolonial de influencia creciente durante la posguerra, su imagen propició una renovación del repertorio cultural, intelectual y político en el campo de las izquierdas, y confirió al desarrollo de los conflictos en la periferia una significación global (KALTER, 2016). De maneras diversas, fue asimilado por vertientes tradicionales vinculadas a los partidos comunistas y socialdemócratas, y asumió una notoria centralidad en la definición de identidades y formas de accionar para lo que vendría a concebirse, en occidente, como Nueva Izquierda. Moviéndose por fuera de organizaciones preexistentes o tensionando sus fronteras, diversos sujetos políticos encontraron en el tercermundismo una identidad capaz de ofrecer coordenadas alternativas para su ubicación en un contexto orientado por la oposición entre los bloques capitalista y soviético

La identificación de objetivos compartidos mundialmente por los pueblos oprimidos dio margen y estuvo amparada en la construcción de un vocabulario insurgente difundido en larga escala y vehiculado a través de múltiples organismos impresos. Eso fue posible gracias a la intensa movilidad de personas, textos e imágenes que ayudaron a establecer ciertos patrones comunes de aprehensión del universo tercermundista (KALTER, 2016). En este sentido, funcionando como canales de incitación política y cultural, las publicaciones periódicas que circularon a lo largo de los años 1960 y 1970 desempeñaron un papel fundamental en la constitución de tales visiones de mundo y de formas sintonizadas de intervención en una realidad signada por intensos procesos de conflicto y transformación social.

Como parte de un proyecto de investigación más extenso que intenta dar cuenta de la forma como, a través de su prensa, sectores de la izquierda radical argentina

aprehendieron los acontecimientos políticos internacionales a lo largo de los años 60/70, compartiremos la estructura de este trabajo en dos momentos. De salida, recuperando la bibliografía existente, buscaremos llamar la atención para las potencialidades de lecturas que basan sus abordajes en una perspectiva transnacional. Este tipo de análisis resulta imprescindible en la recomposición del ambiente en el que se movieron, actuaron y estructuraron sus visiones de mundo los diversos sujetos participantes de aquella coyuntura. En el segundo apartado rastrearemos el contenido de algunas publicaciones periódicas que circularon en ese período, especialmente en el Cono Sur, en lo que se refiere a su particular interpretación de los contenidos internacionales.

En la medida en que se interesa por mantener un permanente diálogo entre contextos locales y sus dimensiones transnacionales, este trabajo participa en algunas de las discusiones propuestas por la Historia Global. Como definido por Conrad, la atención a "la circulación y el intercambio de cosas, personas, ideas e instituciones" (CONRAD, 2017, p. 9) posibilita que las investigaciones realizadas en el interior de ese campo contribuyan a una relectura productiva de ciertos acontecimientos abordados por la historiografía en carácter estrictamente nacional. Así, indagando el conjunto de ideas elaborado alrededor del proyecto tercermundista, y las articulaciones internacionales que habilitó, buscaremos destacar la importancia del contexto internacional en la emersión de alternativas radicales de enfrentamiento al orden capitalista en coyunturas diversas. Asimismo, destacaremos la manera como la circulación de noticias respecto a las luchas de liberación alrededor del globo fue movilizadora en la constitución de un escenario propicio al surgimiento de experiencias rebeldes en el Cono Sur.

## LA GLOBALIDAD DE LOS 60 Y EL TERCER MUNDO

Una buena parte de la historiografía acerca de la segunda mitad del siglo XX registra la importancia de eventos como la guerra de Vietnam, la Revolución Cubana y las luchas de liberación en el continente africano, en la constitución de un escenario generalizado en donde procesos revolucionarios parecieron posibles, cuando no inevitables (GILMAN, 2003). La mundialización de un ideario atravesado por la temática de la emancipación, al que se asociaron tendencias políticas e intelectuales de las más variadas, propició un acercamiento excepcional entre experiencias geográficas muy diversas. Este acotamiento de distancias resultó en un redimensionamiento de escalas culturales y políticas e influyó continuamente en la elaboración de identidades, lenguajes y proyectos contestatarios en distintas partes del globo.

El recorrido histórico de las ideas antiimperialistas en América Latina asentó antecedentes importantes para la asimilación de la región a la comunidad tercermundista irrupida en la esfera política mundial a principios de los 1950. Es posible identificar sus raíces – muy heterogéneas – en el pensamiento de autores como los de José Carlos Mariátegui, Juan Antonio Mella, Carlos Quijano y en la práctica teórica y política de grupos como el APRA peruano, o el Ejército Defensor de la Soberanía Nacional liderado por Augusto César Sandino en Nicaragua (DEVÉS VALDÉS, 2000). Asimismo, una apreciación crecientemente positiva por parte de sectores intelectuales, a partir de los años 20 y 30 del siglo XX, sobre regiones del globo posteriormente abarcadas por el ideario tercermundista, habilitó cierta percepción de la existencia de



"una comunidad de intereses – con visos de realidad o puramente imaginada – entre América Latina y los países asiáticos y africanos" (BERGEL, 2018, p. 12).

El Oriente, contra modelo civilizatorio para las élites letradas del siglo XIX, pasaba a ser ahora incluido junto a los referentes del antiimperialismo latinoamericano en una serie común. Y, con ello, comenzaba a vislumbrarse la presencia del emergente "nosotros" tricontinental – un nosotros vaporoso pero altamente significativo – que con posterioridad se afirmaría bajo la noción de Tercer Mundo (BERGEL, 2018, p. 12).

Fuertemente estructurada a partir de la conferencia de Bandung en 1955 (REIS; RESENDE, 2019) la idea de Tercer Mundo como espacio alternativo de articulación de demandas transnacionales, estuvo ampliamente establecida como horizonte organizativo e identitario entre grupos intelectuales y militantes activos durante la Guerra Fría. La crítica antiimperialista elaborada alrededor de concepciones tercermundistas instituyó la posibilidad de enlace con procesos políticos, sociales y culturales llevados a cabo mundialmente. Como intentaremos demostrar a seguir, las conexiones de tipos diversos establecidas en ese contexto, fueron impulsadas por una disposición internacionalista específica, que encontró y produjo resonancias en ambientes variados.

Para el contexto latinoamericano, la Revolución Cubana significó un punto de inflexión en el escenario de la Guerra Fría. La radicalidad de las transformaciones impulsadas por el gobierno revolucionario en la isla y su gradual acercamiento al bloque socialista – el llamado Segundo Mundo, en oposición al Primer Mundo capitalista – puso en jaque una correlación de fuerzas profundamente marcada por la injerencia estadounidense en la política regional, galvanizando movimientos contestatarios en diversos otros países. En ese sentido, las alianzas internacionales establecidas por Castro a lo largo del tiempo, y las iniciativas de exportación del modelo cubano a través de entrenamiento de cuadros políticos o de la fundación de organismos articuladores como la Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) y la Organización de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina (OSPAAL) contribuyeron con la integración de América Latina a la geografía del Tercer Mundo. Además de un ejemplo triunfante, la experiencia cubana se erigió como punto de encuentro y de referencia para movimientos que buscaban la superación de la opresión colonial del orden capitalista y de gobiernos autoritarios a nivel global (GLEIJESES, 2002; PETTINÁ, 2018).

Como forma de representación de determinadas condiciones de vida y de ciertos horizontes de actuación política, el internacionalismo tercermundista tuvo múltiples formas de existencia. Es posible identificar su vigencia en ambientes estatales-diplomáticos, ideológicos-intelectuales, políticos-organizativos y estético-culturales, para mencionar en grandes rasgos algunas de sus expresiones heterogéneas, muchas veces sobrepuestas entre sí. Para lo que aquí nos interesa, es importante resaltar las dimensiones materiales asumidas por las articulaciones engendradas en ese proceso. Aun cuando no explicitado en su designación formal, el Tercer Mundo se estableció como algo más que una sensibilidad insumisa, promoviendo una cartografía de asociaciones concretas que involucró la circulación de ideas tanto cuanto la de sujetos históricos participantes en proyectos contestatarios a nivel global.



En octubre de 1960, un recién constituido "Comité de Recepción de la Delegación de F.L.N. y Apoyo a la Revolución Argelina" divulgó, en Argentina, un manifiesto convocando "a todas las organizaciones antiimperialistas y al pueblo en general, a incorporarse activamente a la tarea de difundir los métodos y objetivos" de aquella revolución que servía, según los signatarios, "de ejemplo y experiencia a la lucha mundial en contra del imperialismo y sus aliados" (PALABRA OBRERA *et al.*, 1960). En medio a calurosas bienvenidas y animados por un espíritu de hermandad, una vez más, "antiimperialista y revolucionaria", el volante anunciaba:

Llegan los auténticos representantes del heroico pueblo de Argelia, que desde hace más de seis años lucha contra la opresión y los cañones del imperialismo, financiados con la explotación del pueblo francés [...] Esta delegación es la expresión de las luchas de las masas, contra lo que el imperialismo representa. Es la expresión de la lucha del pueblo cubano y de todos los pueblos coloniales como la Argentina, por su liberación nacional y social. Por ello, porque sentimos como nuestra la lucha de los argelinos [...] es que tomamos como nuestra la tarea de los revolucionarios argelinos y en consecuencia nos sentimos dispuestos a luchar aquí en su apoyo y contra todo aquello que signifique la explotación de los pueblos (PALABRA OBRERA *et al.*, 1960).

Firmaban el documento organizaciones de distintos matices políticos, partidos y sindicatos.<sup>1</sup> La elocuencia con que se anunciaba la unidad entre "luchas contra la opresión" geográficamente distantes era fortalecida por la confluencia física de actores directamente involucrados en aquellas experiencias. Algunos trabajos, llamando la atención para la relevancia de conexiones de este tipo, ayudan a comprender las potencialidades del abordaje de tales procesos desde una perspectiva global.

Quinn Slobodian dedicó su obra intitulada *Foreign Combaters* a demostrar la influencia que estudiantes provenientes del Tercer Mundo tuvieron sobre el conjunto de las ideas ejercitadas y defendidas por sectores juveniles en Alemania Occidental en los años de 1960. El autor identifica en diversas expresiones de solidaridad internacional los gérmenes de un internacionalismo activo que tendría uno de sus episodios fundacionales en las protestas multitudinarias por el asesinato del líder congolés Patrice Lumumba, en 1961:

Para estudiantes iraníes, angoleños e iraquíes, entre otros, la esfera pública de Alemania Occidental se convirtió en un "frente extranjero" en la lucha por las libertades políticas en sus países de origen. Para estudiantes de Alemania Occidental en los primeros años de la década, la represión iraní, el colonialismo portugués, y el racismo sudafricano parecían aberraciones, imperfecciones en una imagen del mundo que parecía

---

<sup>1</sup> Para citar algunos ejemplos, constan como firmantes del documento: el Partido Obrero; Peronismo Obrero Revolucionario; Federación Socialista Argentina Bonaerense; Grupo Contorno; Grupo Visión; Agrupación Nacional de Reorganización Metalúrgica; Movimiento Izquierda Revolucionario (PRAXIS), entre otros.

potencialmente estar avanzando hacia estándares de justicia internacional e igualdad. Ellos prestaron su solidaridad y apoyo a grupos nacionales de estudiantes de variadas nacionalidades, que hicieron sus demandas en el lenguaje liberal de derechos humanos y autodeterminación. El internacionalismo en Alemania Occidental a principios de la década de 1960 era personalizado y efectivamente bilateral, cambiando su enfoque entre grupos nacionales (SLOBODIAN, 2012, p. 13, traducción nuestra).

Este fenómeno, lejos de haberse restringido a la República Federal Alemana, fue un componente importante en el estrechamiento de lazos organizacionales y subjetivos entre activistas de distintas nacionalidades. Realizado en las más variadas condiciones—exilio, turismo, conferencias internacionales, inmigración, etc.—y sentidos, el tránsito de militantes contribuyó de forma definitiva para la transnacionalización de los movimientos de protesta en los años 1960.

En su edición de 20 de noviembre de 1973, el periódico italiano *Lotta Continua*, que ya había noticiado la participación de militantes europeos en la guerra de liberación de Angola dos años antes (LETTERA, 1970), hizo circular un largo reportaje acerca de las marchas realizadas en la ciudad de Torino en solidaridad al pueblo chileno ante el reciente golpe militar de Pinochet, y a las luchas estudiantiles corrientes en Grecia. Presentada como "una gran victoria del internacionalismo proletario", la nota daba cuenta de una movilización de más de 150 mil personas.

El enorme cortejo movió los primeros pasos poco después de las 9, abierto por las delegaciones de la FLM. Le seguían las representaciones de los movimientos juveniles de algunas delegaciones provenientes de la URSS, de Polonia, Hungría, Checoslovaquia, Bulgaria, Rumania, Yugoslavia, Alemania Occidental y RDT, España (aplaudidos y saludados con puños cerrados a lo largo de todo el recorrido), la delegación chilena, un grupo de exiliados portugueses, algunos ingleses, los vascos, noruegos, dinamarqueses, suecos, austriacos, suizos. Inmediatamente después, cerca de dos mil jóvenes y jovencísimos de la *Jeunesse Communiste* (la FGC francesa) (150,000 COMPAGNI, 1973, p. 2, traducción nuestra).

La percepción de las múltiples formas de nexo entre estas distintas movilizaciones dificulta la atribución de un sentido unilateral, o la existencia de un polo original de influencias en la construcción de sus pautas. Aldo Marchesi, reflexionando sobre el papel del Cono Sur en la geografía de la rebeldía planetaria de aquella época, identifica la forma como los movimientos surgidos en esta región influenciaron marcadamente la politización, las identidades y las visiones de mundo desarrolladas en Europa y en los Estados Unidos. En este sentido, la misma reivindicación de acontecimientos y figuras icónicas estuvo insertada en un conjunto más amplio de "ideas y estrategias políticas que alentaron la revuelta global" (MARCHESI, 2019, p. 11).

A través de diversos grados de afinidad, individuos y organizaciones que iban desde los Panteras Negras en EUA a los Tupamaros en Uruguay (CHURCHILL, 2014), se ubicaron y estructuraron su accionar en los marcos de una "geografía de opresión y rebelión marcada por un sistema neocolonial de poder" que debía ser enfrentado





(MANZANO, 2015, p. 173). Mediados por los variados contextos domésticos, los vínculos con organizaciones extranjeras, y la observación de sus prácticas, integraron la construcción de alternativas políticas y la definición de formas de acción colectivas. Asimismo, la solidaridad o sentido de pertenencia al Tercer Mundo tuvo un papel fundamental en el establecimiento de redes flexibles de contacto y en la constitución de agentes involucrados en luchas anti-imperiales.

El antiimperialismo implicó imaginar una comunidad que trascendía la nación. Aunque los discursos antiimperialistas se dieron en escenarios nacionales, en la mayoría de los casos implicaron un sentimiento de pertenencia a una comunidad más amplia que se construía en oposición al imperio. Las fronteras entre aquellos que pertenecían al imperio y aquellos que “legítimamente” podrían reivindicar alguna forma de soberanía nacional o continental resultaron bastante flexibles y variables en diferentes coyunturas históricas. Dichos límites no fueron territoriales sino políticos, muchas veces “antiimperialistas” denunciaban prácticas o actores “imperialistas” dentro de sus propias comunidades nacionales (MARCHESI, 2006, p. 136)

Las asociaciones internacionales entre movimientos contestatarios en el curso de los 60 no siempre se dio de manera directa, a través del flujo de militantes o el intercambio de materiales y documentos políticos. La circulación, acentuadamente en los periódicos de izquierda, de noticias referentes a las luchas de emancipación alrededor del globo fue una de las más accesibles formas de asimilación de experiencias rebeldes “lejos de casa”. Analizando el movimiento estudiantil brasileño en aquel período, y destacando la autopercepción tercermundista de su compromiso, Victoria Langland propuso, en este sentido, el concepto de “conexiones aspiracionales”. Para la autora, el término daría cuenta de este conjunto de deseos compartidos en escala transnacional, “no reductibles a la influencia directa de una ideología, publicación, táctica o slogan en particular” (LANGLAND, 2018, p. 20).

Las fuentes muestran con qué cercanía los estudiantes brasileños siguieron las noticias de los movimientos sociales en otros lugares, especialmente en África y Asia, y a veces se expresaron sobre cómo consideraban su propia organización local contra una dictadura militar apoyada por Estados Unidos como una pieza de una lucha más amplia del Tercer Mundo contra el imperialismo. Me refiero a este tipo de conexiones transnacionales como conexiones aspiracionales, y las considero parte de la historia de los largos años sesenta, ya que constituyeron parte de la experiencia vivida por los protagonistas históricos e impactaron los eventos “sobre el terreno”. En mi visión, las conexiones aspiracionales [...] son más una creencia colectiva de que otros desconocidos en el mundo comparten un conjunto similar de ideas y objetivos, y que están trabajando simultáneamente para ponerlos en práctica. Las conexiones aspiracionales fueron una fuerza movilizadora para muchos actores y movimientos de la década de 1960, ayudando a definir y dar forma a sus acciones

y, como tal, merece un examen como parte de la historia de los sesenta globales (LANGLAND, 2018, p. 20, traducción nuestra).

El entrelazamiento de imaginarios y actitudes asociadas al tercermundismo diseminó en el plano internacional reflexiones acerca de los diferentes métodos de organización e intervención política. En diversas regiones del globo, partidos y movimientos dirigidos al enfrentamiento de los "superpoderes imperiales" y del avance de la hegemonía estadounidense en el escenario económico mundial, encontraron en la experiencia guerrillera y foquista una fuente de inspiración. En este sentido, el desplazamiento de algunos sectores en dirección a la lucha armada o extraparlamentaria puede ser entendida como uno de los componentes de radicalidad de los conflictos en el espectro político mundial, más allá de las variables y determinaciones locales. En el apartado siguiente trataremos de acercarnos de manera introductoria a los contenidos vehiculados por la prensa de izquierdas, especialmente en el Cono Sur, en los momentos en que se dedicó a abordar el panorama de rebeldía internacional.

## LA REVOLUCIÓN ALREDEDOR

Sostiene Gallinari, en autobiografía publicada en 2006, que, en su juventud, los tiempos mejores ya amanecían. Tal vez no en Italia, pondera, el lugar donde creció campesino y años más tarde se sumó a la militancia de izquierda y a la lucha armada, pero en varias otras regiones del mundo que parecía observar con atención. "Son, por otro lado, el advento del hilo rojo de la Revolución Cubana y el potente impulso anticolonial del Tercer Mundo, que nos entusiasman sin reservas" (GALLINARI, 2012, p. 37). Algunos de aquellos acontecimientos le aportaron, además del entusiasmo, figuras de referencia a través de las cuales se convenció de que era "justo luchar y posible vencer": "las guerras de liberación de Congo, Argelia, Angola, Guiné-Bissau, produjeron héroes políticos como Patrice Lumumba, Agostinho Neco y Amílcar Cabral" (GALLINARI, 2012). Bajo esta óptica, y delante de los acontecimientos en Vietnam, en América Latina, en la bahía de Cochinos, no le parecían haber motivos para "aflojar nuestra relación con los *yankees*, gendarmes del mundo" (GALLINARI, 2012, p. 52).

Algunos años antes de la irrupción de movimientos radicales en el contexto *sentista* en el continente europeo, la idea de que la colonización de los países africanos era inmoral y merecía una respuesta – incluso violenta – circulaba francamente en ciertos ambientes intelectuales progresistas. Más allá del famoso prefacio de Jean Paul Sartre a la emblemática obra de Franz Fanon, *Los condenados de la Tierra*, el análisis de Herbert Marcuse sobre la radicalidad y el contenido de las movilizaciones sociales producidas en aquellas circunstancias contiene elementos interesantes para la reconstrucción de las ideas que informaron su contexto. Atento a la novedad de los actores y la renovación de ciertas pautas, el autor identifica en el deseo de transformación profunda expresado por la ola global de manifestaciones, los síntomas de un decisivo agotamiento del régimen capitalista. En su *Ensayo sobre la Liberación*, de 1969, el filósofo alemán parece también percibir la emancipación como un proceso que supera las barreras nacionales y que conecta decisivamente todos los mundos en la creación de uno nuevo:

En estas circunstancias, las precondiciones para la liberación y el desarrollo del Tercer Mundo deben surgir en los países capitalistas avanzados. Sólo el debilitamiento interno del superpoder puede detener finalmente el financiamiento y el equipo de la supresión en los países atrasados. Los Frentes de Liberación Nacional amenazan la línea de la vida del capitalismo; son catalizadores, no sólo materiales, sino también ideológicos, del cambio. La revolución cubana y el Vietcong lo han demostrado: puede hacerse; hay una moralidad, una humanidad, una voluntad y una fe capaces de resistir y detener la gigantesca fuerza técnica y económica de la expansión capitalista (MARCUSE, 1969, p. 84).

Impresiones como las de Prospero Gallinari fueron compartidas de manera mediatizada, y en diversos niveles, por varios contemporáneos de la generación que se involucró, a nivel global, en movilizaciones contestatarias a partir de los años 60 del siglo XX. La idea de que la observación de eventos políticos internacionales podría ser fuente de aprendizaje y asimilación de experiencias estuvo bastante difundida y fue expresada más de una vez con significativa vehemencia. En un número dedicado a la situación palestina en el contexto de los enfrentamientos árabes-israelíes, los editores de *Marcha*, publicación que ocupó un lugar central en el campo de la izquierda uruguaya y latinoamericana en aquel período (ESPECHE, 2011), no dejaron de señalar que su propósito había sido el de "entregar al lector latinoamericano elementos de primera mano [...], sobre uno de los grandes conflictos de nuestro tiempo, *que importa en sí mismo y por sus notorias repercusiones en nuestro continente*" (CUADERNOS DEMARCHA, 1970, p. 3, resalte nuestro). Un sentido similar había sido atribuido, algunos años antes, a la publicación de un cuaderno dedicado a la trayectoria del movimiento *black power* en Estados Unidos. De aquellas páginas, los autores esperaban que se desprendiera la "optimista lección" de que el imperialismo debería caer "por sus contradicciones y por la acción conjunta de todas sus víctimas":

Y ahora empieza a verse, se ve, que el proceso se vincula estrechamente al que vienen cumpliendo los países del Tercer Mundo. [...] Un enemigo común existe. Ese enemigo es el imperialismo que se mantiene a expensas de todos los subdesarrollados, los de adentro y los de afuera[...]. La línea del frente de batalla zigzaguea por todas las latitudes; pero es una. En tierras distantes, los negros de Estados Unidos y los pueblos del Tercer Mundo, luchan por lo mismo y combaten contra el mismo adversario [...]. Los Negros de Estados Unidos ya empezaron a comprender que no están solos. No son una minoría, marginada y perseguida. Los pueblos del Tercer Mundo ya saben que dentro de Estados Unidos tienen aliados. Por eso la lucha de los negros norteamericanos es nuestra lucha. El imperio caerá por sus contradicciones y por la acción conjunta de todos los que son sus víctimas (CUADERNOS DE MARCHA, 1968, p. 1-2).

Del otro lado del Río de la Plata, circuló un poco antes en una edición de *La Verdad*, órgano oficial del recién conformado Partido Revolucionario de los Trabajadores (PRT), una materia intitulada "EUA: piquetes armados de defensa". El

texto abordaba largamente la radicalidad de las olas de protesta negro que estaban, por aquellos días, agitando la situación política estadounidense. La conclusión reitera, en llave parecida a la de *Marcha*, la noción de aprendizaje, que parece haber sido central en la lectura de los eventos mundiales:

Los trabajadores latinoamericanos, y especialmente argentinos, tienen mucho que aprender de sus hermanos yanquis, porque aquí también la prepotencia patronal y policial acostumbra represaliar a los activistas, a los huelguistas, y a los que se movilizan contra todas las formas de explotación. Los negros norteamericanos están aprendiendo y enseñándonos (PIQUETES , 1965, p. 9).

El PRT venía acompañando con particular atención, no solo en sus publicaciones, la trayectoria de diversos movimientos revolucionarios y de liberación en aquel período. Fundado en 1965 a partir de la fusión de dos organizaciones anteriores, el Frente Revolucionario Indoamericano y Popular (FRIP) y Palabra Obrera (PO), el PRT abarcó en su propia constitución una cantidad interesante de los condimentos que compusieron aquel complejo escenario de agitación global. A pesar de ausente la designación de "Tercer Mundo", la apreciación solidaria de las regiones habitualmente entendidas como componentes de esa comunidad era recurrente en las páginas de los organismos de prensa asociados al PRT. Resultado de la confluencia de tradiciones parcialmente disonantes, el indigenismo latinoamericanista por parte del FRIP, y el trotskismo vinculado a las concepciones de Nahuel Moreno en el PO, el partido sufriría una ruptura tres años más tarde en medio a calurosas polémicas acerca de la viabilidad y las formas de implantación de la lucha armada (CARNOVALE, 2011; MANGIANTINI, 2014). En los años en que existió de manera unificada, aun cuándo lo que le llegaba de los acontecimientos en determinados lugares del mundo era tan solo "un ruido", el PRT mantuvo en su principal publicación, *La Verdad*, una columna internacional sugestivamente subtitulada "la revolución que nos rodea".

Por tratarse, muchas veces, de lugares geográficamente distantes, desconocidos por el público al que se dirigía el periódico, y cuyas fuentes de información no eran necesariamente abundantes, las noticias internacionales, guardaban peculiaridades en relación al conjunto del material que *La Verdad* ponía en circulación. En muchas ocasiones, eran difundidas notas informativas que buscaban brindar un panorama generalizado acerca de países, gobiernos o procesos políticos en curso. En otros casos, eran reproducidos textos de organismos internacionales y medios de comunicación masivos, que posibilitaron, por un lado, reunir información necesaria a la tomada de posición y, por otro, definir una ubicación relacional cuanto al punto de vista de otros emisores.

Así, mediados por comentarios editoriales, aparecen reproducidas en el periódico innúmeras materias de *New York Times*, *Le Figaro*, *Le Monde*, "uno de los periódicos mejor informados del mundo" (CUBA, 1966, p. 4) entre otros vehículos de la prensa internacional, responsables por la composición de un acervo factual sobre los eventos en tela. Otra fuente importante de esas noticias eran las publicaciones de organizaciones revolucionarias alrededor del mundo. Sean las directamente implicadas en el objeto del que se busca tratar, sea organismos vinculados al movimiento trotskista internacional, como es el caso de *The Militant* y de la revista francesa *Quatrieme internationale*, replicados en diversas ocasiones. De esta manera,

*La Verdad* buscaba asimilar una gran cantidad de información sobre acontecimientos mundiales, abordándolos en la llave de construcción de un amplio panorama sobre la lucha antiimperialista a escala global.

En las páginas del último número de su primer año de existencia, la organización dejó marcado con claridad el sentido que atribuía, no solamente para sí, a la observación de los acontecimientos alrededor del globo:

Al finalizar el año de 1965, los dirigentes del capitalismo y el imperialismo mundial harán, como nosotros, el balance de sus pérdidas y ganancias en la explotación de la humanidad, y se sentarán a analizar las perspectivas que ofrece el año de 1966. En realidad, aunque el año que finaliza les proporcione la ocasión de celebrar algunos importantes triunfos y algunos avances, el cuadro general de lo acontecido y, mucho más el futuro que se avizora, no le dará mayores motivos ni para la alegría ni para el optimismo. Por el contrario, los revolucionarios del mundo entero, cualesquiera que hayan sido las derrotas y retrocesos parciales sufridos encontrar en la situación internacional, con solo mirar el mapa del globo terráqueo, los más fundados motivos para creer en el futuro socialista de la humanidad, fortalecer la fe en sus propias fuerzas, y tonificar su moral combatiente (EL AVANCE, 1965, p. 10).

A lo largo del texto, el mundo es asimilado a partir de una división que ya no corresponde a la de los dos bloques habituales, pero a una geografía que los redefinía antinómicamente entre "Revolución de las masas explotadas y contrarrevolución de los explotadores" (EL AVANCE, 1965, p. 10). De esta forma, se lamentaba las derrotas en países como Congo, Indone sia y Brasil, al paso que se registraba la ascensión de la revolución colonial" en lugares como Angola y en el Vietnam. El zigzag de los frentes de batalla.

En este escenario, organismos internacionales difusores de noticiario alternativo (contrahegemónico) asumieron un papel fundamental, con destaque para los contenidos producidos desde La Habana. A partir de la realización, en enero de 1966, de la conferencia Tricontinental entre movimientos revolucionarios de África, Asia y América Latina, el gobierno revolucionario cubano fortalecería su rol en cuanto polo diseminador de informaciones sobre los conflictos sociales del Tercer Mundo a través de la publicación de un *Boletín Tricontinental* y de una revista bimensual de mismo nombre. Como emprendimientos asociados a la Organización de Solidaridad de los Pueblos de África, Asia y América Latina (OSPAAAL), las publicaciones pusieron en circulación una enorme cantidad de material gráfico plurilingüe, replicado en diversas ocasiones por periódicos progresistas en todo el mundo (PADILLA; PALIERAKI, 2019; GENEROSO, 2018).

Principal dirigente de una de las fracciones originadas de la ruptura del PRT, el PRT-*El Combatiente*, Mario Roberto Santucho escribió para la revista *Dimensión*, en mayo de 1962, una reseña de *África: las raíces de su rebeldía*, libro publicado en el año anterior por la Editorial Platina, de autoría de Jack Woddis. Aludiendo a la mecánica de la explotación explicada "con suma claridad" por el autor a lo largo del texto, el entonces dirigente del FRIP reparaba en algunas características que le resultaban familiares: "el éxodo, similar al de nuestro campesinado; la deformación de

la estructura económica en beneficio de las potencias coloniales, ejemplificada con los transportes, que también en el África, como en el caso de nuestros ferrocarriles, están contruidos para extraer las riquezas del continente" (CRÍTICA , 1962, p. 7).

La analogía, sin embargo, no impide que el mismo Santucho le haga un reparo: "En los últimos capítulos Jack Woddis ensaya una explicación – demasiado ligera – de las fuerzas motrices de la revolución colonial africana. Pero esto no desmerece en absoluto el valor del libro como buenísima información de la situación actual del continente africano" (CRÍTICA , 1962, p. 7). En el corto espacio de la reseña, Santucho no desarrolla sus ideas respecto a la revolución colonial, pero deja en relieve el interés en comprender, a partir de otras geografías, las luchas que observaba en su región. En el texto reseñado por él, Woddis, miembro destacado del Partido Comunista de Gran Bretaña, señala la existencia de un modelo internacional de espoliación de recursos de los territorios coloniales, a través de mecanismos discriminatorios que auxiliaban el mantenimiento de un sistema de mano de obra esencialmente barata, que constituyó la base de las tasas de beneficio excepcionalmente elevadas. El éxito de las luchas de liberación en países asiáticos habría demostrado, sin embargo, la fragilidad de tal sistema – en rigor, un tigre de papel– evidenciando, también para los países africanos, "el poderío del pueblo oprimido, una vez que se lanza a la lucha, al unísono, por su propia libertad nacional" (WODDIS, 1962, p. 255). A pesar de no mencionar otras regiones del globo, el remate del autor puede resultarnos particularmente sugestivo: "la inspiración y la emulación fueron seguidas por la consciencia de un interés en común" (WODDIS, 1962, p. 255).

No obstante, sea imposible precisar la influencia del texto de Woddis en la visión política del joven Santucho, es interesante que la corta reseña de ese libro haya sido la única participación firmada por "Robi" en la revista dirigida por su hermano Francisco René. En aquel momento, *Dimensión* ya se había constituido como un importante polo de incitación política e intelectual de Santiago del Estero, como expresión de intuiciones antiimperialistas que conformarían, con el tiempo, uno de los ejes fundamentales de la actuación estratégica de los grupos frecuentados y liderados por los actores involucrados en aquel proyecto.

El PRT-*El Combatiente* asumió progresivamente la centralidad de la lucha armada como método para derrocar el capitalismo hasta la fundación, en 1970, de su propio Ejército Revolucionario del Pueblo (ERP) y repercutió ampliamente materiales producidos en el exterior<sup>2</sup> sobre los movimientos de liberación en el Tercer Mundo. En sus principales órganos de prensa, permaneció patente la preocupación con los destinos de las luchas internacionales, en las cuales procuró intervenir de formas muy directas (MARCHESI, 2019; SILVA, 2016). Respecto a su vecino Uruguay, por ejemplo, *El Combatiente* no hesitaba en señalar que, a través de un camino "cuyo derrotero ya ha señalado con meridiana claridad el Movimiento de Liberación Nacional, los Tupamaros", el advenimiento revolucionario en aquel país sería "en esencia y en definitivo la emancipación continental" (TUPAMAROS, 1968, p. 9).

<sup>2</sup> Circularon en las páginas de *El Combatiente* contenidos elaborados desde tradiciones políticas bastante heterogéneas. Para citar algunos ejemplos, es posible encontrar allí la reproducción de análisis aparecidos en la chilena *Punto Final*, la francesa *Rouge* (asociada a la LCR) y difundidos por la *Intercontinental Press* (vinculado a *The Militant*).

Por el mismo carácter de la organización editora, el noticiero internacional de *El combatiente* legó un espacio importante a la trayectoria de otros "ejércitos populares" alrededor del mundo, buscando destacar su eficacia. Además, abundaban en las páginas de la publicación campañas de solidaridad internacional a presos políticos y notas obituarías sobre militantes "caídos" en combate. Todas esas formas de aproximación permitían al PRT-ERP delimitar su programa político, en contraste o asociación, con partidos y organizaciones a cuyo campo de acción se sentían vinculados – o pretendían disputar. Esta actividad tuvo fuerte influencia en la conformación de una identidad partidaria específica e influyó de forma duradera en su accionar.

La situación en Uruguay no tomó los rumbos imaginados por *El Combatiente* en agosto de 1968, pero también allí los ojos estuvieron apuntados a las posibilidades de emancipación surgidas en el horizonte mundial a la altura. En el año siguiente, en un admirable episodio de tránsito internacional de intelectuales del Tercer Mundo, el poeta Mario Benedetti compareció como invitado al Primer Festival Cultural Panafricano, realizado en la ciudad de Argel. Es imposible saber precisamente si intercambiaron opiniones, se sentaron lado a lado, o al menos reconocieron sus rostros en medio a la profusión de músicos, guerrilleros, estadistas y escritores, pero gracias a una materia publicada en *Marcha* en aquel mismo año, tenemos noticias de que concurrieron al evento personalidades como Stokeley Carmichael, Nina Simone, Francisco Urondo, Miriam Makeba, Antonio Caparrós, entre muchas otras (BENEDETTI, 1969).

En el relato de Benedetti acerca de su experiencia en Argel no se encontraban analogías inmediatas entre la situación de los países africanos y la realidad latinoamericana, pero se expresaba una preocupación con "la integración de África al Tercer Mundo" que dejaba vestigios de la importancia de aquel espacio para el autor. Comentando la exhibición de una serie de películas durante el Festival, el poeta uruguayo repercute la relación hecha por la propia crítica argelina entre el recién presentado *L'aube des damnés* (Amanecer de los condenados) de Ahmed Rachedi y *La hora de los Hornos*, del año anterior, dirigido por el también presente Francisco Solanas:

Así como Solanas parte de un país (Argentina) y un fenómeno concreto (el peronismo) para tratar de comprender la realidad latinoamericana y su urgente necesidad de soltar amarras con el imperialismo, Ahmed Rachedi parte de Argelia y su revolución para entender el Tercer Mundo y su incesante brega contra el colonialismo. El ritmo de esta película testimonial sigue un crescendo que llega a ser estremecedor en los últimos tramos, cuando se señala que "esta historia no ha terminado", así que "vayan aprontando los colores para los nuevos mapas" (BENEDETTI, 1969, p. 6-7).

La liberación del Tercer Mundo, asimilada aquí como motivo ético y político, parecía establecer las bases para un sentido estético sobre el cual se desarrollaba un lenguaje común. Benedetti dice también cuando calla. Respecto a las películas exhibidas en el Festival, decide no comentar *La batalla de Argel* "suficientemente conocida por los lectores latinoamericanos" apenas dos años después de su divulgación. En aquel mismo número de *Marcha*, a lo largo de otras intervenciones transcritas desde el Festival, la apuesta de Henri Lópes, representante del entonces Congo Brazzaville (actual República del Congo), era la de que la rigidez de las censuras y aduanas sería

desafiada por el contenido implacable de ideas como las de Frantz Fanon, capaces de attingir cualquier región del globo "donde el corazón reclama un mundo más justo" (LÓPES, 1969, p. 52).

Por la redacción de *Nuevo Hombre*, el pensamiento del filósofo revolucionario, psicoanalista y escritor martiniqués, figura clave en formulación del ideario anticolonialista radical en el período, había sido presentado en 1971 "como el mensaje global de mayor transcendencia que ha dado un intelectual revolucionario, con respecto a los acontecimientos de revolución social del llamado Tercer Mundo" (VALLEJO, 1971, p. 13). En la primera etapa de su existencia, todavía bajo la dirección de Enrique Walker y con un cuerpo editorial y de colaboradores compuesto por individuos provenientes de distintas tradiciones políticas de izquierdas, la revista *Nuevo Hombre*<sup>3</sup> ofreció a sus lectores una vasta gama de informaciones sobre esos acontecimientos en una serie de textos publicados bajo el título *Las luchas en el Tercer Mundo* de autoría de José Ricardo Eliashev. Allí, una vez más, la comunidad imaginada de países en pugna por liberación era abordada a través de hilos conductores que posibilitaban la expresión de una ostensiva cercanía. América Latina, África y Asia son presentados como "frentes de combate" de una misma guerra en la cual "con suerte diversa y corrección también cambiante – varios pueblos del Tercer mundo libran combates por su independencia, soberanía y su realización" (ELIASCHEV, 1971a, p. 4).

El manantial de informativo de la revista sugería además sus variadas conexiones internacionales. En una nota respecto a una serie de desertiones en el ejército Israel, Eliashev tejía el siguiente comentario: "Los lectores de *Nuevo Hombre* dispondrán, con el artículo que sigue, de un material exclusivo e inédito en Argentina, facilitado por la revista *La Gauche*, semanario de la "Liga Revolucionaria de los Trabajadores" de Bélgica" (ELIASCHEV, 1971b, p. 15). Reivindicando la importancia de este tipo de divulgación, el periodista agregaba: "este tipo de informaciones son prolijamente olvidadas por el casi omnipotente aparato de la prensa internacional" (ELIASCHEV, 1971b, p. 15)

El análisis del noticiero internacional en publicaciones de izquierda en los marcos de los 60 globales, que incluye crónicas como las de Benedetti, o la transcripción literal de materiales producidos por organizaciones políticas y agencias de noticias extranjeras, parece constituirse en una fuente valiosa para la recomposición de la atmosfera política del período. Su lectura denota la complejidad del escenario de relaciones, perspectivas y aspiraciones a partir del cual fue construido el horizonte de posibilidades que informó el accionar de una multiplicidad de sujetos individuales y colectivos. De Santo Domingo al Vietnam, de los "colonos negros" en Estados Unidos a los de Angola, se esgrimió un sentido de integración, no apenas discursiva, que influyó decisivamente en la constitución de la década de 1960 como un período de contestación a escala global.

---

<sup>3</sup> Nuevo Hombre tuvo una vasta circulación entre la izquierda argentina desde sus primeros números publicados en julio 1971. Identificada inicialmente como un espacio de confluencia de la intelectualidad antiimperialista y antidictatorial, fue adquirida posteriormente por el PRT-ERP, atravesando, hasta su desaparición en 1976, importantes transformaciones en su orientación editorial, pero manteniendo su impronta y su relativamente vasto poder de circulación.



## CONCLUSIÓN

En cuanto figura prominente del movimiento negro y del Black Power estadounidense, Stokeley Carmichael compareció a la primera reunión de la Organización Latinoamericana de Solidaridad (OLAS) realizada en Cuba en 1967. Involucrado en los combates antirracistas librados en el interior de los Estados Unidos, Carmichael parecía expresar, en un discurso producido en los marcos de aquel emblemático encuentro, la aspiración de una cartografía insurgente:

Ya nos hemos comprometido a hacer lo que se nos pide para ayudar en la lucha. por la independencia de Puerto Rico, para liberarlo del dominio de los intereses comerciales y militares de los EUA. Y miramos a Cuba como un brillante ejemplo de esperanza en nuestro hemisferio. No vemos nuestra lucha contenida en los límites de los Estados Unidos tal como los definen los mapas actuales. En cambio, miramos al día en que un verdadero, Estados Unidos de las Américas, se extenderá de la Tierra del Fuego a Alaska, cuando los anteriormente oprimidos permanecerán juntos, un pueblo liberado (CARMICHAEL, 1967, p. 4, traducción nuestra).

La imaginación de geografías capaces de asociar a los países oprimidos, conectándolos a través de concepciones sintónicas de las luchas emancipadoras, fue una de las marcas del internacionalismo tercermundista tal como se expresó durante la Guerra Fría. En cuanto "mito movilizador" esta idea de Tercer Mundo ha perdido su eficacia real. Podemos estar de acuerdo con el diagnóstico de Arif Dirlik: este ya no existe más (2013, p. VIII). Está claro que aquel conjunto de aspiraciones y aquella comunidad imaginada dejó de vigorar como tal y hasta incluso como imagen de sí, lo que no invalida la persistencia de ciertas similitudes, ni puede significar precisamente el ocaso – o la solución- de las razones que un día inspiró. En este trabajo quisimos acercarnos brevemente a algunas de ellas.

La inteligibilidad de los años 60 y 70, período en que el Tercer Mundo estuvo "en todos los lugares en la cabeza y los corazones de los activistas" (DIRLIK, 2013, p. viii), demanda la comprensión de su carácter mayoritariamente integrador, capaz de propulsar mundialmente identidades y proyectos colectivos en compleja conexión con las más variadas realidades locales. Las lecturas transnacionales, conectadas y globales de la historia del período dan cuenta de un enorme flujo de individuos e ideas en los más variados sentidos y en una dirección que parecía ser la de la solidaridad internacional activa, capturada con bastante interés por los textos y publicaciones del período.

A lo largo de aquellos años, sujetos individuales y colectivos compartieron una experiencia de globalidad que se volvía palpable en la lectura de los periódicos, en el consumo de determinados productos culturales, en viajes turísticos de "reconocimiento del mundo" o aún, claro, en la militancia internacionalista a través de la cual varios actores pretendieron dar sentido a sus anhelos de transformación de una realidad que consideraban injusta. Para el trabajo historiográfico, el acercamiento a estas complejas redes de intercambio y a las visiones de mundo tan características del período ayuda a recomponer ciertos horizontes compartidos en la época y, en un sentido amplio, a reposicionar el significado de su radicalidad.

## REFERENCIAS

150,000 COMPAGNI a Torino a fianco della resistenza cilena e del popolo greco, per la rivoluzione. *Lotta Continua*, Año II, n. 269, Roma, 20 nov. 1973.

BENEDETTI, Mario. Africa 1969: su fuerza y su vulnerabilidad. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 28, p. 5-13, agosto 1969.

BERGEL, Martín. *El oriente desplazado: los intelectuales y los orígenes del tercermundismo en la Argentina*. Bernal: Universidad Nacional de Quilmes, 2018. Formato ePub.

CARMICHAEL, Stokely. *Black Power and the Third World*. Ontario: Third World Information Service, 1967. Disponible en: <https://www.freedomarchives.org/Documents/Finder/Black%20Liberation%20Disk/Black%20Power!/SugahData/Books/Carmichael.S.pdf>. Accedido en: 18 oct. 2020.

CARNOVALE, Vera. *Los combatientes: historia del PRT-ERP*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2011.

CHURCHILL, Lindsey. *Becoming the Tupamaros: solidarity and transnational revolutionaries in Uruguay and the United States*. Nashville: Vanderbilt University Press, 2014.

CONRAD, Sebastian. *Historia global: una nueva visión para el mundo actual*. Barcelona: Crítica; Planeta, 2017.

CRÍTICA de libros. *Dimensión*, Santiago del Estero, Año VII, n. 8, mayo 1962.

CUADERNOS DE MARCHA. Montevideo, n. 12, abr. 1968.

CUADERNOS DE MARCHA. Montevideo, n. 43, nov. 1970.

CUBA Socialista 1966. *La Verdad*, Buenos Aires, Año 2, n. 46, 27 jun. 1966.

DEVÉS VALDÉS, Eduardo. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. El pensamiento latinoamericano en el siglo XX: entre la modernización y la identidad. Tomo I. Buenos Aires: Biblos, 2000.

DIRLIK, Arif. The Third World in 1968. In: CHRISTIANSEN, Samantha; SCARLETT, Zachary. *The Third World in the global 1960s*. Oxford: Berghan Books, 2013. p. VII-IX.

EL AVANCE de las masas exige un Partido Revolucionario Internacional. *La Verdad*, Buenos Aires, Año 1, n. 24, 29 dic. 1965.

ELIASCHEV, José Ricardo. El Genocidio de los Palestinos: acerca de como se liquida un pueblo. *Nuevo Hombre*, Buenos Aires, Año I, n. 3, p. 4-5, 4-10 agosto 1971a.



ELIASCHEV, José Ricardo. Los primeros desertores del ejército israelí. *Nuevo Hombre*, Buenos Aires, Año I, n. 15, 27 oct./2 nov. 1971b.

ESPECHE, Ximena. Cerca de la revolución: Uruguay, el semanario *Marcha* y la integración latinoamericana (1958-1959). *Nuevo Mundo Mundos Nuevos*, [Questions du temps présent], Paris, 30 mayo 2011 [en línea]. Disponible en: <http://journals.openedition.org/nuevomundo/61486>. Accedido en: 20 mayo 2021.

GALLINARI, Prospero. *Un contadino nella metrópoli: ricordi di un militante delle Brigate Rosse*. Milano: Bompiani, 2012.

GENEROSO, Lídia Maria de Abreu. “O povo colonizado não está sozinho”: Terceiro Mundo, anti-imperialismo e revolução nas páginas da revista *Tricontinental* (1967-1976). 2018. 217 h. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018.

GILMAN, Claudia. *Entre la pluma y el fusil: debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2003.

GLEIJESES, Piero. *Conflicting Missions: Havana, Washington, Africa – 1959-1976*. Chapel Hill: University of North Carolina Press, 2002.

KALTER, Christoph. *The discovery of the Third World: decolonization and the rise of the New Left in France, c.1950-1976*. Cambridge: Cambridge University Press, 2016.

LANGLAND, Victoria. Transnational connections of the global sixties as seen by a historian of Brazil. In: JIAN, Chen; KLIMKE, Martín; KIRASIROVA, Masha; NOLAN, Mary; YOUNG, Marilyn; WALEY-COHEN, Joanna. *The Routledge handbook of the global sixties: between protest and nation-building*. New York: Routledge, 2018. p. 15-26.

LETTERA di un compagno di Lotta Continua che è stato per mesi con i compagni guerriglieri dell'MPLA. *Lotta Continua*, Milán, Año III, n. 3, 17 feb. 1971.

PALABRA OBRERA *et al.* Llegan los delegados del Frente de Liberación Argelino! (Volante de Comité de Recepción de la delegación del FLN a Argentina), oct. 1960. Fundación Pluma [en línea]. Disponible en: <http://www.fundacionpluma.info:8080/xmlui/handle/123456789/7402>. Accedido en: 17 mayo 2020.

LÓPES, Henri. Proponernos transformar la naturaleza humana. *Cuadernos de Marcha*, Montevideo, n. 28, p. 51-53, agosto 1969.

MANGIANTINI, Martín. *El trotskismo y el debate en torno a la lucha armada: Moreno, Santucho y la ruptura del PRT*. Buenos Aires: El Topo Blindado, 2014.

MANZANO, Valeria. *On the Revolutionary Road: youth, displacements, and politics in the 'long' Latin American sixties*. In: JOBS, Richard Ivan; POMFRET, David

M. Transnational Histories of Youth in the Twentieth Century. London: Palgrave Macmillan, 2015. p. 167-187.

MARCUSE, Herbert. *Un ensayo sobre la liberación*. México, D.F.: Editorial Joaquín Mortiz, 1969.

MARCHESI, Aldo. *Hacer la revolución*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2019.

MARCHESI, Aldo. Imaginación política del antiimperialismo: intelectuales y política en el Cono Sur a fines de los sesenta. *E.I.A.L.*, Montevideo, v. 17, n. 1, 2006 [en línea]. Disponible en: <http://www.geipar.udelar.edu.uy/index.php/2016/03/24/imaginacion-politica-del-antiimperialismo-intelectuales-y-politica-en-el-cono-sur-a-fines-de-los-sesenta/>. Accedido en: 15 mayo 2021.

PADILHA, Fernando Camacho; PALIERAKI, Eugenia. Hasta Siempre, OSPAAAL! *NACLA Report on the Americas*, Nueva York, v. 51, n. 4, dic. 2019.

PETTINÁ, Vanni. *Historia mínima de la Guerra Fría en América Latina*. México, D. F.: El Colegio de México, 2018.

PIQUETES armados de auto defensa. *La Verdad*, Buenos Aires, Año 1, n. 12, 4 oct. 1965.

REIS, Raissa Brescia dos; RESENDE, Taciana Almeida Garrido. Bandung, 1955: ponto de encontro global. *Esboços*, Florianópolis, v. 26, n. 42, p. 309-332, mayo/agosto 2019.

SANTO DOMINGO. *Pasado y Presente, revista de ideología y cultura*, Córdoba, Año 2, n. 7-8, p. 121, oct. 1964/marzo 1965.

SILVA, Izabel Priscila Pimenta da. “*Por ti, América*”: luta armada, internacionalismo e latino-americanismo na trajetória da *Junta de Coordinación Revolucionaria*. 2016. 285 h. Tesis (Doctorado en Historia Social) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, Brasil, 2016.

SLOBODIAN, Quinn. *Foreign Front: Third World Politics in Sixties West Germany*. Duke University Press, Durham & London, 2012.

TUPAMAROS: Primer paso hacia el ejército revolucionario. *El Combatiente*, Montevideo. Año 1, n. 14, p. 9, 22 agosto 1968.

VALLEJO, Esteban. Algo más sobre Fanon: aportes y distorsiones con respecto a los escritos de un revolucionario. *Nuevo Hombre*, Buenos Aires, a. 1, n. 23, p. 22-28, dic. 1971.

WODDIS, Jack. *Africa: las raíces de su rebelión*. Buenos Aires: Editorial Platina, 1962.



## NOTAS DEL AUTOR

---

### DIRECCIÓN PARA LA CORRESPONDENCIA

Avenida Presidente Roque Sáenz Peña 832, C1035 AAQ, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

### ORIGEN DEL ARTÍCULO

Una versión preliminar de este texto fue producida en los marcos del seminario "Problemas de Historia Política" dictado en 2019 en el Instituto de Altos Estudios Sociales (IDAES) de la Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), por el Dr. Ernesto Bohoslavsky.

### AGRADECIMIENTOS

Agradezco a Ernesto Bohoslavsky, Hugo Ramos y Valeria Manzano por sus críticas y comentarios a la versión original del texto.

### FINANCIACIÓN

Este trabajo fue financiado por el Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas de Argentina (CONICET) mediante Beca de Investigación Doctoral.

### APROBACIÓN DEL COMITÉ DE ÉTICA EN INVESTIGACIÓN

No se aplica.

### CONFLICTO DE INTERESES

No hubo conflicto de intereses.

### LICENCIA DE USO

© Lucas Duarte. Este artículo está bajo la [Licencia Creative Commons CC-BY](#). Con esta licencia puedes distribuir, mezclar, ajustar y construir para cualquier propósito, incluso con fines comerciales, siempre que le sea reconocida la autoría de la creación original.

### PUBLISHER

Universidad Federal de Santa Catarina. Programa de Posgrado en Historia. Portal de publicaciones periódicas UFSC. Las ideas expresadas en este artículo son responsabilidad de sus autores, y no representan necesariamente la opinión de los editores o de la universidad.

### EDITORES

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora en jefe)

### HISTÓRICO

Recibido: 13 de noviembre de 2020

Aceptado: 18 de mayo de 2021


Cómo citar: DUARTE, Lucas. Expresiones del internacionalismo tercermundista en el contexto de los 60 globales: una mirada desde el Cono Sur. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 427-446, mayo/agosto 2021.



**HISTÓRIA SOCIAL DE UM  
DOCUMENTO GLOBAL:  
TRAJETÓRIAS DO FILME 25 E A  
ESCRITA DA HISTÓRIA DA ÁFRICA  
PÓS-COLONIAL (MOÇAMBIQUE,  
BRASIL E EUROPA, 1974-2019)**

Social History of a global document: the lives of the film 25 and the writings of a post-colonial African history (Mozambique, Brazil, and Europe, 1974-2019)

**Matheus Serva Pereira<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-6757-6088>

E-mail: [matheusservapereira@gmail.com](mailto:matheusservapereira@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal

**DOSSIÊ**  
Internacionalismo e história global

## RESUMO

O artigo analisa as trajetórias da realização do filme 25 e os caminhos que levaram ao Arquivo Edgard Leuenrouth (AEL), localizado na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), a terem sob seus domínios o vasto acervo documental e imagético da produção. O artigo também aborda as consequências e desafios da escrita da história da África provocados pela incontornável pulverização dos acervos documentais sobre o passado africano existente em arquivos ao redor do globo. Realizado por José Celso Martinez Corrêa e Celso Luccas, ambos do grupo dramaturgico brasileiro Teatro Oficina, com apoio financeiro português, inglês, belga, francês e moçambicano, o filme é, ao mesmo tempo, um registro da independência de Moçambique, uma imaginação visual anticolonial para o país independente e uma proposta de construção de um futuro pós-colonial global. Pensando o 25 e uma vasta gama de documentos relacionados ao filme a partir da história social, o artigo aborda questões referentes a produção cinematográfica no contexto da independência moçambicana e a escrita da história da África durante e depois da formação das nações no continente. As dificuldades contemporâneas em se ter acesso aos arquivos nos/dos países africanos acarreta a necessidade de uma escrita da história da África pós-colonial que leve em consideração o internacionalismo das dinâmicas da formação das nações no continente. Nesse sentido, o artigo analisa o 25 como uma maneira de debatermos o estudo do passado africano durante e depois das descolonização e os arquivos e o que salvaguardar ou não em seus espaços como uma maneira de produzir uma história da nação.

## PALAVRAS-CHAVE

História da África. Arquivo. Independência de Moçambique.

## ABSTRACT

This paper analyzes the paths that led to the Edgard Leuenrouth Archive (AEL), located at the State University of Campinas (UNICAMP), having a large number of written documentations, photographs, and posters produced during the filming and distribution of the film 25. The paper also analyzes the challenges of writing African history caused by the inevitable pulverization of the documentary collections about the African past in archives located around the world. Produced and directed by José Celso Martinez Corrêa and Celso Luccas, both from the Brazilian dramaturgical group *Teatro Oficina*, with Portuguese, English, Belgian, French, and Mozambican funding, the film is a record of Mozambique's independence, a creation of a visual post-colonial imagination and a proposal to build a global post-colonial future. The film 25 and a whole range of documents related to the film are interpreted from the perspective of social history. In this sense, the article addresses issues related to film production in the context of Mozambican independence and the writing of African history during and after the formation of African nations. The contemporary difficulties in having access to archives in and from African countries implies the need for producing a history of post-colonial Africa that considers the internationality of the dynamics of the formation of African nations. In this sense, the paper analyzes 25 as a way to debate the study of African pasts during and after the decolonization and the archives as an important space of production of the official history of the nation.

## KEYWORDS

African History. Archive. Mozambique Independence.

**E**nquanto espaço de poder, o arquivo é um local de seleção que privilegia certos documentos em detrimento de outros. Ao longo dos anos 1980 e 1990, diferentes vertentes historiográficas problematizaram os arquivos como fruto de processos complementares de resgate e de organização do esquecimento (STOLER, 2002). As reflexões sobre a escrita da história e sua relação com os arquivos têm encarado estes não apenas como repositórios de conhecimentos, mas como locais de produção do conhecimento, como responsáveis pela monumentalização dos Estados e como espaços privilegiados para a realização de exercícios etnográficos das relações de poder nos/dos Estados. Portanto, é fundamental tratá-los, ao mesmo tempo, como repositórios de fontes históricas para o trabalho historiográfico e sujeitos históricos que interferem na escrita da história.

Os arquivos, sobretudo aqueles resultantes dos exercícios da dominação colonial, precisam ser entendidos como agentes produtores de “fatos” e detentores de poderes. Sua imbricada capacidade em atribuir status a formas e conteúdo são promovedoras de uma importância singular na legitimação do Estado. Ao mesmo tempo, enquanto locais constitutivos do poder do Estado, os arquivos pós-coloniais, sobretudo os compostos por materiais advindos das lutas anticoloniais, preocupados em restituir histórias marginalizadas e silenciadas pelo poder colonial, apontam para as imbricadas disputas levadas pelos variados projetos nacionais existentes no continente, assim como para a dimensão global da construção dos Estados-nação na África contemporânea. Documentos em arquivos e os edifício que os salvaguardam são símbolos de instituições, fazem parte constitutiva do Estado e dos órgãos que controlam o acesso às fontes históricas. Porém, a existência de arquivos também constitui uma constante ameaça ao Estado ou, ao menos, aos grupos e agentes do poder que controlam o aparato estatal. Afinal, os arquivos são composições feitas por fragmentos que, a partir de determinados critérios, podem ser (re)organizados para contar variadas histórias.

As pesquisas preocupadas em produzir uma história “vista de baixo”, assim como aquelas que se dedicaram, a partir dos anos 1950, em escrever uma história da África a partir de um ponto de vista distinto dos parâmetros coloniais europeus, estão familiarizadas com as dificuldades de reconstruir o passado de sujeitos sociais que não necessariamente produziram seus próprios registros. A separação da história da África da história dos impérios passou, fundamentalmente, pelo exercício de produção historiográfica contra a corrente, das entrelinhas, dos não ditos. Os processos de independência das nações africanas, a partir da segunda metade do século XX, foram acompanhados pelo surgimento de uma nova escrita da história da África. Rompendo com uma produção racista imperial sobre o passado do continente e de seus habitantes, controlar a escrita sobre o seu próprio passado significava também ter o controle sobre os arquivos no qual estavam os documentos que pudessem ser utilizados para a construção dessa história (COOPER, 2016).

Como um exercício de constatação dos erros e dos mal-entendidos, a reorganização dos arquivos coloniais em arquivos pós-coloniais ou a produção de novos processos de arquivamentos pelas nações africanas independentes promoveu uma crítica aos saberes e poderes colonizadores europeus que, com suas lentes racistas, distorceram, interferiram e dominaram as sociedades africanas, mas não as silenciaram. Os debates sobre o uso de determinados conceitos, como o de resistência, no estudo do passado africano, permanecem em debate (COOPER, 2008). A emergência da escrita da história da África em parâmetros não eurocentrados



passou por um diálogo entre a capacidade – ou não – de historiadores e historiadoras em transpor as barreiras silenciadoras existentes nos documentos arquivísticos coloniais para analisar os africanos como sujeitos de suas histórias. Trabalhos como os de Terence Ranger (1968), Allen Isaacman e Barbara Isaacman (1976; 1977) foram pioneiros em buscar sistematizar a relação entre a invisibilidade de africanos e africanas nos arquivos dos colonizadores europeus e a noção de resistência como base para a análise da ação africana no passado. Dialogando com pesquisas sobre as ações dos escravizados nos Estados Unidos, estimularam a construção da noção de “hidden transcription” desenvolvida, nos anos 1980, por James Scott. Como coloca Scott (1990, XII), “How do we study power relations when the powerless are often obliged to adopt a strategic pose in the presence of the powerful and when the powerful may have an interest in overdramatizing their reputation and mastery?” Nesse sentido, as resistências são compreendidas dentro de um leque de repertórios, como as “resistências as escondidas” (*hidden resistances*) ou as “resistências quotidianas” (*everyday resistances*), que as experiências e ações prosaicas daqueles sem poder são acionadas de forma velada, dependendo da situação, contra a sua segregação.

Ao mesmo tempo, o arquivo tem sido apontado como uma invenção contemporânea empregada como dispositivo tecno-ideológico de dominação do poder colonial europeu. Nesse sentido, funcionou como uma tecnologia de controle onde as relações de poder coloniais foram inscritas, armazenadas e codificadas (STOLER, 2002). Enquanto local repositório e produtor de conhecimento, na transição do período colonial para o pós-colonial, o arquivo tornou-se um importante mecanismo de contraposição da sistematização epistemológica do poder colonial, principalmente a partir do exercício de novas maneiras de combinar seus conteúdos e promover novas representações. Ao longo dos processos de dismantelo das estruturas coloniais europeias na África, rapidamente foi percebido pelas novas nações o poder que emanava dos arquivos, acarretando um processo de reorganização dos arquivos coloniais em arquivos pós-coloniais. Este não foi um processo linear de suplantação de uma estrutura burocrática de dominação externa por outra capaz de registrar uma realidade fidedigna das sociedades africanas. Como local constitutivo do poder do Estado e tecnologia que o reforça, os arquivos surgidos no período pós-colonial indicam as imbricadas disputas dos variados projetos nacionais existentes no continente.

Uma característica desafiadora para as investigações dedicadas ao estudo do contexto histórico das descolonizações está na natureza dos arquivos produzidos no âmbito das pautas anticoloniais. Sua característica subterrânea, de subversão do poder instituído e de circulação daqueles que combateram pela libertação acarreta uma dificuldade, primeiramente, em localizar sua própria existência. A natureza internacional da construção dos Estados-nação africanos, resultante das conjunturas das demandas e necessidades de uma luta global pela libertação do jugo colonial, derivaram em uma significativa dispersão documental. Por isso mesmo, as miscelâneas dos arquivos pós-coloniais encontram, por vezes, caminhos inusitados. A ordenação de fragmentos documentais em fundos arquivísticos a serem investigados muda, muitas vezes, de como ler arquivos imprecisos ou inconsistentes para como encontrar qualquer arquivo (WHITE, 2015).

A aleatoriedade, o armazenamento caótico, a incompletude dos fundos arquivísticos das instituições de salvaguarda do passado nos territórios africanos, assim como a dispersão de documentos ao redor do mundo, precisam ser encarados não tanto como um obstáculo para escrever a história da África, mas como uma parte integrada

dessa história. A questão é como a miscelânea de documentos existentes ao redor do globo sobre o período pós-colonial conta uma história dos processos de descolonização e das idas e vindas da emergência e constituição dos Estados africanos.

O presente artigo analisa o vasto acervo documental escrito e imagético do filme *25*, localizado no Arquivo Edgard Leuenrouth (AEL), na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), dentro do fundo Teatro Oficina (FTO). O fundo corresponde aos registros dos trinta primeiros anos de existência do grupo dramático Teatro Oficina (TO) e é composto por documentos fonográficos, audiovisuais, iconografias, obras bibliográficas, anotações e textos. De acesso público, o acervo contém cerca de 450 registros audiovisuais, mais de 300 registros em áudio, mais de 21 mil registros iconográficos, 12 metros lineares de documentação textual e aproximadamente 100 obras bibliográficas. A documentação do TO circulou juntamente com o exílio de seus integrantes durante a ditadura militar no Brasil. Nos anos 1980, com o progressivo retorno ao país de seus membros, o corpo histórico-documental do grupo começou a ser organizado, em 1981, sob a coordenação de Ana Helena Corrêa de Camargo. O objetivo era de coletar, restaurar, identificar e organizar documentos produzidos pelo TO entre 1961 e 1981. O resultado dessa primeira iniciativa de compilação e catalogação da documentação produzida pelo TO resultou no *Arkivo Oficina (CAMARGO, 1981)*. O acervo do TO, entre 1961 e 1986, está em salvaguarda do AEL-Unicamp desde 1987, quando foi comprado pela Associação de Energias e Trabalho de Comunicação Sem Fronteiras Uzyna Uzona, sociedade civil mantenedora do TO na época e cedido ao arquivo. O acervo do AEL-Unicamp como um todo passou por um intenso processo de levantamento e re-organização entre 2011 e 2019. O projeto desenvolvido por Lucilene Reginaldo entre 2013 e 2017, “Fontes para a história da África no acervo do Arquivo Edgard Leuenroth: repertório documental, 1711-1972”, foi um dos exemplos de trabalhos realizados por professores, pós-doutores, funcionários e funcionárias da Unicamp para trazerem novas perspectivas e possibilidades para a escrita da história da África a partir da documentação existente no AEL-Unicamp.

O *25* foi produzido e realizado por José Celso Martinez Corrêa – Zé Celso – e Celso Luccas, ambos do TO, com financiamento português, belga, francês e moçambicano. Como técnica de produção cinematográfica, o *25* corresponde a uma “coleção de empréstimos” (MONTEIRO, 2017, p. 7). Seu conteúdo consiste em imagens de arquivo da televisão portuguesa, filmes portugueses de ficção, sequências de fotografias e filmagens feitas pelos diretores, acompanhadas por uma edição sonora que varia entre músicas cuidadosamente selecionadas para dialogarem com as imagens, áudios de discursos feitos por Samora Machel, líder da Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo), e uma narração que alterna entre uma voz-off com frases que pontuam posições políticas e uma narração explicativa que contava uma história muito semelhante a que pode ser encontrada nos discursos de Machel e nas teses dos congressos da Frelimo.<sup>1</sup> O que o espectador vê reforça e valoriza aquilo que é

<sup>1</sup> Existe uma convenção historiográfica que diferencia o emprego do termo “FRELIMO” de “Frelimo”. O uso em maiúscula é normalmente usado para designar a frente durante a luta de libertação e como uma continuidade para indicar o desejo da mesma em perpetuar sua luta anti-colonial. O uso em minúscula é empregado sobretudo para apontar a oficialização da frente como partido-Estado e a adoção do marxismo-leninismo como ideologia do país. Thomaz (2008) e Macagno (2019), por exemplo, apontam para a existência de uma linha muito tênue entre rupturas e continuidades no pós-colonial moçambicano e a dificuldade em definir com clareza as possíveis distinções entre FRELIMO e Frelimo. Nesse sentido,

ouvido. A figura do opressor português, a união entre grupos sociais para a formação da Frelimo, a vitória conquistada por meio da luta armada, a derrocada dos símbolos coloniais, a alegria com a independência e a celebração de figuras importantes desse processo, como Eduardo Mondlane e, principalmente, Samora Machel. Para além da grande distância percorrida em Moçambique na busca por imagens que mostrassem a plenitude do território e representassem a narrativa histórica almejada, os diretores filmaram momentos singulares da celebração da independência, como o evento oficial do fim do colonialismo e da independência moçambicana, ocorrida no estádio da Machava, a “festa da continuação da revolução”, um desfile pelas ruas de Maputo, capital do país, e a chegada de Machel na cidade.

No artigo abordo questões referentes a produção cinematográfica no contexto da independência moçambicana e uma imaginação visual anticolonial para o país. O filme é, ao mesmo tempo, um registro da independência de Moçambique e uma proposta de construção de um futuro pós-colonial global. As dificuldades contemporâneas em se ter acesso aos arquivos nos/dos próprios países africanos acarreta a necessidade de uma escrita da história da África pós-colonial que leve em consideração o internacionalismo das dinâmicas da formação das nações no continente. Como observa Raquel Schefer (2020, p. 56), o arquivo do cinema moçambicano, entre os anos 1960 e 1980, é o produto “de uma circulação temporal e espacial, remetendo esta última acepção para a dimensão internacionalista do arquivo”. Incorporar essas perspectivas é mais um dos objetivos do artigo, que produz uma reflexão sobre os desafios da escrita da história da África a partir da pulverização de acervos documentais sobre o passado moçambicano.

## **INDEPENDÊNCIA MOÇAMBICANA, CINEMA E A ESCRITA IMAGÉTICA PÓS-COLONIAL**

Depois de uma década de luta armada, em 1975 Moçambique conseguiu tornar-se uma nação independente. Os conflitos contra o colonialismo português foram marcados por intensos embates militares promovidos pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo). Uma parte integrante do processo de libertação da dominação colonial esteve na necessidade de assumir a responsabilidade de contar uma história diferente daquela que tinha sido narrada pelos colonizadores. Com o advento da independência, pretendeu-se, a partir de diferentes frentes de ação, historicizar a luta anticolonial de maneira íntima a construção da Frelimo e das perspectivas centrais para a nacionalidade moçambicana que o movimento defendia (PAREDES, 2014).

No processo de construção de um mundo moçambicano pós-colonial, o audiovisual foi empregado como uma das armas contra o colonialismo. Durante a luta de libertação, a Frelimo não constituiu de imediato uma equipe responsável pela captura e produção de imagens que propagandassem a sua causa. Isso não quer dizer que ignorava o poder da linguagem visual como instrumento de convencimento. Afinal, foi iniciada, rapidamente, uma política de propaganda

---

ao longo do texto optou-se por empregar o desígnio Frelimo, sobretudo pelo corte cronológico de análise do artigo ser pós-independência e por indicar, em certo sentido, a transformação da frente como movimento de luta anti-colonial para partido que aparelha o Estado em causa própria.



filmica por meio de convites a equipes de filmagem estrangeiras, o que, segundo Convents (2011, p. 346), terminou por glorificar “mais a Frelimo e os seus líderes do que o povo moçambicano”. É a partir desta abertura que realizadores e equipes dos Estados Unidos, Brasil, Iugoslávia, Suécia, Inglaterra, Holanda, Itália, União Soviética, China e França produziram materiais, em diferentes formatos, com uma visão que corroborava a luta de libertação dirigida pela Frelimo e divulgava internacionalmente sua causa política. Apesar da escassez de recursos técnicos e de quadros para operarem os poucos equipamentos, a Frelimo investiu em uma pequena equipe composta pelos guerrilheiros Artur Torohate e José Soares, posteriormente acrescida por Carlos Djambo, como responsáveis pelo registro factual imagético das ações do movimento. O objetivo era o de registrar as operações armadas contra o colonialismo português, tendo como destinatário a História, mais do que o público (CABAÇO, 2017).

Zé Celso, um dos realizadores do 25, em livro publicado em 1980, demonstra conhecer as estratégias da Frelimo no emprego do cinema como ferramenta capaz de conquistar a opinião pública internacional, identificando que o movimento desenvolveu

[...] toda uma documentação [imagética] da guerra que foi [...] decisiva para Moçambique provar que havia zonas libertadas; estes filmes foram mostrados na ONU, porque Portugal dizia que não existiam zonas libertadas, dizia que era um bando de bandidos e terroristas, que não havia uma guerrilha, que não havia uma guerra popular, e os filmes provaram o contrário, então a origem do cinema moçambicano é ligada à guerra de libertação e à necessidade (CORRÊA, 1980, p. 9).

Com o fim do colonialismo, o audiovisual continuou sendo, por pouco mais de uma década, um dos mais importantes instrumentos na produção de acervos sobre o momento histórico que era vivido e um instrumento político-pedagógico. A construção da nacionalidade moçambicana passou pelo uso do cinema, especialmente o de estilo documentarista, como uma ferramenta para se contar um passado que justificasse o presente e projetasse um futuro. A câmera de filmagem paulatinamente foi direcionada para o espaço interno da nação, para o poder do cinema e sua capacidade na montagem de um passado que reforçava a luta do tempo presente em defesa da unidade nacional e do *homem novo* (LOPES, 2016). Os filmes eram vistos pelos dirigentes da Frelimo como uma maneira eficaz de divulgar uma determinada identidade que se pretendia nacional. No contexto das décadas de 1970 e 1980, de praticamente inexistência da televisão no país, o incentivo estatal por uma produção cinematográfica encontrava-se vinculado às transformações políticas marcadas pela luta armada contra o colonialismo e pela construção de uma nova sociedade pós-colonial e, posteriormente, socialista, transformando Moçambique num campo aberto à experimentação transnacional audiovisual (FRANÇA; RIBEIRO, 2015).

Desde o começo da nação, a Frelimo ambicionou “um cinema de unificação nacional capaz de elaborar um novo corpo político, o povo moçambicano, unido por uma história comum de resistência” (SCHEFER, 2015, p. 36). O objetivo coadunava-se com a leitura de que era necessário distanciar-se da construção imagética produzida dentro dos marcos cinematográficos capitalistas e coloniais portugueses, feitos entre os anos 1950 e 1960, possuidores de um objetivo político de propaganda,

num contexto internacional de fim dos impérios europeus e em prol da manutenção do domínio português na África (FRANÇA, 2016). Portanto, em 1975, a Frelimo já havia internalizado o papel e a importância do cinema em seu projeto de modernização da sociedade. Um dos primeiros órgãos criados para compor o corpo do novo Estado foi o Serviço Nacional de Cinema, substituído, em 1976, pelo Instituto Nacional de Cinema (INC). A atividade cinematográfica em Moçambique não ficou restrita ao INC. No entanto, as iniciativas existentes estiveram atreladas às prioridades definidas pelo governo frelimista para o cinema (CABAÇO, 2017).

O INC foi um importante local de conflito ao redor da produção e promoção da imagem que se queria construir para a nova nação. No contexto posterior à independência, as produções cinematográficas enquadraram-se nos desejos propalados pela propaganda oficial da Frelimo de difusão do seu ideário revolucionário. O INC teve como preocupação registrar o momento histórico pelo qual passava Moçambique. Para isso, mobilizou recursos para a formação de quadros técnicos, incentivou o registro do maior número possível de eventos nacionais com o objetivo de construir um arquivo histórico audiovisual da revolução e produziu imagens em prol da consolidação do projeto frelimista de cultura e unidade nacional. O INC foi um espaço no qual defendia-se a ideia de que deveria ser feito um “cinema popular e revolucionário”, capaz de “produzir a imagem do povo para a restituir ao povo” (CABAÇO, 2005). No início dos anos 1980, a Frelimo consolida seu controle sobre as narrativas do destino-manifesto que havia atribuído para si de construção do “povo moçambicano”, instrumentalizando o cinema para essa finalidade.

Enquanto fenômeno histórico que ocorre de maneira concomitantemente ao desenrolar da luta de libertação e da construção da nação como corpo político unificado e independente, o surgimento e a consolidação do cinema moçambicano, entre as décadas de 1960 e 1980, como distingue Schefer (2017), possui três momentos. A primeira fase se insere em um momento do pré-cinema nacional, cronologicamente localizado entre 1966 e 1974/75, elaborado durante a independência do país. Uma etapa seguinte, marcada pela fundação dos órgãos de regulamentação do cinema, pode ser dividida em duas etapas. A primeira, de 1974/75 a 1979, com a instituição de uma “estética da libertação”, rapidamente seguida por um período, entre 1979 e 1984, de destituição desta representação política de linguagem cinematográfica. O último momento é constituído pela adoção de uma estética do realismo socialista, com a produção de “ficções da libertação”, encerrado em 1987. Após o incêndio que devastou algumas das estruturas do INC, em 1991, o cinema moçambicano passou por um intenso processo de reinvenção.

Durante este contexto, a Frelimo lutou para monopolizar a escrita e as representações sobre a nação. Isso ocorreu por meio de uma sistemática roteirização e uniformização das narrativas sobre o passado, ordenando e codificando a história moçambicana e de seu cinema como inseparáveis da guerra de libertação (1964-1974) e da revolução pós-colonial (1975-1987). Ao mesmo tempo, definiu-os como processos históricos siameses da própria Frelimo e do seu projeto político-cultural como partido-Estado que tinha por direito o controle da nação. Dentro deste projeto de reeducação autoritária da história, o consenso historiográfico contemporâneo é de que existiu no cinema revolucionário moçambicano dois movimentos antagônicos. Por um lado, o da afirmação de uma linguagem cinematográfica como arte eficaz na promoção da emancipação político-cultural anticolonial. Por outro, caracterizou-se pelo uso do cinema como dispositivo ideológico de propaganda, controle e dominação.

A experiência na construção de uma imaginação visual anticolonial de cunho nacional, para o caso de Moçambique, passou pela atração de um movimento transnacional internacionalista divulgador, promotor e produtor de uma revolução estética global que andaria lado a lado com as revoluções políticas, principalmente de cunho socialista (GRAY, 2016). No pós-1975 e ao longo da década de 1980, o cinema em Moçambique esteve entre a luta global revolucionária anticapitalista e anti-imperialista e o projeto local de descolonização e formação da nação. No entroncamento entre internacionalismos e pautas circunscritas das lutas locais, é possível identificar percalços e tensões entre os anseios artísticos, estéticos, interpretativos, sobretudo de cineastas estrangeiros, e a concretude prático-cotidiana das formas políticas de aplicação e construção do poder no período pós-colonial.

Para analisar esses processos dinâmicos de escalas distintas é importante olhar para o cinema africano no momento das descolonizações a partir de um exercício interpretativo capaz de “deslocar as análises das representações cinematográficas do campo estritamente estético para a esfera política e para o terreno epistemológico” (SCHEFER, 2016, p. 159). As etapas distintas de produção, exibição, circulação, ou seja, todo o material referente a construção do filme e não apenas o filme em si, o armazenamento arquivístico desses documentos e os usos do 25, devem ser analisados como processos de fenômenos históricos com variadas camadas de complexidade que interferem mutuamente entre si, em múltiplas linhas temporais e espaços geográficos.

## **PRODUÇÃO, EXIBIÇÕES, RECEPÇÕES E CIRCULAÇÃO DO 25**

O objeto fílmico 25, suas diferentes versões, os processos de produção, exibição, recepção e circulação, desde o início, em 1975, da construção do projeto realizado por Zé Celso e Celso Luccas, pode ser considerado dentro de uma perspectiva de horizontes de expectativas que envolviam um complexo processo de seleção de eventos, indivíduos e significados relacionados à construção do que viria a ser imaginado enquanto constitutivo natural da nação moçambicana. O 25 pode ser encarado como um “complexo de memória” (PERALTA, 2017, p. 23), ou seja, “um repositório perpetuamente mutável de apresentação do passado para os fins do presente” (BELL, 2003, p. 66). Como algo em constante negociação pelos grupos e agentes sociais que acionavam a memorização do passado, atribuindo significados para eventos históricos, não se trata aqui de analisar a capacidade cinematográfica de seus realizadores em recriar o passado “tal como aconteceu”. O intuito é de apreender as variadas e complexas maneiras pelas quais o presente enquadrava a recordação do passado colonial e da descolonização. Os processos narrativos de construção das identidades nacionais acionam perpetuamente diferentes repositórios para representar o passado a partir de perspectivas do presente, com projeções específicas na busca por um futuro. Nesse sentido, os documentos, de naturezas variáveis, armazenados em arquivos, possuem uma importância fundamental nas possibilidades de ativação de determinados tempos ou fatos históricos, sobretudo quando associados a promoção de projetos políticos e culturais nacionais. Enquanto principal agente da memória oficial de Moçambique no pós-1975, a Frelimo buscou recontar a história do passado colonial, do despertar da luta pela descolonização e das populações que habitam o



território do país, no sentido de convergir sua narrativa para a diluição e eliminação de diferenças regionais, linguísticas e étnicas, com o intuito de consolidar o que viria a ser o “povo moçambicano” no singular, e, conseqüentemente, da própria existência da nação. 25 foi um dos eventos em que o passado foi – e continua a ser – recontado, encenado, ou seja, ativado enquanto memória que deve ser valorizada em detrimento de outras possíveis, bem como um local de projeção de futuros desejados e de tensões na formulação de projetos de sociedade.

## Produção

O filme 25 começou a ser feito quando Zé Celso e Celso Luccas estavam em Lisboa, em 1974, local para onde muitos membros do TO exilaram-se por conta da ditadura militar vigente no Brasil. O sucesso de ambos com a experiência audiovisual do curta-metragem *O Parto*, filme sobre o renascimento da sociedade portuguesa após a Revolução dos Cravos e financiado pela Rádio e Televisão de Portugal (RTP), deu-lhes prestígio para a realização de outros projetos (SILVA, 2006, p. 52-63).

25 possui três versões. Uma delas, a mais longa de todas, teria sido exibida apenas quando da estreia do filme, em 1977, em Maputo. Uma versão mais curta, com narração em francês, foi feita para circular por festivais internacionais de cinema e para ser transmitida pela televisão francesa, intitulada “*Choque de Culturas*”. Uma outra versão foi feita para um público falante de português. Celso Luccas considera esta última como a que melhor corresponde aos anseios dos realizadores (SILVA, 2006, p. 75). Porém, as diferenças entre elas são relativamente pequenas, pelo menos no que diz respeito as imagens e a estrutura do filme.

Sua produção levou dois anos de trabalho. Inicialmente, o 25 foi financiado pela RTP, que enviou para Moçambique, em junho de 1975, Zé Celso, Celso Luccas, equipamentos de filmagem e técnicos. Desavenças sobre os rumos da produção fizeram com que a RTP retirasse o apoio (SILVA, 2006, p. 64-79). Em seguida, o governo da Frelimo passou a financiar o projeto, dando apoio logístico para os trabalhos de filmagem a serem realizados no país e, posteriormente, quando o INC já estava em atividade, comprou os seus direitos. O filme ainda recebeu o apoio, no momento da montagem, da RTP, que permitiu aos realizadores utilizarem seu acervo de imagens, e do Instituto Nacional de Audiovisual francês, que, ao que tudo indica, pagou pela mixagem de som, realizada em Londres.

Segundo entrevista concedida por Celso Luccas, em 2019, a chegada em Maputo ocorreu

[...] dois dias antes da festa de independência. Nós não tínhamos absolutamente nada planejado e não tínhamos um roteiro. Fomos com as câmeras e deixamos os acontecimentos virem em direção da gente. [...] Portanto, o roteiro e o argumento do filme foram feitos na montagem. Depois que o material estava pronto, nos perguntamos: ‘O que faremos com isso tudo?’ (risos). Mas não teve pré-roteiro, nada disso! A gente caiu de pára-quedas com a câmera e começamos a filmar (GALLO, 2019, p. 304).

O depoimento insiste na existência de uma espontaneidade no que foi registrado, fornecendo uma áurea de autenticidade ao seu resultado, que pode ser

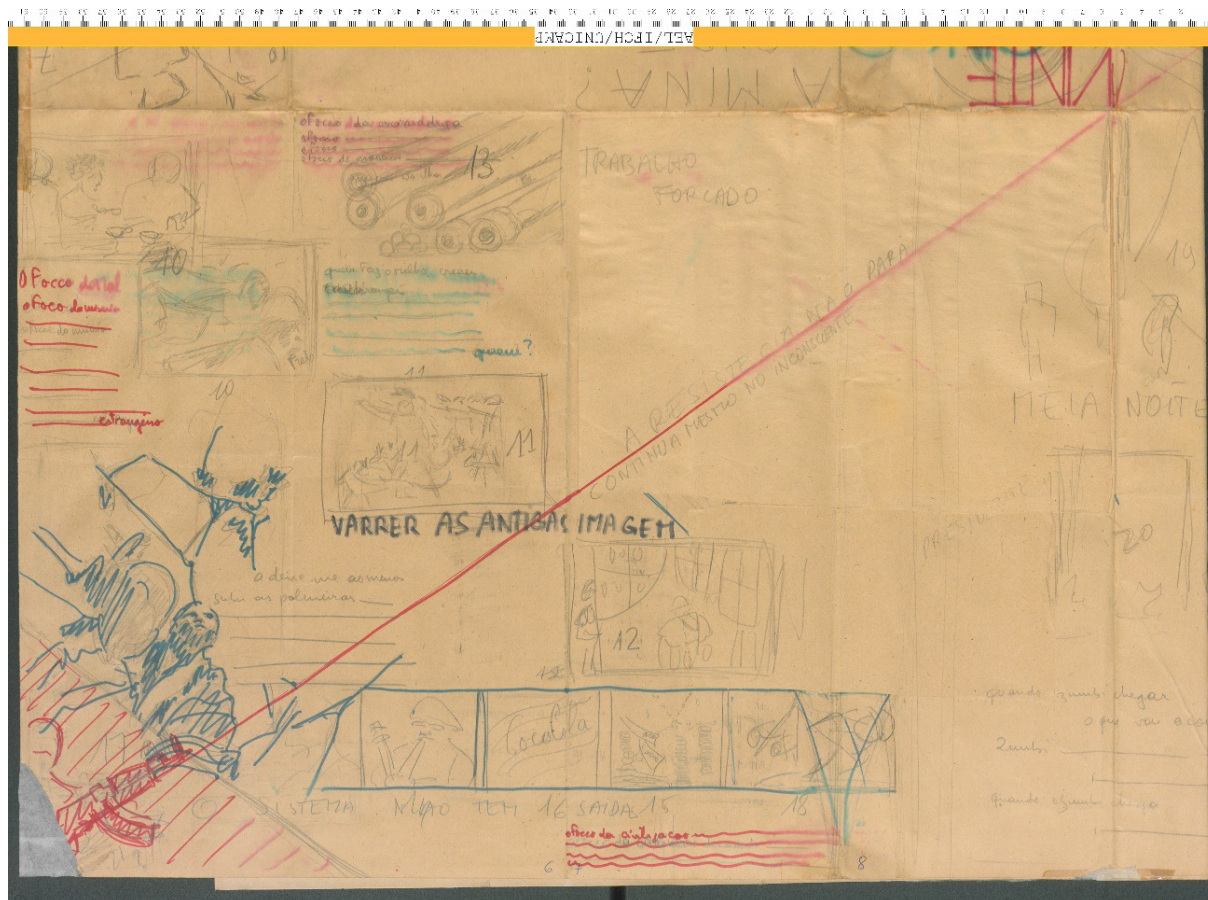


problematizada. No filme *O Parto*, já existiam cenas que dialogavam com o contexto angolano e moçambicano das lutas de descolonização, indicando um conhecimento prévio dos realizadores sobre o que poderiam encontrar em Moçambique. Para além disso, o apoio da Frelimo, com equipamentos e, especialmente, um avião que os levou para locais específicos em que deveriam filmar, não é acidental. Não fica claro quem escolheu esses locais, se os realizadores ou os dirigentes da Frelimo. Porém, o que é evidente é que as regiões do país para onde se deslocaram foram escolhidas especificamente por simbolizarem diferentes significados e tempos históricos da presença colonial portuguesa no território moçambicano. O itinerário dos dois meses de gravação no país foi dividido entre Maputo, a Ilha de Moçambique, território de ocupação cronologicamente mais antigo da presença portuguesa, a hidrelétrica de Cahora Bassa, último grande empreendimento econômico português e que simbolizava, na época, uma barreira a expansão da influência da Frelimo no sul moçambicano, e Wiriyamu, local onde aconteceu um massacre perpetrado por tropas militares portuguesas. Apesar de Luccas dizer que *25* não tinha sido roteirizado, foi, desde o começo, direcionado para contar uma determinada história que conectava um passado específico com a luta armada capitaneada pela Frelimo.

A naturalização do processo de seleção de eventos que deveriam ser objeto cinematográfico pode ser explicada pela maneira como os realizadores encararam a elaboração do material para o filme. Para eles, caberia ao *25* apresentar a “desmistificação do invasor” e a vitória dos oprimidos (AEL/UNICAMP, [entre 1977 e 1985]). Descolonizar o presente passava, necessariamente, por descolonizar os corpos, as imagens e as narrativas sobre o passado. Alguns documentos existentes no AEL indicam para como, desde a sua montagem, existiu um intuito pedagógico na produção, seleção e edição das imagens que o iriam compor (ver Figura 1). Buscava-se subverter uma maneira de contar a história de Moçambique, afastando-a de uma perspectiva que silenciava o racismo e a exploração colonial, e apresentar ao público aspectos da história da formação da Frelimo e de suas lutas, defendendo a justiça de suas causas, assim como sua responsabilidade e direito de gerência do futuro da nova nação. Com essas imagens e anotações feitas em grandes pedaços de papel, os realizadores conseguiam visualizar aquilo que viria a ser sua obra artística. Os *storyboards* revelam aspectos do processo de produção de *25* e um censo aguçado de seus realizadores em usar imagens que falassem aquilo que o contexto em transformação exigia. Como aparece escrito com destaque, em um determinado momento do filme, “A colonização é uma doença do europeu da qual deve ser completamente curado”. Um dos remédios para “matar o colonialismo” estaria no ato de “varrer as antigas imagens” por meio de um processo de resignificação e criação de novas formas de registrar e representar, criando, assim, uma nova realidade.



Figura 1 - Storyboard “Varrer as antigas imagens”



Fonte: ARQUIVO EDGARD LEUENROTH; UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS — AEL/UNICAMP [entre 1974 e 1977].

A realidade que era tentada retratar e, posteriormente, recriar com o filme, coadunava-se com aquela defendida pela Frelimo no momento da independência. O destaque dado a imagem de Eduardo Mondlane, um dos fundadores do movimento, e a centralidade das palavras de Samora Machel, serviam como validação da escolha de ambos como heróis nacionais, ao mesmo tempo em que as palavras de Machel deveriam ser entendidas como espelhos do projeto nacional frelimista. Também são encontradas no filme interpretações comuns à época, como a desconfiança de alguns dirigentes em relação a Maputo, a leitura de que existia na cidade um ambiente propício para a colaboração com o colonialismo e de defesa do capitalismo, o engrandecimento da luta armada, a defesa das zonas de libertação como locais de construção de um país justo e igualitário, a necessidade de uma “paciência revolucionária” que traria sucesso a nação e as visões moralizantes sobre a necessidade da ação revolucionária para a construção da nova sociedade pós-colonial.

A experiência dos realizadores passou pelo esforço em reorganizar um determinado olhar colonial que construiu uma maneira específica de retratar as paisagens e, sobretudo, as pessoas negras-africanas de Moçambique. Substituindo-as por uma nova imagem, positivada, ativa, combatente, que pode ser identificada ao longo do 25, buscava-se construir uma nova realidade. Mais do que registrar um acontecimento histórico, Zé Celso e Celso Luccas estavam dispostos a agir como

intérpretes do passado, reescrevendo a narrativa da colonização, reforçando as transformações do presente e defendendo, por meio de sua obra, o futuro moçambicano que estava a ser projetado. A construção dos símbolos nacionais promovida no 25 passava, obrigatoriamente, pela derrocada do que era identificado como originalmente vinculado a uma imagética colonial.

**Figura 2 - Cartaz do filme 25**



Fonte: AEL/UNICAMP [ca. 1977].

Um dos cartazes do 25 condensava os sentidos que eram atribuídos ao filme por seus realizadores e pela Frelimo (ver Figura 2). No seu topo, encontram-se desenhos que o ornaram e narram uma história iniciada pela chegada dos portugueses em Moçambique, os massacres perpetrados pelo exército português, o sentimento de revolta gerado pelas mortes e, por último, o despertar para a resistência pela luta armada. Embaixo desses, fica explicitado o porquê do nome do filme. Listando datas importantes da formação da Frelimo e de sua combatividade contra o colonialismo português, o 25 trazia estampado em seu título e material de divulgação a sucessão de eventos considerados fundadores da luta político-militar pela independência de Moçambique e também da nação, ocorridas nos dias 25 de diferentes meses e anos: junho de 1962, quando da fundação da Frelimo; setembro de 1964, início da luta armada; abril de 1974, a Revolução dos Cravos em Portugal; e de junho de 1975, a independência. Ao centro, com destaque, uma imagem de Samora Machel, sorrindo, com ar amistoso, rodeado por camponesas e camponeses. Na base, um trecho de um discurso de Machel que está, na sua completude, no filme. O trecho escolhido para ser destacado é o que

indica um caminho que viria a ser construído no pós-independência, de consolidação da Frelimo como um partido-Estado, justificado pela necessidade da “luta permanente” para a eliminação das classes sociais, para a criação de uma “mentalidade nova” e de um “homem novo”, que serviriam como base de sustentação para a construção da “sociedade nova” que deveria emergir no pós-25 de junho de 1975.

## Exibições, recepções e circulação

As produções audiovisuais como um todo e, mais precisamente, o cinema documentarista, correspondiam a um dispositivo roteirizado de construção e uniformização do passado, ordenando e codificando a história moçambicana como parte siamesa do projeto político-cultural da Frelimo. Diferentemente do que aponta Soranz (2014, p.148), o 25 não foi apenas “um marco na transição entre o estado colonial e o governo socialista da FRELIMO”. O filme – e outras experimentações fílmicas do período – corresponde, inicialmente, aos parâmetros do roteiro frelimista para a história da nação, ao associar de maneira essencializada uma interpretação da opressão colonial portuguesa como parte de uma história de longa duração e a resistência ao colonialismo, principalmente por meio da luta armada liderada pela Frelimo, como característica fundamental da constituição de Moçambique como nação. Nesse processo histórico formatado, o “povo” unificava-se, acabando com as diferenças étnicas, quando da sua ação de resistência armada contra o colonialismo. Como peça cinematográfica, o 25, independentemente da versão, pode ser considerado enquanto momento de passagem entre fases do cinema moçambicano. O filme estaria inserido em uma tensão entre um cinema de denúncia do colonialismo e de apresentação da força do movimento de libertação para um público internacional e um cinema propositor da construção do Estado pós-colonial moçambicano. Essa é uma marca presente na montagem do filme. De maneira ambígua, Celso Luccas, em entrevista recente, afirma que, durante a edição, “quis dar força para a questão internacionalista que os moçambicanos tinham, de achar que revolução só seria possível se o mundo inteiro fosse socialista” (GALLO, 2019, p. 311). Ou seja, o objetivo dos realizadores era produzir um filme que era, ao mesmo tempo, para brasileiros e moçambicanos, mas também para apresentar ao mundo um projeto global de revolução que, em um sentido restrito, pouco dizia respeito a formação da nação em Moçambique.

Nesse sentido, o 25 produz, legítima e reforça uma maneira de narrar o nascimento da nação moçambicana por meio da seleção de um passado monopolizado pela Frelimo. Porém, também acaba por trazer novas questões. Isso acontece quando, por exemplo, apresentam a “festa da libertação” e o início da nação independente. Estes momentos são apresentados no filme por meio da alegria presente na pluralidade de manifestações culturais existentes no espaço geográfico do país. O desejo frelimista por uma identidade nacional passava pela composição de uma unidade de corpos e práticas culturais ou, ao menos, que se unificaria em um futuro próximo. A pluralidade cultural presente na tela terminava por apontar, mesmo que de maneira não intencional, para um descompasso entre formas de representar o povo e as políticas da Frelimo de representar a nação. Ou seja, é quando do momento da exibição do filme, mais do que de sua produção ou montagem, que transparecem pontos de tensão e de conflito entre realizadores, suas ressignificações dos arquivos e da imaginação colonial e a

projeção de um futuro moçambicano pós-colonial. Essas tensões terminam por encurtar a experiência audiovisual de Zé Celso e Celso Luccas em Moçambique.

Educar o “povo” para as novas imagens descolonizadas, ao mesmo tempo em que os inculcava as ideias defendidas pelas lideranças da libertação nacional, foi uma das funções atribuídas ao cinema moçambicano pós-independência. O que terminou por afastar Zé Celso e Celso Luccas de uma continuidade em seus projetos junto do INC, para além de possíveis desavenças pessoais que se convergiam em conflitos políticos, foram os mecanismos pelos quais o cinema-tutelar-educador moçambicano deveria ser feito e sobre quais parâmetros estéticos. Os conflitos advindos como *25* têm sido identificados como resultantes da origem transnacional do filme e de seus realizadores, que não convergiam os desejos estéticos de descolonização da imagem com o intuito pedagógico do novo regime pós-colonial.

Ainda que Convents (2011, p. 442) identifique *25* como um “filme comprometido” com a causa frelimista, a opção estética dos realizadores em abraçar uma desconstrução das imagens coloniais de maneira não didática factualmente foi vista, na época, como passível de crítica. A interpretação quando do lançamento do filme era de que ele não correspondia ao programa pedagógico da Frelimo, sobretudo por não realizar uma associação linear entre o partido e o “povo” (GRAY, 2011). Segundo Silva (2006, p. 71), “para alguns dirigentes moçambicanos aquela era mais uma festa brasileira que tentava aproximar grupos étnicos distintos”.

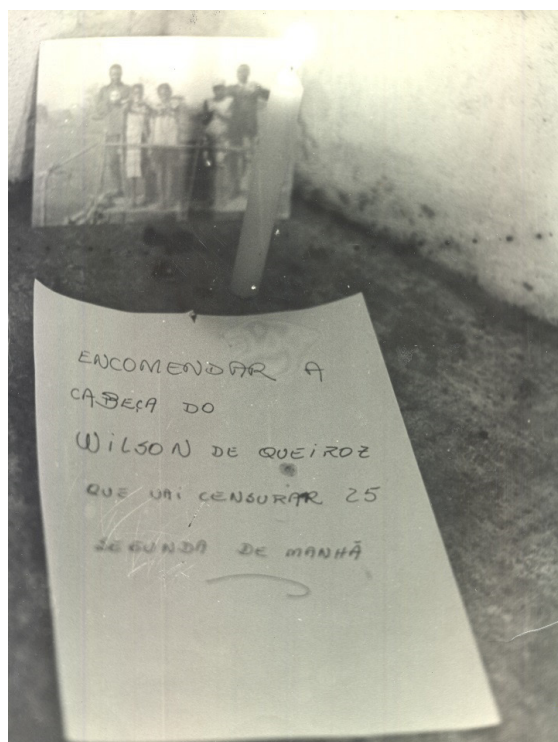
Apesar dos relatos de salas cheias, quando da estreia do *25* no Cinema Scala, em 1977, em Maputo, e do apoio do governo, com a produção de materiais de divulgação e a organização de ônibus para levarem o público até o cinema, o filme não continuou sendo exibido em Moçambique após seu ano de estreia. O projeto artístico-político que o *25* representava rapidamente deixou de ser relevante no cenário de institucionalização do cinema moçambicano, que passou pela ascensão de outras formas, projetos e iniciativas que correspondessem a uma ideia de cinema com uma função pragmática. O cinema deveria passar a ter a função de educador-tutelar em prol de uma ideia de unidade nacional que eliminasse – ou apaziguasse – identidades que supostamente poriam em risco a nação. Como consequência desse movimento, apesar do investimento financeiro feito pela Frelimo e das exibições do *25* com salas cheias, acompanhadas por uma boa recepção do público, o filme desaparece dos circuitos de exibição organizados pelo INC.

O *25* é um exemplo no processo de circulação e migração de arquivos no momento imediato a independência moçambicana, onde os arquivos coloniais são descolonizados, isto é, “ressignificados e libertados da sua dimensão política e cognitiva colonial, através de procedimentos de montagem” (SCHEFER, 2020, p. 69). No entanto, o uso do arquivo colonial para apresentar uma perspectiva anticolonial e pós-colonial não foi suficiente para o legitimar como narrativa oficial. Em Moçambique, o filme terminou por não ser integrado as instituições arquivísticas do Estado moçambicano e é deixado a margem como objeto que precisaria ser salvaguardado para contar a história do país.

O início da guerra civil em Moçambique, entre 1976 e 1977, com os combates travados entre as forças militares do país e a “guerrilha de direita” (CAHEN, 2019) da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), que contava com o apoio dos regimes segregacionistas da Rodésia e da África do Sul, promoveram instabilidades em todo o território nacional. A delibidade econômica do Estado moçambicano, sobretudo a partir dos anos 1980, e o agravamento do cenário de violência criaram barreiras difíceis de serem transponíveis para a produção do cinema no país. O cenário de guerra e a

ausência de apoio político em Maputo para seus projetos fizeram com que Zé Celso e Celso Luccas não voltassem para Moçambique desde o final dos anos 1970. O novo contexto político brasileiro desta época também estimulou o regresso de ambos para o Brasil. Suas experiências com o audiovisual em Moçambique foram fundamentais para o que veio a ser o cinema itinerário que percorreu o Brasil, nos anos 1980, organizado por Celso Luccas (LUCCAS, 2016a). A narrativa proposta pelo 25, apesar dos realizadores buscarem representar cinematograficamente a história do colonialismo português em Moçambique, não segue uma apresentação cronologicamente linear. A pouca preocupação didática do filme não agradou ao projeto frelimista de uso do cinema como instrumento educacional constituinte e constituidor do “povo”. Zé Celso e Celso Luccas estavam conscientes disso, especialmente quando o exibiam para uma audiência não moçambicana. Por isso, produziram libretos explicativos sobre a história da presença colonial portuguesa em Moçambique para serem distribuídas ao público (AEL-Unicamp, [entre 1977 e 1985]). Nesse sentido, como afirma Silva (2006, p. 74), o filme é uma “narrativa que trata, sobretudo, de dois brasileiros realizando um filme sobre Moçambique”, mais do que um documentário sobre a independência moçambicana (ver Figura 3). Celso Luccas, atualmente, interpreta que seus interesses ao realizar o filme diziam respeito mais ao desejo de demonstrar a possibilidade de realizar uma produção fílmica baseada em premissas descolonizadoras para um Brasil marcado pela censura da ditadura militar, do que narrar factualmente a independência moçambicana (GALLO, 2019).

**Figura 3** - “Encomendar a cabeça do Wilson de Queiroz que vai censurar 25 segunda de manhã”<sup>2</sup>



Fonte: AEL/UNICAMP [entre 1977 e 1985].

<sup>2</sup> Wilson Queiroz Garcia foi um dos chefes do Serviço de Censura de Diversões Públicas, órgão responsável pela censura durante a ditadura militar brasileira.

Após a estreia em Maputo, o filme e seus realizadores percorreram um circuito de exposições na Europa e no Brasil. Em 1976, o filme esteve no Festival de Cannes, na França, e no de Berlim. No Brasil, com o apoio do curador da Mostra de Cinema de São Paulo de 1977, foi possível burlar a censura imposta pela ditadura militar brasileira, tendo sido exibido no festival. Também no final da década de 1970 foi exibido no Museu de Arte Moderna, no Rio de Janeiro, e no Festival de Gramado. Em todas essas ocasiões, os relatos são de conflitos entre cineastas curiosos que lotavam a plateia e agentes da censura brasileira que tentaram impedir a exibição (LUCCAS, 2016b). O filme também foi exibido em Belo Horizonte, na Universidade Federal de Minas Gerais, em 1979, e em Salvador, nas Jornadas de Cinema da Bahia, em 1978 (MELO, 2011). O público, nos festivais internacionais, assistiu a versão realizada para a televisão francesa. No Brasil, foi usada a versão mais longa e com a narração em português. Como Luccas afirmou, em 2019, a ideia era “mostrar essa Revolução [moçambicana] em português, no Brasil. Porque seria importante escutarem isso em baixo de uma ditadura e o filme chegou em baixo de uma tremenda ditadura!” (GALLO, 2019, p. 306).

Portanto, o 25, especialmente quando de sua circulação no final dos anos 1970 e ao longo dos anos 1980, tornou-se uma resposta aos desejos de seus realizadores de produzirem uma obra audiovisual descolonizada e que enfrentasse o regime ditatorial brasileiro (ver Figura 3 e 4). Celso Luccas circulou com o filme pelo Brasil, apresentando-o não apenas como a festa da independência moçambicana, mas como a festa contra as opressões da “velha era”, representada no Brasil pelo autoritarismo político e pelas desigualdades, sobretudo raciais. O fortalecimento dos movimentos negros brasileiros, na década de 1980, indicam como a programação que consta em um dos cartazes que propagandeavam a exibição do 25 na cidade de Araraquara, no interior de São Paulo, relacionava a organização de sua exibição com outras manifestações afro-brasileiras. Todas essas manifestações de alegria faziam parte do “carnaval do povo” e da “luta do século: Velha Era x Nova Era”.

**Figura 4** - Te-Atto: Oficina Ensaio Geral do Carnaval do Povo



Fonte: AEL/UNICAMP.

Após a redemocratização brasileira, o filme parece ter perdido sua força como representação anticolonial audiovisual. Nos anos 1990, suas exibições públicas, no Brasil e em Moçambique, deixam de acontecer. Coincidência ou não, o corpo documental referente a produção do 25 tornou-se objeto arquivístico ao longo da década de 1980. É apenas na década de 2010 que o 25 volta a ganhar relevância, em um novo contexto brasileiro de lutas antirracistas e de redescoberta acadêmica da história da África, permanecendo relativamente pouco assistido e debatido em Moçambique.<sup>3</sup>

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em artigo recente, Michael Cahen dedicou atenção a questão dos arquivos e as possibilidades de escrita da história de Moçambique. Para o autor, os "arquivos coloniais veiculam a narrativa do colonizador. Mas têm uma vantagem: não mudam, são fósseis" (2020, p. 257). A existência de documentos, organizados de determinada maneira, catalogados ou não, em um arquivo específico, são um processo histórico que interfere, de variadas maneiras, nas narrativas sobre o passado. Os documentos nunca "falam por si mesmo", como dá a entender Cahen. Quem os coloca para "falar" são os pesquisadores com suas perguntas, cruzamentos, questionamentos. Sendo assim, por mais que o conteúdo das fontes possa ser considerado imutável, as produções sobre elas não resultam em composições únicas.

Arquivos, existentes tanto durante o colonialismo, como os que emergiram das lutas anticoloniais, estão "vinculados a estruturas institucionais e permeados por complexos sistemas de saber-poder" (SCHEFER, 2017, p. 4). Os silêncios nos arquivos, produzidos por processos de inclusão e exclusão do que é arquivável e pela organização do que deve ser lembrado ou não, para o caso moçambicano, está relacionado a maneira como, ao longo do período pós-colonial, construíram-se as narrativas históricas sobre a luta de libertação e como essas dialogaram com a produção de uma história oficial sobre os marcos fundadores do nascimento do país e de sua unidade nacional.

A escrita da história da África em uma perspectiva pós-colonial tem dedicado especial atenção aos arquivos coloniais e como analisar seu amplo corpo documental a partir de leituras a seu contrapeso. No entanto, permanece pouco usual o mesmo tipo de olhar para os "arquivos anticoloniais" ou para aqueles que surgiram com as novas nações africanas após suas independências. Uma das características mais difíceis para o trabalho com esses arquivos é o de localizar a sua própria existência. O 25 já esteve mais ameaçado na sua existência. Das versões em 16 mm do filme, existem apenas duas cópias catalogadas. Uma delas está na França, sob custódia

---

<sup>3</sup> Não encontrei exemplos de exibição do 25, com relevância, no Brasil ou em Moçambique, durante a década de 1990. Em Moçambique, o retorno das exibições, na década de 2010, aconteceu pelo incentivo de pesquisadores brasileiros. Um exemplo disso ocorreu em novembro de 2019, quando Matheus Serva Pereira promoveu, no Centro Cultural Brasil Moçambique, uma sessão, seguida de debate. No Brasil, Lúcia Ramos Monteiro foi uma das responsáveis pelo retorno do 25 as salas de cinema, com a organização da mostra *África(s). Cinema e revolução*, em novembro de 2016, em São Paulo. Em 2019, o 25 ganhou destaque em atividades na Unicamp. Nesse ano, foi inaugurada a exposição, organizada por Matheus Serva Pereira e Lucilene Reginaldo, "Moçambique: independência e nação no AEL", composta por documentos do filme armazenados no AEL. Em 2019, Fernanda Gallo também organizou uma exibição do filme no anfiteatro do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp.

do Instituto Nacional do Audiovisual daquele país. Outra está localizada no acervo do AEL. Cópias, em diferentes formatos, foram sendo feitas ao longo dos anos. Nos anos 1980, Celso Luccas fez uma cópia em VHS que levava consigo para as exposições, sendo que o AEL também possui uma versão em VHS do 25.

No INC, local em que poderia constar alguma cópia, assim como materiais inéditos não utilizados no corte final do filme, não parece ter sobrado vestígios do 25 após o incêndio que destruiu o seu prédio e uma parcela significativa do seu acervo, em 1991. Em 2008, a Cinemateca Portuguesa começou um trabalho de salvaguarda das latas de filmes que não estavam nas instalações do INC que pegaram fogo. Esse trabalho encontra-se concluído e, infelizmente, no catálogo da Cinemateca Portuguesa, não constam referências ao 25. Noutro local em que o filme poderia estar, a Cinemateca Brasileira, consta apenas uma indicação de ficha filmográfica.

A existência de um amplo corpo documental no Brasil ao redor da produção e circulação do 25 é uma possibilidade para pesquisadores explorarem novas potencialidades de uma escrita sobre o passado moçambicano e suas lutas anticoloniais. O vibrante pensamento político africano do século XX produziu um vasto conjunto documental que constitui “um corpo de fontes que diagnostica as lógicas do colonialismo na África, e o faz com um propósito político de lutar contra o domínio colonial dentro de uma conjuntura histórica particular” (KAMOLA; EL-MALIK, 2017, p. 4). Nesse sentido, o corpo documental no AEL sobre a história da luta contra o colonialismo e da formação das nações africanas e o singular acervo sobre a produção do 25, pode ser considerado como um “arquivo africano anticolonial” que carrega consigo o caráter internacional das lutas pela descolonização. Os rumos políticos de algumas nações africanas, ao longo dos anos 1980 e 1990, acabaram por criar barreiras ao acesso a materiais arquivísticos. É justamente por conta do internacionalismo das causas descolonizadoras que conseguimos ter acesso a vestígios do passado colonial, das lutas anticoloniais e dos conflitos pós-coloniais, em países fora da África.

O 25 usou os arquivos coloniais para apresentar uma perspectiva anticolonial e imaginar um mundo pós-colonial. Porém, terminou por não ser integrado as ordens reguladoras das instituições arquivísticas do Estado moçambicano pós-colonial. O acervo imagético-documental do 25 no AEL, um arquivo localizado em um campus universitário de Campinas, e não ser possível encontrar vestígios do filme nos arquivos existentes em Maputo, remete para a origem dos realizadores da produção e para processos da escrita da história de Moçambique decorridos ao longo do período pós-colonial. Por um lado, indica um internacionalismo da dinâmica da independência moçambicana, com a participação de agentes sociais ou de Estados nacionais durante as lutas pela descolonização da África. Por outro, aponta para a importância do cinema durante a descolonização em Moçambique e do arquivo como um local de seleção ordenada daquilo que constitui o poder. A inexistência do 25 em espaços de salvaguarda do passado moçambicano no próprio país indicam como o filme passou por um processo de exclusão de pertença nas narrativas sobre as lutas de libertação e o nascimento da nação. Ao mesmo tempo, a existência do vasto acervo no AEL sobre o filme complexificam a história internacional das lutas anticoloniais de libertação nacional, da construção de Moçambique como nação independente e da própria maneira como acionamos os arquivos quando escrevemos o passado africano.



## REFERÊNCIAS

- AEL/UNICAMP. *Sem título*, [1975 ou 1976]. Fundo Teatro Oficina. Produção cinematográfica e audiovisual, Série 25, Subsérie Desenho.
- AEL/UNICAMP. *Cartaz do filme 25*. [ca. 1977]. Fundo Teatro Oficina. Produção cinematográfica e audiovisual, Série 25, Cartazes, n. 00110.
- AEL/UNICAMP. Zé Celso e Celso Luccas, *Choque de Culturas*, [entre 1976 e 1978]. Fundo Teatro Oficina. Produção cinematográfica e audiovisual, Série 25, Subsérie Apontamentos.
- AEL/UNICAMP. *Sem título*, [ca. 1975]. Fundo Teatro Oficina. Produção cinematográfica e audiovisual, Série 25, Fotografias pasta 90, foto 01861.
- AEL/UNICAMP. *TE-ATO OFICINA. 25: Carnaval do Povo*. [ca. 1979]. Fundo Teatro Oficina. Grupo Produção de eventos e manifestações culturais, Subgrupo Utopia/Te-Ato/Trabalho Novo, Cartazes. 00129.
- AEL/UNICAMP. Ana Helena Corrêa de Camargo. Almanaque 20 anos/Arkivo Oficina, 1981. Fundo Teatro Oficina, Produção Intelectual.
- BELL, Duncan. Mythscapes: memory, mythology, and national identity. *British Journal of Sociology*, Londres, v. 54, n. 1, p. 63-81, mar. 2003.
- CABAÇO, José Luis. Notas para uma contextualização do cinema moçambicano. *Mulemba*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 17, p. 90-98, jul./dez. 2017.
- CABAÇO, José Luis. Percurso do cinema moçambicano. In: ARAÚJO, G. (org.). *Trocas culturais afro-luso-brasileiras*. Salvador: Contraste, 2005.
- CAHEN, Michel. “*Não somos bandidos*”: A vida diária de uma guerrilha de direita, a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985). Lisboa: ICS, 2019.
- CAHEN, Michel. Do ultramar ao pós-colonial. Reflexões de um historiador sobre Moçambique contemporâneo nos arquivos de Portugal e Moçambique. *Práticas da História*, Lisboa, n. 10, p. 249-267, 2020.
- CONVENTS, Guido. *Os moçambicanos perante o cinema e o audiovisual: Uma história político-cultural do Moçambique colonial até à República de Moçambique (1896-2010)*. Maputo: Dockanema, 2011.
- COOPER, Frederick. Conflito e Conexão: Repensando a História Colonial da África. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, p. 21-73, 2008.
- COOPER, Frederick. *Histórias de África: Capitalismo, modernidade e globalização*. Lisboa: Edições 70, 2016.



CORRÊA, José Celso Martinez; LUCAS, Celso; NASCIMENTO, Álvaro; NOILTON, Nunes. *Cinemação*. São Paulo: 5º Tempo, 1980.

FRANÇA, Alex Santana. O cinema em Moçambique – história, memória e ideologia: análise dos filmes Chaimite, a queda do Império Vátua (1953) e Catembe: sete dias em Lourenço Marques (1965). In: MATTOS, Regiane A.; MORAIS, Carolina; PEREIRA, Matheus Serva (org). *Encontros com Moçambique*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016. p. 97-124.

FRANÇA, Alex Santana; RIBEIRO, Maria de Fátima Maia. O cinema moçambicano, uma experiência transnacional (1960-1990). In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL CINEMA – ARTE, TECNOLOGIA, COMUNICAÇÃO. *Avança. Anais...* v. 1. Avança: [s.n.], 2015. p. 653-658.

GALLO, Fernanda B. Gonçalves. A revolução moçambicana pelas lentes do filme 25 (1976-77): Entrevista com o diretor Celso Lucas. *AbeÁfrica – Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos*, Belo Horizonte v. 3, n. 3, p. 302-314, out. 2019.

GRAY, Ros. Cinema on the cultural front: Film-making and the Mozambican revolution. *Journal of African Cinemas*, Bristol, v. 3, n. 2, p. 139-60, 2011.

GRAY, Ros. Já ouviu falar de internacionalismo? As amizades socialistas do cinema moçambicano. In: MONTEIRO, Lúcia Ramos (org.). *África(s): Cinema e revolução*. Catálogo de mostra de cinema. São Paulo: Buena Onda, 2016. p. 34-65.

ISAACMAN, Allen. *The tradition of resistance in Mozambique: anticolonial activity in the Zambezi Valley, 1850-1921*. Berkeley: Heinemann Educational Publishers, 1976.

ISAACMAN, Allen; ISAACMAN, Barbara. Resistance and Collaboration in Southern and Central Africa, c. 1850-1920. *The International Journal of African Studies*, Boston, v. 10, n. 1, p. 31-62, 1977.

KAMOLA, Isaac A.; EL-MALIK, Shiera. S. Introduction. In: KAMOLA, Isaac A.; EL-MALIK, Shiera. S. *Politics of African Anticolonial Archive*. Londres; Nova Iorque: Rowman & Littlefield, 2017. p.1-15.

LOPES, José de Sousa Miguel. Cinema de Moçambique no pós-independência: uma trajetória. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, Florianópolis, v. 5, n. 2, jul./dez., p. 1-30, 2016.

LUCAS, Celso. Blackout na censura: Sobre 25, de José Celso Martinez Correa e Celso Lucas. In: MONTEIRO, L. R. (org.). *África(s). Cinema e revolução*. Catálogo de mostra de cinema. São Paulo: Buena Onda, 2016a. p. 86-89.

LUCAS, Celso. Quando a censura cortou as luzes de um filme em Gramado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 out. 2016b, Cultura.



MACAGNO, Lorenzo. Fragmentos de uma imaginação nacional. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 24, n. 70, p.17-35, 2019.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. Interferências e resistências: a sombra da Censura nas Jornadas de Cinema da Bahia. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – ANPUH, 26., 2011, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2011. p. 1-16.

MONTEIRO, Lúcia Ramos. Passagem de imagens, imagens da passagem: a circulação de filmes ligados ao processo de independência moçambicano. *Revista Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual*, Florianópolis, v. 6, n. 2, jul./dez. 2017.

PAREDES, Marçal de Menezes. A construção da identidade nacional moçambicana no pós-independência: sua complexidade e alguns problemas de pesquisa. *Anos 90*, Porto Alegre, v. 21, n. 40, 2014.

PERALTA, Elsa. *Lisboa e a Memória do Império*. Património, Museus e Espaço Público. Lisboa: Le Monde Diplomatique; Outro Modo, 2017.

RANGER, Terence. Connexions Between “Primary Resistance” Movements and Modern Mass Nationalism in East and Central Africa. *Journal of African History*, Cambridge, v. 9, n. 3, p. 437-453, 1968.

SCHEFER, Raquel. *Mueda, Memória e Massacre*, de Ruy Guerra, o projeto cinematográfico moçambicano e as formas culturais do Planalto de Mueda. *Comunicação e Sociedade*, Braga, v. 28, p. 27-51, 2015.

SCHEFER, Raquel. (R)evoluções e Transições Revisitadas. O Fim do Império Colonial Português em Representações Cinematográficas da Lusofonia (1974-2014). *Aniki. Revista Portuguesa da Imagem em Movimento*, Lisboa, v. 3, n. 1, p. 158-164, 2016.

SCHEFER, Raquel. Cinema revolucionário moçambicano: o visível, o invisível e o translúcido. *A Quarta Parede* #36, p. 1-16, 2017. Disponível em: <http://www.acuartaparede.com/wp-content/uploads/2017/06/Artigo-Cinema-Revolucion%C3%A1rio-Mo%C3%A7ambicano-Pt.pdf>. Acesso em: 06 maio 2021.

SCHEFER, Raquel. Mal de Arquivo: uma aproximação ao arquivo anti-colonial moçambicano a partir da obra de Ruy Guerra. *Observatorio (OBS\*) Journal*, Lisboa, (Edição especial), p. 52-72, 2020.

SCOTT, James. *Domination and the Art of Resistance: Hidden Transcripts*. New Haven; Londres: Yale University Press, 1990.

SILVA, Isabela Oliveira Pereira. “*Bárbaros tecnizados*”: cinema no Teatro Oficina. 2006. 175 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.



SORANZ, Gustavo. O Instituto Nacional de Cinema e outras experiências audiovisuais em Moçambique no seu período pós-colonial. *contemporanea | comunicação e cultura*, v. 12, n. 1, p. 147-164, jan./abr. 2014.

STOLER, Ann Laura. Colonial archives and the arts of governance. *Archival Science*, Londres; Berlim, n. 2, p. 87–109, 2002.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 177-214, 2008.

WHITE, Luise. Hodgepodge historiography: documents, itineraries, and the absence of archives. *History in Africa*, Cambridge, v. 42, p. 309-318, 2015.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Professor Aníbal de Bettencourt, 9, 1600-189, Lisboa, Portugal

### ORIGEM DO ARTIGO

Resultado dos projetos de pesquisa desenvolvidos entre 2017 e 2019, intitulados: “*Nyonxani, tikweni*”: Música, Colonialismo e Nação em Moçambique (1950-1980); e *Moçambique: independência e nação* no Repertório de História da África do Arquivo Edgard Leuenroth.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço a Maria Dutra de Lima e a Marina Rebelo, funcionárias do AEL, assim como a Lucilene Reginaldo, Guilherme Miranda Silva, Jéssica Cristina Rosa e Talita Favrin de Souza, que trabalharam comigo intensamente na realização da exposição *Moçambique: Independência e Nação no AEL*.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Coleta de dados:** M. S. Pereira, G. M. Silva, S. C. Rosa, T. F. de Souza

### FINANCIAMENTO

Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) bolsas nº 2017/07096-4 e 2018/05617-0. Fundo de Apoio a Ensino Pesquisa e Extensão (FAEPEX – Unicamp), nº 2338/18. Projeto INDICO – Arquivos coloniais nativos: micro-histórias e comparações, financiado através de fundos nacionais pela FCT, Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência PTDC/HAR-HIS/28577/2017), e sediado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Matheus Serva Pereira. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Alex Degan

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 20 de novembro de 2020

Aprovado em: 25 de abril de 2021


Como citar: PEREIRA, Matheus Serva. História social de um documento global: trajetórias do filme 25 e a escrita da história da África pós-colonial (Moçambique, Brasil e Europa, 1974-2019). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 447-470, maio/ago. 2021.



## **“A GENTE FAZ UM ZONGO AQUI”: MIGRAÇÕES CONTEMPORÂNEAS GANESAS E APROPRIAÇÕES URBANAS (2014-2020)**

**“We put together a *Zongo* here”: contemporary Ghanaian migrations  
and urban appropriations (2014-2020)**

**Michelle Maria Stakonski Cechinel<sup>ab</sup>**

 <http://orcid.org/0000-0001-5574-6633>

E-mail: [miimss@gmail.com](mailto:miimss@gmail.com)

<sup>a</sup> Universidade do Estado de Santa Catarina, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, SC, Brasil

<sup>b</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense, Unidade de Humanidades, Ciência e Educação, Departamento de História, Criciúma, SC, Brasil

## RESUMO

O presente artigo analisa os recentes fluxos migratórios de ganeses que se deslocaram de *zongos*, assentamentos étnico-religiosos na região de Gana, para a cidade de Criciúma, na região Sul do Brasil, entre 2014 e 2020. Intenta-se compreender, com base na ideia de uma “cultura da itinerância”, as dinâmicas migratórias forjadas no contexto histórico de deslocamento desses sujeitos e a forma como os migrantes ganeses reconstituem suas identidades étnicas em trânsito. A hipótese defendida é a de que o modo como esses migrantes se inserem na cidade – formando, de um lado, espaços tensionados próprios para ganeses provenientes de *zongos*, logo fiéis ao islã e falantes da língua hauçá, e, de outro, para ganeses não zongorianos, especialmente da etnia axânti – representa uma extensão das tensões de organização social e histórica do local de origem: Gana. Assim, o artigo procura apontar como, em deslocamento, ganeses zongorianos de diversas etnias e ganeses axântis reforçam e ressignificam suas identidades, reproduzindo em trânsito dinâmicas sociais de separação espacial e cultural na sociedade de acolhimento – no caso estudado, Criciúma.

## PALAVRAS-CHAVE

Migrações contemporâneas. Zongos. Gana.

## ABSTRACT

This article aims to analyze the recent migratory flows of Ghanaians who moved from Zongos, ethnic-religious settlements in the region of Ghana, to the city of Criciúma, in the southern region of Brazil, between 2014 and 2020. The intention is to understand the migratory dynamics forged in the historical context of displacement of these individuals and the way they rebuild their ethnic identities in transit, based on the idea of an “itinerary culture”. The hypothesis defended is that the way these migrants interact with the city – forming tensioned spaces suitable for Ghanaians who previously lived in Zongos, thus, faithful to Islam and speakers of the Hausa language, and for non-Zongorian Ghanaians, especially belonging to the Axanti ethnic group – represents an extension of the of social and historical tensions related to the place of origin, Ghana. In this sense, the article intends to point out how, during displacement, Zongorian Ghanaians of different ethnicities and the Axanti Ghanaians reinforce and redefine their identities, reproducing, in transit, social dynamics of spatial and cultural separation in the host society - in the case studied, Criciúma.

## KEYWORDS

Contemporary migrations. Zongos. Ghana.

**A** pesar do seu currículo, Abu, ganês oriundo de Kumasi,<sup>1</sup> confessou que estava desanimado com a possibilidade de ser aceito para a vaga de assistente de cozinha de um restaurante da cidade para onde havia migrado, Criciúma, no extremo-sul catarinense. Segundo ele, embora o estabelecimento fosse reconhecido pela fama de contratar migrantes, todos os que até então haviam sido selecionados para o preenchimento de vagas, coincidentemente, pertenciam a um mesmo grupo étnico ganês, minoritário na cidade: o axânti. O postulante, que se diz etnicamente mossi, acreditava que a influência dos colegas axântis na indicação poderia fazer com que ele – ou qualquer um que pertencesse à outra etnia – fosse preterido.

Na sua percepção, havia diversos mecanismos que os conterrâneos utilizavam para priorizar os “seus”, como o ocultamento das vagas disponíveis para os de “fora” e a construção de uma rede de troca de informações privilegiadas: “Os axântis são muito preconceituosos, acham que quem não é axânti não é verdadeiramente ganês” (ABU, 2018). Ele, apesar de ter nascido em Kumasi, na Região Axânti, e de falar fluentemente a língua axânti, não pertenceria a essa seleta rede de privilégios não só por ser mossi, mas por ser zongoriano, ou seja, oriundo de uma espécie de assentamento ganês pluriétnico e islamizado que, em seu próprio país, recebe a alcunha de “bairro dos estrangeiros” (AGIER, 1983; SCHILDKROUT, 2007).

O desabafo de Abu, independentemente da precisão do seu julgamento, indica uma importante questão ainda pouco analisada nos estudos que se debruçam sobre as trajetórias da diáspora ganesa contemporânea em direção ao Brasil: o modo como esses migrantes reconstituem suas identidades étnicas em trânsito e se apropriam da cidade de acolhimento, formando não só redes de sociabilidade e apoio, mas também territorialidades próprias, “espaços tensionados” da diferença.

Os recentes deslocamentos de africanos e caribenhos para o Brasil indicam a construção de novos fluxos contemporâneos, que inserem fortemente o país – mais propriamente o Sul do Brasil – como palco de acolhida no panorama das migrações no tempo presente. Entre as cidades que mais receberam migrantes nos últimos anos, encontra-se o palco da história de Abu: Criciúma. Segundo os dados oficiais do único relatório sobre a temática produzido pelo município, o *Relatório Situacional da Secretaria de Assistência Social de Criciúma* (2016), a cidade acolheu, entre 2010 e 2016, cerca de 3 mil migrantes de origens africana e caribenha, especialmente ganeses e haitianos. Os dados do Sistema Nacional de Cadastramento de Registro de Estrangeiros (Sincre) e de toda a série histórica do Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra), compilados pelo Observatório das Migrações Internacionais (Obmigra), indicam que o número de migrantes deslocados e acolhidos em Criciúma, de 2014 até abril de 2020, foi de 2.260.<sup>2</sup>

Criciúma já chamara a atenção dos estudos migratórios graças aos intensos fluxos de mobilidade em direção aos Estados Unidos na década de 1990. Ao lado de Governador Valadares, em Minas Gerais, a cidade catarinense constituía um dos dois maiores polos de emigração para o exterior naquele período (ASSIS, 2004). As remessas em dinheiro e os investimentos na construção civil, oriundos do trabalho de migrantes nos Estados Unidos, aqueceram a economia da cidade, que enfrentava um

---

<sup>1</sup> A fim de preservar o anonimato dos migrantes entrevistados, todos os nomes foram trocados por pseudônimos.

<sup>2</sup> O Sismigra substituiu o Sincre em 2018.



declínio da sua, até então, principal economia: a extração do carvão (ASSIS, 2004). Em 2011 e, mais particularmente, em 2014, no entanto, Criciúma se descobriu inserida em outro fluxo: destino final ou de passagem de longa estadia na rota de haitianos e, em especial, africanos oriundos de países da região oeste do continente, como ganeses, senegaleses e togoleses (ASSIS; CECHINEL, 2018).

O presente estudo centra seus objetivos na análise desse novo fenômeno migratório em Criciúma, em especial do fluxo ganês, entendendo o contexto citadino como um espaço relacional em que se produzem fenômenos significativos e invenções culturais inéditas, e não apenas justaposição de culturas (AGIER, 2011). A metodologia de pesquisa envolve a utilização de diário de campo etnográfico, depoimentos orais, análise de fichas referentes à entrada de migrantes na instituição de acolhida Casa de Passagem São José, em Criciúma, e análise bibliográfica. A interpretação aqui defendida é a de que os grupos migrantes ganeses constituem seus rearranjos sociais pela construção de espaços translocais<sup>3</sup> que reinventam a lógica da sociabilidade e da organização ganesa na cidade de acolhimento. Essa dinâmica recriaria, em trânsito, tensões entre ganeses de diversas etnias e religiosidades, especialmente entre os oriundos ou não de uma espécie singular de assentamento transterritorial segregado, presente em grandes centros urbanos de Gana: os *zongos*.

## **TENDÊNCIAS MIGRATÓRIAS NO TEMPO PRESENTE: A INSERÇÃO DO BRASIL E DE SANTA CATARINA NAS ROTAS DE DESLOCAMENTO SUL-SUL**

Segundo Pison (2019), em 2017, o fluxo de movimentos globais sul-sul superou, pela primeira vez, os deslocamentos do sul global para o norte. Essa tendência se acentuou nos anos subsequentes e parece indicar uma mudança nas dinâmicas migratórias globais. De fato, desde 2013, o aumento sensível no número de refugiados de países africanos, sul e centro-americanos (BRASIL, 2016a; 2016b; 2017a; 2017b; 2018; 2019), bem como o aumento sensível da presença desses migrantes no mercado de trabalho brasileiro (CAVALCANTI *et. al.*, 2015; 2016; 2017; 2018), sugere a inclusão do Brasil nas novas rotas migratórias e o fortalecimento do trânsito no hemisfério sul.

O campo dos estudos das migrações sul-sul se diferencia de outras formas de estudos migratórios não só por conta do enfoque na direção do trânsito, mas em razão da difícil definição do que é o sul global. Assim, baseando-se em Babić (2017), a discussão do sul global envolve a compreensão de fatores relacionados ao desenvolvimento econômico e humano dos Estados-nação, bem como fatores estruturais históricos, que envolvem as perspectivas relacionais construídas em função dos fenômenos pré-coloniais, coloniais e pós-coloniais. Os movimentos em perspectiva sul-sul “refletem e (re)configuram condicionantes que ocorrem fora das fronteiras nacionais, com impactos na conformação da imigração no âmbito de cada país” (BAENINGER, 2018, p. 13).

O recente estudo de Pison (2019) aponta que, em 2017, foi possível identificar pelo menos 97 milhões de migrantes em trânsito sul-sul, enquanto o fluxo sul-norte, por

---

<sup>3</sup> O conceito de translocalidade é aqui acionado com base na concepção cunhada por Appadurai (1996).

sua vez, apresentou um índice inferior: 89 milhões de deslocamentos. Esses dados, baseados no relatório *Trends in International Migrant Stock: The 2017, Revision, and International Migration Report* (UNITED NATIONS, 2017), identificam aquilo que é uma tendência, mas estão longe de contemplar a totalidade dos deslocamentos, pois a fragilidade dos registros migratórios decorre, inclusive, da própria natureza de alguns trânsitos, muitas vezes informais e indocumentados.

Entre os dados de deslocamentos possíveis de serem quantificados em termos globais estão os registros de solicitação de refúgio coletados pelo Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (Acnur). O relatório *Global Trends, 2019*, publicado pela instituição, aponta que, atualmente, 25,9 milhões de pessoas deslocadas de seus países são solicitantes de refúgio ou refugiados. Trata-se do maior contingente populacional já verificado pelo Acnur desde o início dos registros dos refugiados no mundo, em 1950. O relatório acima citado aponta ainda que o Brasil recebeu cerca de 80 mil pedidos de refúgio em 2018, o que alçou o país ao sexto lugar mundial na procura de asilo.

Até 2018, o Brasil nunca havia figurado na lista dos maiores receptores de refugiados do Acnur. No entanto, os dados do Comitê Nacional para os Refugiados (Conare) indicam um aumento gradual dos protocolos de refúgio no país desde 2010. A análise dos relatórios divulgados pelo comitê parece indicar três momentos de maior intensidade de trânsito de solicitantes de refúgio no Brasil: 2011, 2014 e 2018.

Em 2011, houve um aumento significativo de protocolos de haitianos, parte em decorrência do intenso abalo sísmico que afetou o país um ano antes, em 2010. No entanto, como indica Magalhães (2018; 2017), o fenômeno catastrófico, apesar de ser fundamental para a intensificação do fluxo de saída de migrantes haitianos, não pode ser compreendido como a única causa do deslocamento desses sujeitos para o Brasil.<sup>4</sup> Em 2014, foi possível identificar a continuidade do fluxo de migrantes que tradicionalmente se deslocavam para o Brasil, como haitianos,<sup>5</sup> sírios, senegaleses, angolanos e congolezes; o aparecimento de solicitações de refúgio de países que não constituíam fluxos de deslocamento contínuos para o Brasil, como Gana; e um sensível aumento nos números de solicitações de refúgio de pessoas oriundas de países que se classificaram para a edição da Copa do Mundo Fifa, realizada no Brasil naquele ano, como os já citados ganeses e também nigerianos e camaroneses. Por fim, em 2018, pôde-se ver um aumento exponencial de solicitações de refúgio e, virtude da crise na Venezuela. Naquele ano, dos cerca de 80 mil pedidos de refúgio no Conare, 61,6 mil foram protocolados por venezuelanos.

---

<sup>4</sup> Segundo Magalhães, “não obstante ser esse um fenômeno social recente (a imigração haitiana no Brasil tem seus primeiros registros apenas ao final de 2010), ele se insere no rol de processos emigratórios haitianos que remontam desde o final do século XIX. Seu estudo exige, portanto, conhecimento destes processos históricos de modo a se identificar de forma precisa a especificidade do fluxo ao Brasil” (2018, p. 370). O autor compreende que os deslocamentos de haitianos para o Brasil não são frutos de um processo monocausal, e sim que seus vetores envolvem três dimensões: a economia capitalista mundial, a conjuntura da própria sociedade haitiana e a economia brasileira (MAGALHÃES, 2018). Para compreender melhor as migrações haitianas, ver: Baeninger *et al.* (2016) e Magalhães (2013).

<sup>5</sup> O Haiti hoje é o segundo país em número de solicitações de refúgio no Conare, porém os pedidos de refúgio dos haitianos não são analisados pelo comitê, e sim encaminhados ao Departamento de Estrangeiros (Deest), que, em conjunto com o Conselho Nacional de Imigração (Cnig), concede vistos humanitários de permanência no país, com base na Resolução Normativa nº 117/2015.

Segundo o Relatório OBmigra (CAVALCANTI, *et al.*, 2015), em 2015 ocorreu uma reconfiguração espacial da força de trabalho estrangeira no Brasil. Se até 2010 cerca de 70% dos imigrantes com carteira assinada trabalhavam na Região Sudeste, em 2015, após anos de queda contínua no índice de contratos de migrantes no Sudeste, os estados do Sul passaram, enfim, a despontar como lugar de atração de migrantes laborais, alcançando o índice de 35,7% do total das carteiras de trabalho assinadas no período. Desse número, 26% se referiam a admissões realizadas por empresas catarinenses, o maior índice de admissões entre todas as unidades da federação naquele ano. Em 2019, a publicação pelo OBmigra do estudo sobre a inserção do imigrante solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal (CAVALCANTI *et al.*, 2019) indicou que o Sul continuou a ser responsável pela absorção da maior parte da mão de obra dos solicitantes de refúgio até 2018.

Com relação às migrações contemporâneas internacionais em Criciúma, o papel de empresas da região no recrutamento de migrantes haitianos em cidades como Brusque e Epitaciolândia, no estado do Acre, foi fundamental para a formação desse fluxo e a inserção da cidade nessas novas rotas migratórias do tempo presente (FIGUEREDO, 2016). O ápice do acolhimento de migrantes, no entanto, se deu em meados de 2014, quando, em decorrência da Copa do Mundo realizada no Brasil, migrantes africanos, cujas seleções nacionais haviam se classificado para o evento esportivo, entraram no país com visto de turismo. Os chamados “migrantes da Copa” protocolaram pedidos de refúgio no Conare e se deslocaram para regiões no Sul do Brasil, especialmente Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, e Criciúma, em Santa Catarina (ASSIS; CECHINEL, 2018).

Essas cidades chamaram a atenção dos migrantes africanos em função das informações trocadas com outras redes de migração, como a dos haitianos, que indicavam, pelo relato de recrutamento por empresas da região, a possibilidade maior de inserção laboral, bem como a rapidez da Polícia Federal no encaminhamento dos protocolos de refúgio. No caso dos migrantes muçulmanos que optaram pelo deslocamento para Criciúma, outro fator foi preponderante para a escolha: a presença da maior mesquita do sul do Brasil na cidade, a Mesquita Palestina.<sup>6</sup>

Em 2014, as prefeituras de Caxias do Sul e de Criciúma moveram ações pelo Ministério Público Federal contra a União, solicitando que o Estado brasileiro tomasse providências para auxiliar os municípios a integrar os migrantes ganeses e dar celeridade à análise dos pedidos de refúgio desse grupo (CAVALCANTI *et al.*, 2014).

Uma das especificidades da migração ganesa, contudo, é a aparente inadequação jurídica dos pedidos de refúgio. O país, que atualmente não registra conflitos civis – de cunho religioso ou político –, é considerado uma nação economicamente estável e de acolhimento de migrantes que se deslocam entre os países da África Ocidental (AGYEMAN; SERTRANA, 2014). A maior parte dos pedidos protocolados por ganeses no Conare, portanto, não se enquadra na Lei do Refúgio (Lei nº 9.474/1997), segundo a qual refugiado é todo e qualquer indivíduo que se encontre fora do seu país em razão de “fundados temores de perseguição por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas” (BRASIL, 1997a), que não possa ou não queira regressar ao seu país em virtude dessas circunstâncias, ou que é obrigado a migrar do seu país

<sup>6</sup> Para compreender melhor os aspectos relacionados à conjuntura produtiva e econômica do sul de Santa Catarina e de Criciúma, em especial, ver: Filho (2007) e Magalhães (2013).

de origem por causa da “grave e generalizada violação de direitos humanos” (BRASIL, 1997a). Não obstante, tendo em vista o grande número de entrada de ganeses no Brasil desde 2014, o Cnig, baseado na Resolução Normativa de 27 de novembro de 1998, que disciplinava a avaliação de situações especiais e casos omissos, decidiu conceder vistos de permanência para casos considerados especiais.

Apesar de enquadrarem-se nos “casos considerados especiais”, ao analisar rascunhos das fichas de protocolo de refúgio, que se encontram nos arquivos da Casa de Passagem São José de Criciúma, e com base nas entrevistas com ganeses que passaram pelo crivo do Conare, é possível identificar algumas estratégias narrativas por eles utilizadas para o preenchimento do questionário do protocolo de refúgio, como a necessidade de indicar, como vetor essencial de saída da terra natal, alguma forma de perseguição política ou religiosa, a fim de ampliar as possibilidades de permanência documentada no país.

Seja qual for a estratégia de permanência, o resultado é a consolidação de um novo destino nos projetos migratórios ganeses. De acordo com as estatísticas do “Gráfico de distribuição da população africana por país de origem, segundo as grandes regiões”, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2000), até o ano 2000, o Brasil havia registrado a entrada de 103 ganeses documentados em seu território, todos residentes na Região Sudeste do país. Cotejando esses dados com as análises do Cnig e do Conare, é possível inferir que, apesar de o ápice da procura de ganeses pelo Brasil ter ocorrido em 2014, o número de entradas e solicitações de permanência tem sido estável e contínuo desde então. É no bojo dessas novas tendências dos trânsitos globais do tempo presente, apontadas pelos estudos de Pison (2019) e de agências como Acnur, Obmigra e Conare, que o Sul, mais especificamente o estado de Santa Catarina, emerge como destino laboral.

## ESPAÇOS TENSIONADOS DA DIFERENÇA

### A cultura da itinerância ganesa

Apesar da recente inserção do Brasil como destino na rota das migrações ganesas, da alcunha de “migrantes da Copa” e da importância do “marco de 2014”, a estratégia do deslocamento como projeto individual e familiar não é um fenômeno recente em Gana, como indicam os estudos de Agyeman e Sertrana: “Migração em Gana tem uma torção dinâmica e complexa. Antes da instabilidade econômica e política na década de 1960, o país recebeu um grande número de imigrantes de e em torno de África. Depois disso, Gana rapidamente transformou-se num principal país de envio de migrantes” (2014, p. 14).

A tradição migratória ganesa de longa duração não apenas traduz a própria trajetória da formação do país e de seus povos, como contextualiza parte fundamental das dinâmicas de organização da sociedade ganesa no tempo presente, em Gana ou na diáspora. Essas dinâmicas de organização reproduzem e ressignificam tensões étnicas e religiosas, pois são forjadas pelo quadro de uma cultura da itinerância (MBEMBE, 2015) singular, que possibilitou o encontro de grupos étnicos com línguas, tradições e religiosidades diferentes no mesmo território. Para Achille Mbembe,



a história pré-colonial das sociedades africanas foi, de ponta a ponta, uma história de povos incessantemente em movimento através do conjunto do continente. Trata-se de uma história de culturas em colisão, tomadas pelo turbilhão das guerras, das invasões, das migrações, dos casamentos mistos, de religiões diversas que são apropriadas, de técnicas que são trocadas e de mercadorias que são vendidas. A história cultural do continente praticamente não pode ser compreendida fora do paradigma da itinerância, da mobilidade e do deslocamento (2015, p. 69).

A fim de compreender, portanto, o modo como os migrantes ganeses hoje se relacionam com a cidade de Criciúma e forjam suas identidades em trânsito, é preciso analisar, mesmo que de forma introdutória, como as noções de itinerância, mobilidade e deslocamento se entrelaçam na construção histórica de identidades e identificações em Gana.

A atual República de Gana, país localizado na região oeste da África sulsaariana, tem 28 milhões de habitantes e faz fronteira com os territórios de Burkina Faso, Togo e Costa do Marfim. Graças às singularidades históricas da formação do seu território, forjado em decorrência das relações entre diferentes povos oriundos da África Ocidental, com longínquo passado de mobilidade interna, o território ganês hoje abriga, oficialmente, cerca de cinquenta etnias e reconhece mais de oitenta línguas (GHANA, 2013). Segundo o *Population and Housing Census* de 2013, pesquisa realizada pelo centro governamental de estudos estatísticos de Gana – o Ghana Statistical Service –, akan é o maior grupo étnico do país (47,3%), seguido de mole dagbani (16,6%), ewe (13,9%), ga-dangme (7,4%), gurma (5,7%) e guan (3,7%) (GHANA, 2013, p. 61). A mobilidade em Gana desempenhou e ainda desempenha um papel basilar. Essa experiência faz parte, igualmente, de realidades históricas comuns a vários países das Áfricas, “que não reconstituem e não se reproduzem ‘apesar dos fluxos’, mas graças a eles, tendo no movimento não uma novidade decorrente de fenômenos globais contemporâneos, mas algo que é estruturante” (DIAS; LOBO, 2012, p. 11).

Segundo o relatório *Human Development Indices and Indicators: 2018 statistical update team*, do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (Pnud), até 2018 havia aproximadamente 3 milhões de emigrantes ganeses em deslocamento, dentro e fora do continente africano, e 17 mil ganeses refugiados, inscritos no Acnur. O país, constituído por um longo histórico de fluxos migratórios entre suas fronteiras porosas (AWUNBILA *et. al.*, 2008), tem atualmente, como principal economia, a extração e a exportação do cacau, porém credita parte de sua estabilidade econômica às remessas de dinheiro enviadas do exterior para as famílias que permaneceram na terra natal (GHANA, 2014).

É o que demonstra o relatório do primeiro Colloquium of the Diaspora Engagement Project: Linking the Ghanaian Diaspora to the Development of Ghana, de 2012, encontro que reuniu na capital de Gana, Acra, pesquisadores e representantes de entidades governamentais e organizações não governamentais para discutir os impactos econômicos das migrações ganesas. Segundo o relatório, os ativos da diáspora, remessas em dinheiro dos migrantes para familiares em Gana, são atualmente muito significativos para o equilíbrio da economia ganesa. Em 2012, por exemplo, as remessas em dinheiro excederam o valor de entrada de investimentos estrangeiros diretos no país.

A maior parte das remessas é oriunda de países do continente africano, e mesmo da própria África Ocidental, regiões de destino da maioria dos deslocamentos de ganeses. Segundo os dados do atlas *Rural Africa in motion: Dynamics and drivers of migration South of the Sahara* (2017), publicados pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), 75% do trânsito ganês se constituem em fluxos e refluxos entre os 54 países do próprio continente africano, e apenas 25% representam a inserção de migrantes em rotas transcontinentais. Ainda segundo o Colóquio, até então, os principais países receptores de migrantes ganeses fora do continente africano foram os de língua inglesa, como Inglaterra e Estados Unidos. Além desses, Holanda, Itália e Alemanha também figuravam na lista, que não incluía nenhum país da América do Sul. Como discutido antes, é em meados de 2014 que se pode identificar um deslocamento desses destinos e o aparecimento do Brasil na rota dos ganeses.

A dinâmica interna de migrações, no entanto, é mais antiga. Adjepong (2009) indica que o território que hoje identificamos como República de Gana foi definido por deslocamentos e disputas de inúmeras ordens, os quais foram motivados por questões geográficas, econômicas e religiosas, muito anteriores à presença portuguesa dos séculos XV a XVII e à colonização da região da Costa do Ouro (sul da atual Gana) pelo império britânico, a partir de 1874. Segundo Agyeman e Sertrana (2014), esses encontros étnicos resultavam tanto de conquistas territoriais de guerra quanto da necessidade de relações comerciais. Esses povos, ora inimigos, ora parceiros, circulavam pela região da África Ocidental, criando rotas caravanescas importantes. José Rivair Macedo (2015) aponta, no entanto, que, em meados dos séculos XVIII e XIX, o grupo akan, falante da língua twi e suas variantes, constituiu um grande império hegemônico cuja capital se localizava na atual região de Kumasi, a Confederação Axânti, que reinou poderosamente na era pré-colonial, espalhando seu domínio sobre mais de quarenta povos diferentes que haviam se estabilizado ou que circulavam nos territórios dos atuais Gana, Togo e parte da Costa do Marfim.

Enquanto a Confederação Axânti expandia seu poderio pelas regiões acima citadas, simultaneamente, outro processo de domínio territorial teve início: a área próxima ao Golfo da Guiné, ao sul de Kumasi, passou a ser disputada e explorada por reinos europeus, em especial pelos portugueses que conquistaram a região da Costa do Ouro, em 1471, interessados no comércio do minério abundante na região. Em 1867, após disputas com outros impérios europeus, o Império Britânico anexou a Costa do Ouro e passou a disputar militar e politicamente os territórios comandados pela Confederação Axânti e por outros povos, como os fantis (MACEDO, 2015).

Oriundos da região de Kumasi, o grupo axânti atualmente reivindica a ancestralidade do antigo Império e continua a se organizar politicamente como uma monarquia tradicional, mesmo no interior de uma república presidencialista. Apesar das diversas tentativas de anulação do reconhecimento formal da autoridade dos chefes axântis, chamados na língua akan de *ashentenés*, tanto pela administração colonial britânica quanto pelos governantes do período pós-colonial, o prestígio dos chefes tradicionais se sustentou através dos tempos, de modo que ainda hoje os governantes ganeses não se sentem autorizados a administrar o Estado sem a sanção destes (LOURENÇO, 2017). De fato, o Estado ganês reconhece oficialmente a legitimidade do poder regional dos chefes axântis. A constituição ganesa protege essa estrutura política e cultural, caracterizando-a como um Estado subnacional tradicional.

A solidificação do poder simbólico dos grupos akan e, em especial, dos axântis se dá ao mesmo tempo que as regiões do sul do território da colônia Costa do Ouro são anexadas pelo Império Britânico. Paralelamente, ocorre um processo de consolidação das correntes de deslocamento interno de direção norte-sul. As áreas hoje denominadas Grande Acra, Axânti e Kumasi, no sul do país, começaram a crescer demograficamente em função de diversos fatores, como possibilidade de trabalhos sazonais na agricultura de cacau; construção de portos e minas na costa mediterrânea; possibilidade de formação intelectual nas grandes cidades, tutelada inicialmente por missões religiosas estrangeiras oriundas dos impérios coloniais; fortalecimento de setores secundários e terciários (AWUNBILA *et al.*, 2008). Além disso, Margareth Peil (1974) indica que muitos povos considerados estrangeiros, como fulanis, árabes, mossi e hauçás, que inicialmente se localizavam nas regiões norte e central da colônia da Costa do Ouro, passaram a se deslocar para o sul, fugindo da seca e do clima árido do norte. Esses fatores também atraíram diversas etnias de territórios que hoje são países vizinhos, como Nigéria, Libéria, Burkina Faso, e também o grupo Mao do Mali (PEIL, 1974).

É nesse contexto de deslocamentos, formação de fronteiras, definição de identidades e mitos fundantes que emerge uma espécie singular de assentamento transterritorial presente em grandes centros urbanos de Gana e em toda a África Ocidental, sobretudo nos países de minoria islâmica: os *zongos*. Constituídos na esteira das rotas migratórias, os *zongos* são assentamentos pluriétnicos de comerciantes muçulmanos, falantes da língua hauçá – um idioma islamizado. De modo geral, os assentamentos surgem, inicialmente, como campos de parada e espaços de trocas, graças às rotas comerciais de direção norte-sul. Com o passar do tempo e a permanência de alguns desses sujeitos migrantes, tais espaços passaram a formar bairros na periferia de grandes cidades e a reunir muçulmanos, comerciantes ou não, falantes da língua hauçá e descendentes de migrantes de diversas etnias oriundas do norte de Gana, ou de regiões do norte da África Ocidental, como Níger ou Burkina Faso (WILLIAMSON, 2014; SCHILDKROUT, 2007; AGIER, 1983).

Por causa do histórico da constituição dos bairros *zongos*, hoje eles são conhecidos em Gana pelas alcunhas de “bairro dos migrantes”, “bairro dos estrangeiros” ou “bairro hauçá”, engendrando uma espécie de espaço tensionado, cujas fronteiras são definidas por sinais diacríticos de ordem étnico-religiosa. Segundo Williamson (2014), a palavra *zongo* é proveniente de uma gíria usada na língua hauçá, *zango*, que significa “campo de viajantes” ou “parada”. Os primeiros registros oficiais do termo se encontram em mapas e documentos da administração colonial britânica no período do domínio inglês. A palavra *zongo* era assinalada para definir, nesses documentos, as áreas em que viviam grupos muçulmanos considerados estrangeiros: os *settlements of foreign african races*. Segundo Agier (1983), os *zongos* são mais do que bairros; são ambientes sociais às margens das estruturas econômicas modernas que passaram a se constituir propriamente como um grupo social específico, muçulmano, migrante, comerciante, urbanizado e que, apesar de aglutinar dentro de suas fronteiras etnias heterogêneas, costumam ser conhecidos como espaços próprios de uma cultura hauçá, religiosa.

Para Lopes e Macedo (2017), os hauçás são, possivelmente, oriundos da região do Sahel africano, sudoeste do Níger e norte da Nigéria, e, assim como outros povos da Nigéria, como os iorubás, não constituíam um povo unificado ou Estado uno, e sim um conjunto de povos que compartilhavam a mesma língua chádica e que

passaram, em algum momento da história, a compartilhar também mitos de origem e uma identidade em comum. As comunidades autônomas hauçás, em princípio, surgiram no século XII (MACEDO, 2015), em rotas comerciais transaarianas. Esses povos foram islamizados a partir do século XIII (LOPES; MACEDO, 2017), e desde os séculos XIV e XV é possível identificar a influência do islã “no estilo de vestimenta adotado pela população e no uso do véu pelas mulheres” (MACEDO, 2015, p. 62).

Além de terem acesso ao território onde hoje se localiza Gana graças ao intenso comércio das rotas transaarianas, que impulsionou a construção de mercados, paradas e *zongos* nas franjas das grandes cidades ganesas, Sangalli e Gonçalves apontam a associação de grupos hauçás ao Império britânico no período colonial. Os autores indicam que os hauçás chegaram a gozar de certos privilégios, em detrimento de outros povos da Colônia da Costa do Ouro, em virtude de suas “contribuições nas forças armadas e em cargos do governo colonial” (2019, p. 70). Ao que tudo indica, as tensões do período colonial reverberam no tempo presente. Historicamente considerados estrangeiros e, de alguma forma, favorecidos pelo domínio inglês na região, aos poucos eles foram perdendo influência no governo, sobretudo no período pós-colonial, e são retratados hoje como estrangeiros ou “nortistas” (*northerners*), sendo maioria nas áridas regiões do norte do país e minoria nas regiões do sul de Gana, residindo especialmente em *zongos*.

Para Cassentini, “a noção de *zongo* começou a ser usada em sentido mais amplo fora do espaço hauçá, de modo a incluir outros grupos étnicos. Hoje, a palavra designa genericamente um bairro histórico de migrantes” (2018, p. 452, tradução nossa). Ou seja, os *zongos* não são meramente bairros comerciais ou enclaves étnico-religiosos; são lugares que historicamente foram identificados como próprios de estrangeiros. A constituição e a permanência desses bairros sinalizam também uma forma de apropriação do espaço das cidades e da construção de arranjos sociais que evidenciam adaptações e resistências, em especial em se tratando da constituição da noção de pertencimento nacional para os ganeses no tempo presente. Como indica Margareth Peil:

A cidadania na África tendeu a ser definida pela etnicidade, então o local de nascimento é menos importante do que a ancestralidade. A cidadania num país de acolhimento é difícil de obter e raramente procurada, ao passo que as relações com o “lar” são reivindicadas até por famílias de emigrantes de segunda ou terceira geração cujos membros nunca o visitaram. As redes familiares e os contatos de negócios influenciam a direção da migração e o trabalho obtido na chegada. O casamento costuma ocorrer dentro do grupo étnico (1995, p. 347, tradução nossa).

Assim, muitos cidadãos ganeses, de pai e mãe também ganeses, são tachados de estrangeiros, por conta de uma espécie de determinismo geográfico que associa sua situação de zongoriano à de migrante. Os *zongos* representam, para Cassentini (2018), uma condição que se localiza entre os conceitos de inclusão e exclusão. Por um lado, sua existência simula um espaço onde os sujeitos negociam sua identidade étnica; por outro, os zongorianos são frequentemente excluídos da esfera política tradicional e, muitas vezes, têm a própria cidadania ganesa questionada.



Em meio a uma cultura da itinerância, que moldou o território e as características do heterogêneo povo ganês, os *zongos* representam mais um entre os inúmeros territórios tensionados possíveis, formados por fronteiras étnicas e religiosas que “permite[m] o reconhecimento de um grupo no mundo social e a inscrição de um lugar no espaço” (AGIER, 2015, p. 43).

## FRONTEIRAS SIMBÓLICAS E DESLIZANTES: ZONGORIANOS E NÃO ZONGORIANOS NA CIDADE DE CRICIÚMA

Desde que chegou a Criciúma, Abu, 41 anos, ganês, nascido em Aboabo, *zongo* localizado na região de Kumasi, muçulmano, falante de hauçá e etnicamente mossi, se reuniu com algumas pessoas que conheceu antes de viajar para Criciúma, todas elas zongorianas de diversas regiões ganesas, a maioria oriunda dos *zongos* de Acra, capital do país. O contato inicial com esse grupo aconteceu via redes sociais, por intermédio de seus parentes, também migrantes, que haviam chegado ao Brasil e, posteriormente, partido para os Estados Unidos. A ideia de Abu e da família, que teve profundo impacto no planejamento de seu projeto migratório, era utilizar os contatos de ganeses no Brasil para fazer o que parte da família materna já havia feito alguns anos antes: usar o país como passagem para o destino final, no norte da América. Muitos conhecidos de Abu haviam entrado nos Estados Unidos sem documentos, ultrapassando a fronteira do México, e outros haviam comprado vistos e passaportes falsos. Entre fracassos e êxitos, o saldo havia sido positivo para a maioria dos conhecidos dele até então.

A experiência do deslocamento, portanto, não era novidade para a família de Abu. Ele mesmo já havia migrado. Antes de planejar a ida para os Estados Unidos, morara em outros *zongos* de países africanos, como Togo, Benim e Nigéria. Por falar hauçá, língua comum a todos os assentamentos *zongos*, ter nascido em um *zongo* em Kumasi e ser muçulmano, Abu tinha maior possibilidade de se adaptar ao país e procurar emprego se morasse entre “os seus”.

Ao chegar ao Brasil, país de trânsito, no entanto, o projeto migratório de Abu sofreu uma mudança, e ele decidiu permanecer no país, estabilizar-se e trazer a família, como é comum nas trajetórias migratórias contemporâneas, pois “a distinção entre ‘país de trânsito’ e ‘de destino’ fica menos evidente no contexto de mudanças rápidas e transformações globais” (JUNG *et al.*, 2018, p. 3). No caso dos Estados Unidos, destino inicial do projeto da família de Abu, a tradicional política de securitização das migrações foi enrijecida, desde o início do governo de Donald Trump, com a propagação de discursos nacionalistas e ações de controle fronteiriço, como a ordem executiva que vetou totalmente, durante três meses, a entrada de migrantes de sete países predominantemente muçulmanos da África e do Oriente Médio. Assim, com o enrijecimento das políticas de securitização, novas táticas de deslocamento são engendradas, projetos são alterados e contextos migratórios são redefinidos.

Em Criciúma, Abu entrou em contato com Farko, de 45 anos, ganês oriundo do *zongo* de Nima, em Acra, etnicamente chamba, de família convertida ao islamismo. Farko chegou a Criciúma antes da Copa do Mundo de 2014 e pode hoje ser considerado um dos primeiros ganeses a chegar e permanecer na cidade. Segundo Farko, a presença dos migrantes ganeses na cidade é fruto de um lento processo, formado por acasos e por estratégias burocráticas. Após contato com um primo de

passagem por Santa Catarina, Farko soube que empresas da Região Sul estavam buscando mão de obra de migrantes haitianos que haviam chegado ao país em busca de refúgio, fugindo da catástrofe do terremoto de 2011. Além da procura por mão de obra, Criciúma chamou a atenção de Farko por conta da Mesquita Palestina, a maior entre as três mesquitas do Sul do Brasil – as demais se localizam em Lages e em Porto Alegre. Os motivos elencados por Farko para o surgimento de um fluxo migratório ganês na cidade também são citados por outros migrantes que chegaram posteriormente a Criciúma. Além dessas questões, os outros migrantes indicam que escolheram a cidade pela agilidade da Polícia Federal no agendamento para a regularização da situação no Brasil.

Após contato com a mesquita, Farko conseguiu se estabilizar e, uma vez ali acolhido, passou a morar numa das cinco casas alugadas pela Secretaria de Assistência Social de Criciúma, no bairro Pinheirinho. O objetivo dessas casas era alocar, em caráter de urgência, migrantes solicitantes de refúgio que chegavam à cidade e não conseguiam vaga na Casa de Passagem São José, instituição de abrigo público municipal para pessoas em vulnerabilidade social. A casa de Farko chegou a abrigar 90 migrantes ganeses, a maioria zongorianos. Abu e ele afirmam que, apesar de “irmãos” – termo aqui utilizado para indicar uma familiaridade não consanguínea, mas étnica e religiosa –, se conheceram somente em Criciúma e, em decorrência da situação em que migraram, moraram juntos durante um período de suas trajetórias. Atualmente, eles não dividem mais a mesma casa. Por conta do seu trabalho, Abu mora em outro bairro de Criciúma também conhecido por abrigar muitos migrantes de origem ganesa, o bairro Próspera, no extremo oposto ao Pinheirinho.

Aparentemente, os relatos e a análise em campo na cidade de Criciúma indicam que o espaço citadino se encontra simbolicamente esquadrinhado: de um lado, migrantes zongorianos, muçulmanos, falantes de hauçá e pertencentes a inúmeras etnias, que primeiro se estabeleceram nas regiões próximas à Mesquita Palestina e ao bairro Pinheirinho; de outro, migrantes oriundos de diversas regiões ganesas, sobretudo Kumasi e Acra, majoritariamente axântis e cristãos, que se fixaram na região da Próspera.

Segundo Abu, a despeito de conviverem em inúmeros lugares de sociabilidade e de se reconhecerem como parte de uma mesma comunidade migrante, a diferença que os separa, inclusive espacialmente, é de origem religiosa: “Na Próspera só tem nós de muçulmanos, né, onde a gente mora. Lá na Próspera só nós, o resto é todos cristãos. Acho que lá é apenas uma casa de muçulmano” (ABU, 2018). No entanto, para Farko, as tensões não podem ser resumidas a termos religiosos: “Na verdade, o que acontece é que os cristãos que estão morando na Próspera, a maioria são os axântis, e eles são assim, eles não gostam de se misturar com quem é de zongos” (FARKO, 2018). Seu depoimento reforça a ideia de territórios tensionados que ultrapassam o sinal diacrítico religioso, mas recriam, em trânsito, as disputas étnicas históricas e os discursos de pertencimento comuns ao cotidiano desses ganeses. O depoimento de Farko, assim como o de Abu, fortalece o argumento de que há, em suas trajetórias, tensões identitárias prévias, que são de alguma forma ressignificadas em trânsito. O entrevistado ainda afirma:

Na verdade, axântis são preconceituosos. Sabe? Eles é... se tu vê o que aconteceu aqui em Criciúma, né? [...] Assim que eles

tudo acham, pensam que é... quem são de zongo, quem são mossi, hauçá, yorubá não são ganeses (FARKO, 2018).

No estudo etnográfico com migrantes africanos realizado por Sangalli e Gonçalves, na cidade de Caxias do Sul (2019), é possível identificar narrativas que se assemelham às de Abu e Farko, no âmbito do acionamento de identidades étnicas como marcadores de pertencimento, em detrimento de outros referenciais ou sinais diacríticos que poderiam ser acionados. Para os autores, embora os entrevistados

fossem categorizados com base na cor de sua pele na esteira de um processo de racialização brasileiro nas cidades em que viviam à época das entrevistas, eles indicaram seu pertencimento de acordo com outros referenciais, marcados por relações e dinâmicas de poder de suas regiões de origem (2019, p. 66).

Para a axânti Abeo, migrante nascida em Acra, que se deslocou sozinha para o Brasil em 2013 e, desde então, leciona tanto em escolas de língua inglesa quanto em plataformas de conversação on-line, a questão da identidade nacional não é tão importante quanto a diferença cultural religiosa entre zongorianos e não zongorianos. Abeo acredita que seu destino seria completamente diferente se tivesse nascido em um *zongo* islamizado:

Na minha cidade tem isso de zongo. É outra coisa. É muito triste, as meninas não estudam. A cabeça deles é diferente, eles acham que meninas não podem estudar. É culpa da religião deles, eu sou católica, lá eles casam as meninas cedo. É muito diferente do restante de Acra (2017).

Afi não concorda. Ele é ganês, zongoriano de Kumasi, muçulmano e se identifica com a etnia fulani. Ele fala diversos idiomas, entre eles akan, o dos axântis, e a língua comum no *zongo* Aboabo, o hauçá. Para ele, os *zongos* não representam um espaço tão diferente dos demais; são apenas comunidades em que historicamente os migrantes se assentaram e que podem existir em qualquer lugar do mundo. Seja em Gana, seja no Brasil, Afi acredita que esses lugares podem ser recriados, pois não representam nada mais do que um espaço onde os “irmãos” vivem juntos: “Se um outro imigrante chega, ele fala: ‘onde tem irmão? Onde tem alguém que é imigrante também?’ Aí ele vem e vive junto, e assim que começa o *zongo*” (AFI, 2017).

## CONCLUSÃO

Abu, Farko, Abeo e Afi se identificam, em termos étnicos, respectivamente, como mossi, chamba, axânti e fulani. Todos são ganeses, nascidos em Gana, com pai e mãe ganeses. Entre os quatro, apenas Abeo não é zongoriana, assim como é a única a não compartilhar nem a crença islâmica nem a língua hauçá. Ela é solteira e viajou sozinha, nunca morou numa “comunidade de irmãos”. Apesar de os quatro migrantes entrevistados acionarem suas identidades étnicas, somente os zongorianos indicam também o bairro como característica importante de sua identidade. No entanto, no Brasil, antes de serem identificados como mossi, chamba, axânti ou fulani; zongorianos

ou não zongorianos; muçulmanos, cristãos ou pegans; esses migrantes têm suas etnias racializadas, são definidos inicialmente como negros e, posteriormente, talvez pelas suas identidades nacionais, como ganeses.

Para Michel Agier, a cidade é o espaço próprio da etnicização, ou seja, da criação relacional de símbolos que redefinem os grupos – “é um fator de etnicização que se aproxima de certa consciência da diferença cultural” (2011, p. 51), apesar de, aparentemente, toda cidade ser constituída tanto por dinâmicas sociais quanto por elementos cotidianos que fortaleçam a ideia de homogeneização. A chamada cultura da itinerância ganesa, que possibilitou a mobilidade e o contato entre tantos grupos que circularam pela África Ocidental, foi um importante vetor para a criação de espaços tensionados da diferença dentro das cidades africanas: os *zongos*. São as manifestações dessa mesma cultura da itinerância que reverberam ainda hoje nos arranjos sociais que redefinem noções de pertencimento em trânsito nas urbes.

No caso de Criciúma, inserida como cidade de acolhida nesse novo fluxo contemporâneo das migrações de direção sul-sul, a apropriação do espaço citadino e a criação de laços de solidariedade entre grupos diferentes oriundos das mesmas fronteiras nacionais indicam o acionamento de sinais diacríticos que forjam ou reforçam a ideia do pertencimento, para além de uma identidade nacional. Nessa cidade territorializada, constituída de códigos e símbolos, os espaços particulares para ganeses zongorianos e não zongorianos foram elaborados de forma relacional, embora, aos olhos externos, aparentemente um mesmo grupo negro, africano ou ganês, circule pelos mesmos espaços.

Esses espaços translocais, de alguma forma, reinventam a lógica da sociabilidade e da organização ganesa em Criciúma. Para Abu, a despeito de estar em Gana ou no Brasil, todos os irmãos devem permanecer juntos, e por irmãos ele compreende aqueles que, não obstante a etnia, se identificam como zongorianos. “É, tipo, nós aqui, a gente vem de Gana, né? Daqui não volta mais. As nossas famílias tá aqui. A gente pode chamar o Zongo de Criciúma. A gente faz o zongo aqui” (2018).

## REFERÊNCIAS

ABEO. Entrevista concedida a Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 mar. 2017.

ABU. Entrevista concedida a Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 10 fev. 2018.

ACNUR. *Global Trends: forced displacement in 2018*. Genebra: Acnur, 2019. Disponível em: <https://www.unhcr.org/statistics/unhcrstats/5d08d7ee7/unhcr-global-trends-2018.html>. Acesso em: 17 dez. 2019.

ADJEPONG, Adjei. *The Origins, Implementation and Effects of Ghana's 1969 Aliens Compliance Order*. PhD (Master of Philosophy in History) – Department of History, Faculty of Arts, College of Humanities and Legal Studies, University of Cape Coast, Ghana, 2009.



AFI. Entrevista concedida a Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 16 dez. 2017.

AGIER, Michel. *Commerce et Sociabilité: le négociants soudanais du quartier zongo de Lomé* (Togo). Paris: Orstom, 1983.

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

AGIER, Michel. *Migrações, descentramentos e cosmopolitismo*. Maceió; São Paulo: Edufal; Fundação Editora Unesp, 2015.

AGYEMAN, Edmond Akwasi; SETRANA, Mary Boatemaa. Mobilidade humana em Gana. In: BAGIO, Fabio (org.). *Africanos em movimento: mobilidade humana em Gana, Nigéria, Angola e África do Sul*. Cidade do Cabo: Scalabrini Institute for Human Mobility in Africa (Sihma), 2014. p. 13-70

APPADURAI, Arjun. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1996.

ASSIS, Glaucia de Oliveira; CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. Entre Gana e Brasil: gênero e raça nas trajetórias de emigrantes ganeses em Criciúma (2014-2019). In: ALCÁNTARA, Manuel *et al.* (coord.). *Memoria del 56.o. Congreso Internacional de Americanistas: Estudios de Genero*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2018. p. 630-638.

ASSIS, Glaucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivencias dos novos migrantes brasileiros*. Tese (Doutorado) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, SP, 2004.

AWUNBILA, Mariama *et al.* *Migration Country Paper: Ghana*. Accra: Centre for Migration Studies – University of Ghana, 2008.

BABIĆ, Bojana. Migração Sul-Sul (MSS). In: CAVALCANTI, Leonardo *et al.* (org.). *Dicionário crítico das migrações internacionais*. Brasília: Editora UnB, 2017. p. 476-484.

BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). *Imigração haitiana no Brasil*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

BAENINGER, Rosana. Introdução. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). *Migrações Sul-Sul*. 2 ed. Campinas: Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó” – Nepo/Unicamp, 2018. p. 13-14.

BRASIL. *Lei nº 9474/1997, de 27 de julho de 2017a*. Define mecanismos para a implementação do Estatuto dos Refugiados de 1951, e determina outras providencias. Disponível em: <https://legis.senado.leg.br/norma/551350>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CASSENTINI, Giulia. Migration networks and narratives in Ghana: a case study from the Zongo. *Africa*, Cambridge, n. 88, v. 3, p. 452-468, 2018.

CAVALCANTI, Leonardo *et. al.* *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2014.

CAVALCANTI, Leonardo *et. al.* *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2015. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho e Previdência Social/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2015.

CAVALCANTI, Leonardo *et. al.* *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2016. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2016.

CAVALCANTI, Leonardo *et. al.* *A inserção dos imigrantes no mercado de trabalho brasileiro*. Relatório Anual 2017. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2017.

CAVALCANTI, Leonardo *et. al.* *Migrações e mercado de trabalho no Brasil*. Relatório Anual 2018. Série Migrações. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério do Trabalho/ Conselho Nacional de Imigração e Coordenação Geral de Imigração. Brasília: OBMigra, 2018.

CAVALCANTI, Leonardo *et al.* *Resumo executivo*. Imigração e refúgio no Brasil: a inserção do imigrante, solicitante de refúgio e refugiado no mercado de trabalho formal. Observatório das Migrações Internacionais; Ministério da Justiça e Segurança pública/ Conselho Nacional de Imigração e Cordenação Geral de Imigração Laboral. Brasília: OBMigra, 2019.

CRICIÚMA. *Relatório Situacional da Secretaria de Assistência Social Municipal de Criciúma*. 2016. Mimeo.

DIAS, Juliana Braz; LOBO, Andréa de Souza. Sobre Fluxos e(m) Contextos Africanos. *In: DIAS, Juliana Braz; LOBO, Andréa de Souza (org.). África em Movimento*. Brasília: ABA Publicações, 2012. p. 9-20.

FARKO. Entrevista concedida a Michelle Maria Stakonski Cechinel. Criciúma, 7 fev. 2018

FIGUEREDO, Luiz Orencio. *Migração haitiana em Santa Catarina: experiências de trabalhadores do Haiti na Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC)*. 2016. 229 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Extremo Sul Catarinense,

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico, Criciúma, SC, 2016.

FILHO, A. G. *Formação econômica de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2007.

GHANA. Ghana Statistical Service. *Population & Housing Census Report: Migration in Ghana 2010*, 2013. Disponível em: [https://statsghana.gov.gh/gssmain/fileUpload/pressrelease/2010\\_PHC\\_National\\_Analytical\\_Report.pdf](https://statsghana.gov.gh/gssmain/fileUpload/pressrelease/2010_PHC_National_Analytical_Report.pdf). Acesso em: 20 fev. 2020.

IBGE. *Gráfico de distribuição da população africana por país de origem, segundo as grandes regiões*. Brasil. 2000.

IOM. Diaspora Engagement Project. Colloquium of the diaspora engagement Project: Linking the Ghanaian Diaspora to the development of Ghana. *Anais do Colóquio*. 2012. Disponível em: [http://www.ghanaiandiaspora.com/wp/wp-content/uploads/2012/10/dep\\_colloquium\\_report.pdf](http://www.ghanaiandiaspora.com/wp/wp-content/uploads/2012/10/dep_colloquium_report.pdf). Acesso em: 20 fev. 2020

JUNG, Philipp Roman; ASSIS, Gláucia de Oliveira; CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. Aqui para ficar ou só de passagem? Experiências migratórias de senegaleses e ganeses no Brasil. *Cadernos de Estudos Sociais*, Recife, v. 33, n. 2, p. 1-27, jul./dez. 2018.

LOPES, Nei; MACEDO, José Rivair. *Dicionário de História da África: séculos VII a XVI*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LOURENÇO, Vitor Alexandre Antunes. *Estado, autoridades tradicionais e processos políticos no Gana “pós-colonial”*: o caso da Região Ashanti. 2017. 442 p. Tese (Doutoramento em Estudos Africanos) – Escola de Sociologia e Políticas Públicas, Departamento de Ciência Política e Políticas Públicas, Instituto Universitário de Lisboa ISCTE, Lisboa, 2017.

MACEDO, José Rivair. *História da África*. São Paulo: Contexto, 2015.

MAGALHÃES, Luís Felipe Aires. *Migração internacional e dependência na divisão internacional do trabalho*: um estudo da região sul de Santa Catarina. 2013. 210 p. Dissertação (Mestrado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

MAGALHÃES, Luiz Felipe Aires. *A imigração haitiana em Santa Catarina*: perfil sociodemográfico do fluxo, contradições da inserção laboral e dependência de remessas no Haiti. 2017. 355p. Tese (Doutorado em Demografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017.

MAGALHÃES, Luiz Felipe Aires. Migração de dependência: considerações teóricas e metodológicas sobre a imigração haitiana no Brasil. In: BAENINGER, Rosana *et al.* (org.). *Migrações Sul-Sul*. 2 ed. Campinas: Nepo/Unicamp, 2018. p. 368–383.

MBEMBE, Achille. Afropolitanismo. *Áskesis*, Araras, v. 4, n. 2, p. 68-71, jul./dez. 2015.

MERCANDALLI, S.; LOSCH, B. (coord.). *Rural Africa in motion: Dynamics and drivers of migration South of the Sahara*. Rome: FAO; Cirad, 2017.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). *Sistema de refúgio no Brasil*. Brasília: CONARE, 2016a. Disponível em: [http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema\\_de\\_Refugio\\_brasileiro\\_-\\_Refugio\\_em\\_numeros\\_-\\_05\\_05\\_2016.pdf](http://www.acnur.org/t3/fileadmin/Documentos/portugues/Estatisticas/Sistema_de_Refugio_brasileiro_-_Refugio_em_numeros_-_05_05_2016.pdf). Acesso em: 17 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). *Refúgio em números*. Brasília: Conare, 2016b. Disponível em: [https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/1o-edicao-sistema\\_de\\_refugio\\_brasileiro\\_-\\_refugio\\_em\\_numeros\\_-\\_05\\_05\\_2016.pdf](https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/1o-edicao-sistema_de_refugio_brasileiro_-_refugio_em_numeros_-_05_05_2016.pdf). Acesso em: 17 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). *Refúgio em números*. 2ª ed. Brasília: Conare, 2017b. Disponível em: <https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/2deg-edicao-refugio-em-numeros-2010-2016-v-5-0-final.pdf>. Acesso em: 17 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). *Refúgio em números*. 3ª ed. Brasília: Conare, 2018. Disponível em: [https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refugio-em-nasmeros\\_1104.pdf](https://www.justica.gov.br/seus-direitos/refugio/anexos/refugio-em-nasmeros_1104.pdf). Acesso em: 17 dez. 2019.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA (Brasil). Comitê Nacional para os Refugiados (Conare). *Refúgio em números*. 4ª ed. Brasília: Conare, 2019. Disponível em: [https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-números\\_versão-23-de-julho-002.pdf](https://www.acnur.org/portugues/wp-content/uploads/2019/07/Refugio-em-números_versão-23-de-julho-002.pdf). Acesso em: 1 fev. 2020.

PEIL, Margaret. Ghana's Alien. *International Migration Review*, Nova York, n. 8, p. 367-381, 1974.

PEIL, Margaret. Ghanaians Abroad. *African Affairs*, Londres, v. 94, n. 376, p. 345-367, 1995.

PISON, Gilles. The number and proportion of immigrants in the population: international comparisons. *Population & Societies*, Paris, n. 563, p. 1-4, fev. 2019.

POLÍCIA FEDERAL (Brasil). *Sistema de Registro Nacional Migratório (Sismigra): 2018-2020*. Brasília: 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>. Acesso em: 20 fev. 2020.

POLÍCIA FEDERAL (Brasil). *Sistema Nacional de Cadastro de Registro de Estrangeiro (Sincre): 2014-2017*. Brasília: 2020. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/pt/dados/microdados/1733-obmigra/dados/microdados/401205-sismigra>. Acesso em: 20 fev 2020.



SANGALLI, Lucas C.; GONÇALVES, Maria do Carmo. Cursos migratórios e novas circularidades: migrantes da África Ocidental no Sul do Brasil. *Remhu — Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, v. 27, n. 56, p. 61-80, ago. 2019.

SCHILDKROUT, Enid. *People of the Zongo: The Transformation of Ethnic Identities in Ghana*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2007.

UNITED NATIONS. Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2017). *World Population Prospects: The 2017 Revision*. 2017. Disponível em: [https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2017\\_KeyFindings.pdf](https://population.un.org/wpp/Publications/Files/WPP2017_KeyFindings.pdf). Acesso em: 1 fev. 2020.

UNITED NATIONS. United Nations Population Division, UNPD. *Human Development Indices and Indicators, 2018 Statistical Update*. 2018. Disponível em: [http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018\\_summary\\_human\\_development\\_statistical\\_update\\_en.pdf](http://hdr.undp.org/sites/default/files/2018_summary_human_development_statistical_update_en.pdf). Acesso em: 01 fev. 2020.

WILLIAMSON, E. A. *Understanding the zongo processes of socio-spatial marginalization in Ghana*. Master of Science in Architecture Studies – Department of Architecture, Massachusetts Institute of Technology, Boston, 2014.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

UDESC, FAED, PPGH, Av. Madre Benvenuta, 2007, Itacorubí, 88035-001, Florianópolis, SC, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Pesquisa vinculada ao projeto de tese intitulado “Trajetórias Afrodiaspóricas: histórias e memórias de migrantes ganeses em Criciúma (2014-2020)” no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC). Os depoimentos orais foram coletados pela autora e são vinculados ao Projeto de Pesquisa, coordenado pela autora, “Narrativas Diaspóricas: trajetórias de imigrantes africanos em Criciúma/SC” do edital 220/2016 do Programa Diversidades Inclusão e Direitos Humanos da Universidade do Extremo Sul Catarinense (DIDH-UNESC).

### FINANCIAMENTO

Pesquisa financiada pelo programa Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior, Programa de Bolsas Universitárias de Santa Catarina (FUMDES/UNIEDU).

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

As entrevistas orais utilizadas foram coletadas pela autora e fazem parte do acervo da pesquisa *Narrativas Diaspóricas: Trajetórias de imigrantes africanos em Criciúma/SC* do edital 220/2016 do Programa Diversidades Inclusão e Direitos Humanos da Universidade do Extremo Sul Catarinense (DIDH-UNESC). A pesquisa, coordenada pela autora do artigo, foi aprovada pelo Comitê de Ética, processo 74264717.4.0000.0119 em 31 de outubro de 2017. Todas as entrevistas foram realizadas pela autora do artigo.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.



## LICENÇA DE USO

© Michelle Maria Stakonski Cechinel. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)  
Tiago Kramer de Oliveira  
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

## HISTÓRICO

Recebido em: 27 de março de 2020  
Aprovado em: 16 de novembro de 2020


Como citar: CECHINEL, Michelle Maria Stakonski. "A gente faz um zongo aqui": migrações contemporâneas ganesas e apropriações urbanas (2014-2020). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 471-491, maio/ago. 2021.



## DO HIDROAVIÃO AO AUTOMÓVEL: A EXPERIÊNCIA DA MODERNIDADE EM LUÍS CORREIA (PI) NA DÉCADA DE 1930


From the hydroplane to the automobile: the modernity experience in  
Luís Correia (PI) in the 1930s

**Marcus Pierre de Carvalho Baptista<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-2774-6972>


E-mail: marcus\_pierre@hotmail.com

**Francisco de Assis de Sousa Nascimento<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-1955-8891>

E-mail: franciscoufpi@gmail.com

**Elisabeth Mary de Carvalho Baptista<sup>c</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-2885-7968>

E-mail: baptistaeli@gmail.com

<sup>a</sup> Universidade Federal do Piauí, Centro de Ciências Humanas e Letras, Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Teresina, PI, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal do Piauí, Campus Ministro Petrônio Portela, Centro de Ciências Humanas e Letras, Departamento de História, Teresina, PI, Brasil

<sup>c</sup> Universidade Estadual do Piauí, Campus Poeta Torquato Neto, Centro de Ciências Humanas e Letras, Coordenação de Geografia, Teresina, PI, Brasil

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar como a experiência da modernidade, na década de 1930, provocou transformações no cotidiano de Luís Correia com a chegada do hidroavião e do automóvel à pequena cidade litorânea. As principais fontes analisadas foram os *Almanaques da Parnaíba*, publicados no decorrer dos anos 1930, na cidade de Parnaíba, vizinha a Luís Correia. Durante a década de 1930, a experiência da modernidade, assim como nas décadas anteriores, provocou modificações, tendo em vista os maquinários modernos que se integraram ao cotidiano dos sujeitos que viviam na localidade – no caso, o hidroavião e os automóveis –, por questões econômicas e lazer, considerando a importância atribuída ao sonhado porto de Luís Correia por parte das elites de Parnaíba, bem como a necessidade do consumo das praias para os banhos de mar. Desse modo, a modernidade, produtora de desejos e vontades, medos e incertezas, foi responsável por transformações nas paisagens e no cotidiano dos sujeitos que viviam no litoral piauiense, palco de modernização na década em questão.

## PALAVRAS-CHAVE

Piauí. Modernidade. Transportes.

## ABSTRACT

This work aimed to analyze how the experience of modernity, in the 1930s, caused transformations in the daily life of Luís Correia through the arrival of the hydroplane and the automobile in the small coastal city. The main sources analyzed were the *Almanaques da Parnaíba*, published during the 1930s, in the city of Parnaíba, neighboring Luís Correia. During the 1930s, the experience of modernity, as in previous decades, brought about changes in view of the existence of new modern machinery that is integrated into the daily lives of the subjects who lived in the locality, in this case the hydroplane and cars, both for economic and leisure purposes, considering the importance attributed to the dreamed port of Luís Correia by the elites of Parnaíba, as well as the need to use the beaches for sea bathing. In this way, modernity, which produces desires and wishes, fears and uncertainties, was responsible for transformations in the landscapes and in the daily lives of the people who lived on the coast of Piauí, a stage of modernization in the decade in question.

## KEYWORDS

Piauí. Modernity. Transports.

No dia 14 de agosto de 1938, inaugurava-se uma estrada entre Parnaíba e Luís Correia para automóveis. Idealizada pelo então prefeito de Parnaíba, Mirocles Campos Veras, e pelo empreiteiro João Vieira Pinto, a “moderna carroçável” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1939, p. 147), considerada um melhoramento relevante para a localidade, ligaria os dois municípios e iria até a praia de Atalaia, em Luís Correia.<sup>1</sup>

De acordo com Baptista (2019), entre os anos de 1880 e 1930, era comum a prática dos banhos de água salgada no litoral piauiense, existindo diversos registros nos jornais da época da ida à Vila de Amarração em busca desses banhos<sup>2</sup> por parte das elites, por questões de saúde e lazer, de modo que a estrada facilitaria o acesso à praia de Atalaia pelos banhistas que procuravam o litoral do Piauí.

Construída em meio ao período estado-novista de Vargas, o anúncio da nova estrada<sup>3</sup> no *Almanaque de Parnaíba* de 1939 pode ser inserido no contexto de alinhamento das elites locais com o regime varguista<sup>4</sup> e na “divulgação da realização competente de um projeto de progresso para o Brasil por meio da articulação de representações urbanas de modernização” (MARINHO, 2016, p. 77), buscando legitimar o novo governo que havia se instalado no país por vias não democráticas mediante um ideário de progresso e modernização.<sup>5</sup>

O discurso por parte das elites vinculadas a uma ideia de progresso e, conseqüentemente, de modernidade, remetendo ao espaço litorâneo piauiense, sobretudo a Vila de Amarração, porém, não é algo que surge nos anos 1930, durante o governo de Vargas. Trata-se de uma ideia que se faz presente desde a segunda metade do século XIX e que atravessa o litoral do Piauí até essa primeira metade do século XX.

Nesse momento, Amarração era percebida como o espaço que possibilitaria o desenvolvimento da província do Piauí, depois tornado estado com o advento da República, por meio da construção de um porto<sup>6</sup> marítimo na Barra do rio Igarçu/ Amarração, pelo escoamento de sua produção para exportação pelas vias fluviais até o referido porto, com ênfase no rio Parnaíba, principal via fluvial piauiense, bem como pela estrada de ferro, após sua construção até Amarração.

Embora a estrada de ferro tenha se concretizado e sido inaugurada oficialmente em 1922, o mesmo não pode ser dito do porto, nunca finalizado.<sup>7</sup> Assim, de acordo com Baptista (2019), sob os auspícios da modernidade e dos benefícios que o porto e a malha ferroviária trariam para o Piauí, bem como para as localidades do litoral piauiense, com ênfase para Amarração e Parnaíba, a experiência da modernidade

---

<sup>1</sup> Em relação à história da vila de Amarração; à sua retomada pelo Piauí, no fim do século XIX; e à alteração do nome para Luís Correia, em 1935, ver Baptista (2019).

<sup>2</sup> Sobre os banhos salgados e sua vinculação à saúde na Europa e no Brasil, ver Freitas (2007) e Brandão, além de Martins (2009).

<sup>3</sup> Nos aspectos relacionados com o desenvolvimento da estrutura rodoviária e ferroviária do Piauí e de todo o Brasil, ver, respectivamente, Vieira (2010) e Brasileiro (2001).

<sup>4</sup> Para a discussão referente ao varguismo e suas implicações no contexto piauiense, ver Camargo (1999) e Nascimento (2015).

<sup>5</sup> No tocante à compreensão sobre moderno, modernização e modernidade, consideraram-se as perspectivas de Berman (1986) e Lefebvre (1995).

<sup>6</sup> Sobre o ancoradouro que servia de porto na vila de Amarração e o movimento marítimo dela, ver Baptista (2019).

<sup>7</sup> Para mais informações sobre a história do porto de Amarração/Luís Correia, consultar Mendes (2009).

no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX não apenas provocou mudanças na paisagem, a exemplo de vapores e do trem na Barra, mas também implicou transformações no cotidiano dos sujeitos que ali viviam, como a possibilidade dos banhos de mar e a utilização de trajes modernos destinados a essa atividade.

Na década de 1930, renovou-se o discurso de progresso com o governo de Getúlio Vargas. Por intermédio dos interventores Landri Sales e, sobretudo, Leônidas de Castro Melo, segundo Junior, projetou-se a imagem de um Piauí que se afastava da condição de atraso existente até então<sup>8</sup> para adentrar os caminhos do progresso. Assim,

[...] o Piauí passou a ser retratado como um estado que possuía condições para entrar na estrada do progresso na Interventoria de Landri Sales. Entretanto, foi no Governo de Leônidas Melo que o Estado passou a ser visualizado por marcar uma nova etapa em seu desenvolvimento, em vários setores, sobretudo na área da saúde, das obras públicas e da instrução (2014, p. 47).

Os interventores federais, nomeados pelo governo varguista, em especial após o Estado Novo, já no governo de Leônidas Melo, reafirmaram e legitimaram a ideologia posta da construção de uma nova ordem, de um novo país, livre das amarras e do atraso representados pela República Velha no Piauí. Projetava-se, então, o Estado Novo “como o único sujeito histórico adequado para o momento vivenciado pela sociedade brasileira, e ao mesmo tempo como elemento que corrigiria a linha evolutiva da sua história” (NASCIMENTO, 2015, p. 50). No caso do Piauí, de acordo com o mesmo autor, a propaganda estado-novista passou a associar a administração de Landri Sales à fundação mítica do novo Estado brasileiro pela Revolução de 30, responsável pela renovação da administração pública estadual, em detrimento dos políticos que governavam antes de 1930, a eles atribuídos a incapacidade de conduzir o estado e potencializar suas riquezas.

O *Almanaque de Parnaíba*, que tinha no “seu programa [o objetivo] de mostrar o progresso do Piauí e de Parnaíba” (1939, p. 161), não fugiu ao contexto no qual se encontrava inserido. Ao longo da edição de 1939, assim como em edições anteriores, apresentou diversas informações sobre o Piauí, entre elas transformações na paisagem urbana de Parnaíba e também no município vizinho de Luís Correia,<sup>9</sup> além de destacar ações promovidas pelo governo Vargas, inserindo-se na propaganda política do regime, conforme as diretrizes do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Portanto, o objetivo deste artigo é analisar como a experiência da modernidade na década de 1930 provocou transformações no cotidiano de Luís Correia pela presença de novos aparatos.

A metodologia empregada constou de uma pesquisa bibliográfica, tendo em vista a necessidade de compreensão do contexto da administração varguista, dos reflexos desta quanto a um discurso de modernização e sua influência no Piauí, utilizando,

---

<sup>8</sup> Embora haja a renovação desse discurso a partir da administração de Landri Sales no Piauí, este já era perceptível antes, na cidade de Teresina, nas duas primeiras décadas do século XX, conforme Queiroz (2011).

<sup>9</sup> A expressão “Amarração/Luís Correia” é usada porque o recorte temporal trabalhado, isto é, a década de 1930, trata do momento no qual ocorre a alteração do nome do município de Amarração para Luís Correia.

como principais autores, Nascimento (2015), Junior (2014) e Marinho (2016), além de referências que auxiliaram no entendimento do discurso sobre a importância de Amarração/Luís Correia para o Piauí até o recorte temporal estabelecido, como Rego (2010), Vieira (2010) e Baptista (2019). Para refletir sobre as transformações ocorridas em Amarração/Luís Correia durante a década de 1930, as fontes analisadas foram os *Almanaques da Parnaíba* – respectivamente, as edições de 1933, 1934, 1936 e 1939.

Desse modo, indicou-se como, nos anos 1930, a modernidade continuou a suscitar transformações em Amarração/Luís Correia, considerando novos aparelhos que passaram a compor o cotidiano dos sujeitos que viviam na localidade. Tais aparatos eram os hidroaviões e o automóvel, em função da criação de novas estradas trafegáveis, visando ao consumo do espaço da praia pelas elites.

## “AMERISSANDO E DECOLANDO”: MODERNIDADE E MODERNIZAÇÃO NO LITORAL DO PIAUÍ

O ano é 1933 e, nos cinemas locais parnaibanos, estava sendo exibido um filme que retratava a cidade de Parnaíba no que se consideravam seus “aspectos melhores e mais atraentes” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1934, p. 255). As pessoas se acomodavam nas cadeiras de madeira dura, num salão com declive e decoração sombria. Todos, bem vestidos, se cumprimentavam. Os rapazes tentavam encontrar namoradas em meio a pouca luminosidade do ambiente. As mulheres exibiam suas joias e os homens, suas roupas de domingo. O silêncio antes do filme era quebrado pelas damas que balançavam seus leques enquanto os demais conversavam. Uma moldura preencheu o salão. Era sinal de que o filme ia começar.<sup>10</sup>

Um expectador desavisado, talvez entusiasmado por se tratar de uma película sobre sua cidade, estranha um trecho do filme com “coqueirais, a praia alvíssima, clara, de um sol ardente e no mar, o avião da Panair,<sup>11</sup> amerissando e decolando” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1934, p. 255). Tratava-se de uma representação da Vila de Amarração, que naquele momento era um distrito da cidade de Parnaíba. Entre os vários elementos apresentados, a forma como a vila foi retratada, com a ausência de legendas, chamou a atenção dos editores do Almanaque.

O cinema em Parnaíba, assim como em Teresina,<sup>12</sup> um dos novos espaços privilegiados de sociabilidades que surgiu<sup>13</sup> na primeira metade do século XX no Ocidente, conforme Rezende (1997), se tornou um entre vários elementos de sedução dos sujeitos por meio dos processos de modernização que incidiram na cidade. Desse modo, a “força da propaganda e do consumo, as novidades produzidas pelas indústrias, mexeram profundamente com o cotidiano dos sujeitos” (REZENDE, 1997, p. 57). No caso do litoral piauiense, é possível indicar essas modificações no dia a dia não só em

---

<sup>10</sup> Rodrigues (1988), em suas memórias, aponta que um cronista de época descreveria dessa forma o ato de ir ao cinema nos anos 1930 e 1940 em Parnaíba.

<sup>11</sup> Para mais detalhes sobre a atuação da empresa aérea Panair no litoral do Piauí, ver o trabalho de Lopes (2010).

<sup>12</sup> Segundo Queiroz (2011), o cinema nas décadas iniciais do século XX em Teresina, embora consumido por uma pequena parte das camadas abastadas, foi ao mesmo tempo sinônimo do progresso, que agora se materializava pelas novas invenções tecnológicas, bem como um arauto da destruição da família.

<sup>13</sup> Sobre o surgimento do cinema e sua chegada ao Brasil, ver Sevcenko (2006).

Parnaíba, mas também na vila, vizinha de Amarração. Carlos Araken Rodrigues, ao falar de suas lembranças do cinema em Parnaíba nos anos 1930 e 1940, diz:

20, 30 Hs, de um domingo qualquer. Uma pequena multidão vai entrando pela porta principal do cinema. Senhoras em seus melhores trajes e jóias. Homens em sua fatiosa domingueira. Todos vão se acomodando e tomando os seus lugares na sala. Os camarotes do lado esquerdo, com placas de nomes tradicionais na cidade: os Campos Veras, os Mendonça Clark, os Neves da Silva, os Moraes Correia e muitos outros. Todos se cumprimentam e fazem acenos amigáveis. Um perfume bom paira no ar. Nos camarotes do lado direito a rapaziada da terra, comportada, de acordo com o ambiente, tenta localizar nos salões, namoradas retardatárias. Uma ou outra “mulher da vida”, se aventurava furtivamente a sentar no lado direito, junto aos homens. Na meia luz que precede a exibição da película, o silêncio é quebrado pelo barulho dos leques das damas, o farfalhar das sedas dos vestidos e o murmúrio civilizado do pessoal de boa linhagem. Um frisson toma conta da sala, o filme vai começar (1995, p. 34).

Assim, Rodrigues (1995) rememorava a emoção de ir ao cinema nessa época. Não apenas isso, mas também a relevância que o cinema teve nesse momento como um dos novos espaços de sociabilidades que marcavam o cotidiano dos sujeitos que viviam no litoral piauiense, entre eles famílias que frequentavam o espaço de Amarração, especialmente suas praias, como Campos Veras, Mendonça Clark e Moraes Correia.

De maneira similar a Recife, o cinema em Parnaíba também se tornara “outra diversão emocionante que mexe com o público com a magia das suas imagens” (REZENDE, 1997, p. 77) e servia como propaganda política<sup>14</sup> para o governo, que se interessava em apresentar uma Parnaíba moderna para as elites que frequentavam o novo espaço.

O trecho que retrata Amarração chama a atenção dos espectadores da época e que aproveitaram o documentário para denunciar no Almanaque a necessidade de um porto na vila vizinha, para o desenvolvimento do estado e de Parnaíba, além de apontar o hidroavião, enquanto alçava voo, “pela azul planura depois de trazer e levar no seu bojo, o progresso da humanidade civilizada” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1934, p. 255).

O hidroavião se tornara outro aparato moderno que marcava o cotidiano dos sujeitos que viviam no litoral piauiense e era percebido por alguns, a exemplo da fonte citada, como responsável pelo progresso da civilização. O hidroavião, assim como os vapores e a ferrovia ressaltados por Baptista (2019), assume significados similares, denotando a experiência da modernidade em Amarração e alterando seu cotidiano.

---

<sup>14</sup> Em Recife, conforme Rezende (1997), os políticos também se utilizavam do cinema para fazer propaganda. É o caso de Sérgio Loreto, governador de Pernambuco entre 1922 e 1926, que promoveu alguns documentários com foco na urbanização da cidade, tendo repercutido na imprensa local.



O hidroavião, tanto para embarque e desembarque de passageiros quanto para a entrega de correspondências e transporte de cargas, pode ter repercutido significativamente no cotidiano de Amarração/Luís Correia, a considerar a quantidade de viagens estabelecidas na primeira metade da década de 1930. Em 1933, o Departamento de Aeronáutica Civil registrou

[...] 104 chegadas e 104 partidas de aviões, enquanto no ano passado esse número subia para 184 chegadas e 184 partidas, ou seja um acréscimo de quase cem por cento na intensidade do tráfego pelo porto de Luís Correia. [...] Também no movimento aerpostal o acréscimo é sensível. Em 1933 foram embarcados em Luiz Correia 674 quilos de correspondência e desembarcados 511 quilos, enquanto no ano seguinte desembarcavam 562 quilos e embarcavam 464 quilos. Conforme se verifica pela inspeção desses algarismos, os de 1934 são inferiores aos do ano anterior. Essa diferença, contudo, não significa, como pode parecer à primeira vista, redução no movimento de correspondência aérea entre o porto de Luiz Correia e os demais portos do Brasil, mas simplesmente o resultado da adoção pelos Correios de sacos leves em substituição aos anacrônicos sacos de aniagem de uso marítimo, cujo peso representava sempre uma grande percentagem do peso bruto da correspondência transportada. Relativamente ao movimento de carga aérea pelo porto de Luís Correia, verifica-se que foram descarregados, em 1933, 537 quilos e embarcados 166 quilos, enquanto no ano seguinte essas cifras subiram respectivamente para 645 e 136 quilos. Eis, no que diz respeito ao nosso Estado, a contribuição trazida pela Panair para o desenvolvimento dos intercâmbios afetivos e material entre o Piauí e os demais Estados da Federação. Os algarismos que acabamos de publicar bastam para que possamos fazer uma ideia aproximada do valor dessa contribuição, tanto mais quanto o tráfego aéreo pelo porto de Luiz Correia continua a crescer auspiciosamente, demonstrando que o nosso Estado compreendeu muito bem o valor da navegação aérea para o desenvolvimento dos nossos recursos econômicos e para a propulsão do nosso progresso, e que a nossa população se utiliza cada vez mais frequentemente desse meio de transporte descoberto pelo gênio imortal de Santos Dumont. Fator indispensável e cada vez mais valioso do progresso moderno, a aviação comercial constitui hoje uma força econômica de primeira grandeza na dinamização das riquezas estáticas do país (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1936, p. 47-51).

A partir do registro, pôde-se indicar uma média de oito aterrissagens e decolagens por mês em Amarração, em 1933, e de quinze aterrissagens e decolagens mensais realizadas pela Panair no porto de Luís Correia, em 1935. Em Amarração, nas décadas anteriores, era comum a aglomeração de pessoas para a recepção, com festas ou banquetes, de políticos e indivíduos importantes que chegavam nos vapores ou no trem, conforme registrado por Baptista (2019) e Carlos Araken Rodrigues. Não

seria de estranhar, apesar da ausência de fontes, que a mesma coisa acontecesse nos embarques/desembarques dos hidroaviões em Amarração/Luís Correia.

É preciso indicar também o destaque dado pelo *Almanaque* não só no que diz respeito à relação do hidroavião com o progresso, mas também às possibilidades de melhoramento e facilitação da comunicação com outras regiões do país, à medida que a empresa detinha uma “linha ininterrupta ao longo de todo o litoral brasileiro [...] e ao estabelecer [...] em Luís Correia (antiga Amarração) um de seus pontos de escala, contribuindo com esse ato para a aproximação do Piauí às grandes capitais do Norte e do Sul do país” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1936, p. 47). Se “estar perto de um porto era estar perto do mundo” (HOBBSAWM, 1981, p. 26) no fim do século XVIII e no decorrer do XIX, a partir do século XX, o avião amplificou o fenômeno da globalização e sua influência nas cidades,<sup>15</sup> que já haviam se transformado, séculos antes, com a navegação marítima, o descobrimento da máquina a vapor e a criação da locomotiva.

Outro equipamento moderno que passou a integrar o cotidiano de Luís Correia em fins da década de 1930 foi o carro. Se a década de 1920 assinala uma preocupação do governo federal com a criação da rede rodoviária estimulada pelas montadoras de automóveis Ford e General Motors (REGO, 2010), em detrimento da malha ferroviária que assumia “a posição secundária nos programas de transporte do governo federal, ficando muitos projetos ferroviários esquecidos ou abandonados durante anos” (VIEIRA, 2010, p. 48), isso não seria diferente no território piauiense e durante os anos de 1923 e 1930. Em plena era do automobilismo no Brasil, o governo do Piauí iniciou a implementação de projetos de construção de estradas carroçáveis (VIEIRA, 2010, p. 56).

Em Teresina, capital do estado, se até o início dos anos 1920 não havia muitos automóveis, segundo Queiroz (2011), no fim da década a situação já havia se transformado, com dezenas de carros e sujeitos que já tinham um ou dois automóveis. Além disso, foi publicado, em 1925, “o primeiro Regulamento para o Serviço de Inspeção de Veículos do Estado” (QUEIROZ, 2011, p. 34), que demonstrava a presença cada vez mais significativa dos veículos e a necessidade de sua regulamentação.

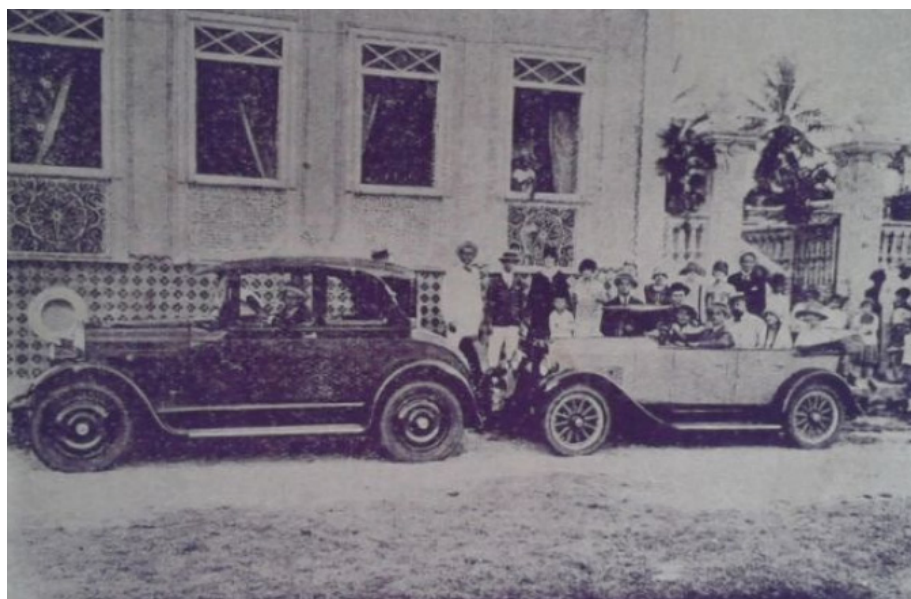
Parnaíba, no norte do estado, não se encontrava aquém dessa conjuntura e, no fim da década, também tinha os primeiros automóveis circulando pela cidade e encantando os sujeitos que ali viviam. É possível encontrar o registro desses carros nas páginas do *Almanaque da Parnaíba* de 1928, indicando que sua presença se tornou comum nas ruas da cidade na década seguinte, o que provavelmente justificou o interesse na construção de uma estrada que não apenas conectasse Parnaíba a Luís Correia, mas que fosse até a praia de Atalaia.

Tratava-se de um interesse econômico, considerando a importância que até então as elites comerciais parnaibanas destinavam ao porto, e de lazer, tendo em vista que essas elites costumavam consumir (LEFEBVRE, 2001) o espaço da praia de Atalaia com essa finalidade. Desse modo, a Figura 1 apresenta o registro de um desses veículos em Parnaíba em 1928.

---

<sup>15</sup> Sobre a globalização como processo histórico e as relações de poder produzidas por ela, ver Hobsbawm (1981) e Santos (2003).

**Figura 1** - Automóveis em Parnaíba



Fonte: *Almanaque da Parnaíba* (1928).

Durante os anos de 1930 e 1940, de acordo com Vieira (2010), ampliou-se a construção de estradas de rodagem e carroçáveis no território piauiense, havendo também o aprimoramento dos segmentos que já existiam e que denotavam problemas para o tráfego de veículos. Nesse momento, os esforços para melhorias e construção de novas estradas, bem como sua propaganda, não eram realizados só pelo governo, mas também por indivíduos representantes das elites locais intelectuais e comerciais das cidades de maior importância do estado, a exemplo de Teresina e Parnaíba. Estes, por meio da mídia impressa, publicavam e difundiam as ações do governo e as vantagens no que se concernia à construção de estradas de rodagem e carroçáveis.

Ao considerar Amarração, posteriormente Luís Correia, tem-se o registro da construção de duas estradas carroçáveis na década de 1930 nos *Almanaques da Parnaíba*. Em 1933, há uma foto com um segmento “da estrada que nos leva ao Coqueiro, através do município de Amarração. Coqueiro, além, na lombada do litoral, onde as vagas beijando a areia deixam a renda alva das espumas, é uma das mais aprazíveis praias do solo piauiense” (ALMANAQUE DA PARNAÍBA, 1933, p. 69).

Pela nota, é possível inferir que a construção da estrada carroçável se deu em função do consumo do espaço de outras praias – no caso, a de Coqueiro – com o objetivo de lazer. Embora tenhamos apontado que a ampliação da extensão e da quantidade de estradas carroçáveis tenha sido considerável nos anos 1930, sobretudo se comparadas com a década anterior, e que, em sua maioria, o principal elemento era a importância econômica da região, é interessante destacar como a praia, como espaço de lazer e sociabilidades, também fomentou a preocupação do poder público e das elites locais do litoral piauiense no sentido de construir novas estradas que dessem acesso a elas. A Figura 2 apresenta o registro da estrada que dava acesso à praia de Coqueiro.

**Figura 2** - Estrada carroçável que dava acesso à praia de Coqueiro



Fonte: *Almanaque da Parnaíba* (1933).

Retomando a inauguração da estrada que ligava Parnaíba e Luís Correia em 14 de agosto de 1938 pelo então prefeito de Parnaíba, Mirocles Veras, noticiada no *Almanaque da Parnaíba* de 1939, tem-se o registro dos primeiros automóveis a trafegarem por Luís Correia até a praia de Atalaia. A nota em questão traz o seguinte:

Foi inaugurada no dia 14 de Agosto último, a estrada para automóveis entre os municípios de Parnaíba e Luís Correia, a qual se estende desta cidade até Atalaia, uma das nossas praias de banhos mais concorridas. Este importante melhoramento promovido pelo Sr. Prefeito Dr. Mirocles Veras e o competente engenheiro da Prefeitura, Dr. João de Carvalho Aragão, ligando Parnaíba àquela vila litorânea, é de grande alcance, de vez que os trens da Central do Piauí, fazem somente uma viagem por dia, indo pela manhã e voltando à tarde. Com esta nova estrada, os banhistas poderão ir à praia pela manhã e voltar para o almoço. São apenas 15 quilômetros. João Vieira Pinto, o grande batalhador pro-porto de Amarração, hoje Luis Correia, foi o empreiteiro da moderna carroçável, sem dúvida, a melhor do município. A gravura que ilustra esta notícia é um aspecto dos primeiros carros que pisaram as areias da praia. – Vemos na frente, Dr. Antonio Castelo Branco Clark, sócio de James Frederick Clark & Cia. Ltda. junto a seu V. 8. tendo à direita o diretor deste anuário, seguindo-se o Sr. W. Bolivar Kup, gerente de Booth & Co. (London) Ltd. o jovem João Correia, filho do Sr. José de Moraes Correia, da firma Moraes & Cia. Dr. Franklin Borges Veras, brilhante médico Otorrinolaringologista e Oftalmologista, Bem-Hur Veras, da firma Franklin Veras & Cia., Odilio Diniz Neves, Inspetor de Serviços Externos e Fiscalização do Município, e o industrial e conhecido salineiro, Cel. Raimundo Rodrigues, da firma Delbão Rodrigueus & Cia (1939, p. 147).

Alguns elementos na fonte em questão nos chamam a atenção. Mais uma vez, o motivo para a construção da estrada carroçável era facilitar o acesso aos banhos

de mar na praia de Atalaia, que, naquele contexto, tinha seu espaço consumido especialmente pelas elites de Parnaíba. Embora talvez houvesse importância econômica por trás dessa estrada, tendo em vista o ancoradouro que funcionava como porto de Luís Correia à época, o destaque dado pelo Almanaque é o acesso dos banhistas à praia.

Outro ponto que se deve indicar são os responsáveis pela construção. De maneira similar à estrada carroçável que dava acesso ao Coqueiro, também foi realizada pela prefeitura de Parnaíba, o que corrobora a possibilidade de essas estradas serem demandas das populações locais, em especial das elites que tinham o interesse de desfrutar dos banhos de mar. Ainda que suas construções se insiram num contexto político nacional de ampliação das estradas, haja vista sua relevância econômica, no caso do litoral piauiense, particularmente de Luís Correia, havia também interesses voltados para o lazer das camadas mais abastadas da região.

É interessante notar também a redução das distâncias e a velocidade com que se poderia desfrutar dos banhos salgados com essa nova estrada. Ainda que a ferrovia já tivesse reduzido as distâncias entre Amarração e Parnaíba, facilitando o acesso à praia, antes só acessível pelas elites de Parnaíba e outras regiões do estado do Piauí por meio de embarcações a vela ou a vapor (BAPTISTA, 2019), com a construção da nova carroçável, os sujeitos que quisessem desfrutar da praia de Atalaia não mais precisariam aguardar a locomotiva que fazia apenas uma viagem por dia, podendo agora ir pela manhã e retornar para o almoço. Outro aspecto que merece destaque se refere aos indivíduos citados pelo Almanaque e que se encontravam presentes na fotografia tirada para ilustrar a estrada e sua trafegabilidade por carros até a praia de Atalaia. A Figura 3 apresenta esses carros na referida praia.

**Figura 3** - Carros na praia de Atalaia



Fonte: *Almanaque da Parnaíba* (1939).

Quem são, afinal, essas pessoas? Observemos alguns sobrenomes no registro feito pelo Almanaque: Castelo Branco Clark, Moraes Correia e Veras. Além de médicos, advogados, empresários e do dono do Almanaque, Benedicto dos Santos Lima, há membros de uma elite local que usufruía da praia para o lazer. De acordo com Baptista (2019), dez anos antes, em 1925, o jornal *A Imprensa* trazia uma nota comentando sobre diversos banhistas na praia de Atalaia, entre eles indivíduos da elite parnaibana, como Mirocles Veras.

No caso dos Moraes Correia, segundo Baptista (2019), trata-se de uma família que tinha bastante prestígio político no fim do século XIX e nas décadas iniciais do século XX, em Parnaíba e Amarração, tendo vários membros se tornado políticos

importantes da região, como o próprio Luís de Moraes Correia, político e advogado, homenageado com a mudança do nome de Amarração para o seu após sua morte. É o caso também da família Clark, que, segundo Rego (2010), tinha importante casa comercial estrangeira em Parnaíba no início do período novecentista: a Casa Inglesa.

Não eram quaisquer sujeitos que estavam posando para a foto. Muito pelo contrário. Tratava-se de membros de famílias importantes da localidade, grupos familiares que já tinham o hábito de frequentar as praias do litoral, em especial a de Atalaia. Não é à toa, o registro da nova estrada carroçável, junto com dois carros, foi realizado com a presença desses indivíduos. Sua construção atendia diretamente aos interesses desses cidadãos, tanto econômicos quanto, principalmente, de lazer.

Refletir sobre a modernidade e os aparatos que marcam essa experiência implica indicar não só encantamentos, deslumbramentos ou seduções que tais elementos modernos provocam nos sujeitos, mas também os problemas decorrentes. Embora o Almanaque não faça menção a eles, destacando apenas os aspectos considerados positivos – como o progresso que o hidroavião traria para a região, as novas carroçáveis e o acesso mais rápido e fácil às praias, em especial a de Atalaia –, podemos apontar alguns desencantamentos que esses maquinários modernos traziam e que podem ter provocado em Amarração/Luís Correia.

Tendo em vista os inconvenientes que os vapores e os trens trouxeram para a região, conforme assinalado por Baptista (2019) e Vieira (2010), não seria impossível inferir que o hidroavião e o automóvel tiveram impactos semelhantes no cotidiano de Amarração/Luís Correia.

No caso dos automóveis, ao considerarmos Teresina no fim dos anos 1920, “eles não eram apenas um progresso a mais, mas uma preocupação adicional para os habitantes, sobretudo os velhos, que estavam sempre à beira de um atropelamento, pelo excesso de velocidade e falta de atenção dos *chauffers*” (QUEIROZ, 2011, p. 33). De maneira similar, em Recife, no mesmo período, “o automóvel se incorpora, irreversivelmente, à paisagem da cidade com seu fonfonar, com sua capacidade incrível de provocar seduções e desejos” (REZENDE, 1997, p. 61), também sendo responsável por adversidades, a exemplo de notícias de batidas entre veículos, além de discriminações sociais, tendo em vista que apenas os mais abastados poderiam usufruir desses, restando aos demais “os sonhos de um dia poder sair dando suas fonfonadas, contemplando o movimento das ruas de outro lugar” (REZENDE, 1997, p. 62).

Assim, indicamos a possibilidade de ocorrências similares em Luís Correia, à medida que os carros foram se inserindo na paisagem da cidade, no sentido de deslumbramento com o novo maquinário e dos contratempos causados aos moradores<sup>16</sup> da cidade.

Conquanto se tratasse de um número pequeno de pessoas, ao considerar outras cidades, ao passo que as máquinas modernas se faziam presentes na paisagem urbana, o cotidiano dessa população se transformava. Por meio do hidroavião e dos carros, compartilhavam experiência similar à de outras cidades também afetadas por tais aparatos: a modernidade. Partilhavam de seus desejos e anseios, dos benefícios e das transformações que estes traziam, assim como de receios e medos, de problemas

---

<sup>16</sup> No fim do século XIX, em 1887, segundo Baptista (2019), a população de Amarração era de 3 mil habitantes no município e mil na vila. Já no recenseamento de 1950, Luís Correia tinha 20.176 habitantes, sendo que 93% moravam na zona rural e 1.450, na zona urbana (IBGE, 1959).

e perigos que agora também poderiam enfrentar. O mundo se transformava cada vez mais rápido, e a pequena cidade de Luís Correia, no litoral do Piauí, não estava alheia. Pelo contrário. No fim do século XIX e na primeira metade do XX, teve seu cotidiano e sua paisagem continuamente marcados por tais modificações.

Como argumenta Rezende, “a sociedade moderna vai tornando-se um vasto império de seduções, avassalador, na medida em que a ciência e a técnica aliam-se às ambições quase incontroláveis do capital”. Assim, “a sociedade de consumo pede passagem ao sonho e ao desejo na grande moradia dos homens” (1997, p. 62).

## CONCLUSÃO

Se, no fim do século XIX e nas décadas iniciais do XX, a Vila de Amarração se tornou um espaço de sonhos e desejos, da possibilidade de “progresso” e desenvolvimento da província/estado do Piauí pelo escoamento de produtos via porto marítimo na Barra da Amarração, tal percepção tem continuidade no decorrer dos anos 1930.

Enquanto o discurso vinculado a esse desejo por parte das elites piauienses teria fomentado uma incipiente modernização da localidade, com a presença de vapores e da ferrovia a partir de 1922, nos anos 1930, outros maquinários modernos, como hidroavião e carro, também se relacionam com a importância econômica e de lazer que Amarração/Luís Correia dava às elites piauienses, em especial parnaibanas, nesse momento.

Diante disso, a presença do hidroavião em Amarração/Luís Correia, mais do que um dos novos aparatos, tornava-se a promessa da chegada do “progresso” para o litoral piauiense, que as elites locais tanto almejavam. Por consequência, um ponto de embarque e desembarque no “porto” de Amarração, pela empresa Panair, serviria de estímulo para os potenciais econômicos da região, estabelecendo a necessidade de concretização do porto marítimo de Amarração/Luís Correia.

O automóvel seguiu uma perspectiva parecida. Num contexto de desenvolvimento das estradas de rodagem e carroçáveis em nível nacional, há a construção de duas delas: uma em 1933, para o acesso à praia de Coqueiro, e a outra em 1938, conectando Parnaíba a Luís Correia e indo até a praia de Atalaia. Ainda que a estrada tivesse uma importância econômica, considerando o desejo de construção do porto marítimo em Luís Correia, o destaque está no lazer. Desse modo, os primeiros automóveis a chegar à beira do mar na praia de Atalaia estão vinculados às necessidades das elites de Parnaíba de consumirem o espaço praiado para lazer e à produção de suas sociabilidades.

É imperativo indicar que maquinários modernos em Amarração/Luís Correia, no decorrer dos anos 1930, provocaram transformações no litoral piauiense. A euforia ou o deslumbramento com as novas possibilidades que se descortinavam, tanto em nível econômico quanto de lazer, denotavam a experiência da modernidade nesses sujeitos, bem como nos possíveis medos e incertezas que tais maquinarias podem ter provocado aos indivíduos que viviam em Amarração/Luís Correia e tinham agora um hidroavião e automóveis.

Assim, a modernidade, em seu efeito aglutinador e globalizante, produtora de anseios e desejos, de medos e incertezas, responsável por provocar uma “mudança vertiginosa dos cenários e dos comportamentos, sobretudo no âmbito das

grandes cidades” (SEVCENKO, 2006, p. 514), também teve impactos no cotidiano de pequenas cidades. Em Amarração, posteriormente Luís Correia, os sujeitos que ali habitaram estiveram a par desses novos maquinários, vivenciando o “turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia” (BERMAN, 1986, p. 14) provocado pela modernização dos espaços e por essa modernidade.

## REFERÊNCIAS

A CONTRIBUIÇÃO da Panair para o progresso do Piauí. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 13, p. 47-51, 1936. Disponível em: [www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba\\_2.html](http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba_2.html). Acesso em: 20 maio 2020.

A PRIMAZIA da marca *Studebaker*. *Almanack da Parnahyba*, Parnahyba, ano 5, p. 68, 1928. Disponível em: [www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba\\_2.html](http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba_2.html). Acesso em: 20 maio 2020.

AMARRAÇÃO. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 11, p. 255, 1934. Disponível em: [www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba\\_2.html](http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba_2.html). Acesso em: 20 maio 2020.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. *Amarras e desamarras: cotidiano e modernização em Amarração no litoral do Piauí (1880-1930)*. 2019. 161 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2019.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. O Rio de Janeiro do Século XX: a expansão da cidade do centro para o sul. *Revista Tempo de conquista*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 1-10, 2009.

BRASILEIRO, Anísio *et. al.* *Transportes no Brasil: história e reflexões*. Recife: UFPE, 2001.

CAMARGO, Aspásia. Do federalismo oligárquico ao federalismo democrático. In: PANDOLFI, Dulce Chaves (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: FGV, 1999. p. 39-50.

FREITAS, Joana Gaspar de. O litoral português, percepções e transformações na época contemporânea: de espaço natural a território humanizado. *Revista da Gestão Costeira Integrada*, Lisboa, v. 7, n. 2, p. 105-115, 2007.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. *A Era das Revoluções: Europa (1789-1848)*. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.





IBGE. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Municípios do Estado do Maranhão e do Piauí. Rio de Janeiro: IBGE, 1959. v. 15.

JUNIOR, José de Arimatéa Freitas Aguiar. *Festas, hinos e marchas: constituição do patriotismo e o serviço militar no Piauí*. 2014. 212 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2014.

LEFEBVRE, Henri. *Introduction to modernity: twelve preludes*. Londres: Verso, 1995.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

LOPES, João Tércio Solano. *Parnaíba na história da aviação: na linha New York Buenos Aires, com escala em Parnahyba para águas do Rio Igaracu, em 1929*. Parnaíba: Gráfica Melo, 2010.

MARINHO, Joseanne Zingleara Soares. A imagem de desenvolvimento de Teresina nas propagandas políticas jornalísticas de 1930 a 1945. *Contraponto*, Teresina, v. 5, n. 2, p. 76-89, jul./dez. 2016.

MENDES, Francisco Iweltman Vasconcelos. *Porto de Luís Correia: histórico de um sonho*. Parnaíba: [s. n.], 2009. 113 p.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. *A cidade sob o fogo: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945)*. 2 ed. Teresina: Edufpi, 2015.

NOSSAS carroçáveis. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 10, p. 69, 1933. Disponível em: [www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba\\_2.html](http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba_2.html). Acesso em: 20 maio 2020.

NOSSAS carroçáveis. *Almanaque da Parnaíba*, Parnaíba, ano 16, p. 147, 1939. Disponível em: [www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba\\_2.html](http://www.mundosdotrabalhopi.com.br/p/almanaques-da-parnaiba_2.html). Acesso em: 20 maio 2020.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higinio Cunha e as tiranias do tempo*. 3 ed. Teresina: Edufpi, 2011.

REGO, Junia Mota Antonaccio Napoleão do. *Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)*. 2010. 305 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX*. Recife: Fundarpe, 1997.

RODRIGUES, Carlos Araken Correia. *Estórias de uma Cidade muito amada*. Parnaíba: [s.n.], 1988.



SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnicas, ritos e ritmos do Rio. *In: SEVCENKO, Nicolau (org.). História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 513-619. v. 3: República: Da belle époque à era do rádio.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. *Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960*. Teresina, 2010. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

**Marcus Pierre de Carvalho Baptista:** Rua General Ademar Rocha, 2400, Condomínio Golden Green Bloco C Apartamento 403, 64048-250, Teresina, PI, Brasil.

### AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Iris Victoria Montalvan Shica pelos incentivos e debates que possibilitaram a construção deste artigo.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

**Concepção e elaboração do manuscrito:** M. P. C. BAPTISTA, E. M. C. BAPTISTA

**Coleta de dados:** E. M. C. BAPTISTA

**Análise de dados:** M. P. C. BAPTISTA

**Discussão dos resultados:** M. P. C. BAPTISTA, E. M. C. BAPTISTA

**Revisão e aprovação:** F. A. S. NASCIMENTO

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Marcus Pierre de Carvalho Baptista, Francisco de Assis de Sousa Nascimento e Elisabeth Mary de Carvalho Baptista. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

Tiago Kramer de Oliveira

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior



## HISTÓRICO

Recebido em: 19 de julho de 2020

Aprovado em: 19 de março de 2021


Como citar: BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa; BAPTISTA, Elisabeth Mary de Carvalho. Do hidroavião ao automóvel: a experiência da modernidade em Luís Correia (PI) na década de 1930. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 492-508, maio/ago. 2021.



**EXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS E  
TRAVESSIAS ATLÂNTICAS:  
O TRÂNSITO DE PRÁTICAS E  
PESSOAS PARA O EXTREMO SUL DA  
AMÉRICA PORTUGUESA (1750-1810)**

Children's exposure and Atlantic crossings: the passage of practices  
and people to the extreme south of Portuguese America (1750-1810)

**Jonathan Fachini da Silva<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-0258-288X>  
E-mail: [j\\_fachini@hotmail.com](mailto:j_fachini@hotmail.com)

<sup>a</sup> Serviço Social da Indústria, Educação de Jovens e Adultos a Distância, Cachoeirinha,  
RS, Brasil

## RESUMO

A exposição de crianças foi um fenômeno comum no universo católico do período moderno. Amplamente praticado e tolerado em território ibérico, o episódio assumiu novas proporções com as expansões europeias, a partir do século XVI, chegando na bagagem do colonizador aos novos espaços territoriais. É justamente no intuito de perceber a expansão dessa prática que o presente artigo analisa as travessias atlânticas de expostos, os quais, enjeitados em Lisboa na infância, sobreviveram, cresceram e partiram para a América Portuguesa, onde se estabeleceram. Amparados na História Social e com um aporte teórico inspirado na micro-história italiana, percebemos como essas trajetórias podem trazer luz sobre a temática da exposição de crianças, a difusão de sua prática, nos dois lados do Atlântico.

## PALAVRAS-CHAVE

Expostos. Atlântico. Porto Alegre.

## ABSTRACT

The exposure of children was a common phenomenon in the Catholic universe of the modern period. Widely practiced and tolerated in Iberian territory, the phenomenon took on new proportions with European expansions, starting in the 16th century, arriving along with the colonizer in the new territorial spaces. It is precisely in order to perceive the expansion of this practice that this article analyzes the Atlantic crossings of exposed people, who were rejected in Lisbon in their childhood, survived, grew up and travelled to Portuguese America, where they settled. With the support of Social History and a theoretical contribution inspired by Italian micro history, we realized how these trajectories can shed light on the theme of children's exposure, the spread of this practice, on both sides of the Atlantic.

## KEYWORDS

Exposed. Atlantic. Porto Alegre.

O ato de abandonar bebês remonta a um passado longínquo, pelo menos na história Ocidental. Mesmo que pesem os significados atribuídos a tal prática e os contextos específicos de cada momento histórico, trata-se de um fenômeno de longa duração. Aqui queremos tratar de um desses momentos, o período moderno em que ganhou força esta prática, conforme a nomenclatura adequada, de expor ou enjeitar bebês. Nesse caso, não se tratava exatamente de um abandono, de acordo com a acepção contemporânea da palavra, e sim de abdicar da criação de um filho ou uma filha, enjeitando essa criança, geralmente na tenra idade, na porta de um domicílio, de igrejas ou de conventos.

No *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antônio de Moraes Silva, a palavra “exposto” aparece como uma derivação do verbo latino *exponere*, que significa, entre as várias acepções, “expor uma criança, enjeitá-la; expor a vida, arriscá-la, pô-la em perigo” (SILVA, 1798, p. 801). Também no *Vocabulário Português e Latino*, de Raphael Bluteau, no início do século XVIII, no tomo de adágios, o verbete *enjeitado* aparece como

[...] menino enjeitado, é o que desamparado de seus pais, e exposto no adro de uma Igreja, ou deixado no limiar de um Convento, ou de pessoa particular, ou depositado no campo a Deus, e à ventura, cruelmente padece o castigo dos ilícitos concubinatos de seus pais. Para obviar a crueldade deste infanticídio, e a inumana desconfiança de alguns, cuja pobreza os obriga a este desatino, por não ter com que alimentar família mais numerosa, em muitas partes da cristandade há hospitais com Rodas, onde se põem as tristes criaturas, e se dão a criar mulheres escolhidas, e aceiradas para este efeito (1727, p. 577).

O verbete de Bluteau sintetiza a exposição no âmbito teórico por parte de muitos moralistas e juristas do século XVIII e XIX. Muitos dos que enjeitaram seus filhos no período moderno poderiam ter conhecimento do paradeiro da criança e contato com ela ou a intenção de resgatá-la posteriormente. Entretanto, esse fenômeno se dava nas relações cotidianas, pois o anonimato de quem enjeitava a criança era essencial para essa prática (FRANCO, 2014, p.101-109; SÁ, 2013, p. 121-123).

Ao fim da Idade Média, a exposição ou o enjeitamento de bebês era um fenômeno tão abrangente na Europa católica que surgiram instituições de abrigo a essas crianças, conventos e hospitais que instalaram em suas estruturas a famosa *roda dos expostos*.<sup>1</sup>

Em Portugal, o assistencialismo à criança abandonada esteve atrelado a um espírito caritativo desenvolvido no pensamento cristão, fazendo com que Casas de Misericórdia abrigassem os pequeninos abandonados. Os códigos portugueses, desde as Ordenações Manuelinas do século XVI, obrigavam as câmaras municipais a custear a alimentação e a criação dos enjeitados, contratando criadeiras e amas

---

<sup>1</sup> O nome “roda”, dado por extensão à casa dos expostos, provém do dispositivo de madeira no qual se depositava o bebê. De forma cilíndrica e com uma divisória no meio, era fixado no muro ou na janela da instituição. No tabuleiro inferior da parte externa, o expositor colocava a criançinha, girava a roda e puxava um cordão com uma sineta para avisar à vigilante, ou rodeira, que um bebê acabara de ser abandonado, retirando-se furtivamente do local, sem ser reconhecido (MARCÍLIO, 1998, p. 56).

de leite para os cuidados necessários com essas crianças. Ao longo do século XVII e XVIII, as câmaras municipais passaram a responsabilidade da assistência aos expostos para as Misericórdias locais, continuando, no entanto, a subvencioná-las (SÁ, 1995).

No lado de cá do Atlântico, a prática da exposição de crianças claramente esteve atrelada à colonização portuguesa, bem como a assistência a essas crianças conforme as legislações portuguesas estendidas a suas colônias, uma forma dialética entre o abandono de crianças por parte da população que constituía as freguesias e a assistência por parte das autoridades da municipalidade colonial. O tema já teve amplo estudo por especialistas como Maria Luiza Marcílio (1998) e Renato Venancio (1999), além de estudos recentes, como o de Renato Franco (2014), que tem demonstrado todos os entraves da assistência aos expostos e a dificuldade das autoridades municipais de seguirem à risca a responsabilidade de financiar auxílios aos expostos ou mesmo das Misericórdias em colocarem em funcionamento rodas de expostos ou a casa da roda para atender essas crianças.

Dado esse pequeno contexto, nossa intenção neste texto é mostrar como a exposição de crianças esteve atrelada ao processo de colonização e de assistência implantado pelo projeto da Coroa portuguesa. A proposta é identificar que, junto com o trânsito de pessoas pelo Atlântico, práticas como a de enjeitar crianças também alcançaram novas formas e contextos, adequando-se a esses espaços. Para atingirmos nosso objetivo, partimos de um minucioso cruzamento de fontes legislativas e das Misericórdias – eclesiásticas e cartoriais, de ambos os lados do Atlântico –, mapeando esparsas trajetórias que nos dizem muito sobre esse hábito que circulou pelo Império português.

O texto, dessa forma, se divide em dois momentos. O primeiro deles, durante o período de expansão portuguesa, procurando observar concomitantemente a essa expansão a das Misericórdias e a assistência a pobres e enjeitados. Depois, procuramos mostrar como o trânsito de pessoas acabou por reproduzir tais ações, pois, mesmo aqueles que tiveram a infância marcada por esse fenômeno, quando adultos, migraram para a América portuguesa em busca de melhores condições e reproduziram essas mesmas práticas. Trata-se de trajetórias de expostos que migraram para o extremo sul da América portuguesa, especificamente a freguesia Madre de Deus de Porto Alegre, sede da capitania do Rio Grande de São Pedro, região de colonização tardia, mas que, a partir de meados do século XVIII, apresentou um crescimento demográfico e urbano acelerado graças a conexões portuárias e defesas naturais numa fronteira de intenso conflito com os espanhóis.

## **UMA PRÁTICA EM EXPANSÃO: MISERICÓRDIAS E ASSISTÊNCIA**

Trabalhos consagrados nos dois lados do Atlântico sobre a temática do abandono de crianças no período moderno já nos deram bases suficientes para nos dizer que a posição colonial, a mestiçagem e a ilegitimidade pouco nos ajudam a entender a complexidade desse fenômeno (FRANCO, 2019). Nesse caso, uma perspectiva que nos parece promissora é levar em consideração um contexto mais global das políticas públicas implantadas em prol do acolhimento dessas crianças tanto em Portugal quanto no restante da Europa nesse período.



Entendido dessa maneira, mais do que mapear os expostos e sua inserção social, deve-se problematizar como a própria colonização portuguesa no sul do Brasil, em âmbito governativo, religioso e social, pôde ganhar novas dimensões e quais significados foram acionados por essa assistência aos expostos.

Se procuramos traçar as especificidades do local sem perder os contextos mais amplos, numa variação de escala, é de grande valia analisar uma perspectiva Atlântica. Aqui, temos de reservar um espaço para alguns esclarecimentos sobre nosso viés de análise, percebendo as conexões estabelecidas e possibilitadas pela navegação no Atlântico. Hoje, historiadores têm discutido e procurado percebê-lo como um campo de nossa área, o que denominam como uma *atlantic history*. Num esforço de classificação dessa tendência historiográfica britânica, David Armitage classifica a história atlântica em três categorias que se relacionam: a circum-atlântica, a cisatlântica e, a mais significativa para o nosso caso, a transatlântica. Em suas palavras, a última ficaria da seguinte forma:

O sistema de circulação do Atlântico criou ligações entre regiões e pessoas antes separadas. Isso permitiu aos historiadores transatlânticos delinearem comparações significativas – e não meramente arbitrárias – entre histórias que seriam, de outro modo, distintas (2014, p. 217).

Optamos aqui por analisar a história transatlântica não como um campo específico de pesquisa, como quer Armitage (2014), nem como método de análise. Ao contrário, incorporamos alguns elementos que nos inspiram a pensar a circulação de ideias e pessoas no mundo atlântico. Essa óptica nos remete a trabalhos consagrados da historiografia sobre o Império português e ao trânsito de pessoas no Atlântico sul.<sup>2</sup> Não é por menos que Armitage (2014, p. 215) deixa bem claro que essa análise “impulsiona os historiadores em direção a um pluralismo metodológico e horizontes mais amplos”.

Com essa discussão, o que salientamos é que não podemos pensar a Região Sul do Brasil sem levar em conta suas conexões com o Atlântico e com a região platina, onde mercadorias, pessoas, ideias e conhecimentos circulam e se conectam. Assim, se a exposição de crianças chegou pelo Atlântico, também as práticas de assistência vieram das ordenações do reino, implementadas no ultramar, até as medidas filantrópicas do século XIX – ideias importadas do outro lado do Atlântico e que serviram para inspirar os legisladores brasileiros.

Por esse caminho, pensar o século XVIII pressupõe levar em consideração um emaranhado de conexões e transitoriedades. Essa visão tem sido cada vez mais frutífera, e, apesar de um campo em aberto e em disputa, trabalhos pioneiros já trouxeram à tona essa concepção, como mencionamos antes. Russell-Wood destacava que o movimento dos portugueses pela África, pela América e pela Ásia fez com que diversos povos tivessem a percepção da “existência uns dos outros”, o que

---

<sup>2</sup> Referimo-nos ao estudo de Alencastro (2000), que já demonstrava a interdependência das duas margens do Atlântico sul desde o fim do século XVI. Nesse caso, constituiu-se um espaço territorial único. Os enclaves portugueses na América e as feitorias angolanas eram um só sistema de exploração colonial. O mesmo vale para os trabalhos clássicos dos brasilianistas Charles Boxer e, depois, de seu pupilo e seguidor Anthony Russell-Wood (2006). Ambos acrescentaram o Índico e o Oriente a suas contribuições.



alterou hábitos de consumo, culinária, técnicas e os produtos do meio agrário, num constante “fluxo e refluxo” de mercadorias, agentes administrativos, escravizados, degredados, espécies vegetais e animais (DOMINGUES; MOURA, 2014, p. 11-12).

O facto de ter escolhido o movimento como tema subjacente e unificador, permitiu-me abordar a exploração e a descoberta, os veículos de transporte de pessoas e de mercadorias através de continentes e de oceanos, as diásporas humanas e as migrações forçadas, os padrões e a dinâmica do comércio, a dispersão global de doenças, de plantas e de exemplares da fauna, a transmissão cultural de estilos e de hábitos e, por fim, a comunicação, a difusão e a troca de ideias entre os povos. A universalidade deste tema unificador foi libertadora uma vez que me deixou livre, para atravessar oceanos, para me deslocar de um continente para o outro fugindo, dentro dos limites razoáveis, à tirania da cronologia (RUSSELL-WOOD, 2006, p. 17).

A tônica de nosso referencial teórico-metodológico, num primeiro momento, parece não se corresponder, de um lado priorizando a redução de escala da micro-história e, de outro, contextos mais amplos com a história atlântica. Apesar disso, pesquisadores contemporâneos têm aproximado esses dois pontos de vista e trazido bons resultados. Rebecca Scott e Jean Hébrard (2014), por exemplo, acompanharam as viagens de uma família – os Vincent/Tinchant – por três continentes. A trajetória dessa família, num esquema genealógico, nos revela como ela procurou fugir do racismo, apagando seu passado escravo, reelaborando sua história e identidade. Discutindo temas como escravidão e liberdade, traçando trajetórias e colocando rostos aos sujeitos históricos tratados ao longo do trabalho, os autores denominaram seu método de uma micro-história posta em “movimento” (SCOTT; HÉBRARD, 2014).

É sob esse mesmo prisma que Lara Putnam, em suas pesquisas sobre a propagação do anti-imperialismo no período entre as guerras britânicas no Caribe no fim do século XIX e início do XX, aponta aproximações entre a micro-história e a história atlântica. Para Putnam, o método de ambas as perspectivas se aproxima na medida em que procuram estabelecer conexões, antes negligenciadas, pelo cruzamento de uma gama de documentos analisados. A prosopografia, para Putnam (2006), é um método em comum e dá rosto aos sujeitos históricos em espaços geográficos mais alargados, embora muito bem definidos.

Sem perder de vista as singularidades do contexto, em alguns momentos procuramos redimensionar nosso espaço geográfico de maneira mais ampla. Se bem que pareça um esgarçamento da micro-história, suas características comuns são preservadas em nossa pesquisa, como a utilização de grande (e diversa) quantidade de fontes históricas, uma análise minuciosa sobre esses documentos e a variação de escala na tentativa de não cair em generalizações, e, na medida do possível, oferecer respostas locais a questões gerais. Além da variação de escala, o cruzamento nominativo de fontes é essencial no que tange aos aspectos metodológicos. Assim, o nome é nosso fio condutor, ou fio de Ariadne, conforme expressão sugerida por Carlo Ginzburg (2007).<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma metáfora usada por Ginzburg (2007) referente ao mito grego em que Teseu recebe de

Feitas essas observações, podemos partir do pioneiro trabalho de Charles Boxer, que será nossa base para iniciar a discussão que se seguirá. No tópico “Conselheiros municipais e irmãos de caridade”, o autor afirma a máxima de que “a Câmara e a Misericórdia podem ser descritas, com algum exagero, como os pilares gêmeos da sociedade colonial portuguesa do Maranhão até Macau” (2002, p. 282). Se assumirmos tal afirmação, entenderemos que essas duas instituições são basilares para a administração portuguesa e garantiam uma continuidade ao processo de colonização. Nesse caso, o importante a destacar é que ambas tiveram relações diretas com a prática da exposição de crianças, haja vista que assistiam os enjeitados.

As Câmaras municipais eram os sustentáculos da monarquia portuguesa, pois, por meio delas, o rei (cabeça) estendia como tentáculos (as Câmaras) a dimensão do poder real. Fernanda Bicalho, ao tratar da Câmara no Rio de Janeiro, traçou paralelos com as existentes em Goa e Macau, advertindo que:

[...] cada câmara – reinol e ultramarina – tinha uma configuração própria e um equilíbrio historicamente tecido ao longo do tempo e das diferentes conjunturas econômicas, sociais e políticas no amplo espaço geográfico da monarquia portuguesa no Antigo Regime (2001, p. 193).

Mesmo com configurações próprias que poderiam variar conforme o espaço e o contexto, eram essas instituições as responsáveis, em última instância, por angariar fundos para a contratação de amas de leite e de criação para com os cuidados e os bons tratamentos dos pequenos enjeitados. Essa prerrogativa estava valendo desde as Ordenações Manuelinas (1512-1521). Na América portuguesa – ou, invariavelmente, como ocorria em outras regiões do Império português –, as Câmaras municipais se eximiam dessa responsabilidade, queixando-se às autoridades de quão oneroso eram os custos com os enjeitados (MARCÍLIO, 1998, p. 139-140).

As misericórdias também tiveram papel fundamental para a assistência aos expostos. O acolhimento aos enjeitados estava regimentado dentro de seus compromissos. O Compromisso da Misericórdia de Lisboa, impresso em 1516, se tornou um modelo adaptado às Misericórdias ultramarinas, no qual o auxílio aos enjeitados estava inserido indiretamente nas obras corporais.<sup>4</sup> Entretanto, após uma reforma desse compromisso, em 1577 e 1618, os expostos passaram a estar diretamente mencionados para o alcance de caridade (SÁ, 2013, p. 122).

Ainda que a casa da Misericórdia se não cullmina encarregar dos meninos enjeitados [...] Achandose alguns meninos dessa calidade, constando de seu desamparo, o Provedor, se mais

---

Ariadne um fio que o orienta pelo labirinto, onde encontrou e matou o minotauro. Desse modo, o nome é o fio que nos orienta pelo cruzamento de fontes, a fim de reconstituir a história dessas crianças que foram expostas no extremo sul da América portuguesa.

<sup>4</sup> Laurinda Abreu (2017, p. 249) menciona que essas “reformas do compromisso da Misericórdia de Lisboa, de 1577 e de 1618, realizadas num contexto dinâmico em termos destas políticas sociais, expressam a necessidade de adaptação das confrarias às múltiplas mudanças em curso, detectáveis, por exemplo, no aumento do número dos irmãos e alargamento das suas responsabilidades, nas maiores preocupações ao nível da especificação das diferentes funções, numa mais rigorosa vigilância dos alvos de caridade”.

irmãos da mesa os mandarão acabar de criar mandolhe amas, em quanto forem de pouca idade, e depois de crescidos lhes darão ordem conveniente, para que nem por falta de ocupação fiquem expostos aos males que a ociosidade costuma causar (BNP, 1640, p. 36-37).

É importante reforçar que, além das práticas de assistência a pobres e enfermos, as Misericórdias desempenharam um papel importante no jogo dos poderes políticos. Laurinda Abreu (2017, p. 245-277) salienta que, nesse âmbito, essas instituições mantiveram a autonomia nas comunidades locais e se tornaram um poder institucional em meio a um jogo disputado entre o poder central e local.

Mesmo leigas, as confrarias das Misericórdias estavam vinculadas à prática cristã, ligadas diretamente ao catolicismo ibérico. Em estudo sobre Goa, na Índia, Ângela Xavier (2008, p. 356) aponta como as Misericórdias, junto com outros dispositivos assistenciais e de conversão, como as missões, na medida em que beneficiaram as comunidades locais, se transformaram em mais um mecanismo para o processo de cristianização daquelas populações. Com a manutenção desses mecanismos, elas mantinham a conservação e a reprodução das instituições e da cultura dominante.

Entendemos melhor as afirmações sobre os mecanismos de assistência como aparatos para a colonização portuguesa quando observamos as Misericórdias na Ásia, na África, no Brasil e nos Açores desde o século XVI. Podemos citar alguns exemplos, como Goa (1519), Santos (1543), Salvador (1552), Macau (1569), Luanda (1576), Rio de Janeiro (1582) e Mombaça (1593). Outros exemplos de Misericórdias seiscentistas são encontrados na Ásia, como Colombo (Sri Lanka), Cochim, Chaul, Diu, Malaca, Ormuz e São Tomé de Meliapor (COATES, 1998, p. 45).

Em muitas áreas do extenso território de domínio português, podemos observar que os expostos foram acolhidos pelas Santas Casas. Um exemplo é o compromisso da Misericórdia de Goa, de 1595, no qual é possível identificar uma leitura do capítulo 33 do compromisso da Misericórdia de Lisboa. No capítulo 34 do compromisso da Misericórdia de Goa, consta que

Os meninos cujas mães adoecem e não os podem criar nem dar a criar por sua pobreza ou falecendo elas, ficam desamparados, ou têm necessidade de alguma ajuda para sua criação, estes proverão nesta Casa na maneira que parecer ao provedor e irmão. Vindo alguns enjeitados a esta Casa da Misericórdia se dará a criar como até agora se fez, com o dinheiro que para isso dá a cidade (SEABRA, 2005, p. 70).

Em outras regiões do Oriente também houve a recorrência da prática da exposição de crianças. Em Macau, por exemplo, a Misericórdia, já em 1571, assistia os enjeitados em suas dependências, sem distinção étnica, sendo a grande maioria deles chineses, órfãos e cativos, e enfermos pobres (SEABRA, 2007, p. 608). Também podemos encontrar a recorrência de expostos na África. Em Moçambique, já no século XIX, a Irmandade da Santa Casa solicitava recursos ao governador capitão-general para manter suas “atividades piedosas que executa, tais como, o Hospital para Pobres, Casa de Roda dos Expostos e Hospital de Mulheres Pobres e faltando recursos para os manter” (AHU, 1830). Em Angola, houve conflitos entre as Misericórdias

estabelecidas desde meados do século XVII. Os moradores da Vila da Vitória de Massangano pediam licença à Coroa, por meio do Conselho Ultramarino, para fazer a obra de uma casa e um hospital da Irmandade de Santa Casa de Misericórdia, a fim de tratar “os enfermos e as viúvas sem amparo”, apesar da oposição da Santa Casa da Misericórdia de São Paulo da Assunção, que afirmava “que o provedor e os irmãos dela agiam apenas em defesa dos seus interesses, sem pensar no serviço de Deus e de Sua Majestade” (AHU, 1661).

Na América portuguesa, as Misericórdias foram fundadas dos séculos XVI ao XIX, de norte a sul do território. Renato Franco, num estudo aprofundado sobre o tema, contabilizou 22 instituições. O autor destaca que as Misericórdias, no espaço luso-brasileiro, foram resultado de “um processo descontínuo e nem sempre obedeceu aos ditames do dinamismo econômico”, o que acarretava uma precarização da rede assistencial, a qual deixava irregular a abrangência de suas ações até pelo menos o século XVIII (2011, p. 95).

Sobre a assistência aos expostos, algumas Misericórdias fizeram parcerias com as Câmaras. Foi o caso das Câmaras do Rio de Janeiro e de Salvador. Mas queixas e orientações vindas do Conselho Ultramarino são bastante ilustrativas de como a governança local resistia a custear os expostos ou somava dívidas exorbitantes nos repasses dos salários às amas (FRANCO, 2011; RUSSELL-WOOD, 1981).

No caso do Rio Grande de São Pedro, por exemplo, eram as Câmaras as principais instituições de amparo aos expostos. A pedra fundamental do edifício que viria a ser a Misericórdia é de 1803. Após uma discussão sobre se ele se tornaria um hospital militar ou uma Santa Casa, esta prevaleceu (WADI, 2002, p. 40-41). Em 1814, foi regulamentada a Misericórdia e, em 5 de janeiro de 1815, deliberado o deputado, escrivão da Junta da Real Fazenda, Antônio Caetano da Silva, para o cargo de mordomo dos expostos (LIVRO I DE ATAS DA MESA ADMINISTRATIVA, 1815, fl. 3v).

A Misericórdia de Porto Alegre proveu o cargo de mordomo de expostos amparada no Alvará Régio de 1806, o qual regulou seu compromisso. No artigo 7º do referido documento, é atribuído às Misericórdias o cuidado para com os expostos e, dessa forma, eleito um Irmão para ocupar o cargo e assumir tal responsabilidade. No caso de Porto Alegre, como percebemos em estudo anterior, a Misericórdia pouco interferiu na administração da exposição, sendo a Câmara a principal responsável até a criação da roda, em 1838. Ainda carecemos de estudos voltados a uma análise aprofundada sobre essa Misericórdia e a composição social dos seus irmãos nos seus primeiros anos. O que percebemos em nossa primeira pesquisa é que se trata de um mesmo grupo dirigente, tanto os que administravam a Misericórdia quanto os que detinham o aparelho público, a Câmara Municipal.

Para além da diversidade de resoluções administrativas em relação aos custeios com a criação dos enjeitados, a prática de expor crianças acontecia junto com os mecanismos de proteção social do Estado português. Assim, ela se fez presente nesses territórios, ou seja, foi expandida nesse processo de domínio cultural.

Ainda nos cabe um último enfoque: a relação da exposição de crianças, ou melhor, a relação da assistência com o catolicismo, num contexto de reforma religiosa e contrarreforma. Isabel dos Guimarães Sá mapeia algumas dessas diferenciações da assistência e da prática da caridade quanto aos enjeitados entre a Europa católica e a protestante. A autora salienta que o primeiro ponto é que o batismo para os protestantes não tinha a mesma importância que para os católicos. O limbo havia

deixado de existir; a ênfase religiosa estava na purificação da alma, e não na vida eterna adquirida pelo batismo (SÁ, 1998, p. 13).

Outro ponto de divergência importante entre católicos e protestantes diz respeito às formas de assistência. No universo católico, a prática da caridade era essencial à conduta dos fiéis, de modo que estava muito mais dependente de ações individuais e legados testamentários. No caso protestante, criou-se um sistema mais organizado, em que cada localidade era responsável pela assistência aos pobres de sua jurisdição – caso da Inglaterra (SLACK, 1995).

## **A EXPOSIÇÃO DE CRIANÇAS E O TRÂNSITO DE PESSOAS**

No que tange ao fenômeno da exposição de crianças, podemos perceber certas relações das periferias ultramarinas com o centro metropolitano, e, especificamente em nosso caso de estudo, alguns vínculos com Lisboa são traçados. Além das diretrizes do compromisso da Misericórdia lisboeta, que modelaram as do ultramar, como já mencionamos, o trânsito de pessoas entre Lisboa e Brasil teve a exposição de crianças como pano de fundo.<sup>5</sup>

Para termos uma dimensão dessas conexões, trataremos de uma proposta dos mordomos da Real Casa dos Expostos enviada à mesa administrativa em 17 de novembro de 1779. A proposta de inspiração iluminista era baseada no parecer do provedor da Misericórdia de Lisboa, José António de Castilho Furtado de Mendonça, que abordava, entre muitas questões, o problema dos expostos pretos e pardos. A questão aventada era que muitas dessas crianças expostas eram resgatadas na casa da roda e depois traficadas como escravas (COLEN; MANOEL, 1999). Apenas lembrando que, no Reino, a partir de 1761, um Alvará Régio havia determinado que todos os negros que chegassem a Portugal após essa data seriam livres.<sup>6</sup> De todo modo, aqueles que eram escravos em Portugal assim permaneciam, pois somente anos mais tarde, em 1773, o mesmo monarca promulgou a chamada Lei do Ventre Livre, pela qual se estabeleceu que seriam livres todos que nascessem de mãe escrava.

José António de Castilho Furtado de Mendonça alertava para o contrabando de expostos pretos e pardos. Ele enfatizou que mesmo as amas, “pessoas que os vem buscar à Casa da Roda para os criarem à custa da mesma, barbara e furtivamente os vendem, e desta sorte fazem gemer toda a vida nos grilhões do cativo os mesmos inocentes” (AHSCML, Avisos e Ordens da Mesa, 1779, L. 01, fl. 93v). O Provedor ainda seguiu:

---

<sup>5</sup> Para termos outros exemplos desse trânsito no espaço territorial sulino, podemos recorrer aos dados demográficos referentes aos matrimônios em Porto Alegre, sede da província desde sua fundação. Dos nubentes que contraíram núpcias nessa freguesia entre 1772 e 1835, cerca de 26% eram reinóis, grande parte (80%) oriunda de Portugal. Entre as noivas, esse percentual era modesto, visto que, como solteiras, eram menos (i)migrantes – apenas 5% eram de territórios internacionais (FREITAS, 2011, p. 143-146).

<sup>6</sup> Quaisquer escravos que desembarcassem após esse período no Reino teriam automaticamente sua liberdade concedida, sem qualquer documentação, além de um certificado emitido pelo funcionário da alfândega, declarando o nome do navio, o porto de origem e a data do desembarque (RUSSELL-WOOD, 2005, p. 74).

Providência incumbida ao nosso cuidado, por cujo motivo julgo que o primeiro objeto que devo expor à Vossa Excelência é a infelicidade de alguns enjeitados pretos e pardos, que perdem a liberdade pelos mesmos meios de adquiri-la. Parece isto impossível, mas tem sucedido, e muitas vezes (AHSCML, Avisos e Ordens da Mesa, 1779, L. 01, fl. 94f).

Aliás, é importante mencionar que a legislação portuguesa assegurava ao exposto os mesmos direitos dos filhos legítimos, como a possibilidade de herdar qualquer bem via testamento. Além disso, o mais importante era que o exposto tinha a condição jurídica de livre, de modo algum podendo ser reduzido à condição de cativo, mesmo que tivesse origem escrava (SÁ, 1995). Essa resolução jurídica foi influenciada diretamente pelas leis romanas. Tratava-se de incorporações de leis sobre os expostos desde o Código Justiniano:

A criança exposta na igreja, nas ruas, ou em qualquer outro lugar, deve ficar livre, ainda mesmo que a pessoa que a reclame prove, com autenticidade, ter dela tido a propriedade. Porque, se as nossas leis, acrescenta o imperador, tem decretado que os escravos doentes, alcancem liberdade, quando desprezados por seus senhores, como há de sofrer, que os abandonados desde o berço à comiseração d'outrem, educados depois por pessoas caritativas, permaneçam debaixo do jugo da escravidão? A crueldade de tal abandono é tanto mais criminosa, quanto ella acommette sêres muito mais desgraçados (COD. JUSTINIANO, Liv. VIII, tit. 52, 1. 3 *apud* VAZ, 1843, p. 14).

As denúncias levadas à mesa justificavam a proposta entregue aos mordomos dos expostos para ter mais controle sobre sua entrada e, assim, evitar a escravização de crianças negras em Portugal, sanando os “perniciosos abusos, que até agora não tiveram eficaz remédio” (AHSCML, Avisos e Ordens da Mesa, 1779, L. 01, fl. 91v). José António de Castilho Furtado de Mendonça apresenta dez problemas relacionados aos expostos ao longo de seu parecer. Se o primeiro deles alertava para a escravização de expostos pardos e pretos, o terceiro falava da desorganização e da falta de controle em que estavam os livros de entradas de expostos. Nesse item do documento, o provedor coloca uma questão importante:

Atualmente sucede mandarem do Brasil a esta Casa buscar com grande empenho certo enjeitado, dando as precisas confrontações para a busca e para a entrega, e oferecendo logo satisfazer todas as despesas (HSCML, Avisos e Ordens da Mesa, 1779, L. 01, fl. 96v).

O provedor, em seus primeiros quatro meses no cargo, já se inteirava da precária administração da Misericórdia e formulava medidas para o controle de entradas e saídas dos enjeitados, ainda mais dos expostos pretos e pardos, sob o risco de escravização clandestina.

Essa denúncia nos apresenta possibilidades de buscar crianças enjeitadas em Lisboa com o intuito de vendê-las como escravas no Brasil. A dificuldade de provar

empiricamente a denúncia do provedor era enorme, mas o fato de trazer a questão à tona já era de extrema pertinência. Assim, era uma possibilidade a ser levada em consideração. Era possível tratá-la como aqueles casos do “talvez” e do “poderia ser” que a bagagem empírica do historiador permitia pressupor.<sup>7</sup> A possibilidade de escravização de expostos também foi um obstáculo a ser enfrentado pelas intuições de acolhimento no sul do Brasil – em nosso caso, as Câmaras municipais, apesar de inúmeras restrições e alvarás régios que impediam isso.

Ainda com relação ao problema do contrabando de expostos, Maria Luiza Marcílio (1998, p. 274-275) destaca que, nas rodas, não eram raros os casos de senhores reclamando filhos de suas escravas, os quais, segundo eles, haviam sido enjeitados na instituição assistencial sem o seu consentimento. Em outras situações, eles faziam as escravas enjeitarem os filhos nas instituições e se candidatar a amas de leite, que era uma forma de ludibriar a Santa Casa e receber os salários pela prestação de serviços de sua cativa. A autora ainda nos relata casos da roda de Salvador e do Rio de Janeiro, em que as amas de leite contrabandeavam expostos pardos e negros como escravos.

Após as denúncias de José Antônio de Castilho Furtado de Mendonça, a Misericórdia de Lisboa passou a ter livros de registros específicos, tanto para amas de leite quanto para as de seco, um para os expostos brancos e outro para os não brancos. Também os termos de entrega de expostos de cor se modificaram, pois ficaram estabelecidas penas pecuniárias às amas que não entregassem as crianças sempre que a mesa dos enjeitados determinava ou após o término do período de criação. Para termos alguma dimensão demográfica dessa questão, Isabel Braga (2011) realizou uma análise quantitativa sobre os livros de entrada de expostos pretos e pardos de 1780, início dos registros, até 1807, um ano antes da partida da Corte para o Brasil. A autora calculou um total de 405 entradas de expostos pretos e pardos. Entretanto, por falta de estudos, não pôde calcular a relação de entradas desses expostos em relação aos brancos na roda. Esse cálculo foi realizado apenas para o ano de 1778, em que os expostos pretos e pardos representaram 1,5% do total de entradas.

Se observarmos, baseados nas denúncias do provedor, uma circulação de pessoas pelo Atlântico em relação à exposição, isso fica mais evidente quando percebemos que expostos, quando adultos, também atravessam, circulam e reproduzem tal prática. Assim, o outro elemento para nossa reflexão se deu pelo trânsito de expostos para as demais regiões do Império português, exclusivamente para o sul da América portuguesa.

Às oito horas da manhã do dia 4 de agosto de 1788, na Matriz de Porto Alegre, o pároco José Ignacio dos Santos Pereira dava as bênçãos ao casamento de Gregório José da Rosa com Luisa Dezideria da Silveria. A noiva era filha legítima de Manuel da Silveira e de Ana Maria, natural da Freguesia de Nossa Senhora de Conceição de Viamão, localidade vizinha a Porto Alegre. Seus pais eram naturais dos Açores.

Sobre o fluxo de migrantes açorianos para ocupar a Região Sul, é importante mencionar que, entre 1747 e 1756, a Coroa portuguesa promoveu em larga escala a migração de casais das ilhas para ocupação e colonização do Sul do Brasil. Para termos ideia, em 1747, estavam já alistados cerca de 8 mil indivíduos, sobretudo

---

<sup>7</sup> Trata-se do espaço das incertezas, dos “talvez”, dos “poderia ser” a que o historiador tem de recorrer quando as evidências são inadequadas ou geram perplexidade (DAVIS, 1987).

oriundos das ilhas do grupo central – Faial, Graciosa, Pico, São Jorge e Terceira. Da Ilha da Madeira partiram 226 casais, num total de 1.277 pessoas (SCOTT; BERUTE, 2011, p. 107).

Quanto ao noivo, fora exposto na Santa Casa da Conceição de Lisboa (AHCMPA, Livro I de casamentos de livres, 1788, fl. 20v). Gregório, conforme consta em sua habilitação matrimonial, atuava como marinheiro. As testemunhas, predominantemente marinheiros e reinóis, interpelaram a seu favor, afirmando que era um homem solteiro e tinha vivido “até o pres[ente] de andar embarcado pela soldada de marinheiro” (AHCMPA, Habilitação matrimonial, 1788, fl.31v). As mesmas testemunhas ainda afirmaram que conheceram Gregório quando ele esteve embarcado no porto do Rio de Janeiro e que era “um marinheiro e filho de pais incógnitos, exposto na Roda de Lisboa”. Portanto, sob essa premissa, deu-se início ao processo de habilitação matrimonial.<sup>8</sup>

O pároco de Porto Alegre, José Ignácio dos Santos Pereira, afirmou em atestado que era necessário para Gregório o registro de batismo em sua pátria, pois sem o porte desse documento não era admitida a certidão de sua pobreza. Aliás, o pároco afirma e reitera que o “suplicante é pobre” (AHCMPA, Habilitação matrimonial, 1788, fl.40f). O atestado de pobreza era necessário para ser dispensado das taxas cobradas pela paróquia para ascender ao matrimônio e das custas com os banhos. Era uma resolução do bispo do Rio de Janeiro e reafirmada na visitação de 1782.<sup>9</sup>

Apenas em 1790 é que o atestado de batismo de Gregório chegou a Porto Alegre e o processo foi encerrado com a liberação dos noivos para o casório. Mas ainda cabe investigarmos um pouco mais sobre a trajetória de Gregório e, para esse fim, recorrer à documentação da Misericórdia de Lisboa. O menino foi deixado na roda às 14 horas do dia 15 de junho de 1755, com um pequeno enxoval. Naquele mesmo dia foi batizado, recebendo o nome de Gregório (AHSCML, Livro de Entrada de Expostos, 1755, n.º 38, fl. 57). Logo após batizado, entregaram o exposto a uma ama, a viúva Maria da Conceição, que recebeu salários por dois anos por sua criação (AHSCML, Livro de Entrada de Expostos, 1755, n.º 38, fl. 57) e, após esse período, afirmou criá-lo gratuitamente, “pelo amor a Deus” (AHSCML, Livro dos Conhecimentos das amas, 1755, n.º 56, fl. 25). É interessante frisar que Gregório foi enjeitado meses antes do terremoto que devastou parte de Lisboa, inclusive a própria sede da Misericórdia, em novembro de 1755.

Para termos ideia desse acontecimento, José-Augusto França fez uma análise dos estragos causados pelo terremoto com base em relatos da época. Segundo o autor,

a cidade ficara em parte arrasada pelo sismo e em maior parte foi devastada pelo fogo. Dois terços das ruas ficaram inabitáveis, ou só três mil casas das vinte mil existentes, após o incêndio. Das quarenta igrejas paroquiais, trinta e cinco desmoronaram-se,

---

<sup>8</sup> As normativas tridentinas previam a necessidade da abertura de processo de habilitação matrimonial, um inquérito a que eram submetidos aqueles que desejassem contrair matrimônio mas que não eram nascidos na freguesia, uma forma de evitar a bigamia e relações incestuosas por vínculos de parentesco (FREITAS, 2011, p. 33).

<sup>9</sup> No livro de Capítulos de Visitas, o visitador solicita ao reverendo pároco que dispense os impedimentos para os matrimônios de índios e escravos, e, para aqueles que provarem atestado de pobreza, que os banhos sejam gratuitos. Essa menção é depois reiterada na visitação de 1811 (AHCMPA, Livros de Capítulos de Visita Pastoral, 1782, 14 v-15 f).



arderam, ou ficaram em ruínas, só onze conventos dos sessenta e cinco existentes ficaram habitáveis, embora com danos, nenhum dos seis hospitais se salvaram do fogo e trinta e três residências das principais famílias da corte ficaram destruídas (1989, p. 9-10).

Gregório, porém, passou para outro lar, em 1766: o de Manoel de Almeida, seu responsável como amo de ofício. Após a criança completar sete anos, foi entregue a esse mestre de ofício por tempo determinado.<sup>10</sup> O alfaiate Manoel de Almeida assinou o termo de obrigação da mesa dos enjeitados, no qual

se obrigou a ensiná-lo, doutriná-lo, como filho, vesti-lo e calçá-lo e a ensinar-lhe o seu ofício de alfaiate no tempo de seis anos correndo a data deste; e tratá-lo como seu filho; e acabados os d[itos] seis anos; não estando oficial capaz o d[ito] mestre acabará de ensinar pagando-lhe o seu jornal como a qualquer outro oficial em que não estiver detido corrente para ganhar sua vida conforme destino do d[ito] ofício (AHSCML, Livro das Novas Obrigações, 1766, n.º 4, fl. 399v);

O exposto Gregório superou os primeiros anos de vida, algo muito raro frente às estatísticas de mortalidade infantil da roda de Lisboa, recebendo um criador e mestre de ofício após atingir certa idade. O alto índice de mortalidade dos expostos nas rodas europeias já foi alvo de inúmeros estudos, e no caso de Lisboa não era diferente, apesar da ausência de estudos estatísticos em razão da falta de documentação. A análise clássica de José Martins nos dá uma ideia. Ele diz que, em 1763, “faleceram 762 crianças; em 1764 faleceram 716; em 1765 a 1767 a mortalidade ascendeu a 1.745” (RIBEIRO, 1998, p.123-124).

Pela trajetória de Gregório, percebemos que ele não seguiu o ofício ensinado, tendo atravessado o Atlântico como marinheiro e ancorado nos portos do Rio de Janeiro, de Rio Grande e em outros da América do Sul. Talvez nosso personagem estivesse ligado às rotas comerciais de navegação. Fazemos essa afirmativa por encontrarmos guias de transportes de escravos em nome de Gregório, agora tido como comerciante, em 1804, quando transportava um escravizado de nome José Benguela para o Rio de Janeiro (AHRs, Guias de escravos, 1804, mç. 66).<sup>11</sup>

O estudo de Henrique Rodrigues, apesar de tratar do século XIX, nos dá pistas de que migrar poderia ser uma opção já no século XVIII. O autor analisou os passaportes de expostos emitidos para o Brasil em Viana do Castelo. Resgatando

---

<sup>10</sup> Quando o jovem ia aprender um ofício ou era entregue sem qualquer especificação de trabalho, o amo, em geral, ficava obrigado a “sustentar, vestir, calçar, ensinar e educar” o exposto até determinada idade – normalmente, doze anos. As entregas, no caso dos rapazes, se destinavam a aprender um ofício por determinado período de tempo, ao fim do qual passavam a receber soldadas, se fossem considerados aptos (COLEN; MANOEL, 1999, p. 42).

<sup>11</sup> As guias de transporte de escravos eram regulamentadas pela Fazenda Real. Esse documento foi produzido com base no alvará de 14 de outubro de 1751, sendo que a intenção da Coroa portuguesa era impedir a saída indiscriminada de escravos para domínios estrangeiros ao de Portugal, bem como poderiam servir para garantir a cobrança e o recebimento dos tributos que cabiam à referida Fazenda (Cf. BERUTE, 2006).

diversas trajetórias de expostos que partiram para as terras brasileiras, concluiu que os enjeitados que sobreviveram aos determinismos do abandono e à morte prematura tiveram a opção de atravessar o Atlântico “quer seja pela vontade dos progenitores/parentes, que ‘expulsam’ de novo estas crianças para longe de casa, quer seja por iniciativa própria quando adultas” (2010, p. 298).

Após contraírem matrimônio, Gregório e Luisa Dezideria passaram a viver na Freguesia de Viamão. Temos essa constatação porque eles levaram à pia batismal cinco filhos entre 1791 e 1797, sendo que em 1795 batizaram João e José, gêmeos (AHCMPA, Livro de batizados I, II, e III de Viamão, 1791-97, fls.71v, 91 v, 111 v, 132v). É interessante salientar que Gregório não era mais descrito como exposto nos registros de batismos dos filhos, sendo referido como natural de Lisboa e filho de pais incógnitos. O mais curioso é que os padrinhos de seus filhos eram, em sua maioria, militares e as madrinhas eram tratadas como “donas”.

Maria Nizza da Silva (2002) alega que o qualitativo “dona” não era mero substantivo qualificador; era atribuído a algumas mulheres que se diferenciavam, em termos de nobreza, das outras. A título de exemplo, o já citado dicionário organizado por Raphael Bluteau inicia o verbete “dona” como “mulher de destaque social”. Mais adiante, prossegue: “Dona como derivado do Latim ‘Domina’ quer dizer Senhoras; com este título de ‘Domina’ serão tratadas geralmente entre os Romanos mais cortezãos as mulheres moças, ou donzellas, sendo nobres” (1727, p. 287). Entretanto, é importante relativizar essa questão, pois poderia se tratar mais de um prestígio entre a comunidade local, reconhecido no direito costumeiro, e não necessariamente um título de nobreza.

A questão para a qual chamamos atenção é que as alianças sociais estabelecidas por Gregório, por meio das relações de compadrio, demonstram claramente uma ascensão social, o que ficou mais evidente após percebermos que ele batizou escravos e foi irmão da Irmandade do Santíssimo Sacramento da paróquia de Viamão.<sup>12</sup>

Se o fenômeno da exposição atravessou o Atlântico, os expostos também atravessaram e, quando aqui chegaram, reproduziram práticas sociais. O que queremos ilustrar é que, em 6 de março de 1791, foi exposta, “na noite ao amanhecer do mesmo dia”, a menina Anna, em casa do Gregório, que foi padrinho da criança” (AHCMPA, Livro III de batismo, 1791, fl. 72v). Entretanto, Gregório deu a menina para Manuel Clemente Ribeiro criar, e este deu entrada da matrícula na Câmara de Porto Alegre, recebendo salários para o custeio de criação da menina. Infelizmente, Anna não teve o mesmo sucesso de Gregório e faleceu em 11 de julho de 1791, sendo sepultada na “varanda por esmola” da paróquia de Viamão (AHCMPA, Livro III de batismo, 1791, fl. 62v).

Mais inusitado que um exposto sobreviver ao abandono na roda de Lisboa é uma exposta sobreviver e migrar – e pelo Atlântico. É o caso de Izidora Joaquina, que subiu ao altar em 4 de setembro de 1803, em Porto Alegre, para contrair matrimônio com o reinol Francisco Antônio, natural da freguesia de Casais, na Vila de Tomar (AHCMPA,

<sup>12</sup> Como instituições sociorreligiosas, as Irmandades eram de extrema importância para a prática cristã e representação de estatuto social: “As Irmandades reuniam boa parcela da sociedade, entre homens, mulheres e crianças. Sustentavam o culto católico e a Igreja propriamente dita, conformando aquilo que muitos chamaram de catolicismo tradicional. Eram integradas por pessoas comuns, simples leigos, interessados em cultuar santos, viver a religião católica, buscar proteção diante das adversidades da vida – ou da morte –, encontrar pessoas, estabelecer relações, praticar a caridade e o auxílio mútuo” (TAVARES, 2008, p. 25).

Livro II de casamentos, 1803, fl. 29 v). Izidora Joaquina e Francisco Antônio, conforme consta na habilitação matrimonial do casal, eram nada menos que “fâmulos na casa do Excelentíssimo Governador desse Continente” (AHCMPA, Habilitação matrimonial, 1803, fl. 5 f). Essa informação é confirmada pelo rol de confessados de 1803. No fogo do governador Paulo José da Silva Gama, Izidora Joaquina é arrolada entre os cinco criados da casa (AHCMPA, Róis de Confessados e Comungados, 1803, fl.13v).

Na noite do dia 3 de abril de 1764, Izidora foi enjeitada na roda de Lisboa: “Veio para esta roda uma menina envolta em três coeiros, dois de baeta preta e hum de durante cor de azeitona, atados com huma fita de seda”. Em 4 de abril, foi batizada e recebeu como padrinho Manoel João, tendo sido entregue a uma ama da roda, Ignes Maria (AHSCML, Livro de Entrada, 1764, n.º 41, fl. 147). Após um ano de criação, Izidora passou para a ama de leite Maria Brigida, com quem permaneceu por pelo menos um ano. Depois desse período, não soubemos mais de seu paradeiro, até contrair matrimônio na freguesia Madre de Deus de Porto Alegre.

Por fim, é importante mencionar que, assim como Gregório, Izidora também legitima seu estado de pobreza ao pároco para não pagar pelos emolumentos do processo de habilitação matrimonial e pelos custos com o casamento:

[...] porém há que seu est[ado] de probreza que os sujeitou apesar deles avirem na servidão da casa não tem ainda indeferido a com que paguem o seu empenho para os propósitos de seu casamento, cuja pobreza se manifesta a toda esta Vila (AHCMPA, Habilitação matrimonial, 1803, fl. 7v).

O que pretendemos mostrar aqui é como o fenômeno do abandono deve ser pensando de maneira mais ampla quando se trata de Portugal. As conexões com a América portuguesa não se dirigiam apenas a inspirações e orientações nas formas de assistências aos enjeitados, mas também à circulação de pessoas que foram expostas quando crianças. E mesmo práticas corruptíveis, como o contrabando de crianças, se reproduziram com essas conexões.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática de abdicar da criação de uma criança, transferindo essa responsabilidade para outrem, ou deixá-la para a caridade pública ou privada era comum no universo católico. Desde o século XVI, esse fenômeno foi ganhando dimensões significativas no contexto europeu. Com a expansão ibérica, esse fenômeno percorreu novos espaços, sendo propagado na esteira das colonizações.

Nesse sentido, o exercício metodológico aqui teve a proposta de entender esse fenômeno de maneira mais conectada a contextos mais amplos. Não se trata de deixarmos de lado as especificadas locais, mas pensar a prática da exposição de crianças numa longa duração e de maneira conectada a outros espaços pode trazer novas nuances sobre a temática para além dos caminhos já trilhados. Isso pouco tem a ver como a posição colonial, a mestiçagem ou o alto índice de ilegitimidade. Trata-se de entender a prática da exposição de crianças como um *continuum* que, em novo espaço, agrega novas populações (indígenas e africanos) e, logo, novos sentidos.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Laurinda. Misericórdias, Estado Moderno e Império. In: PAIVA, José Pedro (coord.). *Portugalia Monumenta Misericordiarum*. Lisboa: Centro de Estudos de História Religiosa da Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, União das Misericórdias Portuguesas, 2017. p. 245-277. v. 10.
- ALENCASTRO, Luiz Felipe de. *O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- ARMITAGE, David. Três conceitos de História Atlântica. *História Unisinos*, São Leopoldo. v. 18, n. 2, p. 206-217, 2014.
- ARQUIVO HISTÓRICO CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE, Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus (Porto Alegre). *Habilitação matrimonial de Gregório José da Rosa e Luísa Desidéria da Silveira*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1788, 72f., nº 27, Cx.45.
- ARQUIVO HISTÓRICO CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE , Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus (Porto Alegre). *Habilitação matrimonial de Francisco Antônio e Izidora Joaquina*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1803, 34f., nº 27, Cx.90.
- ARQUIVO HISTÓRICO CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE , Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus (Porto Alegre). *Livro de Capítulos de Visita Pastoral*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1782, (1V).
- ARQUIVO HISTÓRICO CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE , Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus (Porto Alegre). *Livros de registros de casamentos (1772-1850)*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1772-1835, (4V).
- ARQUIVO HISTÓRICO CÚRIA METROPOLITANA DE PORTO ALEGRE , Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus (Porto Alegre). *Róis de Confessados e Comungados*. [manuscrito]. Porto Alegre, Ano: 1803, (1V).
- ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, *Livro dos Conhecimentos das amas*. [manuscrito]. n.º 56, fl. 25 (Cota 054), 1755.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, *Livro de Entrada de Expostos*. [manuscrito]. n.º 38-41 fls. 57-58v; 147-148v, nº 322; n.º 518 (Cota 033; 036), 1755.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, *Livro das Novas Obrigações*. [manuscrito]. n.º 4, fl.399v. (Cota 005), 1766.
- ARQUIVO HISTÓRICO DA SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA, *Avisos e Ordens da Mesa*. [manuscrito]. Livro 01, 1779, fls. 90-105v.



ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL, *Documentação Avulsa da Fazenda, Guias de escravos*. [manuscrito]. Porto Alegre, 1786-1814, mç. 66.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, *Concelho Ultramarino-Angola*, Vila Vitória de Massangano. AHU-Angola, cx. 7, doc. 37 e 33. AHU\_CU\_001, Cx. 7, D. 779, 1661.

ARQUIVO HISTÓRICO ULTRAMARINO, *Concelho Ultramarino-Moçambique*. [ant. 1830, Maio, 25]. AHU-Moçambique, cx. 232, doc. 59. AHU\_CU\_064, Cx., D.

BERUTE, Gabriel Santos. *Dos escravos que partem para os portos do sul: características do tráfico negreiro no Rio Grande de São Pedro do Sul, c.1790 - c.1825*. 2006. 200 p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL, Santa Casa da Misericórdia (Lisboa). *Compromisso da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: por António Alvarez, 1640.

BICALHO, Maria Fernanda. As câmaras ultramarinas e o governo do Império. In: FRAGOSO, João Luís R.; BICALHO, Maria Fernanda; GOUVÊA, Maria de Fátima. *O antigo regime nos trópicos: a dinâmica imperial portuguesa (séculos XVI – XVIII)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 189-221.

BLUTEAU, Rafael. *Suplemento ao Vocabulario Portuguez e latino (Parte 1: Letras A-L)* Lisboa: Na Officina de Joseph Antonio da Sylva, p. 377, 1727. Disponível em: "<https://digital.bbm.usp.br/view/?45000009348&bbm/5448#page/511/mode/1up>". Acesso em: 20 fev. 2021.

BOXER, Charles H. *O Império marítimo português 1415-1825*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

BRAGA, Isabel M. R. Mendes Drumond. Fugindo dos “grilhões do cativo”: os expostos pretos e pardos na casa da roda da Misericórdia de Lisboa (1780-1807). *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, Coimbra, n. 11, p. 223-247, 2011.

CENTRO HISTÓRICO-CULTURAL DA SANTA CASA. *Livro I de Atas da Mesa Administrativa*. [manuscrito]. 1815-1828, (1V).

COATES, Timothy J. *Degredados e Órfãos: colonização dirigida pela coroa no império português, 1550-1755*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1998.

COIMBRA. *Ordenações Manuelinas*. Edição fac-símile da edição feita na Real Imprensa da Universidade de Coimbra, no ano de 1797. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

COLEN, Luisa Barbosa; MANOEL, Francisco D'Orey. Os expostos e desamparados na misericórdia de Lisboa. *Cidade Solidária – Revista da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*, Lisboa, n. 2, p. 40-48, 1999.

DAVIS, Natalie Zemon. *O retorno de Martin Guerre*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

DOMINGUES, Ângela; MOURA, Denise. Introdução. In: RUSSELL-WOOD, Anthony J. R. *Histórias do Atlântico português*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 2014. p. 11-12.

FRANCO, Renato. *Pobreza e caridade leiga: as Santas Casas de Misericórdia na América portuguesa*. 2011. Doutorado (História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

FRANCO, Renato. *A piedade dos outros: o abandono de recém-nascidos em uma vila colonial, século XVIII*. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

FRANCO, Renato. Riqueza, pobreza e infância: o reformismo ilustrado português e a utilidade dos expostos. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 26, (Supl.), p. 109-126, dez. 2019.

FRANÇA, José-Augusto. *A reconstrução de Lisboa e a arquitectura pombalina*. 3 ed. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1989.

FREITAS, Denize Terezinha Leal. *O casamento na Freguesia Madre de Deus de Porto Alegre: a população livre e suas relações matrimoniais de 1772-1835*. 2011. 213 f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Humanidades, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS, 2011.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MARCÍLIO, Maria Luiza. *História social da criança abandonada*. São Paulo: Hucitec, 1998.

NEUMANN, Eduardo; KÜHN, Fábio (org.). *Projeto Resgate de Fontes Paroquiais: Porto Alegre e Viamão (século XVIII) – Batismos e Óbitos*. Porto Alegre: UFRGS, 2000. [CD-ROM]

PUTNAM, Lara. To Study the Fragments/Whole: Microhistory and the Atlantic World. *Journal of Social History*, Fairfax County, v. 39, n. 3, p. 615-630, 2006.

RIBEIRO, Victor. *A Santa Casa da Misericórdia de Lisboa: subsídios para a sua história*. Reprodução fac-similada da edição de 1902. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 1998.

RODRIGUES, Henrique. Sobrevivências e trajetórias de expostos emigrados para o Brasil. In: VENANCIO, Renato Pinto (org.). *De Portugal ao Brasil: uma história social do abandono de crianças*. São Paulo; Belo Horizonte: Alameda; Editora Puc Minas, 2010. p. 297-338.

RUSSELL-WOOD, Anthony. *Fidalgos e filantropos: a Santa Casa de Misericórdia da Bahia, 1550-1775*. Brasília: Editora UnB, 1981.

RUSSELL-WOOD, Anthony. *Escravos e libertos no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

RUSSELL-WOOD, Anthony. *Um mundo em movimento: os portugueses na África, Ásia e América (1415-1808)*. Lisboa: Difel, 2006.

RUSSELL-WOOD, Anthony. *O Império português: 1415-1808 – o mundo em movimento*. Lisboa: Clube do Autor, 2016.

SÁ, I. dos G. *A circulação de crianças na Europa do Sul: o caso dos expostos do Porto no século XVIII*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian/JNICT, 1995.

SÁ, Isabel dos Guimarães. Abandono de crianças, identidade e lotaria: reflexões em torno de um inventário. In: SANTA CASA DA MISERICÓRDIA DE LISBOA. *Inventário da Criação dos Expostos do Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa*. Lisboa: Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, 1998. p. IX-XXII.

SÁ, Isabel dos Guimarães. *As Misericórdias portuguesas: séculos XVI a XVIII*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos. Gentes das Ilhas: repensando a migração do Arquipélago dos Açores para a capitania do Rio Grande de São Pedro no século XVIII. In: SCOTT, Ana Silvia Volpi; BERUTE, Gabriel Santos; MATOS, Paulo Teodoro de (org.). *Gente das ilhas: trajetórias transatlânticas dos Açores a Rio Grande de São Pedro entre as décadas de 1740-1790*. São Leopoldo: Oikos, 2011. p. 105-146.

SCOTT, Rebecca J. Small-Scale Dynamics of Large-Scale Processes. *The American Historical Review*, Washington, v. 105, n. 2, p. 472-579, 2000.

SCOTT, Rebecca J.; HÉBRARD, Jean M. *Provas de liberdade: uma odisseia atlântica na era da emancipação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

SEABRA, Leonor Dias de. (org.). *O compromisso da Santa Casa da Misericórdia da Irmandade de Goa do ano de 1595*. Macau: Universidade de Macau, 2005.

SEABRA, Leonor Dias de. A mulher na Misericórdia de Macau. *Administração*, Macau, n. 76, v. XX, p. 605-617, 2007.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. Lisboa: Empreza Litteraria Fluminense, 1798.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. *Donas e plebeias na sociedade colonial*. Lisboa: Editorial Estampa, 2002.

SLACK, Paul. *The English poor law: 1531-1782*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades, Igreja e devoção no sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Oikos, 2008.

VAZ, Francisco de Assis. *Algumas considerações sobre os expostos: fragmento da obra do Barão de Gerando*. Porto: Typ. da Revista, 1843.

VENANCIO, Renato. *Famílias abandonadas: assistência à criança de camadas populares no Rio de Janeiro e em Salvador – séculos XVIII e XIX*. Campinas: Papirus, 1999.

WADI, Yonissa Marmitt. *Palácio para guardar doídos: uma história das lutas pela construção do hospital de alienados e da psiquiatria no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.

XAVIER, Ângela Barreto. *A invenção de Goa: poder imperial e conversões culturais nos séculos XVI e XVII*. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2008.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Av. Theodomiro Porto da Fonseca, 2173, 401A, 93022-665, São Leopoldo, RS, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Extraído da tese "A assistência e a exposição de crianças na formação de um território (Rio Grande de São Pedro, séculos XVIII e XIX)", apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, em 2019.

### FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Programa de Suporte à Pós-Graduação de Instituições Comunitárias de Ensino Superior (CAPES/PROSUC) e Programa Doutorado-Sanduiche no Exterior-CAPES (PDSE-CAPES).

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.





## LICENÇA DE USO

© Jonathan Fachini da Silva. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)  
Tiago Kramer de Oliveira  
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

## HISTÓRICO

Recebido em: 4 de fevereiro de 2020  
Aprovado em: 28 de julho de 2020

Como citar: SILVA, Jonathan Fachini da. Exposição de crianças e travessias atlânticas: o trânsito de práticas e pessoas para o extremo sul da América Portuguesa (1750-1810). *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 509-530, maio/ago. 2021.






## **RAIMUNDO LÚLIO, A IDADE MÉDIA GLOBAL E O ENSINO DE HISTÓRIA: PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM**

**Ramon Llull, the Global Middle Ages, and the Teaching of History:  
possible approaches**

**Guilherme Queiroz de Souza<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4668-8384>  
E-mail: [guilhermehistoria@yahoo.com.br](mailto:guilhermehistoria@yahoo.com.br)

<sup>a</sup> Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,  
Departamento de História, João Pessoa, PB, Brasil

## RESUMO

Detratores e enaltecedores da Idade Média concordam com o fato de que ela é uma etapa do passado da Europa. O objetivo deste artigo é superar essa perspectiva, articulando a Idade Média global ao ensino de história. Para isso, algumas categorias, como integração, conexão e interação, serão mobilizadas para a compreensão de uma experiência de globalidade. Seguiremos os passos de Raimundo Lúlio (c. 1232-1316), filósofo maiorquino cuja extensa e multifacetada obra tem sido cada vez mais pesquisada e traduzida no Brasil. A trajetória e o pensamento de Lúlio, contudo, foram pouco aproveitados no ensino de história. Com o propósito de oferecer caminhos e possibilidades, analisaremos o potencial de determinadas histórias em quadrinhos sobre o filósofo e adaptações infantojuvenis do *corpus* luliano, indicando perspectivas de abordagem para a atuação docente e elaborando materiais didáticos.

## PALAVRAS-CHAVE

Raimundo Lúlio. Idade Média global. Ensino de história.

## ABSTRACT

Those who detract and those who extol the Middle Ages agree that it is a phase in Europe's past. The purpose of this article is to move beyond this perspective, linking the Global Middle Ages to the Teaching of History. For this, some concepts such as integration, connection, and interaction will be used to understand an experience of globality. We will follow the trajectory of Ramon Llull (ca. 1232-1316), Majorcan philosopher whose extensive and multi-faceted body of work has been increasingly translated and researched in Brazil. However, teachers of History rarely use Llull's trajectory and ideas in their teaching. Aiming to offer paths and possibilities, we will analyze the potential of some comics about the philosopher and of some children's and youth adaptations of the Lullian *corpus*, indicating teaching approaches and creating teaching materials.

## KEYWORDS

Ramon Llull. Global Middle Ages. Teaching of History.

**E**m pleno século XXI, duas visões antagônicas sobre a Idade Média ainda povoam o imaginário popular brasileiro. Por um lado, ela é sinônimo de trevas, barbárie e ignorância. Notamos tal percepção, criada por renascentistas e iluministas, em noticiários e livros didáticos, que já apontaram uma decadência cultural naquele tempo, em virtude do controle “perverso” da Igreja (PEREIRA, 2009, p. 125). Por outro, designa um mundo glorioso, um passado nostálgico no qual cavaleiros corajosos lutavam em nome de um catolicismo civilizador. Essa imagem, elaborada pelos românticos, também vê aquele milênio como o momento das origens das nações europeias. As redes sociais estão repletas de discursos daqueles que se consideram herdeiros dessas tradições. Por elas, alguns até gritam *Deus vult...*

Detratores e enaltecidos da Idade Média, porém, concordam com o fato de que ela é uma etapa do passado da Europa. Esse Medieval, que ainda é ocidental, latino, cristão e branco, se consolidou no pensamento europeu no século XIX – não por acaso, num período “impregnado do veneno do nacionalismo étnico” (GEARY, 2005, p. 27). Mesmo no ambiente acadêmico, falar em Idade Média é se referir quase sempre ao “Ocidente europeu”. Uma parte dessa inclinação historiográfica recebeu influência dos recortes espaciais preferidos por medievalistas franceses, sobretudo da Escola dos *Annales*, que foram amplamente traduzidos e são presença constante nos cursos de história e em bibliotecas universitárias brasileiras. Por aqui, Marc Bloch, Georges Duby e Jacques Le Goff fizeram escola.

Encontramos essa tradição em nosso ensino básico. Nesse importante ambiente formativo, a época medieval se resume muitas vezes à história da Europa ocidental, com ênfase nos territórios das atuais França, Inglaterra, Alemanha e Itália; seu ensino tem um perfil “colonizado” (MACEDO, 2003, p. 115-116). No fim de 2015, tal aspecto esteve posicionado numa fronteira perigosa, na linha de frente, quando foi condenado pelos historiadores que compuseram a primeira versão da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), lançada pelo Ministério da Educação (MEC). A decisão deles foi radical. Em nome de um suposto combate ao eurocentrismo e ao esquema quadripartite, os autores do documento excluíram o Medieval e a Antiguidade dos currículos escolares.

Com razão, a decisão logo foi criticada. Ora, a BNCC pregava uma história nacionalista e presentista, ignorando as recentes epistemologias que renovam o conhecimento histórico na pesquisa e no ensino. Nesse início de século XXI, a medievalística brasileira está muito atenta a essas tendências. Chama a atenção o diálogo com uma perspectiva historiográfica em particular, a história global,<sup>1</sup> com acentuada popularização após o fim da Guerra Fria e determinada a enfrentar dois inimigos: o eurocentrismo e o internalismo metodológico (CONRAD, 2019, p. 11-14). Ela já atraiu alguns de nossos medievalistas a ponto de uma “Idade Média global”, nos

---

<sup>1</sup> A história global trata da “mobilidade e do intercâmbio [de coisas, pessoas, ideias e instituições], nos processos que transcendem as fronteiras e as barreiras [...] O objetivo não é o de escrever a história integral do planeta. É antes a procura de um modo de escrever história de espaços demarcados (ou seja, não ‘globais’), mas com a consciência da existência de conexões e de condições estruturais ao nível global”. Todavia, “qualquer estudo de história global depende de algum conhecimento básico acerca do grau, escopo e qualidade da integração a grande escala” (CONRAD, 2019, p. 15-16; 24; 124).

últimos dois anos, ser observada em temáticas de congressos, disciplinas em cursos de história, dossiês de periódicos e publicações sistematizadoras e propositivas.<sup>2</sup>

No âmbito internacional, há um esforço para alterar o foco das publicações (FRANKOPAN, 2019), o que impulsionou a criação das revistas *The Medieval Globe* (2014), *Medieval Worlds* (2015) e *Journal of Medieval Worlds* (2019). No entanto, a própria nomenclatura Idade Média global causa desconforto. Para uns, ela é muito ampla e vaga; para outros, o eurocentrismo é um elemento intrínseco de tudo aquilo que é “medieval”. Em vez disso, preferem o rótulo “era da intensificação global” (MOORE, 2016, p. 92, tradução nossa). De todo modo, algumas propostas definiram coerentemente as principais características desse jovem conceito, entre as quais múltiplos centros, fronteiras porosas e sociedades plurais, complexas e diversas, com a presença do comércio de longa distância, migrações (forçadas ou não), impérios multiétnicos e transmissão de formas culturais e religiões universais em grandes áreas. Ainda que a Eurásia seja o espaço preferido dos pesquisadores, discussões para a incorporação de outros continentes têm sido constantes (HOLMES; STANDEN, 2015, p. 106-107).

Na verdade, repensar os limites espaciais da Idade Média implica reavaliar suas próprias balizas cronológicas. Vejamos brevemente seu *terminus a quo*. Alguns estudiosos indicaram a insuficiência de considerar, num quadro de conectividade global, o fim do Império Romano do Ocidente (século V) como o momento ideal para marcar o início daquele período. Como divisa mais plausível, sugeriram, por exemplo, a erupção do vulcão Ilopango (536 d.C.), em El Salvador, cujo poderoso impacto não afetou apenas a Mesoamérica; sabemos, hoje, que ele desencadeou “um efeito climático em cascata de longo prazo na Afro-Eurásia e, portanto, teve uma influência indireta, mas fundamental, na história de grandes partes do globo no início do Medievo” (HERMANS, 2020, p. 5, tradução nossa).

Com a história global, podemos atualizar o conceito de Idade Média, descolonizando-o da apropriação europeia e reintegrando-o à história do mundo (SILVEIRA, 2019, p. 214). O objetivo deste artigo é articular o Medievo ao ensino de história. Para isso, algumas categorias, como integração, conexão e interação, foram mobilizadas para a compreensão de uma experiência de globalidade. Seguimos os passos de Raimundo Lúlio, filósofo maiorquino cuja extensa e multifacetada obra tem sido cada vez mais pesquisada e traduzida no Brasil. A trajetória e o pensamento de Lúlio, contudo, foram pouco aproveitados no ensino escolar. De forma específica, analisamos o potencial de determinadas histórias em quadrinhos (HQs) sobre o pensador e adaptações infantojuvenis do *corpus* luliano, indicando perspectivas de abordagem para a atuação docente e elaborando materiais didáticos.

## RAIMUNDO LÚLIO EM SALA DE AULA

Nascido em Maiorca por volta de 1232, ano em que o rei Jaime I de Aragão conquistou completamente a ilha dos almôadas, Raimundo Lúlio frequentou a corte aragonesa durante sua juventude, com predileção pelos costumes trovadorescos. Em

---

<sup>2</sup> Respectivamente, “III Jornada de Estudos Medievais: Idade Média e História Global” (2019), evento promovido pelo Leme (USP); “História Global da Idade Média”, disciplina ministrada por Paulo Pachá na UFRJ (2019); Bayard e Bovo (2020); Silva (2020); Silveira (2019).



torno de 1263, ocorreu uma reviravolta em sua vida, quando relatou ter visto cinco imagens de Jesus crucificado e, logo depois, abandonou família e bens para seguir o ideal apostólico e escrever um livro que “fosse o melhor do mundo contra os erros dos infiéis” (LÚLIO, 2004, I, § 6, p. 58).<sup>3</sup> Para isso, estudou diversos conteúdos, como gramática, teologia e filosofia, e viajou incessantemente. Esteve nos maiores centros de peregrinação do cristianismo (Santiago de Compostela, Rocamadour, Roma e, talvez, Jerusalém), em relevantes postos comerciais mediterrânicos (Barcelona, Marselha, Pisa, Nápoles, Gênova, Sicília e Chipre), em renomados núcleos intelectuais (Montpellier e Paris), na nova sede do papado (Avignon) e em regiões islâmicas (Bugia e Túnis) e ortodoxas (Rodes e Ayas).

Durante algumas dessas viagens, Lúlio se encontrou com personalidades poderosas (papas, reis, príncipes) e procurou convencê-las a executar projetos, como a fundação de escolas para o ensino do árabe e de outras línguas orientais aos pregadores cristãos. Prolífico, polígrafo e poliglota, compôs quase trezentas obras, que abordam conhecimentos filosóficos, teológicos, científicos, políticos, morais etc. Foi um dos autores medievais que mais escreveram, com textos em latim, árabe e catalão – sendo, aliás, um dos primeiros a produzir filosofia em vernáculo. Suas obras revelam um pensamento enciclopédico que influenciou autores modernos como Giordano Bruno e Leibniz (HILLGARTH, 2018, p. 52). Seus principais esforços eram direcionados à conversão do “outro”, sobretudo dos muçulmanos, crentes com os quais ele deparava desde a infância. Mantendo-se laico, morreu provavelmente em 1316, com cerca de 84 anos. Vejamos como ele próprio se definia:

Eu fui um homem casado, tive filhos, era discretamente rico, lascivo e mundano. Tudo deixei de bom grado para me dedicar a fomentar a honra de Deus, o bem público e exaltar a santa fé. Aprendi árabe e fui muitas vezes pregar entre os sarracenos; por causa da fé fui preso, encarcerado e surrado. Quarenta e cinco anos eu trabalhei para mover a Igreja e os príncipes cristãos ao bem público. Agora sou velho, agora sou pobre, mas ainda tenho o mesmo propósito e o terei até a morte, se Deus quiser (LÚLIO, 2010, Prólogo, 12, p. 320).

Na Espanha, especialmente na Catalunha e nas Ilhas Baleares, múltiplas ações já divulgaram a figura de Raimundo Lúlio entre o grande público. Esse processo alcançou o ápice durante o *Any Llull* (2015-2016), que marcou as comemorações do sétimo centenário de sua morte, quando vários eventos e projetos foram realizados, muitos destinados ao público infantojuvenil. Um deles, a plataforma virtual Enllulla't, apresenta a trajetória do filósofo com base em nove unidades didáticas (2016). A vida e a obra de Lúlio também foram debatidas em colégios espanhóis, como La Salle de Palma, em Maiorca, onde especialistas e alunos organizaram uma exposição em 2016 (EL HISTORIADOR, 2016). Ainda naquele ano, três escolas maiorquinas – La Salle de Palma, Col·legi Sant Francesc e Escola Catòlica de les Illes Balears – receberam a visita do cantor Guillem Sansó (VISITA, 2016). Ele apresentou o espetáculo *El Joglar*

---

<sup>3</sup> Essa é uma referência à *Arte Iuliana*, um método filosófico, uma ciência universal.

*Pau i Ramon Llull*, com atividades musicais e teatrais, paralelamente à atuação dos professores, que usaram um material composto por sete unidades.

No Brasil, a proposta de inserir as obras de Lúlio no ensino escolar apareceu numa publicação de 2003. Nela, o professor José Rivair Macedo indicou o *Livro das bestas* – alegoria da sociedade redigida pelo filósofo – como um exemplo de literatura medieval que poderia ser aplicado com sucesso em sala de aula. Por outro lado, como uma experiência concreta, localizamos apenas um caso publicizado: a dissertação de mestrado defendida por Natasha Nickolly Mateus na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), em 2018, sob a orientação de Adriana Zierer. O principal resultado desse trabalho, o livro paradidático *Ramon Llull e a Idade Média*, chegou a ser usado em escolas públicas de São Luís. Dividido em seis capítulos, o material contém fontes medievais, mapas, glossários, indicações de filmes, exercícios etc.

## RAIMUNDO LÚLIO EM HQS E ADAPTAÇÕES INFANTOJUVENIS: PERSPECTIVAS DE ABORDAGEM

Do ponto de vista pedagógico, utilizamos diferentes materiais para atividades lúdico-educativas nas aulas de história. Como sabemos, há muito tempo, importantes teóricos reconheceram que é “enorme a influência do brinquedo no desenvolvimento de uma criança” (VIGOTSKY, 2007, p. 112). Exploramos esse potencial com a inclusão de mecanismos que otimizam algumas formas de cognição, principalmente com o exercício do raciocínio lógico e abstrato. Trabalhamos ainda com a educação histórica de acordo com Peter Lee (2001), para quem os docentes precisam explicar diretamente às crianças não só os “conceitos substantivos” – como revolução, Império e feudalismo –, mas também os de “segunda ordem” – como fonte, representação e anacronismo.<sup>4</sup> Na última categoria, aquela que, segundo ele, confere “consistência à disciplina”, incluímos conceitos como integração, conexão e interação, que adequamos à linguagem escolar.

Hoje em dia, o ensino básico conta com o auxílio de múltiplos recursos, como cinema, músicas, jogos, animações, histórias em quadrinhos etc. As HQs, a “nona arte”, são narrativas visuais que surgiram no século XIX, porém enfrentaram vigorosos preconceitos e só começaram a aparecer no ensino brasileiro nas últimas décadas (VERGUEIRO; RAMOS, 2009, p. 9-42). Seria difícil algum educador negar hoje que elas têm uma frutífera função pedagógica, com ampla aceitação e capaz de exercitar o raciocínio lógico de forma prazerosa. Nas aulas de história, os quadrinhos podem facilitar o entendimento de noções como tempo e memória, servindo ainda para ilustrar o cotidiano das sociedades pretéritas ou serem estudados como registro do período no qual foram produzidos. Se um anacronismo for verificado, teríamos outro conceito para ser debatido (VILELA, 2014).

Em relação ao período medieval, podemos problematizar estereótipos, clichês e maniqueísmos presentes em muitos quadrinhos (LANGER, 2009, p. 3-5). Ao fim e ao cabo, as HQs com ambientação histórica são uma “representação” do passado, objetos propícios para despertar o interesse dos educandos e auxiliar na compreensão

---

<sup>4</sup> “Conceitos substantivos são os que se referem a conteúdos da História [...]. Conceitos de segunda ordem são os que se referem à natureza da História” (LEE, 2001, p. 20).

do conteúdo. A partir de agora, apontamos algumas orientações metodológicas para a incorporação de duas HQs sobre Lúlio: *Auca de Ramon Llull* (2003) e *Ramon Llull, un home fantàstic* (2016). O primeiro material teve as legendas adaptadas para o português e encontra-se disponível on-line; o segundo, publicado na revista *Cavall Fort*, está em catalão, razão pela qual suas legendas devem ser traduzidas. Esteticamente, ambos se inspiraram por vezes em mapas e em iluminuras medievais, suas cores, figuras e traços.

Na *Auca de Ramon Llull*, que conta com 48 cenas, as legendas em catalão e português se valeram da rima para contar a história do filósofo, do nascimento à morte. Há um claro esforço para tornar essa HQ familiar ao público infantil, tanto que o protagonista de uma das obras lulianas, *Blaquerna*, aparece fantasiado de Super-Homem (quadrinho 20). Numa leitura em conjunto (professor-aluno), a noção de tempo e sua passagem podem ser trabalhadas, com a observação da trajetória quase secular de Lúlio, seja nas legendas – por exemplo, “Quando setenta anos completou, / Para a Terra Santa e Armênia Ramon viajou” (quadrinho 36) –, seja nas imagens do filósofo, que “envelhece” ao longo das cenas. Tal peculiaridade é notada em sua barba, que se torna branca após o quadrinho 15. A HQ ainda representa a peregrinação compostelana e a expansão cristã em al-Andalus (Reconquista?),<sup>5</sup> servindo como ponto de partida para a discussão desses temas em sala de aula.

**Figura 1** - Raimundo Lúlio peregrino



Fonte: *Auca de Ramon Llull* (2003), quadrinho 8. Ilustração: Jaume Gubianas. Adaptação do texto: Tatyana Nunes Lemos. Legenda: *Para São Jaime iniciou sua peregrinação, / Levando seu cajado, sua bolsa e seu surrão.*

<sup>5</sup> Embora seja popular, o conceito de “Reconquista” deve ser usado com todas as ressalvas possíveis. Ele nasceu na Espanha do século XIX, com uma carga ideológica nacionalista que não desapareceu após o fim do regime franquista (1975). Nessa leitura mítica do passado, a nação católica espanhola teria se forjado ao longo de uma secular e contínua guerra de libertação contra os muçulmanos, invasores estrangeiros que tinham construído uma “anti-Espanha” (al-Andalus) ilegítima e catastrófica (GARCÍA SANJUÁN, 2019).



**Figura 2 - A Reconquista hispânica**



Fonte: *Auca de Ramon Llull* (2003), quadrinho 2. Ilustração: Jaume Gubianas. Adaptação do texto: Tatyana Nunes Lemos. Legenda: *Eram tempos de guerra e de reconquista, / E Jaime I era o rei expansionista.*

Para além dessa atenção ao protagonismo cristão, devemos avaliar o que essa narrativa quadrinística não expõe – por exemplo, os movimentos islâmicos, como as campanhas dos merínidas do Magreb, que cruzaram o estreito de Gibraltar (1275) e interferiram politicamente na Península Ibérica até 1340. Portanto, precisamos examinar a representação dos muçulmanos nessa HQ, material que, como qualquer outro, pode carregar estereótipos e anacronismos. Algumas de suas escolhas de vestimenta (turbante), montaria (dromedário) e arquitetura (arco de ferradura), por exemplo, revelam elementos que não são exclusivos dos muçulmanos (quadrinhos 13, 30, 31 e 40). Temos aí um momento bastante pertinente para o professor verificar e desconstruir possíveis estigmas e preconceitos religiosos que estejam presentes em seu alunado – o Islã como sinônimo de terrorismo é um deles.

**Figura 3 - Raimundo Lúlio e os muçulmanos**



Fonte: *Auca de Ramon Llull* (2003), quadrinho 30. Ilustração: Jaume Gubianas. Adaptação do texto: Tatyana Nunes Lemos. Legenda: *Foi a Túnis tentar convencer / Os adversários que não queriam crer.*

Ainda com base na *Auca*, que cita locais como Nápoles, Bugia e Túnis, sugerimos uma oficina para a produção de um mapa com as viagens de Raimundo Lúlio pelo Mediterrâneo, como fizeram os alunos do colégio La Salle de Palma (ELHISTORIADOR, 2016). Seja qual for o suporte, o itinerário luliano nos ajuda a compreender uma faceta pouco estudada no ensino escolar: o Mediterrâneo medieval. Aqui, podemos dialogar com a história global, destacando interações e conectividades entre os diversos povos – aragoneses, árabes, berberes, bizantinos, genoveses, judeus etc. – que viveram na bacia mediterrânica. Trata-se de uma história de encontros (violentos ou não), redes de alianças políticas e trocas comerciais e culturais num integrado cenário afro-euroasiático, em que transitaram mercadores, peregrinos, escravos, guerreiros, embaixadores, missionários, refugiados, entre outros. Naquele ambiente, as relações entre diferentes religiões, culturas e etnias, intensas em territórios como a Península Ibérica, a Sicília e o sul da Itália, podem ser articuladas à luz da trajetória de Lúlio. Essa proposta compõe uma renovada história do Mediterrâneo medieval, que deve aparecer com mais frequência não somente nas universidades e nas produções historiográficas (ABULAFIA, 2011),<sup>6</sup> mas também nas escolas e nos livros didáticos.

Figura 4 - O Mediterrâneo de Raimundo Lúlio



Fonte: revista *Cavall Fort* (2016, p. 22-23). Ilustração: Laura de Castellet.

<sup>6</sup> Em português, destacamos uma recente publicação organizada por Almeida e Della Torre (2019). Esse estudo se opõe à tese clássica de Henri Pirenne, que via o Mediterrâneo como um espaço sem conexões e interações, uma barreira entre cristãos e muçulmanos durante boa parte do Medievo. Mais do que isso, a organizadora da obra advoga pela “reincorporação de toda a bacia do Mediterrâneo à representação da Idade Média” (2019, p. 344).

De forma lúdica, o mapa acima – retirado da revista *Cavall Fort* – contribui para essa discussão. A julgar por certos detalhes, ele se inspirou claramente, mas sem o referenciar, numa seção do célebre *Atlas Catalão* (Ms. Esp. 30),<sup>7</sup> composto pelo judeu maiorquino Abraão Cresques (1375). Pode-se averiguar, por comparação com o próprio atlas medieval, quanto de historicidade foi obtido, além de problematizar a exposição dos elementos com as seguintes perguntas aos discentes: o que lhes chamou a atenção no mapa? Há algum estereótipo nele? É possível relacioná-lo ao conteúdo do livro didático?<sup>8</sup> Em tempos cada vez mais “visuais”, saber interpretar uma imagem se tornou uma necessidade quando o professor tem a oportunidade de encaminhar criticamente um debate sobre a temática. Ainda que seja uma recriação cartográfica moderna, o material pode funcionar para atrair a curiosidade dos estudantes e contribuir para o processo de aprendizagem.

Essa focalização da bacia mediterrânica medieval é uma recomendação tanto de recentes tendências historiográficas quanto da terceira versão da BNCC (2017). Nesse caso, o documento do MEC estabeleceu a Idade Média como conteúdo obrigatório do 6º ano do Ensino Fundamental, indicando “o Mediterrâneo como espaço de interação entre as sociedades da Europa, da África e do Oriente Médio” (BRASIL, 2017, p. 420). A adoção dessa perspectiva, entretanto, requer atenção, pois o eurocentrismo não deve ser substituído por um “mediterraneocentrismo”. Em verdade, o estudo do Medievo precisa abranger cenários “globais”, entre eles o mundo islâmico, com o qual Raimundo Lúlio mantinha relações diretas e profundas. Outro ponto a ser salientado é que as interações mediterrânicas e asiáticas citadas pela BNCC não se restringiam ao Oriente Médio.

Para comprovar isso, ancoramo-nos outra vez na história global, com a verificação do contexto analisado dentro do esquema macro (BORGOLTE, 2017, p. 79).<sup>9</sup> A partir do início do século XIII, tem-se a formação da maior entidade política vista até então, o Império Mongol, que dominou uma significativa parte da Eurásia. À oeste, os mongóis atingiram a Europa central, com triunfos na Polônia e na Hungria (1241). À leste, a fulminante expansão só foi interrompida nas tentativas fracassadas de conquistar o Japão (1274 e 1281) e Java (1293). Entre suas façanhas com profundos impactos, estava a destruição do Califado Abássida de Bagdá (1258) e da Dinastia Song na China (1279). O Império Mongol favoreceu os interesses dos mercadores, a ponto de alguns historiadores indicarem aí o nascimento de um “sistema mundial” (ABU-LUGHOD, 1989) e o começo da globalização (GARCÍA ESPADA, 2017, p. 239-310). De fato, caminhos como a famosa Rota da Seda se tornaram mais seguros, beneficiando a integração por meio de empreendimentos (políticos, comerciais, religiosos etc.) que partiam da Europa em direção à China, como aqueles da família Polo e dos missionários franciscanos e dominicanos.<sup>10</sup>

<sup>7</sup> Esse também é o caso da *Auca de Ramon Llull* (quadrinho 13), que apresenta um muçulmano montado num dromedário, figura claramente inspirada no *Atlas Catalão* (Cf. CRESQUES, 1375).

<sup>8</sup> O próprio *Atlas Catalão* já foi utilizado em recentes livros didáticos (APOLINÁRIO, 2014, p. 67).

<sup>9</sup> A história global focaliza “contatos culturais e interações em nível local ou regional. [...] No entanto, também requer situar tal contexto no esquema maior das coisas. Histórias globais da Idade Média, portanto, não estão apenas interessadas em contatos interculturais, mas também, e mais ainda, em redes transculturais” (BORGOLTE, 2017, p. 79, tradução nossa).

<sup>10</sup> Aqui, ainda é essencial considerar as “redes” que “moldaram a conectividade do mundo durante séculos. Até mesmo os grandes impérios, como o canato mongol, se baseavam nos laços interpessoais entre

O percurso inverso também foi impulsionado, como demonstram as viagens de Rabban Bar Sauma (1287-1288) e Buscarello de Ghisolfi (1289-1290), embaixadores do soberano mongol da Pérsia que visitaram algumas cidades europeias, incluindo Paris e Roma. O próprio Raimundo Lúlio transitava por essas duas localidades naquele exato momento e é possível que tenha assistido aos encontros diplomáticos. Ele estava bem informado sobre o avanço dos mongóis, os quais a Igreja e as monarquias ocidentais buscavam converter e a quem queriam se aliar.<sup>11</sup> Aliás, foi na Cidade Eterna que Lúlio escreveu, em 1288, o *Livro do tártaro e o cristão* (GAYÀ ESTELRICH, 1997, p. 41-45; COSTA, 2018, p. 124-133). Mais tarde, quando ouviu a notícia de que os mongóis haviam atacado a Síria, o filósofo partiu imediatamente para o Mediterrâneo oriental (1301), com a intenção de cristianizá-los, o que nunca aconteceu (LÚLIO, 2004, VIII, § 33, p. 87-88). Em sua visão, os mongóis eram indiferentes em relação à religião e controlavam um território que já estava dividido entre três imperadores, dos quais o mais poderoso – o Grande Khan – possuía as terras do Preste João (BORRÁS RULLÁN, 1909, p. 8-9). Repetidas vezes, ele lamentou o fato de os cristãos serem uma minoria cercada pelos “infieis”.

Como sabemos que a história global não pode prescindir de abordar obstáculos e resistências a conexões e integrações (MALERBA, 2019, p. 469), vejamos um momento crucial: o embargo papal (1291-1344) ao comércio dos latinos com os mamelucos egípcios, que dominavam a Palestina. Todavia, estudos recentes concluem que tal proibição não deve ser superestimada. Portos cristãos como Ayas – aliás, ponto inicial/final da Rota da Seda –, onde Lúlio inclusive esteve (1301), passaram a ter cada vez mais importância. Além disso, havia a atuação de intermediários como os bizantinos no Chipre, que não se preocupavam com as determinações pontifícias (JACOBY, 2017, p. 33). Por sinal, os próprios mercadores europeus faziam “ouvidos moucos”. Em 1305, Lúlio se referiu a essa insistência dos latinos, defendendo a interceptação do “comércio de especiarias” provenientes do Egito e a excomunhão e o confisco dos bens de “qualquer cristão audacioso” que violasse as proibições (LÚLIO, 2009a, II, 5, p. 81).<sup>12</sup>

A seguir, recomendamos a utilização de um mapa que produzimos com base na totalidade cartográfica do *Atlas Catalão* e em indicações do próprio Lúlio. Esse simples modelo expõe, por exemplo, o Império Mongol e as Rotas Transaariana e da Seda, servindo como suporte para discutir o impacto dessa potência militar e destacar algumas conexões globais dos séculos XIII a XIV. Sugerimos que ele seja incrementado. Com a orientação do educador, os alunos podem usar diferentes cores para representar nele a composição religiosa (cristianismo, islamismo, budismo etc.) do espaço afro-euroasiático, além do deserto do Saara, que não era uma barreira física às conexões.<sup>13</sup> Isso pode ser feito na lousa ou no chão da quadra da escola,

---

soberanos, governadores e vassalos” (CONRAD, 2019, p. 154-155). Sobre o tema, ver Latour (2012).

<sup>11</sup> “Pois setenta anos já se passaram desde que os tártaros [mongóis] desceram das montanhas e dominam mais o mundo que os sarracenos e os cristãos juntos” (LÚLIO, 2009a, I, 5, p. 63).

<sup>12</sup> Lúlio ainda sugeria a criação de uma rota comercial direta até a Índia, enfraquecendo economicamente os mamelucos. Assim, “os cristãos, como agora os genoveses e os catalães, passariam a comprar especiarias em Bagdá e na Índia, além da terra do sultão” (LÚLIO, 2009a, II, 5, p. 81). A frase demonstra conexões globais e a importância desses “circuitos comerciais” orientais (ABU-LUGHOD, 1989, p. 34).

<sup>13</sup> No *Romanç d’Evast e Blaquerna* (1276-1283), Lúlio se refere a uma “cidade que se chama Gana”, cuja numerosa população era composta por “negros” que “adoravam ídolos, o sol, as estrelas, as aves

usando gizes coloridos. Nesse procedimento, que valoriza o papel do discente na construção do conhecimento, o diálogo interdisciplinar com o professor de geografia seria fundamental, com a discussão de conceitos como espaço e fronteira (MOLINA, 2013, p. 80-82). Mas uma ressalva: o material não deve ser introduzido apenas para ilustrar o tema ou situar os alunos espacialmente. Devemos tomá-lo como uma fonte. No caso do *Atlas Catalão*, como um documento do fim do século XIV, o qual, portanto, não pode ser julgado como “errado” em si. Ou seja, de nada adianta constatar que parte da África está ausente se não houver uma reflexão sobre a razão disso. Suas características têm seus porquês, revelam o imaginário de uma época e precisam ser contextualizadas (CHAMBOULEYRON, 2014, p. 36-37).

**Figura 5 - O mundo de Raimundo Lúlio**



Legenda: Rota Transaariana (verde) / Rota da Seda terrestre (roxo) / Rota sugerida por Lúlio (laranja). Fonte: adaptação do *Atlas Catalão* publicada por Iman Ghosh em *Visual Capitalist* (12/07/2019). Disponível em: <https://www.visualcapitalist.com/shape-of-the-world-ancient-maps/>. Acesso em: 10 fev. 2020.

Voltemos, porém, aos quadrinhos selecionados, que ainda representam a escravidão na Idade Média. Sem dúvida, a vida de Lúlio não pode ser entendida plenamente sem uma referência ao episódio em que ele, com o propósito de aprender árabe, comprou um cativo muçulmano. Eles estudaram juntos por nove anos, até o escravo tentar assassinar o filósofo e, em seguida, cometer suicídio. A escravidão medieval é uma temática desvalorizada por vários livros didáticos (SILVA, 2011, p. 17), em detrimento da servidão (europeia), embora fosse recorrente no mundo mediterrânico sob a forma doméstica.<sup>14</sup> A prática já envolvia os negócios da família de Lúlio, cujo pai comprou um cativo em 1246. Assim, urge apresentá-la e debatê-la em sala de aula, quer nas escolas, quer nas universidades.<sup>15</sup>

e as bestas” (LÚLIO, 2009b, IV, 84.6, p. 379, tradução nossa). Na Idade Média, eram famosas as rotas de comércio transaariano que, por exemplo, traziam mercadorias (como sal e ouro) da África ocidental para o Mediterrâneo.

<sup>14</sup> Já a BNCC (BRASIL, 2017, p. 420) passou a enfatizar o estudo de “Escravidão e trabalho livre em diferentes temporalidades e espaços (Roma Antiga, Europa medieval e África)”.

<sup>15</sup> Alguns episódios são dramáticos. Em 1300, os habitantes da colônia islâmica de Lucera (sul da Itália) foram massacrados e escravizados. Lúlio conhecia essa conjuntura, tanto que pregou aos cativos muçulmanos em Nápoles (1294), e provavelmente fez o mesmo em Lucera. Ver Bonnici (2018).

Para nos aproximarmos dessa temática, podemos consultar uma obra de Jacques Heers (1983), que detalha a configuração do tráfico cristão. Gênova, cidade que Lúlio frequentou por seis vezes, era uma das protagonistas de uma dinâmica rede comercial que integrava outros espaços,<sup>16</sup> como o Mar Negro, de onde provinham muitos escravos. Entre os amigos genoveses de Lúlio, estava Perceval Spinola, nobre que praticava o tráfico humano em Caffa, na Crimeia. A importância da escravidão na bacia mediterrânea era tão grande que, no Egito, os mamelucos – originalmente cativos convertidos em mercenários – conseguiram tomar o poder (1250). Histórias conectadas, muitos deles eram eslavos e turcos vendidos no Mar Negro pelos mongóis aos italianos, que, por sua vez, os revenderam no Mediterrâneo ao sultão egípcio.

**Figura 6 - Raimundo Lúlio e o escravo muçulmano**



Viu encara un temps amb la família però finalment se'n va, renuncia a una part dels seus béns i en deixa una altra part a la família. Durant nou anys només estudia: aprèn gramàtica, llatí... i àrab, per poder parlar amb els musulmans.

Legenda: “Ele [Lúlio] vive ainda um tempo com a família, mas finalmente vai embora, renuncia a uma parte de seus bens e deixa outra para a família. Durante nove anos, somente estuda: aprende gramática, latim... e árabe, para poder falar com os muçulmanos”.

Fonte: revista *Cavall Fort* (2016, p. 18, tradução nossa). Ilustração: Laura de Castellet.

Vemos uma representação da convivência entre Lúlio e seu escravo no quadrinho acima. Nele, o muçulmano explica o conceito de “Deus” (*Allah*) na lousa, objeto familiar ao alunado contemporâneo, mas anacrônico àquele contexto.<sup>17</sup> Além de explicar esse problema, o docente tem a chance de analisar como se deu a caracterização desse “professor-escravo”, que porta um turbante, tem a pele morena e aparece de forma simplória (com os pés descalços), ao mesmo tempo que detém conhecimentos que faltavam ao “aluno Raimundo”. Embora carregue anacronismos e estereótipos, o quadrinho representa um encontro confirmado na documentação (LÚLIO, 2004, II, § 11, p. 62). De fato, as trocas culturais, mesmo em condições de tensão como as Cruzadas, ocorreram durante todo o Medievo – cristãos e muçulmanos não trocavam apenas golpes de lança e espada...

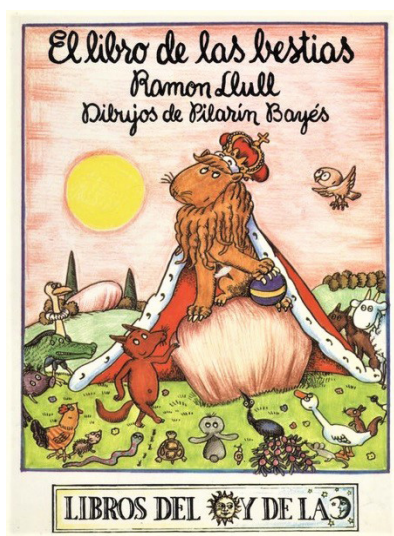
Passemos agora à adaptação, o outro suporte que sugerimos para trabalhar com a figura de Lúlio em sala de aula. Podemos defini-la como um texto reescrito e reelaborado, a fim de atender a determinado público. Segundo especialistas atuais, as

<sup>16</sup> “Gênova esteve, durante séculos, profundamente enredada nos circuitos transnacionais” (CONRAD, 2019, p. 165). Diversas viagens de Lúlio pelo Mediterrâneo foram a bordo de navios genoveses.

<sup>17</sup> Para uma historicidade mais precisa, veja uma miniatura do *Breviculum* (ver Bibliografia), manuscrito produzido entre 1321 e 1330 que representa algumas etapas da vida de Lúlio.

adaptações devem ser versões simplificadas e resumidas, mas sem perder de vista a essência do original. Nenhuma criança ou adolescente precisa ler o texto integral: “O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente” (MACHADO, 2002, p. 15). Algo relevante a salientar é que ela não tem o poder de substituir o original; “atua como uma introdução, pois apresenta a obra aos leitores ainda claudicantes” (FORMIGA, 2011, p. 54). As adaptações das obras de Lúlio surgiram no início do século XX, começando com o *Livro das bestas* (Figura 7), cuja aplicabilidade em sala de aula indicamos a seguir.

Figura 7 - Capa do *Libro de las Bestias*



Fonte: Adaptação de Aurora Díaz Plaja. Ilustrações de Pilarín Bayés. Barcelona: Ultramar Editores, 1986.

Finalizado em Paris (c. 1288), o *Livro das bestas* tem marcantes influências orientais, como fábulas indianas (*Kalila e Dimna*), que chegaram ao Mediterrâneo ocidental via transmissão e tradução árabe (PUIG MONTADA, 2008, p. 513). Uma verdadeira translação “global” de saberes, o que alguns acadêmicos chamaram de *Translatio Studiorum* (LEÓN FLORIDO, 2005). Na Península Ibérica, o *Kalila e Dimna* foi traduzido para o castelhano (1251) por ordem do infante Afonso, futuro “rei sábio” de Leão e Castela. É muito possível que isso tenha ocorrido na famosa Escola de Tradutores de Toledo, onde atuavam sobretudo sábios judeus e cristãos. Não podemos afirmar, contudo, que Lúlio tenha conhecido a fábula indiana por meio dessa tradução ou de um manuscrito árabe, língua que ele já dominava naquela época. Seja como for, cerca de um terço dos contos do *Livro das bestas* é procedente do *Kalila e Dimna*, ainda que reelaborados (MARTÍN PASCUAL, 2013, p. 83-86). Trata-se, em resumo, de um fenômeno transcultural que fundiu e entrelaçou elementos diversos.

A narrativa luliana gira em torno da Raposa, que se vale de táticas sorrateiras para manipular os animais (o Boi, o Elefante, o Coelho, o Pavão etc.) e angariar a posição de única conselheira do rei Leão, alvo que ela planejava eliminar. É provável que Lúlio pretendesse compor um “espelho de príncipes”, indicando os perigos que cercavam o governante francês daquela época e as qualidades morais que deveria cultivar. De maneira metafórica, ele constrói uma crítica à sociedade dos homens, o animal “mais falso existente neste mundo” (LÚLIO, 1990, IV, p. 82). A figura de linguagem era muito aplicada pelos autores medievais, como Lúlio, que lança mão em

suas obras da metáfora dos animais, do corpo, da árvore, entre outras. Temos, nesse caso, um precioso recurso que facilita a compreensão de abstrações conceituais.<sup>18</sup>

Até o momento, o *Livro das bestas* conta apenas com adaptações infantojuvenis em catalão e espanhol. Em razão disso, sugerimos que o docente traduza para o português uma dessas edições, como a de Aurora Díaz Plaja (1986). Ela segue uma tendência verificada em adaptações catalãs produzidas durante o *Any Llull*, que não expuseram os 28 *exempla* do original.<sup>19</sup> Tais versões introduziram imagens e simplificaram o texto em busca de linearidade, por isso são mais indicadas para o público infantil. Já aquelas detentoras da totalidade dos *exempla* devem ser trabalhadas com o público juvenil, que tem maior capacidade de abstração e mais possibilidade de evitar uma interpretação literal da narrativa. Todas essas adaptações almejam transmitir a mensagem de que o governo ideal deveria ser guiado por indivíduos com condutas dignas de serem imitadas (SELFA SASTRE, 2019, p. 77).

Para introduzir a adaptação do *Livro das bestas* no ambiente escolar, podemos recorrer à leitura e à teatralização da obra. Nessa ocasião, o professor tem a chance de instigar os alunos a imaginarem os personagens e as cenas, a formularem questões e a refletirem acerca do contexto e da história. As alianças e as disputas entre os animais, que representam distintos grupos do reino, variam segundo os interesses e as posições que ocupam em relação ao monarca. Em sala de aula, elas podem servir para uma aproximação aos problemas sociais medievais (MACEDO, 2003, p. 122-123). Uma abordagem válida também é discutir os principais valores que caracterizam o mundo feudal: honra, fidelidade e hierarquia. Ora, essa é a lógica social predominante no *Livro das bestas*, cujos personagens reafirmam, no desfecho do enredo, a supremacia de concepções como fidelidade ao senhor e ao estamento vigente (BUTIÑÁ JIMÉNEZ, 2004, p. 88). Isso pode ser notado em certos episódios, como quando o Elefante se arrepende e desiste de trair o rei Leão.<sup>20</sup>

Outra obra luliana que indicamos é o *Livro do gentio e dos três sábios* (Figura 8). Nesse texto redigido em Maiorca (c. 1274-1283), Lúlio relata a história de um sábio (o gentio) que passava por uma crise existencial: “Não tinha qualquer conhecimento de Deus, nem acreditava na ressurreição, ou na existência de qualquer coisa depois da morte” (LÚLIO, 2001, Prólogo, p. 42). Enquanto caminhava por um bosque, o angustiado personagem encontra os sábios das três grandes religiões monoteístas (cristianismo, islamismo e judaísmo), que lhe explicam suas respectivas crenças. Ele deveria se converter a uma delas.<sup>21</sup> O *livro do gentio e dos três sábios* pode ser introduzido sob a forma da adaptação de Ignasi Moreta, que já foi traduzida para o português (2016). Ela mantém a essência da versão integral, com um texto resumido e sem as intrincadas explicações dos “artigos de fé” das três religiões abraâmicas. No fim, oferece um guia de leitura com seis tópicos, como “Para ajudar a refletir”, dentro do qual temos oito perguntas.

<sup>18</sup> “A metáfora é o principal mecanismo pelo qual compreendemos conceitos abstratos e realizamos raciocínios abstratos” (LAKOFF, 1993, p. 244, tradução nossa).

<sup>19</sup> Muito populares no século XIII, os *exempla* eram contos breves com os quais se buscava ensinar, edificar e convencer um auditório.

<sup>20</sup> “Mas a cada dia era maior o pânico que [o Elefante] sentia diante do rei Leão, e por nada no mundo ele queria tentar destroná-lo ou substituí-lo” (1986, s/p, tradução nossa).

<sup>21</sup> No fim desse livro, Lúlio não indica explicitamente a escolha do gentio, o cristianismo, conforme aponta noutras obras, como no *Livro derradeiro* (LÚLIO, 2009a, I, 5, p. 59).



Figura 8 - Capa do *Livro do gentio e dos três sábios*



Fonte: Adaptação de Ignasi Moreta. Ilustrações de Àfrica Fanlo.  
Barcelona: Pequena Fragmenta, 2016.

A leitura e a teatralização da obra, que sugerimos para o *Livro das bestas*, igualmente pode ser praticada, com quatro grupos de estudantes representando os personagens (o gentio, o judeu, o muçulmano e o cristão), seus respectivos diálogos e comportamentos. Numa leitura em conjunto,<sup>22</sup> recomendamos que o educador discuta com eles a diversidade cultural e religiosa medieval, que Lúlio presenciou em vários territórios pelos quais percorreu, sobretudo no mundo mediterrânico. Certamente, o conceito de “Idade Média monoteísta” é menos problemático do que o antigo “Idade Média cristã” (BORGOLTE, 2017, p. 75; 78):

Era uma vez um gentio, quer dizer, um homem que não praticava nenhuma religião. [...] Entretanto, três sábios encontraram-se à saída de uma cidade. Um era judeu, o outro cristão e o terceiro muçulmano. Ao verem-se, cumprimentaram-se mutuamente e decidiram acompanhar-se. Cada um falava aos outros dois sobre a sua crença e os seus pensamentos, e falando, falando, chegaram ao bosque por onde andava o gentio (2016, s/p).

A relação amistosa entre um cristão, um muçulmano e um judeu descrita no *Livro do gentio e dos três sábios*, mesmo sendo ficcional, pode funcionar como ponto de partida para demonstrar a complexidade, em solo ibérico, dos contatos entre esses credos. Por outro lado, precisamos lembrar o “mito da tolerância” no Medievo hispânico, porque nunca houve uma convivência com base em relações em pé de igualdade e plena aceitação das diferenças (GARCÍA FITZ, 2002, p. 155). Além disso, não pretendemos instrumentalizar a figura de Lúlio para priorizar ou exaltar alguma das facetas (ecumênico, tolerante, pacifista) que já lhe foram atribuídas (PARDO PASTOR, 2004, p. 441-442). Sabemos que outras obras lulianas chegaram

<sup>22</sup> “Ler a história com a entonação adequada torna o interesse do aluno maior; quanto mais teatral e lúdica for a *performance* e interpretação do narrador, melhor será o rendimento e a conexão com o ouvinte, quanto maior a ênfase na fala dos personagens, mais interessados e estimulados irão ouvir a história” (ANTUNES; OLIVEIRA, 2017, p. 28).

a admoestar o islamismo e o judaísmo, a propor a criação de uma ordem militar e a pregar uma cruzada para a conquista de Jerusalém, porém isso não é razão suficiente para deixar de utilizar sua extraordinária trajetória e seu pensamento como um guia valioso para a compreensão do período medieval.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa articulou a Idade Média global ao ensino de história tomando como referência o filósofo maiorquino Raimundo Lúlio. Existem outras possibilidades – Ibn Battuta é uma delas. Esse viajante muçulmano marroquino, que nasceu no início do século XIV, tanto nos afasta do viés eurocêntrico quanto nos aproxima da história global. Ele percorreu milhares de quilômetros, principalmente pelo mundo islâmico, e sua viagem à África ocidental foi estudada num projeto didático-pedagógico desenvolvido na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) entre 2008 e 2010. Entre os resultados dessa pesquisa, estão um documentário, que chegou a ser exibido em escolas municipais da região metropolitana de Porto Alegre (DOCUMENTÁRIO, 2010), e um livro destinado aos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

Guiados por Raimundo Lúlio, não só percorremos espaços integrados e conectados, cruzamos fronteiras fluidas e dinâmicas, como também observamos diversidades culturais e religiosas marcantes e o aparecimento de fenômenos transculturais. Seguindo os passos desse filósofo, homem cosmopolita e mediterrânico que se considerava um *arabicus christianus*,<sup>23</sup> contribuímos para uma renovação do ensino da Idade Média. Esse Medieval não gira mais em torno da Europa, o centro do mundo, como imaginam seus detratores e enaltecidos, além daqueles historiadores que redigiram a primeira versão da BNCC. Na realidade, estamos diante de um contexto multicêntrico no qual o próprio continente europeu esteve por vezes prestes a ser engolido por forças provenientes de regiões que ele pouco conhecia, como as estepes asiáticas. Lúlio foi testemunha disso.

Em especial desde o *Any Llull*, temos à disposição HQs e muitas adaptações infantojuvenis de seus textos, com potencial para serem introduzidas em sala de aula. Numa perspectiva interdisciplinar, várias atividades ainda são possíveis, entre as quais a proposição de um concurso de redação de fábulas baseadas nas obras lulianas e a produção de outros quadrinhos.<sup>24</sup> Para finalizar, sugerimos a elaboração de mais um material didático, inspirado num quadrinho da revista *Cavall Fort* – nesse caso, um desenho da *Arte* luliana num disco giratório (Figura 9). Referimo-nos a duas adaptações desse disco (Figura 10 e Quadro 1, com dois breves relatos de experiência), cujo exercício de combinação pode estimular o raciocínio lógico e conduzir ao entendimento de aspectos da trajetória de Lúlio e de seu contexto medieval. Em suma, existem múltiplas e criativas possibilidades para explorar esse fascinante personagem.

---

<sup>23</sup> Tal expressão consta, por exemplo, no *Livro derradeiro*. Na edição moderna (catalão-português) que consultamos (LÚLIO, 2009a, I, 2, p. 42), lemos “*cristians àrabs*”, tradução do original latino citado.

<sup>24</sup> Para a produção de HQs, consulte Vilela (2014, p. 128-129).

Figura 9 - Raimundo Lúlio e a Arte Iuliana



Fonte: Revista *Cavall Fort* (2016, p. 19). Ilustração: Laura de Castellet.

Figura 10 - Arte Iuliana (adaptação): material didático

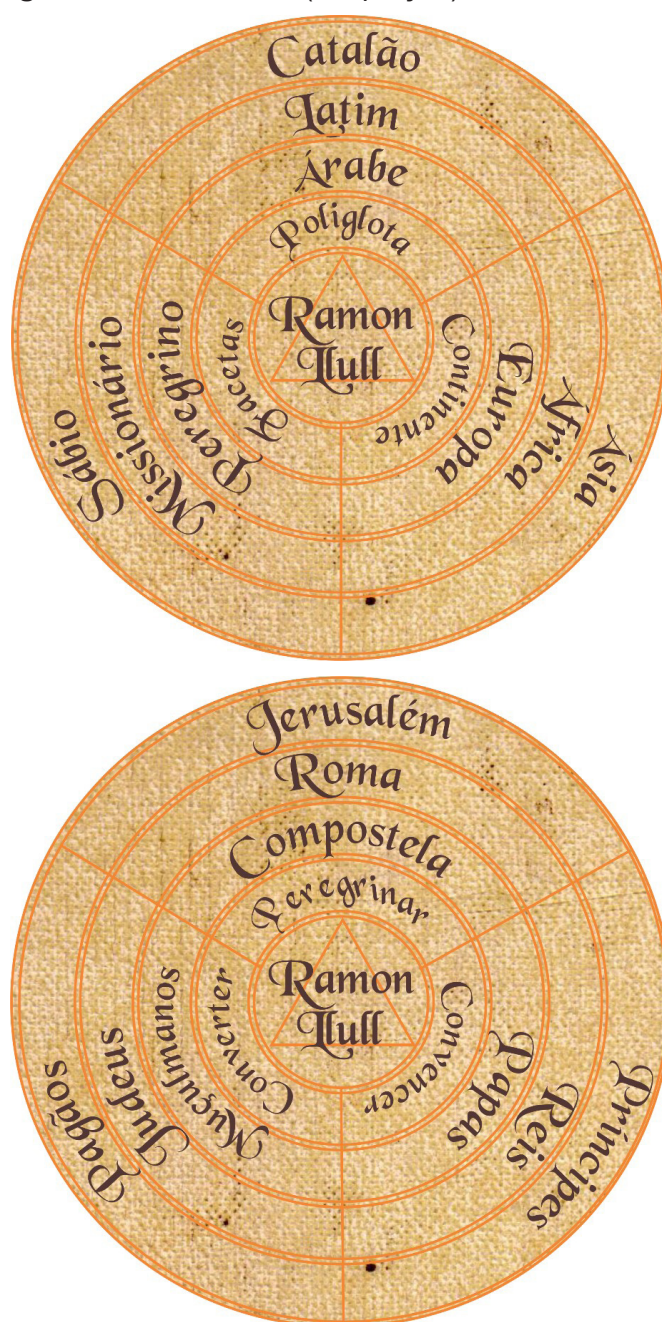


Figura 10 - Arte luliana (adaptação): material didático (continuação)



Figura 10 - Arte luliana (adaptação): material didático (continuação)



### Quadro 1 - Arte Luliana (adaptação)<sup>25</sup>

Instruções para a produção e a utilização do material didático
<ol style="list-style-type: none"><li>1) Imprima os modelos das duas páginas acima, de preferência em tamanhos maiores;</li><li>2) Cole-os em folhas de papelão e recorte-os;</li><li>3) Sobreponha os discos, perfure-os no centro e fixe-os com um parafuso de plástico.</li></ol> <p>Atividade para o Ensino Fundamental. Após as orientações sobre o contexto histórico, solicite a leitura da <i>Auca de Ramon Llull</i>. Depois, desmonte a combinação dos discos, entregue aos alunos e instigue-os a descobri-la. Ao fim, explique a combinação correta.</p>
Relatos de experiência <sup>25</sup>
<p><b>Professora:</b> Letícia Herculano da Silva Alves (Pivic-UFPB) <b>Aluna:</b> 12 anos, 7º ano <b>Orientações sobre o contexto:</b> 15 minutos <b>Tempo de leitura da <i>Auca</i>:</b> 10 minutos <b>Tempo de combinação dos discos:</b> 5 minutos</p> <p><b>Dificuldades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Diferenciar as palavras “convencer” e “converter”.</li><li>• Não conhecia algumas localidades referidas na HQ.</li><li>• Não sabia da existência do idioma catalão.</li></ul> <p><b>Destaques:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Já conhecia a relevância econômica do Mediterrâneo medieval.</li><li>• Já sabia da existência de povos não cristãos no Medievo, mas só conhecia alguns fatos da Europa ocidental.</li><li>• Maior interesse pela atividade após perceber que se tratava de uma HQ.</li><li>• Maior interesse pela Idade Média após a atividade.</li></ul>
<p><b>Professora:</b> Laryssa Alves da Silva (Pibic-UFPB) <b>Aluno:</b> 13 anos, 7º ano <b>Orientações sobre o contexto:</b> 10 minutos <b>Tempo de leitura da <i>Auca</i>:</b> 8 minutos <b>Tempo de combinação dos discos:</b> 5 minutos</p> <p><b>Dificuldades:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Não conhecia algumas localidades referidas na HQ.</li><li>• Não compreendia bem as diferenças entre os continentes.</li><li>• Disse não ter estudado ou não se lembrar dos conteúdos sobre o Medievo.</li></ul> <p><b>Destaques:</b></p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Associava o período medieval apenas à história da Europa.</li><li>• Não sabia que existiam distintos povos e religiões na Idade Média além dos cristãos europeus.</li><li>• Maior interesse pela Idade Média após a atividade.</li></ul>

<sup>25</sup> A pandemia de Covid-19 infelizmente impossibilitou a realização da atividade em grupos, dentro ou fora das escolas, o que não invalida os resultados. Além da boa receptividade do exercício, destacamos seu potencial em desconstruir uma suposta unidade religiosa e cultural (cristã europeia) do período medieval.

## REFERÊNCIAS

*A HISTÓRIA DE RAMON LLULL (1232-1316) EM QUADRINHOS*. Adaptação para o português: Tatyana Nunes Lemos. Revisão final: Ricardo da Costa. Disponível em: <https://www.ricardocosta.com/historia-de-ramon-llull-1232-1316-em-quadrinhos>. Acesso em: 20 mar. 2020.

ABULAFIA, David. Mediterranean History as Global History. *History and Theory*, Middletown, v. 50, n. 2, p. 220-228, 2011.

ABU-LUGHOD, Janet. *Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*. Nova York: Oxford University Press, 1989.

ALMEIDA, Néri de Barros; DELLA TORRE, Robson (org.). *O Mediterrâneo medieval reconsiderado*. Campinas: Editora da Unicamp, 2019.

ANTUNES, Tiana Andreza Melo; OLIVEIRA, Thaís Martins de. A literatura infantil em sala de aula nos anos iniciais: a importância dos contos. *Revista de Letras*, Curitiba, v. 19, n. 26, p. 16-33, 2017.

APOLINÁRIO, Maria Raquel. *Projeto Araribá: História*. São Paulo: Moderna, 2014.

*AUCA DE RAMON LLULL*. Texto: Joan Vilamala. Ilustrações: Jaume Gubianas. Manacor: Ajuntament de Manacor, 2003. Disponível em: <http://www.auques.cat/auca.php?auca=llull>. Acesso em: 27 mar. 2020.

BAYARD, Adrien; BOVO, Cláudia Regina. Histórias conectadas da Idade Média: abordagens globais antes de 1600. *Esboços*, Florianópolis, v. 27, n. 44, 2020.

BONNICI, Thomas. *De Mazara a Lucera: os muçulmanos na Sicília, em Malta e na Itália, 827-1300*. Maringá: Massoni, 2018.

BORGOLTE, Michael. A Crisis of the Middle Ages? Deconstructing and Constructing European Identities in a Globalized World. In: LOUB, Graham A.; STAUB, Martial (ed.). *The Making of Medieval History*. York: York Medieval Press, 2017. p. 70-84.

BORRÁS RULLÁN, J. Lo que dice el Bto. Ramón Lull de los Mongoles o Tártaros. *Boletí de la Societat Arqueològica Luliana*, Palma de Mallorca, v. 12, p. 7-10, 1909.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_site.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf). Acesso em: 15 mar. 2020.

*BREVICULUM*. Karlsruhe, Badische Landesbibliothek, Cod. St. Peter perg. 92, fol. 3v. Disponível em: <https://digital.blb-karlsruhe.de/blbhs/content/pageview/105546>. Acesso em: 27 mar. 2020.



BUTIÑÁ JIMÉNEZ, J. Sobre el escandaloso “Llibre de les bèsties” de Ramon Llull y su audiencia. *Espacio, Tiempo y Forma, Serie III, Historia Medieval*, Madrid, n. 17, p. 79-94, 2004.

CHAMBOULEYRON, Rafael. Os historiadores e os mapas. Perspectivas de pesquisa e ensino. In: HENRIQUE, Marcio Couto (org.). *Diálogos entre história e educação*. Belém: Editora Açaí, 2014. p. 35-67.

CONRAD, Sebastian. *O que é a História Global?* Lisboa: Edições 70, 2019.

COSTA, Ricardo da. Ramon Llull (1232-1316) foi o filósofo da tolerância na Idade Média? *O Livro do Tártaro e o Cristão* (1288). In: SALATINI, Rafael; DIAS, Laércio Fidélis (org.). *Reflexões sobre a Paz*. Marília: Oficina Universitária, 2018. p. 115-138. v. 2.

CRESQUES, A. *Atlas Catalão*, Ms. Esp. 30, Bibliothèque nationale de France, 1375. Wikimedia Commons. Disponível em: [https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/El\\_mar\\_Mediterr%C3%A1neo\\_en\\_el\\_Atlas\\_catal%C3%A1n\\_de\\_Cresques\\_Abraham.jpg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3b/El_mar_Mediterr%C3%A1neo_en_el_Atlas_catal%C3%A1n_de_Cresques_Abraham.jpg). Acesso em: 15 mar. 2020.

DOCUMENTÁRIO de Ibn Battuta é exibido em escolas. *Portal da PROEXT – UFRGS*, 2010. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/proext-siteantigo/news/documentario-de-ibn-battuta-e-exibido-em-escolas>. Acesso em: 20 mar. 2020.

EL HISTORIADOR y escritor Gaspar Valero visita La Salle Palma para inaugurar una exposición sobre Ramon Llull, *Colegio La Salle Palma*, 2016. Disponível em: <http://www.lasallevalenciapalma.es/historiador-escritor-gaspar-valero-visita-la-salle-palma-inaugurar-una-exposicion-ramon-llull/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

ENLLULLA’T. Programa Educatiu sobre Ramon Llull - Unitats Didàctiques. *enLLULLa’t*, 2016. Disponível em: <http://enllullat.cat/>. Acesso em: 10 mar. 2020.

FORMIGA, Girlene Marques. As várias formas de ler clássicos literários: uma proposta com as adaptações. In: BARBOSA, Socorro de Fátima Pacífico (org.). *Ensinar literatura através projetos didáticos e de temas caracterizadores*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2011. p. 25-57.

FRANKOPAN, Peter. Why We Need to Think About the Global Middle Ages. *Journal of Medieval Worlds*, Berkeley, v. 1, n. 1, p. 5-10, 2019.

GARCÍA FITZ, F. ¿La “España de las tres culturas”? El tópico de la tolerancia y los límites de la coexistencia en la España medieval. In: JESÚS MERINERO, M. (coord.). *Diálogo de Civilizaciones Oriente-Occidente*. Cáceres: Universidad de Extremadura, 2002. p. 127-155.

GARCÍA ESPADA, A. *El Imperio Mongol*. Madrid: Editorial Síntesis, 2017.





GARCÍA SANJUÁN, A. Cómo desactivar una bomba historiográfica: la pervivencia actual del paradigma de la *Reconquista*. In: AYALA MARTÍNEZ, C. de et al (coord.). *La Reconquista: Ideología y justificación de la Guerra Santa peninsular*. Madrid: La Ergástula Ediciones, 2019. p. 99-119.

GAYÀ ESTELRICH, J. Ramon Llull en Oriente (1301-1302): circunstancias de un viaje. *Studia Lulliana*, Palma de Mallorca, v. 37, p. 25-78, 1997.

GEARY, Patrick. *O mito das Nações: a invenção do nacionalismo*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2005.

HEERS, Jacques. *Escravos e domésticos na Idade Média no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Difel, 1983.

HERMANS, Erik. Introduction. In: HERMANS, Erik (ed.). *A Companion to the Global Early Middle Ages*. Leeds: Arc Humanities Press, 2020. p. 01-12.

HILLGARTH, Jocelyn Nigel. *Ramón Llull y el lulismo en la Francia del siglo XIV*. Barcelona: Institut d'Estudis Catalans, 2018.

HOLMES, Catherine; STANDEN, Naomi. Defining the Global Middle Ages. *Medieval Worlds*, Viena, n. 1, p. 106-117, 2015.

JACOBY, David. Western commercial and Colonial Expansion in the Eastern Mediterranean and the Black Sea in the Late Middle Ages. In: ORTALLI, Gherardo; SOPRACASA, Alessio (ed.). *Rapporti mediterranei, pratiche documentarie, presenze veneziane: le reti economiche e culturali (XIV-XVI secolo)*. Veneza: IVSLA, 2017. p. 03-50.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, Andrew (ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993. p. 202-251.

LANGER, Johnni. O ensino de História Medieval pelos quadrinhos. *História, Imagem e Narrativas*, Rio de Janeiro, v. 8, p. 01-24, 2009.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede*. Salvador: Edufba, 2012.

LEE, Peter. Progressão da compreensão dos alunos em História. In: BARCA, Isabel (org.). *Perspectivas em Educação Histórica*. Actas das Primeiras Jornadas Internacionais de Educação Histórica. Braga: Universidade do Minho, 2001. p. 13-27.

LEÓN FLORIDO, F. *Translatio Studiorum: Traslado de los libros y diálogo de las civilizaciones en la Edad Media*. *Revista General de Información y Documentación*, Madri, v. 15, n. 2, p. 51-77, 2005.

*LIBRO DE LAS BESTIAS*. Adaptação: Aurora Díaz Plaja. Ilustrações: Pilarín Bayés. Barcelona: Ultramar Editores, 1986.



*LIVRO DO GENTIO E DOS TRÊS SÁBIOS*. Adaptação: Ignasi Moreta. Ilustrações: África Fanlo. Tradução para o português: Inês Castel-Branco. Barcelona: Pequena Fragmenta, 2016.

LÚLIO, Raimundo. *Livro das bestas*. São Paulo: Editora Giordano; Edições Loyola, 1990.

LÚLIO, R. *O livro do gentio e dos três sábios*. Petrópolis: Vozes, 2001.

LÚLIO, R. *Vida coetânea*. Coimbra: Ariadne Editora, 2004.

LÚLIO, R. O livro derradeiro. In: *Raimundo Lúlio e as Cruzadas*. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2009a. p. 35-99.

LÚLIO, R. *Romanç d'Evast e Blaquerna*. Palma de Mallorca: Patronat Ramon Llull, 2009b.

LÚLIO, Raimundo. O livro da disputa entre Pedro e Ramon. In: FEITOSA, Márcia; ZIERER, Adriana (org.). *Literatura e História Antiga e Medieval: diálogos interdisciplinares*. São Luís: Edufma, 2010. p. 317-338.

MACEDO, José Rivair. Repensando a Idade Média no Ensino de História. In: KARNAL, Leandro (org.). *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 109-126.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MALERBA, Jurandir. História da historiografia e perspectiva global: um diálogo possível? *Esboços*, Florianópolis, v. 26, n. 43, p. 457-472, 2019.

MARTÍN PASCUAL, L. Huella del *Calila e Dimna* en la literatura catalana medieval. In: ORTOLA, M.-S. (coord.). *Énoncés sapientiels et littérature exemplaire*. Nancy: Éditions Universitaires de Lorraine, 2013. p. 83-99.

MATEUS, Natasha Nickolly A. S. *Ensino de História Medieval: a obra Doutrina para Crianças*, de Ramon Llull e a produção do paradidático “Ramon Llull e a Idade Média”. Dissertação (Mestrado Profissional em História, Ensino e Narrativas) – Universidade Estadual do Maranhão, Centro de Educação, Ciências Exatas e Naturais, São Luís, 2018.

MOLINA, Ana Heloisa. Mapas Históricos: alguns apontamentos e uma abordagem pedagógica. In: ALEGRO, Regina Célia et al (org.). *Temas e questões para o ensino de história do Paraná*. Londrina: Eduel, 2013. p. 65-86.

MOORE, Robert I. A Global Middle Ages? In: BELICH, James; DARWIN, John; FRENZ, Margret; WICKHAM, Chris (ed.). *The Prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press, 2016. p. 80-92.



PARDO PASTOR, J. "Diálogo interreligioso" y Edad Media latina. *Boletín de la Real Academia de Buenas Letras de Barcelona*, Barcelona, v. 49, p. 433-446, 2004.

PEREIRA, Nilton Mullet. Imagens da Idade Média na Cultura Escolar. *Revista Aedos*, Porto Alegre, v. 2, p. 117-127, 2009.

PUIG MONTADA, J. Ramon Llull and the Islamic culture of the Mediterranean. In: AKASOY, A.; RAVEN, W (eds.). *Islamic Thought in the Middle Ages*. Leiden: Brill, 2008. p. 503-519.

*RAMON LLULL, UN HOME FANTÀSTIC*. Dossiê da revista Cavall Fort (n. 1289-1290). Texto: Mercè Canela e Eugènia Morer. Ilustrações: Lluïstot, Laura de Castellet, Pep Brocal i Quim Bou. Barcelona: Edicions Cavall Fort, 2016.

SELFA SASTRE, Moisés. La transmisión de la ideología medieval en la literatura infantil y juvenil actual: el caso de los *exempla* de *el Libre de les Bèsties* (1289), de Ramon Llull, y sus adaptaciones infantiles y juveniles. *Revista de Educação, Ciência e Cultura*, Canoas, v. 24, n. 2, p. 71-79, 2019.

SILVA, Edlene. Livros didáticos e ensino de história: a Idade Média nos manuais escolares do Ensino Fundamental. *História & Ensino*, Londrina, v. 17, n. 1, p. 7-31, 2011.

SILVA, Marcelo Cândido da. Uma história global antes da globalização? Circulação e espaços conectados na Idade Média. *Revista de História da USP*, São Paulo, n. 179, 2020.

SILVEIRA, Aline Dias da. História global da Idade Média: estudos e propostas epistemológicas. *Roda da Fortuna*, Barcelona, v. 8, n. 2, p. 210-236, 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo. Os quadrinhos (oficialmente) na escola: dos PCN ao PNBE. In: VERGUEIRO, Waldomiro; RAMOS, Paulo (org.). *Os quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 9-42.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VILELA, Marco Túlio. Os quadrinhos na aula de história. In: RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro (org.). *Como usar as histórias em quadrinhos em sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2014. p. 105-129.

VISITA del Joglar Pau. *Colegio La Salle Palma*, 2016. Disponível em: <https://palma.lasalle.es/visita-del-joglar-pau-a-infantil/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Avenida Monteiro da Franca, 661, Apto. 1302, 58038-320, João Pessoa, PB, Brasil.

### ORIGEM DO ARTIGO

Projeto de Pesquisa: “Ramon Llull, a Idade Média Global e o Ensino de História: perspectivas de abordagem”.

### AGRADECIMENTOS

Agradeço ao professor Ivan Lima Gomes (UFG) pelas sugestões e ponderações sobre as HQs.

### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Foi obtido o consentimento escrito dos participantes.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Guilherme Queiroz de Souza. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### EDITORES

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

Tiago Kramer de Oliveira

Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

### HISTÓRICO

Recebido em: 31 de agosto de 2020

Aprovado em: 8 de março de 2021


Como citar: SOUZA, Guilherme Queiroz de. Raimundo Lúlio, a Idade Média global e o ensino de História: perspectivas de abordagem. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 531-557, maio/ago. 2021.




## COMO CONTAR A HISTÓRIA DA COVID-19? REFLEXÕES A PARTIR DOS ARQUIVOS DIGITAIS NO BRASIL

How to present the history of Covid-19? reflections based on digital  
archives in Brazil


**Ian Kisil Marino<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-6584-834X>  
E-mail: iankmarino@gmail.com


**Paulo Rodrigues Gajanigo<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-5076-8921>  
E-mail: gajanigo@gmail.com

**Rogério Ferreira de Souza<sup>c</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-5838-6810>  
E-mail: rogeriosouza@iuperj.br

**Thiago Lima Nicodemo<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-1588-0683>  
E-mail: tnicodemo@gmail.com

<sup>a</sup> Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,  
Departamento de História, Campinas, SP, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal Fluminense, Departamento de Ciências Sociais, Niterói, RJ, Brasil

<sup>c</sup> Universidade Candido Mendes, Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio  
de Janeiro, RJ, Brasil

## RESUMO

O panorama de arquivamento digital da pandemia da Covid-19 no Brasil é um eixo argumentativo que possibilita a reflexão sobre temas como: as possibilidades de escrita da história da Covid-19 em escala global; a infraestrutura de arquivos digitais; a construção coletiva de acervos por uma rede de projetos paralelos no país; as características da produção social e do teor documental dos registros preservados nessas iniciativas. O cenário pandêmico catalisa e desnuda problemas concernentes à memória, aos arquivos e à história que não são novos, mas se veem diante de uma ocasião profícua para avanços teóricos e práticos relevantes — que vão do aprimoramento infraestrutural à revisão das balizas epistemológicas para a construção da memória e da história em escala global.

## PALAVRAS-CHAVE

Covid-19. Humanidades Digitais. Memória.

## ABSTRACT

This article aims to present an overview of the digital archiving related to the Covid-19 pandemic in Brazil as an argumentative approach that allows the study of topics such as: the possibilities of writing the history of Covid-19 at a global scale; the infrastructure of Brazilian digital archives; the joint construction of collections by a network of institutions and projects that have been operating alongside and progressively in the country; the social production and documentary content of the records preserved by these initiatives. Lastly, we seek to support that the scenario caused by the pandemic catalyzes and unveils problems concerning memory, archives, and history that are not novel but are at a fruitful moment for relevant theoretical and practical advances — from infrastructure improvement to the revision of epistemological references to build memory and history at a global-scale.

## KEYWORDS

Covid-19. Digital Humanities. Memory.

**N**a medida em que a Covid-19 espalhou-se mundo afora como uma força motriz da natureza, o diagnóstico indicado por Sebastian Conrad (2016, p. 223-230) como constante nos esforços de construção de uma história global — o binômio centro/periferia ou o eurocentrismo — viu-se diante de uma situação inédita: uma boa história da Covid-19 deve dar conta daqueles que a viveram mais intensamente, por mais negativas que sejam as suas experiências. Estimou-se que, no final de 2020, mais de 231 milhões de pessoas viveriam na pobreza e que 54% da mão de obra no subcontinente se daria na informalidade — uma tragédia, infelizmente, protagonizada pelo Brasil. Com efeito, trata-se de um quadro dramático em que, para a maior parte dessa população, não há condições materiais de prevenção e cuidados adequados ao novo coronavírus (COVID-19..., 2020). A história da Covid-19 deve tratar da América Latina, e, em especial, do Brasil, que se destaca no mundo pela sua dramática condição. Entretanto, quais serão as fontes para a realização de tal estudo?

Como resposta à pandemia, surgiram diversas iniciativas de arquivamento de evidências desse período, sobretudo utilizando-se de tecnologias digitais. Em nível global, diferentes agentes — universidades, arquivos estatais, organizações privadas e pessoas comuns — passaram a coletar registros em arquivos digitais colaborativos inspirados na técnica de *crowdsourcing*. Como esses novos indícios poderão ser mobilizados em pesquisa? Trata-se de documentos que podem ser considerados arquivísticos, na medida em que serão organizados em séries e compõem coleções; e trata-se de fontes históricas em potencial, na medida em que se constituem como vestígios de um tempo passado, passíveis de análise e crítica por historiadores. Mas sua natureza é diversa, instável e, muitas vezes, efêmera. Muitos desses vestígios são produzidos por indivíduos nos seus aparelhos portáteis e circulam em redes sociais, como *Facebook*, *Instagram* ou *Twitter*, enfrentando-se o problema de como guardar algo de consumo tão efêmero, registrado em uma plataforma privada em caráter permanente e público. Outros vestígios sequer podem-se visualizar enquanto tais: são grupos de WhatsApp, conversas em SMS, memórias de aplicativos que se perdem nos serviços de armazenamento em “nuvens”, dentre tantas outras evidências de passados que se perdem diante da impossibilidade de um agenciamento humano de uma quantidade avassaladora de informações. Como lidar com o emaranhado de questões que emergem com o arquivamento digital?

Buscando responder a essas questões, propõe-se a observação do panorama arquivístico digital de resposta à pandemia de Covid-19 no Brasil. Defende-se que esse recorte permite avançar conceitualmente sobre temas chave de valência global, possibilitando uma profunda revisão dos critérios metodológicos e teóricos para a escrita da história da Covid-19. Inicialmente, será discutida a problemática teórica do arquivo sob um olhar historiográfico, com enfoque na categoria “arquivo digital”. Em seguida, aborda-se as experiências dos arquivos digitais brasileiros da Covid-19, identificando diversos casos de acervos e documentos digitais das iniciativas no país e as particularidades da produção desses registros em contexto de isolamento social e por meio do chamado *crowdsourcing*. Utilizamos como chave analítica a dicotomia “arquivo formal/informal”, como forma de compreender as tensões entre arquivos estatais e coleções do cotidiano da pandemia no contexto digital. Com isso, pretendemos indicar caminhos de interpretação da transformação arquivística contemporânea, matizados e acelerados pelo evento limite global da pandemia. Por fim, apresenta-se encaminhamentos teóricos para a compreensão do arquivo digital

como vetor imprescindível para a construção da história da Covid-19, bem como seus reflexos sobre o entendimento da história global.

## ARQUIVOS DIGITAIS

“O historiador tende a ficar atento aos tempos dos eventos aos quais o documento se refere, mas não toma o documento mesmo como evento, como acontecimento de um dado tempo, que indica e emite signos desse tempo, em toda a sua extensão e em todos os seus aspectos”, pontua Durval Muniz de Albuquerque (2019, p. 67). Para além de seus conteúdos, o que o documento histórico digital diz sobre seu tempo? Deve-se atentar ao formato, às marcas autorais, aos recursos sonoros e visuais. Como foi produzido? Por quem? Por quê? Tais questões, singulares a cada documento, são inescapáveis ao ofício do historiador. No entanto, há questões estruturais, relevantes em valência global quando se trata da preservação e acesso a documentos históricos: Qual o caminho percorrido pelos documentos para que sejam arquivados e, depois, acessados? O que se passa entre os registros digitais individuais, sua preservação e, posteriormente, sua disponibilização aberta na internet? Todas essas questões remetem ao arquivo, instância moduladora de memórias e fontes em potencial que, frequentemente, é menosprezada em estudos historiográficos. “Mas por que nunca perguntamos pela origem do próprio arquivo?”, questiona de Albuquerque (2019, p. 58), sugerindo em seguida:

Essa origem nunca é politicamente neutra. O arquivo instaura um comando, encarna uma lei, ele é instituído e instituinte. Ele instaura uma lei da seleção, da separação, da designação do que é arquivável ou não. Ele se institui como um espaço à parte, como um espaço de guarda, de classificação, de ordenamento, de avaliação, de nomeação, de distribuição de significação, do que é ali depositado.

O arquivo digital requer atenção teórica de historiadores, como qualquer outro. Há particularidades na configuração das operações realizadas nesse tipo de arquivo, entretanto, que sublinham a importância da análise crítica de seu funcionamento. A codificação binária, o processamento de bits na disponibilização de documentos, a presença de softwares e provedores privados na viabilização do armazenamento e as plataformas de rede envolvidas na interface de acesso aos arquivos digitais são fatores inéditos, que necessitam de contemplação urgente — pois já se apresentam como recursos amplamente utilizados. Tais elementos desdobram-se em dilemas sérios. Por um lado, a implementação de arquivos digitais — em iniciativas nato-digitais ou na digitalização de acervos — é importante para a constituição e acesso público a acervos outrora restritos a especialistas e visitas presenciais. Por outro, a presença de grandes corporações e a instabilidade de linguagens e plataformas de amplo acesso ameaçam a segurança e aventam a monetização da custódia de documentos particulares ou de interesse público.

A relevância historiográfica do estudo de arquivos se deve ao fato de se tratar de uma instância de determinação da preservação de evidências — sem as quais não seria possível o trabalho do historiador (WIMMER, 2015). O estudo de arquivos se justifica, portanto, primeiramente pela necessidade de determinação





de proveniência documental, inseparável da crítica das fontes. Em se tratando de arquivos digitais, torna-se difícil a determinação da proveniência dessa “pré-história”, como chamou Andreas Fickers (2012). A enorme quantidade de dados circulantes e arquivados na internet ou em discos rígidos articula-se em um emaranhado de difícil apreensão (BRÜGGER; SCHROEDER, 2017). A constante atualização tecnológica gera uma rápida substituição de plataformas, desafiando a consolidação de critérios arquivísticos uniformes e estáveis. Por esses motivos, a contextualização documental desenha-se como um dos principais desafios de arquivistas e historiadores no meio digital. Soma-se a isso o risco de inviabilização de aspectos relevantes ao registro digital, considerando que plataformas não são apenas meios de captação de registro, mas um ambiente no qual o dado é construído por meio de ferramentas de interações (BARICHELLO; CARVALHO, 2013).

O estudo de arquivos digitais por historiadores tem se desenvolvido sob o guarda-chuva das chamadas humanidades digitais e, em particular, da história digital. Como apontou Arjun Sabharwal (2015), as bases de dados digitais são pré-condições para as atividades de ambos os campos no século XXI, ainda que eles não sejam homogêneos. As humanidades digitais remetem às primeiras atividades de classificação e análise em bancos de dados computadorizados, ainda em meados dos anos 1940 (BUSA, 2005). Com o aprimoramento tecnológico da virada do século, as humanidades digitais revitalizaram-se em experiências de pesquisa e divulgação científica interessadas na reconfiguração dos preceitos de escala e escopo, em frentes diversas, como por exemplo: o *distant reading* proposto por Franco Moretti (2013) no campo da crítica literária; a visualização espacial de mapas históricos a partir de Sistemas de Informação Geográfica, como no *The Imperia Project* (DAVIS CENTER, 2018), da Universidade de Harvard; ou a conhecida proposta de Jo Guldi e David Armitage (2017) de revitalização da *long durée* nos estudos históricos a partir do Big Data.

A história digital possui menor consolidação institucional do que as humanidades digitais, particularmente no Brasil. No entanto, isso não diminui a sua relevância, na medida em que busca as especificidades historiográficas em meio ao advento digital — o que é fundamental para o condicionamento da pesquisa, do ensino e da inserção profissional e social da história e dos historiadores na contemporaneidade (ALVES, 2020). As frentes do campo, que ascendeu com maior força na virada do século, caminham em, pelo menos, três direções: a tentativa de uma história social das tecnologias digitais; o uso do digital — sobretudo da internet — para catalisar projetos de produção e consumo de história alinhados à história pública; e, por fim, a reflexão teórico-metodológica que procura compreender o impacto do digital sobre a constituição disciplinar da história (ROSENZWEIG, 2011). Muitas das iniciativas de memória da Covid-19 que serão discutidas adiante abarcam-se na segunda concepção de história digital. Todavia, reconhecemos este trabalho na terceira intenção, na qual possuem maior centralidade os arquivos digitais — pela já mencionada onipresença dessas instâncias no ofício de historiador.

No Brasil, a problemática dos arquivos digitais ganhou força na década de 2000, com a digitalização de acervos físicos. Dali em diante, estabeleceu-se um processo de digitalização no qual o “potencial está ainda por ser realizado, ou tem sido realizado de forma bastante desigual regionalmente”, como caracterizou Mariana Valente (2017, p. 7). Embora tenha se desenhando um processo de digitalização de larga escala com o Plano Nacional de Cultura (2010), os resultados foram pouco

profícuos. Alguns casos de relativo sucesso empreenderam grandes campanhas de digitalização, proporcionando avanços nos procedimentos técnicos e no uso de softwares livres, como o acervo da Biblioteca Brasileira Mindlin (Biblioteca Brasileira Digital) e da Biblioteca Nacional (BNDigital). No país como um todo, entretanto, a digitalização de acervos é marcada pela precarização, que atinge todas as esferas do processo: o planejamento, a capacitação profissional, a infraestrutura e os programas de financiamento (VALENTE, 2017).

Para além das iniciativas de digitalização, a categoria arquivo digital inclui também coleções nato-digitais, ou seja, compostas por documentos nascidos em formatos digitais. Se, em teoria, é mais fácil garantir o armazenamento digital desses documentos, catalisam-se problemas arquivísticos fundantes da área, em meio a abundância e comodidade de custódia, como discutiu Terry Cook (2018, p. 62-67): Quais documentos devem ser arquivados? Como organizar essa enormidade de dados? Como determinar a procedência e a originalidade desses documentos? Trata-se de questões que não são novas à arquivologia, mas muitos historiadores e arquivistas têm retornado a elas, encaminhando-se rumo a um “paradigma pós-custodial” (COOK, 2018, p. 62). Esses dilemas tornam-se ainda mais desafiadores quando se distancia de arquivos formais, estatais ou privados. Com a proliferação de aparatos pessoais de registro e produção audiovisual, multiplicou-se a quantidade de indivíduos e grupos capazes de produzir documentos digitais e, por consequência, arquivá-los, pelo uso de memórias rígidas e plataformas de armazenamento online. Essas múltiplas coleções, frequentemente dispostas em redes sociais, compõem arquivos muito diferentes dos estatais ou pessoais consolidados — em termos de temas compreendidos e, principalmente, quanto aos critérios envolvidos. O arquivamento digital da Covid-19 vem se desenvolvendo nesses termos e, para compreendê-lo, propõe-se contemplar os subsídios que o panorama brasileiro pode oferecer.

## OS ARQUIVOS DA COVID-19 NO BRASIL

Buscando respostas teóricas e metodológicas para o tratamento de coletâneas de documentos mantidos por indivíduos e organizações fora da alçada estatal, Adam Auerbach (2018) propôs a categoria “arquivos informais” — sem endereçar diretamente o meio digital, no entanto. Segundo ele, que se dedicou a coleções de favelas e comunidades marginalizadas na Índia, arquivos informais podem ser mantidos por um indivíduo ou por uma coletividade, bem como podem ser ou não institucionais. Eles abrigam recursos históricos relacionados a tópicos que normalmente escapam à história e à memória oficiais, como as experiências de minorias e grupos marginalizados, além da experiência histórica de pessoas comuns (AUERBACH, 2018, p. 346-348). Em geral, arquivos estatais dedicam-se primordialmente à delimitação de temporalidades arquivísticas direcionadas a documentos produzidos pelo aparelho estatal. São arquivos formais, assim, por se responsabilizarem pelos critérios e pela custódia de massas documentais decorrentes do cotidiano de instâncias ligadas à burocracia estatal (BELOTTO, 2006). Arquivos pessoais de grandes personalidades, por outro lado, ascenderam em meados do século XX como repositórios que iam além dos limites dos arquivos estatais, por mesclarem elementos da vida pública e privada em suas coleções (IUMATTI; NICODEMO, 2018). No entanto, também se trata de arquivos formais, pelo fato de a composição dos acervos responder a critérios



prévios e bem circunscritos aos interesses dos titulares — ou de seus representantes (ROUDINESCO, 2006).

Por esses motivos, os arquivos informais se situam no limiar entre a vivência histórica dos indivíduos e as memórias que o Estado não tem capacidade ou disposição para reconhecer. Eles são caracterizados, num primeiro nível, pela localização incerta e pela ausência de sistematização rigorosa de sua documentação. Isso não significa, no entanto, que as iniciativas de arquivamento informais sejam secundárias: mais do que complementares às instâncias tradicionais, os arquivos informais delineiam uma atuação política de concorrência à autoridade e à soberania do agenciamento arquivístico tradicional, de certo modo (NICODEMO; SILVEIRA; MARINO, 2021). Não quer dizer, entretanto, que arquivos informais não possam decorrer de uma iniciativa institucional: arquivos estatais, por exemplo, podem perfeitamente incentivar projetos passíveis da caracterização de informais, desde que o processo de construção do acervo escape do controle que caracteriza os arquivos formais. O caso dos arquivos informais digitais decorrentes de eventos trágicos disruptivos é exemplar nesse sentido: mesmo muitas vezes vinculados a instituições de memória consolidadas, eles documentam evidências do cotidiano de pessoas comuns, até mesmo anônimas, tensionando com formas de controle (identificação e localização) previstas em iniciativas arquivísticas tradicionais, estatísticas ou ligadas a grandes personalidades. Como pontuou Auerbach (2018, p. 345), arquivos informais caracterizam-se por se organizarem sob localizações não mapeadas (*unmapped locations*). Para além do sentido geográfico, é a ampla imersão em tecnologias digitais incertas — como redes sociais ou provedores privados — que, do ponto de vista da proveniência arquivística, permite qualificar muitas coleções digitais como informais.

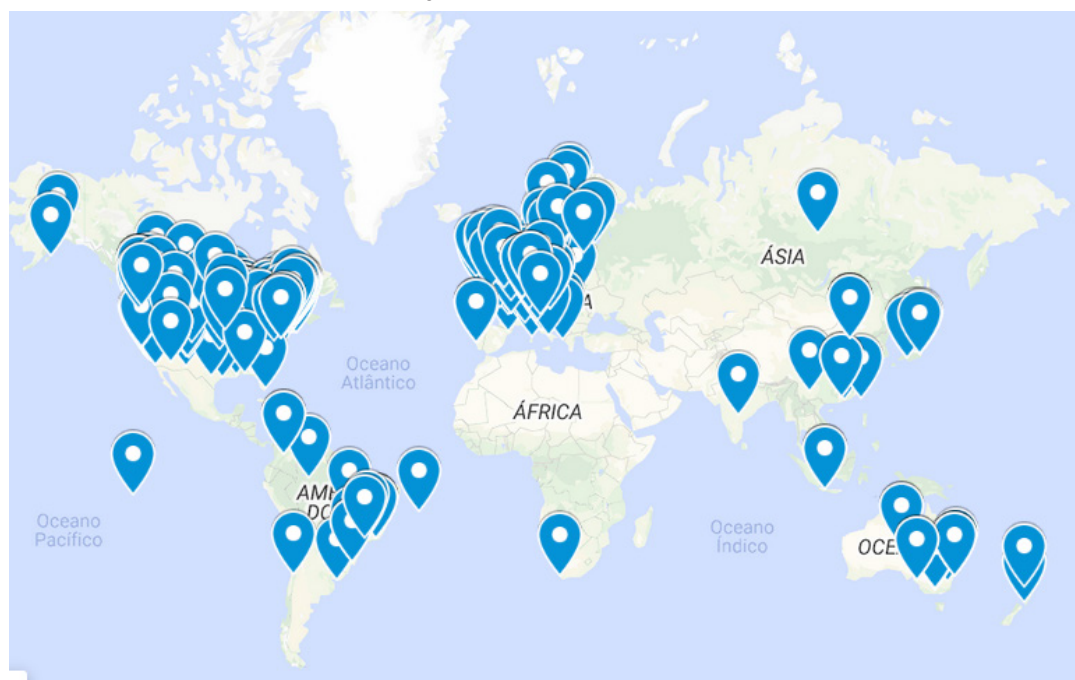
A relação entre historiadores e os arquivos digitais informais se estreitou a partir do destaque alcançado pelo *September 11th Digital Archive*, nos Estados Unidos (cf. JARVIS, 2010). Aberto em março de 2002, no marco de seis meses da ocorrência dos atentados do 11 de Setembro, o arquivo se destacou por seu alcance — abrigando cerca de 150 mil objetos digitais — e pelo sucesso na construção de um acervo colaborativo que, sem a participação voluntária online, não existiria. Com efeito, o *September 11th Digital Archive* inaugurou um modelo de arquivamento online que seria repetido inúmeras vezes desde então, qual seja, o *crowdsourcing* de testemunhos entre o público, construindo seu acervo a partir dos materiais enviados pelos usuários. No caso de eventos disruptivos inesperados, como a pandemia da Covid-19, o *crowdsourcing* tornou-se o meio mais comum para a construção de arquivos digitais — como bem matiza o caso brasileiro.

De dezembro de 2019, momento em que se comunicou à Organização Mundial da Saúde (OMS) a manifestação da doença viral ocasionada pelo novo coronavírus em Wuhan, na China, à decretação de estado pandêmico, em março de 2020, começava-se a suscitar em nível global a possibilidade de isolamento físico. Até dezembro de 2020, quando se iniciaram as primeiras campanhas de vacinação em alguns países, o estabelecimento de quarentenas, *lockdowns*, interdições de trânsito e de outras medidas de isolamento fizeram parte do cotidiano de todo o mundo. Mesmo em 2021, com os sinais da desigualdade global refletidos na dinâmica de vacinação, a temática do distanciamento físico segue uma pauta que, mesmo variável conforme condições específicas, tem marcado a vida das pessoas durante a pandemia. Nesse contexto, as tecnologias digitais foram essenciais para a rápida transmissão de informações, com destaque para os alertas sobre o número de contaminados e mortos e para os

protocolos de prevenção. A adoção do trabalho, do ensino e do lazer remotos, mediada por softwares de comunicação online, tornou-se comum no mundo em quarentena. O compartilhamento de informações e experiências em mídias e por pessoas não especializadas incorporou-se ao cotidiano (GONZÁLEZ-PADILLA; TORTOLERO-BLANCO, 2020).

As iniciativas brasileiras de arquivamento digital da Covid-19 se iniciaram de março de 2020 em diante. Trata-se de experiências em plena fase de implementação, de modo que não há como saber quais delas terão êxito. Já há projetos interessados na realização de mapeamentos amplos das iniciativas a nível global, como o *Mapping Public History Projects about COVID 19* (BRIDGING, 2020), realizado pela *International Federation for Public History* (IFPH) — em parceria com a organização *Made By Us*. O levantamento utiliza-se de uma ferramenta de georreferenciamento vinculada ao Google para compor um mapa global interativo dos arquivos da pandemia (Imagem 1). No entanto, a maioria dos arquivos da plataforma remete aos Estados Unidos e à Europa, de modo que regiões historicamente periféricas, como a África e a América Latina, encontram-se sub-indexadas, demandando uma pesquisa empírica mais individualizada. Propõe-se discutir apenas alguns desses arquivos no Brasil, compondo uma amostra diversa com potencial enunciativo de problemas arquivísticos globais.

**Imagem 1** - Sub-indexação das iniciativas do Sul Global no projeto Mapping Public History Projects about COVID 19



Fonte: Bridging, *the IFPH–FIHP Blog* (BRIDGING, 2020).

A prática do *crowdsourcing* vem sendo adotada na maioria dos arquivos da Covid-19 brasileiros. O projeto *Testemunhos do Isolamento* (AGCRJ, [2020]), capitaneado pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, disponibiliza formulários do Google para o compartilhamento de experiências. Outra iniciativa baseada nessa ferramenta é a *Memórias Covid-19* (MEMÓRIAS COVID-19, 2021), realizada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Ambas compartilham a indefinição

quanto à procedência de seus documentos que, por sua vez, potencializam estudos históricos que provavelmente não seriam possíveis sem a informalidade corrente nos arquivos. Uma postagem no *Instagram* da iniciativa da Unicamp (Imagem 2) inicia a legenda com a questão: “O que as crianças acham da pandemia?”. No caso, documenta-se um desenho feito a lápis de cor, mostrando pessoas nas janelas de um prédio, ruas vazias, golfinhos solitários no mar e, ao fundo, o nome “Jesus” sobre uma montanha. O relato pictórico endereça a uma criança de Guarapari, cidade litorânea no estado do Espírito Santo. Trata-se de uma evidência recheada de possibilidades de análise e, embora aqui não se possa interpretá-la justamente, é possível indicar que, não fosse a iniciativa informal em questão, tal registro não estaria preservado.

**Imagem 2** - Exemplo de vestígio histórico de uma criança durante a Covid-19



Fonte: Memórias Covid-19 (2021).

Apesar da prevalência do *crowdsourcing*, há arquivos digitais da Covid-19 que seguiram outras técnicas de constituição de acervos, como a *Transparência COVID-19 2.0* (OPEN KNOWLEDGE BRASIL, 2020), coordenada pela Open Knowledge Brasil, que disponibilizou um banco de dados sobre o perfil e a geolocalização de infectados e mortos. Esses dados, raspados de instituições públicas e privadas por meio de técnicas de programação computacional, são dispostos em gráficos interativos e relatórios informativos em uma *website* próprio, conotando um arquivo autônomo de ampla sofisticação técnica. Uma abordagem semelhante foi realizada pelo físico *Wesley Cota*, que possui uma iniciativa própria de coleta, análise, visualização de dados e conteúdo científico sobre a pandemia no Brasil e na Espanha (WESLEY COTA, [2020]). Esses dois exemplos ilustram um teor político que é comum nas iniciativas de arquivamento da Covid-19. Se o arquivo é um dispositivo de poder, conforme a interpretação de Michel Foucault (1986) e Jacques Derrida (2001), as políticas de memória capitaneadas pelo Estado ou por arquivos de grandes personalidades envolvem certo controle sobre os recursos de composição de narrativas sobre o passado. Entretanto, com a ascensão de iniciativas de arquivamento digital independentes e autônomas — sejam de produção documental original ou *crowdsourcing* — criam-se diversas instâncias de memória paralelas e concorrentes, muitas vezes tratando de temas correlatos. A pandemia é um ótimo exemplo nesse sentido, já que as iniciativas têm a capacidade de articulação de evidências históricas em discursos de embate político que tensionam os parâmetros de agenciamento característicos do quadro arquivístico tradicional. No caso desses dois arquivos, em particular, é interessante pensar que eles exercem um papel de concorrência com o Estado sobre a disponibilização de dados em um sentido público, principalmente a partir do momento em que o Ministério da Saúde — desarticulado após conflitos diretos com o presidente Jair Bolsonaro — deixou de publicar dados organizados sobre o número de infectados e mortos pelo novo coronavírus (MACHADO *et al.*, 6 jun. 2020).

O sentido político dos arquivos informais, para além do estabelecimento de concorrência com poderes estabelecidos, oferece a possibilidade de preservação de vestígios de personagens históricos que, na estrutura arquivística tradicional, seriam provavelmente ignorados. Assim, diversos arquivos digitais da Covid-19 apresentam um teor identitário de autolegitimação, como ocorre na iniciativa *Coronavírus nas favelas* (DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO, 2020), organizada pelo Dicionário de Favelas Marielle Franco, no Brasil. Utilizando-se da ferramenta wiki — inspirado no já consagrado modelo de rede colaborativa de verbetes online da Wikipédia — trata-se de um dos arquivos informais mais completos e interessantes do país (Imagem 3). A página compreende levantamento de fundos, protocolos de prevenção, mapeamentos e contabilização de dados independentes, editais e formas de contribuição financeira, relatos e links para diversos outros arquivos de olhar específico às favelas. No acervo, é possível identificar evidências sobre as formas de organização autônoma das comunidades, face ao descaso do poder público. Da mesma forma, indicam-se a iniciativas que documentam o cotidiano das favelas, em geral ignorado pelas instâncias de memória formais. O trabalho do *Varal de Emoções*, por exemplo, representa a atuação voluntária de duas moradoras do complexo de favelas da Rocinha, no Rio de Janeiro, que registram cenas do cotidiano em meio à pandemia — desde o isolamento até a situação do comércio local durante o período (VARAL DE EMOÇÕES, 2021).

### Imagem 3 - Abordagem wiki para composição de um acervo informal colaborativo sobre a Covid-19 nas favelas brasileiras

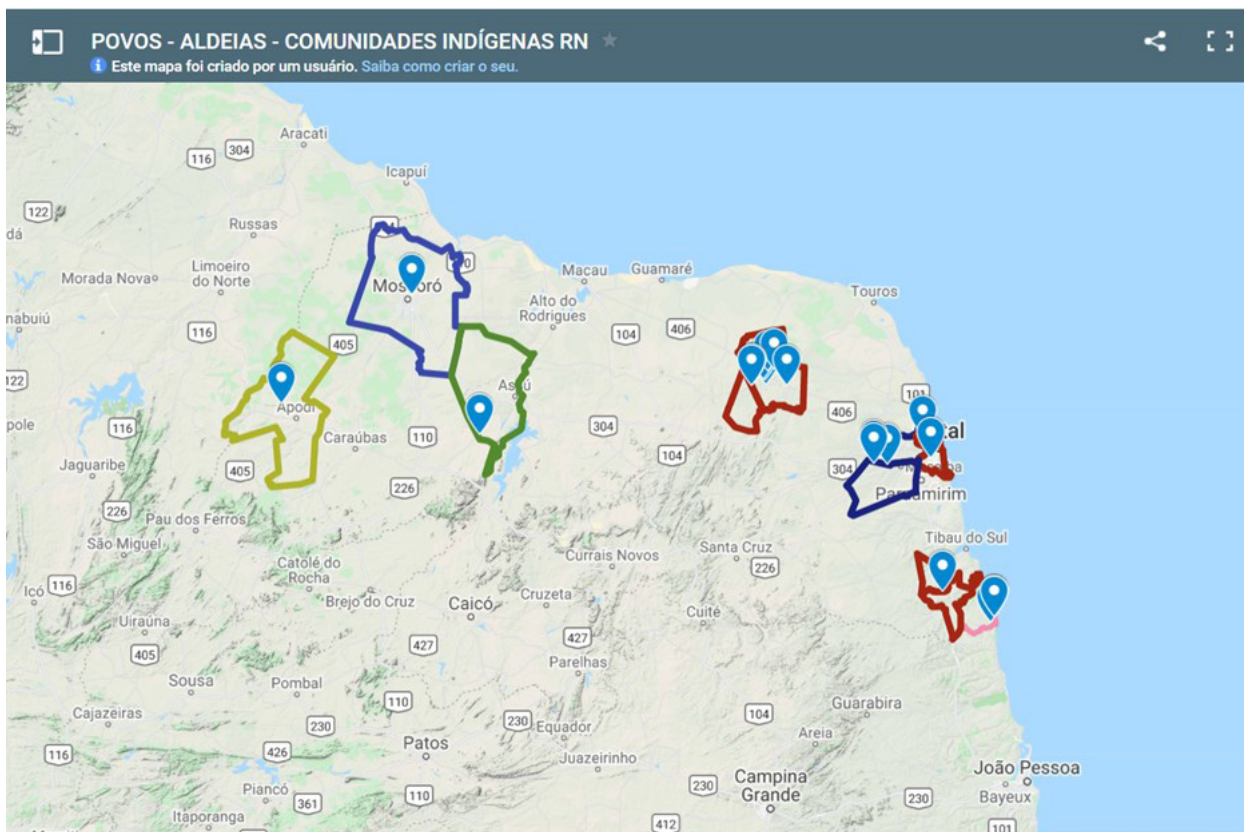


The screenshot shows the 'Dicionário de Favelas' website. At the top right, there are links for 'Crie uma conta' and 'Entrar'. Below these are navigation tabs: 'Página', 'Discussão', 'Ler', 'Ver código-fonte', and 'Ver histórico'. A search bar contains the text 'Pesquisar em Dicionaric' and a magnifying glass icon. The main heading is 'Coronavírus nas favelas'. The introductory text states: 'A equipe do **Dicionário de Favelas Marielle Franco** apresenta um compilado de informações sobre o Novo Coronavírus nas favelas do Brasil. Reunindo pesquisas, reportagens, fotos, vídeos, comentários, artigos, ensaios e reflexões acadêmicas sobre os impactos do coronavírus na vida das favelas, pretendemos fortalecer o enfrentamento ao vírus nos locais.' Below this is a section titled 'Veja os verbetes produzidos pela equipe até o momento:'. A box contains an 'Índice [ocultar]' with a list of seven items: 1 Como ajudar as favelas em tempos de coronavírus, 2 Fundos para projetos de combate ao coronavírus nas favelas, 3 Notícias sobre coronavírus nas favelas, 4 Materiais e audiovisuais sobre coronavírus produzidos pela e para favelas, 5 Análises e propostas sobre a realidade do coronavírus nas favelas, 6 Coletivos em ação contra o coronavírus, and 7 Painéis sobre coronavírus nas favelas. On the left side, there is a sidebar with links: 'Página principal', 'Mudanças recentes', 'Página aleatória', 'Ajuda', 'Ferramentas', 'Páginas afluentes', 'Mudanças relacionadas', 'Páginas especiais', 'Versão para impressão', 'Ligação permanente', 'Informações da página', and 'Citar esta página'.

Fonte: Dicionário de Favelas Marielle Franco (2020).

Da mesma forma que o Dicionário de Favelas, o projeto *Povos Indígenas do RN* — coordenado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e dedicado aos sete povos indígenas do estado (POVOS INDÍGENAS DO RN, 2020) — já existia antes da pandemia, mas articulou um acervo especial para tratar do tema. Em relação à Covid-19, a iniciativa possui uma plataforma independente de monitoramento sistemático do avanço da doença nas aldeias, contando com gráficos, tabelas e mapas interativos inéditos vinculados ao Google Maps (Imagem 4 e Imagem 5). Além disso, o acervo conta com um levantamento de páginas da internet, uma retrospectiva histórica do enfrentamento da doença pelos indígenas e indicações de canais para contribuição com as comunidades. O *Povos Indígenas do RN* não se utiliza da técnica de *crowdsourcing*. Entretanto, os recursos digitais da construção e visualização de seu acervo original qualificam-no como um recurso ímpar para o estudo da Covid-19 sobre povos indígenas. Ainda que com traços de um arquivo formal, a iniciativa potiguar destaca-se como um arquivo informal por custodiar documentos residuais das instâncias arquivísticas tradicionais, mesmo que sob a iniciativa de acadêmicos.

**Imagem 4 - Mapeamento da Covid-19 nas aldeias indígenas do Rio Grande do Norte**



Fonte: Povos indígenas do RN (2020).

**Imagem 5 - Mapeamento da Covid-19 nas aldeias indígenas do Rio Grande do Norte**

RIO GRANDE DO NORTE					
ALDEIAS	CIDADE	SUSPEITOS	CONFIRMADOS	ÓBITOS	RECUPERADOS
Tapuia Paiaçu - Tapuia Paiaçu	Apodi	0	0	0	0
Caboclos (Caboclos)	Assú	0	1	1	0
Sagi (Potiguara)	Baía Formosa	0	1	0	1
Sagi Trabanda (Potiguara)	Baía Formosa	0	1	0	1
Jacu (Potiguara)	Baía Formosa	0	0	0	0
Catu (Potiguara do catu)	Canguaretama/Goianinha	0	17	0	17
Góis (Potiguara)	Jardim de angicos	0	0	0	0
Cachoeira/Nova Descoberta (Potiguara)	Jardim de angicos	0	0	0	0
Amarelão (Potiguara)	João Câmara	0	4	0	4

Fonte: Povos indígenas do RN (2020).

Ao historiador interessado no estudo da Covid-19, é inescapável a passagem por esses acervos. Considerando-se os critérios e o teor documental de arquivos tradicionais brasileiros — sem falar de arquivos formais de países desenvolvidos — a experiência das favelas, de aldeias indígenas ou o cotidiano íntimo de cidadãos



que compartilham seus registros via *crowdsourcing* tenderiam a perecer. Quanto à titularidade e aos responsáveis pelas iniciativas, nota-se uma importante presença de instituições públicas, por meio de arquivos, museus e universidades. Há também ambiciosas iniciativas de organizações da sociedade civil e de pessoas comuns, que procuram cultivar coleções de forma independente e desvinculada de critérios arquivísticos institucionalizados, o que impõe desafios à acessibilidade seja em relação à política de privacidade das plataformas, seja na viabilidade de recursos para armazenamento e acesso dessas coleções. Diferentes técnicas são empregadas na configuração dos acervos, do *crowdsourcing* aos que produzem conteúdos autônomos, como textos, gráficos e dados estruturados para análise de especialistas. Em todos os casos, emerge o sentido de disputa de narrativas e modulação de memórias veiculado no arquivo digital, que, em sua manifestação nato-digital e informal, atua como concorrente da hegemonia das políticas patrimoniais e arquivísticas tradicionais. Ainda que a compreensão desses arquivos envolva um esforço etnográfico individualizado, a prevalência do uso da técnica de *crowdsourcing* tem produzido um panorama social mais ou menos uniforme e imposto desafios compartilhados por boa parte das iniciativas no país.

## A PRODUÇÃO DE REGISTROS DA PANDEMIA VIA CROWDSOURCING NO BRASIL

Ainda que se trate de uma análise preliminar, é possível delinear alguns aspectos que têm marcado essa produção de registros durante a pandemia. A principal situação social para se considerar é a medida da quarentena — adotada globalmente, mas com diferenças importantes para cada país e a cada contexto social. Até o momento, a condição de quarentenados tem sido a experiência central na produção desses documentos digitais, ainda que a experiência direta com a doença oriente parte dos projetos, como em *Inumeráveis* (PAVONI, [2020]). Temas como “confinamento”, “isolamento” e “quarentena” são chave para justificar e delimitar os projetos de coleta de registros. O já mencionado *Testemunhos do Isolamento* (AGCRJ, [2020]) descreveu a nova situação pelo “longo do período de isolamento social/quarentena” e na sua nova rotina. O coordenador do projeto *Sonhos confinados* (IANNINI, 2020) — que propõe coletar relatos de sonhos —, professor de psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais Gilson Iannini, justifica a escolha da palavra “confinados” pois teria soado:

[...] atraente pela riqueza semântica, pela ambiguidade inerente a ela, que pra nós, psicanalistas, é uma vantagem. Estamos confinados, muitos de nós em casa; mas os sonhos também, no sentido dos projetos, ambições, planos, desejos que também foram suspensos (IANNINI, 2020, p. 104).

Há diversas iniciativas que trabalham a quarentena como condicionante central de certas práticas, como é caso de *Memórias de Quarentena* (ADUFC-Sindicato, 2021), que busca reunir um conjunto de textos de professores e atores sociais sobre as mudanças, enfrentamentos e tensões sociais em decorrência do isolamento e dos efeitos sociais da pandemia, e *Escola em quarentena* (BAZZO, 2020), que recolhe



relatos via grupo privado no *Facebook* de professores, alunos, profissionais de ensino, pais, mães e familiares sobre a vida cotidiana na pandemia.

As políticas de distanciamento social exigiram das instituições mais tradicionais, como museus e arquivos públicos e privados, mudanças tanto no uso de novas ferramentas digitais, comunicacionais, nas ações de publicização do material recebido como também nas ações frente à pandemia. Como discutido, a infraestrutura de arquivos digitais brasileiros é instável e precária, carecendo de políticas de digitalização e gestão de arquivos nato-digitais e de formas de financiamento estáveis. Seria possível que a urgência dos arquivos digitais da Covid-19 impulsionasse discussões no âmbito de arquivos públicos até então estagnados na definição de políticas digitais? Em entrevista ao Centro de Humanidades Digitais da Unicamp, os organizadores do projeto *Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul* (RIO GRANDE DO SUL, [2020]), Clarissa Sommer e Rodrigo Weimer entendem que sim. A iniciativa, que congrega diversas instituições e é centralizada no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul, fez emergir questões importantes do universo arquivístico digital que, até então, não tinham sido encaradas — de parcerias institucionais à necessidade de estabelecimento de repositórios digitais confiáveis para a preservação de documentos nato-digitais.

Outras iniciativas, já mais familiarizadas ao meio digital, sentiram o impacto da Covid-19 no teor das suas coleções e atuações. Criado em 1991, o *Museu da Pessoa* (MUSEU DA PESSOA, [2020]) iniciou uma coleta de histórias de vida via internet, denominado de “espaço digital” em 1997. Em relação à pandemia, o Museu da Pessoa vem recebendo inúmeros relatos e histórias através do projeto “Conte sua História”. Um outro exemplo é o *Museu da Maré* (MUSEU DA MARÉ, 2021), que também já aliava meio digital e participação comunitária na produção de material bem antes da pandemia. Desde 1997, o museu busca valorizar as histórias dos moradores locais com exposições de vídeos, relatos orais, histórias de vida e objetos doados pelos próprios moradores. O Museu da Maré atingiu notoriedade nacional e internacional, tensionando a própria ideia de museu e coleção (FREIRE-MEDEIROS, 2006). Com o início da pandemia, o museu fechou para visitação. No entanto, a coleta de documentos prosseguiu, com a utilização de ferramentas digitais como formulários Google e WhatsApp.

Em projetos específicos criados para a pandemia, a condição digital de praticamente todos os processos não é posta em questão, mas ela se faz visível na busca de estratégias para vencer os desafios da produção de registros no contexto da quarentena. O recrutamento tem sido um dos principais desafios, já que o contexto de quarentena, especialmente nos períodos de fechamento mais duro das atividades, inviabilizou a ida a campo. Christine Ridarsky, presidente do Conselho da Association of Public Historians of New York State, atribuiu a essa inviabilidade a chamada por voluntários para produção de relatos (A NEW YORK MINUTE IN HISTORY, 10 abr. 2020). No Brasil, o recrutamento em geral foi feito por chamadas públicas, com uso prioritário das redes sociais, e, em alguns casos de projetos dirigidos por instituições maiores, com chamadas por meio de reportagens em jornais impressos, telejornais e portais de notícias. No caso de projetos de laboratórios de pesquisa ou comunitários, o uso da rede pré-existente de contatos foi a principal estratégia de recrutamento, como ocorreu nos projetos *Literatura Comunica* (LITERATURA COMUNICA, [2020]), *Aqui no meu quintal* (URBANO-IFCS/UFRJ, [2020]) e *Observatório Covid CEMI* (OBSERVATÓRIO COVID, [2020]). O projeto *Relatos da Pandemia* (RELATOS DA

PANDEMIA, 2020) desenvolvido no âmbito do campus de São Carlos do Instituto Federal Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, oferece aos participantes assessoria técnica e metodológica para a produção de relatos, deixando a linguagem (vídeo, áudio, desenho, pintura, texto, quadrinhos e outros) à escolha do colaborador. Outro exemplo é o projeto desenvolvido pelo Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, *Relatos Sobre a Pandemia* (IFNMG, 2020), que solicita aos participantes que acessem um repositório online compartilhado e, a partir de certas informações, enviem relatos. O desenvolvimento de pequenos tutoriais, que não são apenas técnicos, mas também de estratégia de observação, responde ao aumento da responsabilidade de não especialistas na produção de registros.

A proliferação de autorregistros, evidente na cultura midiática mais ampla, foi um processo que teve como catalisador a condição de quarentena, mas que tem sido uma tendência vinculada à disponibilização de dispositivos individuais de registros digitais, como os *smartphones* (LEMOS, 2007). Ainda que se considere que haja um “mito da multidão amadora” (BRABHAM, 2012), a incorporação de novos setores no processo de produção e coleta de registros significa a consolidação de uma tendência à democratização dos registros para suporte de uma memória social. A tecnologia social de *crowdsourcing* é um indicativo dessa continuidade, que já estava consolidada como forma de coleta de registros e passou a ser usada em larga escala nos arquivos da Covid-19. Com a pandemia, várias instituições arquivísticas debutaram em projetos de *crowdsourcing*, projetos formaram “observadores” de registros para a construção de memória, e se criou um contexto para uma maior popularização da prática arquivística.

A centralidade da experiência da quarentena coloca questões relativas à representatividade do material que estará armazenado e disponibilizado no futuro. Se no *crowdsourcing* podemos ver uma prática que carrega demandas de democratização da memória, o contexto tão único da pandemia impõe questões à ideia de uma afinidade imediata entre esses dois termos. A vocação do *crowdsourcing* a formar uma alternativa ou oposição à memória oficial não deve nos fazer menosprezar os pontos cegos que podem estar sendo criados. A experiência da quarentena é desigualmente vivida<sup>1</sup> e isso fica evidente quando analisados os projetos direcionados às experiências dos moradores de periferias, favelas ou pessoas em situação de rua. Em sua maioria, são projetos que, ao relatar o cotidiano nesses territórios, tratam de denunciar a falta e a dificuldade que os moradores vêm tendo ao enfrentar os efeitos da pandemia. Ausência do poder público e descaso com a vida são a tônica dos relatos desses projetos. Por exemplo, o projeto *Radar Covid-19 Favelas* (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, [2020]), no Rio de Janeiro, tem reunido relatos de Agentes Comunitários de Saúde para fazer um levantamento das condições dos moradores frente à pandemia e os processos de atendimento à população. O *Painel Unificador Covid-19* (COMUNIDADES CATALISADORAS *et. al.*, 2020) busca reunir dados de contágio da doença em 27 complexos e favelas do município do Rio de Janeiro (Imagem V). O projeto *Pandemia na Rua* (DSC/UNICAMP, 2020) de Campinas — conduzido por um grupo de pesquisadores da Unicamp —, recolhe memórias e narrativas dos trabalhadores e viventes da rua que enfrentam cotidianamente o perigo do contágio frente às necessidades do trabalho ou da falta de moradia. Também colaborativamente,

---

<sup>1</sup> Segundo o Datafolha, o período em que o isolamento (total ou parcial) foi mais intenso ele chegou a 72% da população, em abril de 2020 (ADESÃO..., 19 ago. 2020).

a iniciativa *Laboratório Emergência Covid-19* (LABORATÓRIO EMERGÊNCIA, [2020]), no Rio de Janeiro, procura soluções para problemas decorrentes da pandemia em regiões de favelas e áreas rurais. Tais projetos apontam para experiências desiguais, e seus registros são também denúncias e pedidos de auxílio para o enfrentamento da Covid-19 e de seus desdobramentos.

Imagem 6 - Painel Unificador COVID-19 nas favelas



Fonte: Comunidades catalisadoras *et. al.* (2020).

O foco no autorrelato coloca uma segunda camada de particularidade. À tendência de, na coleção do material desses projetos, haver um privilégio à experiência de quem viveu a quarentena, adiciona-se a de que as vidas e olhares registrados são majoritariamente das pessoas que se engajaram nesses projetos. Ocorre o mesmo que afirma Melissa Terras sobre os projetos de *crowdsourcing* de patrimônio cultural que “não são sobre massas anônimas de pessoas, eles são sobre participação convidada entre aqueles que estão interessados e engajados” (TERRAS, 2016, p. 423, tradução nossa). Se estamos diante do evento de maior impacto coletivo na história recente, o grupo de engajados é ele mesmo uma multidão, mas não deixa de ser uma multidão engajada em comparação a outra parte maior ainda, mas não engajada. Esse aspecto deve ser observado pois adiciona questões de gênero, classe e renda, além de tensões culturais e geográficas ao material que vem sendo coletado.

Os projetos com foco na produção de testemunhos, diários e relatos partem da existência da cultura da escrita de si. Imediatamente, podemos pensar no caráter limitador dos projetos com foco na escrita, considerando as desigualdades sociais relativas ao letramento.<sup>2</sup> A preocupação com esse fator limitador tem produzido uma

<sup>2</sup> A preferência pela escrita contradiz a cultura arquivística dos acervos digitais informais brasileiros, que costumam privilegiar documentos iconográficos — principalmente em acervos de redes sociais —, como demonstra a investigação de Nicodemo, Silveira e Marino (2021).

abertura a materiais de outras mídias. Ainda que seja perceptível que projetos com referenciais da escrita compartilhem essa preocupação, abrindo a possibilidade de envio de imagens, áudios e vídeos, por evocar a prática do diário, do testemunho, e por terem como interface tecnológica plataformas que privilegiam a escrita, como o e-mail ou formulário online, vieses de classe, renda e de gênero devem ser investigados. A escrita íntima que marca essa produção culturalmente é mais frequente entre as mulheres (RAOUL, 1989). Em uma apresentação sobre o projeto do Arquivo da Cidade do Rio de Janeiro, Beatriz Kushnir (2020) afirma que se tem registrado uma maioria de mulheres. Essa realidade é também relatada por Ana Carolina Maciel (2020), coordenadora da iniciativa *Memórias Covid-19* (MEMÓRIAS COVID-19, c2021), da Unicamp e por Sommer e Weimer (RIO GRANDE DO SUL, [2020]), do já mencionado *Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul*. A mesma tendência pode ser vista no projeto de relatos *Relatos do cotidiano durante a pandemia*, com 71% relatos de mulheres (GAJANIGO; SOUZA, 2021).

Portanto, dois aspectos precisam ser observados sobre esse material. Ao mesmo tempo que ele pode carregar barreiras culturais no que se refere ao letramento e à prática da escrita reflexiva, ele é um tipo de escrita afim à condição subalterna. Se concordamos com Marilda Ionta (2011) de que a escrita de si pode ser entendida como uma literatura menor — no sentido dado por Deleuze e Guattari —, essas marcas permitem dar acesso a narrativas desviantes, que produzem inconsistências significativas à memória oficial. Numa linha benjaminiana, como sugere Seligmann-Silva (2018, p. 140), a escrita de si, que trata do ordinário e do cotidiano, em seu componente de subalternização frente a uma escrita oficial e uma memória social chancelada hegemonicamente, possibilitaria a “recuperação da memória/identidade dos excluídos que agora reclamam o seu direito de voz”.

Há, também, aspectos mais sutis que parecem marcar a produção dos registros. O foco no olhar da janela/varanda reforça uma experiência da pandemia vivida no isolamento social e numa condição em que o autor do registro a observa de fora (LEFEBVRE, 2004). Esse foco também marca a centralidade da visão em relação à audição. Se considerarmos que na vida urbana há uma distribuição desigual do que pode ser visto e ouvido de casa, projetos focados na paisagem sonora, como o *Dinâmicas sociais e suas sonoridades: a percepção da paisagem sonora de São Luís durante a pandemia de Covid-19* (GRUPO DE PESQUISA EM ESTRATÉGIAS AUDIOVISUAIS NA CONVERGÊNCIA, 2020), podem oferecer outros pontos de registro. Alternativo ao paradigma da janela, o projeto *Aqui no meu quintal*, do Laboratório de Estudos Urbanos da UFRJ, detalha que o quintal “pode ser sua casa, seu prédio, sua rua, sua vizinhança, seu bairro. Todas as histórias sobre como a doença está afetando a vida no lugar onde você mora nos interessam” (URBANO–IFCS/UFRJ, [2020]).

Em estudo sobre um grupo de produção e coleta de relatos no *Facebook*, Gajanigo e Souza (2021) apontaram para alguns aspectos emocionais como marcas desses relatos. Uma certa sintonia emocional entre propositores e produtores dos registros em torno de uma expectativa de um trauma coletivo pode ser vista como uma das características desses materiais coletados. Nesse sentido, pode-se perguntar como esses registros irão imprimir as emoções envolvidas na experiência da pandemia de Covid-19. O quão melancólico será esse material, o quanto de ódio ou medo (KOURY, 2020) ficará registrado, mas também como — ou, se — estará presente a indiferença, a negação do risco e a desconfiança em relação às políticas sanitárias.

Como sugeriu Beatriz Kushnir (2020), os vários pontos cegos que podem estar sendo produzidos têm sido em parte minimizados pelos próprios projetos, que vão se reorientando durante o curso do trabalho e por outras iniciativas que vão surgindo em busca daquilo que pode estar sendo ignorado. Considerando a pandemia como fenômeno global, a busca pelos registros representativos de sua diversidade tem sido possível pela multiplicidade de projetos e ferramentas. Nesse sentido, a construção de uma memória democrática do período depende da configuração de uma articulação entre esses agentes para identificação de desafios coletivos comuns, como parece ser o caso da dificuldade de se ter os registros daqueles que não partem da pandemia como experiência justificadora de registro. Que marcas e sobras das práticas podem ser coletadas e quem ajudará a contá-las?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses apontamentos, longe de pretender esgotar o tema, indicam que os problemas da transformação arquivística digital vão além dos dilemas infraestruturais da digitalização de acervos estatais ou privados. A proliferação de arquivos informais e o crescente interesse de instituições em coletá-los ou até de fazer uso de elementos “pouco formais” de coleta direta têm relação estreita com o processo de digitalização da vida cotidiana, especialmente no que se refere à propensão das plataformas de redes sociais como *Instagram* e *Facebook* na produção automatizada de coleções. É possível que muitas das iniciativas aqui destacadas não sigam adiante, enquanto outras, que não identificamos, possam emergir com sucesso. De todo modo, esses casos são válidos para que se retorne à hipótese de que os arquivos digitais não são somente imprescindíveis à escrita da história da Covid-19 como são eixos centrais para o questionamento dos critérios teóricos, metodológicos e políticos para a construção de uma história global da pandemia e das políticas de memória digitais no Brasil.

A experiência de arquivamento da Covid-19 no Brasil revela amplo potencial para uma revisão crítica aos parâmetros valorativos de registro e preservação de evidências do período. O que seria um arquivo valioso às imposições históricas da pandemia? O registro cotidiano, a capilaridade da colaboração via redes sociais, o acesso aos relatos de agentes históricos anônimos voluntariamente dispostos a cederem documentos a essas iniciativas caracteriza ricos recursos arquivísticos àqueles que buscarem compreender esse cenário. A emergência de projetos arquivísticos informais, entretanto, não se limita à iniciativa e agência espontânea de novos personagens, agindo por conta própria no meio digital. Mesmo instituições de memória consolidadas, como universidade e arquivos estatais, têm recorrido a essas estratégias, por mais que as ferramentas de coleta e custódia apresentem um grau de informalidade e incerteza estranho às trajetórias arquivísticas mais formais. De certo modo, portanto, a experiência de arquivamento da Covid-19 é um indício de uma transformação arquivística no século XXI, na qual o digital emerge como eixo central.

Como apontou Dipesh Chakrabarty (2020), pode-se considerar a pandemia como o mais global dos acontecimentos da história, pela dimensão biológica devastadora que atingiu a toda a humanidade em um momento em que as condições tecnológicas comunicacionais já permitiam a interlocução global dessa experiência. Nesse sentido, a capacidade de reação e formulação de recursos arquivísticos para a preservação das evidências viu-se face a um desafio inédito, que também se mostrou como uma

oportunidade. Como registrar e preservar as experiências daqueles que, na estrutura arquivística convencional, pereceriam no tempo? O desafio da história global face ao mais global dos acontecimentos passa por esse dilema. À pandemia de Covid-19, o arquivamento informal aparenta ser uma forma de preservação das evidências efetiva, embora haja desafios importantes na compreensão dos critérios, ferramentas e agentes envolvidos na sua viabilização. O panorama brasileiro mostra-se de alguma forma periférico ou pouco importante em termos de potenciais arquivos digitais da Covid-19? Certamente não. As experiências plurais, criativas e até então bem-sucedidas dos arquivos brasileiros tensionam a percepção da experiência regional como um espaço periférico e menos importante em termos globais. Com efeito, é seguro dizer, por exemplo, que sem o impulso de arquivamento informal dessas iniciativas não haveria registros duradouros da pandemia nas favelas e comunidades de periferias urbanas brasileiras — que, aliás, compõem grande parte da população do país. Enfrentando o arquivo digital como um problema da história global, a experiência brasileira tensiona as concepções de posição periférica ou coadjuvante em relação a um pretense centro europeu, estadunidense ou de países desenvolvidos no geral.

A história da Covid-19 deverá implicar uma reestruturação institucional do conhecimento (CONRAD, 2017), e assim poderá eleger o Brasil, a América Latina e outros lugares considerados periféricos enquanto eixos centrais de análise, pela intensidade e dramaticidade com que essas populações viveram a pandemia. A mudança de perspectiva geográfica não basta por si, pois também deve considerar uma mudança substantiva de ponto de vista a partir do qual a história é contada (RIOJAS; RINKE, 2017). Este será então o paradoxo último dos nossos tempos: independentemente do local, as histórias são globais em seu ímpeto em direção a uma desigualdade social crescente e acelerada. Por consequência, nos lugares onde a desigualdade é vivida de forma mais dramática, como no Brasil, existe maior potencial para produção de histórias de valência global. No entanto, o paradoxo se redobra, pois, a invisibilidade e a precarização crescentes também geram falta de recursos para que as histórias sejam adequadamente registradas e contadas. Assim será necessário incorporar os problemas de justiça social nos e dos arquivos, numa luta que será invariavelmente por memória justa e reparação dos entes públicos e privados corresponsáveis pelo maior desastre dos nossos tempos.

## REFERÊNCIAS

A NEW YORK MINUTE IN HISTORY: Documenting a pandemic in real time. Entrevistadores: Devin Lander e Lauren Roberts. Entrevistados: Christine Ridarsky e Matthew Urtz. Albany: WAMC Podcasts, 10 abr. 2020. Podcast. Disponível em: <https://wamcpodcasts.org/podcast/documenting-a-pandemic-in-real-time-a-new-york-minute-in-history/>. Acesso em: 30 jul. 2020.

ADESÃO ao isolamento social cai, diz Datafolha. G1, Rio de Janeiro, 19 ago. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/08/19/adesao-ao-isolamento-social-cai-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 23 dez. 2020.



ADUFC-Sindicato. Sindicato dos Docentes das Universidades Federais do Estado do Ceará. Memórias de quarentena. Fortaleza, 2021. Disponível em: <http://adufc.org.br/memorias-de-quarentena/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

ALBUQUERQUE, Durval Muniz de, Júnior. O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da história, São Paulo: Intermeios, 2019.

ALVES, Daniel Ribeiro. As Digital Humanities como uma comunidade de práticas: entrevista com o professor Daniel Alves (IHC/NOVA FCSH). [Entrevista cedida a] Israel Aquino. Aedos, Porto Alegre, v. 12, n. 26, p. 740-761, ago. 2020.

ARQUIVO GERAL DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO (AGCRJ). Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. Testemunhos do isolamento. Rio de Janeiro, [2020]. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/arquivogeral/testemunhos-do-isolamento>. Acesso em: 3 dez. 2020.

AUERBACH, Adam. Informal archives: historical narratives and the preservation of paper in India's urban slums. *Studies in Comparative International Development*, New Brunswick, v. 53, n. 3, p. 343-364, set. 2018.

BARICHELLO, Eugênia; CARVALHO, Luciana. Entendendo as mídias sociais digitais a partir da ideia McLuhaniana de medium-ambiência. *MATRIZES*, São Paulo, v. 7, n. 1, p. 235-246, jan./jun. 2013.

BAZZO, Juliane [blog Primavera nos dentes]. Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais. Grupo Privado, 554 membros. Facebook [EUA]. [Criado] 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/614331212485382/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BAZZO, Juliane. [Blog Primavera nos dentes]. Escola em quarentena: um registro antropológico de memórias educacionais. Grupo Privado, 554 membros. Facebook [EUA]. [Criado] 21 abr. 2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/groups/614331212485382/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

BELLOTTO, Heloísa L. Arquivos permanentes: tratamento documental. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BRABHAM, Daren C. The myth of the amateur crowd. *Information, Communication & Society*, London, v. 15, n. 3, p. 394-410, 2012.

BRIDGING, The IFPH–FIHP Blog [Editorial]. International Federation For Public History–Fédération Internationale pour l'Histoire Publique (IFPH-FIHP). Mapping public history projects about COVID 19. Marselha: Hypotheses.org. [OpenEdition]. Publicado em 31 ago. 2020. Disponível em: <https://ifph.hypotheses.org/3276>. Acesso em: 20 jan. 2021.

BRÜGGER, Niels; SCHROEDER, Ralph (ed.). *The Web as History: Using Web Archives to Understand the Past and the Present*. Londres: UCL Press, 2017.





BUSA, Roberto, S. J. Index Thomisticum. Corpus Thomisticum. Dirigido pelo Prof. Enrique Alarcón, Pamplona: Universidad de Navarra, Departamento de Filosofía, Fundación Tomas de Aquino, 2005. Disponível em: <http://www.corpusthomisticum.org/it/index.age>. Acesso em: 10 jan. 2021.

CHAKRABARTY, Dipesh. An era of pandemics? what is global and what is planetary about COVID-19. *Critical Inquiry*, Chicago, 16 out. 2020. Disponível em: <https://critinq.wordpress.com/2020/10/16/an-era-of-pandemics-what-is-global-and-what-is-planetary-about-covid-19>. Acesso em: 3 dez. 2020.

COMUNIDADES CATALISADORAS et. al. Painel Unificador Covid-19 nas Favelas, 2020. [www.favela.info](http://www.favela.info) Painel unificador COVID-19. Disponível em: [https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73cd7///?fbclid=IwAR-1nIKirS\\_3KkGaPefTVoLulZMRn6Cbgo7NBoWbdQVPmEeddm7xXk0Zt0z0](https://experience.arcgis.com/experience/8b055bf091b742bca021221e8ca73cd7///?fbclid=IwAR-1nIKirS_3KkGaPefTVoLulZMRn6Cbgo7NBoWbdQVPmEeddm7xXk0Zt0z0). Acesso em: 22 dez. 2020.

CONRAD, Sebastian. Historia Global: agendas y perspectivas. In: RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan (org.). *Historia Global: perspectivas y tensiones*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz, 2017. p. 28-39.

CONRAD, Sebastian. *What is Global History?* Princeton: Princeton University Press, 2016.

COOK, Terry. O passado é prólogo: Uma história das ideias arquivísticas desde 1898 e a futura mudança de paradigma. In: HEYMANN, Luciana; NEDEL, Letícia. *Pensar os arquivos: uma antologia*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2018. p. 17-83.

COVID-19 in Latin America: a humanitarian crisis [Editorial]. *The Lancet*, Oxford, v. 396, n. 10261, p. 1463, nov. 2020. Disponível em: [https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736\(20\)32328-X/fulltext](https://www.thelancet.com/journals/lancet/article/PIIS0140-6736(20)32328-X/fulltext). Acesso em: 9 dez. 2020.

DAVIS CENTER [The Davis Center for Russian and Eurasian Studies], Cambridge, Universidade de Harvard. *The Imperia Project: maps. data. questions. notes. insight*. 2018. Disponível em: <https://imperia.omeka.fas.harvard.edu/about>. Acesso em: 26 maio 2021.

DEPARTAMENTO DE SAÚDE COLETIVA/UNICAMP (DSC/UNICAMP). *Pandemia na rua. Estudo avaliativo do enfrentamento à Covid-19 realizado por equipes de Consultório na Rua no Brasil*. Campinas, [Atualizado] 20 out. 2020. Disponível em: <https://sites.google.com/dac.unicamp.br/pandemianarua/p%C3%A1gina-inicial>. Acesso em: 3 dez. 2020.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DICIONÁRIO DE FAVELAS MARIELLE FRANCO. *Coronavírus nas favelas*. Rio de Janeiro, 1 jun. 2020. Disponível em: [https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus\\_nas\\_favelas](https://wikifavelas.com.br/index.php?title=Coronav%C3%ADrus_nas_favelas). Acesso em: 3 dez. 2020.

FICKERS, Andreas. Towards a new digital historicism? doing history in the age of abundance. *Journal of European History and Culture*, Oxford, v. 1, n. 1, p. 19-26, 2012.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1986.

FREIRE-MEDEIROS, Bianca. Favela como patrimônio da cidade? Reflexões e polêmicas acerca de dois museus. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 38, p. 49-66, jul./dez. 2006.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (Fiocruz). Radar COVID-19 favelas. In: *Observatório Covid-19: informação para ação*. Rio de Janeiro: Fiocruz, [2020]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>. Acesso em: 22 dez. 2020.

GAJANIGO, Paulo; SOUZA, Rogério. A Pandemia e o Ordinário: apontamentos sobre a afinidade entre experiência pandêmica e registros cotidianos *Estado e Sociedade*, Brasília, v. 36, n. 1, p. 37-60, jan./abr. 2021.

GONZÁLEZ-PADILLA, Daniel; TORTOLERO-BLANCO, Leonardo. Social media influence in the COVID-19 Pandemic. *International Brazilian Journal of Urology*, Rio de Janeiro, v. 46 (Supl. 1), p. 120-124, jul. 2020.

GRUPO DE PESQUISA EM ESTRATÉGIAS AUDIOVISUAIS NA CONVERGÊNCIA (G-Peac). Núcleo de Estudos em Estratégias de Comunicação, Universidade Federal do Maranhão (Neee-UFMA). Pesquisadores aplicam questionário sobre a sonoridade ludovicense durante a pandemia [Notícia]. Questionário: Dinâmicas sociais e suas sonoridades: a percepção da paisagem sonora de São Luís durante a pandemia de Covid-19]. São Luís, 30 jun. 2020. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=56522>. Acesso em: 3 dez. 2020.

GULDI, Jo; ARMITAGE, David. *The History Manifesto*. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

IANNINI, Gilson. Sonhos confinados: uma pesquisa sobre a vida onírica no contexto de uma pandemia. [Entrevista cedida ao] Corpo editorial. *Mosaico: Estudos em Psicologia*, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 103-113, 2020.

IFNMG – Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (Teófilo Otoni). Ministério da Educação. Relatos sobre a pandemia. 2020. Disponível em: <https://ifnmg.edu.br/mais-noticias-teofilo-otoni/565-teofilo-otoni-noticias-2020/23875-projeto-narrativas-possuais-convida-para-relatos-da-pandemia>. Acesso em: 3 dez. 2020.

IONTA, Marilda. A escrita de si como prática de uma literatura menor: Cartas de Anita Malfatti a Mário de Andrade. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 91-101, jan./abr. 2011.

IUMATTI, Paulo; NICODEMO, Thiago L. Arquivos pessoais e a escrita da história no Brasil: um balanço crítico. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 38, n. 78, p. 97-120, 2018.

JARVIS, Lee. Remember, remember, 11 September: memorializing 9/11 on the Internet. *Journal of War & Culture Studies*, Londres, v. 3, n. 1, p. 69-82, 2010.

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Covid-19 e as emoções: pensando na e sobre a pandemia. *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, João Pessoa, v. 19, n. 55, p.13-26, 2020.

KUSHNIR, Beatriz. Por um memorial da Covid-19. Youtube, Canal do Centro de Humanidades Digitais Unicamp. Campinas, 17 dec. 2020. 1 vídeo (2h43min) [entre 08:19 e 19:40 min]. Disponível em: <https://youtu.be/9SqQ-LF7nuA>. Acesso em: 22 dez. 2020.

LABORATÓRIO EMERGÊNCIA, COVID-19. 3ª ed. Inflexão: estratégias e novas narrativas. Resende: Silo, arte e latitude rural, [2020]. Disponível em: <https://labdeemergencia.silo.org.br/3ed/pt/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Rhythmanalysis: space, time and everyday life*. Londres: Continuum, 2004.

LE MOS, A. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). *Comunicação, Mídia e Consumo*, Porto Alegre, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2007.

LITERATURA COMUNICA. Um projeto de incentivo à leitura e comunicação popular. Rio de Janeiro: Literatura Comunica!, [2020] Disponível em: <https://literaturacomunica.com.br/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MACHADO, Renato; CARVALHO, Daniel; TEIXEIRA, Matheus; CANCIAN, Natália. Governo deixa de informar total de mortes e casos de Covid-19; Bolsonaro diz que é melhor para o Brasil. *Folha de São Paulo*, Brasília, 6 jun. 2020, Saúde. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/06/governo-deixa-de-informar-total-de-mortes-e-casos-de-covid-19-bolsonaro-diz-que-e-melhor-para-o-brasil.shtml?origin=folha>. Acesso em: 3 dez. 2020.

MACIEL, Ana Carolina. Por um memorial da Covid-19. 2020. Youtube, Canal do Centro de Humanidades Digitais Unicamp. Campinas, 17 dec. 2020. 1 vídeo (2h43min) [entre 08:19 e 19:40 min]. Disponível em: <https://youtu.be/9SqQ-LF7nuA>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MEMÓRIAS COVID-19. Plataforma online para compartilhamento de testemunhos sobre a pandemia. [S. l.]. Instagram: @memoriascovid19 [Perfil], c2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/memoriascovid19/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

MORETTI, Franco. *Distant reading*. Edinburgh: Verso, 2013.



MUSEU DA MARÉ. Rio de Janeiro: Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), 2020. Disponível em: <https://www.museudamare.org>. Acesso em: 22 dez. 2020.

MUSEU DA PESSOA. São Paulo: Instituto Museu da Pessoa.net, [2020]. Disponível em: <https://museudapessoa.org/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

NICODEMO, Thiago Lima; SILVEIRA, Pedro Telles; MARINO, Ian Kisil. Digital resources: digital informal archives in contemporary Brazil. Oxford Research Encyclopedia of Latin American History. Oxford: Oxford University Press, 2021. p. 1-24.

OBSERVATÓRIO COVID. Centro de Estudos de Migrações Internacionais (CEMI), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, [2020]. Disponível em: <https://cemiunicamp.com.br/observatorio-covid-19/>. Acesso em: 22 dez. 2020.

OPEN KNOWLEDGE BRASIL. Transparência COVID-19 2.0: dados abertos podem salvar vidas. Londres; São Paulo: Open Knowledge Foundation, 2020. Disponível em: <https://transparenciacovid19.ok.org.br/v2/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

PAVONI, Edson. INUMERÁVEIS: Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. [S. l.], [2020]. Disponível em: <https://inumeraveis.com.br/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

POVOS Indígenas do RN. Mapeamento das comunidades/aldeias indígenas do Rio Grande do Norte. Mapeamento das comunidades/aldeias indígenas do Rio Grande do Norte. 2020. CCHLA, Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <https://cchla.ufrn.br/povosindigenasdorn/index.html>. Acesso em: 11 dez. 2020.

RAOUL, Valerie. Women and Diaries: Gender and Genre. Mosaic: A Journal for the Interdisciplinary Study of Literature, v. 22, n. 3, p. 57-65, 1989.

RELATOS DA PANDEMIA: oficina de percepção e expressão em tempo de distanciamento social [notícia], 21 de maio de 2020. Disponível em: <https://scl.ifsp.edu.br/index.php/ultimas-noticias/845-relatos-da-pandemia-oficina-de-percepcao-e-expressao-em-tempo-de-distanciamento-social.html>. Acesso em: 22 dez. 2020.

RELATOS do cotidiano durante a pandemia. 2020. Facebook. Grupo Privado, 547 membros. Criado 9 mar. 2020. Disponível em: [https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/?\\_rdc=2&\\_rdr](https://www.facebook.com/groups/2261561834146786/?_rdc=2&_rdr). Acesso em: 22 dez. 2020.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. Arquivo Público do Estado (APERS). Projeto Documentando a experiência da COVID-19 no Rio Grande do Sul: você vive a história em tempo real, colabore para registrá-la. Organizado por Clarissa Sommer e Rodrigo Weimer. Porto Alegre: APERS, [2020]. Disponível em: <https://www.apers.rs.gov.br/documentando-covid19-rs>. Acesso em: 22 dez. 2020.

RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan. Estudio Introductorio. In: RIOJAS, Carlos; RINKE, Stefan (org.). *Historia Global: perspectivas y tensiones*. Stuttgart: Hans-Dieter Heinz, 2017. p. 7-26.

ROSENZWEIG, Roy. *Clio Wired: the future of the past in the digital age*. Nova Iorque: Columbia University Press, 2011.

ROUDINESCO, Elisabeth. *A análise e o arquivo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SABHARWAL, Arjun. *Digital curation in the digital humanities: preserving and promoting archival and special collections*. Waltham: Chandos Publishing, 2015.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *O local da diferença: Ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34, 2018.

TERRAS, M. Crowdsourcing in the digital humanities. In: SCHREIBMAN, S.; SIEMENS, R.; UNSWORTH, J. (ed.). *A new companion to digital humanities*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2016. p. 420-439.

URBANO, Laboratório de Estudos da Cidade. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS/UFRJ). *Aqui no meu Quintal*. Rio de Janeiro, [2020]. Disponível em: <https://mapacolaborativo.org.br/universidade/urbano-laboratorio-de-estados-da-cidade-ufrj-aquinomeuquintal/>. Acesso em: 3 dez. 2020.

VALENTE, Mariana Giorgetti. Introdução: Notas gerais sobre a digitalização de acervos no Brasil. In: FREITAS, Bruna Castanheiras de; VALENTE, Mariana Giorgetti. *Memórias digitais: o estado da digitalização de acervos no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2017. p. 7-55.

VARAL DE EMOÇÕES. Diário virtual sobre o período do Covid na favela da Rocinha, criado por duas moradoras! Rio de Janeiro. Instagram: @varaldeemocoes [Perfil], 2021. Disponível em: <https://www.instagram.com/varaldeemocoes/>. Acesso em: 18 jun. 2021.

WESLEY COTA, Phd. Website do autor. Viçosa, [2020]. Disponível em: <https://wesleycota.com/> Acesso em: 23 jan. 2021.

WIMMER, Mario. The Present as Future Past: anonymous history of historical times. *Storia della Storiografia*, Pisa, v. 68, n. 2, p. 165-184, 2015.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Ian Kisil Marino. Rua Maracaí, 242, 01534-030, São Paulo, SP, Brasil.



### **CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA**

Concepção e elaboração do manuscrito: I. K. Marino; P. R. Gajanigo; R. F. de Souza; T. L. Nicodemo  
Coleta de dados: I. K. Marino; P. R. Gajanigo; R. F. de Souza; T. L. Nicodemo  
Análise de dados: I. K. Marino; P. R. Gajanigo; R. F. de Souza; T. L. Nicodemo  
Discussão dos resultados: I. K. Marino; P. R. Gajanigo; R. F. de Souza; T. L. Nicodemo  
Revisão e aprovação: I. K. Marino; P. R. Gajanigo; R. F. de Souza; T. L. Nicodemo

### **FINANCIAMENTO**

Não se aplica.

### **CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM**

Não se aplica.

### **APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA**

Não se aplica.

### **CONFLITO DE INTERESSES**

Não houve conflito de interesses.

### **DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS**

Os conteúdos subjacentes ao artigo estão nele contidos.

### **PREPRINT**

O artigo não é um preprint.

### **LICENÇA DE USO**

© Ian Kísil Marino, Paulo Rodrigues Gajanigo, Rogério Ferreira de Souza e Thiago Lima Nicodemo. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

### **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

### **EDITORES**

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)  
Tiago Kramer de Oliveira  
Waldomiro Lourenço da Silva Júnior

### **HISTÓRICO**

Recebido em: 28 de abril de 2021  
Aprovado em: 14 de junho de 2021


Como citar: MARINO, Ian Kísil; GAJANIGO, Paulo Rodrigues; SOUZA, Rogério Ferreira de; NICODEMO, Thiago Lima. Como contar a história da Covid-19? Reflexões a partir dos arquivos digitais no Brasil. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 558-583, maio/ago. 2021.



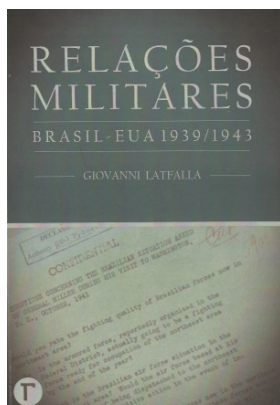
## UMA NEGOCIAÇÃO DIFÍCIL

A difficult negotiation

Wilson de Oliveira Neto<sup>a</sup>

 <https://orcid.org/0000-0002-6439-661X>  
E-mail: wilson.o@univille.br

<sup>a</sup> Universidade da Região de Joinville, Ciências Humanas e Biológicas, Curso de História, Joinville, SC, Brasil



LATFALLA, Giovanni. *Relações militares Brasil-EUA 1939/1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019. 324 p.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brasil. Relações Exteriores. Segunda Guerra Mundial.

**KEYWORDS:** Brazil. Foreign Relations. World War II.

**É** difícil imaginar, 75 anos após a vitória aliada na Europa, a vulnerabilidade militar dos Estados Unidos às vésperas do início da Segunda Guerra Mundial. Entre os anos de 1935 e 1939, por exemplo, o governo americano investiu somente 1,5 bilhão de dólares em suas forças armadas, enquanto o Reino Unido, a União Soviética e a Alemanha investiram, respectivamente, 2,5, 8 e 12 bilhões. Mesmo com o sinal de alerta disparado com a Crise dos Sudetos, em 1938, o Tio Sam demorou a iniciar seus preparativos para um novo conflito mundial iminente (LATFALLA, 2019).

Quando a administração federal do então presidente Franklin Delano Roosevelt (1882–1945) passou a considerar seriamente os Estados Unidos no cenário de uma nova guerra mundial, contudo, a história desse país, assim como das nações latino-americanas, em especial o Brasil, não foi mais a mesma.

A partir do momento em que o presidente estadunidense começa a se preocupar com a defesa do hemisfério ocidental é que o Brasil aparece no planejamento de guerra dos EUA como um importante aliado continental (LATFALLA, 2019, p. 37).

A importância estratégica do Brasil nos planos de defesa continental elaborados pelo governo norte-americano da época é conhecida por historiadores brasileiros e estadunidenses, a exemplo de Stetson Conn e Byron Fairchild (2000), segundo os quais a relevância do Nordeste brasileiro chegou a tal ponto que os americanos redigiram planos para uma possível invasão à região caso houvesse uma aliança militar entre Brasil e Alemanha.

Esse importante aliado, porém, também tinha os próprios planos políticos, assim como suas prioridades de defesa. Logo, uma aliança militar entre Estados Unidos e Brasil não seria forjada da noite para o dia, sendo o resultado de um processo que envolveu muita negociação, gerou bastante desconfiança e promoveu muita tensão entre as autoridades civis e militares de ambos os países.

Originalmente apresentado como uma tese de doutorado em ciência política no Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, o livro *Relações militares Brasil-EUA: 1939/1945*, de autoria do tenente-coronel Giovanni Latfalla, narra essa história. Por meio de uma documentação inédita consultada em instituições de guarda como o Arquivo Histórico do Exército (AHEx), localizado no Rio de Janeiro, e o National Archives and Records Administration (Nara II), em Maryland, nos Estados Unidos, Latfalla (2019) propõe uma nova interpretação histórica do processo de alinhamento militar brasileiro junto aos Estados Unidos.

Como constatou Vinicius Mariano de Carvalho (2019) no prefácio da obra, muito já foi escrito sobre as relações internacionais brasileiras durante as décadas de 1930 e 1940, a exemplo dos trabalhos de Frank McCann (1995) e Gerson Moura (1991). No entanto, pelo menos desde o começo da década de 2010, ocorre a ampliação e a renovação dos estudos históricos acerca das relações internacionais brasileiras, com ênfase em aspectos militares, antes e durante a Segunda Guerra Mundial, como nas pesquisas de Dennison de Oliveira (2015a; 2015b). O livro de Latfalla (2019) vai ao encontro desses e de outros estudos históricos, tendo como foco a negociação de uma aliança militar brasileira com os Estados Unidos entre os anos de 1939 e 1943.

O Brasil “teria sido subserviente às demandas propostas pelos estadunidenses, sendo, pois, um mero colaborador da política externa dos EUA?”, indaga Latfalla (2019, p. 1). A resposta é a tese defendida pelo autor, segundo a qual, “se o Brasil estivesse



em uma posição de alinhamento automático com as demandas estadunidenses, então o processo de negociação não teria sido marcado por tantas dificuldades e desconfiças” (2019, p. 1).

Latfalla (2019) defendeu sua tese ao longo de cinco capítulos, que analisam as diretrizes que orientaram a política externa dos Estados Unidos durante o período do entreguerras (1919-1939), a política de defesa do governo brasileiro no contexto da Era Vargas (1930-1945) e as longas, complexas e, em diversos momentos, frustrantes negociações entre os Estados Unidos e o Brasil no que concerne à defesa do hemisfério diante de uma inevitável Segunda Guerra Mundial.

Durante o entreguerras, o governo estadunidense adotou uma política de Estado de neutralidade diante dos conflitos militares internacionais, sobretudo europeus. A experiência americana na Primeira Guerra Mundial, a influência de concepções idealistas na política externa e a crença de que a projeção internacional dos Estados Unidos ocorreria por meio do poder econômico foram alguns dos fatores que orientaram essa política, que historicamente ficou conhecida como “isolacionista”. Nem os efeitos da Crise de 1929 nem os expansionismos alemão e japonês abalaram a crença compartilhada entre a elite política e a opinião pública americana no isolacionismo virtuoso. Somente a partir do fim da década de 1930 é que foi iniciada a mudança desse paradigma. A Crise dos Sudetos e a Conferência de Munique, em 1938, chamaram a atenção da administração Roosevelt para a necessidade de defender os Estados Unidos, assim como do próprio continente americano. Contudo, os anos de política isolacionista legaram aos americanos uma grande defasagem de suas forças armadas, principalmente quando comparadas com as demais potências da época. Para piorar a situação, desde o começo dos anos de 1930, a Alemanha fortalecia suas influências econômica, militar e política na América Latina (LATFALLA, 2019).

Foram nessas circunstâncias que o Brasil passou a fazer parte das preocupações das autoridades civis e militares estadunidenses responsáveis pelo planejamento da defesa continental. Na óptica dos Estados Unidos, a geografia brasileira, em especial o saliente nordestino, era de importância estratégica, pois, no caso de uma guerra contra a Alemanha, a região poderia servir de ponta de lança para uma invasão ao continente. Negociar uma aliança militar com o governo brasileiro era prioridade (LATFALLA, 2019).

A necessidade de uma cooperação militar entre o Brasil e Estados Unidos também era reconhecida pelas autoridades civis e militares brasileiras. A obsolescência das forças armadas do país durante a década de 1930 e a urgência de reequipá-las era um fato reconhecido pelo generalato brasileiro e serviram de moeda de troca para Getúlio Vargas obter o apoio militar que permitiu a instalação do regime estado-novista, em novembro de 1937. Contudo, para Latfalla (2019), esses fatos não significaram que o governo brasileiro aceitaria automaticamente uma aliança militar com os Estados Unidos. É a partir desse ponto que o estudo produzido pelo autor se torna inovador, mediante revisão de antigas certezas da historiografia especializada, a exemplo do já mencionado Gerson Moura (1991), e da revelação de novos detalhes sobre o processo de negociação de tal aliança.

Para Latfalla (2019), os governos brasileiro e estadunidense tinham visões distintas sobre a forma com a qual o Brasil estaria inserido no plano de defesa continental a ser seguido no caso de uma nova guerra mundial. Pelo viés dos Estados Unidos, a região Nordeste deveria ter prioridade, e, diante da carência de recursos humanos e materiais do Exército brasileiro, tropas americanas deveriam ser empregadas em

sua salvaguarda. Por outro lado, as autoridades militares e políticas brasileiras viam na Argentina a principal ameaça contra a segurança do país, sendo o Sul a região que deveria ser protegida, além de rechaçarem a possibilidade de forças terrestres estrangeiras serem empregadas na defesa país. Ademais, defendiam o emprego exclusivo de tropas nacionais, que deveriam ser equipadas com material bélico de origem americana.

A ênfase em defender o Sul era, na época, algo plausível, já que Argentina, Brasil e Chile disputavam a hegemonia militar na América do Sul. Ela também ajuda a entender a concentração de guarnições do Exército brasileiro na região, conforme constatou Dennison de Oliveira (2015b), além de ser uma alternativa às interpretações que associam a expansão da força terrestre no Sul do Brasil ao imaginário do “perigo alemão” (GUEDES; NETO; OLSKA, 2008).

Essas visões diferentes foram o pomo da discórdia entre os militares brasileiros e estadunidenses responsáveis pelas negociações em torno de uma aliança militar entre os dois países, cujos primeiros anos, segundo a narrativa de Latfalla (2019), foram infrutíferos e permeados por frustrações e sérios desentendimentos entre ambas as partes. As razões apontadas pelo autor para essa situação foram a incapacidade dos Estados Unidos de fornecer o material bélico solicitado pelas autoridades militares brasileiras, a permanência de uma visão imprecisa e mesmo preconceituosa do Brasil, em especial do Exército, pelos americanos e os choques entre o adido militar dos Estados Unidos e o general Góes Monteiro.

Pedro Aurélio de Góes Monteiro (1889-1956) e Eurico Gaspar Dutra (1883-1974) foram, durante o Estado Novo (1937-1945), os principais líderes do Exército brasileiro e tinham forte inserção no governo Vargas. Ambos foram duros nas negociações com os Estados Unidos, fato que ajuda a explicar o rótulo de “germanófilos” colocado neles pela imprensa americana e a maneira grosseira com que Góes Monteiro foi descrito nos informes americanos estudados por Latfalla (2019), nos quais foi considerado simpatizante da Alemanha – um eufemismo para nazista. Nesses mesmos documentos, chegou-se ao ponto de apelar para um suposto alcoolismo do general como argumento para desqualificá-lo.

Os problemas foram tão graves que Latfalla (2019, p. 96), durante suas pesquisas no Nara II, encontrou documentos militares brasileiros da época, talvez enviados indevidamente aos Estados Unidos. Tais documentos estavam classificados como reservados pelo Estado-Maior do Exército brasileiro, portanto não deveriam ser do conhecimento público geral. Esse provável caso de espionagem militar, cuja documentação só foi liberada ao público recentemente, e outros episódios relacionados a essa difícil negociação fazem com o que o livro em questão supere a tese de Moura (1991), segundo a qual as tratativas entre o Brasil e os Estados Unidos ocorreram sem grandes problemas. O auge das desavenças entre as autoridades militares desses países foi atingido em 1941, quando ocorreu um impasse, provocado pela péssima atuação do representante dos Estados Unidos, o coronel Miller, cujo desempenho foi considerado desastroso (LATFALLA, 2019).

O impasse nas negociações só começou a ser superado a partir de 1942, nos contextos da entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial e do rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e as potências do Eixo. Com muita dificuldade, as autoridades militares estadunidenses aceitaram um plano de defesa conjunta da região Nordeste e o envio de material bélico para as forças armadas brasileiras. Contudo, Latfalla (2019) adverte que, como vinha ocorrendo desde 1939, o governo

americano não honrou suas promessas, e muito do armamento prometido não chegou ao país. Mesmo com seu aliado sul-americano em guerra contra a Alemanha, os chefes militares dos Estados Unidos continuaram a não confiar nas autoridades brasileiras, algo alimentado pelas péssimas informações que obtinham de seus agentes no Brasil.

Somente em 1943, por meio da Comissão Militar Mista Brasil-Estados Unidos, com sede no então Distrito Federal, a cidade do Rio de Janeiro, é que houve o aumento no fluxo de material bélico e de tropas direcionados ao Brasil. Em nível diplomático, cogitava-se um maior envolvimento brasileiro na Segunda Guerra Mundial, fato que contribuiu para a ideia de criar um corpo expedicionário brasileiro a fim de combater ao lado dos aliados no ultramar. “A criação da Força Expedicionária Brasileira (FEB) e o seu envio para colaborar no esforço de guerra Aliado foi uma reivindicação do Brasil junto aos EUA, não o contrário”, afirma Latfalla (2019, p. 256), reforçando os estudos mais recentes sobre as origens da FEB, com destaque para os trabalhos de Francisco Ferraz (2005), Vagner Camilo Alves (2006), Dennison de Oliveira (2015a) e Cesar Campiani (2019), para os quais o envio de tropas brasileiras para combater na Europa foi uma estratégia do governo da época visando garantir sua hegemonia regional, reaparelhar suas forças armadas e garantir maior visibilidade política do país no cenário mundial do pós-guerra.

Do ponto de vista sul-americano e do reaparelhamento da força terrestre brasileira, a FEB foi bem-sucedida. Contudo, a controversa decisão do seu comando militar em não empregá-la como tropa de ocupação na Áustria durante o pós-guerra prejudicou a inserção política do Brasil no cenário internacional como um *player* importante, sobretudo na aceitação desse país como membro permanente no Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU). Porém, isso é um assunto que carece de melhor aprofundamento em novas pesquisas históricas (LATFALLA, 2019).

No Brasil contemporâneo, pratica-se uma política de governo de alinhamento ideológico e político automático com os Estados Unidos, em especial durante a gestão do presidente Donald Trump (2017-2021), estimulada por um conservadorismo que, segundo a ex-secretária de Estado da gestão Bill Clinton (1993-2001), Madeleine Albright (2018), tem fortes contornos antidemocráticos e mesmo fascistas. Assim, um meio de compreendermos este presente pode ser pela historicidade das relações diplomáticas entre Brasil e Estados Unidos, sendo o livro de Giovanni Latfalla (2019) uma preciosa contribuição.

## REFERÊNCIAS

ALBRIGHT, Madeleine. *Fascismo: um alerta*. São Paulo: Crítica, 2018.

ALVES, Vagner Camilo. Armas e política: o Exército e a constituição da Força Expedicionária Brasileira (FEB). Encontro Anual da Anpocs, 30, 2006, Caxambu. *Anais [...]*. Caxambu: [s.n.], 2006. p. 1-21.

CAMPIANI, Cesar. *120 objetos que contam a história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. São Paulo: Livros de Guerra, 2019.



CARVALHO, Vinicius Mariano de. Prefácio. In.: LATFALLA, Giovanni. *Relações militares Brasil-EUA 1939/1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

CONN, Stetson; FAIRCHILD, Byron. *A estrutura de defesa do Hemisfério Ocidental*. Rio de Janeiro: BIBLIEX, 2000. v. 363. (Coleção General Benício)

FERRAZ, Francisco César Alves. *Os brasileiros e a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005 (Descobrimos o Brasil).

GUEDES, Sandra P. L. de Camargo; NETO, Wilson de Oliveira; OLSKA, Marília Gervasi. *O Exército e a cidade: Joinville e seu batalhão*. Joinville: Editora Univille, 2008.

LATFALLA, Giovanni. *Relações militares Brasil-EUA 1939/1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.

MCCANN, Frank D. *A aliança Brasil-Estados Unidos, 1937-1945*. Rio de Janeiro: Bibliex, 1995.

MOURA, Gerson. *Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: FGV, 1991.

OLIVEIRA, Dennison de. *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá Editora, 2015a.

OLIVEIRA, Dennison de. *Extermine o inimigo: blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá Editora, 2015b.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Universidade da Região de Joinville, Rua Paulo Malschitzki, 10, Zona Industrial Norte, 89219-710, Joinville, SC, Brasil.

### FINANCIAMENTO

Não se aplica.

### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

### CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

### LICENÇA DE USO

© Wilson de Oliveira Neto. Esta resenha está licenciada sob a [Licença Creative Commons CC-BY](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.



## **PUBLISHER**

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## **EDITORES**

Beatriz Mamigonian  
Flávia Florentino Varela (Editora-chefe)

## **HISTÓRICO**

Recebido em: 2 de junho de 2020  
Aprovado em: 22 de março de 2021


Como citar: NETO, Wilson de Oliveira. Uma negociação difícil. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 584-590, maio/ago. 2021. [Seção] Resenha. Resenha da obra: LATFALLA, Giovanni. *Relações militares Brasil-EUA 1939/1943*. Rio de Janeiro: Gramma, 2019. 324 p.



## O DIREITO DAS NAÇÕES DE CHARLES ALEXANDROWICZ E A CRÍTICA AO EUROCENTRISMO NO DIREITO INTERNACIONAL

Charles Alexandrowicz's Law of Nations and the criticism against eurocentrism in International Law

**Karine de Souza Silva<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0001-9212-8818>

E-mail: [karine.silva@ufsc.br](mailto:karine.silva@ufsc.br)

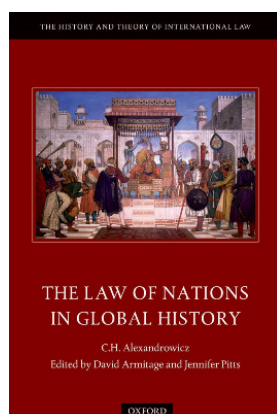
**Juliana Müller<sup>b</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-7430-2963>

E-mail: [j.muller@posgrad.ufsc.br](mailto:j.muller@posgrad.ufsc.br)

<sup>a</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Florianópolis, SC, Brasil

<sup>b</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências Jurídicas, Programa de Pós-Graduação em Direito, Florianópolis, SC, Brasil



ALEXANDROWICZ, C. H. *The Law of Nations in Global History*. Edited by David Armitage and Jennifer Pitts. Oxford: Oxford University Press, 2017. 432 p. (The history and theory of International Law).

**PALAVRAS-CHAVE:** Direito. Nações. Internacional.

**KEYWORDS:** Law. Nations. International.

Lançada em 2017 pela editora Oxford University Press, a obra *The Law of Nations in Global History* compreende um compilado de escritos do jurista e historiador polonês Charles Henry Alexandrowicz (1902-1975) publicados no período de 1951 a 1980. A coletânea, organizada por David Armitage e Jennifer Pitts, conta com 432 páginas e faz parte da coleção *History and Theory of International Law*, de iniciativa de Nehal Bhuta, Anthony Padgen e Benjamin Straumann. A série, que inclui outras publicações relevantes do campo do Direito Internacional Público (DIP), objetiva promover um fórum de debates historiográficos e teóricos, a fim de estimular a consciência histórica, na tentativa de revisitar o passado da matéria para melhor construir seu futuro.

Os organizadores pretenderam, ao publicar a coletânea de escritos de Alexandrowicz, dar maior visibilidade ao trabalho do autor e deixá-lo mais acessível ao público. Esta primeira edição conta com dois prefácios, sendo o primeiro do diretor da série, Benjamin Straumann, e o segundo de B. S. Chimni, professor e jurista de Direito Internacional filiado à escola *Third World Approaches to International Law* (TWAIL). O texto introdutório, de autoria dos editores da obra, expõe uma visão geral sobre a vida e o pensamento de C. H. Alexandrowicz, no qual o leitor é apresentado a diversos determinantes da biografia do autor que contribuíram para sua postura crítica com relação ao DIP.

Charles Henry Alexandrowicz, embora nascido numa província austro-húngara que se tornou parte do atual território polonês, teve como uma das maiores influências na formulação de sua perspectiva sobre o Direito Internacional a década que morou na Índia, entre 1951 e 1961, quando atuou como professor da Universidade de Madras. O período contribuiu para o desenvolvimento de uma visão diferenciada sobre a história do DIP, se considerados os padrões da época. Assim, o autor é reconhecido por sua crítica à vertente positivista da matéria e pela denúncia ao eurocentrismo que constitui a base de sustentação da disciplina.

Ele atribui, em seus escritos, uma importância à Ásia e à África que não era generalizada dentre os doutrinadores de seu tempo, chamando atenção para a influência das relações políticas, jurídicas e comerciais com esses continentes para a estruturação do Direito das Nações. Ao fazê-lo, contesta a tese segundo a qual o Direito Internacional era um produto formulado exclusivamente pelas nações cristãs europeias. É louvável a dedicação do autor em catalogar extensa documentação sobre a participação ativa dessas regiões para compor sua tese central de como o Direito das Nações influenciou o desenvolvimento do DIP. A reelaboração da historiografia do DIP com a retomada de narrativas silenciadas e de agências de povos asiáticos e africanos é um aspecto positivo da obra de Alexandrowicz, pois pavimentou vias para posteriores articulações contrárias ao eurocentrismo.

Isso demonstra que Alexandrowicz já se preocupava com temas que viriam a ser estudados posteriormente com base em abordagens que emergiram depois de sua época, as TWAIL, que defendem a necessidade de reconstrução e análise do DIP com a desmistificação do universalismo unilateral da disciplina e da denúncia ao monopólio epistêmico da Europa na constituição e na aplicação de um ramo do Direito que se autodenomina e se pretende internacional. As análises atuais não eurocentradas e não coloniais do DIP são corolários das vertentes terceiro-mundistas propagadas na Conferência de Bandung, em 1955, e de algum modo dialogam com as epistemologias ante, pós e decoloniais, com destaque para os estudos subalternos que afloraram na Índia, país que, não coincidentemente, influenciou o amadurecimento teórico do

autor. Esses estudos críticos congregam outras narrativas e geografias que foram subalternizadas pelo empreendimento imperial e evidenciam as contribuições que “os condenados da terra” (FANON, 1963) outorgaram à história do Direito Internacional.

De fato, o colonialismo e o imperialismo formaram o alicerce do DIP. Em vista disso, a omissão de atores e eventos históricos importantes na estruturação do campo serve diretamente aos interesses dos antigos Estados metropolitanos de perpetuação da exploração dos países do Sul Global. Violências do passado, como aquelas que permearam a colonização da América, são, na historiografia *mainstream*, propositalmente afastadas do cerne do desenvolvimento do Direito Internacional, como se periféricas à sua criação, quando na verdade compõem característica essencial do sistema. Dessa forma, a ontologia do DIP está intrinsecamente conectada ao imperialismo europeu (ANGHIE, 2015).

Os críticos da matéria, no entanto, não pretendem uma condenação geral de seus princípios; ao contrário, sustentam que dissipar as ilusões em torno dela é essencial para estabelecer uma ordem mundial mais justa (CHIMNI, 2006), e uma dessas ilusões é que o DIP teria se construído exclusivamente por fatores internos europeus, como a Paz de Vestfália. Tal ideia é ainda amplamente reproduzida na doutrina chamada clássica e replicada nas instituições universitárias do mundo todo, já que se encontra inculcada nos membros da academia (KOSKENNIEMI, 2011). Portanto, a preocupação que Alexandrowicz demonstrou em suas obras continua atual, visto que segue em andamento a tarefa de questionar versões do passado com o recurso aos saberes não ocidentais para reescrever a gramática do DIP, tornando-a mais legítima.

A coletânea em apreço está dividida em quatro partes. A primeira é composta por três artigos sobre o Direito das Nações, a segunda engloba catorze textos que tematizam a Ásia e o Direito das Nações, a terceira compreende cinco artigos sobre a África e, por fim, a quarta reúne sete escritos sobre o reconhecimento de novos Estados no Direito Internacional.

Na primeira parte, Alexandrowicz discute a história do Direito das Nações. De início, o autor destaca a influência dos princípios kautilyanos, os quais compreendiam os costumes das relações entre os soberanos na região das chamadas Índias Orientais, no desenvolvimento do sistema jurídico internacional. Ele defende que não se pode entender que o Direito das Nações evoluiu se baseando apenas em fatores europeus, pois os séculos de relações diplomáticas e os tratados comerciais celebrados com a Ásia certamente influenciaram o desenvolvimento. Essa influência teria ocorrido entre os séculos XVI e XVIII, durante os quais os princípios kautilyanos foram aplicados aos europeus que chegaram ao continente asiático para entabular transações comerciais. Esses princípios teriam ensinado aos recém-chegados da Europa diversas condutas de cerimônia e etiqueta diplomática – um código de costumes para recebimento de estrangeiros –, bem como normas de governo e administração, entre outras.

Além disso, são destacadas as diferenças no relacionamento dos europeus com o Império Mongol sob a égide do Direito das Nações e, posteriormente, do Direito Internacional positivista do século XIX. Segundo o autor, as relações diplomáticas entre a Inglaterra e a soberania mongol foram estabelecidas com base no pressuposto segundo o qual ambas as potências eram membros da chamada família das nações. No entanto, a partir da ascensão da concepção positivista, os europeus teriam proclamado um número restrito de poderes europeus como os fundadores da moderna sociedade internacional, com autoridade para admitir novos Estados-membros consoante seus



próprios critérios. Daí em diante, todos os Estados asiáticos passaram a não ser mais reconhecidos pelo novo Direito Internacional positivista vigente. Alexandrowicz critica tal mudança, afirmando que a posição legal das potências asiáticas antes do século XIX deve ser julgada com base no Direito que então imperava: o das Nações.

A segunda parte se detém na interação dos povos asiáticos e europeus sob o regime do Direito das Nações. Alexandrowicz reitera que este era aplicado nas relações entre a Europa e a Ásia entre os séculos XVI e XVIII, ainda que isso seja frequentemente negado ou omitido na historiografia oficial. Como prova de seu argumento, ele se refere à menção que Hugo Grotius, considerado um dos fundadores do Direito Internacional, faz à soberania de muitos países com quem os europeus realizavam transações comerciais. O autor defende, portanto, uma revisão dessas noções na historiografia do Direito Internacional. Ademais, entende que essa revisão deve também abranger o fato de que as nações asiáticas contribuíram para moldar esse Direito das Nações, já que eram entidades politicamente organizadas e com longa tradição cultural, as quais passaram a ser oprimidas pelo “clube” europeu de países que se autoimputaram o direito de reconhecer ou não outros Estados.

Como prova disso, Alexandrowicz relembra o notório caso *Right Of Passage Over Indian Territory*, da Corte Internacional de Justiça, tratando da disputa entre portugueses e indianos sobre os enclaves Dadrá e Nagar Aveli, cedidos aos portugueses pelo Império Maratta, em 1779. A Corte reconheceu, na ocasião, que o direito de passagem concedido era válido perante o Direito Internacional. Esse emblemático confronto indo-português é alvo de diversas referências nas obras do autor, tendo em vista que ele reforça robustamente sua proposição: a da existência da soberania de asiáticos na era pré-positivista do DIP. Isso porque, ao declarar a validade do tratado, a Corte o considerou uma transação válida frente ao Direito das Nações e aos costumes vigentes nas Índias Orientais no século XVIII.

O autor estima que, embora o Direito Internacional do século XIX tenha exotizado a Ásia, considerando-a uma civilização inferior, as soberanias asiáticas foram essenciais para a economia europeia. Conforme Alexandrowicz, autores clássicos como Hugo Grotius, Serafim de Freitas, Christian Wolff, G. F. von Martens e E. Vattel fazem menção em suas obras ao valor das antigas civilizações asiáticas, considerando-as parte da família das nações da comunidade internacional. Para o autor, não é possível ignorar a contribuição de três séculos de interações entre europeus e as Índias Orientais para o desenvolvimento do Direito das Nações, relações que estão comprovadas por extensa documentação composta por tratados e práticas diplomáticas.

Um capítulo inteiro é dedicado à análise que Grotius tece sobre as nações asiáticas, no qual Alexandrowicz destaca como o advogado da Companhia Holandesa das Índias Orientais defendeu que os portugueses não poderiam obter monopólio transacional das regiões da Ásia, pois, não se tratando os territórios de *terra nullius*, não poderiam ter sido reclamados como exclusivos de Portugal. Outro capítulo se dedica a comparar as percepções de Grotius com as o do jurista português Serafim de Freitas, alegando que ambos compartilhavam a visão fundamental de que as sociedades independentes e politicamente organizadas na Ásia eram dotadas de soberania perante o Direito das Nações, ainda que discordassem com relação à liberdade dos mares e de transações comerciais. Mesmo Martens, com sua visão positivista, ratificou, segundo Alexandrowicz, a soberania dos países asiáticos ao fazer referência a uma longa série de tratados e relações diplomáticas entre estes e os poderes europeus.

O regime das capitulações é amplamente mencionado entre os trabalhos compilados. Tratava-se, conforme o autor, de permissão concedida pelos soberanos da Ásia aos europeus para que estes se governassem conforme suas próprias leis em território asiático. Alexandrowicz defende com veemência que as capitulações não eram uma prova de inferioridade da civilização asiática, e sim de sua cortesia para com os europeus, os quais não poderiam ter se estabelecido, como o fizeram no território estrangeiro, não fossem essas concessões por parte dos poderes das chamadas Índias Orientais. O autor menciona que foi graças às cláusulas discriminatórias nos tratados sul-asiáticos nos séculos XVII e XVIII, as quais formaram uma rede de monopólios e arranjos excludentes, que as capitulações levaram ao domínio colonial europeu na Ásia do século XIX. Tais cláusulas exigiam compra exclusiva por determinada agência europeia de especiarias, estabeleciam preços fixos e proibiam as transações com outras potências.

É ainda feita referência ao tratado entre a Pérsia e a Holanda, o qual permitiu a diversos comerciantes asiáticos se estabelecerem em Amsterdã – o que provaria, consoante o autor, que esses privilégios não eram apenas concedidos aos europeus por parte dos soberanos da Ásia. Alexandrowicz se detém, além disso, nas contribuições de Samuel Puffendorf-Jodocus Crull e de J.H. G. Justi acerca das relações entre a Europa, a Ásia e a África, para contrapor a suposta superioridade europeia frente às outras soberanias. Além disso, também as obras de D. H. L. von Ompteda, Martens e J. J. Moser são analisadas e comentadas pelo autor.

De igual modo, entre os temas abrangidos por esta segunda parte, encontra-se o *status* chinês frente ao Direito Internacional. O autor alega que as relações entre britânicos e chineses corroboravam que a civilização, os costumes e a cultura da China eram admirados e respeitados pela Grã-Bretanha, e que os tratados entre as duas potências eram celebrados em pé de igualdade. Com a virada positivista, no entanto, a soberania milenar da China teria passado a ser desconsiderada da família das nações, devendo esperar pelo reconhecimento dos poderes europeus para que obtivesse *status* de Estado-nação frente ao Direito Internacional. O autor critica efusivamente essa mudança, pois defende que a soberania da nação chinesa deve ser reconhecida em sua continuidade, em vez de vê-la alienada pelo positivismo e restaurada novamente como num novo Estado.

A terceira parte da obra tematiza os termos do relacionamento entre Europa e África quando o Direito das Nações imperava. Primeiramente, é exposto o papel dos tratados nas interações entre poderes europeus e soberanias africanas. Para Alexandrowicz, a presença de organizações políticas e governamentais na África excluiu a possibilidade de o continente ser tratado como *terra nullius*, motivo pelo qual as transferências de direitos territoriais para europeus foram estabelecidas por tratados e negociações, os quais reconheciam a capacidade jurídica do administrador africano e sua liberdade de consentimento. Segundo o autor, esses acordos teriam sido levados em consideração na partição do continente durante o Congresso de Berlim, o que comprovaria, para Alexandrowicz, que mesmo nesse momento a autoridade dos governantes africanos foi reconhecida pelos europeus. Dessa forma, os europeus teriam presumido que a transferência de direitos pelos chefes africanos, como entidades autorizadas a atuar na esfera externa, constituía um título válido no Direito Internacional. Alexandrowicz, todavia, negligencia o fato de que os africanos tenham sido convidados a participar da Conferência de Berlim ao alegar essa reciprocidade nas relações entre África e Europa. O autor entende que apenas a partir do século

XIX, com o advento da concepção positivista do DIP, é que a equidade entre as partes teria desaparecido dos tratados africanos.

Ele também condena as potências europeias no século XIX por julgarem que tinham o direito de atribuir unilateralmente a outros o *status* de civilizado ou não, de forma que avaliavam as civilizações estrangeiras sob os próprios termos. Logo, Alexandrowicz entende que o positivismo cometeu o erro de desconsiderar o longo período de transações entre soberanos europeus, asiáticos e africanos, interações estas que se deram sob o regime do Direito das Nações e que presumiam igualdade entre as partes. Por esse motivo, toda a teoria positivista do desenvolvimento da família das nações exigiria revisão pelos historiadores do Direito Internacional.

A quarta e última parte da obra discute o reconhecimento dos novos Estados no Direito Internacional. Primeiro, Alexandrowicz debate sobre o fato de esses novos membros não terem poder de escolha em relação ao sistema vigente, sendo obrigados a aceitar a estrutura positivista e eurocêntrica do Direito Internacional. Chama a atenção a crítica do autor à rejeição por parte dos jusinternacionalistas de tantos tratados e documentos de relações diplomáticas e comerciais entre a Europa e outros continentes como fonte histórica. Segundo Alexandrowicz, ao excluir o material extraeuropeu da construção do Direito Internacional, o positivismo estava fadado a falsificar a história – cometendo, assim, o mesmo erro do alemão Leopold Ranke ao identificar a história Ocidental como a história universal e classificar as nações entre aquelas que fazem história e aquelas que carecem de história. Aliás, tal visão coincide com aquela apresentada pelo seu conterrâneo Hegel na sua *Filosofia da História*.

Também um capítulo é dedicado à judicialidade da função de reconhecimento de Estados e governos – a princípio um encargo do executivo –, no qual Alexandrowicz sugere que a Corte Internacional de Justiça poderia assumir, futuramente, o controle judicial dessa função, ainda que reconheça os muitos obstáculos que se oporiam a esse funcionamento. É igualmente mencionado o conflito sobre a reversão da soberania, uma discussão que questiona quais Estados, nos continentes asiático e africano, deveriam ser considerados novos ou originários nesses continentes diante do Direito Internacional positivista. Além disso, o jurista polonês debate a influência dos novos Estados na família das nações para exigir uma revisão do Direito Internacional eurocêntrico do século XIX.

Como fonte para seu trabalho, Alexandrowicz utiliza uma extensa gama de documentos, reunindo diversos tratados firmados entre Europa, Ásia e África, a fim de instruir sua tese de como tais relações influenciaram o Direito das Nações, que veio a evoluir para o Direito Internacional. Isso faz com que o autor possa ser considerado um dos pioneiros da análise crítica do Direito Internacional, haja vista que denunciou o eurocentrismo e convidou à desocidentalização do DIP. Trata-se, portanto, de uma das sementes dos debates atuais sobre o tema. A presente coletânea, portanto, merece o reconhecimento de ter conferido acessibilidade ao pensamento em certo aspecto vanguardista de Alexandrowicz dentro da seara de estudos da história do Direito Internacional.

São passíveis de críticas, todavia, algumas elaborações do autor. Em primeiro lugar, como referem os editores da edição em seu capítulo introdutório, é frágil o argumento de Alexandrowicz de que o Direito das Nações se inspirou em fundamentos asiáticos de maneira tão relevante quanto o autor defendia. Isso, segundo eles, porque não há evidências diretas de que os doutrinadores predecessores do Direito Internacional tenham sido significativamente influenciados pelos princípios mencionados pelo autor. O diretor da série, em seu prefácio, também salienta o fato

de que Alexandrowicz foi idealista demais quanto à real reciprocidade entre europeus, asiáticos e africanos nas relações comerciais que retratou, já que frequentemente sua ideia de acordos entre soberanias pressupunha uma liberdade de negociação que as autoridades da Ásia e da África não tinham.

A tese levantada segundo a qual os princípios da igualdade e da reciprocidade regiam as relações dos europeus com as nações africanas até o século XIX é questionável porque ignora que os processos de colonização na América Latina e na África foram regidos por um sistema de classificação social baseada em raça e gênero (GONZÁLEZ, 1988). Assim, as técnicas jurídicas e políticas foram ferramentas usadas para impor a superioridade branca e para subjugar e promover os valores ocidentais, reputados como os únicos válidos e universais. O tráfico atlântico e a escravização de negros estiveram orientados pela hierarquização, pela racialização, pela reificação e pela animalização dos escravizados.

Outra possível falha do autor foi ter se omitido de analisar a América Latina, cuja colonização, como refere Anghie (2015), está intrinsecamente conectada com o desenvolvimento do Direito Internacional. Foi a partir da ocupação colonial no continente americano que se moldaram muitos dos preceitos de superioridade europeia, como a ideia de que a Europa seria a portadora do ideal de civilização, que continuam profundamente arraigados no DIP. Isso mostra que o autor silencia sobre a invasão e a ocupação europeia no continente americano, sobre as conseqüentes brutalidades contra os povos indígenas e africanos que se sucederam, além de não visibilizar o léxico violento e depreciador usado pelos positivistas em relação aos povos colonizados para justificar a conquista e a pretensa missão civilizatória do homem branco. Assim, no pensamento alexandrowicziano, a colonização aparece como um dado epifenomenal, lateral, na construção do DIP.

Isso vai de encontro ao que refere o próprio Alexandrowicz ao analisar o trabalho de Francisco de Vitória e concluir que os impérios Inca e Asteca tinham organização política distinta, líderes, leis, instituição de casamento, indústrias e religião próprias. Mais uma vez, com relação aos milhões de africanos e africanas submetidos ao tráfico transatlântico e à escravização, o autor ignora como os séculos de violências contra pessoas negras na América moldaram a construção do Direito Internacional de forma mais relevante do que muitos dos princípios asiáticos aos quais faz abundante referência.

Outra região do globo que Alexandrowicz analisa erroneamente é a Austrália, a qual afirma ter consistido em *terra nullius* durante a chegada de seus colonizadores. Essa ideia, no entanto, já foi afastada pelo Supremo Tribunal Australiano em 1992, o qual reconheceu que houve invasão da Grã-Bretanha em 1788, quando ela tomou as terras sem acordo ou indenização aos povos originários, por isso não poderia ser aplicado o princípio de *terra nullius* (GOFFE, 2012).

Há de problematizar sobremaneira o peso que o autor concede à agência dos povos colonizados. A noção segundo a qual as relações entre invasores e colonizados eram orientadas pelos princípios da reciprocidade e igualdade até o século XIX permite que os europeus se eximam de suas responsabilidades de reparação por conta do colonialismo e da escravidão. Até porque, como já provado por extensa bibliografia, muitos tratados firmados eram eivados de vícios de consentimento ou sociais. Portanto, pode-se dizer que o trabalho do autor, ainda que tenha seus méritos, precisa ser avaliado com um olhar crítico, porque o reconhecimento da agência não significa, de nenhum modo, que houvesse o exercício de subjetividade plena dos povos colonizados, ou que os tratados tenham sido firmados de boa-fé.

Sua obra, no entanto, representa um esforço importante na reconstrução de uma nova historiografia do Direito Internacional sob uma óptica menos eurocêntrica. Ainda que tenha sido mais um homem branco europeu teorizando sobre uma disciplina notadamente marcada pelo patriarcado brancocentrado (SILVA, 2018), o trabalho merece reconhecimento, em certo aspecto, pelo vanguardismo de seus ideais para a época. É, sem dúvida, uma análise valorosa por considerar a agência de povos não europeus na construção do DIP e reconhecer que estes já faziam uso de práticas jurídicas internacionais no período pré-colonial. Desse modo, descarta a ideia segundo a qual o Direito das Nações foi fruto exclusivo do labor das soberanias cristãs europeias. Trata-se, portanto, de um livro de grande relevância para os estudos da história do Direito Internacional.

## REFERÊNCIAS

ANGHIE, Antony. Hacia un Derecho Internacional Poscolonial. *Derecho y Crítica Social*, Valdivia, v. 2, n. 1, p. 71-99, 2015.

CHIMNI, B. S. Third World Approaches to International Law: A Manifesto. *International Community Law Review*, Leiden; Boston, v. 8, p. 3-27, 2006.

FANON, Frantz. *The Wretched of the Earth*. Tradução de Constance Farrington. Nova Iorque: Grove Weindenfeld, 1963.

GOFFE, Marcus. Reparations for slavery and the transatlantic slave trade: The case for special measures. In: BRENNAN, Fernne; PACKER, John (ed.). *Colonialism, Slavery, Reparations and Trade: Remending the Past?* Nova Iorque: Routledge, 2012. p. 225-243.

GONZALEZ, Lélia. Por un feminismo afrolatinoamericano. *Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p. 133-141, 1988.

KOSKENNIEMI, Martti. Histories of international law: dealing with eurocentrism. *Rechtsgeschichte*, Frankfurt, v. 19, p. 152-176, 2011.

SILVA, Karine de Souza. Teoria Crítica Racial e o Direito Internacional: a visão de um interno-externo' – comentário Interseccionalidades raça-gênero e o Direito Internacional. In: A. R. C. Giannattasio; Morosini, F. C.; SANCHEZ BADIN, M. R. (org.). *Direito Internacional: Leituras Críticas*. 1. ed. Lisboa: Almedina, 2019. p. 233-262. v. 1.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Campus Universitário Reitor João Ferreira Lima, s/n, Trindade, 88040900, Florianópolis, SC, Brasil.



## FINANCIAMENTO

Esta pesquisa conta com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), sendo a primeira autora bolsista de Nível 2 em Produtividade em Pesquisa do CNPq e a segunda autora bolsista de doutorado do CNPq.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

## LICENÇA DE USO

© Karine de Souza Silva e Juliana Müller. Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Beatriz Mamigonian

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## HISTÓRICO

Recebido em: 2 de dezembro de 2020

Aprovado em: 20 de janeiro de 2021

Como citar: SILVA, Karina de Souza; MÜLLER, Juliana. O direito das nações de Charles Alexandrowicz e a crítica ao eurocentrismo no direito internacional. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 591-599, maio/ago. 2021. [Seção] Resenha. Resenha da obra: ALEXANDROWICZ, C. H. *The Law of Nations in Global History*. Edited by David Armitage and Jennifer Pitts. Oxford: Oxford University Press, 2017. 432 p. (The history and theory of International Law).





## HISTORICAL WRITING AND THE GLOBAL TURN: PERSPECTIVES FROM A HISTORIAN OF AFRICA

### INTERVIEWEE

**Andreas Eckert<sup>a</sup>**


 <https://orcid.org/0000-0002-2566-1302>

Email: andreas.eckert@asa.hu-berlin.de


<sup>a</sup> Humboldt University of Berlin, Faculty of Humanities and Social Sciences, Institute for Asian and African Studies, Berlin, Germany

### INTERVIEWERS

**Ana Carolina Schweitzer<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>  
Email: ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de

**William Blakemore Lyon<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-7558-1095>  
Email: lyonwill@student.hu-berlin.de

<sup>a</sup> Humboldt University of Berlin, Faculty of Humanities and Social Sciences, Institute for Asian and African Studies, Berlin, Germany

**KEYWORDS:** Global History. African History. Labor History.

**H**ow can Global History come into dialogue with African history? How valuable are concepts of connections and entanglements as proposed by Global History? How can we use Global History in our research? In addition to exploring what Global History is, we were inspired to interview a researcher with extensive experience on the subject. In this conversation, Professor Andreas Eckert details his trajectory as Professor of African History and coordinator of the Global History Research Center (re:work), as well as how he conceptualizes Global History in his research field.

Professor Andreas Eckert holds the Chair of African History at the Institute of Asian and African Studies at Humboldt University of Berlin. He joined the faculty in 2007 after teaching for five years at the University of Hamburg. Eckert has undertaken research as a guest professor at various international universities such as Maison des Sciences de l'Homme in Paris, Harvard University, Stanford University, and the University of Michigan. Since 2009, he has been the director of the International Research Center “Work and Human Life Cycle In global history” — re:work — at Humboldt University of Berlin.

His first books were *Die Duala und die Kolonialmächte: Eine Untersuchung zu Widerstand, Protest und Protonationalismus in Kamerun vor dem zweiten Weltkrieg* (1991) and *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: Duala 1880-1960* (1999). They are important contributions to understanding the role of colonialism in Cameroonian history, and how the colonial system (German and after the First World War, French and British) tried to manage labor and control land.

In recent decades, Andreas Eckert's research has examined the relations between African history, labor history and global history. He was a contributing editor to many multiauthor volumes, including *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze* (2007), *Global histories of work* (2016), *General Labour History of Africa: workers, employers and governments, 20th-21st centuries* (2019), and *Corona and Work around the globe* (2021). With Marcel van der Linden, he published *New perspectives on workers and the history of work: Global Labor History*, in *Global History, globally: research and practice around the world* (2018) edited by Sven Beckert and Dominic Sachsenmaier. He is also a regular contributor in German newspapers such as the *Frankfurter Allgemeine Zeitung* and *Die Zeit*. Most recently, he published *Geschichte der Sklaverei. Von der Antike bis ins 21. Jahrhundert* (2021).

In addition to publishing, Eckert has built re:work into an important location for developing and promoting cutting edge research in the field of Global Labor History. It was founded in 2009 with the intention of focusing on engaging themes, including: how work and labor are conceptualized and how definitions change over time; how to globalize labor studies especially by integrating ideas and scholars from the Global South; re-examining the concept of the ‘working class’; exploring notions of what is work and what *is not*, and the blending of these two (supposed) separate spheres; and examining the relationship between ‘free’ and ‘unfree’ labor (ECKERT; KOCKA, 2021). But perhaps re:work's greatest strength has been inviting and funding scholars from around the world to develop, share and critique each other's work as fellows based in Berlin. Time spent by these academics — ranging from budding scholars to renowned professors — at re:work has been a key element in the development of many books, articles, collaborations, conferences and workshops.

The following interview was an in-person conversation with Prof. Eckert covering questions shared ahead of time. We recorded in October of 2020, a few weeks before Germany's second COVID-19 lockdown. That being said, we followed proper protocols





to ensure all participants' safety. The interview took place at re:work in Berlin and was approximately two hours long. Afterwards, we transcribed the audio, made edits for grammar, and shared the transcript with Professor Andreas Eckert for minor changes and additions. We then made final adjustments before submitting to *Esboços*.

Throughout the interview, we sought to discuss questions which are relevant to young scholars who aim to use Global History in their research. We believe it particularly important to focus on methods and tools of the trade that can be implemented for those in early phases of their career. We also sought to include a brief overview of the field of Global Labor History and its changes over the last decade. By no means is this interview a complete exploration of all the themes we touch upon, but we sincerely hope it may pique your interest to further explore some topics covered and works mentioned.

**To begin our conversation, could you tell us about your decision to study and specialize in African History at the beginning of your education?**

This is a rather particular story. When I started to study history, French and journalism, Africa did not really interest me. The only place in Africa that I was interested in was South Africa, because when I grew up and went to school, in the late 70s, early 80s, the Anti-Apartheid Movement was rather strong, also in Germany and in my hometown Bremen. I had a schoolteacher who was very interested in this, and I also had remote relatives in South Africa. This shaped my interest in South Africa a bit. But otherwise, I came as an undergraduate to Hamburg University and my main idea was to focus on French history. But then, by the end of my first year, I attended a lecture course on the history of South Africa, and the professor told us about a new fellowship, funded by the German Academic Exchange Service (DAAD) to study for one year in Cameroon. One of the requirements was that you had to do an exam both in French and English, because Cameroon, due to its specific colonial history, is bilingual. My bilingualism was, I think, my only advantage, but still one nevertheless. I also applied out of curiosity, and some kind of lust for adventure. And then I got the grant. Before that I didn't really know where Cameroon was to be honest, but I learned quickly. A few months later, I was on the plane to Yaoundé, Cameroon's capital. I studied there for one year and was one of the very few non-black students on campus, which was an experience of its own. I also needed to do some journalistic work as part of my minor in journalism. I ended up working a couple of weeks for radio Cameroon, which was really interesting. After that year, I decided that Africa should be my focus.

In Hamburg, where I studied most of the time, the big advantage was that Africa, or African History, was part of the history curriculum. The chair of African History was integrated into the History Department, which was advantageous for me because I never studied Afrikanistik, or African Studies, but had focused on history. Then the other advantage was that one of the professors who taught French literature, which was my other minor, was very interested in African literature. We had classes on Cameroon and Mongo Beti, and I wrote a paper on Ousmane Sembène. That's how I came into African history. I did my MA, but afterwards it was unclear if I should become a journalist or do my doctorate. I briefly worked for German TV, but then decided to do my PhD. With a grant from the German Research Council (DFG), I returned to Cameroon for another 14 months for research and also spent some time in France.



After my defense, I had the opportunity to get an assistant professorship in Berlin, and then the story unfolds. That's more or less my trajectory.

### **When and why did Global History become a point of interest in your research?**

I think when Global History slowly emerged in the early 2000s, I became interested because I was working on a couple of themes focusing on Africa that were closely connected to other places. At that time, we didn't use the term global but rather, Transnational or World History. During this time, I wrote an article on Africa and World History, trying to take stock of what has been written about Africa and the world and how it could be conceptualized (ECKERT, 2003). One of the interesting kinds of references for me was the Senegalese Cheikh Anta Diop, who is usually called an Afrocentrist. One of his main ideas was to reconfigure Africa's place in the world. How to rethink Africa's place in World History was something I became interested in. Then I realized that as a historian of Africa, because much of the research is focused on the period of colonialism, you are by default, forced to make linkages, many more than you would probably do if you worked on certain parts of German or Finnish history. And the more I read, and the more I did research, a number of questions emerged: I began to think more seriously about the concepts we use, and where they come from. How do they fit when analyzing the African context? Then I slowly started thinking about labor and work. This was used in Africa in a rather narrow way, only focusing on wage labor, which immediately led to a restricted view of what labor in Africa is about. In essence, it was a slow, but steadily growing kind of interest.

I realized in the early 2000s, as Global History got off the ground, with books like Christopher Bayly's excellent synthesis, which was published for the first time in 2004, that Africa did not play a very major role within this new approach (BAYLY, 2004). I also could see that when people talked about world regions within Global History, it was mainly Asia that was at the forefront. I often thought that it would be good to bring Africa into Global History and really think about why Africa is marginalized. Is it that Africa is not so important for Global History? Is it because of the way the core questions are framed?

In 2007 I moved from a professorship in Hamburg back to Berlin and there was an emerging group of young scholars focusing on Global History. Sebastian Conrad, myself and others, were very interested in this topic. In Berlin there was both an institutional and intellectual context for this new endeavor. That was very stimulating for me. From early on, the majority of those interested in Global History were also area specialists. We always insisted that Global History should be combined with an area of expertise. In 2007 we started the German language book series *Globalgeschichte*, Campus Verlag, which now already has more than 30 volumes.<sup>1</sup> This helped us to see what's going on in the field. That is in short, the long history of my engagement in Global History. However, I always insisted that African history is important and should be at the core of my academic work.

---

<sup>1</sup> *Globalgeschichte*, Campus Verlag. You can find the volumes on: [https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1](https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx_campus_list%5B%40widget_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx_campus_list%5B%40widget_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1). Accessed: 12 Apr. 2021.

**As Sebastian Conrad pointed out in *What is Global History?* there are three approaches to Global History: the history of everything, the history of connections and history based on the concept of integration. How do you define Global History in your work?**

For me as for many others, Global History is really not a method but a perspective, a very useful one for a number of questions that helped me to see things differently. Many historians of Africa used to have or continue to have a rather insular view of African history. We often accuse, for good reasons, the history of Germany to be very narrow minded. But you also have narrow histories of Asia, Africa, and the Americas that don't see broader connections to their topics. I think Global History is something which has been a rather refreshing element to the writing of African history but with some fallbacks. To consider Africa in relation to Global History suggests valuable lines of connection to other fields of history and new perspectives on a number of topics, but also hopping on bandwagons. Global History allows historians to move across and beyond the geographical fields on which the profession has been organized, calling upon us to give as much attention to the particularities of other places as we (in my case: africanists) wish our colleagues would give to the specificities of African history.

**Combining Global History and African history, Prof. Omar Gueye argued that “the success of global history is a positive development for African history” (GUEYE, 2008, p. 85). This is especially true in mobilizing historians to chart connections between Africa and the rest of the world. This means going beyond the penetration of the continent by Islam, the Atlantic slave trade, and colonization. He also emphasized Global History in contributing to the creation of “true epistemological interconnection” as scholars began to mention Africa in the history they write. How do you see the use of Global History in the study of African history?**

I think it's important but again, I presume that most protagonists of Global History now emphasize that Global History is not the *non plus ultra*. It's not the only way to do things. It's a certain perspective that might help for some problems, but might not be so helpful for others. I wouldn't see it as a kind of dogma or something you must employ, but something which might open up interesting, new ventures. In the beginning, for instance, everyone was very excited about entanglements. And it seemed to me that the attitude was that there are entanglements everywhere, but they had been overlooked. And our task is to discover them.

Now we are at the point where we are saying, yes there are entanglements, however they're not everywhere and their quality or their substance might differ and change a lot over time. The idea that everything is always entangled is simply not true. For me, Global History is an important way to bring Africa back to the debate of broader questions. And I think this is a way in which Global History has helped in certain ways to bring African history to the fore. Many of my colleagues in Africa make the critique that if Africa is integrated into Global History, it's only through the slave trade, which is one of the darker and nastier parts of African history. But I think there are multiple other ways in which this connection could be made, for example consumption, or the environment. Not only slaves were traded, but also many other items.

Moreover, I believe that specific kinds of intellectual histories could be valuable too. We could ask how certain concepts or more global general ideas were also shaped in connection with Africa, such as, did Africans contribute to broader ideas about what is freedom and what is unfreedom? I think there's a number of ways in which the inclusion of Africa can help us to discuss broader questions. One of the crucial points now is that you have to be very cautious in making universal claims. This means that Africa is not relevant for every topic, but for many more than we thought. For me this is one of the points where Global History is very useful for rethinking African history.

On the other hand, if people write about certain aspects of African history, there's no obligation to make it global. Of course, very regional cases can have broader implications and connections, but this cannot automatically be assumed. This point is important because some younger historians of Africa might feel the obligation to get some Global History street credibility, but this is not necessary. It's something that you can employ, and for many questions, such as the labor question, it might open up new interesting perspectives. But it's not a must. It's one perspective, among others, sometimes a more exciting one, but it is not a *Deus ex machina* for whatever historical problem you might have.

**In addition to issues related to space, Global History also explores concepts of time. In a project you directed, entitled *Globalisierung der westlichen Zeitordnung*, you and your team analyzed the way colonial systems tried to implement standardization of time. How does a historian of work investigate the globalization of concepts of time?**

One of the premises of this project, that was elaborated by Sebastian-Manès Sprute, was not to assume that colonialism came and introduced European time and then overnight this concept was around (SPRUTE, 2020). Rather to see it as a process and as part of a broader integration into the world, but as a constant struggle as well. I had written quite a bit on African bureaucrats working for the colonial administration. Within that research, themes of punctuality, a 'regular' working day, getting a certain number of breaks, as well as whether workers owned a watch played an important role. We asked how Africans used European time to their advantage, how they tried to undermine it, how they attempted to keep their own notions of time intact, such as during important periods of the agricultural cycles, as well as using time as an instrument of power. Even in discussions following E.P. Thompson's famous article on the introduction of industrial time in capitalist Europe, the point was made that in industrializing Europe, there were always different time concepts around (THOMPSON, 1967).

For Africa, the aspect of co-existing time regimes is even more important. Not in a way of romanticizing it, but what does it mean on the ground that there's a new calendar and colonial working day schedule? The question of holidays is very important in the context of time. For example, what conflicts arise when the colonial calendar includes certain European holidays, such as the "Fête National", but ignores those of the local population? The project focused on the question of what does globalization mean in everyday life, especially in the realm of colonial administration? It was mainly set in Senegal and one of the big tensions was focused on local Muslim concepts of time in contrast to European ideas and where they clash, especially in the context of bureaucratization and administration. It also emphasized that we could build upon

certain notions of time, of punctuality, of certain working rhythms. One point was to describe the transformative power of European colonialism, but at the same time, to show that much of this transformation did not develop the way the colonial powers would have liked it to. It also complicated the teleological idea about globalization as something that came and then completely transformed local structures. Rather time was analyzed as a new site of struggle in the local context. In some ways it put pressure on people, but it also opened new opportunities, ways of maneuvering, and of getting positions of power.

**Did Muslims in West Africa try to negotiate for days off that differed from the primarily Christian colonizers?**

Yes, of course. For example, in contrast to Christians, Muslims have the primary day of prayer on Friday rather than Sunday. Thus, it was often difficult to *get all* of the people to work on Fridays, as well as during the five daily prayers. These times did not necessarily correspond to the breaks in a bureaucratic office. There was never a kind of solution. Sometimes the local protagonists found an arrangement and sometimes not. In any case, there was the constant struggle by Europeans to push an idea through and often they did not manage to do it completely. In many ways, some of the negative images and stereotypes about Africans emerged from the inability of the colonial powers to push through their agenda. The attempted transformation of time regimes is one example for this.

**Since 2009 you have been the director of re:work, which has hosted more than 140 scholars from around the world. Can you tell us about the idea to create this institute?**

It all began with an application to the Blankensee-Colloquien, a program organized by the Wissenschaftskolleg. The program addressed younger scholars, advanced postdocs or recently appointed professors, who could apply for funding to do an interesting interdisciplinary conference. I had already for a number of years been thinking about how to combine my interest in African history, my emerging interest in Global History and my interest in Social History. I eventually came up with a proposal combining these concepts by focusing on labor / work. I thought it was a good and timely topic, but it was also very broad.

Although I didn't get funding, there was a member of the Berlin Senate for research and education who was in the selection committee who found my proposal very interesting and promising. Through some other program line, she offered substantial funding to organize a couple of conferences to test my ideas out. In 2005 and 2006, Jürgen Kocka and I organized three conferences at the Berlin Social Science Center, under the heading "Rethinking Labour from A Global Perspective".<sup>2</sup> We invited many labor historians from all over the world to think through ideas of what Labor History could be. It was a time when traditional Labor History was still in a state of crisis. Labor smelled somehow old fashioned. But on the other hand, we could see a lot of

---

<sup>2</sup> "Rethinking Labour from A Global Perspective", from: H-Soz-Kult, 19 June 2006, more information at: [www.hsozkult.de/event/id/event-56188](http://www.hsozkult.de/event/id/event-56188). Accessed: 1 Jun. 2021.

enthusiasm, especially from scholars from the non-European world including a number of colleagues from South Asia, Africa and Latin America.

We were getting positive feedback. People were interested in labor and not just the old, rather conventional, traditional trade union history, but analyzing it both as a political and cultural topic, and with interesting new methodological approaches. By sheer coincidence, the Federal Ministry for Education and Research started the Käte Hamburger Kollegs-program around this time in order to establish international research centers. This program resulted from a debate about how to internationalize as well as create more research content within the German universities. The idea was to set University based Institutes for Advanced Study. The call was launched, and we got funding. We started from scratch, not so much as a research center, but as a community of academic fellows. The initial idea was to annually invite a number of excellent scholars from all over the world to create an interdisciplinary global debate where fellows have the chance to develop or rethink a theme and do innovative work. The concept was to have a broad but thematic focus. We were aware of the fact that “labor” was a vast topic, and one attempt to focus the debate was to emphasize the aspect of generation and lifecycle. The basic idea was to critically engage with the concept of a “normal working biography” throughout an individual’s life cycle and life course. We viewed life course as a crucial tool to systematically frame and tame the vast topic of labor.

For the first year of re:work, we didn’t have many applications because there was a relatively short notice from the project’s approval to when we needed to accept applications. But after a few years, we had hundreds of applications. Very quickly re:work became a place where scholars wanted to come and share ideas. Right from the beginning we started to do our own initiatives, for example annual summer schools. We went with professors, post-docs and doctoral candidates to Africa, South Asia, South America including Brazil and organized workshops in cooperation with local scholars, mostly former re:work fellows. We built up networks around the world of scholars interested in and working on labor. Re:work was proactive in avoiding only having established scholars attend and rather invited diverse groups. Otherwise, we would have relied on the same two or three academic ‘mafia’-networks all the time.

**Re:work has had a very diverse group of fellows from all over the world, including Brazil such as, Sidney Chalhou, Paulo Fontes, Henrique Espada Lima and João José Reis. What criteria has re:work had for how it chooses its fellows beyond the quality of their work, to have strong representation from scholars of the Global South?**

For Brazil most fellows were focusing on histories of slavery. It was a very interesting development that, increasingly, historians of slavery, began to understand themselves also as historians of labor. In a way slavery studies and labor studies joined forces and saw many overlaps in the questions and perspectives utilized. In terms of selecting fellows, we never had quotas, or never did affirmative action. We tried to make sure that good people from different regions applied. Re:work didn’t ask people directly to come. All scholars had to go through our application proceedings and in the end, our international advisory board made the final selection. There was fierce competition.



We did have basic criteria for applicants as to the quality of their projects. There were two stages of a project where it made sense to apply. Either you were still very much at the beginning and just thinking about a new topic. In that case you could use the year at re:work to shape your ideas in discussion with others and to frame your project in potentially innovative ways. Or people already had done fieldwork and were just writing up. In that case you had the tranquility at re:work to write. At the same time, you could be positively intellectually disturbed by some interesting ideas from your co-fellows. You could also use the space to test certain arguments. So at re:work you could sit, have time to work, and at the same time, have the opportunity to exchange ideas with people coming from very different disciplines and research perspectives. But at the end of the day everyone shared a basic interest in the broader topic of labor.

We tried to have a mix of scholars, not only famous people, but also individuals who might not be as well-known but had projects that looked very interesting and promising. Every year we tried to put together a diverse fellow cohort, including people of different genders, ethnicities, and also varying ages. Re:work wanted to make sure that the fellows would be able to come together and hopefully create a thought-provoking group dynamic.

Sometimes it worked very well, sometimes it didn't. To be honest, it often had to do with the kind of intellectual flexibility and openness of the people as well as personalities. You couldn't predict the outcome. Sometimes you had intellectual coalitions which we thought would make an interesting team or trio, but in reality, it didn't work very well and they had little to say to each other. Each year part of the suspense and excitement was, will it work or not? An example of a success I remember was when we had the fellows Paulo Fontes (Brazil), Alex Lichtenstein (USA) and Toby Boraman (New Zealand), who together put on a workshop looking at labor movements in the 1970s. Another interesting coalition was Jamie Monson, a historian of Africa and Niels Petersson, an economic historian working on transport and globalization. They put together a workshop on the history of transport and labor. These are just two examples of the many interesting and fruitful experiences, where we brought people together, and each profited from some unexpected questions and inquiries through interactions with other disciplines or people from other regions.

### **How do you think this has affected the work produced by re:work scholars over the years?**

As the former rector of the *Wissenschaftskolleg zu Berlin*, Wolf Lepenies, once said, if people leave with the same project they arrived with, something went wrong. In some ways, this was also the idea we had. The environment we attempted to create was one of productive destabilization. There were people who were working on one theme, who received feedback and might critically rethink some of their points. Some were really open to this, but in other cases fellows just didn't want to be intellectually disturbed.

I think this is the best such an institution can offer. You spend a lot of time with your own work and then put it to debate in a context where you can get sharp but not devastating criticism. We created a kind of intellectual atmosphere that was driven by conviviality and also solidarity, without necessarily being too nice about each other's work.



This is the kind of debate which is crucial to develop a field or certain idea, but at the same time can signal if an idea is a dead end. We regularly had historians who thought what anthropologists do is too narrow and at the same time anthropologists asked, how could historians talk about big concepts without any grounding in certain areas? There was always this broader skepticism and irritation, but on the other hand, I think we often had a atmosphere of creative misunderstanding. By and large it worked well. It had to do with the institutional frame and that we managed in most cases to provide an atmosphere where everyone thought he or she was equally important and taken seriously. What definitely helped is that we socialized outside of work, such as cooking for each other or visiting museums together. This created a sense of solidarity and especially cooking proved to be a huge equalizer. Many told us that cooking for the group was much more difficult and anxiety inducing than presenting their paper.

**Re:work as a research institution fits into a lineage that began with schools such as the International Institute of Social History in Amsterdam. With Global Labor History as its focus, fellows have not only been budding young scholars but also established thought leaders such as Frederick Cooper, Marcel van der Linden, Sandrine Kott and Sebastian Conrad. A primary nexus of research has always been the relationship between work and life course. Looking back at what has been produced by the various fellows and summer academy participants, are there any through-lines that were not initially expected but that you think will be part of the re:work ‘legacy’?**

In many ways we have to admit self-critically, that the link between labor and life course only works to a certain extent. Our idea that people who arrived at re:work without any previous thoughts about life course, would be stimulated enough to then integrate it into their project did not really happen. The environment intensified a focus on life course for people who already came with a certain idea about it, and how it could fit into their project. But many people came and left without really thinking that life course was a useful tool for their project. In the end, there were a couple of fellows who produced very good work applying the concept of life course. For example, one of the final volumes of re:work, edited by Josef Ehmer and Carola Lentz, focuses on life course and generation questions. There are also extremely interesting articles from a number of fellows of different cohorts who used life course as an approach. I think in the end, it proved to be an interesting and useful topic, but not as dominant and as visible as we initially thought.

On the other hand, there were questions that never lost importance regardless of the specific fellow year. For example, the question about what is work and what is non-work? Where are the grey zones between them and who has the power to define work? How to conceptualize work, where does work end? Analyzing work “beyond wage labor” became increasingly important as it allowed for marginalized groups and their activities to form part of Labor History — for example housework, care work, children’s work, sex work, prison work or the work of police and soldiers. However, when everything is work, then as an analytical category, it is rather useless. What about the political dimension of it? Labor as struggle, does this crucial aspect not disappear when, for example, drinking beer or going to the gym is described as work? These are some questions that remained crucial throughout the years of re:work.





“Free” and “unfree” labor has always been a hotly debated topic. What exactly does it mean? The Brazilian contribution has been very important here, because there has been an intense debate about the notion of the slow death of slavery in Brazil, and how this process also correlated with specific notions as well as practices of work. What did it mean for a Brazilian slave who was suddenly formally free? Was there any change in his or her daily struggles and practices and rooms for negotiations?

**Are you referring to the ambiguity of freedom? For example, the question of whether freedom is actually a better condition in certain circumstances or sometimes not?**

Yes, the ambiguities of freedom constituted a topic that came up a lot. In this context, we discussed the topic of how practices and notions of work and labor are connected globally. What does Global Labor History mean? Where can we see connections and where do we not see them? If you look at your project with a global perspective, how can that change your topic? What kind of new questions do you ask? How helpful are they? We also approached how to write a Global Labor History, and whether it is a “bad thing” when someone thinks that their topic can’t be globalized or can’t be framed within a global perspective? We approached the obvious issues about different disciplinary approaches to labor, as well as the promises and limits of more quantifying approaches, of which we had very few opposed to more qualitative methods.

The question about comparison versus entanglement repeatedly came up. Is it something that we can bring together or not? In essence, there was not one singular big theme, but a couple of underlying issues that came up with differing intensity throughout all the years.

Currently, we are in the middle of producing three volumes to summarize ‘the re:work legacy’.<sup>3</sup> They are broken up into themes: one is on life course and relations between generations, the other focuses on labor, laborers, entrepreneurs, and capitalism, and the third focuses on broader aspects, for instance, welfare, and slavery versus free labor. We are also potentially working on a publication that is a ‘best of’ the contributions of PhD students who attended our summer schools.

**Your experience as director of a Global History of work research center — re:work — allowed you to have had contacts with different scholars from across Europe and the world. How do you describe the Global History panorama currently? Which universities, research groups or networks might you highlight? After more than ten years, do you see a change in the trajectory of Global History?**

Global History has become very popular, especially among younger generations. There is huge demand and Berlin is arguably an important site for Global History. At Humboldt and Free Universities, we have a Master program in Global History, which attracts many students from all over the world. In addition, our graduate program in Global Intellectual History experiences high demand and we have more individual initiatives, especially through the Free University around Sebastian Conrad’s chair.

---

<sup>3</sup> You can find the three volumes on this website: *Re:work Lectures*. <https://www.degruyter.com/view/serial/RLEC-B>.

So here in Berlin there are a lot of both institutional programs, as well as individual scholars focusing on different Global History projects.

Then there are other locations that have developed as centers for Global History. In Germany, there is Leipzig, which is a very important site, as well as Munich, where Roland Wenzlhuemer is building up a center. These are all crucial steps to institutionalize Global History, which is important so that we have stable programs and centers of study and research. In some other countries within Europe, such as France, people are still very reluctant to utilize this approach. In Paris, for instance a number of initiatives were started but then didn't really get off the ground. In the Netherlands, we need to wait and see. At the International Institute of Social History in Amsterdam, under Marcel van der Linden's research directorship, there was a strong focus on Global Labor History. However, after his retirement this is changing and there is more emphasis on migration. It often depends on individuals as to whether certain traditions or trajectories are continued. I think Global Labor History still has a place in Amsterdam but is not as prominent as it used to be. And, yes, in other countries like Italy and Spain you have curricula in Global History. Outside Europe, Global History continues to be prominent in the United States. However, in Latin America, Africa, South Asia, but also in countries like Japan, Global History is still met with a lot of reluctance.

All in all, this is typical of historiographical movements. The fascination of the beginning is a bit gone. The big conceptual struggles and debates are over for now and we are currently in the bread-and-butter phase of research. The majority of scholars test out how you can do Global History with a concrete topic or research question in mind. This means that big comprehensive books attempting to establish the field like Bayly's or Osterhammel's are not being written any more, but the main bulk of studies and publications is being done on more specific questions. I think this is, in many ways, an exciting phase. Global History approaches are becoming routine in a way. It is a rather normal thing to do. Researchers test out, through their individual studies, how far they can get with this perspective versus others. In some ways, we are figuring out the limits of this perspective. At the same time, there has been ongoing criticism about Global History, for example regarding its fetishization of mobility and that it only examines mobile people and ignores the others. It is not yet clear to what extent the renationalization at the political level will affect Global History. Somehow ironically, this renationalizing is a topic *par excellence* for Global History. It is connected to the question of why under the current global circumstances, there is a resurrection of the idea of going back to a specific national framework. This is a very global topic and can only be understood in a global framework.

Of course, there has always been uneasiness among area study specialists, as to what extent Global History is not betraying some of the essential features of specific regions — having deep knowledge about someplace including languages and a complex understanding of the culture. There has been much methodological debate and exercise as to how Global History is best practiced as a collaborative enterprise. This is especially pertinent, when researchers combine topics and work in many different languages. In these circumstances, if you still want to do mainly primary research, unless you are an extreme genius, it's very complicated to do so. In many ways, Global History invites us to do more collaborative research, which pushes against the traditional structures of our institutions. For example, typically as a historian, you are still expected to write single authored big books. Collaborative research projects have often been discussed but rarely occur. I mean, you do have more collaborative

projects, but not on the level of a thesis, for instance. At this level it is still impossible because in the end, you are supposed to publish your individual monograph. Global History as a constituted field is developing in less spectacular ways, but has become normalized. It is one approach among many others. People have found out that Global Historians are not keen to “kill” the writing of German or other national histories. In reality, if you look at job advertisements, applicants are often asked to have something of a global profile, but it is not as if there are suddenly many more chairs or positions specifically dedicated to Global History. Still, it is now probably more helpful for your academic profile to claim that you are able to employ this perspective in your work than it was 20 years ago. That is probably a sign of success. There will always be people who say, “Global History is superficial” and so on. But perspectives related to Global History have shaped the writing of history in general. The topoi of mobility or the search for entanglements are widespread by now, and at the same time these perspectives are increasingly challenged from within Global History. This is as it should be, I think.

Once the global perspective becomes normalized, the good old days of huge excitement and the feeling of being avant-garde seem to be over. But in many ways, I would consider this development as a success: the global perspective has proven to be not the only way, but one established and useful way, to look at a number of historical problems.

### **Regarding historical writing, which methodologies should historians pay more attention to when implementing a Global History perspective?**

The idea from early on, that the main theories or protagonists of Global History very much emphasized, was that a Global History is not the history of everything, but an approach that emphasizes a certain perspective, for example to find out whether or how a very local phenomenon is connected with broader trends, is part of broader networks and so on. Global History does not mean to have at least two or three continents in your study, but it might be something rather limited. For example, if you look at a certain handicraft from a specific village, you could ask where do these products go? It could be that the result of a global perspective is that you only find out that the product was sold to two or three villages close by, or that these items are widespread all over the world. Maybe this village is at the nodal point of the production of these items on a global level, but perhaps it isn't. As I said, the global perspective is not about proving that things are globally connected, but about seeing if and how far these things are connected. The assumption is not that everything must be connected, but that they could be connected. It is true, we usually do not assume that things are insular, and that people are only shaped by the influences of the neighbors from the village next door. I see much of the work in Global History following this path.

### **This seems connected to the idea that places and things can also not be connected and that this is also an important point.**

Yes, I think a couple of people such as Fred Cooper, Ravi Ahuja and others argue that there's always a danger of writing history backwards when you assume certain networks as an organizing principle, because then you also look at specific groups in the past, especially if they are mobile, and forget about the others. I made this point many years ago. The fact that in South Asian history, you have so much



research on maritime labor and seafarers, and very little on small agrarian peasants, is part of this focus on global mobility. With this focus on mobilities, you may forget about the fact that immobility is the crucial other side of the coin. The mobility of a few is based on the immobility of others. This is important to keep in mind and not just emphasize that everything is entangled.

Researchers should not argue that a place is only interesting because some people went away and came back. It may also be interesting to examine a case in which nobody went away at all, or when people did go away, perhaps those who stayed are more interesting to look at. This is all very abstract. However, I think there should be caution to reflect about some of the things that led to the breakthrough of Global History and show that there were not just stagnant people living in the Global South who never moved until the Europeans pushed them. Rather there was a lot of mobility and activity before, and continued to be without the control of the European colonizers. There is, however, a certain danger that this becomes a caricature. It can lead to a kind of, 'we were global too' argument, which reminds me of the arguments made by earlier generations of Africanist historians. In what was one of the earliest general histories of Africa written by an African, Joseph Ki-Zerbo from Burkina Faso for example attempted to show that in pre-colonial Africa 'we also had Parliaments, or we also had cities' (KI-ZERBO, 1972). It was important to show that Africa had a rich and complex history before the Europeans arrived, but this argument implied a certain North Atlantic model as the main reference point. And now, the focus on mobility is again based on a model coming from the North Atlantic realm. The idea that you just have to show that there was a lot of mobility in other parts of the world, is to still subscribe to a North Atlantic assumption of what is normal. This "trap" is something scholars continue to reflect upon and frame their work accordingly.

**To finish, your book *Global History of Colonialism* will be published in 2022 by Princeton University. Could you give us a brief overview and commentary on what ways the Global History of colonialism could help us to rethink the legacy of this period?**

First of all, colonialism is very much thematically back, and in a way, I have a feeling that current thinking about it is often going in two extremes. This is a step back from a very interesting and differentiated debate about colonialism that has developed since the 1990s. Let me explain a little bit about what I find to be the current extreme ideological camps. On the one hand, there are those who now claim that colonialism was not that bad, quite the contrary that it brought a lot of "civilization" to the colonized. This is simply whitewashing. While related authors admit that there was a bit of violence, they counter that colonialism brought schools and hospitals and other good things. It is the Niall Ferguson argument on colonialism and Empire (FERGUSON, 2008). On the other hand, you have the view of colonialism as a very violent, racist and nasty enterprise. This view also ascribes a lot of power, in fact immense power to the colonizers. I understand that agency is a complicated tool and concept. But I think there's a certain tendency to underestimate the fact that for instance colonized Africans did a lot of things to come to terms with colonialism. Many arranged themselves to see possibilities to get something out of colonialism, or to fight against it. These intricacies are important. There was no colonial modernity, which was true for all colonized

regions. A global view might help to see what colonialism meant in different contexts at different times.

Now you're very quickly accused of relativizing colonialism, but I think it is important to see that colonialism was many things. Yes, it was based on violence and on very racist hierarchical ideas and this is nothing you should talk away. And even the famous civilizing mission was in many ways a racist, paternalistic viewpoint. Alternatively, I like the term Sara Berry coined, that colonialism was 'hegemony on a shoestring' (BERRY, 1992). I think that this very nicely describes what colonialism often meant on the ground. And I believe it is important to keep this differentiation in the picture in order to think about the historical legacy of colonialism. Why did so many things continue? Why if you look at the economic relations between Africa and Europe, is there still this colonial like relationship that Africans mainly produce the raw materials and others do something with it and also make the most profit? Why did racial ideas, on which colonialism was built, survive? Also how did Africans, for instance, make their way through it? And what was their take on it?

A number of recent contributions to the debate seem to suggest that colonialism was either something good or bad. My interest is not to belittle colonialism, nor to talk away the brutal and nasty elements that are structurally part of colonialism, this is not the point. The question is to explain why certain things develop in certain ways. And also important is the insight that so much of colonialism was built on a European paternalistic view, that they were superior to others. Equally crucial to an understanding of colonialism is the way colonizers used violence, often spectacularly, but not forgetting daily violence. But that's not all one needs in order to explain transformations that colonialism provoked.

One of the best approaches to studying colonialism, although very abstract, is to say that it was a huge transformation, but this transformation was not always under the control of the colonizers. This is an important point. It does not mean that now the colonized are responsible for the mess that colonialism left. But it is a move away from the perspective that the Europeans were omnipotent, and either played dirty tricks on Africans or killed them. I think this is not what colonialism was mainly about. These aspects were important parts of colonialism, but it is not sufficient to explain what was going on. And yes, this is also connected to the whole question we have here in Germany right now, asking where racism has come from? Why do Germans have the utmost difficulty to imagine that a black person can be German?

I think these are interesting questions, but you can't analyze them by just having a very narrow view of what colonialism was about. My book will hopefully be a contribution to a more complex debate about what colonialism was, without making any attempt to belittle the very devastating dimension that colonialism had.

## REFERENCES

BAYLY, Christopher Alan. *The birth of the modern world, 1780-1914: Global connections and comparisons*. Malden: Blackwell, 2004. (Blackwell History of the World).



BELLUCCI, Stefano; ECKERT, Andreas (org.). *General labour history of Africa: workers, employers and governments, 20th-21st centuries*. Suffolk: Boydell & Brewer, 2019.

BERRY, Sara. Hegemony on a shoestring: indirect rule and access to agricultural land. *Africa — Journal of the International African Institute*, London, v. 62, n. 3, p. 327-355, 1992.

ECKERT, Andreas. Fitting Africa into World History: a historiographical exploration. In: FUCHS, Eckhardt; STUCHTEY, Benedict (org.). *Writing world history: 1800-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 255-70.

ECKERT, Andreas; KOCKA, Jürgen. *Mission and Themes: work and life course as historical problems, perspectives of the International Research Center 'Re:Work'*. Available at: <https://rework.hu-berlin.de/mission-and-themes.html>. Accessed: 22 Mar. 2021.

ECKERT, Andreas. *Global histories of work*. Berlin; Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2016.

ECKERT, Andreas. *Die Duala und die Kolonialmächte: eine untersuchung zu widerstand, protest und protonationalismus in kamerun vor dem zweiten weltkrieg*. Münster; Hamburg: Lit, 1991. 351 p.

ECKERT, Andreas. *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: douala 1880-1960*. Stuttgart: Steiner, 1999. 504 p.

ECKERT, Andreas; CONRAD, Sebastian; FREITAG, Ulrike (org.). *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze*. Frankfurt a. M.: campus, 2007.

ECKERT, Andreas; Hentschke, Felicitas. *Corona and Work around the Globe*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021.

ECKERT, Andreas; LINDEN, Marcel van der. New perspectives on workers and the history of work: Global Labor History. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 145-162.

FERGUSON, Niall. *Empire: the rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. New York: Basic Books, 2008.

GUEYE, Omar. African History and Global History: revisiting paradigms. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. London: Bloomsbury Academic, 2018. p. 83-108.

KI-ZERBO, Joseph. *Histoire de l'Afrique noire: d'hier a demain*. Paris: Hatier, 1972.



SPRUTE, Sebastian-Manès. *Weltzeit im Kolonialstaat. Kolonialismus, Globalisierung und die Implementierung der europäischen Zeitkultur in Senegal, 1880-1920*. Bielefeld: Transcript, 2020.

THOMPSON, Edward. P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. *Past & Present*, n. 38, p. 56-97, Dec. 1967.

## AUTHOR'S NOTES

---

### CORRESPONDING ADDRESS

**Andreas Eckert**. Institut für Asien- und Afrikawissenschaften. Hausvogteiplatz 5-7, Room 304b, Berlin, Germany

### ACKNOWLEDGEMENTS

We thank Professor Andreas Eckert for granting the interview and Matheus Serva Pereira for his comments and contribution to the translation of this interview.

### FUNDING

Gerda Henkel Stiftung, PhD Scholarship; Deutscher Akademischer Austauschdienst, PhD Scholarship; and Deutsches Stiftungszentrum, PhD Completion Scholarship.

### ETHICS COMMITTEE APPROVAL

Not applicable.

### CONFLICT OF INTEREST

There is no conflict of interest.

### LICENSE OF USE

© Andreas Eckert, Ana Carolina Schweitzer and William Blakemore Lyon. This interview is licensed under the [Creative Commons License CC-BY](#). With this license, you can share, adapt, create for any purpose, as long as the authorship is properly attributed.

### PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Graduate Program in History. UFSC Journal Portal. The ideas expressed in this article are the sole responsibility of its authors, and do not represent, necessarily, the opinion of the editors or the University.

### EDITORS

Beatriz Mamigonian  
Flávia Florentino Varella (Editor-in-chief)

### HISTORY

Received on: Apr. 11, 2021  
Approved on: May 7, 2021

How to cite: ECKERT, Andreas. Historical writing and the global turn: perspectives from a historian of Africa. [Interview given to] Ana Carolina Schweitzer and William Blakemore Lyon. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 600-616, May/Aug. 2021.



## A ESCRITA DA HISTÓRIA E A VIRADA GLOBAL: PERSPECTIVAS DE UM HISTORIADOR DE ÁFRICA

Historical writing and the global turn: perspectives from a historian of Africa

### ENTREVISTADO

**Andreas Eckert<sup>a</sup>**


 <https://orcid.org/0000-0002-2566-1302>

E-mail: [andreas.eckert@asa.hu-berlin.de](mailto:andreas.eckert@asa.hu-berlin.de)

<sup>a</sup> Universidade Humboldt de Berlim, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Berlim, Alemanha


### ENTREVISTADORES

**Ana Carolina Schweitzer<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>

E-mail: [ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de](mailto:ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de)

**William Blakemore Lyon<sup>a</sup>**

 <https://orcid.org/0000-0002-7558-1095>

E-mail: [lyonwill@student.hu-berlin.de](mailto:lyonwill@student.hu-berlin.de)

<sup>a</sup> Universidade Humboldt de Berlim, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Departamento de Estudos Africanos, Berlim, Alemanha

**PALAVRAS-CHAVE:** História Global. História da África. História do Trabalho.

**KEYWORDS:** Global History. African History. Labor History.



Como a História Global pode estabelecer um diálogo com a História Africana? Qual é o valor dos conceitos de conexões e entrelaçamentos propostos pela História Global? Como podemos usar a História Global em nossas pesquisas? Além de explorar o que é a História Global, nos motivamos por entrevistar um pesquisador com ampla experiência sobre o assunto. Nesta conversa, o Professor Andreas Eckert detalha sua trajetória como Professor de História Africana e coordenador do Centro de Pesquisa de História Global (re:work), bem como como conceitua a História Global em seu campo de pesquisa.

O Professor Andreas Eckert é titular da Cátedra de História Africana do Instituto de Estudos Asiáticos e Africanos da Universidade Humboldt de Berlim. Ele entrou para o corpo docente em 2007 após lecionar por cinco anos na Universidade de Hamburgo. Eckert realizou pesquisas como professor convidado em várias universidades internacionais como a Maison des Sciences de l'Homme em Paris, Universidade de Harvard, Universidade de Stanford e a Universidade de Michigan. Desde 2009, ele é o diretor do Centro Internacional de Pesquisa "Trabalho e Ciclo de Vida Humana na História Global" — re:work — na Universidade Humboldt de Berlim.

Seus primeiros livros foram: *Die Duala und die Kolonialmächte: Eine Untersuchung zu Widerstand, Protest und Protonationalismus in Kamerun vor dem zweiten Weltkrieg* (1991) e *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: Duala 1880-1960* (1999). São contribuições importantes para o papel do colonialismo na história do Camarões, assim como trabalhos que nos ajudam a entender como o sistema colonial (alemão e após a Primeira Guerra Mundial, francês e britânico) tentou administrar o trabalho e controlar a terra.

Nas últimas décadas, a pesquisa de Andreas Eckert examinou as relações entre a História da África, a História do Trabalho e a História Global. Ele foi editor/colaborador em muitos volumes de autoria coletiva, entre eles: *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze* (2007), *Global Histories of Work* (2016), *General Labour History of Africa: Workers, Employers and Governments, 20th–21st Centuries* (2019), e *Corona and Work around the Globe* (2021). Com Marcel van der Linden, ele publicou *New Perspectives on Workers and the History of Work: Global Labor History*, no livro *Global History, Globally: Research and Practice around the World* (2018), editado por Sven Beckert e Dominic Sachsenmaier. Ele também contribui regularmente em jornais alemães, como o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e o *Die Zeit*. Recentemente, ele publicou *Geschichte der Sklaverei. Von der Antike bis ins 21. Jahrhundert* (2021).

Além de suas publicações, Eckert construiu o re:work como um espaço importante para o desenvolvimento e promoção de pesquisas de ponta no campo da História Global do Trabalho. O re:work foi fundado em 2009 com a intenção de se concentrar em temas engajados, que incluem: como o trabalho é conceitualizado e como as definições mudam com o tempo; como globalizar os estudos do trabalho especialmente integrando idéias e estudiosos do Sul Global; reexaminar o conceito de 'classe trabalhadora'; explorar noções do que é trabalho e do que não é, e a combinação destas duas (supostas) esferas separadas; e examinar a relação entre trabalho 'livre' e trabalho 'não livre' (ECKERT; KOCKA, 2021). Mas talvez a maior força do re:work tenha sido convidar e financiar estudiosos de todo o mundo para desenvolver, compartilhar e criticar o trabalho um do outro como bolsistas sediados em Berlim. O tempo dedicado por esses acadêmicos — desde acadêmicos em início de carreira até professores de renome — no re:work tem sido um elemento chave para o surgimento de muitos livros, artigos, colaborações, conferências e workshops.

A entrevista a seguir foi uma conversa presencial com o Prof. Eckert abordando questões previamente compartilhadas. Gravamos em outubro de 2020, algumas semanas antes do segundo confinamento devido à COVID-19 na Alemanha. Dito isto, seguimos protocolos adequados para garantir a segurança de todos os participantes. A entrevista aconteceu no re:work em Berlim e durou aproximadamente duas horas. Em seguida, transcrevemos o áudio, fizemos edições gramaticais e compartilhamos a transcrição com o Professor Andreas Eckert para pequenas mudanças e acréscimos. Fizemos então os ajustes finais antes de submetermos à Esboços.

Ao longo da entrevista, procuramos discutir questões que são relevantes para jovens pesquisadores que buscam utilizar a História Global em suas pesquisas. Acreditamos ser particularmente importante focar nos métodos e ferramentas do campo que podem ser implementados para aqueles em fases iniciais de sua carreira. Procuramos também incluir uma breve visão geral do campo da História Global do Trabalho e suas mudanças durante a última década. De forma alguma esta entrevista é uma explanação completa de todos os temas que abordamos, mas esperamos sinceramente que ela possa despertar seu interesse em explorar mais a fundo alguns tópicos abordados e trabalhos mencionados.

**Para iniciar a nossa conversa, poderia nos falar sobre o início da sua formação e sua decisão de estudar e se especializar em história da África?**

Esta é uma história bastante específica. Quando comecei a estudar história, francês e jornalismo, a África não me interessava muito. O único lugar na África que me interessava era a África do Sul, porque quando cresci e fui para a escola, no final dos anos 70, início dos anos 80, o Movimento Anti-Apartheid era bastante forte, também na Alemanha e na minha cidade natal, Bremen. Tive um professor na escola que estava muito interessado nisso, e também tinha parentes na África do Sul. Isto moldou um pouco o meu interesse pela África do Sul. De qualquer modo, vim como estudante de graduação para a Universidade de Hamburgo e a minha ideia principal era focar na história francesa. Porém, no final do meu primeiro ano, frequentei uma disciplina sobre a história da África do Sul e o professor falou-nos de uma nova bolsa, financiada pelo Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico (DAAD) para estudar durante um ano no Camarões. Um dos pré-requisitos era que se fizesse um exame em francês e inglês, porque o Camarões, devido à sua específica história colonial, é bilíngue. O meu bilinguismo era, penso eu, a minha única vantagem, mas, ainda assim, uma vantagem. Também me candidatei por curiosidade, e por algum tipo de vontade de ter uma aventura. Então obtive a bolsa. Para ser honesto, antes disso eu não sabia muito bem onde era o Camarões, mas aprendi rapidamente. Alguns meses mais tarde, eu estava no avião para Yaoundé, capital do Camarões. Estudei lá durante um ano e fui um dos poucos estudantes não negros no campus, o que foi por si só uma experiência. Também precisei fazer algum trabalho jornalístico como parte do meu curso de jornalismo. Acabei por trabalhar algumas semanas para a rádio Camarões, o que foi realmente interessante. Depois desse ano, decidi que África deveria ser o meu foco.

Em Hamburgo, onde estudei a maior parte do tempo, a grande vantagem era que África, ou História da África, fazia parte do currículo do curso de História. Assim, a cadeira de História da África foi integrada ao Departamento de História, o que foi vantajoso para mim porque eu nunca estudei *Afrikanistik*, ou Estudos Africanos,



mas me concentrei na História.<sup>1</sup> Outra vantagem foi que um dos professores que lecionava literatura francesa, que era meu outro curso, estava muito interessado na literatura africana. Assim, tivemos aulas sobre Camarões e Mongo Beti, e eu escrevi um trabalho sobre Ousmane Sembène. Foi desse modo que eu ingressei na história da África. Terminei meu mestrado, no entanto, não ficou claro se eu deveria depois me tornar um jornalista ou fazer um doutorado. Trabalhei brevemente na TV alemã, mas acabei por decidir fazer o meu doutorado. Com uma bolsa do German Research Council (DFG), eu retornei ao Camarões por mais 14 meses para pesquisar e também passei algum tempo na França. Após minha defesa, tive a oportunidade de conseguir uma posição de professor assistente em Berlim, e então a história se desenrola. Essa é, mais ou menos, a minha trajetória.

### **Quando e por que a História Global se tornou um ponto de interesse em sua pesquisa?**

Acho que foi quando a História Global surgiu, lentamente, no início dos anos 2000. Fiquei interessado porque estava trabalhando em alguns temas focados na África que estavam estreitamente conectados com outros lugares. Naquela época, não usávamos o termo global, mas sim Transnacional ou História Mundial. Durante este tempo, escrevi um artigo sobre a África e a História Mundial, tentando fazer um balanço do que foi escrito sobre a África e o mundo e como poderia ser conceitualizado (ECKERT, 2003). Uma das referências interessantes para mim foi o senegalês Cheikh Anta Diop, que normalmente é chamado de afrocentrista. Uma de suas principais ideias era a de reconfigurar o lugar da África no mundo. Como repensar o lugar da África na História Mundial foi algo pelo qual me tornei interessado. Então percebi que, como historiador da África, porque grande parte da pesquisa está focada no período do colonialismo, você é, por norma, forçado a fazer ligações, muito mais do que provavelmente faria se trabalhasse em certas partes da História alemã ou finlandesa. Quanto mais eu lia, e quanto mais eu pesquisava, surgiam algumas questões: Comecei a pensar mais seriamente sobre os conceitos que usamos. De onde eles vêm? Como eles se ajustam ao analisar o contexto africano? Então comecei lentamente a pensar em Trabalhador e Trabalho.<sup>2</sup> Isto foi usado na África de uma maneira limitada, focando apenas o trabalho assalariado, o que levou imediatamente a uma visão bastante restrita sobre o que é trabalho na África. Em essência, era um interesse lento, mas em constante crescimento.

Percebi, no início dos anos 2000, enquanto a História Global engatinhava, com livros como a excelente síntese de Christopher Bayly, publicado pela primeira vez em 2004, que a África não desempenhava um papel muito importante nessa nova

---

<sup>1</sup> Nota dos tradutores: Na Alemanha, a disciplina de História da África é oferecida, na maioria dos casos, pelos departamentos de áreas específicas, como Estudos Africanos. A Universidade de Hamburgo possui a disciplina de História da África como parte do programa do curso de História, mas isso não é padrão. Na Universidade Humboldt de Berlim, por exemplo, por existir um Departamento de Estudos Africanos, as disciplinas e pesquisa referentes à literatura, linguística e história africana são ofertadas e coordenadas pelos integrantes deste departamento. Para mais informações sobre o Departamento de Estudos Africanos da Universidade Humboldt de Berlim: [https://www.iaaw.hu-berlin.de/en/index\\_en?-set\\_language=en](https://www.iaaw.hu-berlin.de/en/index_en?-set_language=en). Acesso em: 30 maio 2021.

<sup>2</sup> No original: *Labour and Work*. Aplica-se ainda "mão de obra e trabalho".

abordagem (BAYLY, 2004). Também percebi que, quando as pessoas falavam sobre outras regiões do mundo por meio da História Global, era principalmente sobre a Ásia, que estava na moda. Muitas vezes pensei que seria bom trazer a África para a História Global e realmente pensar sobre o porquê da África ser marginalizada. Por que África não é tão importante para a História Global? É por causa da maneira como as perguntas centrais são formuladas?

Em 2007, eu me mudei de uma cátedra em Hamburgo para Berlim e havia surgido um grupo de jovens pesquisadores que tinham a História Global como foco. Sebastian Conrad, eu e outros, estávamos muito interessados neste tópico. Em Berlim, existia tanto um contexto institucional quanto intelectual para este novo empreendimento. Isso foi muito motivador para mim. Desde cedo, os interessados em História Global eram, em sua maioria, também especialistas em áreas específicas. Sempre insistimos que a História Global deveria ser combinada com uma área de especialização. Em 2007, iniciamos a série de livros alemã intitulada História Global com a Campus Verlag, que agora já tem mais de 30 volumes.<sup>3</sup> Isto nos ajudou a ver o que está acontecendo na área. Em resumo, esta é a longa história do meu engajamento na História Global. No entanto, sempre insisti que a história africana é importante e deveria estar no centro do meu trabalho acadêmico.

**Como Sebastian Conrad apontou em “O que é História Global”, há três abordagens da História Global: a história de tudo, a história das conexões e a história baseada no conceito de integração. Como você define História Global em seu trabalho?**

Para mim, como para muitos outros, História Global não é realmente um método, mas uma perspectiva, uma perspectiva muito útil para uma série de questões que me ajudaram a ver as coisas de maneira diferente. Muitos historiadores de África costumavam ter ou continuam tendo uma visão bastante insular da história africana. Nós frequentemente acusamos, por boas razões, a história da Alemanha de ser de pensamento muito estreito. Mas você também tem histórias estreitas da Ásia, da África e das Américas que não vêem conexões mais amplas com seus temas. Eu acho que a História Global tem sido bastante estimulante para a escrita da História da África, mas com algumas reservas. Considerar a África em relação à história global sugere linhas valiosas de conexão com outros campos da história e novas perspectivas sobre uma série de tópicos, mas também um modismo. A História Global permite que os historiadores se movam através e além dos campos geográficos sobre os quais a profissão foi organizada, nos convidando a dar tanta atenção às particularidades de outros lugares, assim como nós (no meu caso: Africanistas) gostaríamos que nossos colegas dessem às especificidades da história africana.

**Ao combinar História Global e História da África, o Prof. Omar Gueye argumentou que “o sucesso da história global é um desenvolvimento positivo para a história**

---

<sup>3</sup> *Globalgeschichte*, Campus Verlag. Os volumes estão disponíveis em: [https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx\\_campus\\_list%5B%40widget\\_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1](https://www.campus.de/buecher-campus-verlag/wissenschaft/geschichte.html?tx_campus_list%5B%40widget_2%5D%5BseriesElement%5D=92&tx_campus_list%5B%40widget_4%5D%5BcurrentPage%5D=3&cHash=9fe8791f23494a506f0078949f53b9f1). Acesso em: 12 abr. 2021.

**africana” (GUEYE, 2008, p. 85). Isto é especialmente pertinente na mobilização dos historiadores para traçar conexões entre a África e o resto do mundo. Isto significa ir além da penetração do Islã no continente, do tráfico de escravizados para o Atlântico e da colonização. Ele também enfatizou que a História Global contribuiu para a criação de uma “verdadeira interconexão epistemológica”, quando os pesquisadores começaram a mencionar a África na história que eles escrevem. Como você vê o uso da História Global no estudo da História Africana?**

Acho que é importante, mas novamente, eu pressuponho que a maioria dos protagonistas da História Global agora enfatizam que a História Global não é o “*non plus ultra*”. Não é a única maneira de fazer as coisas. É uma certa perspectiva que pode ajudar para alguns problemas, mas pode não ser tão útil para outros. Eu não a veria como uma espécie de dogma ou algo que você deve empregar, mas algo que pode abrir novos e interessantes caminhos. No início, por exemplo, todos estavam muito entusiasmados com os entrelaçamentos. E me parecia que a ideia era que haviam entrelaçamentos em todos os lugares, mas eles tinham sido negligenciados. E nossa tarefa era descobri-los.

Agora estamos no ponto em que dizemos que sim, existem entrelaçamentos, porém eles não estão em toda parte e sua qualidade ou substância pode diferir e mudar muito com o tempo. A ideia de que tudo está sempre entrelaçado simplesmente não é verdadeira. Para mim, a História Global é uma forma importante de trazer a África de volta ao debate de questões mais amplas. E eu acho que esta é uma maneira pela qual a História Global tem ajudado, de certa forma, a trazer a História Africana de volta à tona. Muitos de meus colegas na África fazem a crítica de que se a África é integrada na História Global é somente através do tráfico de escravos, que é uma das partes mais obscuras e desagradáveis da História Africana. Mas creio que existem várias outras maneiras pelas quais esta conexão poderia ser feita, por exemplo, através do consumo, ou do meio ambiente. Não somente os escravos eram comercializados, mas também muitos outros itens.

Além disso, acredito que tipos específicos de histórias intelectuais podem ser valiosas. Poderíamos perguntar como certos conceitos ou ideias gerais mais globais também foram moldados em conexão com a África, como, por exemplo, se os africanos contribuíram para ideias mais amplas sobre o que é liberdade e o que é falta de liberdade. Penso que há várias maneiras pelas quais a inclusão da África pode nos ajudar a discutir questões mais amplas. Neste momento, um dos pontos cruciais é que devemos ser muito cautelosos ao fazer afirmações universais. Isto significa que a África não é relevante para todos os tópicos, porém para muito mais do que pensávamos. Para mim, este é um dos pontos onde a História Global é muito útil para repensar a história africana.

Por outro lado, se as pessoas escrevem sobre certos aspectos da história africana, não há obrigação de torná-la global. É claro que casos muito regionais podem ter implicações e conexões mais amplas, mas isto não pode ser presumido automaticamente. Este ponto é importante porque alguns historiadores da África mais jovens podem sentir a obrigação de obter alguma credibilidade em relação à História Global, mas isto não é necessário. É algo que você pode usar, e para muitas questões, como a questão do trabalho, da mão de obra, isso pode abrir novas perspectivas interessantes. Mas não é uma obrigação. É uma perspectiva, entre outras, às vezes



mais empolgante, mas não é um *Deus ex machina* para qualquer problema histórico que você possa ter.

**Além das questões relacionadas ao espaço, a história global também explora conceitos de tempo. Em um projeto que você dirigiu, intitulado “Globalisierung der westlichen Zeitordnung” (Globalização da ordem do tempo ocidental), você e sua equipe analisaram a forma como os sistemas coloniais tentavam implementar a padronização do tempo. Como um historiador do trabalho pesquisa a globalização dos conceitos de tempo?**

Uma das premissas deste projeto, que foi elaborado por Sebastian-Manès Sprute, foi não assumir que o colonialismo veio e introduziu a concepção de tempo europeu e, da noite para o dia, esta concepção estava por aí (SPRUTE, 2020). Ao invés disso, vê-lo como um processo e como parte de uma integração mais ampla no mundo, mas também como uma luta constante. Eu havia escrito bastante sobre burocratas africanos que trabalhavam para a administração colonial. Dentro dessa pesquisa, temas como pontualidade, uma jornada de trabalho “regular”, obter um certo número de pausas, bem como se os trabalhadores tinham um relógio, tiveram um papel importante. Nós questionamos sobre como os africanos usavam o tempo europeu em seu benefício, como tentaram enfraquecê-lo aos poucos, como tentaram manter intactas suas próprias noções de tempo, como durante períodos importantes dos ciclos agrícolas, bem como usar o tempo como um instrumento de poder. Mesmo nas discussões seguindo o famoso artigo de E.P. Thompson sobre a introdução do tempo industrial na Europa capitalista, é notável que sempre existiram conceitos diferentes e conflitantes de tempo (THOMPSON, 1967).

Para a África, o aspecto de coexistências de regimes de tempo é ainda mais importante. Não de uma maneira romantizada. No entanto, o que significa no fundo que há um novo calendário e um horário de trabalho colonial? A questão dos feriados é muito importante no contexto do tempo. Por exemplo, que conflitos surgem quando o calendário colonial inclui certos feriados europeus, como a “*Fête Nacional*”, mas ignora os da população local? O projeto se concentrou na questão do que significa a globalização na vida cotidiana, especialmente no âmbito da administração colonial. Ele foi realizado principalmente no Senegal e uma das grandes questões se concentrou nos conceitos muçulmanos locais de tempo, em contraste com as ideias europeias e onde eles entram em conflito, especialmente no contexto da burocratização e da administração. Também enfatizava o que podemos construir sobre certas noções de tempo, de pontualidade, de ritmos de trabalho. Um objetivo foi descrever o poder transformador do colonialismo europeu, mas ao mesmo tempo, mostrar que grande parte desta transformação não se desenvolveu da maneira que as potências coloniais gostariam que tivesse acontecido. Também é complicada a ideia teleológica sobre a globalização como algo que veio e depois transformou completamente as estruturas locais. Em vez disso, o tempo foi analisado como um novo campo de luta no contexto local. De certa forma, as noções coloniais europeias de tempo pressionaram as pessoas, mas também abriram novas oportunidades, maneiras de manobrar e de conseguir posições de poder.



## **Os muçulmanos na África Ocidental tentaram negociar dias de folga que diferiam dos colonizadores principalmente cristãos?**

Sim, é claro. Por exemplo, em contraste com os cristãos, os muçulmanos têm o dia principal de oração na sexta-feira em vez de domingo. Portanto, muitas vezes era difícil conseguir que todas as pessoas trabalhassem às sextas-feiras, assim como durante as cinco orações diárias. Estes horários não correspondiam necessariamente às pausas em um escritório burocrático. Nunca houve um tipo de solução. Às vezes protagonistas locais encontravam um acordo, às vezes não. De qualquer modo, havia luta constante dos europeus para levar uma ideia adiante e, muitas vezes, eles não conseguiam fazê-la completamente. Em muitos aspectos, algumas das imagens negativas e estereótipos sobre os africanos surgiram da incapacidade das potências coloniais de levar adiante suas pautas. A tentativa de transformação dos regimes de tempo é um exemplo a este respeito.

## **Desde 2009 você é diretor do re:work, centro que recebeu mais de 140 pesquisadores de diferentes partes do mundo. Você pode nos falar sobre a ideia de criar este instituto?**

Tudo começou com uma candidatura ao *Blankensee-Colloquien*, um programa organizado pelo *Wissenschaftskolleg*. O programa se dirigia a acadêmicos mais jovens (recém-doutores), pós-doutorandos avançados ou professores recentes, que poderiam solicitar financiamento para fazer uma interessante conferência interdisciplinar. Já há alguns anos eu vinha pensando em como combinar meu interesse pela história africana, meu crescente interesse pela história global e meu interesse pela história social. Acabei por apresentar uma proposta que combinava estes conceitos focando na mão-de-obra/trabalho. Achei que era um tópico bom e oportuno, mas que era também muito amplo.

Embora eu não tenha obtido o financiamento, havia um membro do Senado de Berlim para o ensino e pesquisa que estava no comitê de seleção que achou minha proposta muito interessante e promissora. Através de outra linha de programa, ela ofereceu financiamento substancial para organizar um par de conferências para testar minhas idéias. Em 2005 e 2006, Jürgen Kocka e eu organizamos três conferências no Centro de Ciências Sociais de Berlim, sob o título “Repensando o trabalho em uma perspectiva global”.<sup>4</sup> Convidamos muitos historiadores da temática do trabalho de todo o mundo a pensar através de ideias sobre o que poderia ser a história do trabalho. Foi uma época em que a história do trabalho tradicional ainda estava em crise. Trabalho cheirava um pouco à moda antiga. Mas, por outro lado, podíamos ver muito entusiasmo, especialmente de estudiosos do mundo não europeu, incluindo vários colegas do Sul da Ásia, África e América Latina.

Estávamos recebendo um feedback positivo. As pessoas estavam interessadas no mundo do trabalho e não apenas na antiga, um tanto convencional, tradicional perspectiva da história sindical, mas analisando-o tanto como um tópico político e cultural, como também com novas abordagens metodológicas interessantes. Por pura

---

<sup>4</sup> “Rethinking Labour from A Global Perspective”, Berlim, outubro de 2006, mais informações em: [www.hsozkult.de/event/id/event-56188](http://www.hsozkult.de/event/id/event-56188). H-Soz-Kult, 19 jun. 2006. Acesso em: 1 jun. 2021.

coincidência, o Ministério Federal de Educação e Pesquisa iniciou, por volta desta época, o programa *Käte Hamburger Kollegs*, a fim de estabelecer centros internacionais de pesquisa. Este programa resultou de um debate sobre como internacionalizar, bem como criar, mais conteúdo de pesquisa dentro das universidades alemãs. A ideia era estabelecer Institutos de Estudos Avançados com sedes na universidade. A convocação foi lançada e conseguimos financiamento. Começamos do zero, não tanto como um centro de pesquisa, mas como uma comunidade de bolsistas acadêmicos. A ideia inicial era convidar anualmente uma série de excelentes acadêmicos de todo o mundo para criar um debate global interdisciplinar onde os bolsistas tivessem a oportunidade de desenvolver ou repensar um tema e fazer um trabalho inovador. O objetivo era ter um foco amplo, mas temático. Estávamos cientes do fato de que “trabalho” era um tema muito vasto, e uma tentativa de focalizar o debate era enfatizar o aspecto da geração e do ciclo de vida. O princípio básico era envolver-se criticamente com o conceito de uma “*normal working biography*” ao longo do ciclo de vida e do curso de vida de um indivíduo. Vimos o curso de vida como uma ferramenta crucial para estruturar e manejar sistematicamente o vasto tópico do mundo do trabalho.

Durante o primeiro ano de re:work, não tivemos muitas aplicações porque houve um prazo relativamente curto desde a aprovação do projeto até quando precisávamos aceitar as aplicações. Mas, em poucos anos, recebemos centenas de candidaturas. Muito rapidamente o re:work se tornou um lugar onde os estudiosos queriam vir e compartilhar ideias. Desde o início, começamos a fazer nossas próprias iniciativas, por exemplo, escolas de verão anuais. Fomos com professores, pós-doutorandos e doutorandos para a África, Ásia do Sul, América do Sul, incluindo o Brasil, e organizamos oficinas em cooperação com acadêmicos locais, a maioria ex-bolsistas de re:work. Construimos redes ao redor do mundo de estudiosos interessados e trabalhando com os temas dos trabalhadores e do mundo do trabalho. O re:work foi proativo em evitar apenas a participação de estudiosos estabelecidos e convidou diversos grupos. Caso contrário, teríamos confiado nas mesmas duas ou três redes acadêmicas “mafiosas” o tempo todo.

**O re:work teve um grupo muito diversificado de pesquisadores de todo o mundo, incluindo o Brasil, como Sidney Chalhoub, Paulo Fontes, Henrique Espada Lima e João José Reis. Além da qualidade das pesquisas, quais critérios o re:work usou e como foi escolher seus bolsistas para que tivessem uma forte representação de acadêmicos do Sul Global?**

Para o Brasil, a maioria dos colegas concentravam-se na história da escravidão. Foi um desenvolvimento muito interessante que, cada vez mais, os historiadores da escravidão começaram a se entender também com os historiadores do trabalho. De certa forma, os estudos da escravidão e do trabalho uniram forças e viram muitas sobreposições nas questões e perspectivas utilizadas. Em termos de seleção de bolsistas, nunca tivemos cotas, ou nunca fizemos uma ação afirmativa. Tentamos fazer com que boas pessoas de diferentes regiões se aplicassem. re:work não pediu diretamente às pessoas que viessem. Todos os estudiosos tiveram que passar pelo nosso processo de candidatura e no final, no nosso conselho consultivo internacional fez a seleção final. Havia uma competição acirrada.

Nós tínhamos critérios básicos para os candidatos quanto à qualidade de seus projetos. Havia duas etapas de um projeto em que fazia sentido aplicar. Ou seja, você





ainda estava muito no início e apenas pensando em um novo tópico. Nesse caso, você poderia usar o ano para moldar suas ideias na discussão com outros pesquisadores e para enquadrar seu projeto em caminhos potencialmente inovadores. Ou pessoas que já tinham feito trabalho de campo e estavam apenas escrevendo. Nesse caso, você teria a tranquilidade no re:work para escrever. Ao mesmo tempo, você poderia ser positivamente perturbado intelectualmente por algumas ideias interessantes com seus colegas de estadia. Você também poderia usar o espaço para testar certos argumentos. Assim, no re:work você poderia sentar-se, ter tempo para trabalhar e, ao mesmo tempo, ter a oportunidade de trocar ideias com pessoas vindas de disciplinas e perspectivas de pesquisa muito diferentes. Mas, no final do dia, todos compartilhavam um interesse básico no tópico mais amplo do mundo do trabalho.

Tentamos ter uma mistura de estudiosos, não apenas pessoas famosas, mas indivíduos que poderiam não ser tão conhecidos, mas que tinham projetos que pareciam muito interessantes e promissores. Todos os anos tentamos reunir um portfólio diversificado de bolsistas, incluindo pessoas de diferentes gêneros, etnias e também de idades variadas. O projeto re:work queria ter certeza de que os bolsistas seriam capazes de se reunir e, esperávamos, criar uma dinâmica de grupo estimulante ao pensamento.

Às vezes funcionava muito bem, às vezes não. Para ser honesto, muitas vezes tem a ver com o tipo de flexibilidade intelectual e abertura das pessoas, bem como de personalidades. Não se podia prever o resultado. Às vezes você tinha alianças intelectuais que pensávamos que fariam uma equipe ou um trio interessante, mas na realidade, não funcionava tão bem e eles pouco tinham a dizer um ao outro. A cada ano, parte do suspense e da excitação era: vai funcionar ou não? Um exemplo de sucesso que me lembro foi quando tivemos os colegas Paulo Fontes (Brasil), Alex Lichtensteln (EUA) e Toby Boraman (Nova Zelândia), que juntos organizaram uma oficina sobre os movimentos trabalhistas nos anos 1970. Outra aliança interessante foi Jamie Monson, um historiador da África, e Niels Petersson, um historiador econômico que trabalha com transporte e globalização. Eles organizaram um workshop sobre a história do transporte e do trabalho. Estes são apenas dois exemplos das muitas experiências interessantes e frutíferas, onde reunimos pessoas, e cada um aproveitou questionamentos e perguntas inesperadas através de interações com outras disciplinas ou pessoas de outras regiões.

### **Como você acha que isso afetou o trabalho produzido pelos bolsistas associados ao re:work ao longo dos anos?**

Como o ex-reitor do Wissenschaftskolleg zu Berlin, Wolf Lepenies, disse uma vez, se as pessoas saem com o mesmo projeto que elas chegam, algo deu errado. Em alguns aspectos, esta era também a ideia que tínhamos. O ambiente que tentamos criar foi o de desestabilização produtiva. Havia pessoas que estavam trabalhando em um tema, que receberam feedback e poderiam repensar criticamente alguns de seus pontos. Alguns estavam realmente abertos a isso, mas, em outros casos, os pesquisadores simplesmente não queriam ser intelectualmente perturbados.

Acho que isto é o melhor que uma instituição deste tipo pode oferecer. Você passa muito tempo com seu próprio trabalho e depois o coloca em debate em um contexto onde pode receber críticas afiadas, mas não devastadoras. Criamos uma espécie de

atmosfera intelectual que foi impulsionada pelo convívio e também pela solidariedade, sem necessariamente sermos muito bonzinhos um com o trabalho do outro.

Este tipo de debate é crucial para desenvolver um campo ou certas ideias, mas, ao mesmo tempo, pode sinalizar se uma ideia é um beco sem saída. Nos regularmente tivemos historiadores que pensavam que o que os antropólogos faziam era muito restrito e, ao mesmo tempo, os antropólogos perguntavam como os historiadores podiam falar sobre grandes conceitos sem fundamentarem-se em certas áreas. Havia sempre este ceticismo e irritação mais amplos, mas, por outro lado, acho que, muitas vezes, tínhamos uma atmosfera de mal-entendidos criativos. De modo geral, funcionava bem. Tinha a ver com o quadro institucional. Conseguimos, na maioria dos casos, proporcionar uma atmosfera onde todos achavam que ele ou ela era igualmente importante e levado a sério. O que definitivamente ajudou é que a gente socializava fora do trabalho, como cozinhar um para o outro ou visitar museus juntos. Isto criou um senso de solidariedade e a culinária, especialmente, provou ser um grande equalizador. Muitos nos disseram que cozinhar para o grupo era muito mais difícil e causador de ansiedade do que apresentar sua pesquisa.

**Enquanto instituição de pesquisa, re:work se encaixa em uma linhagem que começou com instituições de ensino, como o Instituto Internacional de História Social, em Amsterdã. Tendo a História do Trabalho Global como foco, os pesquisadores não só têm sido jovens estudiosos em início de carreira, como também pesquisadores reconhecidos, como Frederick Cooper, Marcel van der Linden, Sandrine Kott e Sebastian Conrad. Um nexos primário de pesquisa sempre foi a relação entre trabalho e ciclos de vida. Olhando para o que foi produzido pelos vários bolsistas e participantes dos cursos de verão, há alguma perspectiva que não era inicialmente esperada, mas que você acha que fará parte do “legado” do re:work?**

De muitas maneiras nós precisamos admitir de forma autocrítica que a ligação entre trabalho e o ciclos de vida só funciona até certo ponto. Nossa ideia de que as pessoas que chegaram ao re:work sem nenhum pensamento prévio sobre o ciclos de vida, seriam estimuladas o suficiente para depois integrá-lo em seu projeto, realmente não aconteceu. O ambiente intensificou o enfoque sobre o “ciclos de vida” para as pessoas que já vinham com uma certa ideia sobre o assunto, e como ela poderia se encaixar em seu projeto. Porém, muitas pessoas vieram e partiram sem realmente pensar que o “ciclos de vida” era uma ferramenta útil para seu projeto. No final, houve um grupo de colegas que produziu uma investigação muito boa aplicando o conceito de ciclos de vida. Por exemplo, um dos volumes finais do re:work, editado por Josef Ehmer e Carola Lentz, concentra-se nas questões do “ciclo de vida” e geração. Há também artigos extremamente interessantes de vários colegas de diferentes grupos que usaram o “ciclos de vida” como uma abordagem. Acho que, no final, provou ser um tema interessante e útil, mas não tão dominante e visível como pensávamos inicialmente.

Por outro lado, houve perguntas que nunca perderam sua importância, independentemente do ano. Por exemplo: a questão sobre o que é trabalho e o que é não-trabalho? Onde estão as zonas cinzentas entre elas e quem tem o poder de definir trabalho? Como conceituar trabalho e onde o trabalho termina? A análise do trabalho “além do trabalho assalariado” tornou-se cada vez mais importante, pois permitiu que grupos marginalizados e suas atividades fizessem parte da história do trabalho — por

exemplo, o trabalho doméstico, o trabalho de cuidado, o trabalho infantil, o trabalho sexual, o trabalho prisional ou o trabalho da polícia e dos soldados. Entretanto, quando tudo é trabalho, como uma categoria analítica, é bastante inútil. E a dimensão política do tema? Trabalho como luta, este aspecto crucial não desaparece quando, por exemplo, beber cerveja ou ir ao ginásio é descrito como trabalho? Estas são algumas perguntas que permaneceram cruciais ao longo dos anos de re:work.

O trabalho “livre” e “não livre” tem sido sempre um tema muito debatido. O que isso significa, exatamente? A contribuição brasileira tem sido muito importante aqui, porque tem havido um debate intenso sobre a noção de morosidade do fim da escravidão no Brasil, e como este processo se correlacionou com noções específicas, bem como com práticas de trabalho. O que isso significou para um escravo brasileiro que, de repente, se encontrava formalmente livre? Houve alguma mudança em suas lutas diárias, práticas e espaços de negociações?

**Você está se referindo à ambiguidade da liberdade? Por exemplo, a questão de saber se a liberdade é realmente uma condição melhor em certas circunstâncias ou, por vezes, não?**

Sim, a ambiguidade da liberdade são um tema recorrente. Neste contexto, discutimos o tópico de como as práticas e noções de trabalho e de mundo do trabalho estão ligadas globalmente. O que significa a História Global do Trabalho? Onde podemos ver conexões e onde não as vemos? Se você olhar para seu projeto com uma perspectiva global, como isso pode mudar seu tema? Que tipo de novas perguntas você faz? Quão úteis são elas? Também abordamos como escrever uma História Global do Trabalho, e se é um “problema” quando alguém pensa que seu tópico não pode ser globalizado ou não pode ser enquadrado dentro de uma perspectiva global. Nós abordamos as questões óbvias sobre diferentes abordagens disciplinares do mundo do trabalho, bem como as promessas e os limites de abordagens mais quantitativas, das quais tivemos muito poucos que se opusessem às mais qualitativas.

A questão da comparação versus entrelaçamento foi levantada repetidamente. É algo que podemos unir ou não? Em suma, não houve um único grande tema singular, mas algumas questões subjacentes que surgiram com intensidades diferentes ao longo de todos os anos.

No momento, estamos no meio da produção de três volumes para resumir ‘o legado do re:work’. Eles são divididos em temas: um é sobre os “ciclos de vida” e as relações entre gerações; o outro focaliza o trabalho, os trabalhadores, os empresários e o capitalismo; e o terceiro focaliza aspectos mais amplos, por exemplo, o bem-estar, escravidão versus trabalho livre. Também estamos trabalhando potencialmente em uma publicação que é uma compilação “melhor das” contribuições dos alunos de doutorado que participaram de nossas escolas de verão.

**Sua experiência como diretor de centro de pesquisa em história global do trabalho — re:work — permitiu que você estabelecesse contatos com diferentes estudiosos de toda a Europa e do mundo. Como você descreve o panorama da História Global atualmente? Que universidades, grupos de pesquisa ou redes, você pode destacar? Após mais de dez anos, você vê uma mudança na trajetória da História Global?**



História Global se tornou muito popular, especialmente entre as gerações mais jovens. Há uma enorme demanda e Berlim é indiscutivelmente um local importante para a História Global. Na Humboldt e na Universidade Livre de Berlim temos um programa de Mestrado em História Global que atrai muitos estudantes do mundo todo. Além disso, nosso programa de pós-graduação em História Intelectual Global tem recebido alta demanda e temos iniciativas individuais, especialmente através da Universidade Livre de Berlim em torno da cátedra de Sebastian Conrad. Portanto, aqui em Berlim há muitos programas institucionais, bem como pesquisadores individuais, que se concentram em diferentes projetos de História Global.

Depois, há outros locais que se desenvolveram como centros para a História Global. Na Alemanha, há Leipzig, que é um local muito importante, assim como Munique, onde Roland Wenzlhuemer está construindo um centro de pesquisa. São todos passos cruciais para institucionalizar a História Global, o que é importante para que tenhamos programas estáveis e centros de estudo e pesquisa. Em alguns outros países da Europa, como na França, as pessoas ainda estão muito relutantes em utilizar esta abordagem. Em Paris, por exemplo, uma série de iniciativas foram iniciadas, mas depois não foram realmente implementadas. Nos Países Baixos, precisamos esperar para ver. No Instituto Internacional de História Social, sob a direção de Marcel van der Linden, houve um forte foco na História Global do Trabalho em Amsterdã. Entretanto, desde sua aposentadoria, isso tem mudando e há mais ênfase na migração. Muitas vezes depende dos indivíduos se certas tradições ou trajetórias são continuadas. Penso que a História Global do Trabalho ainda tem um lugar em Amsterdã, mas não é tão proeminente como costumava ser. E, sim, em outros países, como Itália e Espanha, você tem currículos na História Global. Fora da Europa, a História Global continua a ser proeminente nos Estados Unidos. No entanto, na América Latina, África, Sul da Ásia, mas também em países como o Japão, a História Global ainda é recebida com muita relutância.

Em resumo, isto é típico dos movimentos historiográficos. O fascínio do início desapareceu um pouco. As grandes disputas e debates conceituais terminaram por enquanto e estamos atualmente na fase mais de base da pesquisa. A maioria dos estudiosos testa como se pode fazer História Global com um tema concreto ou uma questão de pesquisa em mente. Isto significa que grandes livros abrangentes que tentam estabelecer o campo, como os de Bayly ou Osterhammel, não estão mais sendo escritos, porém a maior parte dos estudos e publicações está sendo feita sobre questões mais específicas. Penso que esta é, em muitos aspectos, uma fase empolgante. As abordagens da História Global, de certa forma, estão se tornando rotineiras. É uma coisa bastante normal de se fazer. Os pesquisadores testam, através de seus estudos individuais, até onde eles podem chegar com esta perspectiva em relação a outras. Em alguns aspectos, estamos descobrindo os limites desta perspectiva. Ao mesmo tempo, têm havido críticas contínuas sobre a História Global, por exemplo, a respeito de sua fetichização da mobilidade e que ela apenas examina as pessoas móveis e ignora as outras. Ainda não está óbvio até que ponto a renacionalização a nível político afetará a História Global. De alguma maneira, ironicamente, esta renacionalização é um tópico por excelência para a História Global. Ela está ligada à questão de por que, sob as atuais circunstâncias globais, há uma ressurreição da ideia de voltar a uma estrutura nacional específica. Este é um tópico muito global e só pode ser compreendido em uma estrutura global.



Naturalmente, sempre houve desconforto entre especialistas de áreas específicas, sobre até que ponto a História Global não está traindo algumas das características essenciais de regiões específicas — ter conhecimento profundo sobre algum lugar, incluindo idiomas e uma compreensão complexa da cultura. Tem havido muito debate metodológico e exercícios sobre como a História Global é melhor praticada como um projeto colaborativo. Isto é especialmente pertinente quando os pesquisadores combinam tópicos e trabalham em muitos idiomas diferentes. Nestas circunstâncias, se você ainda quiser, principalmente, fazer pesquisa primária, a menos que seja um gênio extremo, é muito complicado fazê-lo. De muitas maneiras, a História Global nos convida a fazer uma pesquisa mais colaborativa, o que nos coloca contra as estruturas tradicionais de nossas instituições. Por exemplo, normalmente, como historiador, ainda se espera que você escreva grandes livros de autoria única. Os projetos de pesquisa colaborativa têm sido discutidos com frequência, mas raramente ocorrem. Quer dizer, você tem mais projetos colaborativos, mas não no nível de uma tese, por exemplo. A este nível ainda é impossível, porque, no final, você supostamente tem que fazer sua monografia individual. A História Global como um campo constituído está se desenvolvendo de maneira menos espetacular, mas se normalizou. É uma abordagem entre muitas outras. As pessoas descobriram que os historiadores globais não estão interessados em “matar” a escrita da história alemã ou de outras histórias nacionais. Na realidade, se você olhar para anúncios de emprego, os candidatos são frequentemente solicitados a ter algo de perfil global, mas não é como se de repente houvesse muito mais cadeiras ou posições especificamente dedicadas à História Global. Ainda, é provavelmente mais útil para seu perfil acadêmico afirmar que você é capaz de empregar esta perspectiva em seu trabalho do que era há 20 anos atrás. Isso é provavelmente um sinal de sucesso. Sempre haverá pessoas que dizem: “A História Global é superficial” e assim por diante. Mas as perspectivas relacionadas à História Global têm moldado a escrita da história em geral. O tropo da mobilidade ou a busca de enredos já estão difundidos e, ao mesmo tempo, estas perspectivas são cada vez mais desafiadas a partir de dentro da História Global. Isto é como deveria ser, penso eu.

Uma vez que a perspectiva global se normaliza, os bons velhos tempos de grande excitação e a sensação de ser vanguardista parecem ter acabado. Mas, de muitas maneiras, eu consideraria este desenvolvimento como um sucesso: a perspectiva global provou não ser o único caminho, mas um caminho estabelecido e útil para olhar para uma série de problemas históricos.

### **Com relação à escrita histórica, a que metodologias os historiadores devem prestar mais atenção ao implementar uma perspectiva de História Global?**

Desde cedo, os principais teóricos e protagonistas da História Global enfatizaram que a História Global não era a história de tudo, mas uma abordagem que enfatiza uma determinada perspectiva, por exemplo, para descobrir se ou como um fenômeno muito local está ligado a tendências mais amplas, faz parte de redes mais amplas e assim por diante. A História Global não significa ter, pelo menos, dois ou três continentes em seu estudo. Ela pode ser algo bastante limitado. Por exemplo, se você olhar para um certo artesanato de uma determinada vila, você poderia perguntar: para onde vão esses produtos?



Pode ser que o resultado de uma perspectiva global seja que você só descubra que o produto foi vendido para duas ou três vilas próximas, ou que estes itens estão espalhados por todo o mundo. Talvez esta localidade esteja no ponto nodal da produção destes itens em nível global, mas talvez não esteja. Como eu disse, a perspectiva global não se trata de provar que as coisas estão globalmente conectadas, mas de ver se e até onde estas coisas estão conectadas. A suposição não é que tudo deve estar conectado, mas que elas poderiam estar conectadas. É verdade, normalmente não assumimos que as coisas são insulares, e que as pessoas são moldadas apenas pelas influências dos vizinhos da vila vizinha. Vejo muito das investigações na História Global seguindo este caminho.

**Isto parece ligado à ideia de que lugares e coisas também não podem ser conectados e que este também é um ponto importante.**

Sim, penso que algumas pessoas como Frederick Cooper, Ravi Ahuja e outros argumentam que há sempre o perigo de escrever a história ao contrário quando se assume certas redes como um princípio estruturante, porque então você também olha para grupos específicos no passado, especialmente se eles são móveis, e esquece os outros. Eu fiz este apontamento há muitos anos. O fato de que, na história do Sul da Ásia, você tem tantas pesquisas sobre o trabalho marítimo e os marinheiros, e muito pouco sobre os pequenos camponeses agrários, faz parte deste enfoque sobre a mobilidade global. Com este enfoque na mobilidade, você pode esquecer o fato de que a imobilidade é o outro lado crucial da moeda. A mobilidade de uns poucos se baseia na imobilidade de outros. É importante ter isso em mente e não apenas enfatizar que tudo está entrelaçado.

Os pesquisadores não devem argumentar que um lugar só é interessante porque algumas pessoas foram embora e voltaram. Também pode ser interessante examinar um caso em que ninguém foi embora, ou quando as pessoas foram embora, talvez aqueles que ficaram sejam mais interessantes de se ver. Tudo isso é muito abstrato. Entretanto, acho que deve haver cautela para refletir sobre algumas das coisas que levaram ao avanço da História Global e mostrar que não havia apenas pessoas estagnadas vivendo no Sul Global, que nunca teriam se mudado até que os europeus as empurraram. Havia, entretanto, muita mobilidade e atividade antes, e continuavam sem o controle dos colonizadores europeus. Mas acho que há um certo perigo de que isto se torne uma caricatura. Pode levar a uma espécie de argumento de “nós também éramos globais”, o que me faz lembrar os argumentos apresentados por gerações anteriores de historiadores africanistas.

No que foi uma das primeiras histórias gerais da África escrita por um africano, Joseph Ki-Zerbo, de Burkina Faso, por exemplo, tentou mostrar que na África pré-colonial “nós também tínhamos Parlamentos, ou também tínhamos cidades” (KI-ZERBO, 1972). Era importante mostrar que a África tinha uma história rica e complexa antes da chegada dos europeus, mas este argumento implica um certo modelo do Atlântico Norte como principal ponto de referência. E, agora, o foco na mobilidade está novamente baseado em um modelo que vem do âmbito do Atlântico Norte. A ideia de que você tem apenas que mostrar que havia muita mobilidade em outras partes do mundo é ainda subscrever uma suposição do Atlântico Norte do que é normal. Essa “armadilha” é algo sobre o qual os estudiosos continuam a refletir e a enquadrar seu trabalho .



**Para finalizar, seu livro “História Global do Colonialismo” será publicado em 2022 pela Universidade de Princeton. Você poderia nos dar uma breve visão geral e comentar de que forma a História Global do colonialismo poderia nos ajudar a repensar o legado deste período?**

Em primeiro lugar, o colonialismo está tematicamente de volta e, de certa forma, tenho a sensação de que o pensamento atual sobre isso muitas vezes vai em dois extremos. Este é um passo atrás em relação a um debate muito interessante e diferenciado sobre o colonialismo que se desenvolveu desde os anos 1990. Deixe-me explicar um pouco sobre o que eu acho que são os atuais campos ideológicos extremos. Por um lado, há aqueles que agora afirmam que o colonialismo não era tão ruim assim, muito pelo contrário, que trouxe muita “civilização” para os colonizados. Isto é simplesmente *whitewashing*.<sup>5</sup> Embora autores dessa perspectiva admitam que houve um pouco de violência, eles contra argumentam que o colonialismo trouxe escolas e hospitais e outras coisas boas. É o argumento de Niall Ferguson sobre colonialismo e império. Por outro lado, você tem a visão do colonialismo como um empreendimento muito violento, racista e desagradável. Esta visão também atribui muito poder, de fato imenso poder, aos colonizadores. Entendo que a agência é uma ferramenta e um conceito complicado. Mas acho que há uma certa tendência para subestimar o fato de que, por exemplo, os africanos colonizados fizeram muitas coisas para se adaptarem ao colonialismo. Muitos se organizaram para ter possibilidades de tirar algo do colonialismo, ou para lutar contra ele. Estas complexidades são importantes. Não havia uma modernidade colonial válida para todas as regiões colonizadas. Uma visão global poderia ajudar a ver o que o colonialismo significava em diferentes contextos em diferentes épocas.

Hoje você é muito rapidamente acusado de relativizar o colonialismo, no entanto acho que é importante ver que o colonialismo foi muitas coisas. Sim, ele foi baseado na violência e em ideias hierárquicas muito racistas e isso não é possível de negar. E até mesmo a famosa “missão civilizadora” foi, em muitos aspectos, um ponto de vista racista e paternalista. Alternativamente, eu gosto do termo cunhado por Sara Berry, que o colonialismo era “hegemonia sobre um cordão de sapato” (*hegemony on a shoestring*). Penso que isto descreve muito bem o que o colonialismo, muitas vezes, significava na base. E acredito que é importante manter esta diferenciação em perspectiva para pensar sobre o legado histórico do colonialismo. Por que tantas coisas continuaram? Por que se olharmos para as relações econômicas entre a África e a Europa, será que ainda existe esta relação de tipo colonial que os africanos produzem principalmente a matéria-prima e outros fazem algo com ela e também obtêm o máximo lucro? Por que as ideias raciais, sobre as quais o colonialismo foi construído, sobreviveram? Também, como os africanos, por exemplo, conseguiram encontrar um caminho através dele? E qual foi a posição que tiveram em relação a isso?

Várias contribuições recentes ao debate parecem sugerir que o colonialismo era algo bom ou ruim. Meu interesse não é subestimar o colonialismo, nem afastar os elementos brutais e desagradáveis que são estruturalmente parte do colonialismo, esta não é a questão. A questão é explicar por que certas coisas se desenvolvem de certas maneiras. Também é importante a percepção de que grande parte do

---

<sup>5</sup> Nota dos tradutores: A expressão em inglês tem o significado de indicar que algo é enganoso, falsificador.

colonialismo foi construído sobre uma visão paternalista europeia, que eles eram superiores a outros. Igualmente crucial para uma compreensão do colonialismo é a forma como os colonizadores usavam a violência, muitas vezes de forma espetacular, mas sem esquecer a violência diária. Mas não é só isso que é preciso para explicar as transformações que o colonialismo provocou.

Uma das melhores abordagens para estudar o colonialismo, embora muito abstrata, é dizer que foi uma enorme transformação, mas esta transformação nem sempre esteve sob o controle dos colonizadores. Este é um ponto importante. Isso não significa que agora os colonizados são responsáveis pela confusão que o colonialismo deixou. Mas é um afastamento da perspectiva de que os europeus eram onipotentes, e que pregavam um golpe sujo nos africanos ou os matavam. Acho que o colonialismo não se tratava primordialmente disso. Estes aspectos eram partes importantes do colonialismo, mas não é o suficiente para explicar o que estava acontecendo. E, sim, isto também está ligado a toda a questão que temos aqui na Alemanha atualmente, que se pergunta de onde veio o racismo. Por que os alemães têm a maior dificuldade para imaginar que uma pessoa negra possa ser alemã?

Penso que estas são perguntas interessantes, mas não se pode analisá-las apenas tendo uma visão restrita do que era o colonialismo. Espero que meu livro seja uma contribuição para um debate mais complexo sobre o que foi o colonialismo, sem fazer nenhuma tentativa de depreciar a dimensão devastadora que o colonialismo teve.

## REFERÊNCIAS

BAYLY, Christopher Alan. *The birth of the modern world, 1780-1914: Global connections and comparisons*. Malden: Blackwell, 2004. (Blackwell History of the World)

BELLUCCI, Stefano; ECKERT, Andreas (org.). *General labour history of Africa: workers, employers and governments, 20th–21st centuries*. Suffolk: Boydell & Brewer, 2019.

BERRY, Sara. Hegemony on a shoestring: indirect rule and access to agricultural land. *Africa — Journal of the International African Institute*, Londres, v. 62, n. 3, p. 327–355, 1992.

ECKERT, Andreas. Fitting Africa into World History: a historiographical exploration. In: FUCHS, Eckhardt; STUCHTEY, Benedict. (org.). *Writing world history: 1800-2000*. Oxford: Oxford University Press, 2003. p. 255-70.

ECKERT, Andreas; KOCKA, Jürgen. *Mission and Themes: work and life course as historical problems, perspectives of the International Research Center 're:work'*. Disponível em: <https://rework.hu-berlin.de/mission-and-themes.html>. Acesso em: 22 mar. 2021.

ECKERT, Andreas. *Global histories of work*. Berlim; Boston: De Gruyter Oldenbourg, 2016.





ECKERT, Andreas. *Die Duala und die Kolonialmächte: eine untersuchung zu widerstand, protest und protonationalismus in kamerun vor dem zweiten weltkrieg*. Münster; Hamburgo: Lit, 1991. 351 p.

ECKERT, Andreas. *Grundbesitz, Landkonflikte und kolonialer Wandel: douala 1880-1960*. Stuttgart: Steiner, 1999. 504 p.

ECKERT, Andreas; CONRAD, Sebastian; FREITAG, Ulrike (org.). *Globalgeschichte: Theorien, Themen, Ansätze*. Frankfurt a. M.: campus, 2007.

ECKERT, Andreas; Hentschke, Felicitas. *Corona and Work around the Globe*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2021.

ECKERT, Andreas; LINDEN, Marcel van der. New perspectives on workers and the history of work: Global Labor History. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018. p. 145-162.

FERGUSON, Niall. *Empire: the rise and demise of the British world order and the lessons for global power*. Nova Iorque: Basic Books, 2008.

GUEYE, Omar. African History and Global History: revisiting paradigms. In: BECKERT, Sven; SACHSENMAIER, Dominic (ed.). *Global History, globally: research and practice around the world*. Londres: Bloomsbury Academic, 2018. p. 83-108.

KI-ZERBO, Joseph. *Histoire de l'Afrique noire: d'hier a demain*. Paris: Hatier, 1972.

SPRUTE, Sebastian-Manès. *Weltzeit im Kolonialstaat. Kolonialismus, Globalisierung und die Implementierung der europäischen Zeitkultur in Senegal, 1880-1920*. Bielefeld: Transcript, 2020.

THOMPSON, Edward. P. Time, work-discipline, and industrial capitalism. *Past & Present*, Oxford, n. 38, p. 56-97, dez. 1967.

## NOTAS DE AUTOR

---

### ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

**Ana Carolina Schweitzer**. Institut für Asien- und Afrikawissenschaften. Hausvogteiplatz 5-7, Room 304b, Berlin, Germany

### TRADUTORES

**Ana Carolina Schweitzer**. <https://orcid.org/0000-0003-4261-7327>. E-mail: [ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de](mailto:ana.carolina.schweitzer@hu-berlin.de). Mestre. Doutoranda, Universidade Humboldt de Berlin, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Instituto de Estudos Africanos e Asiáticos, Departamento de Estudos Africanos, Berlin, Alemanha.

**Matheus Serva Pereira**. <https://orcid.org/0000-0001-6757-6088>. E-mail: [matheusservapereira@gmail.com](mailto:matheusservapereira@gmail.com). Doutor. Investigador Auxiliar. Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, Portugal.



## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao Professor Andreas Eckert pela concessão da entrevista e ao Matheus Serva Pereira por seus comentários e contribuição na tradução desta entrevista.

## FINANCIAMENTO

Projeto INDICO – Arquivos coloniais nativos: micro-histórias e comparações, financiado através de fundos nacionais pela FCT, Fundação para a Ciência e Tecnologia (referência: PTDC/HAR-HIS/28577/2017), e sediado no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; e Bolsa de doutorado pleno, Deutsche Akademische Austauschdienst.

## APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica.

## CONFLITO DE INTERESSES

Não houve conflito de interesses.

## DISPONIBILIDADE DE DADOS E MATERIAIS

Não se aplica.

## LICENÇA DE USO

© Andreas Eckert, Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. Esta entrevista está licenciada sob a [Licença Creative Commons CC-BY](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar e criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

## PUBLISHER

Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. Portal de Periódicos UFSC. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

## EDITORES

Beatriz Mamigonian

Flávia Florentino Varella (Editora-chefe)

## HISTÓRICO

Recebido em: 13 de abril de 2021

Aprovado em: 7 de maio de 2021

Como citar: ECKERT, Andreas. A escrita da História e a virada global: perspectivas de um historiador de África. [Entrevista cedida a] Ana Carolina Schweitzer e William Blakemore Lyon. *Esboços*, Florianópolis, v. 28, n. 48, p. 617-635, maio/ago. 2021.

